

i
intrínseca

O DEMÔNIO NA CIDADE BRANCA

ASSASSINATO,
MAGIA E LOUCURA
NA FEIRA QUE TRANSFORMOU
OS ESTADOS UNIDOS



ERIK
LARSON



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O DEMÔNIO NA CIDADE BRANCA

ASSASSINATO, MAGIA E LOUCURA
NA FEIRA QUE TRANSFORMOU
OS ESTADOS UNIDOS

ERIK LARSON

TRADUÇÃO DE BERILO VARGAS



TÍTULO ORIGINAL

The Devil in the White City

PREPARAÇÃO

Marcela de Oliveira

REVISÃO

Laís Curvão

ARTE DE MIOLO

Leonard W. Henderson

ARTE DA CAPA

Whitney Cookman

FOTO DE CAPA

“Vista noturna da bacia central, de leste a oeste, Exposição Colombiana Mundial, Chicago (Illinois), 1893.”

Fotógrafo desconhecido. Cortesia da Chicago Historical Society.

FOTO DO AUTOR

Benjamin Benschneider

ADAPTAÇÃO

ô de casa

REVISÃO DE EPUB

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0008-3

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Para Chris, Kristen, Lauren e Erin,
por fazerem tudo isso valer a pena

— e Para Molly, cuja paixão por meias
nos manteve na ponta dos dedos

SUMÁRIO

Males iminentes (Uma nota)

PRÓLOGO:

A bordo do Olympic

PARTE I:

Música congelada

PARTE II:

Uma luta terrível

PARTE III:

Na Cidade Branca

PARTE IV:

Crueldade revelada

EPÍLOGO:

A última travessia

Notas e fontes

Bibliografia

Agradecimentos

Créditos de imagens



MAP OF THE GROUNDS OF THE
WORLD'S COLUMBIAN EXPOSITION
AT
Jackson Park
showing the General Arrangement
Buildings and Grounds
1906.

World's Fair Map.
MAP OF
CHICAGO
AND
SUBURBS,
SHOWING CITY SUBDIVISIONS AND
SUBURBAN TOWNS OF
S. E. GROSS,
Real Estate and Loans

SUBDIVIDER AND OWNER
—OF—
CITY and SUBURBAN PROPERTY,
S. E. GROSS, Dearborn & Randolph Sts.,
CHICAGO.

INDICATOR OF DISTANCE
From Dearborn & Randolph Sts.
1906

Distance	Population
0 to 1 mile	100,000
1 to 2 miles	200,000
2 to 3 miles	300,000
3 to 4 miles	400,000
4 to 5 miles	500,000
5 to 6 miles	600,000
6 to 7 miles	700,000
7 to 8 miles	800,000
8 to 9 miles	900,000
9 to 10 miles	1,000,000

MALES IMINENTES

(UMA NOTA)

EM CHICAGO, NO fim do século XIX, em meio à fumaça das indústrias e ao chacoalhar dos trens, viveram dois homens, ambos bonitos, de olhos azuis e com um apego incomum às atividades que escolheram. Cada um personificava um elemento da grande dinâmica que caracterizava o avanço dos Estados Unidos rumo ao século XX. Um era arquiteto, construtor de muitos dos mais importantes edifícios dos Estados Unidos, entre eles o Flatiron Building, em Nova York, e a Union Station, em Washington, D. C.; o outro era um assassino, um dos mais prolíficos da história, e arauto de um dos maiores arquétipos americanos: o serial killer urbano. Embora nunca tenham se conhecido — não formalmente, pelo menos —, seus destinos foram interligados por um evento único e mágico, em grande parte esquecido pela memória moderna, mas que, na época, era considerado um marco dotado de um poder transformador quase semelhante ao da Guerra de Secessão.

Nas páginas a seguir, conto a história desses homens e desse evento, porém devo fazer aqui um aviso: por mais estranhos ou macabros que alguns incidentes pareçam, esta *não* é uma obra de ficção. Tudo o que estiver entre aspas foi retirado de cartas, relatos pessoais ou outros documentos escritos. A maior parte da trama transcorre em Chicago, mas peço aos leitores que me perdoem por trespassar ocasionalmente as divisas estaduais, como no momento em que o leal e amargurado detetive Geyer entra naquele terrível último porão. Peço paciência também para as viagens secundárias que a história de vez em quando exige, incluindo digressões sobre a aquisição de cadáveres para fins médicos e o uso correto de gerânios Black Prince numa paisagem olmstediana.

Debaixo do sangue coagulado, da fumaça e da greda, este livro trata da brevidade da vida e das razões que levam alguns homens a preencher o breve pedaço de tempo que lhes é alocado correndo atrás do impossível, e outros, produzindo tristeza. No fim, é uma história sobre o inevitável conflito entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas, entre a Cidade Branca e a Negra.

ERIK LARSON

SEATTLE

*Não faça planos pequenos; eles não têm mágica
para fazer pulsar o sangue dos homens.*

DANIEL H. BURNHAM

DIRETOR DE OBRAS

EXPOSIÇÃO COLOMBIANA MUNDIAL, 1893

*Nasci com o diabo em mim. Eu não conseguiria escapar da sina de ser um assassino, assim como o poeta não poderia
escapar da inspiração para cantar.*

DR. H. H. HOLMES

CONFISSÃO

1896

PRÓLOGO

A bordo do Olympic

1912



Os arquitetos (*da esquerda para a direita*): Daniel Burnham, George Post, M. B. Pickett, Henry van Brunt, Francis Millet, Maitland Armstrong, coronel Edmund Rice, Augustus Saint-Gaudens, Henry Sargent Codman, George W. Maynard, Charles McKim, Ernest Graham, Dion Geraldine.

A bordo do *Olympic*

A DATA ERA 14 de abril de 1912, dia sinistro na história marítima, mas é claro que o homem do camarote 63-65, no convés de abrigo C, ainda não sabia.¹ O que ele sabia era que o pé lhe doía muito, mais do que esperava. Tinha 65 anos e se tornara corpulento. O cabelo ficara grisalho, o bigode, quase branco, porém os olhos continuavam azuis como sempre, ainda mais azuis naquela ocasião por causa da proximidade do mar. O pé o obrigara a adiar a viagem e agora o mantinha ancorado em seu camarote enquanto os outros passageiros da primeira classe, entre eles sua esposa, faziam o que ele adoraria fazer: explorar as áreas mais exóticas da embarcação. O homem amava a opulência do navio, assim como amava os vagões Pullman Palace e as lareiras gigantes, mas o problema no pé atenuava o prazer que sentia. Ele reconhecia que o desconforto sistêmico que causava a dor era em parte consequência de sua própria recusa, ao longo dos anos, de moderar a paixão pelos melhores vinhos, pratos e charutos. A dor lhe lembrava, diariamente, que seu tempo no mundo se aproximava do fim. Pouco antes da viagem, disse a um amigo: “Este prolongamento da vida do homem não me interessa se ele já executou sua obra e o fez muito bem.”²

O homem era Daniel Hudson Burnham, e àquela altura seu nome era conhecido no mundo inteiro. Arquiteto, fizera seu trabalho muito bem em Chicago, Nova York, Washington, São Francisco, Manila e em muitas outras cidades. Ele e a mulher, Margaret, estavam viajando para a Europa na companhia da filha e do genro para uma magnífica excursão que deveria prolongar-se verão adentro. Burnham escolhera aquele navio, o R.M.S. *Olympic*, da White Star Line, porque era novo, glamouroso e grande. Quando ele reservou as passagens, o *Olympic* era o maior navio em serviço regular, mas apenas três dias antes de sua partida um navio-irmão — ligeiramente maior — havia roubado esse título ao partir para uma viagem inaugural. O navio-irmão, como Burnham sabia, estava naquele momento transportando um de seus amigos mais íntimos, o pintor Francis Millet, pelo mesmo oceano, porém no sentido oposto.

Quando os últimos raios de sol entravam na suíte de Burnham, ele e Margaret se encaminharam para o restaurante da primeira classe, no convés inferior. Tomaram o elevador para poupar ao seu pé o tormento da grande escadaria, mas ele o fez com certa relutância, pois admirava a arte dos adornos de ferro espiralados das balaustradas e a imensa cúpula de ferro e vidro que inundava o centro do navio com luz natural. O pé machucado vinha impondo cada vez mais limitações à sua mobilidade. Apenas uma semana antes, ele se vira na humilhante situação de circular de cadeira de rodas pela

Union Station em Washington, D.C., a estação ferroviária por ele projetada.

Os Burnham jantaram sozinhos no salão da primeira classe do *Olympic*, depois se retiraram para a suíte, e ali, sem que houvesse qualquer motivo especial, Daniel Burnham voltou a pensar em Frank Millet. Num impulso, resolveu mandar a ele uma saudação marítima por meio do poderoso telégrafo sem fio do *Olympic*.

Burnham fez sinal para um comissário de bordo. Um homem de meia-idade, de roupa branca perfeitamente vincada, levou a mensagem três conveses acima, para a sala Marconi, adjacente à ala dos oficiais. Voltou poucos minutos depois, ainda segurando a mensagem, e disse a Burnham que o operador se recusara a aceitá-la.

Irritado e com o pé machucado, Burnham exigiu que o comissário voltasse à sala do telégrafo em busca de uma explicação.

Millet nunca esteve longe dos pensamentos de Burnham, nem o acontecimento que os unira: a grande feira mundial de Chicago em 1893. Millet tinha sido um dos maiores aliados de Burnham na longa e difícil luta para construir a feira. O nome oficial era Exposição Colombiana Mundial, e o evento tinha como objetivo declarado comemorar o quadringentésimo aniversário da descoberta da América por Colombo; contudo, sob o comando de Burnham, seu principal construtor, tornara-se uma coisa encantadora, conhecida no mundo inteiro como a Cidade Branca.

Havia durado apenas seis meses, mas nesse período seus porteiros registraram 27,5 milhões de visitas, isso numa época em que os Estados Unidos tinham 65 milhões de habitantes. Em seu melhor dia, a feira atraiu mais de setecentos mil visitantes. No entanto, só o fato de ter sido realizada já foi quase um milagre. Para construí-la, Burnham enfrentara uma legião de obstáculos que poderiam — *deveriam* — ter acabado com a feira muito antes do Dia da Abertura. Juntos, ele e seus arquitetos tinham feito surgir uma cidade dos sonhos cuja grandiosidade e beleza ultrapassavam qualquer coisa que cada um deles pudesse ter imaginado individualmente. Visitantes usavam suas melhores roupas e adotavam as expressões mais solenes, como se entrassem numa grande catedral. Alguns choravam diante da beleza. Ali saborearam um lanche novo chamado Cracker Jack e um novo cereal matinal chamado Shredded Wheat. Aldeias inteiras foram trazidas do Egito, da Argélia, do Daomé e de outros lugares remotos, junto com seus moradores. A exposição Rua do Cairo sozinha empregava quase duzentos egípcios e continha 25 prédios distintos, incluindo um teatro de 1.500 lugares que apresentou aos Estados Unidos uma nova e escandalosa forma de entretenimento. Tudo o que dizia respeito à feira era exótico e, principalmente, imenso. Ela se estendia por mais de dois quilômetros quadrados e ocupava mais de duzentos prédios. Uma única sala de

exposições seria capaz de abrigar ao mesmtempo o Capitólio, a Grande Pirâmide, a catedral de Winchester, o Madison Square Garden e a catedral de Saint Paul de Londres. Uma construção de início rejeitada por ser considerada uma “monstruosidade” tornou-se o símbolo da feira, uma máquina tão grande e assustadora que ofuscou de imediato a torre de Alexandre Eiffel que tanto ferira o orgulho americano. Nunca antes tantas figuras famosas da história, incluindo Buffalo Bill, Theodore Dreiser, Susan B. Anthony, Jane Addams, Clarence Darrow, George Westinghouse, Thomas Edison, Henry Adams, o arquiduque Francisco Ferdinando, Nikola Tesla, Ignacy Paderewski, Philip Armour e Marshall Field, se reuniram no mesmo lugar ao mesmo tempo. Richard Harding Davis chamou a exposição de “o maior evento da história do país desde a Guerra Civil”.³

Não restava dúvida de que algo mágico tinha acontecido na feira mundial naquele verão, mas a escuridão também deixou sua marca. Dezenas de operários foram feridos ou mortos durante a construção do sonho, condenando suas famílias à pobreza. O fogo matara mais quinze, e um assassino transformara a cerimônia de encerramento, que deveria ter sido a maior comemoração do século, num grande funeral. Ocorreram também coisas ainda piores, embora essas revelações tenham sido feitas aos poucos. Um assassino agira no meio das belas atrações que Burnham criara. Moças que tinham ido a Chicago atraídas pela feira e pela possibilidade de libertação desapareceram, vistas pela última vez no prédio do assassino, que ocupava um quarteirão inteiro, uma paródia de tudo que os arquitetos estimavam. Somente depois da exposição Burnham e seus colegas tomaram conhecimento das cartas angustiadas sobre filhas que foram para a cidade e não deram mais notícias. A imprensa especulava que dezenas de visitantes da feira teriam desaparecido no imóvel. Mesmo os membros do Whitechapel Club — batizado com o nome da área de Londres onde Jack, o Estripador, atuava —, calejados nesse tipo de história, ficaram chocados com o que os detetives descobriram lá dentro e com o fato de que acontecimentos tão horrendos tenham ficado por tanto tempo encobertos. A explicação racional atribuía a culpa às forças da mudança que naquela época haviam agitado Chicago. Em meio a tanto alvoroço, era compreensível que os atos de um médico jovem e bonito passassem despercebidos. Com o tempo, porém, mesmo homens e mulheres sensatos começaram a enxergá-lo sob uma luz menos racional. Ele descrevia a si mesmo como o demônio, afirmando que sua própria forma física começara a se alterar. Tantas coisas estranhas aconteceram aos homens que o levaram à justiça que suas afirmações parecem quase plausíveis.

Para aqueles inclinados a crer no sobrenatural, a morte do primeiro jurado já era prova suficiente.

O pé de Burnham doía. O convés reverberava. Onde quer que se estivesse no navio, dava para sentir o poder das 29 caldeiras do *Olympic*, transmitido no sentido vertical pelas chapas do casco. Era uma sensação constante que dava aos passageiros — mesmo nos camarotes, nas salas de jantar ou de fumar, não obstante os esplêndidos esforços para criar a impressão de que esses cômodos tinham saído direto do palácio de Versalhes ou de uma mansão jacobita — a certeza de estar a bordo de um navio impelido para as zonas mais remotas do oceano.

Burnham e Millet estavam entre os poucos construtores da feira ainda vivos. Tantos outros já tinham partido. Olmsted e Codman. McKim. Hunt. Atwood — misteriosamente. E aquela perda inicial, que Burnham ainda tinha dificuldade de compreender. Logo não restaria mais ninguém, e a feira deixaria de existir como uma lembrança viva no cérebro de qualquer um.

Dos homens mais importantes, quem além de Millet havia sobrado? Somente Louis Sullivan: amargurado, cheirando a álcool, ressentido sabia-se lá com quê, mas não tanto a ponto de deixar de aparecer no escritório de Burnham para pedir um empréstimo ou para vender uma pintura ou um esboço.

Ao menos Frank Millet ainda parecia forte e saudável, e cheio do rústico bom humor que tanto animara as longas noites durante a construção da feira.

O comissário voltou. A expressão dos olhos mudara. Pediu desculpas. Ainda não conseguira mandar a mensagem, disse, mas dessa vez pelo menos tinha uma explicação. Ocorrera um acidente envolvendo o navio de Millet. Na verdade, informou, naquele momento o *Olympic* já seguia em direção ao norte, a toda velocidade, para prestar socorro, com instruções para recolher e cuidar dos passageiros feridos. O homem não sabia nada além disso.

Burnham mudou a posição da perna, contraiu-se e aguardou mais notícias. Esperava que, quando o *Olympic* enfim chegasse ao local do acidente, pudesse encontrar Millet e ouvi-lo contar alguma história atroz da viagem. Na paz do camarote, Burnham abriu seu diário.

Naquela noite a feira ressurgiu para ele com ainda mais clareza.

PARTE I

Música congelada

Chicago, 1890-91



Chicago, por volta de 1889.

A Cidade Negra

COMO ERA FÁCIL desaparecer:

Diariamente, mil trens entravam e saíam de Chicago. Muitos traziam jovens solteiras que nunca sequer haviam visto uma cidade grande, mas tinham esperanças de fazer de uma das maiores e mais difíceis seu lar. Jane Addams, a urbanista que fundou a Hull House de Chicago, escreveu: “Nunca antes na história da civilização tantas moças foram tão repentinamente libertadas da proteção do lar e tiveram permissão para andar desacompanhadas pelas ruas da cidade e trabalhar sob tetos estranhos.”¹ As mulheres procuravam empregos de datilógrafas, estenógrafas, costureiras e tecelãs. Os homens que as contratavam eram, na maioria, cidadãos corretos preocupados com eficiência e lucro. Mas nem sempre. Em 30 de março de 1890, um funcionário do First National Bank publicou uma advertência na seção de empregos do *Chicago Tribune* que informava as estenógrafas de sua “convicção cada vez mais forte de que um homem de negócios de fato honrado e que não fosse senil jamais colocaria um anúncio procurando uma estenógrafa que fosse loura, bonita e estivesse sozinha na cidade, ou pedindo sua fotografia. Todos esses anúncios carregam a marca da vulgaridade, e não consideramos seguro para qualquer moça responder a tais anúncios indecorosos”.

As mulheres caminhavam para o trabalho ao longo de ruas que passavam por bares, casas de jogos e bordéis. O vício florescia, com a tolerância oficial. “As salas de visitas e os quartos em que as pessoas honestas viviam eram (como agora) lugares muito sem graça”, escreveu Ben Hecht, já no fim da vida, tentando explicar essa persistente característica da antiga Chicago.² “Era agradável, em certo sentido, saber que fora de suas janelas o diabo ainda dava cambalhotas numa labareda de enxofre.” Numa analogia que se mostraria apropriada até demais, Max Weber comparou a cidade a “um ser humano com a pele removida”.³

A morte anônima chegava cedo e com frequência. Cada um dos milhares de trens que entravam e saíam da cidade circulava no nível térreo. Era possível pisar em um meio-fio e acabar morto por um Chicago Limited. Todo dia, em média duas pessoas morriam atravessando a ferrovia da cidade. Os ferimentos eram grotescos. Pedestres encontravam cabeças decapitadas. E existiam outros riscos. Bondes caíam de pontes levadiças. Cavalos disparavam jogando carruagens nas multidões. Incêndios tomavam uma dúzia de vidas por dia. Para descrever corpos queimados, o termo que os jornais mais gostavam de usar era “torrado”. Havia difteria, tifo, cólera, gripe. E havia assassinatos. Na época da feira, o número de homens e mulheres que matavam uns aos outros subiu drasticamente no

país inteiro, mas sobretudo em Chicago, onde a polícia não tinha mão de obra ou competência para controlar a profusão de casos. Nos primeiros seis meses de 1892, a cidade vivenciou cerca de oitocentas mortes violentas. Quatro por dia. A maioria era trivial, em decorrência de roubos, discussões ou crimes passionais. Homens atiravam em mulheres, mulheres atiravam em homens, e crianças atiravam em outras crianças por acidente. Porém todos esses casos eram compreensíveis. Não havia ocorrido nada semelhante aos assassinatos de Whitechapel. O massacre de Jack, o Estripador, que terminara em cinco mortes em 1888, desafiava qualquer explicação e cativava leitores em toda parte nos Estados Unidos, e eles duvidavam que algo assim pudesse acontecer em suas próprias cidades.

No entanto, as coisas estavam mudando. Em todo lugar, os limites entre a moral e a maldade pareciam estar acabando. Elizabeth Cady Stanton lutava pelo divórcio. Clarence Darrow defendia o amor livre. Uma jovem chamada Lizzie Borden matou os pais.

E, em Chicago, um médico jovem e bonito desembarcou de um trem segurando sua maleta médica. Entrou num mundo de clamor, fumaça e vapor, que exalava a essência da carnificina de gados e porcos. Aquilo o agradou.

As cartas chegaram mais tarde, dos Cigrand, Williams, Smythe e de muitas outras famílias, endereçadas àquele estranho e melancólico castelo na rua 63 com a rua Wallace, suplicando pelo paradeiro de suas filhas e dos filhos delas.

Era tão fácil desaparecer, tão fácil negar conhecê-los, tão incrivelmente fácil mascarar na fumaça e na neblina que algo terrível estava acontecendo.

Essa era Chicago na véspera da maior feira da história.

“O problema está apenas começando”

NA TARDE DE segunda-feira, 24 de fevereiro de 1890, duas mil pessoas se reuniram na calçada e na rua diante da redação do *Chicago Tribune*, enquanto outras multidões se formavam em frente a cada um dos outros 28 jornais diários e em saguões de hotel, bares e nos escritórios da Western Union e da Empresa de Correios e Telégrafos. O grupo em frente ao *Tribune* era formado por homens de negócios, escriturários, caixeiros-viajantes, estenógrafas, policiais e pelo menos um barbeiro. Mensageiros ficavam a postos para sair em disparada logo que surgisse uma notícia que valesse a pena divulgar. O ar estava frio. A fumaça preenchia os vãos entre os prédios e reduzia a visão lateral a poucas quadras. De vez em quando policiais abriam caminho para um dos bondes amarelos da cidade, chamados de *grip-cars* [carros com garras] pelo modo como seus operadores os atracavam a um cabo sem-fim no chão. Charretes repletas de artigos de venda por atacado retumbavam pelos paralelepípedos, puxadas por cavalos enormes que sopravam vapor no breu.

A espera era excitante, pois Chicago era uma cidade orgulhosa. Em cada esquina da cidade, pessoas perscrutavam o rosto de lojistas, cocheiros, garçons e mensageiros de hotel para ver se a notícia havia chegado, e se era boa ou má. Até o momento o ano tinha sido bom. A população de Chicago ultrapassara a marca de um milhão pela primeira vez, o que fazia dela a segunda cidade mais populosa dos Estados Unidos, atrás apenas de Nova York, embora moradores despeitados da Filadélfia, desbancada do segundo lugar, tenham se apressado em acusar Chicago de fraude por anexar vastas áreas de terra a tempo de incluí-las no recenseamento da década, realizado em 1890. Chicago não se incomodou com o ataque. Grande era grande. O sucesso atual pelo menos dissiparia a impressão que se tinha no leste de que Chicago não passava de um fim de mundo onde todos eram gananciosos e abatiam porcos; o fracasso seria uma humilhação da qual a cidade não se recuperaria tão cedo, dada a forma como seus homens mais importantes se gabaram, energicamente, de que Chicago levaria a melhor. Essa fala presunçosa, e não a persistente brisa de sudoeste, é que tinha levado o editor Charles Anderson Dana, de Nova York, a apelidar Chicago de “a Cidade Ventosa”.¹

Em suas salas no último andar do Rookery, Daniel Burnham, de 43 anos, e seu sócio, John Root, que acabara de completar quarenta anos, sentiam o clima de expectativa mais intensamente que os demais. Haviam participado de conversas secretas, recebido certas garantias e chegado ao ponto de fazer incursões de reconhecimento em partes da periferia da cidade. Eram os principais arquitetos de Chicago: tinham sido pioneiros na

construção de estruturas altas e projetaram o primeiro edifício do país a ser chamado de arranha-céu; parecia que a cada ano um novo prédio deles assumia o posto de o mais alto do mundo. Quando se mudaram para o Rookery — na esquina da La Salle com a Adams —, edifício deslumbrante e iluminado de autoria de Root, viram panoramas do lago e da cidade que ninguém, exceto operários da construção civil, jamais havia visto. Sabiam, porém, que o acontecimento daquele dia tinha o potencial de fazer seu êxito até então parecer pífio.

A notícia viria de Washington pelo telégrafo. O *Tribune* a receberia de um dos seus próprios repórteres. Editores, redatores e tipógrafos comporiam edições “extras” enquanto foguistas atirariam pás de carvão nas caldeiras das prensas a vapor do jornal. Um funcionário pregaria cada novo comunicado numa janela, voltada para a rua, para que os pedestres lessem.

Logo depois das quatro da tarde, horário padrão ferroviário de Chicago, o *Tribune* recebeu o primeiro telegrama.

Nem mesmo Burnham saberia afirmar com certeza quem tinha sido o primeiro a propor a ideia. Ela parecia ter surgido em muitas mentes ao mesmo tempo, com a intenção inicial de apenas comemorar o quadringentésimo aniversário da descoberta do Novo Mundo por Colombo sediando uma feira mundial. No começo, a ideia ganhou pouco ímpeto. Consumidos pelo grande afã de alcançar riqueza e poder que havia começado logo depois da Guerra de Secessão, os Estados Unidos pareciam ter pouco interesse em comemorar seu passado distante. Em 1889, porém, os franceses fizeram algo que impressionou o mundo.

Em Paris, no Champ de Mars, a França inaugurou a Exposition Universelle, uma feira mundial tão grande, glamourosa e exótica que os visitantes iam embora achando que nenhuma outra jamais seria capaz de superá-la. No coração da exposição, ficava uma torre de ferro que se projetava trezentos metros rumo ao céu, muito mais alta do que qualquer construção criada pelo homem na Terra. A torre não só garantia a fama eterna para seu projetista, Alexandre Gustave Eiffel, mas também oferecia uma prova concreta de que a França estava à frente dos Estados Unidos no domínio do reino do ferro e do aço, apesar da ponte do Brooklyn, da Horseshoe Curve e de outras façanhas inegáveis dos engenheiros americanos.

Os Estados Unidos só podiam culpar a si mesmos por essa percepção. Em Paris, os americanos tinham feito um esforço nada entusiasmado para exibir seus talentos artísticos, industriais e científicos. “Devemos ser incluídos entre as nações que se mostraram descuidadas com as aparências”, escreveu o correspondente do *Chicago*

Tribune em Paris em 13 de maio de 1889. Outros países, afirmou, haviam montado exposições com dignidade e estilo, enquanto os expositores americanos construíram uma mistura de pavilhões e quiosques sem qualquer orientação artística nem um plano uniforme. “O resultado é um triste amontoado de lojas, cabines e bazares muitas vezes insatisfatórios por si só e incongruentes quando considerados em conjunto.” A França, por outro lado, tinha feito o possível para garantir que sua glória deixasse todos estupefatos. “Os outros países não são rivais”, escreveu o correspondente. “Servem apenas para realçar a França, e a pobreza do que apresentam acentua, como se projetada para isso, a plenitude francesa, sua riqueza e seu esplendor.”

Mesmo a Torre Eiffel, que na esperançosa previsão dos americanos seria uma monstruosidade capaz de desfigurar para sempre a bela paisagem de Paris, acabou revelando uma energia inesperada, com uma base ampla e uma haste que se afinava gradualmente, lembrando a trajetória de um foguete. Não era possível tolerar essa humilhação. O orgulho que os Estados Unidos sentiam de seu poder e de seu status internacional cada vez maiores tinha elevado o patriotismo a um novo grau de intensidade. O país precisava de uma oportunidade para superar os franceses, “ser mais Eiffel que Eiffel”. De repente, a ideia de sediar uma grande exposição para comemorar a descoberta do Novo Mundo por Colombo tornou-se irresistível.

A princípio, a maioria dos americanos achou que, se havia um lugar onde uma exposição honrando as mais profundas raízes do país deveria ser feita, esse lugar era Washington, a capital. Até os editores de jornal de Chicago concordaram com isso. Entretanto, à medida que a ideia de uma exposição ganhava forma, outras cidades começaram a vê-la como um prêmio a ser cobiçado, principalmente pela grandeza que conferiria, sendo um poderoso atrativo numa época em que a vaidade de ocupar a posição mais alta só perdia para o orgulho familiar. De repente Nova York e Saint Louis queriam a feira. Washington reivindicava a honra por ser o centro do governo; Nova York, por ser o centro de tudo. Ninguém se importava com o que Saint Louis pensava, embora a cidade tenha ganhado um ponto pela coragem.

Em nenhum outro lugar o orgulho cívico tinha mais poder do que em Chicago, onde homens se referiam ao “espírito de Chicago” como se fosse uma força tangível e se orgulhavam da velocidade com que tinham reconstruído a cidade depois do Grande Incêndio de 1871. A cidade não havia sido apenas restaurada, mas transformada na líder nacional em comércio, manufatura e arquitetura. Toda a sua riqueza, porém, fora insuficiente para acabar com a impressão difundida de que Chicago era uma cidade secundária, que preferia matadouros de porcos a Beethoven. Nova York era a capital do refinamento cultural e social, e seus cidadãos e jornais mais proeminentes jamais permitiam que Chicago se esquecesse disso. A exposição, se construída corretamente —

se superasse Paris —, poderia dissipar esse sentimento de uma vez por todas. Os editores dos jornais de Chicago, ao verem Nova York entrar na competição, começaram a se perguntar: *por que não* Chicago? O *Tribune* advertiu que “os falcões, as águias, os abutres e outras feras sujas, rastejantes e voadoras de Nova York estão tentando assumir o controle da feira”.²

Em 29 de junho de 1889, o prefeito de Chicago, DeWitt C. Cregier, anunciou a nomeação de um comitê de cidadãos formado pelos 250 homens mais importantes da cidade. O comitê se reuniu e aprovou uma resolução que em sua passagem final dizia: “Os homens que ajudaram a construir Chicago querem a feira e, sendo a reivindicação justa e bem fundamentada, pretendem tê-la.”³

Mas a última palavra era do Congresso, e a hora da grande votação tinha chegado.

Um funcionário do *Tribune* foi até a janela e pregou o primeiro comunicado. A votação inicial deixara Chicago à frente com uma grande vantagem, de 115 votos contra 72 de Nova York. Saint Louis ficou em terceiro, seguida por Washington. Um congressista se mostrou completamente contra a feira e votou em Cumberland Gap por pura teimosia. A multidão na frente do *Tribune* irrompeu em comemorações, assobios e aplausos quando viu que Chicago tinha 43 votos a mais do que Nova York. Todos sabiam, porém, que Chicago ainda estava a 38 votos de obter a maioria simples necessária para garantir a feira.

Seguiram-se outras votações. A luz do dia arrefeceu. As calçadas se encheram de homens e mulheres que saíam do trabalho. Datilógrafas — as mulheres que operavam as mais modernas máquinas comerciais — saíam em filas do Rookery, do Montauk e de outros arranha-céus usando por baixo dos casacos as habituais blusas brancas e saias longas pretas que lembravam os teclados de suas Remingtons. Cocheiros acalmavam seus cavalos e xingavam. Um acendedor de lampiões contornava às pressas a multidão acendendo os bicos de gás no alto dos postes de ferro. De uma hora para outra, havia cores por toda parte: o amarelo dos bondes e o azul repentino de mensageiros dos telégrafos passando em disparada com bolsas cheias de alegrias e tristezas; cocheiros acendendo as luzes vermelhas noturnas na traseira de seus cabriolés; um leão grande e dourado agachado na frente da chapelaria do outro lado da rua. No alto dos grandes edifícios, luzes elétricas e a gás resplandeciam no escuro como damas-da-noite.

O funcionário do *Tribune* apareceu novamente na janela do jornal, dessa vez com os resultados da quinta votação. “A tristeza que se abateu sobre a multidão era pesada e fria”, observou um repórter.⁴ Nova York recebera quinze votos, e Chicago, apenas seis. A distância entre as duas diminuía. O barbeiro na multidão falou para todos à sua volta

que os votos a mais de Nova York deviam ser de congressistas que antes favoreceram Saint Louis. Essa revelação fez um tenente do exército, Alexander Ross, proclamar: “Senhores, eu afirmaria que qualquer morador de Saint Louis seria capaz de roubar uma igreja.”⁵ Outro homem gritou: “Ou envenenar o cachorro da própria mulher.” Essa última sentença foi amplamente apoiada.

Em Washington, os representantes de Nova York — entre eles Chauncey Depew, presidente da companhia ferroviária New York Central e um dos mais celebrados oradores da época — perceberam uma mudança de tendência e solicitaram um recesso até o dia seguinte. Ao saber disso, a multidão em frente ao *Tribune* vaiou e assobiou, interpretando corretamente a manobra como uma tentativa de ganhar tempo para conseguir mais votos.

O pedido foi rejeitado, mas a Câmara aprovou um pequeno recesso. A multidão não arredou pé.

Depois da sétima votação, Chicago estava a apenas um voto da maioria. Nova York perdera terreno. Uma calma tomou conta da rua. Carruagens pararam. A polícia ignorava as correntes cada vez mais longas de bondes atracados a cabos que se estendiam à esquerda e à direita num grande talho de cádmio. Passageiros desembarcavam e observavam a janela do *Tribune*, aguardando o próximo anúncio. Os cabos que reverberavam sob o pavimento tocaram num acorde menor de suspense, e nele persistiram.

Logo outro homem apareceu na janela do *Tribune*. Era alto, magro e jovem, e tinha uma barba negra. Olhou para a multidão com o rosto inexpressivo. Em uma das mãos segurava uma vasilha de cola e na outra, um pincel e um comunicado. Não tinha pressa. Colocou o comunicado em uma mesa, onde ninguém conseguia enxergar, mas todo mundo podia identificar o que ele estava fazendo só pelo movimento dos ombros. Abriu a vasilha de cola com calma. Havia algo sombrio em seu rosto, como se olhasse para um túmulo. Metodicamente, passou cola no comunicado. E levou um bom tempo para erguê-lo até a janela.

Sem que sua expressão se alterasse, colou o comunicado no vidro.

Burnham esperava. Seu escritório ficava virado para o sul, assim como o de Root, para satisfazer o desejo por luz natural, que era uma carência universal de Chicago inteira, onde bicos de gás, ainda a fonte básica de iluminação artificial, pouco penetravam o perpétuo crepúsculo de fumaça de carvão da cidade. Lâmpadas elétricas, geralmente em instalações que combinavam gás e eletricidade, apenas começavam a iluminar os edifícios mais novos, mas isso, de certa forma, agravava o problema, pois elas exigiam dínamos de

subsolo movidos a caldeiras a carvão. Conforme escurecia, lampiões a gás nas ruas e nos edifícios mais baixos davam à fumaça um brilho amarelado. Burnham ouvia somente o chiar do gás nos lampiões do escritório.

O fato de ele estar ali, naquele momento, um homem de tamanha estatura profissional, num escritório acima de toda a cidade, teria sido uma grande e grata surpresa para o pai falecido.

Daniel Hudson Burnham nasceu em Henderson, Nova York, em 4 de setembro de 1846, numa família dedicada aos princípios swedenborguianos de obediência, autossubordinação e serviço público. Em 1855, quando ele tinha nove anos, a família se mudou para Chicago, onde o pai estabeleceu um bem-sucedido negócio de distribuição de produtos farmacêuticos. Burnham não se destacou como estudante: “Os registros da Old Central mostram que seu aproveitamento médio era frequentemente baixo, na faixa dos 55%”, como descobriu um repórter, “e 81% parece ter sido o mais alto que já alcançou.”⁶ Porém sobressaía-se desenhando e vivia praticando. Tinha dezoito anos quando o pai o enviou ao leste para estudar com professores particulares, a fim de preparar-se para os exames de admissão em Harvard e Yale. O menino se mostrou um caso grave de ansiedade em provas. “Fui para Harvard fazer a prova com dois homens não tão bem preparados quanto eu”, contou. “Ambos foram aprovados facilmente, e eu fui reprovado. Passei por duas ou três provas sem conseguir escrever uma palavra.”⁷ O mesmo aconteceu em Yale. As duas universidades o rejeitaram. Ele jamais se esqueceria disso.

No outono de 1867, aos 21 anos, Burnham voltou para Chicago. Procurou trabalho num campo onde tivesse mais chance de ser bem-sucedido e arranjou emprego como desenhista na firma de arquitetura Loring & Jenney. Tinha descoberto sua vocação, conforme escreveu em 1868, e disse aos pais que queria ser o “maior arquiteto da cidade ou do país”.⁸ No ano seguinte, entretanto, partiu para Nevada, com amigos, para tentar a sorte na mineração de ouro. Fracassou. Concorreu ao legislativo de Nevada e fracassou de novo. Voltou para Chicago sem dinheiro, num vagão de carga, e ingressou na firma de um arquiteto chamado L. G. Lauren. Então veio outubro de 1871: uma vaca, um lampião, confusão e vento. O Grande Incêndio de Chicago consumiu quase dezoito mil prédios e deixou mais de cem mil pessoas desabrigadas. A destruição prometia trabalho eterno para os arquitetos da cidade. Contudo, Burnham se demitiu. Vendeu vidro laminado e não deu certo. Tornou-se farmacêutico e tampouco prosperou. “Há uma tendência na família a se cansar de fazer a mesma coisa por muito tempo”, escreveu.⁹

Exasperado e preocupado, em 1872 o pai de Burnham apresentou o filho a um arquiteto chamado Peter Wight, que admirava o talento do jovem para o desenho e o contratou como projetista. Burnham tinha 25 anos. Gostou de Wight e do trabalho;

gostou, sobretudo, de outro projetista de Wight, um sulista chamado John Wellborn Root, quatro anos mais moço. Nascido em Lumpkin, Geórgia, em 10 de janeiro de 1850, Root era um músico prodígio que aprendeu a cantar antes de falar. Durante a Guerra de Secessão, quando Atlanta ardia, o pai de Root o levava clandestinamente para Liverpool, Inglaterra, a bordo de um navio confederado furador de bloqueio. Root foi aceito em Oxford, mas antes que ele tivesse a chance de se matricular a guerra terminou, e o pai o chamou de volta aos Estados Unidos, para sua nova casa na cidade de Nova York, onde Root estudou engenharia civil na Universidade de Nova York e se tornou desenhista do arquiteto que mais tarde projetaria a catedral de Saint Patrick.

Burnham gostou de Root na mesma hora. Admirava a pele branca e os braços musculosos de Root, sua postura à prancheta. Tornaram-se amigos e, mais tarde, sócios. Receberam o primeiro pagamento três meses antes de o Pânico de 1873 destruir a economia do país. Mas dessa vez Burnham perseverou. Havia algo na parceria com Root que lhe dava alento. Preenchia um vazio e ressaltava as forças de ambos. Os dois se empenhavam nos contratos de sua empresa e, enquanto isso, faziam trabalhos para outras firmas mais estabelecidas no mercado.

Certo dia, em 1874, um homem entrou no escritório deles e em um único e dramático momento mudou suas vidas. Vestia roupas pretas e parecia uma pessoa comum, porém em seu passado havia sangue, morte e lucro em quantidades assombrosas. Estava à procura de Root, mas Root tinha se ausentado da cidade. Então se apresentou a Burnham, identificando-se como John B. Sherman.

Não precisava ir além na apresentação. Como superintendente da Union Stock Yards, Sherman comandava um império de sangue que empregava 25 mil homens, mulheres e crianças e matava catorze milhões de animais por ano. Direta ou indiretamente, quase um quinto da população de Chicago dependia dos currais para sua sobrevivência econômica.

Sherman gostou de Burnham. Gostou de sua força, de seus olhos firmes e azuis e da confiança com que conduziu a conversa. Decidiu contratar a firma para construir uma mansão na avenida Prairie, esquina com a rua 21, entre as casas de outros barões de Chicago, onde de vez em quando Marshall Field, George Pullman e Philip Armour eram vistos caminhando juntos para o trabalho, um trio titânico vestido de preto. Root desenhou uma casa de três andares com gabletes e um telhado pontiagudo, feita de tijolo vermelho, arenito polido, granito azul e ardósia preta; Burnham refinou os desenhos e coordenou a construção. Estava em pé na entrada da casa, avaliando o trabalho, quando um jovem de aspecto ligeiramente arrogante e jeito pomposo e singular de caminhar — nesse caso, não era ego, mas defeito congênito — aproximou-se e apresentou-se como Louis Sullivan. O nome nada significava para Burnham. Ainda não. Sullivan e Burnham

conversaram. O primeiro tinha dezoito anos, e o segundo, 28. Ele confidenciou a Sullivan que não acreditava que se contentaria construindo apenas casas. “Minha ideia”, disse, “é desenvolver um grande negócio, cuidar de coisas grandes, lidar com grandes homens de negócios e construir uma grande organização, pois não se pode cuidar de algo grande a não ser que tenha organização.”¹⁰

A filha de John Sherman, Margaret, também visitou o canteiro de obras. Era jovem, bonita e loura e fazia visitas frequentes, usando como pretexto o fato de que a amiga Della Otis morava do outro lado da rua. Margaret achava mesmo a casa muito boa, porém o que mais admirava era o arquiteto, que parecia muito à vontade entre os marcos de arenito e madeira. Demorou um pouco, mas Burnham acabou entendendo e a pediu em casamento. Ela aceitou; o namoro prosseguiu sem percalços. Então veio o escândalo. O irmão mais velho de Burnham tinha falsificado cheques e comprometido o negócio de distribuição farmacêutica do pai. Burnham foi na mesma hora ao pai de Margaret romper o noivado, alegando que o compromisso não poderia continuar à sombra de um escândalo. Sherman respondeu que respeitava seu senso de honra, contudo rejeitava a desistência. E disse tranquilamente: “Toda família tem uma ovelha negra.”¹¹

Mais tarde, Sherman, um homem casado, fugiria para a Europa com a filha de um amigo.

Burnham e Margaret se casaram em 20 de janeiro de 1876. Sherman comprou-lhes uma casa na esquina da rua 43 com a avenida Michigan, perto do lago, porém, ainda mais importante, perto dos currais. Ele queria proximidade. Gostava de Burnham e aprovou o casamento, mas não confiava cegamente no jovem arquiteto. Achava que ele bebia demais.

As dúvidas de Sherman sobre o caráter de Burnham não manchavam o respeito por seu talento como arquiteto. Contratou outras construções. Em seu maior voto de confiança, pediu à Burnham & Boot que construísse um portão de entrada para a Union Stock Yards que refletisse a crescente importância dos currais. O resultado foi o Stone Gate, três arcos de pedra calcária de Lemont com telhado de cobre e exibindo, sobre o arco central, o busto esculpido — toque de Root, sem dúvida — de Sherman, o touro favorito de John Sherman. O portão tornou-se um ponto de referência que resistiu até o século XXI, muito depois de o último leitão partir para a eternidade pela grande rampa de madeira chamada de Ponte dos Suspiros.

Root também se casou com uma filha dos currais, mas sua experiência foi mais triste. Ele projetou uma casa para John Walker, presidente dos currais, e conheceu a filha de Walker, Mary. Durante o namoro, ela teve tuberculose. A doença avançou rápido, porém Root manteve-se comprometido com o noivado, embora estivesse claro para todos que

ele estava se casando com uma mulher condenada. A cerimônia foi realizada na casa que Root projetara. Uma amiga, a poeta Harriet Monroe, esperava, com os demais convidados, que a noiva aparecesse na escada. A irmã de Monroe, Dora, era a única dama de honra. “Uma longa espera nos deixou assustados”, contou Harriet Monroe, “mas enfim, nos braços do pai, a noiva apareceu como um fantasma branco no meio da escada e, lentamente, ah, tão hesitante, arrastando a cauda pesada de cetim, desceu os largos degraus e atravessou o salão até a janela saliente, que estava muito alegre, enfeitada de flores e heras. O efeito era estranhamente triste.”¹² A noiva de Root estava magra e pálida e mal conseguiu sussurrar os votos. “Sua alegria”, escreveu Harriet Monroe, “parecia uma joia numa caveira.”

Em seis semanas, Mary Walker Root faleceu. Dois anos depois, Root casou-se com a dama de honra, Dora Monroe, e é muito provável que tenha partido o coração da irmã poeta dela. Parecia inquestionável que Harriet Monroe também estivesse apaixonada por Root. Ela morava perto e sempre visitava o casal em Astor Place. Em 1896, publicou uma biografia de Root que teria feito corar um anjo. Mais tarde, em suas memórias, *A Poet's Life*, descreveu o casamento de Root com a irmã como “tão completamente feliz que meus próprios sonhos de felicidade, reafirmados por esse exemplo, exigiam uma concretização igualmente feliz e não poderiam aceitar nada menos que isso”.¹³ Mas Harriet nunca encontrou nada equivalente e então dedicou a vida à poesia e mais tarde fundou a revista *Poetry*, na qual ajudou a dar a Ezra Pound projeção nacional.

Root e Burnham progrediram. Uma enxurrada de trabalhos fluíu para a firma deles, em parte porque Root conseguiu resolver um problema que atormentara os construtores de Chicago desde a fundação da cidade. Ao solucioná-lo, ajudou Chicago a se tornar o berço dos arranha-céus, apesar do terreno, que não poderia ser mais impróprio para isso.

Nos anos 1880, Chicago vivenciava uma explosão de crescimento que impulsionou os valores da terra a alturas inimagináveis, em particular dentro do “Loop” do centro, assim chamado por causa das curvas entrelaçadas das linhas de bonde. À medida que os preços dos imóveis disparavam, os proprietários de terras procuravam maneiras de melhorar o retorno de seus investimentos. O céu lhes acenava.

O principal obstáculo à altura era a capacidade humana de subir escadas, sobretudo depois das refeições que os homens faziam no século XIX. No entanto, esse obstáculo fora removido pelo advento do elevador e, igualmente importante, pela invenção de Elisha Graves Otis: um mecanismo de segurança para parar um elevador em queda livre. Contudo, outras barreiras ainda existiam, e a mais elementar era o caráter problemático do solo de Chicago, que levou um engenheiro a descrever o desafio de construir alicerces na cidade como “provavelmente não equiparável em perversidade a qualquer outro lugar do mundo”.¹⁴ A rocha-mãe ficava 38 metros abaixo da encosta, profunda demais para

que operários a alcançassem com qualquer economia ou segurança usando os métodos de construção disponíveis nos anos 1880. Entre aquele nível e a superfície havia uma mistura de areia e barro tão saturada de água que os engenheiros a chamavam de *gumbo* (um tipo guisado). Era comprimida com o peso dos mais modestos edifícios e levava os arquitetos, como força do hábito, a projetar prédios com calçadas que cruzavam o primeiro andar dez centímetros acima do nível, na esperança de que quando o prédio assentasse, puxando junto a calçada, ela ficasse nivelada.

Havia apenas duas maneiras conhecidas de resolver o problema do solo: construir baixo e evitar o assunto ou baixar caixas à prova d'água até a rocha-mãe. Essa última técnica exigia que os operários escavassem poços profundos, escorassem as paredes e bombeassem tanto ar em cada caixa que a pressão alta resultante mantivesse a água na baía, processo conhecido por provocar casos letais de doença de descompressão e usado basicamente por construtores de ponte que não tivessem opções. Era notório que John Augustus Roebling usara caixas à prova d'água na construção da Ponte do Brooklyn, mas o primeiro uso da técnica nos Estados Unidos ocorrera antes, de 1869 a 1874, quando James B. Eads construiu uma ponte no Mississippi em Saint Louis. Eads descobriu que os operários começavam a sentir os males da descompressão dezoito metros abaixo do solo, mais ou menos metade da profundidade que uma caixa à prova d'água precisaria descer em Chicago. Dos 352 homens que trabalharam na famigerada caixa à prova d'água do leste, doze morreram, dois ficaram incapacitados pelo resto da vida e outros 66 foram afetados, todos por doenças relacionadas à pressão, uma proporção de baixas de mais de 20%.

No entanto, os proprietários de terra de Chicago queriam lucro, e no centro da cidade lucro significava altura. Em 1881, um investidor de Massachusetts, Peter Chardon Brooks III, contratou a Burnham & Root para construir o edifício de escritórios mais alto de Chicago, o qual planejava chamar de Montauk. Anteriormente, ele lhes fizera sua primeira grande encomenda no centro da cidade, o Grannis Block, de sete andares. Nessa construção, contou Burnham, “nossa originalidade começou a se revelar... Foi uma maravilha. Todos foram vê-la, e a cidade estava orgulhosa”.¹⁵ Transferiram os escritórios para o último andar (mudança potencialmente fatal, como se constataria, mas na época ninguém imaginava). Brooks queria que o novo edifício fosse 50% mais alto. “Se a terra suportar”, acrescentou.¹⁶

Os sócios logo se cansaram de Brooks. Ele era enjoado e econômico, e não se importava com a aparência do prédio, desde que fosse funcional. Deu instruções que anteviram, em muitos anos, o famoso conselho de Louis Sullivan de que a forma deve seguir a função. “O edifício dever servir acima de tudo para uso e não como decoração”, escreveu Brooks. “Sua beleza estará na completa adequação ao uso.”¹⁷ Nada deveria

projetar-se da fachada, nenhuma gárgula, nenhum frontispício, pois qualquer projeção acumula sujeira. Queria toda a tubulação exposta. “Essa ocultação de canos é um erro. Eles deveriam ficar expostos em toda parte e, se necessário, pintados, bem e lindamente.” Sua visão econômica estendia-se aos banheiros do prédio. O projeto de Root previa armários embaixo das pias. Brooks foi contra: um armário é “um bom recipiente para sujeira, e também para ratos”.

A parte mais complicada do Montauk era o alicerce. De início, Root planejava empregar uma técnica que os arquitetos de Chicago vinham usando desde 1873 para sustentar edifícios de estatura regular. Operários erguiam pirâmides de pedra na laje de subpressão. O fundo largo de cada pirâmide espalhava a carga e reduzia a subsidência; o topo estreito apoiava colunas de sustentação. Porém, para segurar dez andares de pedra e tijolo, as pirâmides teriam de ser imensas, e o subsolo, transformado numa Gizé de pedra. Brooks se opôs. Queria o subsolo livre para caldeiras e dínamos.

A solução, quando Root a descobriu, deve ter parecido simples demais para ser verdade. Ele propôs cavar até a primeira camada razoavelmente firme de barro, conhecida como subsolo, e ali espalhar uma plataforma de concreto de quase setenta centímetros de espessura. Em cima, os operários colocariam uma camada de vigas de aço de uma ponta da plataforma à outra e, sobre ela, uma segunda camada em ângulos retos. Camadas sucessivas seriam arranjadas da mesma maneira. Quando terminada, essa estacaria de aço seria preenchida e coberta de cimento Portland para produzir uma plataforma larga e rígida que Root chamou de fundação flutuante. O que ele propunha, na verdade, era um estrato de rocha-mãe artificial que também servisse de piso do subsolo. Brooks adorou.

Uma vez construído, o Montauk parecia tão original, tão alto, que desafiava descrições convencionais. Ninguém sabe quem cunhou o termo, mas ele serviu, e o Montauk se tornou o primeiro edifício a ser chamado de arranha-céu. “O que Chartres foi para a catedral gótica”, escreveu Thomas Talmadge, arquiteto e crítico de Chicago, “o Montauk Block era para o edifício comercial alto.”¹⁸

Foi o auge da invenção arquitetônica. Os elevadores ficaram mais rápidos e mais seguros. Os fabricantes de vidro adquiriram o hábito de produzir folhas de vidro laminado cada vez maiores. William Jenney, da Loring & Jenney, onde Burnham começou a carreira de arquiteto, projetou o primeiro edifício sustentado com estrutura de metal, na qual a função de segurar a construção passava das paredes exteriores para um esqueleto de ferro e aço. Burnham e Root se deram conta de que a inovação de Jenny libertava os construtores das últimas restrições físicas da altitude. Empregaram-na na construção de edifícios cada vez mais altos, cidades no céu habitadas por uma nova raça de homens de negócios, os quais muita gente chamava de “povo do penhasco”. Eram

homens, escreveu Lincoln Steffens, “que só aceitariam um escritório se fosse lá em cima, onde o ar é frio e renovado, a vista, ampla e bela, e onde há silêncio no coração dos negócios”.¹⁹

Burnham e Root ficaram ricos. Não ricos como Pullman, não ricos o suficiente para ingressarem na nata da sociedade, ao lado de Potter Palmer e Philip Armour, ou para verem os trajes de suas mulheres sendo descritos nos jornais, porém mais ricos do que os dois jamais esperaram, o bastante para que todo ano Burnham comprasse um barril do mais fino vinho madeira e o envelhecesse despachando-o duas vezes para dar a volta ao mundo em lentos cargueiros.

À medida que a firma prosperava, o caráter dos sócios começava a emergir e a ficar mais evidente. Burnham era um artista e arquiteto de talento, mas sua maior qualidade era a capacidade de conquistar clientes e executar os elegantes projetos de Root. Burnham era bonito, alto e forte, com vívidos olhos azuis, e tudo isso lhe atraía clientes e amigos com a facilidade com que uma lente atrai a luz. “Daniel Hudson Burnham foi um dos homens mais bonitos que já conheci”, disse Paul Starrett, que mais tarde comandaria a construção do Empire State; ele ingressou na Burnham & Root em 1888 como assistente geral.²⁰ “Era fácil ver como ele conseguia contratos. Sua postura e sua aparência já eram meio caminho andado. Só bastava dizer os maiores lugares-comuns para eles parecessem importantes e convincentes.” Starrett lembrava-se de se emocionar com um conselho que Burnham gostava de repetir: “Não faça planos pequenos; eles não têm magia para fazer pulsar o sangue dos homens.”²¹

Burnham compreendia que Root era o motor artístico da firma. Acreditava que o sócio tinha gênio para conceber rapidamente uma construção, de cima a baixo. “Nunca vi ninguém como ele nesse quesito”, disse Burnham.²² “Ficava abstraído e calado, os olhos adquiriam uma expressão distante, e o prédio estava ali, diante dele, pedra por pedra.” Ele sabia também que Root tinha pouco interesse no lado comercial da arquitetura e em cultivar relações no Chicago Club e na Union League que pudessem resultar em propostas de trabalho.

Root tocava órgão todos os domingos de manhã na Primeira Igreja Presbiteriana. Escrevia críticas de ópera para o *Chicago Tribune*. Lia muito — filosofia, ciência, arte e religião — e era conhecido nas camadas mais altas de Chicago pela capacidade de discorrer sobre praticamente qualquer assunto, e de forma muito espirituosa. “Seus poderes de conversação eram extraordinários”, contou um amigo.²³ “Parecia não haver nenhum assunto que ele não tivesse investigado e sobre o qual não dispusesse de profundo conhecimento.” Tinha um senso de humor malicioso. Certa manhã de domingo, ele tocava órgão com particular seriedade. Demorou um pouco para que se percebesse que estava tocando “Shoo, Fly”, uma canção infantil. Quando Burnham e

Root estavam juntos, relatou uma mulher, “eu sempre pensava numa árvore grande e poderosa com raios brincando ao redor”.²⁴

Cada um deles reconhecia e respeitava os talentos do outro. A harmonia resultante refletia-se na gestão da empresa, que, de acordo com um historiador, funcionava com a precisão mecânica de um “matadouro”, alusão oportuna, levando-se em conta a estreita relação profissional e pessoal de Burnham com os currais. No entanto, Burnham também criou uma cultura de escritório que anteviu em muito a de outros negócios que só apareceriam um século depois. Instalou um ginásio de esportes. Na hora do almoço, os empregados jogavam handebol. Burnham ensinava esgrima. Root fazia recitais improvisados num piano de aluguel. “O escritório tinha um ar agitado de trabalho”, contou Starrett, “mas o espírito do lugar era deliciosamente livre, leve e humano em comparação com outros locais onde trabalhei.”²⁵

Burnham sabia que, juntos, ele e Root haviam alcançado um nível de sucesso que nenhum dos dois alcançaria sozinho. A sincronia com que trabalhavam lhes permitia realizar projetos audaciosos, com desafios cada vez maiores, numa época em que muita coisa que os arquitetos faziam era novidade e em que o enorme aumento na altura e no peso dos edifícios amplificava o risco de fracassos catastróficos. Harriet Monroe escreveu: “O trabalho de um tornava-se constantemente mais necessário para o outro.”²⁶

Conforme a firma crescia, a cidade acompanhava. Ficava cada vez maior, mais alta e mais rica; ainda que também mais suja, escura e perigosa. Um miasma de fumaça pontilhada de cinza escurecia as ruas e por vezes reduzia a visibilidade a uma distância de uma quadra, sobretudo no inverno, quando as fornalhas a carvão funcionavam à máxima potência. A incessante circulação de trens, bondes, carruagens — surreys, landaus, vitórias, berlindas, faetontes e carros fúnebres, todos com rodas revestidas de ferro que batiam no pavimento como martelos rolantes — produzia um estrondo constante que só diminuía depois da meia-noite e tornava intoleráveis as noites de verão de janelas abertas. Nos bairros pobres, o lixo se amontoava em becos e transbordava de enormes latas de lixo, tornando-se um salão de banquete para ratos e moscas varejeiras. Bilhões de moscas. Cadáveres de cães, gatos e cavalos muitas vezes ficavam onde os animais tinham caído. Em janeiro, congelavam em poses desalentadoras; em agosto inchavam e arrebentavam. Muitos acabavam no rio Chicago, a principal artéria comercial da cidade. Nas chuvas fortes, a água dos rios fluía para longe num penacho oleoso em direção ao lago Michigan, até as torres que demarcavam os canos de entrada da água potável da cidade. Na chuva, qualquer rua não pavimentada com macadame vertia uma fragrante infusão de esterco de cavalo, lama e lixo que crescia entre os blocos de granito como pus saindo de uma ferida. Chicago deixava os visitantes admirados e assustados. O editor francês Octave Uzanne chamou-a de “aquela cidade intrincada, tão

excessiva, tão satânica”.²⁷ Paul Lindau, autor e editor, descreveu-a como “um espetáculo visual de horrores, mas extraordinariamente objetivo”.²⁸

Burnham amava Chicago pelas oportunidades que ela oferecia, porém estava resabiado da vida na cidade em si. Em 1886, ele e Margaret já tinham cinco filhos: duas meninas e três meninos; o mais novo chamava-se Daniel, nascido em fevereiro. Naquele ano, Burnham comprou uma velha casa de fazenda à beira do lago no tranquilo vilarejo de Evanston, conhecido por alguns como “a Atenas dos subúrbios”. A casa tinha dezesseis cômodos distribuídos em dois andares, era cercada por “árvores magníficas e antigas” e ocupava um longo terreno retangular que ia até o lago. Ele a comprou apesar das objeções iniciais da mulher e do sogro e só revelou à mãe seus planos de se mudar quando a compra estava concluída. Depois lhe escreveu pedindo desculpas. “Fiz isso”, explicou, “porque não aguentava mais ver meus filhos nas ruas de Chicago...”²⁹

O sucesso veio fácil para Burnham e Root, mas os sócios tiveram suas provações. Em 1885, um incêndio destruiu o Grannis Block, sua construção mais importante. Pelo menos um deles estava no escritório no momento e escapou descendo por uma escada em chamas. Mudaram-se, em seguida, para o último andar do Rookery. Três anos depois, um hotel que tinham projetado em Kansas City desabou durante a construção, ferindo vários homens e matando um. Burnham ficou desconsolado. A cidade requisitou o inquérito de um perito, que se concentrou no projeto do edifício. Pela primeira vez em sua carreira, Burnham se viu alvo de ataques públicos. Escreveu para a mulher: “Não se preocupe com essa questão, seja o que for que os jornais digam. Haverá inevitavelmente críticas, e teremos muitos problemas pela frente, e enfrentaremos tudo de maneira simples, direta, viril; tanto quanto formos capazes.”³⁰

A experiência marcou-o profundamente, em especial o fato de que sua competência foi submetida ao exame de um burocrata sobre o qual não tinha qualquer influência. “O perito”, escreveu Margaret três dias após o desabamento, “é um doutorzinho desagradável, um político picareta, sem cérebro, que me aflige muito.” Burnham estava triste e solitário e queria voltar para casa. “Desejo tanto estar aí, novamente em paz, com você.”³¹

Um terceiro golpe veio nesse período, mas de natureza diferente. Embora Chicago estivesse alcançando rápido reconhecimento como dínamo industrial e mercantil, seus homens mais importantes sentiam intensamente a caluniosa afirmação de Nova York de que a cidade tinha poucos bens culturais. Para ajudar a remediar essa carência, um notável cidadão de Chicago, Ferdinand W. Peck, propôs a construção de um auditório tão grande, tão acusticamente perfeito, que calasse todas as críticas do leste e ainda por cima gerasse lucro. Peck imaginava colocar seu teatro gigantesco em uma concha ainda maior, que abrigaria um hotel, um salão de banquetes e escritórios. Os inúmeros

arquitetos que jantavam no restaurante Kinsley's — que em Chicago equivalia em matéria de status ao Delmonico's de Nova York — concordavam que aquele seria o mais importante trabalho arquitetônico da história da cidade e que muito provavelmente seria encomendado à Burnham & Root. Burnham também pensava assim.

Peck escolheu o arquiteto Dankmar Adler, de Chicago. Se houvesse alguma falha na acústica, Peck sabia que o edifício seria um fracasso, por mais imponente que se revelasse a construção final. Apenas Adler tinha demonstrado previamente uma clara compreensão dos princípios do design acústico. “Burnham não gostou”, escreveu Louis Sullivan, àquela altura sócio de Adler, “tampouco se poderia dizer que John Root ficou muito encantado.”³² Quando Root viu os primeiros desenhos do Auditorium, disse que parecia que Sullivan estava prestes a “estragar outra fachada com ornamentos”.³³

Desde o início havia certa tensão entre as duas firmas, embora ninguém pudesse imaginar que isso irromperia, anos depois, num cáustico ataque de Sullivan às maiores realizações de Burnham, e isso quando a carreira do próprio Sullivan já se tivesse dissolvido numa névoa de álcool e remorso. Por enquanto, a tensão era sutil, uma vibração, como o grito inaudível de aço envergando. Ela nascera de crenças discordantes sobre a natureza e a finalidade da arquitetura. Sullivan via-se em primeiro lugar como artista, um idealista. Em sua autobiografia, na qual sempre se referia a si mesmo na terceira pessoa, descreveu-se como “um inocente com o coração envolvido nas artes, nas filosofias, nas religiões, nas beatitudes das graças da natureza, em sua busca pela realidade do homem, em sua profunda fé na generosidade do poder”.³⁴ Chamou Burnham de “negociante colossal”, aficionado em erguer as maiores, mais altas, mais caras construções. “Era elefantino, indelicado e inconsequente.”³⁵

Operários começaram a erguer o Auditorium em 1º de junho de 1887. O resultado foi uma construção opulenta que, naquele momento, era o maior edifício privado dos Estados Unidos. Seu teatro continha mais de quatro mil lugares, 1.200 a mais do que a Metropolitan Opera House de Nova York. E era climatizado por um sistema de refrigeração que soprava ar do gelo. O prédio ao redor tinha escritórios comerciais, um imenso salão de banquetes e um hotel com quatrocentos quartos de luxo. Um viajante da Alemanha recordou que bastava girar um mostrador na parede ao lado da cama para solicitar toalhas, papel de carta, água gelada, jornais, uísque ou serviço de engraxate. Tornou-se o edifício mais afamado de Chicago. O presidente dos Estados Unidos, Benjamin Harrison, esteve na grandiosa festa de inauguração.

Mas, no fim das contas, esses contratempos acabaram tendo pouca importância para Burnham e Root. Coisa muito pior logo estava por vir. No entanto, em 14 de fevereiro de 1890, dia da votação para a grande feira, os sócios pareciam fadados a uma vida de sucessos.

Na frente do edifício do *Tribune* fez-se silêncio. A multidão precisou de alguns instantes para processar a notícia. Um homem barbudo foi um dos primeiros a reagir. Ele tinha jurado não fazer a barba enquanto Chicago não conseguisse a feira. Naquele momento, subiu a escada do Union Trust Company Bank, logo ao lado, e do degrau mais alto deu um grito que uma testemunha comparou ao som de um foguete. Outros o imitaram, e logo duas mil pessoas, entre homens, mulheres e algumas crianças — na maioria entregadores de telegramas e mensageiros contratados —, soltaram vivas que atravessaram o cânion de tijolo, pedra e vidro como uma enchente repentina. Os mensageiros saíram correndo para espalhar a notícia, enquanto entregadores de telegrama disparavam dos escritórios da Empresa de Correios e Telégrafos e da Western Union, ou pulavam em suas bicicletas Pope “seguras”, um com destino ao hotel Grand Pacific, outro para o Palmer House, outros para o Richelieu, o Auditorium, o Wellington, as deslumbrantes casas das avenidas Michigan e Prairie, os clubes — Chicago, Century, Union League — e os bordéis caros, em particular a casa de Carrie Watson, com suas jovens adoráveis e cascatas de champanhe.

Um mensageiro viajou no escuro até um beco sem luz que cheirava a fruta podre, onde o silêncio só era quebrado pelo chiado cada vez mais baixo dos lampiões a gás na rua que ele deixara para trás. Encontrou uma porta, bateu e entrou numa sala repleta de homens, alguns jovens, outros velhos, todos parecendo falar ao mesmo tempo, e alguns muito bêbados. Um caixão no centro da sala servia de balcão. A luz era fraca e vinha de bicos de gás escondidos atrás de caveiras amontoadas nas paredes. Outras caveiras estavam espalhadas pelo lugar. A corda de uma forca pendia da parede, assim como armas diversas e um cobertor sujo de sangue.

Esses artefatos identificavam a sala como sede do Whitechapel Club, que recebera esse nome em homenagem ao subúrbio de Londres onde dois anos antes, Jack, o Estripador, cometera seus assassinatos. O presidente do clube usava o título oficial de o Estripador; os membros eram na maioria jornalistas, que levavam às reuniões histórias de assassinatos colhidas nas ruas da cidade. As armas na parede tinham sido usadas em homicídios reais e eram fornecidas por policiais de Chicago; os crânios, por um alienista de um manicômio da vizinhança; o cobertor, por um membro que o adquirira enquanto cobria uma batalha entre o exército e os sioux.

Ao saber que Chicago conseguira a feira, os homens do Whitechapel Club redigiram um telegrama para Chauncey Depew, que mais do que ninguém simbolizava Nova York e sua campanha para ganhar o evento. Antes, Depew tinha prometido aos membros do Whitechapel Club que, se Chicago vencesse, ele estaria presente na próxima reunião do clube para ser cortado em pedaços pelo próprio Estripador — metaforicamente,

supunha, embora no Whitechapel Club ninguém jamais tivesse certeza. O caixão no clube, por exemplo, fora usado certa vez para transportar o corpo de um membro que cometera suicídio. Depois de recuperar o cadáver, os homens do clube o levaram para a praia de Indiana Dunes, às margens do lago Michigan, onde ergueram uma imensa pira. Puseram o corpo em cima e atearam fogo. Carregando tochas e vestindo mantos negros com capuz, deram voltas em torno do fogo cantando hinos ao morto, entre goles de uísque. O clube também tinha o costume de mandar seus membros, trajados com mantos, sequestrarem celebridades de visita à cidade e levá-las numa carruagem negra com as janelas cobertas, tudo sem dizer uma palavra.

O telegrama do clube foi entregue a Depew em Washington vinte minutos após a votação final, exatamente no momento em que a delegação de congressistas de Chicago começava a comemorar no hotel Willard, perto da Casa Branca. O telegrama perguntava o seguinte: “Quando o veremos em nossa mesa de dissecação?”³⁶

Depew respondeu imediatamente: “Estou a seu dispor quando receber a solicitação e pronto, depois dos acontecimentos de hoje, para contribuir com meu corpo para a ciência de Chicago.”

Embora reconhecesse a derrota com elegância, Depew duvidava que Chicago de fato compreendesse o desafio que tinha pela frente. “A exposição mais maravilhosa dos tempos modernos ou antigos acabou de ser encerrada com êxito em Paris”, disse ele ao *Tribune*.³⁷ “O que quer que vocês façam será comparado a ela. Se a igualarem, já será um êxito. Se a superarem, será um triunfo. Se ficarem abaixo, serão responsabilizados por todo o povo americano por terem assumido um compromisso acima de suas forças.”

“Cuidado”, advertiu. “Muito cuidado!”

Chicago logo estabeleceu uma corporação formal, a World’s Columbian Exposition Company, para financiar e construir a feira. Sem fazer alarde, as autoridades deixaram claro que Burnham e Root seriam os principais arquitetos. O ônus de restaurar o orgulho e a proeminência nacionais no rastro da exposição de Paris recaía nos ombros de Chicago, e a cidade, por sua vez, o repassara firmemente, embora ainda com discrição, para o último andar do Rookery.

Fracassar era impensável. Burnham sabia que, se a feira fosse um fracasso, a honra do país seria maculada, Chicago seria humilhada, e sua própria firma receberia um golpe arrasador. Para onde Burnham se virasse, havia sempre alguém — um amigo, um editor, um colega de clube — para lhe dizer que o país esperava algo excepcional dessa feira. E esperava isso em tempo recorde. Só o Auditorium levava quase três anos para ser construído e deixou Louis Sullivan à beira de um colapso físico. Agora Burnham e Root

estavam sendo chamados para construir o equivalente a uma cidade inteira aproximadamente no mesmo prazo — e não era uma cidade qualquer, mas uma que superasse o brilho da exposição de Paris. A feira também deveria trazer lucro. Para os homens mais proeminentes de Chicago, lucro era questão de honra pessoal e cívica.

Pelos padrões arquitetônicos tradicionais, o desafio parecia impossível. Sozinho, nenhum arquiteto teria conseguido; contudo, Burnham acreditava que, juntos, ele e Root tinham a força de vontade e a capacidade de organização e de criação necessárias para se saírem bem. Juntos, haviam desafiado a lei da gravidade e vencido o *gumbo* do solo de Chicago, para mudar de uma vez por todas a natureza da vida urbana. Agora, juntos, construiriam a feira e mudariam a história. Poderia ser feito, porque precisava ser feito, porém o desafio era monstruoso. O discurso de Depew sobre a feira logo se tornou cansativo, mas o sujeito tinha um jeito de capturar, com perspicácia e objetividade, a verdadeira essência de um problema. “Chicago é como o homem que se casa com uma mulher que já tem uma família de doze”, disse ele. “O problema está apenas começando.”³⁸

No entanto, nem mesmo Depew foi capaz de prever a verdadeira magnitude das forças que convergiam em Burnham e Root. Naquele momento, os três enxergavam o desafio em suas duas dimensões fundamentais: tempo e dinheiro. E ambas já eram suficientemente severas.

Só Poe teria sido capaz de imaginar o resto.

O suprimimento necessário

NUMA MANHÃ EM agosto de 1886, quando o calor subia das ruas com a intensidade da febre numa criança, um homem que se identificava como H. H. Holmes entrou numa das estações ferroviárias de Chicago. O ar estava rançoso e parado, impregnado com o cheiro de pêssegos estragados, esterco de cavalo e antracito de Illinois parcialmente queimado. Havia meia dúzia de locomotivas paradas no pátio exalando vapor num céu já amarelado.

Holmes comprou passagem para um vilarejo chamado Englewood, distrito da cidade de Lake, municipalidade de duzentas mil pessoas na fronteira sul de Chicago. O município abrangia a Union Stock Yards e dois grandes parques: o Washington Park, com gramados, jardins e uma famosa pista de corrida de cavalos, e o Jackson Park, um ermo desolado e sem benfeitorias à margem do lago.

Apesar do calor, Holmes parecia bem-disposto e viçoso. Ao caminhar pela estação, olhares femininos eram lançados ao seu redor como pétalas atiradas pelo vento.

Andava com confiança e vestia-se bem, causando uma impressão de riqueza e realização. Estava com 26 anos. Tinha 1,73 metro de altura e pesava apenas setenta quilos.¹ Tinha cabelos escuros, e seus olhos azuis eram marcantes, certa vez comparados aos de um mesmerista. “Os olhos são bem grandes e arregalados”, diria, posteriormente, um médico chamado John L. Capen. “São azuis. Grandes assassinos, assim como grandes homens em outras esferas de atividade, têm olhos azuis.”² Capen também observou seus lábios finos, cobertos por um denso bigode escuro. O que achou mais notável, porém, foram as orelhas de Holmes. “É uma orelha maravilhosamente pequena, e o topo tem o formato e entalhe no mesmo estilo com que os escultores antigos costumavam indicar diabrura e vício em suas estátuas de sátiros.” No geral, observou Capen, “ele é feito num molde muito delicado”.

Para as mulheres que ainda não sabiam de suas obsessões particulares, era um deleite para os olhos. Ele rompia as regras vigentes de intimidade casual: aproximava-se demais, encarava com muita intensidade, tocava muitas vezes e por muito tempo. E as mulheres o adoravam por isso.

Holmes desceu do trem no centro de Englewood e fez uma pausa para estudar os arredores. Parou no cruzamento da rua 63 com a rua Wallace. Um poste telegráfico na esquina continha a Caixa de Alarme de Incêndio nº 2475.³ Ao longe, erguiam-se as estruturas de várias casas de três andares em construção. Ele ouviu as pancadas de martelo. Árvores recém-plantadas distribuía-se em fileiras militares, mas no calor e na

névoa mais pareciam tropas do deserto há muito tempo sem água. O ar estava parado, úmido e impregnado do cheiro de macadame novo, que lembrava alcaçuz queimado. Na esquina ficava uma loja com uma placa que a identificava como E. S. Holton Drugs.

Seguiu em frente. Chegou à rua Wentworth, que se estendia de norte a sul e era, claramente, a principal avenida comercial de Englewood, com o pavimento atulhado de cavalos, carroças e faetontes. Perto da esquina da rua 63 com a Wentworth, passou por um quartel do corpo de bombeiros que abrigava a Engine Company nº 51. Ao lado, ficava uma delegacia de polícia. Anos depois, um morador, um tanto cego para o lado macabro da vida, escreveria: “Embora por vezes houvesse grande necessidade de uma força policial no distrito dos currais, Englewood vivia a mesmice de sua existência quase sem precisar da presença da polícia, a não ser como adorno da paisagem e para garantir que as vacas não fossem perturbadas em suas pacíficas pastagens.”⁴

Holmes voltou para a rua Wallace, onde tinha visto a placa da Holton Drugs. Trilhos passavam pelo cruzamento. Um guarda ali sentado apertava a vista contra o sol, atento aos trens, e a pequenos intervalos baixava a cancela para que outra locomotiva passasse resfolegando. A farmácia ficava na esquina da rua Wallace com a 63. Do outro lado da Wallace, havia um grande terreno baldio.

Holmes entrou na loja e ali encontrou uma mulher idosa, a sra. Holton.⁵ Percebeu certa vulnerabilidade, da mesma forma que outro homem captaria o rastro de um perfume feminino. Apresentou-se como médico e farmacêutico e perguntou se a mulher precisava de ajuda na loja. Falava em tom suave, sorrindo com frequência, encarando-a com seus francos olhos azuis.

Ele era bom de conversa, e não demorou para que a senhora lhe revelasse sua mais profunda tristeza: o esposo, no apartamento em cima da loja, estava morrendo de câncer. Ela confessou que tomar conta do estabelecimento enquanto cuidava do marido se tornara um grande fardo.

Holmes ouviu com olhos marejados. Tocou o braço dela. Disse que poderia aliviar-lhe o fardo. Não apenas isso, poderia transformar a farmácia num negócio próspero e vencer a concorrência no quarteirão.

Seu olhar era tão claro e azul... Ela disse que precisava conversar com o marido.

Ela subiu as escadas. O dia estava quente. Moscas pousavam no parapeito da janela. Lá fora passou outro trem, estrondando pelo cruzamento. Cinzas e fumaça flutuavam, como gaze manchada, do lado de fora da janela. Ela iria conversar com o marido, sim, mas ele estava morrendo, e naquele momento era ela quem tomava conta da loja e assumia as responsabilidades e já tomara uma decisão.

Só de pensar no jovem médico lhe dava uma sensação de contentamento que havia muito tempo não vivenciava.

Holmes já estivera em Chicago antes, mas apenas para visitas rápidas. A cidade o impressionava, diria mais tarde, o que era surpreendente, porque em regra nada o impressionava, nada o comovia. Acontecimentos e pessoas roubavam sua atenção como o movimento de objetos atiçava a percepção de um anfíbio: primeiro um registro quase automático da proximidade, depois uma estimativa de valor e por último a decisão entre agir ou permanecer imóvel. Quando enfim resolveu se mudar para Chicago, ele ainda usava seu nome de batismo, Herman Webster Mudgett.

Como para a maioria das pessoas, seu primeiro contato sensorial com Chicago tinha sido o terrível mau cheiro que resistia na vizinhança da Union Stock Yards, um vento Chinook de putrefação e pelos incinerados, “um odor primitivo”, como escreveu Upton Sinclair, “cru e bruto; rico, quase rançoso, sensual e forte”.⁶ A maioria das pessoas achava-o repulsivo. Os poucos que o consideravam revigorante quase sempre eram homens que tinham atravessado seu “rio da morte”,⁷ nas palavras de Sinclair, e garimpado em suas grandes riquezas. É tentador imaginar que todas aquelas mortes e todo aquele sangue tenham feito Mudgett sentir-se bem recebido, contudo é mais realista supor que o lugar transmitia a sensação de que ali enfim estava uma cidade que tolerava uma diversidade mais ampla de comportamento do que Gilmanton Academy, New Hampshire, onde ele nascera e passara a infância como um menino franzino, estranho e excepcionalmente brilhante — e onde, por consequência, na cruel imaginação de seus companheiros, ele se tornou vítima.

A lembrança de um episódio acompanhou-o a vida inteira. Tinha cinco anos e usava seu primeiro terno de menino quando os pais o mandaram à escola do vilarejo para iniciar os estudos. “Todos os dias eu precisava passar pelo consultório de um médico do vilarejo, cuja porta raramente, senão nunca, estava fechada”, escreveu mais tarde numa autobiografia.⁸ “Em parte por estar identificado, em minha mente, como fonte de todos os compostos nauseantes que tinham sido o terror da minha infância (isso foi antes dos remédios para crianças), e em parte devido a vagos rumores que eu ouvira sobre o que havia lá dentro, aquele lugar me despertava particular aversão.”

Naquela época, um consultório médico poderia, de fato, ser um lugar apavorante. Todos os médicos eram, em certo sentido, amadores. Os melhores compravam cadáveres para estudo. Pagavam em dinheiro vivo, sem fazer perguntas, e conservavam pedacinhos particularmente interessantes de vísceras de doentes em grandes potes transparentes. Havia nos consultórios esqueletos pendurados que serviam de referências anatômicas

rápidas; alguns transcendiam suas funções e se transformavam em obras de arte tão minuciosas, tão precisamente articuladas — cada osso desbotado preso ao osso seguinte com latão, sob um crânio risonho exalando bonomia e afetuosidade —, que pareciam estar prestes a correr pela rua, chacoalhando, para pegar o próximo bonde.

Dois meninos mais velhos descobriram o medo de Mudgett e um dia pegaram-no e arrastaram-no “debatendo-se e gritando” até o consultório médico. “E só desistiram”, escreveu Mudgett, “quando me colocaram face a face com um dos esqueletos sorridentes, que, com braços estendidos, pareciam prontos para se virar e me agarrar.”⁹

“Era uma coisa cruel e perigosa para se fazer com uma criança de idade tenra e saúde frágil”, escreveu ele, “porém acabou se revelando um heroico método de tratamento, que enfim me curaria de meus temores e inculcaria em mim, de início, um forte sentimento de curiosidade e, mais tarde, um desejo de aprender, que me levaria, anos depois, a abraçar a medicina como profissão.”

O incidente de fato deve ter ocorrido, mas com uma sequência de acontecimentos diferente. É mais provável que os dois meninos mais velhos tenham descoberto que sua vítima de cinco anos não se incomodaria com a excursão — e que, em vez de se debater e gritar, ele simplesmente tenha olhado para o esqueleto com um frio olhar de avaliação.

Quando seus olhos se voltaram para os captores, foram eles que fugiram.

Gilmanton era um vilarejo agrícola na região dos lagos de New Hampshire, tão remoto que os moradores não tinham acesso a jornais diários e raramente ouviam o apito das locomotivas. Mudgett tinha um irmão e uma irmã. O pai, Levi, era agricultor, como seu próprio pai por sua vez havia sido. Os pais de Mudgett eram metodistas devotos, que recorriam muito ao uso da vara e da oração até mesmo para lidar com as malcriações mais rotineiras, além de castigos no sótão e dias inteiros sem falar e sem comer. A mãe sempre insistia para que ele a acompanhasse nas orações no quarto dela, depois impregnava o ar em volta dele com trêmula paixão.

Ele era, segundo sua própria avaliação, um “filhinho da mamãe”.¹⁰ Passava boa parte do tempo sozinho no quarto lendo Júlio Verne e Edgar Allan Poe e inventando coisas. Construiu um mecanismo movido a vento que produzia um barulho para espantar passarinhos das plantações da família e decidiu inventar uma máquina de moto-perpétuo. Escondia seus tesouros favoritos em pequenas caixas — como o primeiro dente arrancado e uma foto de sua “namoradinha aos doze anos”¹¹ —, embora mais tarde especialistas tenham conjecturado que essas caixas também continham tesouros mais macabros, como crânios de pequenos animais que ele aleijara e dissecara vivos no bosque que cercava Gilmanton. Essas especulações se baseavam nas duras lições aprendidas no

século XX sobre o comportamento de crianças de caráter parecido. O único amigo íntimo de Mudgett era um menino mais velho chamado Tom, que morreu numa queda quando os dois brincavam numa casa abandonada.¹²

Mudgett gravou suas iniciais na casca de um velho olmo na fazenda do avô, onde a família marcava seu crescimento com cortes no batente de uma porta. O primeiro tinha menos de noventa centímetros de altura. Um de seus passatempos favoritos era escalar uma pedra alta e gritar até produzir eco. Certa época, fazia pequenos serviços para um “fotógrafo itinerante”¹³ que passou uma temporada em Gilmanton. O homem mancava muito e agradecia a ajuda. Uma manhã o fotógrafo deu a Mudgett um pedaço de madeira partido e pediu-lhe que fosse ao carpinteiro de carroças da cidade para trocá-lo. Quando Mudgett voltou com a nova peça, o fotógrafo estava sentado à porta, parcialmente vestido. Sem preâmbulos, o homem removeu uma das pernas.

Mudgett ficou pasmo. Nunca tinha visto uma perna artificial e observou, com o maior interesse, o fotógrafo inserir a nova peça de madeira num pedaço da perna. “Se ele em seguida tivesse removido a cabeça da mesma forma misteriosa, eu não teria me espantado”, escreveu Mudgett.¹⁴

Alguma coisa na expressão do garoto chamou a atenção do fotógrafo. Ainda equilibrando-se numa perna só, ele foi até a câmera e preparou-se para tirar uma foto de Mudgett. Pouco antes de abrir o obturador, segurou a perna falsa e balançou-a para o menino. Dias depois, entregou a foto pronta para Mudgett.

“Guardei-a por muitos anos”, registrou Mudgett, “e ainda vejo o rosto magro e aterrorizado daquele menino descalço que usava roupas feitas em casa.”

Quando descreveu esse encontro em sua autobiografia,¹⁵ Mudgett estava sentado numa cela de prisão esperando provocar uma onda de compaixão pública. Embora seja cativante imaginar a cena, o fato é que com as câmeras existentes na meninice de Mudgett era quase impossível capturar flagrantes como esse, especialmente quando o objeto fotografado era uma criança. Se o fotógrafo viu alguma coisa nos olhos de Mudgett, foi um vazio azul-claro que, como ele próprio sabia, para sua tristeza, nenhum filme jamais poderia registrar.



Aos dezesseis anos, Mudgett terminou o colegial e, apesar da pouca idade, conseguiu emprego como professor, primeiro em Gilmanton e depois em Alton, New Hampshire, onde conheceu uma jovem chamada Clara A. Lovering. Ela nunca havia conhecido ninguém como Mudgett. Ele era jovem, mas desenvolvido, e tinha facilidade para fazê-la sentir-se bem mesmo quando estava inclinada a sentir-se mal. Ele falava muito bem, e com extrema cordialidade, tocando-a sempre, de um jeito delicado e carinhoso, mesmo

em público. Seu maior defeito era a persistente exigência para que ela permitisse que os dois tivessem mais intimidade, não como num namoro formal, mas de uma maneira que só deveria ocorrer após o casamento. Clara o mantinha à distância, porém não podia negar que Mudgett despertava dentro dela um desejo tão intenso que coloria seus sonhos. Mudgett tinha dezoito anos quando lhe pediu que fugisse com ele — e ela aceitou. Casaram-se em 4 de julho de 1878, perante um juiz de paz.

De início havia uma paixão que ia muito além das expectativas que as fofocas ranzinhas das mulheres mais velhas fizeram Clara criar, mas o relacionamento logo esfriou. Mudgett ausentava-se de casa por longos períodos. Não demorou para que ficasse dias fora, até que simplesmente desapareceu. Nos registros de casamento de Alton, New Hampshire, continuavam casados, com o contrato legal transformado numa coisa sem vida.

Aos dezenove anos Mudgett entrou na faculdade. A princípio, pensava em estudar em Dartmouth, contudo mudou de ideia e foi direto para a faculdade de medicina. Matriculou-se primeiro no programa de medicina da Universidade de Vermont, em Burlington, mas achou a escola muito pequena e apenas um ano depois se mudou para a Universidade de Michigan, em Ann Arbor, uma das principais faculdades científicas de medicina do oeste, famosa pela ênfase dada à controvertida arte da dissecação.¹⁶ Matriculou-se em 21 de setembro de 1882. Durante o verão do seu terceiro ano, cometeu o que chamou, em sua autobiografia, de “o primeiro ato realmente desonesto de minha vida”.¹⁷ Arranjou emprego de caixeiro-viajante de uma editora, encarregado de vender exemplares de um único livro em toda a região noroeste de Illinois. Em vez de entregar o lucro ao patrão, embolsou-o. No fim do verão, voltou para Michigan. “Difícilmente poderia considerar minha viagem ao oeste um fracasso”, escreveu, “pois eu tinha visto Chicago.”¹⁸

Graduou-se em junho de 1884, com um histórico escolar pouco brilhante, e partiu em busca de “algum lugar favorável” onde pudesse montar consultório. Para tanto, arranhou outro emprego de caixeiro-viajante, dessa vez para uma empresa de venda de plantas situada em Portland, Maine. A rota o levou por cidades que, em outras circunstâncias, talvez ele nunca tivesse conhecido. Acabou chegando à pequena Mooers Forks, Nova York, onde, de acordo com o *Chicago Tribune*, os administradores da escola primária, “impressionados com os modos cavalheirescos de Mudgett”, o contrataram como diretor, cargo que exerceu até abrir um consultório.¹⁹ “Ali fiquei um ano fazendo um trabalho bom e honesto, pelo qual recebia muita gratidão, mas pouco ou nenhum dinheiro.”

Aonde quer que fosse, coisas problemáticas pareciam acontecer. Seus professores em

Michigan tinham pouco a dizer de seus talentos acadêmicos, porém recordavam muito bem de que ele se distinguia por outras razões. “Alguns professores aqui se lembram dele como um patife”, declarou a universidade.²⁰ “Ele tinha quebrado uma promessa de casamento com uma cabeleireira, uma viúva, que veio de Saint Louis, Michigan, para Ann Arbor.”

Em Mooers Forks, corria o boato de que um menino visto em sua companhia tinha desaparecido. Mudgett afirmava que o menino havia voltado para casa em Massachusetts. Nenhuma investigação foi feita. Ninguém poderia imaginar que o encantador dr. Mudgett fosse capaz de fazer mal a alguém, muito menos a uma criança.

À meia-noite, muitas vezes, Mudgett andava de um lado para o outro na frente do lugar onde morava.

Mudgett precisava de dinheiro. O salário de professor era uma miséria; seu trabalho como médico rendia apenas um pouco mais. “No outono de 1885”, escreveu ele, “a fome era uma possibilidade cada vez mais real.”²¹

Ainda na faculdade de medicina, ele e um colega canadense tinham conversado sobre como seria fácil para qualquer um deles fazer um seguro de vida em nome do outro e usar um cadáver para forjar a morte do segurado. Em Mooers Forks, Mudgett voltou a pensar no assunto. Fez uma visita ao ex-colega e descobriu que suas condições financeiras não eram muito melhores. Juntos, planejaram uma complicada maneira de fraudar o seguro de vida, que Mudgett descreveu em sua autobiografia. Era um plano impossivelmente complexo e macabro, cuja execução devia estar além dos poderes de qualquer pessoa, mas a descrição merece ser registrada pelo que revela — ainda que essa não fosse a intenção — sobre sua alma distorcida.

Em linhas gerais, o plano previa o recrutamento de mais dois cúmplices, que juntos fingiriam a morte de uma família de três e substituiriam as pessoas por cadáveres. Os corpos apareceriam mais tarde em avançado estágio de decomposição, e os conspiradores dividiriam os 40 mil dólares do seguro (equivalentes a mais de um milhão de dólares em valores do século XXI).

“O plano requeria uma quantidade considerável de material”, escreveu Mudgett, “na verdade nada menos do que três corpos”,²² querendo dizer com isso que ele e o amigo precisariam, de alguma forma, conseguir três cadáveres mais ou menos parecidos com marido, mulher e filho.

Mudgett achou que não haveria dificuldade em conseguir os corpos, muito embora naquela época uma escassez de cadáveres para instrução médica tenha levado médicos a vasculharem cemitérios em busca de mortos recentes. Admitindo que nem mesmo um

médico poderia obter três corpos de uma vez sem despertar suspeitas, Mudgett e o cúmplice chegaram à conclusão de que cada um deveria contribuir com “o suprimento necessário”.²³

Mudgett afirmou que foi a Chicago em novembro de 1885 e que ali adquiriu sua “porção” de corpos. Incapaz de achar emprego, conseguiu um local para armazená-la e partiu para Minneapolis, onde encontrou trabalho numa farmácia. Ficou em Minneapolis até maio de 1886, quando partiu para Nova York, pensando em levar “uma parte do material para lá” e deixar o resto em Chicago. “Isso”, disse ele, “exigia que fosse embalado novamente.”²⁴

Ele contou que depositou o pacote com um cadáver desmembrado no Armazém Fidelity Storage em Chicago. O outro seguiu com ele para Nova York, onde foi acondicionado “num lugar seguro”. Durante a viagem de trem para Nova York, porém, leu dois artigos de jornal sobre crimes contra seguradoras “e pela primeira vez percebi como as grandes empresas de seguro estavam bem organizadas e preparadas para detectar e punir esse tipo de fraude”.²⁵ Os artigos, segundo ele, o levaram a abandonar o plano e a desistir de qualquer esperança de um dia ter sucesso nesse tipo de esquema.

Mudgett estava mentindo. Na verdade, estava convencido de que a parte essencial daquela ideia tinha seu valor — de que, forjando a morte de outras pessoas, ele seria capaz de tirar dinheiro das seguradoras. Como médico, estava ciente de que não existiam meios para determinar a identidade de corpos queimados, desmembrados ou desfigurados. E não tinha escrúpulos para lidar com cadáveres. Eram apenas “material”, em nada diferentes de lenha, apesar de um pouco mais difíceis de descartar.

Estava mentindo também ao dizer que precisava de dinheiro. O proprietário da casa em Mooers Forks onde Mudgett se hospedava, D. S. Hays, notou que o rapaz exibia grandes somas em dinheiro.²⁶ Hays começou a suspeitar de alguma coisa e passou a observar Mudgett atentamente — embora não atentamente o bastante.



Mudgett saiu de Mooers Forks à meia-noite, sem pagar o aluguel que devia a Hays. Seguiu para a Filadélfia, onde esperava arranjar emprego numa farmácia e, com o tempo, tornar-se sócio ou proprietário. Porém não achou nada que servisse e, em vez disso, começou a trabalhar como “cuidador” num manicômio, o Norristown Asylum. “Aquela”, escreveu ele, “foi minha primeira experiência com pessoas insanas, e foi tão terrível que anos mais tarde, às vezes até mesmo agora, ainda vejo seus rostos em meu sono.”²⁷ Em poucos dias se demitiu.

Acabou achando emprego numa das farmácias da Filadélfia. Logo depois uma criança morreu após tomar um remédio comprado lá. Mudgett deixou a cidade imediatamente.

Tomou o trem para Chicago, mas logo se deu conta de que não poderia trabalhar como farmacêutico em Illinois sem primeiro passar num exame de licenciamento na capital do estado, Springfield. Ali, em junho de 1886, pegando emprestado um dos sobrenomes mais notáveis desde aquela época, Mudgett registrou seu nome como Holmes.

Holmes compreendeu que forças novas e poderosas atuavam em Chicago, provocando uma expansão quase miraculosa. A cidade crescia em todas as direções possíveis e às margens do lago passou a crescer verticalmente, fazendo disparar o valor da terra dentro do Loop. Para onde quer que olhasse, ele via sinais de prosperidade. Até a fumaça era prova disso. Os jornais da cidade adoravam vangloriar-se do fabuloso aumento do número de operários empregados pelas indústrias de Chicago, sobretudo na indústria de embalagem e venda de carnes. Holmes sabia — todo mundo sabia — que, enquanto os arranha-céus crescessem e os currais expandissem seus matadouros, a demanda por operários continuaria nas alturas e que os operários e seus supervisores procurariam morar nos subúrbios, com suas promessas de estradas lisas, água limpa, escolas decentes e, acima de tudo, o ar não contaminado pelo mau cheiro das carniças da Union Yards.

Enquanto a população da cidade inchava, a procura por moradia transformava-se numa “febre de apartamentos”. Quando as pessoas não conseguiam encontrá-los ou pagar por eles, iam atrás de quartos em residências particulares e pensões, onde o aluguel costumava incluir refeições. Especuladores prosperavam e criavam paisagens sinistras. Em Calumet, mil postes de luz ornamentados ficavam em um pântano, onde nada faziam além de clarear a neblina e atrair mosquitos. Theodore Dreiser chegou a Chicago mais ou menos na mesma época que Holmes e ficou impressionado com essa paisagem de prelibação. “A cidade abrija quilômetros e mais quilômetros de ruas e instalara esgotos em regiões onde, talvez, houvesse apenas uma única e solitária casa”, escreveu ele em *Sister Carrie*. “Havia setores, expostos ao vento e à chuva, que apesar disso ficavam iluminados a noite toda, com longas e pestanejantes fileiras de lâmpadas de gás balançando ao vento.”²⁸

Um dos subúrbios que cresciam mais rápido era Englewood. Mesmo um recém-chegado como Holmes percebia a explosão de progresso do vilarejo. Anúncios de propriedades estavam repletos de depoimentos sobre sua boa localização e valorização. Englewood, na verdade, vinha crescendo muito desde o Grande Incêndio de 1871. Um morador lembrou que, logo após o incêndio, “houve uma intensa corrida para adquirir casas em Englewood, e a população cresceu com tanta rapidez que era impossível manter-se atualizado”.²⁹ Os ferroviários mais antigos ainda o chamavam de Chicago

Junction [Entroncamento de Chicago] ou Junction Grove [Bosque do Entroncamento], ou simplesmente Junction, por causa das oito linhas ferroviárias que convergiam dentro de seus limites, mas depois da Guerra de Secessão os moradores se cansaram da ressonância industrial do nome. Em 1868, uma sra. H. B. Lewis sugeriu um novo: Englewood, nome de uma cidade de Nova Jersey onde ela havia morado e que por sua vez fora batizada em homenagem a uma floresta de Carlisle, na Inglaterra, lendária por ter dado abrigo a dois fora da lei da categoria de Robin Hood.³⁰ Foi ali, no que os moradores de Chicago chamavam de um subúrbio “de bonde”, que os supervisores dos currais decidiram se instalar, assim como os empregados de empresas sediadas nos arranha-céus do Loop. Compravam casas grandes em ruas chamadas Harvard e Yale, percorridas por fileiras de olmos, freixos, sicômoros e tílias e cheias de placas proibindo toda espécie de tráfego, com exceção das indispensáveis carroças. Mandavam os filhos para a escola, iam para a igreja e compareciam às reuniões dos maçons e de outras 45 sociedades secretas que tinham lojas, reinos e colmeias no vilarejo. Aos domingos passeavam entre a grama relvada do Washington Park e, se queriam estar sós, aproveitavam as alturas e a ventania do Jackson Park, no extremo leste da rua 63, à beira do lago.

Tomavam trens e bondes para o trabalho e se consideravam felizardos por morarem num lugar onde o vento soprava na direção dos currais. O incorporador de um grande terreno de Englewood apregoava seu patrimônio num catálogo que promovia o leilão de duzentos lotes residenciais chamados de Loteamento Bates: “Para os homens de negócios da Union Stock Yards é particularmente conveniente e acessível, e livre dos odores soprados pelos ventos dominantes para as localidades mais elegantes da Cidade.”³¹

O dr. Holton morreu. Holmes fez uma oferta à viúva: compraria a loja, e ela continuaria a morar no apartamento do segundo andar. Fez a oferta numa prosa que dava a impressão de estar propondo a compra não em benefício próprio, mas só para livrar a enlutada sra. Holton da obrigação de trabalhar. Tocava-lhe o braço enquanto falava. Depois que ela assinou a escritura transferindo a propriedade, ele se levantou e agradeceu-lhe com lágrimas nos olhos.

Holmes financiou a compra basicamente com dinheiro levantado pela hipoteca das instalações e do estoque da loja, comprometendo-se a pagar o empréstimo em prestações de 100 dólares mensais (cerca de 3 mil dólares em valores do século XXI). “Foi um bom negócio”, disse ele, “e pela primeira vez na vida eu tinha um empreendimento que me parecia satisfatório.”³²

Colocou uma placa nova: FARMÁCIA H. H. HOLMES.³³ Quando se espalhou a notícia de que um jovem médico, bonito e aparentemente solteiro, passara a ficar atrás do balcão, um número cada vez maior de jovens solteiras na faixa dos vinte anos começou a lhe dar preferência. Eram bem-vestidas e compravam coisas de que não precisavam. Fregueses antigos também gostaram do novo proprietário, apesar de sentirem falta da presença confortadora da sra. Holton. Os Holton estiveram presentes quando seus filhos adoeciam; haviam oferecido consolo quando as doenças se revelavam fatais. Eles sabiam que a sra. Holton tinha vendido o lugar. Mas por que não a viam mais na cidade?

Holmes sorria e explicava que ela resolvera visitar parentes na Califórnia, coisa que havia muito tempo tinha vontade de fazer mas nunca encontrava tempo nem dinheiro, e que certamente não poderia ter feito com o marido acamado.

Com o passar do tempo, e a diminuição da curiosidade, Holmes mudou um pouco a história. Explicou que a sra. Holton tinha gostado tanto da Califórnia que decidira ficar lá de vez.

“Atratividade”

NADA. HOUVE TANTA energia, tanta bravata e então — nada. Era julho de 1890, quase seis meses desde que o Congresso decidira conceder a Exposição Colombiana Mundial para Chicago, mas os 45 homens da diretoria da exposição ainda não tinham decidido em que lugar da cidade construir a feira. Na época da votação, com seu orgulho em jogo, Chicago inteira havia cantado com uma só voz. Seus representantes se jactaram perante o Congresso afirmando que a cidade era capaz de oferecer um cenário mais magnífico e mais apropriado do que qualquer coisa que Nova York, Washington ou outra cidade pudesse propor. Agora, porém, cada bairro de Chicago insistia na escolha de um lugar dentro dos seus próprios limites, e a disputa tinha frustrado a diretoria.

O comitê de terrenos e edificações da exposição pedira a Burnham, sem fazer alarde, para avaliar alguns lugares. Com a mesma descrição, o comitê assegurou a Burnham e Root que, em última análise, eles é que coordenariam o projeto e a construção da feira. Para Burnham, cada momento perdido era um roubo de parte do já escasso prazo alocado para a construção da feira. O projeto final da feira, assinado em abril pelo presidente Benjamin Harrison, estabelecia 12 de outubro de 1892 como o Dia da Consagração, para honrar o momento em que Colombo avistara pela primeira vez o Novo Mundo, quatrocentos anos antes. A abertura formal, porém, só se daria em 1º de maio de 1893 para que Chicago tivesse mais tempo de se preparar. Mesmo assim, como Burnham estava ciente, boa parte da feira deveria ficar pronta para a consagração. Isso lhes dava apenas 26 meses.

Um amigo de Burnham, James Ellsworth, fazia parte da diretoria. Ele também estava frustrado com o impasse, a tal ponto que, por iniciativa própria, durante uma viagem de negócios ao Maine em meados de julho, visitou o escritório de Frederick Law Olmsted, em Brookline, Massachusetts, para tentar convencê-lo a ir a Chicago avaliar os locais em análise e talvez se encarregar do projeto paisagístico da feira.¹ Ellsworth esperava que a opinião de Olmsted, respaldada por sua reputação como o mago do Central Park, ajudasse a forçar uma decisão.

O fato de Ellsworth, logo ele, ter tomado essa iniciativa era significativo. No começo, ele não tinha muita certeza de que Chicago deveria mesmo lutar pela feira. E só concordou em servir como diretor por medo de que a exposição acabasse mesmo correspondendo às modestas expectativas do leste e se tornasse “apenas uma feira, como está geralmente implícito no termo”. Achava que a cidade tinha obrigação de proteger sua honra cívica produzindo o melhor evento desse tipo na história mundial, objetivo

que parecia estar escapando de Chicago a cada volta dos ponteiros do relógio.

Ele propôs pagar a Olmsted mil dólares (equivalente a cerca de 30 mil dólares hoje) pela consultoria. Ellsworth deixou de mencionar dois pontos: que o dinheiro era dele e que não tinha autoridade oficial para contratar o famoso paisagista.

Olmsted recusou. Disse a Ellsworth que não projetava feiras. Além disso, duvidava que restasse tempo suficiente para ele, ou qualquer outro, fazer justiça ao evento. Produzir os efeitos paisagísticos que Olmsted procurava criar não requeria meses, mas anos, talvez décadas. “A vida inteira tenho me preocupado com efeitos remotos, sempre sacrificando o sucesso e o aplauso imediatos em nome dos futuros”, escreveu. “Ao traçar o Central Park, decidimos pensar que nenhum resultado seria percebido em menos de quarenta anos.”²

Ellsworth insistiu, afirmando que o que Chicago pretendia era uma coisa muito mais grandiosa do que a própria exposição de Paris. Descreveu para Olmsted a imagem de uma cidade de sonhos projetada pelos maiores arquitetos dos Estados Unidos e cobrindo uma área pelo menos um terço maior que a feira parisiense. Ellsworth garantiu a Olmsted que, se concordasse em ajudar, estaria juntando seu nome a um dos maiores projetos artísticos do século.

Cedendo um pouco, Olmsted disse que ia pensar e concordou em se encontrar com Ellsworth dois dias depois, quando este voltasse do Maine.

Olmsted de fato pensou e começou a ver a exposição como uma oportunidade de realizar algo pelo qual vinha lutando havia muito tempo, quase sempre com resultados frustrantes. Durante toda a carreira, esforçara-se, com pouco êxito, para desfazer a impressão de que o paisagismo era apenas uma espécie de jardinagem ambiciosa e para que sua área de trabalho fosse reconhecida como um ramo distinto das belas-artes, em pé de igualdade com a pintura, a escultura e a arquitetura feita com tijolo e argamassa. Olmsted dava importância a plantas, árvores e flores não por seus atributos individuais, mas como se fossem cores e formas numa paleta. Canteiros formais ofendiam-no. Rosas não eram rosas, e sim “pintas brancas ou vermelhas modificando massas verdes”.³ Irritava-o o fato de que pouca gente parecia compreender os efeitos que ele se esforçava tanto para criar. “Desenho pensando numa passagem de natureza contida, suave e tranquilamente composta, dou forma ao terreno, isolo elementos discordantes e cultivo vegetações apropriadas.”⁴ Entretanto, com muita frequência ele “voltava após um ano e o que via era destruição: por quê? ‘Minha mulher gosta tanto de rosas.’ ‘Recebi de presente uns abetos noruegueses grandes.’ ‘Tenho um fraco por bétulas brancas — havia uma no quintal de meu pai quando eu era criança.’”.

A mesma coisa acontecia com grandes clientes municipais. Ele e Calvert Vaux tinham construído e refinado o Central Park de 1858 a 1876, porém depois disso Olmsted se viu obrigado a defender o parque contra tentativas de fazer alterações no terreno que, na sua visão, equivaliam a vandalismo. Mas não era só o Central Park. Todos os parques estavam sujeitos a tais abusos.

“Imagine”, escreveu ele para o arquiteto Henry van Brunt, “que você foi contratado para construir uma casa de ópera de fato grandiosa e que, quando as obras de construção estavam quase concluídas e seu plano de decoração inteiramente desenhado, resolvem informá-lo que o prédio será usado aos domingos como um tabernáculo batista e é preciso preparar um espaço adequado para um órgão imenso, um púlpito e uma piscina. Depois disso, a intervalos, você é informado de que o lugar precisa ser reequipado e mobiliado para que partes dele sejam usadas como tribunal, prisão, sala de concertos, hotel, ringue de patinação, clínicas médicas, circo, salão de exposição canina, sala de exercícios, salão de baile, estação ferroviária e torre?” Isso, escreveu ele, “é o que quase sempre acontece com parques públicos. Perdoe-me o exagero, mas sinto uma raiva crônica”.⁵

Segundo Olmsted, a arquitetura paisagística precisava era de maior visibilidade, que, por sua vez, traria mais credibilidade. Ele percebeu que a exposição poderia ajudar, desde que atingisse as alturas vislumbradas por Ellsworth. Mas ele precisava comparar os benefícios com os custos imediatos de assumir um compromisso. Sua firma já tinha trabalho de sobra, tanto trabalho que, como escreveu, “vivemos sempre pessoalmente pressionados por uma grande inquietação, sob uma nuvem de ansiedade”.⁶ E o próprio Olmsted tornava-se cada vez mais vulnerável a doenças. Tinha 68 anos e mancava um pouco, em consequência de um acidente de carruagem ocorrido décadas antes, que o deixara com uma perna dois centímetros mais curta do que a outra. Era propenso a longas crises de depressão.⁷ Os dentes doíam. Tinha insônia crônica e nevralgia facial. Um rugido misterioso nos ouvidos às vezes tornava difícil para ele acompanhar uma conversa. No entanto, ainda tinha muita energia criativa, ainda vivia em constante atividade, mas viagens noturnas de trem sempre o deixavam fraco. Mesmo quando dormia na própria cama, suas noites eram quase sempre horrores insones, agravados pelas dores de dente.

Contudo, a visão de Ellsworth era persuasiva. Olmsted conversou com os filhos e com o mais novo funcionário da firma, Henry Sargent Codman — “Harry” —, jovem paisagista de grande talento, que logo se tornou um fiel conselheiro e confidente.

Quando Ellsworth voltou, Olmsted lhe disse que tinha mudado de ideia. Participaria do empreendimento.

De volta a Chicago, Ellsworth conseguiu autorização formal para contratar Olmsted e arranhou para que ele ficasse diretamente subordinado a Burnham.

Em uma carta a Olmsted, Ellsworth escreveu: “Minha posição é esta: a reputação dos Estados Unidos está em jogo nessa questão, e a reputação de Chicago também. Como cidadão americano, o senhor tem o mesmo interesse em contribuir para o êxito desse grande e magnífico empreendimento, e sei, por ter conversado com o senhor, que em uma ocasião como esta o senhor compreende bem a situação e não se confinará a limites estreitos.”⁸

Sem dúvida parecia ser esse o caso quando, mais tarde, durante as negociações contratuais, Olmsted, por recomendação de Codman, cobrou 22.500 dólares (cerca de 675 mil dólares atuais) de honorários e conseguiu.⁹

Na quarta-feira, 6 de agosto de 1890, três semanas após a ida de Ellsworth a Brookline, a empresa encarregada da exposição telegrafou para Olmsted: “Quando o senhor poderá vir?”¹⁰

Olmsted e Codman chegaram três dias depois, no sábado de manhã, quando Chicago vibrava com a notícia de que a última contagem do recenseamento confirmara sua posição preliminar como a segunda maior cidade dos Estados Unidos, ainda que o cômputo final também tivesse mostrado que sua vantagem sobre a Filadélfia era mínima, de apenas 52.324 almas. A boa notícia serviu como bálsamo para um verão difícil. Antes, uma onda de calor tinha assolado a cidade, matando dezessete pessoas (entre elas um homem chamado Christ) e extirpando claramente a bazófia proferida por Chicago perante o Congresso de que a cidade tinha o encantador clima de verão — “fresco e delicioso”, como descrevera o *Tribune* — de uma estância de veraneio. E, pouco antes da onda de calor, um jovem escritor britânico em ascensão publicara um acerbo ensaio sobre Chicago. “Tendo-a visto uma vez”, escreveu Rudyard Kipling, “nunca mais quero voltar a vê-la. É habitada por selvagens.”¹¹

Burnham achava Codman incrivelmente jovem, vinte e muitos anos no máximo. Tão jovem assim e já desfrutando da confiança do maior paisagista dos Estados Unidos, devia ser mesmo brilhante. Tinha olhos de obsidiana que pareciam capazes de abrir buracos no aço. Já Olmsted impressionou Burnham por ser um homem franzino, cuja estrutura parecia insuficiente para sustentar um crânio tão avultado. Aquela cabeça, calva na maior parte da superfície e adornada por uma barba branca emaranhada, lembrava uma bola de Natal de marfim repousando num acamado de aparas de madeira. Olmsted parecia exausto de suas viagens, mas os olhos eram grandes, cálidos e brilhantes. Queria começar a trabalhar de imediato. Enfim, para Burnham, ali estava um homem que

compreendia o verdadeiro valor de cada minuto perdido.

Burnham, é claro, estava ciente das realizações de Olmsted: o Central Park em Manhattan, o Prospect Park no Brooklyn, os terrenos de Cornell e Yale e dezenas de outros projetos. Sabia também que, antes de inaugurar o campo da arquitetura paisagística, Olmsted fora escritor e editor e viajara pelo sul antes da guerra para explorar a cultura e a prática da escravidão. Olmsted tinha fama de ser brilhante e de ter uma dedicação incansável ao trabalho — contudo, era conhecido também pela rude sinceridade que vinha à tona, mais previsivelmente, na presença de homens que não compreendiam que o que ele buscava criar não eram canteiros de flores e jardins ornamentais, mas amplos cenários cheios de mistério, de sombras e de áreas pontilhadas de sol.

Olmsted, de sua parte, sabia que Burnham tinha sido uma das principais forças que levaram os edifícios a alcançar as nuvens. Dizia-se que Burnham era o gênio comercial da firma e Root, o artista. Foi com Burnham que Olmsted sentiu mais afinidade. Burnham era decidido, objetivo e cordial; falava com um olhar azul equilibrado que Olmsted achava tranquilizador. Em conversas particulares, Olmsted e Codman decidiram que Burnham era um homem com quem se podia trabalhar.¹²

O tour começou de imediato, mas não foi muito objetivo. Burnham e Root tinham clara preferência por uma localização: o Jackson Park, no lado sul de Chicago, a leste de Englewood e à beira do lago. Por coincidência, Olmsted conhecia aquela área. Vinte anos antes, a pedido de uma comissão do South Park de Chicago, Olmsted tinha estudado tanto o Jackson Park como o Washington Park, a oeste, bem como a grande avenida que ligava os dois, chamada Midway. Nos projetos que havia produzido para os integrantes da comissão, o Jackson Park deixaria de ser um deserto de areia e poças estagnadas para se transformar num parque sem precedentes no país, tendo como elementos principais a água e a canoagem, com canais, lagoas e abrigos ensombrados. Olmsted finalizou essas plantas pouco antes do Grande Incêndio de 1871. Na correria para se reconstruir, Chicago nunca conseguira levar adiante o projeto. O parque tornou-se parte de Chicago durante as anexações de 1889, porém, fora isso, como Olmsted constatou, pouco havia mudado. Ele conhecia bem seus defeitos, seus *muitos* defeitos, mas achava que, dragando e esculpindo aqui e ali, o parque poderia se tornar uma paisagem diferente de qualquer outra que já tivesse sediado uma exposição.

Ele reconhecia que o Jackson Park tinha algo que nenhuma outra cidade do mundo poderia igualar: a vasta planície azul do lago Michigan, o mais gracioso cenário que se poderia desejar para uma feira.

Na terça feira, 12 de agosto, apenas quatro dias após a chegada dele e de Codman a Chicago, Olmsted apresentou um relatório aos diretores da exposição, que, para sua decepção, tornaram o documento público. O relatório de Olmsted era voltado para uma plateia especializada, que tomasse como premissa a aceitabilidade fundamental do Jackson Park e encarasse aquele documento como uma firme orientação para os futuros desafios. Ficou surpreso ao ver que seu conteúdo foi usado por grupos rivais como prova de que o Jackson Park não poderia sediar a feira.

Os diretores lhe pediram um segundo relatório. Olmsted entregou-o na segunda-feira, 18 de agosto, seis dias depois do primeiro. Burnham notou com prazer que Olmsted dera aos diretores talvez um pouco mais do que eles desejavam.

Olmsted não era nenhum estilista literário. Frases se esgueiravam pelo relatório como ipomeias pelas estacas de uma cerca. Sua prosa, porém, revelava a profundidade e sutileza de suas ideias sobre como modificar uma paisagem para produzir um efeito mental.

Antes de qualquer coisa, ele estabelecera certos princípios e repreendera algumas posturas.

Em vez de brigar pelo lugar, defendeu ele, as diferentes facções precisavam reconhecer que todos deveriam trabalhar juntos para que a exposição tivesse êxito, a despeito da localização escolhida pelos diretores. “É desejável, digamos, que se compreenda melhor do que alguns cidadãos parecem compreender que a Feira não é uma feira de Chicago. É uma Feira Mundial, e cabe a Chicago apresentar-se ao mundo como o porta-bandeira escolhido para a vez dos Estados Unidos da América. A cidade não pode se dar ao luxo de escolher qualquer lugar senão o melhor possível para o evento, a despeito dos interesses especiais locais de um bairro ou de outro.”¹³

Todo elemento paisagístico da feira, argumentou ele, deveria ter um “propósito supremo. Em outras palavras, atratividade: a *atratividade* de tudo que possa ser visto como uma parte que contribua modestamente para um grande todo, e os principais elementos desse todo estarão na altíssima série das grandes construções da exposição. Em outras palavras, o terreno, com tudo o que carrega, na frente, no meio e atrás dos prédios — por mais que esteja coberto de grama ou enfeitado de flores, arbustos ou árvores, fontes, estátuas, miscelâneas e objetos de arte —, deve ter *unidade de design* com os edifícios; deve dar origem aos edifícios e derivar deles em questões de luz, sombra e tom”.

É claro que alguns lugares eram mais dotados de riqueza do que outros. Seria mais vantajoso associar a exposição a algumas características de notável beleza natural “do

que com as mais rebuscadas e caras decorações artificiais na forma de jardins, terraços, fontes e estátuas, que a mente do homem é capaz de inventar ou sua mão, de executar”. O que muitas facções na batalha pela feira pareciam ignorar era que Chicago tinha “apenas um objeto distintamente local, que pode ser visto como um objeto de grandiosidade, beleza ou interesse. Trata-se do lago”.

O lago era belo, de textura e coloração sempre inconstantes, porém era também, conforme afirmava Olmsted, uma novidade capaz de amplificar o poder de atração da exposição. Muitos visitantes do interior do país “nunca, até chegarem aqui, terão visto um trecho de água que se estende até o horizonte; nunca terão visto um navio a vela, nem um barco a vapor com metade da tonelagem daqueles que de hora em hora saem e entram no porto de Chicago; e nunca terão visto efeitos de luzes refletidas nem de nuvens que se amontoam no horizonte como os que se desfrutam quase todos os dias de verão na orla lacustre da cidade”.

Em seguida, Olmsted avaliou quatro candidatos específicos: um lugar à beira do lago, acima do Loop; duas áreas mais para dentro, sendo uma delas Garfield Park, no perímetro ocidental da cidade; e, é claro, o Jackson Park.

Embora pessoalmente preferisse a região mais ao norte, ele insistia que o Jackson Park poderia funcionar e “produzir resultados agradáveis e atraentes, como até agora não foram almejados nas feiras mundiais”.

Olmsted descartou de imediato locais mais no interior, por julgá-los planos, monótonos e muito distantes do lago. Ao criticar Garfield Park, mais uma vez manifestou sua irritação com a incapacidade de Chicago escolher um lugar, falha que o irritava em particular, graças às elaboradas bravatas proferidas pelos homens mais proeminentes da cidade durante o lobby no Congresso para conseguir a feira:

“Mas, considerando o que era tão tenazmente empurrado aos holofotes do país com relação ao número e à excelência dos lugares que Chicago tem a oferecer; considerando as vantagens que a feira centenária na Filadélfia teve no cenário vizinho; considerando as vantagens da mesma ordem que a Feira teria se fosse situada no belo vale Rock Creek em Washington, do qual o país está tomando posse para construir um parque; considerando as magníficas paisagens das Palisades e do alto do vale do Hudson, de um lado, e das águas e variadas praias do estreito de Long Island, de outro, visíveis do lugar oferecido para a Feira por Nova York; considerando tudo isso, não podemos deixar de temer que a escolha de um local atrás da cidade, sem nenhum atrativo paisagístico natural, seja uma decepção para o país e sirva de pretexto para uma menção não pouco irônica às alegações de uma extensão interminável de lugares *perfeitos* apresentadas no inverno passado perante o Congresso.”

A ênfase foi dada por Olmsted.

Burnham esperava que esse segundo relatório ao menos forçasse uma decisão. A demora era enlouquecedora, absurda — a ampulheta fora virada havia muito tempo. A diretoria parecia não se dar conta de que Chicago naquele momento corria o risco de se tornar uma vergonha nacional, ou mesmo mundial.

Passaram-se semanas.

No fim de outubro de 1890, o problema do local ainda não tinha sido resolvido. Burnham e Root cuidavam de atender a clientela, que crescia rapidamente. Empreiteiras haviam começado a erguer dois dos mais altos arranha-céus da firma em Chicago, o Women's Christian Temperance Union Temple e o Masonic Fraternity Temple — o edifício mais alto do mundo, com 21 andares. As fundações de ambos estavam quase terminadas e aguardava-se a instalação das pedras angulares. Com o fascínio de Chicago por arquitetura e construções, as cerimônias de instalação das pedras angulares acabaram se tornando eventos extravagantes.

A comemoração do Temperance foi realizada na esquina da rua La Salle com a Monroe, ao lado de um pedaço de granito escuro de New Hampshire que pesava dez toneladas e media aproximadamente dois metros de largura e um de espessura. Ali, Burnham e Root se reuniram com outros dignitários, entre eles a sra. Frances E. Willard, presidente da Union, e Carter Henry Harrison, ex-prefeito que, com quatro mandatos no currículo, tentava se eleger mais uma vez. Quando Harrison apareceu, usando o característico chapéu azul de abas flexíveis e com o bolso inchado de charutos, a multidão lhe urrou boas-vindas, sobretudo os irlandeses e sindicalistas que viam em Harrison um amigo das classes mais baixas da cidade. A presença de Burnham, Root e Harrison ao lado da pedra do Temperance era um tanto irônica. Como prefeito, Harrison guardava algumas caixas de bom bourbon em seu gabinete na prefeitura. A rigorosa classe alta protestante da cidade via nele um sátiro cívico, cuja tolerância com a prostituição, o jogo e o álcool fizera os distritos do vício, mais notavelmente o Levee — lar do infame barman e ladrão Mickey Finn —, alcançarem novos níveis de depravação. Root era um notório *bon-vivant*, que Louis Sullivan certa vez descreveu como “homem do mundo, da carne e, consideravelmente, do diabo”.¹⁴ E Burnham, além de monitorar a travessia mundial do seu Madeira, engarrafava todo ano quatrocentos litros de mercadoria menos fina, mandada por um amigo, e selecionava ele mesmo os vinhos para a adega do Union League Club.

Com grande cerimônia, Burnham entregou a espátula banhada de prata à sra. T. B. Carse, presidente da Associação para a Construção do Templo, cujo sorriso dava a entender que ela nada sabia desses hábitos monstruosos ou que, ao menos no momento,

preferia ignorá-los. Encheu a espátula com um monte de argamassa previamente preparada para a cerimônia, aplicou-a e ajeitou-a no lugar, levando uma testemunha a observar que “deu tapinhas na argamassa como um homem por vezes dá tapinhas na cabeça de um menino de cabelos cacheados”.¹⁵ Depois passou a ferramenta para a imponente sra. Willard, “que segurou a argamassa com mais entusiasmo e acabou sujando um pouco o vestido”.

Root, de acordo com uma testemunha, inclinou-se para os amigos e sugeriu, num murmúrio, que todos saíssem rapidamente dali para ir aos coquetéis.¹⁶

Ali perto, no armazém de distribuição do *Chicago Inter Ocean*, jornal muito lido e respeitado, um jovem imigrante irlandês — e fiel defensor de Carter Harrison — encerrava as tarefas do dia. Seu nome era Patrick Eugene Joseph Prendergast. Comandava um pelotão de ruidosos e indisciplinados jornaleiros, que ele desprezava, e que o desprezavam também, como deixavam claro com suas zombarias e brincadeiras de mau gosto. A ideia de que um dia Prendergast viesse a determinar o destino da Exposição Colombiana Mundial teria parecido ridícula para aqueles meninos, pois, para eles, Prendergast era o ser humano mais desgraçado e lamentável que se poderia imaginar.

Tinha 22 anos, nascido na Irlanda em 1868; a família emigrara para os Estados Unidos em 1871 e em agosto do mesmo ano se mudara para Chicago, a tempo de vivenciar o Grande Incêndio. Ele sempre foi, como dizia a mãe, “um menino tímido e introvertido”. Fez o ensino fundamental no Instituto De La Salle de Chicago. Irmão Adjutor, um de seus professores, disse: “Na escola foi um menino notável, à sua maneira, muito comportado, não participava das brincadeiras dos outros alunos no intervalo. Era mais de ficar parado, sem fazer nada. Pela aparência do menino, eu diria que não estava bem, que estava doente.”¹⁷ O pai de Prendergast conseguiu-lhe emprego como mensageiro de telegramas na Western Union, onde o menino ficou um ano e meio. Quando Prendergast tinha treze anos, o pai morreu, e ele perdeu o único amigo. Por um momento, parecia que se retirara completamente do mundo. Despertou devagar. Começou a ler livros sobre direito e política e a assistir às reuniões do Clube do Imposto Único, que adotava a crença de Henry George de que os proprietários de terras deveriam pagar um imposto, na essência um aluguel, para refletir a verdade fundamental de que a terra pertencia a todos. Nessas reuniões, Prendergast fazia questão de participar de todas as conversas e certa vez precisou ser retirado da sala. Para a mãe, parecia outro homem: lido, animado, participante. Ela afirmou: “Ficou inteligente de uma hora para outra.”¹⁸

Na verdade, sua loucura tinha se arraigado. Quando não estava trabalhando, escrevia cartões-postais, dezenas, talvez centenas deles, para os homens mais poderosos da cidade,

num tom de voz que sugeria que pertencia ao mesmo nível social deles. Escrevia para seu adorado Harrison e para vários outros políticos, como o governador de Illinois. É até possível que Burnham tenha recebido um cartão-postal, devido à sua nova posição de destaque.

Não havia dúvida de que Prendergast era um jovem problemático, mas parecia impossível que fosse perigoso. Para qualquer pessoa que o conhecesse, aparentava ser apenas mais uma pobre alma esmagada pelo barulho e pela sujeira de Chicago. Contudo, o rapaz alimentava grandes esperanças para o futuro, todas elas baseadas em um homem: Carter Henry Harrison.

Mergulhou de cabeça na campanha de Harrison à prefeitura — embora o próprio Harrison desconhecesse esse fato —, mandando cartões-postais para dezenas de pessoas e dizendo a qualquer um que estivesse disposto a ouvir que Harrison, amigo confiável dos irlandeses e dos operários, era o melhor candidato para o cargo.

Ele acreditava que Harrison haveria de recompensá-lo com um emprego quando, enfim, se elegeisse para o quinto mandato de dois anos — de preferência nas eleições iminentes de abril de 1891, mas talvez apenas nas seguintes, de 1893. Era assim que se fazia política em Chicago. Prendergast não tinha dúvida de que Harrison seria eleito e o resgataria das gélidas manhãs e dos venenosos jornaleiros que, por ora, definiam sua vida.

Entre os alienistas mais progressistas, esse tipo de crença infundada era conhecida como alucinação, associada à recém-identificada perturbação chamada paranoia. Felizmente, a maioria das alucinações era inofensiva.

Em 25 de outubro de 1890, com o local da feira ainda não escolhido, notícias preocupantes chegaram da Europa, o primeiro sinal de forças em ação que poderiam ser infinitamente mais prejudiciais à feira do que o impasse dos diretores. O *Chicago Tribune* noticiou que a crescente turbulência dos mercados globais tinha provocado temores em Londres de que uma recessão, talvez mesmo um “pânico” generalizado, estivesse prestes a ocorrer. Esses temores logo começaram a afligir Wall Street. Ações de ferrovias despencaram. O valor das ações da Western Union caiu 5%.

No sábado seguinte, a notícia de um fracasso realmente espantoso balbuciou através do cabo submarino que ligava a Grã-Bretanha aos Estados Unidos.

Em Chicago, antes de a notícia chegar, corretores perderam um bom tempo discutindo o clima estranho daquela manhã. Uma inusitada “turva mortalha” estendia-se sobre a cidade.¹⁹ Corretores brincavam dizendo que a penumbra talvez fosse sinal de que o “dia do juízo” tinha chegado.

As risadas desapareceram com os primeiros telegramas de Londres: Baring Brothers & Co., a poderosa firma de investimentos londrina, corria o risco de fechar. “A notícia”, observou um jornalista do *Tribune*, “era quase inacreditável.” O Banco da Inglaterra e uma associação de financistas apressaram-se a levantar fundos para honrar as obrigações financeiras da Baring. “A corrida para vender ações que veio em seguida foi terrível. Por uma hora, houve verdadeiro pânico.”

Para Burnham e os diretores da exposição, essa onda de danos financeiros era aflitiva. Se de fato assinalava o início de um real e profundo pânico financeiro, o momento em que ocorria era terrível. Para que Chicago cumprisse a vaidosa promessa de superar a exposição de Paris, tanto em tamanho como em público, a cidade precisaria gastar muito mais do que os franceses e atrair muito mais visitantes — e o evento em Paris tinha atraído mais gente do que qualquer outro acontecimento pacífico na história. Em tempos favoráveis, conquistar um público dessa magnitude já seria um desafio; em tempos ruins, seria impossível, sobretudo levando em conta que a localização de Chicago, no interior do país, obrigaria a maioria dos visitantes a viajar em trens noturnos. As ferrovias tinham deixado claro desde o início, e em termos inequívocos, que não planejavam oferecer qualquer desconto nas tarifas para Chicago durante a exposição.

Outros fracassos corporativos ocorreram tanto na Europa como nos Estados Unidos, mas seu verdadeiro significado ainda não estava muito claro — o que, olhando para trás, foi bom.

No meio dessa cada vez mais intensa turbulência financeira, em 30 de outubro a diretoria da exposição designou Burnham chefe de construção, com salário equivalente a 360 mil dólares; Burnham, por sua vez, nomeou Root arquiteto supervisor da feira e Olmsted, arquiteto paisagista supervisor.

Nesse momento, Burnham tinha autorização formal para começar a construir a feira, mas ainda não sabia onde colocá-la.

“Não tenha medo”

À MEDIDA QUE a população de Englewood crescia, as vendas de tônicos na farmácia de Holmes aumentavam. No final de 1886, a loja ia bem e dava lucro. Seus pensamentos estavam voltados para Myrta Z. Belknap, uma mulher que conhecera no começo do ano, durante uma breve passagem por Minneapolis. Era jovem e loura, tinha olhos azuis e porte exuberante, mas o que a colocava acima da simples beleza era a aura de vulnerabilidade e carência que a cercava. Ela se tornou uma obsessão imediata, sua imagem e carência impressas no cérebro dele. Holmes foi a Minneapolis aparentemente a negócios. Não tinha dúvida de que seria bem-sucedido. Achava curioso que as mulheres, em geral, fossem tão maravilhosamente vulneráveis, como se achassem que os códigos de conduta aplicáveis em suas seguras cidadezinhas de origem, como Alva, Clinton e Percy, continuassem valendo quando deixavam para trás suas salas de visita impregnadas de pó e cheirando a querosene e iam viver por conta própria.

A cidade logo lhes dava experiência de vida, porém. Melhor pegá-las no começo de sua ascensão para a liberdade, saindo de lugares pequenos, quando ainda eram anônimas, perdidas, e não havia registro de sua presença em parte alguma. Ele as via todos os dias saltando de trens, bondes e cabriolés, sempre franzindo as sobrancelhas para algum pedaço de papel que supostamente lhes dizia qual era o seu lugar. As madames da cidade entendiam isso muito bem e, sabidamente, iam receber, com promessas de cordialidade e amizade, os trens que chegavam, deixando para mais tarde as notícias de fato importantes. Holmes adorava Chicago, adorava em particular o jeito como a fumaça e o barulho envolviam uma mulher, sem deixar traço algum de que jamais tivesse existido, a não ser, talvez, um finíssimo rastro de perfume em meio ao fedor de esterco, antracito e putrefação.

Para Myrta, Holmes parecia ter vindo de um mundo muito mais excitante do que o seu. Ela morava com os pais e trabalhava numa loja de artigos musicais. Minneapolis era pequena, sonolenta e cheia de agricultores suecos e noruegueses que tinham o charme de um pé de milho. Holmes era bonito, carinhoso e obviamente rico, e vivia em Chicago, a mais temida e magnética das cidades. Já no primeiro encontro ele a tocou; seus olhos traziam uma esperança brilhante, azul. Quando saiu da loja naquele primeiro dia, enquanto partículas de pó enchiam o espaço que ele deixava atrás de si, ela achou a vida insuportavelmente monótona. Um relógio tiquetaqueava. Alguma coisa precisava mudar.

Quando a primeira carta dele chegou, perguntando, com palavras doces, se poderia namorá-la, ela sentiu como se um cobertor áspero tivesse sido tirado de sua vida. A

intervalos de poucas semanas, ele voltava a Minneapolis. Contava-lhe sobre Chicago. Descrevia os arranha-céus, dizendo que a cada ano os edifícios ficavam mais altos. Narrava-lhe histórias agradavelmente chocantes dos currais, explicando como os porcos subiam a Ponte dos Suspiros para uma plataforma alta, onde, presos por correntes às patas traseiras, eram levados, guinchando, por um trilho elevado que conduzia para dentro do núcleo sangrento do matadouro. E histórias românticas: por exemplo, a de Potter Palmer, tão apaixonado pela mulher, Bertha, que lhe dera um hotel de luxo, o Palmer House, como presente de casamento.

O namoro tinha regras. Embora ninguém as registrasse em papel, toda jovem as conhecia e sabia bem quando estavam sendo quebradas. Holmes violava todas — e com tão resoluto despudor que Myrta acreditou que as regras fossem diferentes em Chicago. De início, ficou amedrontada, mas logo descobriu que gostava do calor e do risco. Quando Holmes lhe pediu em casamento, ela aceitou de imediato. Casaram-se em 28 de janeiro de 1887.

Holmes não contou a Myrta que já tinha uma esposa, Clara Lovering, a sra. Herman Webster Mudgett original. Duas semanas depois de se casar com Myrta, submeteu uma petição à Suprema Corte do Condado de Cook, Illinois, para divorciar-se de Lovering. Não foi um gesto bem-intencionado para resolver um problema: ele denunciou Lovering por infidelidade, que era uma acusação destruidora. No entanto, permitiu que a petição perdesse a validade, e o tribunal recusou-se a julgá-la, por “incapacidade de instaurar processo”.

Em Chicago, Myrta logo percebeu que as histórias que Holmes lhe contara sobre a cidade mal tinham capturado seu glamour e sua energia perigosa. Era como um caldeirão de ferro fumegante, com trens por toda parte — estridente, mas também uma prova de que a vida enfim se abria para ela. Em Minneapolis, só havia silêncio e as inevitáveis e desajeitadas súplicas de homens repulsivos em busca de alguém, qualquer pessoa, para compartilhar a agonia de seus dias. De início, o fato de Holmes morar em Englewood, e não no coração de Chicago, foi uma decepção, mas ali também havia uma vibração que ia muito além do que a jovem vivenciava em casa. Ela e o marido se instalaram no apartamento do segundo andar anteriormente ocupado pela sra. Holton. Na primavera de 1888, Myrta estava grávida.

No começo, ela ajudava a tomar conta da farmácia. Gostava de trabalhar com o marido e ficava observando enquanto ele atendia algum freguês. Saboreava sua beleza física, sua calma melancólica, e ansiava pelos momentos em que, no desempenho das tarefas cotidianas, seus corpos se tocavam. Admirava também a graça com que ele conduzia cada negócio e conquistava a preferência até mesmo de fregueses idosos, fiéis à ausente sra. Holton. E sorria, ao menos no início, quando a fila aparentemente

infundável de moças entrava na loja, cada uma insistindo que só uma consulta direta com o dr. Holmes lhes serviria.

Myrta acabou percebendo que, sob a aparência cálida e graciosa do marido, fluía um profundo fluxo de ambição. Ele só era farmacêutico no nome; a rigor, se encaixava mais no ideal predominante do homem que se fizera por conta própria e que, com trabalho pesado e capacidade de invenção, galgara, degrau por degrau, até as camadas mais altas da sociedade. “Ambição foi a maldição da vida do meu marido”, diria Myrta mais tarde. “Ele queria alcançar uma posição em que fosse honrado e respeitado. Queria riqueza.”¹

Ela insistia, porém, em afirmar que a ambição nunca prejudicou seu caráter e jamais o distraiu do papel de marido e, mais tarde, de pai. Jurava que Holmes tinha um coração bondoso. Ele adorava crianças e animais. “Era apaixonado por bichos de estimação e sempre teve cachorro ou gato, e quase sempre cavalo também. Ficava horas brincando com eles, ensinando-lhes pequenos truques ou fazendo travessuras.” Não bebia, não fumava nem jogava. Era afetuoso e impossível de irritar. “Na vida doméstica, duvido que jamais tenha havido homem melhor do que meu marido”, afirmou Myrta. “Nunca disse uma palavra grosseira para mim nem para nossa menininha, nem para minha mãe. Nunca se chateava ou irritava e estava sempre feliz e despreocupado.”

Ainda assim, desde o começo, a tensão dominava o casamento deles. Holmes não expressava nenhuma hostilidade; o calor vinha de Myrta, que logo se cansou de todas aquelas jovens freguesas e da forma como Holmes sorria para elas, tocava-as e mirava aquele olhar azul bem fundo nos olhos delas. A princípio, achava atraente, depois isso se tornou desconfortável, até que enfim passou a deixá-la enciumada e em alerta.

Seu comportamento possessivo não irritou Holmes. Na verdade, ele passou a encará-la como um obstáculo, tal como o capitão de um navio enxerga um iceberg — algo para se acompanhar e evitar. Os negócios iam tão bem, conforme contou a Myrta, que ele precisava da ajuda dela para controlar os livros-caixas. Ela percebeu que perdia cada vez mais tempo no escritório no andar de cima, redigindo cartas e preparando faturas para a farmácia. Escreveu aos pais contando de sua tristeza. No verão de 1888, os pais se mudaram para Wilmette, Illinois, onde viviam numa bela casa de dois andares na John Street, em frente a uma igreja. Solitária, triste e grávida, Myrta foi morar com eles e lá deu à luz uma menina, Lucy.

De repente, Holmes começou a se comportar como um marido zeloso. Os pais de Myrta foram indiferentes a princípio, mas Holmes conquistou a aprovação deles com declarações, olhos cheios d’água e exhibições de adoração à esposa e à filha. Conseguiu o que queria. “Sua presença”, contou Myrta, “era como óleo em água agitada, como mamãe sempre dizia. Ele era tão gentil, cavalheiro e cortês que nos esquecemos de nossas preocupações.”²

Suplicava à mulher que tivesse paciência com suas prolongadas ausências da casa em Wilmette. Havia tanta coisa para fazer em Chicago. Pelo jeito de vestir-se e pelo dinheiro que dava a Myrta, ele sem dúvida parecia um homem em ascensão, e essa impressão ajudava muito a aliviar os receios dos sogros. Myrta e os pais entraram numa rotina marcada por visitas cada vez mais espaçadas do dr. Holmes, mas quando aparecia ele trazia ternura e presentes e prendia a pequena Lucy nos braços.

“Dizem que os bebês sabem julgar melhor as pessoas do que os adultos”, disse Myrta, “e nunca vi um bebê que não fosse com o sr. Holmes e não ficasse feliz com ele. Iam com ele mesmo quando não vinham comigo. Ele gostava extraordinariamente de crianças. Muitas vezes, quando estávamos viajando e havia um bebê no vagão, o sr. Holmes dizia: ‘Vá lá e veja se não nos deixam um pouquinho com ele.’ E quando eu o trazia ele brincava com a criança, esquecendo-se do resto, até a mãe pedi-la de volta ou eu perceber que ela a queria. Geralmente, ele pegava bebês que estavam chorando no colo das mães e quase num piscar de olhos eles caíam no sono, ou começavam a brincar, tão satisfeitos da vida quanto os pequeninos podem ser.”³

Com o rápido progresso de Englewood, Holmes viu uma oportunidade. Desde que havia comprado a farmácia de Holton, ficara interessado no lote vago do outro lado da rua. Depois de algumas perguntas, descobriu que pertencia a uma mulher em Nova York. No verão de 1888, comprou o lote e, já pensando no futuro, registrou a escritura com nome falso, H. S. Campbell. Logo em seguida, começou a tomar notas e a rabiscar desenhos para um prédio que planejava construir no terreno. Não consultou um arquiteto, apesar de um ótimo, um escocês chamado A. A. Frazier, ter escritório no mesmo edifício onde ficava a loja de Holton. Contratar um arquiteto significaria revelar o verdadeiro caráter da construção que de repente se instalara em sua imaginação.

O amplo projeto do prédio e suas funções lhe ocorreram de uma vez, como se os tivesse tirado da gaveta. Queria lojas varejistas no primeiro andar, para gerar renda e permitir-lhe empregar o maior número possível de mulheres. Apartamentos ocupariam o segundo e o terceiro andares. Seu apartamento pessoal e um grande escritório ficariam no canto do segundo andar, de frente para o cruzamento da rua 63 com a Wallace. Esses eram os elementos básicos. Mas os detalhes da construção é que lhe davam mais prazer. Esboçou uma rampa de madeira que desceria de um ponto secreto no segundo andar até o subsolo. Planejava revestir a rampa com graxa. Idealizou um quarto ao lado do escritório equipado com uma câmara grande o suficiente para que se entrasse nela, toda hermeticamente selada e com paredes de ferro cobertas de asbesto. Um bico de gás incrustado numa parede seria controlado do seu closet, assim como outros instalados em

apartamentos por todo o edifício. Haveria um grande porão, com câmaras escondidas, e um subporão para armazenamento permanente de material sigiloso.⁴

Enquanto Holmes sonhava e rabiscava, as características do prédio ficavam mais elaboradas e satisfatórias. Mas aquela era apenas a fase do sonho. Ele mal conseguia imaginar o prazer que lhe encheria os dias quando o prédio estivesse pronto, e mulheres de carne e osso circulassem por ele. Como sempre, o pensamento o excitava.

Sabia que construir o prédio não seria fácil. Planejou uma estratégia que, segundo acreditava, não só afastaria as suspeitas como também reduziria os custos.

Colocou anúncios no jornal à procura de carpinteiros e operários, e não demorou para que trabalhadores com pares de cavalos começassem a escavar o terreno. O buraco que abriram lembrava uma gigantesca sepultura e resumava a mesma friagem rançosa, mas aquilo não era ruim, pois aliviava os operários do calor cada vez mais intenso do verão. Os homens tiveram dificuldade com o solo. Os primeiros centímetros eram fáceis de tratar, porém mais para baixo a terra se tornava arenosa e úmida. As laterais do poço precisaram ser escoradas com madeira. As paredes destilavam água. Um relatório posterior, escrito por um fiscal de construções de Chicago, observou “uma acomodação desigual de fundações, em alguns lugares mais de dez centímetros numa extensão de seis metros”.⁵ Pedreiros fizeram a fundação e puseram as paredes exteriores, enquanto carpinteiros erguiam a estrutura interior. A rua ressoava com o gemido dos serrotes.

Holmes posava de empreiteiro exigente. Quando os operários o procuravam para cobrar os salários, ele os repreendia por fazerem um trabalho ruim e se recusava a pagá-los, ainda que estivesse tudo perfeito. Os homens se demitiam ou eram demitidos. Holmes recrutava outros para substituí-los e tratava os novos operários da mesma maneira. A construção avançava devagar, porém a uma fração do custo apropriado. A alta rotatividade tinha a vantagem adicional de manter um número mínimo de indivíduos que conhecessem os segredos do edifício.⁶ Um operário recebia ordem para executar determinada tarefa — digamos, instalar o bocal de gás dentro da grande câmara —, mas, no contexto de trabalho de cada operário isolado, a tarefa poderia parecer razoável ou, no máximo, apenas excêntrica.

Apesar disso, um pedreiro chamado George Bowman considerou a experiência de trabalhar com Holmes um tanto assustadora. “Não sei o que pensar de Holmes”, revelou Bowman. “Eu trabalhava lá havia apenas dois dias quando ele se aproximou e me perguntou se eu não achava que esse trabalho de pedreiro era muito pesado. Quis saber se eu não gostaria de ganhar dinheiro fazendo uma coisa mais fácil, e, é claro, eu disse que sim. Poucos dias depois, chegou para mim e, apontando para o porão, falou: ‘Está vendo aquele homem lá? É meu cunhado, e ele não morre de amores por mim, nem eu por ele. A coisa mais fácil do mundo seria você deixar uma pedra cair na cabeça daquele

sujeito enquanto estiver trabalhando, e eu lhe daria 50 dólares por isso.”⁷

O que tornou o incidente particularmente aterrador foi a postura de Holmes quando fez a proposta — “mais ou menos a mesma postura que esperaríamos de um amigo ao nos perguntar a coisa mais banal do mundo”, disse o pedreiro.

Não dá para saber se o patrão de fato queria que Bowman matasse o homem. Seria bem compatível com seu caráter se ele primeiro convencesse o “cunhado” a fazer um seguro de vida colocando Holmes como beneficiário. É possível, também, que Holmes estivesse apenas testando Bowman para avaliar até que ponto ele lhe poderia ser útil no futuro. Se foi esse o caso, Bowman não passou no teste. “Fiquei tão apavorado que não soube o que dizer ou fazer”, contou ele, “mas não joguei a pedra e saí dali logo depois.”

No entanto, três homens corresponderam aos padrões de confiabilidade de Holmes. Todos trabalharam para ele durante o período da construção e mantiveram ligação com ele após a conclusão da obra. Um era Charles Chappell, operador de máquinas que vivia perto do hospital do Condado de Cook. Primeiro trabalhou como operário, mas logo mostrou um talento que Holmes achava particularmente valioso. Outro era Patrick Quinlan, que morava na esquina da 47 com a Morgan, em Englewood, e depois se mudou para o prédio de Holmes como zelador. Era um homem pequeno, ansioso, de quase quarenta anos, com cabelos louros e cacheados e bigode castanho-claro.

O terceiro e mais importante era Benjamin Pitezel, carpinteiro, que foi trabalhar com Holmes em novembro de 1889. Ele substituiu um operário chamado Robert Latimer, que se demitira para trabalhar como guarda de estrada de ferro no cruzamento em frente à farmácia de Holmes. De início, Latimer disse que Pitezel tomava conta dos cavalos envolvidos na construção do prédio de Holmes, mas depois o homem passaria a assessorá-lo em tudo.⁸ Os dois pareciam íntimos, ao menos o suficiente para que Holmes fizesse a Pitezel um grande favor envolvendo dinheiro. O carpinteiro foi preso em Indiana por tentar passar cheques falsos. Holmes pagou sua fiança e perdeu o dinheiro quando Pitezel, como planejado, deixou de comparecer ao julgamento.

Pitezel tinha feições suaves e queixo pontudo, bem definido. Seria bonito se não fosse certa magreza faminta e as pálpebras caídas que lhe cobriam a parte de cima da íris. “De modo geral”, disse Holmes, “eu o descreveria como um homem de cerca de um metro e oitenta de altura (ou quase isso), sempre magro de corpo, pesando de 65 a setenta quilos, com cabelos bem escuros e um tanto grossos, muito bastos, sem tendência à calvície. O bigode era de uma cor bem mais clara e acho que com um matiz ruivo, embora eu o tenha visto às vezes pintado de preto, o que lhe dava uma aparência bastante diferente.”⁹

Pitezel sofria de várias doenças: joelhos inflamados de tanto instalar pisos, uma verruga no pescoço que o impedia de usar colarinho duro e tanta dor de dente que a certa altura teve de suspender o trabalho que fazia para Holmes. Apesar de alcoólatra,

era, na avaliação de um médico, homem de “excelente físico”.¹⁰

Era casado com Carrie Canning, de Galva, Illinois, e pai de uma família numerosa que não parava de crescer. Fotografias dos filhos mostram um grupo adorável, embora um tanto sério, que parece pronto para entrar em ação de imediato com vassouras e panos de prato. A primeira filha do casal, Dessie, nascera antes do casamento, coisa inteiramente previsível para os pais de Pitezel. Num último apelo para que o filho tomasse um pouco de juízo, o pai lhe escreveu: “Venha comigo e eu faço o bem é o que diz o Salvador. Você iria? Tirarei de você essa sua natureza perversa, lavarei todas as suas máculas e serei um pai, e você será um filho e um herdeiro.”¹¹ A dor nas palavras do pai era palpável. “Amo você”, escreveu ele, “apesar de ter-se extraviado.”

Alice, a segunda filha, nasceu logo após o casamento. Outra menina e três meninos vieram em seguida, embora um deles tenha morrido de difteria logo depois de nascer. Três filhos — Alice, Nellie e Howard — ficariam tão conhecidos em todo o país que as manchetes de jornal se refeririam a eles apenas pelo primeiro nome, na certeza de que até o leitor mais distante saberia exatamente de quem se tratava.

Pitezel também alcançaria certa fama por causa de Holmes. “Pitezel era sua ferramenta”, contou um promotor de justiça, “sua criatura.”¹²

A obra do prédio de Holmes foi feita aos trancos, e era mais ou menos suspensa a cada inverno, ao fim daquilo que os operários chamavam de “temporada de construção”, embora Holmes tenha lido que arquitetos estavam usando no Loop técnicas que possibilitavam construções o ano todo. Posteriormente, seria dada grande importância ao fato de que Holmes construía seu prédio durante o mesmo período em que Jack, o Estripador, a milhares de quilômetros de distância, começara a matar.

O primeiro assassinato cometido por Jack ocorreu em 31 de agosto de 1888, e o último na noite de 9 de novembro do mesmo ano, quando conheceu uma prostituta chamada Mary Kelly e a acompanhou até os aposentos dela. Ele cortou-lhe a garganta num golpe que quase desprendeu a cabeça da coluna vertebral. Nas horas seguintes, seguro entre quatro paredes, ele lhe arrancou os seios e os colocou numa mesa junto com o nariz. Abriu-a da garganta ao púbis, esfolou-lhe as coxas, removeu os órgãos internos e os amontoou entre os pés dela. Deceitou uma das mãos e a enfiou no abdome aberto. Kelly estava grávida de três meses.

De uma hora para outra os assassinatos pararam, como se o encontro com Mary Kelly tivesse enfim saciado o assassino. Cinco vítimas confirmadas, apenas cinco, e Jack, o Estripador, se tornou para sempre a encarnação do mal absoluto.

Todos os moradores de Chicago que sabiam ler devoravam essas notícias do exterior,

mas nenhum deles tão intensamente quanto o dr. H. H. Holmes.

Em 29 de junho de 1889, quando o prédio de Holmes estava quase completo, Chicago anexou Englewood, e logo depois uma nova delegacia de polícia, a décima, segunda divisão, foi instalada na rua 63 com a Wentworth, a sete quadras da farmácia de Holmes. Não demorou para que policiais sob o comando do capitão Horace Elliott começassem a passar pela loja em suas rondas regulares e, como mandava o costume, parassem para bater papo com o jovem e agradável proprietário.¹³ Periodicamente, os policiais atravessavam a rua para observar a construção do novo prédio. Englewood já contava com uma boa quantidade de edifícios substanciais, como a Associação Cristã de Moços, a Escola Normal do Condado de Cook, que preparava professores, e a suntuosa Timmerman Opera House, na época quase terminada, na rua 63 com a Stewart, mas o vilarejo ainda tinha muitos terrenos vagos, e qualquer edifício que ocupasse uma quadra inteira era bom assunto para conversa.

A obra levou mais um ano, com o costumeiro hiato de inverno. Em maio de 1890, a construção estava quase toda pronta. O segundo andar tinha seis corredores, 35 salas e 51 portas; o terceiro, mais 36 salas. No primeiro andar havia espaço para cinco lojas de varejo, e a melhor delas era uma de esquina, grande e atraente, bem no cruzamento da rua 63 com a Wallace.

Um mês depois de se mudar para o prédio, Holmes vendeu a antiga farmácia de Holton e assegurou ao comprador que ele teria pouca concorrência.

Para o desconsolo do sujeito, Holmes imediatamente abriu uma nova farmácia do outro lado da rua, na própria loja de esquina.¹⁴

Ele instalou vários outros negócios nos demais comércios do primeiro andar, incluindo uma barbearia e um restaurante. Nas listas da cidade, também constavam no endereço de Holmes o consultório de um médico chamado Henry D. Mann — possivelmente um pseudônimo dele — e a sede da Warner Glass Bending Company, que Holmes fundou com o claro objetivo de entrar no novo ramo da produção e preparação das grandes chapas de vidro, em súbita e crescente demanda.¹⁵

Holmes equipou as lojas com móveis e instalações comprados a crédito. Não tinha intenção de pagar suas dívidas e estava certo de que escaparia de qualquer ação usando de astúcia e charme. Quando os credores apareciam querendo ver o proprietário, Holmes encaminhava-os, muito solícito, para o fictício H. S. Campbell.

“Era o homem mais tranquilo que já vi”, disse C. E. Davis, contratado por Holmes para cuidar do balcão de joias da farmácia. Credores, segundo Davis, “chegavam aqui furiosos, chamando-o de todos os nomes imagináveis, então ele sorria e puxava assunto,

preparava charutos e bebidas e os despachava, como se tivessem se tornado amigos para o resto da vida. Nunca o vi com raiva. Ninguém conseguiria irritá-lo, por mais que tentasse”.¹⁶

Davis apontou para a loja. “Se todas as ordens judiciais de penhora de propriedade já impostas a esse edifício fossem coladas naquelas três paredes, a quadra ficaria parecendo um gigantesco cartaz de circo. Entretanto, nunca ouvi falar de uma ordem que tenha sido quitada. Holmes me dizia que pagava um advogado para livrá-lo dos problemas, mas sempre achei que fosse a canalhice polida e audaciosa do sujeito que o tirava de qualquer dificuldade. Um dia ele comprou alguns móveis para o restaurante e os trouxe para cá, e na mesma tarde o comerciante veio cobrar a conta ou levar os móveis de volta. Holmes preparou as bebidas, levou o homem para jantar, comprou-lhe um charuto e o homem saiu dando gargalhadas de uma piada de Holmes, que prometeu procurá-lo na semana seguinte para lhe pagar. Trinta minutos depois que o sujeito entrou no carro, Holmes mandou virem carroças para levar os móveis, e o comerciante nunca viu um centavo do dinheiro. Holmes tampouco foi para a cadeia. Era o único homem nos Estados Unidos capaz de fazer o que fez.”

Ele tinha o dinheiro para pagar suas dívidas. Pelos cálculos de Davis, Holmes ganhou 200 mil dólares com a farmácia e outros negócios, a maioria fraudulentos. Tentou, por exemplo, vender a investidores uma máquina que transformava água em gás natural. Secretamente, ligou seu protótipo às redes de gás da cidade.

Era sempre encantador e cordial, contudo havia momentos em que nem mesmo esses traços conseguiam acalmar seus parceiros comerciais. Um farmacêutico chamado Erickson lembrava-se de que Holmes ia frequentemente à sua loja comprar clorofórmio, anestésico poderoso mas imprevisível, em uso desde a Guerra de Secessão. “Havia ocasiões em que eu lhe vendia a droga nove ou dez vezes por semana, sempre em grandes quantidades. Em vários momentos lhe perguntei para que o usava, porém suas respostas eram insatisfatórias. Até que um dia me recusei a vender mais, a não ser que me dissesse, fingindo temer que ele não estivesse usando de maneira adequada.”¹⁷

Holmes disse a Erickson que usava o clorofórmio em experiências científicas. Posteriormente, quando Holmes voltou para adquirir mais, Erickson lhe perguntou como iam as experiências.

Holmes respondeu, com um olhar vazio, que não estava fazendo experiência nenhuma.

“Nunca consegui entendê-lo”, contou Erickson.



De vez em quando, uma mulher chamada Strowers ia lavar roupa para Holmes. Um

dia ele propôs pagar-lhe 6 mil dólares se ela fizesse um seguro de vida de 10 mil dólares e o nomeasse beneficiário. Ela quis saber o motivo daquela proposta, e Holmes explicou que, quando ela morresse, ele teria um lucro de 4 mil dólares, mas, até lá, ela poderia gastar os 6 mil dólares como bem entendesse.

Para a sra. Strowers, aquilo era uma fortuna, e ela só precisava assinar alguns documentos. Holmes lhe garantiu que tudo era perfeitamente legal.

A mulher tinha boa saúde e esperava viver ainda muito tempo. Já estava quase aceitando a proposta quando ele lhe disse, com uma voz tranquila: “Não tenha medo de mim.”¹⁸

Isso a deixou aterrorizada.

Em novembro de 1890, Holmes soube, com o resto da população de Chicago, que os diretores da Exposição Colombiana Mundial finalmente tinham decidido onde construir a feira. Leu com grande satisfação que o local principal seria o Jackson Park, a leste de seu prédio, no trecho da rua 63 que dava para o lago, com exposições também no centro de Chicago, no Washington Park e ao longo de toda a avenida Midway.

Holmes conhecia os parques de seus passeios de bicicleta. Como a maioria dos americanos, fora contaminado pela febre das bicicletas, deflagrada pelo advento da bicicleta “segura”, com rodas do mesmo tamanho e mecanismo de corrente e roda dentada. Ao contrário da maioria dos americanos, porém, Holmes tentava também lucrar com a nova mania comprando bicicletas a crédito e revendendo-as sem jamais quitar a dívida inicial.¹⁹ Ele mesmo tinha uma Pope.

A decisão da companhia da exposição fez crescer uma onda de cobiça em toda a zona sul de Chicago. Um anúncio no *Tribune* oferecia uma casa de seis quartos à venda na esquina da rua 41 com a avenida Ellis, mais ou menos um quilômetro e meio ao norte do Jackson Park, alardeando que durante a feira o novo proprietário poderia alugar quatro dos seis quartos a quase mil dólares por mês (cerca de 30 mil dólares em dinheiro do século XXI).²⁰ O prédio e o terreno de Holmes já eram valorizados graças ao contínuo crescimento de Englewood, mas naquele momento sua propriedade parecia o equivalente a um veio de ouro.

Ocorreu-lhe uma ideia de como garimpar esse ouro e ao mesmo tempo satisfazer suas outras necessidades. Pôs um novo anúncio à procura de mais peões de obra e novamente pediu ajuda a seus leais parceiros, Chappell, Quinlan e Pitezell.

Peregrinação

NO COMEÇO DA noite de segunda-feira, 15 de dezembro de 1890, dia digno de nota em Chicago por seu calor extraordinário e, longe de lá, pela morte a tiros do chefe indígena Touro Sentado, Daniel Burnham embarcou em um trem para Nova York e para o que, como ele sabia, seria o encontro mais crucial em toda a odisseia da exposição.

O arquiteto entrou num vagão verde-claro, um dos vagões Palace de George Pullman, onde o ar pairava com a imobilidade de uma tapeçaria pesada. Uma campainha tocou e continuou a tocar em ritmo oscilante quando o trem avançou pelo coração da cidade a trinta quilômetros por hora, apesar de haver bondes a cabo, carruagens e pedestres em volta. Todo mundo na rua parava para ver o trem cambaleando, atravessando as cancelas e abanando uma cauda de fumaça branca e preta, como um guaxinim. A composição passou pela Union Stock Yards, duplamente fétida no estranho calor do dia, e contornou serras de carvão negro cobertas pela neve suja, que já derretia. Burnham amava a beleza, porém não viu nada belo em quilômetros e mais quilômetros de estrada, só carvão, ferrugem e fumaça numa sequência interminável, até que o trem alcançou a pradaria e tudo pareceu sossegar. A escuridão baixou, produzindo um falso crepúsculo de neve antiga.

A decisão dos diretores quanto ao local da feira tinha provocado uma aceleração dos acontecimentos, encorajadora mas também inquietante, pois de repente tudo parecia mais real, e sua verdadeira magnitude, mais intimidadora. Imediatamente os diretores haviam encomendado uma planta geral da feira, a ser submetida no prazo de 24 horas.¹ John Root, orientado por Burnham e Olmsted, fizera um desenho numa folha de papel pardo de quase quatro metros quadrados, que os homens entregaram ao comitê com um cáustico aparte lembrando que os projetistas da exposição de Paris dispuseram de um ano inteiro para pensar, planejar e desenhar antes de chegarem ao mesmo ponto. O desenho previa uma área plana de mais de dois quilômetros quadrados à beira do lago, transformada por dragas num mundo de fantasia de lagoas e canais. Os projetistas estavam cientes de que a exposição teria centenas de prédios, incluindo um para cada estado da união e para muitos países e indústrias, mas naquele desenho esboçaram apenas os mais importantes, entre os quais cinco imensos palácios situados em torno de um grande pátio central. Também deixaram espaço para uma torre a ser construída numa extremidade do pátio, embora ninguém soubesse exatamente quem a construiria ou que aparência teria, apenas que deveria superar a Torre Eiffel em todos os sentidos. Os diretores e seus supervisores federais, a comissão nacional, aprovaram a planta com

uma rapidez incomum.

Para pessoas de fora, era o tamanho da exposição que a fazia parecer um desafio tão impossível. Que os terrenos da feira seriam vastos e seus prédios, colossais, todo morador de Chicago já sabia; o desconcertante era que alguém pudesse esperar construir a maior coisa já feita em solo americano, bem maior que a ponte do Brooklyn, feita por Roebling, em tão pouco tempo. Burnham sabia, porém, que o tamanho do evento era apenas um dos elementos do desafio. O tosco traçado da feira apresentado na planta ocultava um bilhão de obstáculos menores, que o público e a maior parte dos próprios diretores da exposição nem sequer sonhavam que existia. Burnham teria de construir uma ferrovia dentro da feira para transportar aço, pedra e madeira para cada canteiro de obras. Teria de administrar a entrega de suprimentos, produtos, correspondências e de todas as peças para exposição enviadas por intermédio de empresas de transporte transcontinental, com destaque para a Adams Express Company. Ele precisaria também de força policial, corpo de bombeiros, hospital e serviço de ambulância. E haveria cavalos, milhares de cavalos — alguma providência deveria ser tomada com relação às toneladas de esterco produzidas diariamente.

Logo depois que a planta desenhada na folha de papel pardo foi aprovada, Burnham pediu que lhe fosse conferida autoridade para construir “de imediato alojamentos de madeira baratos no Jackson Park para mim e minha equipe”,² onde ele viveria quase continuamente pelos três anos seguintes. Esse alojamento em pouco tempo ficou conhecido como “o barracão”, embora dispusesse de uma grande lareira e uma excelente adega de vinhos estocada pelo próprio Burnham. Com uma capacidade de percepção que o colocava à frente de sua época, Burnham reconhecia que os mínimos detalhes influenciariam a opinião pública sobre a feira. Sua vigilância estendia-se até mesmo ao desenho do selo oficial da feira. “Pode ser que não lhe ocorra quanto essa questão do Selo é importante”, escreveu numa carta de 8 de dezembro de 1890 para George R. Davis, o diretor-geral da feira e sua principal autoridade política. “Ele será amplamente divulgado em outros países e é uma dessas coisas triviais pelas quais as pessoas hão de julgar o padrão artístico da Feira.”³

Porém isso tudo não passava de distrações em comparação com a mais importante tarefa da lista de Burnham: a seleção de arquitetos para projetar os principais edifícios da feira.

Ele e John Root tinham pensado em projetar tudo sozinhos, e na verdade seus colegas de profissão, enciumados, também contavam com isso. Harriet Monroe, cunhada de Root, lembrou-se de uma noite em que ele chegou em casa “injurado” porque um arquiteto que considerava amigo “tinha, aparentemente, se recusado a reconhecer o sr. Burnham quando os dois se encontraram num clube”.⁴ Root resmungou: “Ele deve

pensar que vamos ficar com tudo!” Decidiu que, para preservar sua credibilidade como arquiteto-supervisor — função na qual teria por obrigação supervisionar o trabalho dos outros arquitetos da exposição —, não projetaria nenhum dos prédios por conta própria.

Burnham sabia exatamente quem desejava contratar, porém não tinha tanta noção de quanto sua seleção se revelaria incendiária. Queria os melhores arquitetos que os Estados Unidos podiam oferecer, não apenas pelo talento, mas também porque a adesão deles acabaria na mesma hora com a persistente crença, no leste do país, de que Chicago realizaria apenas uma feira interiorana.

Em dezembro, embora não tivesse autorização oficial para tanto, Burnham sondou secretamente cinco homens pelo correio, segundo ele “sentindo-me seguro de que alcançaria meu objetivo”.⁵ E, de fato, logo depois o comitê de terrenos e edificações da feira o autorizou a convidar os homens para participar da exposição. Não há dúvida de que estavam entre os melhores arquitetos que os Estados Unidos haviam produzido, mas, dos cinco, três eram da terra das “feras sujas”: George B. Post, Charles McKim e Richard M. Hunt, o mais venerável arquiteto do país. Os outros eram Robert Peabody, de Boston, e Henry van Brunt, de Kansas City.

Nenhum deles era de Chicago, muito embora a cidade se orgulhasse de seus pioneiros na arquitetura: Sullivan, Adler, Jenney, Beman, Cobb e os outros. De alguma forma, apesar da habilidade de enxergar adiante, Burnham foi incapaz de perceber que Chicago poderia enxergar suas escolhas como um ato de traição.



O que preocupava Burnham no momento, enquanto viajava em seu compartimento Pullman, era o fato de que apenas um de seus candidatos, Van Brunt, de Kansas City, o respondera com algum entusiasmo. Os outros manifestaram somente uma morna disposição para uma conversa quando Burnham chegasse a Nova York.

Burnham tinha pedido a Olmsted que fosse com ele à reunião, ciente de que em Nova York a reputação do arquiteto paisagista exercia uma força semelhante à da gravidade, mas Olmsted não pôde se ausentar. Burnham então se via diante da perspectiva de se reunir sozinho com aqueles arquitetos lendários — um deles, Hunt, também homem de lendária irascibilidade.

Por que mostravam tão pouco entusiasmo? Como reagiriam a suas tentativas de persuasão? E, se eles recusassem e a recusa viesse a público, como ficaria?

A paisagem do lado de fora lhe dava pouco consolo. Enquanto o trem avançava rugindo por Indiana, acabou mergulhando em uma frente fria. A temperatura despencou. Fortes rajadas de vento golpeavam o trem, e nuvens fantasmagóricas de gelo seguiram-no a noite toda.

Havia uma coisa que Burnham não sabia. Logo depois de receber sua carta, os arquitetos do leste, Hunt, Post, Peabody e McKim, tinham feito uma reunião entre si no escritório de McKim, Mead e White, em Nova York, para discutir se a feira seria algo mais do que uma exposição de gados superalimentados. Durante a reunião, Hunt — o arquiteto que Burnham estava mais esperançoso de recrutar — anunciou que não participaria. George Post convenceu-o a pelo menos ouvir o que Burnham tinha a dizer, argumentando que se Hunt se retirasse os outros se sentiriam pressionados a fazer o mesmo, tal era sua influência.

McKim iniciara a reunião discorrendo prolixamente sobre a feira e suas possibilidades. Hunt o interrompeu: “McKim, danem-se os seus preâmbulos. Vamos aos fatos!”⁶

Em Nova York o vento soprou forte e violento durante toda a semana. No Hudson, o gelo interrompeu a navegação precocemente pela primeira vez desde 1880. Durante o café da manhã no hotel, na quinta-feira, Burnham leu com preocupação a notícia da falência do S. A. Kean & Co., banco privado de Chicago. Era mais um sinal do pânico que se avizinhava.

Burnham reuniu-se com os arquitetos do leste na noite de segunda-feira, 22 de dezembro, no Players Club, para jantar. Todos tinham as bochechas vermelhas de frio. Trocaram apertos de mão: Hunt, McKim, Post e Peabody — este viera de Boston para o encontro. Ali estavam eles, reunidos em torno de uma mesa, os principais expoentes no país daquilo que Goethe e Schelling chamavam de “música congelada”. Todos ricos e no auge da carreira, mas trazendo também as marcas da vida no século XIX, com um histórico cheio de vagões ferroviários destroçados, febres e mortes prematuras de entes queridos. Usavam ternos escuros e firmes colarinhos brancos. Todos tinham bigode, alguns escuros, outros grisalhos. Post era enorme, o maior de todos os homens da sala. Hunt era impetuoso, uma carranca de terno, com uma clientela que incluía a maior parte das famílias mais ricas dos Estados Unidos. Uma em cada duas mansões de Newport, em Rhode Island, e ao longo da Quinta Avenida, em Nova York, pareciam ter sido projetadas por ele, que também construía a base da Estátua da Liberdade e fora um dos fundadores do Instituto Americano de Arquitetos. Todos tinham um ou mais elementos em comum em suas trajetórias profissionais. Hunt, McKim e Peabody estudaram na

École des Beaux Arts em Paris; Van Brunt e Post foram alunos de Hunt; Van Brunt foi mentor de Peabody. Para Burnham, com suas tentativas fracassadas de ingressar em Harvard e Yale e a falta de estudos formais em arquitetura, sentar-se para jantar com aqueles homens era como ser um penetra numa festa do Dia de Ação de Graças.

Os homens foram cordiais. Burnham descreveu-lhes sua visão de uma feira maior e mais grandiosa do que a exposição de Paris. Salientou a participação de Olmsted. Tanto Olmsted como Hunt trabalharam com empenho no solar de George Washington Vanderbilt, Biltmore, perto de Asheville, Carolina do Norte, e juntos tinham construído o mausoléu da família Vanderbilt. Mas Hunt tinha dúvidas e não se intimidou em manifestá-las. Por que ele e os outros deveriam interromper suas agendas de trabalho já lotadas para erguer construções temporárias numa cidade distante onde teriam pouco controle sobre o produto final?

O ceticismo deles chocou Burnham. Estava acostumado à impetuosa energia de Chicago. Desejou que Olmsted e Root estivessem ali: Olmsted para se contrapor a Hunt; Root por seu humor, e porque todos os outros arquitetos o conheciam graças à sua função de secretário do Instituto Americano de Arquitetos. Geralmente, era em situações como aquela que Burnham funcionava melhor. “Para si mesmo, e na verdade para quase todo o mundo em geral, ele estava sempre certo”, escreveu Harriet Monroe, “e, sabendo disso com tanta segurança, construiu o absoluto poder de personalidade que realizava grandes façanhas.”⁷ Mas naquela noite ele se sentia pouco à vontade, um menino de coro entre cardeais.

Argumentou que a feira de Chicago, ao contrário de qualquer outra anterior, seria em essência um monumento à arquitetura. Despertaria o país para o poder que a arquitetura tinha de produzir beleza a partir da pedra e do aço. Só os planos de Olmsted já fariam da exposição um acontecimento único, com lagoas, canais e vastos gramados contrastando com a estepe azul-cobalto do lago Michigan. Em termos de espaço para exposição, explicou-lhes, a feira seria pelo menos um terço maior do que o terreno alocado pelos franceses em Paris. Não era apenas um sonho, afirmou. Chicago havia decidido transformar essa exposição em realidade, com a mesma determinação que fizera da cidade a segunda maior dos Estados Unidos. E, acrescentou, Chicago tinha dinheiro.

As perguntas dos arquitetos tornaram-se um pouco menos provocadoras e mais práticas. Que tipos de construções ele visualizava, e em que estilo? A questão da Torre Eiffel veio à tona: o que Chicago faria para igualá-la? Nesse assunto em particular, Burnham não tinha qualquer plano senão o de superar Eiffel de alguma forma. Secretamente, decepcionava-o o fato de que os engenheiros dos Estados Unidos ainda não haviam apresentado um projeto inédito, embora viável, para ofuscar a façanha parisiense.

Os arquitetos temiam que qualquer um que resolvesse participar se visse enredado na trama de inumeráveis comitês. Burnham garantiu-lhes total independência artística. Eles quiseram saber, em detalhes, o que Olmsted achava dos lugares escolhidos para a feira, em particular o ponto central chamado Wooded Island. A insistência deles levou Burnham a passar um telegrama urgente para Olmsted e pedir-lhe, mais uma vez, que viesse. Novamente Olmsted relutou.

Uma dúvida se manifestou repetidas vezes durante a noite: daria tempo?

Burnham garantiu-lhes que havia tempo suficiente, mas que não tinha ilusões. Os trabalhos deveriam começar imediatamente.

Achou que os tivesse convencido. No fim da noite, ele perguntou se aceitariam participar.

Houve uma pausa.



Burnham deixou Nova York de manhã no North Shore Limited. Durante todo o dia, o trem avançou por uma paisagem polida pela neve, enquanto a nevasca embranquecia o país numa faixa que ia do Atlântico a Minnesota. A tempestade destruiu prédios, quebrou árvores e matou um homem em Barbeton, Ohio, porém não deteve o Limited.

A bordo do trem, Burnham escreveu uma carta para Olmsted na qual fazia uma descrição não muito precisa da reunião com os arquitetos. “Todos aprovaram a proposta de cuidar da parte artística dos prédios principais... O leiaute geral parece ter recebido aprovação entusiástica, primeiro do sr. Hunt, depois dos outros, mas eles queriam saber qual era a sua opinião sobre a paisagem e a ilha. Por isso telegrafei para que viesse urgentemente. Ficaram muito desapontados, assim como eu, quando viram que seria impossível contar com sua presença. Esses senhores estarão todos aqui no dia 10 do próximo mês e nessa ocasião insistem, como eu também o faço, que você esteja aqui pessoalmente. Acho que o sr. Hunt em particular dá muita importância à sua opinião sobre o quadro geral.”⁸

Na verdade, a noite tinha terminado de forma bem diferente. No Player’s Club, tragos de conhaque e exalações de fumaça tinham impregnado a última e difícil pausa. O sonho tinha seu apelo, nisso os arquitetos estavam de acordo, e ninguém duvidava da sinceridade de Chicago quando imaginava essa cidade fantasiosa de lagoas e palácios, mas a realidade era totalmente outra. A única certeza real era a perturbação que seria causada pelas longas viagens e pelas incontáveis dificuldades inerentes à construção de uma estrutura tão complexa longe de casa. Peabody comprometeu-se com a feira, contudo Hunt e os outros, não: “Disseram”, como Burnham revelaria mais tarde, “que iam pensar.”⁹

Entretanto, concordaram em ir à reunião de 10 de janeiro em Chicago para trocar ideias novamente e examinar a área escolhida.

Nenhum dos arquitetos conhecia o Jackson Park. Em estado bruto, como Burnham bem o sabia, não era um cenário muito propício a conquistar o coração de ninguém. Dessa vez, Olmsted precisava estar presente. Até lá, Root também teria de estar envolvido. Os arquitetos respeitavam-no, mas desconfiavam de seus poderes de arquiteto-supervisor. Era fundamental que ele fosse a Nova York.

Lá fora o céu era monótono, e a luz, cinza-prateada. Apesar dos vestíbulos do Pullman, gelo fino como pó acumulava-se entre as poltronas e impregnava o trem de Burnham com o cheiro penetrante do inverno extremo. Árvores que o vento derrubara apareciam à margem dos trilhos.

Chegando a Chicago, Daniel Burnham encontrou os arquitetos da cidade e os membros da diretoria da exposição indignados por ele ter ido a outra cidade — logo Nova York, entre tantos malditos lugares — cortejar arquitetos para a feira e ter esnobado gente como Adler, Sullivan e Jenney. Sullivan via naquilo um sinal de que Burnham no fundo não acreditava que Chicago tivesse talento para realizar a feira por conta própria. “Burnham achou que a melhor maneira de servir o país era entregar todo o trabalho exclusivamente aos arquitetos do leste”, escreveu, “somente, justificou, por causa da insuperável cultura deles.”¹⁰ O diretor do comitê de terrenos e edificações era Edward T. Jefferey. “Com apurada delicadeza e tato”, contou Sullivan, “Jefferey, numa reunião do comitê, convenceu Daniel a ter juízo e acrescentar os homens do oeste à sua lista de indicações.”

Às pressas, Root e Burnham trocaram ideias e escolheram cinco firmas de Chicago para participar da tarefa, entre elas Adler & Sullivan. Burnham visitou cada uma no dia seguinte. Quatro das cinco deixaram de lado suas mágoas e aceitaram de imediato. Somente a Adler & Sullivan resistiu. Adler estava melindrado. “Acho que ele gostaria de estar na minha posição”, disse Burnham. “Muito decepcionado, respondeu que ‘não sabia’.”¹¹

Mas Adler acabaria aceitando o convite de Burnham.

Chegara a vez de Root ir a Nova York. Precisava ir de qualquer maneira, para assistir a uma reunião dos diretores do Instituto Americano de Arquitetos, e planejava tomar em seguida o trem para Atlanta e inspecionar um dos edifícios da firma. Pouco antes de

viajar, na tarde do dia de ano-novo de 1891, Root estava em seu escritório no Rookery quando um empregado passou para falar com ele. “Ele disse que estava cansado”, lembrou-se o homem, “e pensava em renunciar ao cargo de secretário do instituto. Era um comentário inquietante, pois ninguém jamais o ouviu reclamar de excesso de trabalho. E, embora fosse apenas sinal de extremo cansaço físico e antes de ir para casa ele já tivesse voltado a se animar e a encher-se de esperança, foi significativo, à luz dos acontecimentos que se seguiram.”¹²

Em Nova York, Root assegurou aos arquitetos, repetidas vezes, que nada faria para interferir em seus projetos. Apesar do charme — o *Chicago Inter Ocean* certa vez o chamara de “outro Chauncey M. Depew em graça e humor pós-prandial” —, não conseguiu entusiasamá-los e partiu para Atlanta sentindo o mesmo desapontamento que Burnham sentira duas semanas antes. Sua viagem para o sul não ajudou muito a animá-lo. Harriet Monroe viu-o quando retornou a Chicago. Estava deprimido, contou ela, “pela atitude dos homens do leste, que lhe pareceram singularmente apáticos, totalmente incapazes de acreditar que qualquer associação de homens de negócios do oeste daria carta branca à arte da maneira que ele anunciara. O sonho era extravagante demais para se concretizar, e eles estavam muito relutantes em se comprometer com sua realização, contra os empecilhos e impedimentos, as interferências maiores e menores, que eles tinham certeza que haveria”.¹³

Root estava cansado e desanimado. Revelou a Monroe que não conseguira despertar o interesse dos homens. “Ele achava que era a maior oportunidade jamais oferecida à sua profissão neste país e não conseguiu fazê-los compreender”, disse ela. Os arquitetos de fato planejavam ir a Chicago para a reunião de janeiro, segundo Root, “mas com relutância; não estavam interessados”.¹⁴

Em 5 de janeiro de 1891, o comitê de terrenos e edificações autorizou Burnham a oferecer comissões formais aos dez arquitetos e pagar a cada um 10 mil dólares (equivalente hoje a 300 mil dólares). Era uma remuneração generosa, levando em conta que tudo o que Burnham queria que fizessem era fornecer plantas e ir algumas vezes a Chicago. Burnham e Root tomariam conta da construção dos prédios e dos pormenores mesquinhos que costumavam apoquentar a vida de um arquiteto. Não haveria interferência artística.

Os homens do leste aceitaram provisoriamente, mas seus receios não foram aplacados.

E ainda nem tinham visto o Jackson Park.

Um hotel para a feira

A NOVA IDEIA de Holmes era transformar seu edifício num hotel para visitantes da Exposição Colombiana Mundial — nenhum Palmer House ou Richelieu, certamente, mas bem confortável e barato para atrair certo tipo de clientela, e convincente o bastante para justificar uma grande apólice contra incêndios. Depois da feira, sua intenção era incendiar o prédio para receber o seguro e, como feliz dividendo, destruir qualquer “material” que restasse nas câmaras de armazenagem ocultas, embora o ideal, levando em conta outras opções de descarte ao seu dispor, fosse que o edifício, àquela altura, não contivesse nada de natureza incriminatória. O problema é que nunca se sabe. Num momento mais transcendente, era fácil cometer um erro e esquecer uma coisinha qualquer que um detetive esperto pudesse acabar usando a fim de mandá-lo para a forca. Se a polícia de Chicago dispunha desse tipo de talento era questionável. A Agência Nacional de Detetives Pinkerton era a entidade mais perigosa, porém seus detetives ultimamente pareciam gastar a maior parte de suas energias combatendo grevistas nas minas de carvão e nas siderúrgicas do país.

De novo atuando como arquiteto, Holmes começou, no início de 1891, a planejar as modificações necessárias, e não demorou para que carpinteiros estivessem trabalhando no segundo e no terceiro andares. Mais uma vez, o método empregado por ele, de separar tarefas e despedir operários, dava resultado. Estava claro que nenhum dos operários havia procurado a polícia. Patrulheiros da nova delegacia de Chicago na Wentworth passavam pelo prédio de Holmes todos os dias. Longe de suspeitarem de alguma coisa, os policiais tornaram-se amistosos, até protetores. Holmes conhecia todos pelo nome. Uma xícara de café, um almoço de graça em seu restaurante, um ótimo charuto escuro — policiais davam o maior valor a esses gestos de afinidade e simpatia.

Holmes começava, porém, a sentir a pressão dos credores, em particular de comerciantes de móveis e bicicletas. Ainda conseguia seduzi-los e se mostrar solidário com a incapacidade que tinham de localizar o escorregadio titular da escritura, H. S. Campbell, mas Holmes sabia que não demorariam a perder a paciência e, na verdade, até se espantava de não o perseguirem com mais vigor do que vinham fazendo. Suas técnicas eram novas demais, suas habilidades, boas demais, e os homens à sua volta, ingênuos demais, como se nunca tivessem deparado com uma impostura. Para cada loja que se recusasse a lhe vender seus produtos, havia uma dezena de outras que o adulavam e aceitavam suas promissórias endossadas por H. S. Campbell ou avalizadas pelos ativos da Warner Glass Bending Company. Quando pressionado, sentindo que determinado credor

estava prestes a tomar medidas legais, ou mesmo a recorrer à violência, Holmes pagava as contas com dinheiro gerado por seus próprios negócios, como a renda dos aluguéis dos apartamentos e lojas, das vendas da farmácia e os lucros de seu mais novo empreendimento, uma empresa de venda de remédios pelo correio. Numa caricatura do império em rápida expansão de Aaron Montgomery Ward no centro de Chicago, Holmes começara a vender remédios falsos que, conforme ele garantia, curavam o alcoolismo e a calvície.¹

Estava sempre aberto a novas oportunidades financeiras, mas naquele momento mais ainda, pois sabia que, por mais habilidade que tivesse na redução dos custos de mão de obra, alguma coisa ele teria de pagar pela transformação do prédio. Quando o tio-avô de Myrta, Jonathan Belknap, de Big Foot Prairie, Illinois, apareceu em Wilmette para uma visita, Holmes teve a impressão de que essa dificuldade de repente seria resolvida. Embora não fosse rico, Belknap era um homem abonado.²

Holmes começou a aparecer com mais frequência na casa em Wilmette. Levava brinquedos para Lucy e joias para Myrta e sua mãe. Enchia a casa de amor.



Belknap não conhecia Holmes, mas sabia tudo sobre seu problemático casamento e estava predisposto a antipatizar com o jovem médico. No primeiro encontro, achou Holmes afável e confiante demais para um homem tão jovem. Espantou-se, porém, de ver que Myrta parecia enfeitiçada quando o marido estava por perto e que até mesmo a mãe dela — sobrinha de Belknap, em virtude de casamento — ficava animada na presença de Holmes. Depois de vários encontros, Belknap começou a compreender por que Myrta era tão apaixonada pelo sujeito. Era bonito e asseado, vestia-se e falava bem, com belas frases. Tinha um olhar azul e franco. Nas conversas, ouvia com uma intensidade quase alarmante, como se Belknap fosse o homem mais fascinante do mundo, e não apenas um tio velho que viera de Big Foot Prairie para uma visita.

Belknap ainda não gostava de Holmes, mas achou sua franqueza tão irresistível que cedeu quando ele lhe pediu que avalizasse uma promissória de 2.500 dólares para ajudar a cobrir os custos de uma nova casa em Wilmette para ele e a mulher. Holmes agradeceu-lhe calorosamente. Uma nova casa, longe dos pais de Myrta, talvez fosse tudo de que o casal precisava para acabar com suas crescentes desavenças. Holmes prometeu devolver o dinheiro logo que seus negócios permitissem.

Voltou para Englewood e na mesma hora forjou a assinatura de Belknap numa segunda promissória de mesmo valor, com a intenção de usar os ganhos em seu hotel.³

Na visita seguinte a Wilmette, convidou Belknap para ir a Englewood conhecer seu prédio e o lugar recém-escolhido para a Exposição Colombiana Mundial.

Embora tivesse lido bastante sobre a feira mundial e desejasse ver sua futura localização, Belknap não gostava muito da ideia de passar um dia inteiro com Holmes. O sujeito era encantador e agradável, porém havia nele alguma coisa que incomodava Belknap. Não saberia dizer bem o que era. Na verdade, pelas próximas décadas, alienistas e sucessores seriam pressionados a descrever com exatidão o que havia em homens como Holmes que os fazia parecer afetuosos e insinuantes, mas ao mesmo tempo emitir uma vaga impressão de que lhes faltava um importante elemento de humanidade. Inicialmente os alienistas descreveram essa condição como “insanidade moral”, e os que exibiam esse distúrbio como “imbecis morais”. Só mais tarde adotaram o termo “psicopata”, usado na imprensa leiga já em 1885, no *Pall Mall Gazette*, de William Stead, que a chamou de “nova enfermidade” e declarou: “Além de sua própria pessoa e de seus próprios interesses, nada é sagrado para o psicopata.”⁴ Meio século depois, em seu livro pioneiro *The Mask of Sanity*, o dr. Hervey Cleckley descreveu o prototípico psicopata como “uma máquina de reflexo condicionada de modo sutil que é capaz de imitar perfeitamente a personalidade humana... Tão perfeita é sua reprodução de um homem completo e normal que ninguém que o examine num ambiente clínico pode mostrar, em termos científicos ou objetivos, por que ou como ele não é real”.⁵ As pessoas que apresentavam essa forma pura do distúrbio ficariam conhecidas, no jargão da psiquiatria, como psicopatas “Cleckley”.⁶

Quando Belknap recusou a proposta, Holmes pareceu desintegrar-se de mágoa e desapontamento. A excursão era necessária, insistiu Holmes, nem que fosse apenas para reforçar sua própria noção de honra e para demonstrar a Belknap que ele era de fato um homem de recursos e que a promissória de Belknap era o investimento mais seguro que se poderia fazer. Myrta também parecia abatida.

Belknap cedeu. Na viagem de trem para Englewood, Holmes mostrou-lhe os locais mais famosos: os arranha-céus da cidade, o rio Chicago, os currais. Belknap achou o mau cheiro esmagador, mas Holmes parecia nem notar. Os dois saltaram do trem na estação de Englewood.

A cidade fervilhava. Trens passavam, rugindo, a intervalos de poucos minutos. Bondes puxados a cavalo seguiam para leste e oeste pela rua 63, em meio ao intenso tráfego de carruagens e carroças. Para onde Belknap olhasse havia prédios sendo erguidos. Logo o nível de construções cresceria ainda mais, pois os empresários se preparavam para ganhar dinheiro com as multidões de visitantes da exposição. Holmes falou dos próprios planos. Levou Belknap para conhecer a farmácia, com balcões de mármore e vasilhas de vidro cheias de soluções de todas as cores, e depois o conduziu ao segundo andar, onde o apresentou ao zelador do prédio, Patrick Quinlan. Holmes percorreu com Belknap os muitos corredores e descreveu como ficaria o lugar quando se transformasse num hotel.

Belknap achou o edifício escuro e estranho, com passagens que tomavam direções inesperadas.

Holmes perguntou se Belknap gostaria de ver o telhado e a construção em andamento. Belknap recusou o convite, alegando, falsamente, que era velho demais para subir tantas escadas.

Holmes prometeu vistas emocionantes de Englewood, talvez até mesmo do Jackson Park ao longe, no leste, onde os prédios da feira logo começariam a ser erguidos. Novamente Belknap resistiu, dessa vez com mais vigor.

Holmes tentou outra abordagem. Convidou Belknap a passar a noite no edifício. De início, Belknap também recusou essa proposta, mas achando que talvez tivesse sido rude demais ao evitar o telhado acabou concordando.

Quando anoiteceu, Holmes levou Belknap até um quarto no segundo andar. Lâmpioes a gás tinham sido instalados a intervalos irregulares ao longo do corredor, deixando trechos escuros cujas bordas tremiam quando Belknap e Holmes passavam. O cômodo era mobiliado e confortável o suficiente, com vista para a rua, ainda tranquilizadamente movimentada. Até onde Belknap podia perceber, ele e Holmes eram os únicos ocupantes do prédio àquela altura. “Quando fui me deitar”, disse Belknap, “tive o cuidado de trancar a porta.”⁷

Logo os ruídos da rua diminuíram, restando apenas o estrondear dos trens e o plique-ploque oco de um ou outro cavalo. Belknap teve dificuldade para dormir. Fitava o teto banhado da luz inconstante dos postes debaixo de sua janela. As horas passaram. “De repente”, contou Belknap, “percebi que tentaram abrir a porta, depois enfiaram uma chave na fechadura.”⁸

Belknap perguntou quem era. O ruído cessou. Ele prendeu a respiração para escutar melhor e ouviu o barulho de passos no corredor. Tinha certeza de que primeiro havia dois homens junto à porta, mas agora um deles tinha ido embora. Perguntou novamente. Dessa vez, uma voz respondeu. Belknap reconheceu Patrick Quinlan, o zelador.

Quinlan queria entrar.

“Recusei-me a abrir a porta”, disse Belknap. “Ele insistiu durante algum tempo e depois foi embora.”⁹

Belknap passou o resto da noite acordado.

Logo após o incidente, descobriu a falsificação de Holmes. O médico pediu desculpas, alegando severo aperto financeiro, e foi tão convincente, chegando a se humilhar, que até Belknap cedeu, embora sua desconfiança persistisse. Bem mais tarde, ele entendeu por que Holmes fizera tanta questão de lhe mostrar o telhado do prédio. “Se eu tivesse ido”, afirmou Belknap, “a fraude provavelmente nunca teria sido descoberta, porque eu não estaria aqui para descobrir.”

“Mas não fui”, acrescentou. “Tenho medo de altura.”¹⁰

Enquanto os carpinteiros e estucadores trabalhavam no prédio, Holmes dedicou sua atenção à criação de um acessório importante. Rabiscou alguns projetos, baseando-se talvez em observações de equipamentos semelhantes, e decidiu-se por uma configuração que a seu ver poderia funcionar: uma grande caixa retangular de tijolo refratário, com aproximadamente dois metros e meio de profundidade, um metro de altura e um de largura, inserida numa segunda caixa do mesmo material, com o espaço entre as duas aquecido pelas chamas de uma fornalha. A caixa de dentro serviria como um forno comprido. Embora nunca tivesse construído um forno, Holmes supunha que seu projeto fosse capaz de produzir calor suficiente para incinerar qualquer coisa. Era de grande importância que o forno também eliminasse qualquer cheiro emanado pela caixa interna.

Ele planejava instalar o forno no porão e contratou um pedreiro chamado Joseph E. Berkler para fazer o serviço.¹¹ Disse-lhe que pretendia usar o forno na produção de vidros laminados para sua Warner Glass Bending Company. Por instrução de Holmes, Berkler adicionou alguns componentes de ferro. O pedreiro trabalhava rápido, e logo o forno ficou pronto para o primeiro teste.

Holmes acendeu a fornalha. Produziu-se um chiado satisfatório. Uma onda de calor irradiou-se da câmara para as paredes mais distantes do porão. O cheiro de óleo queimado impregnou o ar.

Mas o teste foi decepcionante. A caixa não gerava o calor que Holmes esperava. Ele ajustou a fornalha e tentou outra vez, porém o resultado foi apenas ligeiramente melhor.

Consultou uma lista de endereços da cidade à procura de uma empresa de fornalhas e marcou uma visita com um homem tarimbado, identificando-se como fundador da Warner Glass. Se, por alguma razão, os empregados da empresa de fornalhas resolvessem verificar se a Warner Glass de fato existia, bastava-lhes consultar a lista de endereços de Englewood do ano de 1890 para encontrá-la ali, com Holmes listado como proprietário.

O gerente da empresa — seu nome nunca foi divulgado — decidiu cuidar do assunto pessoalmente e foi falar com Holmes em seu edifício.¹² Deparou com um jovem bonito, quase delicado, que transmitia confiança e prosperidade. Tinha extraordinários olhos azuis. Seu prédio era um pouco sinistro, a construção, obviamente abaixo dos padrões das outras instaladas por todos os lugares da rua 63, mas era bem localizado, numa comunidade que vivia, sem dúvida, uma fase de prosperidade. Para um homem tão jovem, ser dono de uma quadra quase inteira já era uma façanha e tanto.

O gerente acompanhou Holmes ao seu escritório no segundo andar e ali, na agradável

brisa que entrava pelas janelas de esquina, examinou os projetos do forno de Holmes, que explicou que não conseguia obter “a quantidade de calor necessária”.¹³ O administrador pediu para ver o equipamento.

Não era preciso, disse Holmes. Não queria incomodar o gerente, apenas lhe pedir conselhos, pelos quais lhe pagaria um preço apropriado.

O homem insistiu que não poderia fazer nada sem examinar o forno.

Holmes sorriu. Tudo bem. Se o gerente não se importasse em gastar um tempinho extra, seria um prazer mostrar-lhe.

Conduziu o visitante escada abaixo, até o primeiro andar, e, de lá, descendo outro lance, mais sombrio, levou-o ao porão.

Entraram numa grande caverna retangular que se estendia por todo o comprimento da quadra, interrompida apenas por vigas e pilares. Nas sombras havia tanques e barris, e montes de um material escuro, possivelmente terra. Uma mesa longa e estreita, com topo de aço debaixo de uma série de lâmpadas apagadas e, nas proximidades, duas malas de couro desgastadas. A adega tinha a aparência de uma mina e o cheiro de uma sala de cirurgia.

O especialista examinou o forno. Viu que continha uma câmara interna de tijolo refratário construída de um jeito que não deixava as chamas atingirem o interior e percebeu o engenhoso detalhe das duas aberturas no topo da caixa interna, por onde os gases da caixa fluiriam para as chamas em volta e seriam consumidos. Era um projeto interessante, capaz de funcionar, embora lhe parecesse que a forma do forno não era apropriada para o trabalho de transformar vidros. A caixa de dentro era pequena demais para comportar as largas vidraças que começavam a aparecer nas fachadas da cidade. Fora isso, não percebeu nada inusitado e não viu nenhuma dificuldade em melhorar o funcionamento da peça.

Voltou com uma equipe. Os homens instalaram uma fornalha mais potente que, quando acesa, aquecia o forno a uma temperatura de 1.650 graus. Holmes parecia satisfeito.

Só mais tarde o homem das fornalhas reconheceu que a forma peculiar daquele forno e o extremo calor que gerava tornavam-no ideal para outra aplicação bem diferente. “Na verdade”, disse ele, “a planta geral do forno não diferia do de um crematório de cadáveres, e com a precaução já descrita a fornalha não emanaria absolutamente nenhum odor.”¹⁴

Mas isso também foi depois.



As ausências de Holmes da casa em Wilmette voltaram a se estender, embora, em

intervalos regulares, ele mandasse para Myrta e a filha dinheiro suficiente para lhes assegurar conforto. Chegou até a fazer um seguro de vida para a menina, pois, afinal, crianças eram seres frágeis e podiam ser levadas do mundo num piscar de olhos.

Seus negócios iam bem. A empresa de vendas pelo correio gerava uma renda surpreendente, e ele começou a procurar um jeito de aproveitar a última tendência na medicina, uma cura para o alcoolismo inventada por um médico chamado Keeley, em Dwight, Illinois. A farmácia da esquina ia bem e dava lucro, apesar de uma mulher do bairro ter observado que ele parecia encontrar dificuldade em manter as jovens, sempre atraentes, que contratava como funcionárias. Ela achava que essas atendedoras tinham o infeliz hábito de desaparecer sem aviso prévio, por vezes até largando seus objetos pessoais nos quartos que ocupavam no segundo andar.¹⁵ Para ela esse comportamento era um sinal perturbador da crescente falta de objetivo da juventude.

O empenho para transformar o edifício de Holmes em hotel avançava lentamente, com as costumeiras crises de rancor e protelação. Holmes delegou a seus três ajudantes, Quinlan, Chappell e Pitezal, a tarefa de encontrar operários substitutos. Eles pareciam não ter nenhuma dificuldade para preencher as vagas que se abriam. Milhares de operários demitidos em outras cidades vinham para Chicago na esperança de conseguir emprego na construção da feira e ao chegar descobriam que muitos outros haviam tido a mesma ideia, criando, com isso, um vasto contingente de mão de obra disponível — para qualquer trabalho e por qualquer preço.

Holmes voltou sua atenção para outras distrações mais agradáveis. O destino trouxera duas novas mulheres para sua vida, uma delas de quase um metro e oitenta de altura, dona de um corpo arrebatador, e a outra, a cunhada desta, uma adorável jovem de cabelos negros e deliciosos olhos escuros.

O fato de a mulher alta vir equipada com marido e uma filha tornava a situação infinitamente mais atraente.

A paisagem de desgosto

OS ARQUITETOS DO leste deixaram Nova Jersey às 16h50 de 8 de janeiro de 1891, no vagão 5, seção 6, do North Shore Limited, que Hunt reservara para viajarem juntos.¹ Olmsted chegara de Boston na noite anterior e se juntara ao grupo.

Foi um momento memorável: um trem deslumbrante que oscilava através da paisagem de inverno transportando cinco dos maiores arquitetos da história, todos no mesmo vagão, confabulando, contando piadas, bebendo, fumando. Olmsted aproveitou a oportunidade para descrever, minuciosamente, o Jackson Park e a experiência de lidar com as muitas camadas de comitês da exposição que, por enquanto, pareciam ter muito poder. Respeitava Burnham por sua sinceridade, sua franqueza e o ar de liderança que transpirava, e com certeza foi o que disse aos outros arquitetos. Também não há dúvida de que gastou muito tempo explicando sua própria concepção da paisagem da exposição, sobretudo sua crença de que a Wooded Island deveria permanecer livre de construções patentemente artificiais.

Duas horas antes de o trem chegar a Chicago, durante uma breve parada, McKim recebeu um telegrama informando-o de que sua mãe, Sarah McKim, morrera de repente, em casa, aos 78 anos.² Os dois eram muito próximos. Ele se separou do grupo e tomou o trem de volta.

Os arquitetos chegaram a Chicago no fim da noite de sexta-feira, 9 de janeiro, e embarcaram em carruagens para o hotel Wellington, onde Burnham lhes reservara acomodações. Van Brunt, recém-chegado de Kansas City, juntou-se aos demais. Na manhã seguinte, todos seguiram de carruagem para o Jackson Park. Root, ausente, deveria voltar de Atlanta naquele dia.

A viagem até o parque durou mais ou menos uma hora. “Era um daqueles dias frios de inverno”, recordou-se Burnham. “O céu estava coberto de nuvens, e o lago, de espuma.”³

No parque os arquitetos saltaram das carruagens soprando baforadas de vapor no ar frígido. O vento trazia partículas de areia que lhes picavam as bochechas e os obrigavam a proteger os olhos. Eles cambalearam pelo chão congelado, Hunt tremendo de gota, praguejando, duvidando; Olmsted, os dentes inflamados, a noite uma aflição de insônia, mancando em consequência do antigo acidente de carruagem.

O lago, cinza, escurecia numa faixa negra perto do horizonte. As únicas cores das redondezas eram o rubor do frio nas bochechas de todos, e o azul dos olhos de Burnham e Olmsted.

O paisagista observava as reações dos outros homens. De vez em quando ele e Burnham trocavam olhares.

Os arquitetos estavam atordoados: “Eles olhavam com um sentimento de quase desespero”, contou Burnham.⁴

O Jackson Park era uma área de mais de dois quilômetros quadrados de desolação, na maior parte desprovida de árvores, salvo uns trechos com espécies variadas de carvalho — carvalho macrocarpa, carvalho-dos-pântanos, carvalho-preto e carvalho-vermelho — que emergiam de uma vegetação rasteira bastante intrincada de sabugueiros, ameixeiras silvestres e salgueiros. Nas partes mais expostas, havia apenas areia, com tufo de grama marinha e de pradaria. Um escritor chamou o parque de “remoto e repulsivo”;⁵ outro, de um “ermo arenoso de terra não tratada e deserta”.⁶ O lugar era feio, um cenário de último recurso. O próprio Olmsted dissera o seguinte sobre o Jackson Park: “Se tivesse sido feita uma pesquisa em busca do terreno menos apropriado para um parque num raio de quilômetros da cidade, nada que correspondesse melhor a esse critério poderia ser encontrado.”⁷

Na verdade, a área era ainda pior do que parecia. Muitos carvalhos estavam mortos. Por causa do inverno, ficava difícil distinguir os mortos dos vivos. Outros estavam com o sistema de raízes muito danificado. Sondagens mostraram que o solo dentro do parque consistia numa camada superior de terra preta, com cerca de trinta centímetros de espessura, seguida de sessenta centímetros de areia, e depois mais de três metros de areia tão saturada de água que, como escreveu Burnham, “se tornava quase areia movediça e geralmente recebia esse nome”.⁸ Os homens de Chicago compreendiam os desafios representados por aquele solo; os de Nova York, acostumados ao leito de rocha firme, não.

O defeito mais grave do parque, ao menos do ponto de vista de Olmsted, era que a cada ano a orla estava sujeita a drásticas mudanças no nível do lago, que às vezes chegavam a 1,20 metro.⁹ Essas flutuações, reconhecia Olmsted, tornavam muito mais difícil cultivar plantas perto da água. Se o nível da água baixasse, visitantes da feira seriam submetidos a uma ofensiva faixa de terra à beira do lago. Se subisse demais, a água cobriria e mataria as plantas.

Os arquitetos voltaram para suas carruagens. Rumaram para o lago, pelas estradas ruins do parque, à velocidade de um cortejo fúnebre e em estado de espírito semelhante. Burnham escreveu: “Um sentimento de desânimo, misturado com frustração, tomou conta daqueles que pela primeira vez perceberam a extensão e a magnitude da tarefa proposta e avaliaram as inexoráveis condições e limitações de tempo para executar o trabalho... Vinte e um meses depois viria o dia fixado pela Lei do Congresso para a consagração dos prédios, e no curto período de 27 meses e meio, ou em 1º de maio de

1893, todo o trabalho de construção deveria estar concluído, a paisagem, melhorada, e as exposições, instaladas.”¹⁰

Junto ao lago, mais uma vez saltaram das carruagens. Peabody, de Boston, subiu num píer. Virou-se para Burnham e disse:

— Está nos dizendo que vocês pensam mesmo em abrir uma feira aqui em 1893?¹¹

— Sim — respondeu Burnham. — É o que pretendemos.

— Não dá para fazer. — retrucou Peabody.

Burnham fitou-o:

— Já está resolvido.

Mas nem ele compreendia, ou poderia compreender, o que vinha pela frente.

Root voltou para Chicago enquanto os arquitetos estavam no Jackson Park. Era seu 41º aniversário. Foi direto da estação ferroviária para o Rookery. “Chegou ao escritório de bom humor”, disse Harriet Monroe, “e naquele mesmo dia recebeu a encomenda de um grande edifício comercial.”¹²

Contudo, naquela tarde o desenhista Paul Starrett encontrou Root “com aparência de doente” num dos elevadores do Rookery.¹³ O bom humor tinha sumido. Voltou a queixar-se de cansaço.

Os arquitetos voltaram do passeio desencorajados e desgostosos. Reuniram-se outra vez na biblioteca da firma, onde Root, subitamente revitalizado, juntou-se a eles. Ele foi agradável, divertido, cordial. Burnham sabia que, se houvesse alguém no mundo capaz de convencer aqueles homens e despertar sua paixão, esse alguém era Root. O sócio convidou os forasteiros a irem à sua residência, em Astor Place, no dia seguinte, domingo, para o chá da tarde, e enfim foi embora para casa, rever os filhos e a mulher, Dora, que segundo Harriet Monroe estava de cama, “doente, quase para morrer”¹⁴ de um aborto recente.

Root conversou com Dora sobre seu cansaço e sugeriu que no verão seguinte dessem uma escapada para descansar em algum lugar. Os últimos meses tinham sido repletos de frustrações e longas noites de trabalho e viagem. Estava exausto. A viagem ao sul não contribuía em nada para aliviar o estresse. Não via a hora de chegar o fim de semana, 15 de janeiro, para que os arquitetos terminassem sua conferência e fossem embora.

“Depois do dia 15”, disse à mulher, “não devo continuar assim tão ocupado.”¹⁵

Os arquitetos do leste e de Chicago voltaram a reunir-se aquela noite no University Club para um jantar em sua homenagem oferecido pelo comitê de terrenos e edificações da feira. Root estava cansado demais para comparecer. O jantar era, sem dúvida, uma arma destinada a despertar o entusiasmo e mostrar aos homens do leste que Chicago pretendia fazer valer as grandiosas promessas que alardeara sobre a exposição. Foi o primeiro de uma sequência de banquetes absurdamente ricos e fartos, cujos cardápios faziam as pessoas se questionarem se seria possível que os homens mais notáveis da cidade tivessem alguma artéria ainda funcionando.

Na chegada, os homens foram interceptados por repórteres. Os arquitetos conduziram-se com gentileza, mas não abriram a boca.

Seus lugares eram numa grande mesa em forma de T, com Lyman Gage, presidente da exposição, no centro da mesa principal, Hunt à sua direita, Olmsted à esquerda. Buquês de cravos e de rosas vermelhas e cor-de-rosa transformavam as mesas em canteiros de flores. Havia uma *boutonnière* ao lado de cada prato. Todos usavam smoking. Não havia mulheres à vista.

Exatamente às oito horas da noite, Gage pegou Hunt e Olmsted pelo braço e conduziu a fila da sala de recepção do clube para a sala de banquete.

Ostras.

Uma ou duas taças de *Montrachet*

Consommé de tartaruga-verde

Amontillado

Sável grelhado à la Maréchal

Pepinos. Batatas à la Duchesse

Filé-mignon à la Rossini

Chateau Lafite e Rinnart Brut

Fonds d'Artichaut Farcis

Pommery Sec

Sorbet au Kirsh

Cigarros

Galinholas com torradas

Salada de aspargos

Gelados: Canton Ginger

Queijos: Pont l’Eveque; Roquefort. Café. Licores

Madeira, 1815

Charutos¹⁶

Gage foi o primeiro a falar. Fez um discurso estimulante sobre o esplendor da futura exposição e a necessidade de os grandes homens que ali estavam, na sala de banquetes, pensarem primeiro na feira e por último neles próprios, afirmando que só com a subordinação do ego a exposição teria chance de ser bem-sucedida. Os aplausos foram calorosos e entusiásticos.

Burnham falou em seguida. Descreveu sua própria visão da feira e a determinação de Chicago para torná-la real. Também incitou o trabalho de equipe e sacrifício pessoal. “Senhores”, disse, “1893 será a terceira maior data da história do nosso país. Nas outras duas, 1776 e 1861, todo verdadeiro americano serviu, por isso eu agora lhes peço que sirvam novamente!”¹⁷

Dessa vez a sala irrompeu em aplausos. “Naquela noite, os homens saíram da sala de banquetes unidos como soldados numa campanha”, narrou Burnham.¹⁸

Mas foram os cidadãos de Chicago que cuidaram da marcha. Na casa de Root, no dia seguinte, Harriet Monroe conheceu os arquitetos do leste e ficou abalada. “Conversando com eles espantei-me com sua atitude de indiferença e descrença”, contou ela. “Não dava para esperar muitos efeitos bonitos em edifícios tão grandes e tão miseravelmente construídos; o nível de monotonia das superfícies terrestres de Chicago tornava praticamente impossível fazer combinações eficazes; o tempo de preparação e construção era curto demais: essas e outras críticas indicavam um sentimento geral de menosprezo.”¹⁹

Quando terminou o chá, Root levou os visitantes até suas carruagens. Estava escuro e terrivelmente frio. Um vento cortante atravessava Astor Place. Foi muito comentado,

mais tarde, o fato de que Root, em traje formal, saiu na noite gélida sem pôr um sobretudo.

Ponto de fuga

DEPOIS DE ANOS pulando de cidade em cidade e de emprego em emprego, um jovem joalheiro chamado Icilius Conner — ele preferia o apelido “Ned” — mudou-se para Chicago com a mulher, Julia, e a filha de oito anos, Pearl, e logo descobriu que a cidade era, de fato, uma terra de oportunidades.¹ No início de 1891, Ned viu-se tomando conta de um balcão de joalheria que ocupava uma parede de uma próspera farmácia na zona sul da cidade, na esquina da rua 63 com a Wallace. Ao menos uma vez na vida adulta de Ned, o futuro parecia promissor.

O proprietário da farmácia, apesar de muito jovem, era próspero e dinâmico, um homem de sua época, e parecia destinado a alcançar sucesso ainda maior, pois a Exposição Colombiana Mundial seria construída a uma pequena distância de bonde, no fim da rua 63. Dizia-se também que uma nova ferrovia elevada — apelidada de Alley L porque seus suportes passavam por cima dos becos da cidade — se estenderia para leste, ao longo da mesma rua, diretamente até o Jackson Park, oferecendo aos visitantes outro meio de chegar à futura feira. O trânsito na rua já tinha sofrido um aumento brusco, com cidadãos passando de carruagem todos os dias para ver o lugar escolhido. Não que houvesse muita coisa para ver. Ned e Julia tinham achado o parque um lugar feio e desolado, com montes de areia e carvalhos semimortos, apesar de Pearl ter adorado tentar pescar girinos nas poças d’água. Parecia impossível que algo maravilhoso surgisse naquele terreno, porém Ned, como a maioria dos novos visitantes de Chicago, estava disposto a admitir que a cidade era um lugar diferente de tudo que já tinha visto. Se havia alguma cidade capaz de fazer valer as bazófias que circulavam, era Chicago. O novo patrão de Ned, o dr. H. H. Holmes, parecia o exemplo perfeito daquilo que todos chamavam de “espírito de Chicago”. Ser tão jovem e já possuir um prédio que ocupava um quarteirão inteiro seria inacreditável em qualquer outro lugar por onde Ned passara. Ali parecia um feito normal.

Os Conner moravam num apartamento no segundo andar do edifício, perto da suíte do próprio dr. Holmes. O lugar não era dos mais claros e mais alegres, contudo era acolhedor e perto do trabalho. Além disso, Holmes ofereceu-se para empregar Julia como atendente na farmácia e treiná-la para cuidar da contabilidade. Mais tarde, quando Gertrude, irmã de Ned, de dezoito anos, se mudou para Chicago, Holmes propôs contratá-la também, para tomar conta de sua nova empresa de venda de remédios pelo correio. Com três salários, a família talvez não demorasse a ter condições de adquirir casa própria, quem sabe numa das largas ruas macadamizadas de Englewood. Com certeza

poderiam comprar bicicletas e ir ao teatro Timmerman, na mesma rua.

Mas havia uma coisa que incomodava Ned. Holmes parecia excessivamente atencioso com Gertie e Julia. Em certo sentido, era natural, e Ned já estava até acostumado, pois as duas eram belíssimas — Gertie, magra e morena, Julia, alta e muito bem-proporcionada. Estava claro para Ned — aliás, desde o primeiro momento — que Holmes gostava de mulheres, e que as mulheres gostavam dele. A farmácia parecia atrair jovens adoráveis. Quando Ned tentava ajudá-las, elas ficavam distantes e desinteressadas. Seus modos mudavam notoriamente se Holmes entrasse na loja.

Homem de aparência comum, Ned naquele momento parecia estar em segundo plano, um espectador de sua própria vida. Só a filha, Pearl, era atenciosa com ele, como sempre. Ned ficava observando, alarmado, enquanto Holmes lisonjeava Gertie e Julia com sorrisos, presentes e elogios melosos — especialmente Gertie —, e as mulheres coravam de alegria. Quando Holmes as deixava, ficavam abatidas, ao mesmo tempo sensíveis e irritadas.

Mais desconcertante ainda era a mudança de comportamento dos fregueses com relação ao próprio Ned. Não era o que diziam, mas o que os olhares transmitiam, qualquer coisa parecida com comiseração, ou mesmo piedade.



Certa noite durante esse período, Holmes pediu um favor a Ned. Levou-o até a grande câmara subterrânea, entrou e pediu que fechasse a porta e escutasse o grito que ele daria. “Fechei a porta e encostei o ouvido na fenda”, lembrou-se Ned, “mas tudo o que ouvi foi um som muito fraco.”² O rapaz abriu a porta, e Holmes saiu. Em seguida, este pediu a Ned que entrasse e tentasse gritar, para verificar se escaparia algum barulho. Ned concordou, porém saiu no instante em que Holmes voltou a abrir a porta. “Não gostei nada daquele negócio”, disse ele.

Por que alguém poderia querer uma câmara subterrânea à prova de som foi uma pergunta que, aparentemente, não lhe ocorreu.



Para a polícia, os sinais de advertência foram de outro tipo — cartas de pais, visitas de detetives contratados por eles —, mas tudo se perdia no caos. Desaparecimentos ao que tudo indicava eram um passatempo em Chicago. Em todas as partes da cidade havia desaparecidos demais para que se pudesse investigar direito, e forças demais impedindo a identificação de padrões. Muitos patrulheiros eram pouco qualificados, designados apenas por ordem de chefes distritais. Detetives eram raros, e seus recursos e habilidades,

mínimos. A classe social lhes obscurecia a visão. Desaparecidos comuns — moças polonesas, rapazes de curral, operários italianos, mulheres negras — mereciam pouco esforço. Só o desaparecimento de almas endinheiradas provocava uma reação vigorosa, e mesmo nesses casos não havia muita coisa que os detetives pudessem fazer, além de mandar telegramas para outras cidades e checar periodicamente no necrotério a coleção diária de homens, mulheres e crianças não identificados. A certa altura, metade da força de investigação da cidade estava envolvida em casos de desaparecimentos, levando o chefe da unidade central de detetives da cidade a anunciar que pensava em criar uma agência separada, “um departamento de desaparecimentos misteriosos”.³

Mulheres e homens sumiam na mesma proporção. Fannie Moore, uma jovem visitante de Memphis, não retornou à casa de pensão onde estava hospedada e nunca mais foi vista.⁴ J. W. Highleyman um dia saiu para trabalhar, pegou um trem suburbano e desapareceu, nas palavras do *Tribune*, “tão completamente como se tivesse sido engolido pela terra”.⁵ Supunha-se que as mulheres haviam sido raptadas, os homens, assaltados, os corpos, jogados nas águas túrgidas do rio Chicago ou nos becos da rua Halsted, no distrito de Levee e no desagradável trecho da rua Clark entre a rua Polk e a Taylor conhecido entre policiais veteranos como Cheyenne.⁶ Os corpos encontrados iam para o necrotério; se ninguém os reclamasse, seguiam para o anfiteatro de dissecação na Faculdade de Medicina da Universidade Rush ou talvez para o hospital do Condado de Cook, e dali até o laboratório de articulações para a delicada tarefa de extirpar carne e tecido conjuntivo dos ossos e do crânio, lavar com água sanitária e remontá-los para serem usados futuramente por médicos ou irem parar no acervo de museus de anatomia e colecionadores de singularidades científicas. Os cabelos eram vendidos para a fabricação de perucas, e as roupas, doadas para centros de serviços comunitários.

Assim como a Union Stock Yards, Chicago não desperdiçava nada.

Sozinho

OS ARQUITETOS DO leste e de Chicago reuniram-se de novo na manhã de segunda-feira, 12 de janeiro, na biblioteca da Burnham & Root, no último andar do Rookery. Root estava ausente. William R. Mead chegara de Nova York para substituir o sócio enlutado, McKim. Enquanto esperavam que todos chegassem, os visitantes de vez em quando iam até as janelas do lado leste da biblioteca e contemplavam a vastidão do lago Michigan. A luz que entrava na sala era sobrenaturalmente intensa, carregando em si o brilho excessivo do lago e de sua orla congelada.

Burnham ergueu-se para dar formalmente as boas-vindas, mas não parecia muito à vontade. Tinha noção da persistente reticência dos homens do leste e parecia determinado a convencê-los com elogios que beiravam à unção — tática que Louis Sullivan sabia que Burnham era capaz de utilizar com ótimo resultado. “Ele, que não era muito suscetível a lisonjas, exceto num modo sentimental, logo constatou sua eficácia quando despejada abundantemente sobre grandes homens de negócios”, escreveu Sullivan. “Louis o viu fazer isso repetidas vezes e de início achou incrível o descaramento de Burnham, porém ficou ainda mais perplexo com a salivante satisfação de quem recebia os elogios. O método era tosco, mas funcionava.”¹

Disse Sullivan: “Logo se tornou perceptível que ele aos poucos e repulsivamente pedia desculpas aos homens do leste pela presença de seus incivilizados irmãos do oeste.”²

Hunt também percebeu. “*Caramba!*”, exclamou, “não viemos aqui numa expedição missionária. Mãos à obra.”³

Murmúrios de aprovação percorreram a sala. Adler animou-se; Sullivan riu com malícia. Olmsted observava, impassível, enquanto era incomodado por um rugido nos ouvidos que não diminuía. Hunt fez uma careta; a viagem de Nova York e a excursão ao Jackson Park haviam agravado sua gota.

A interjeição de Hunt deixou Burnham perplexo. Trouxe-lhe de volta, num átimo, a mágoa da grande esnobação dupla do leste, a rejeição de Harvard e Yale; mas o comentário e o apoio óbvio que recebeu na sala também fizeram Burnham mudar de foco e concentrar-se no trabalho. Na descrição de Sullivan, “Burnham acordou de seu capricho sonambúlico e se juntou ao grupo. Era sagaz o bastante para entender que ‘Tio Dick’” — ou seja, Hunt — “lhe fizera um favor oportuno”.⁴

Burnham disse aos homens que, a partir daquele momento, eles atuariam como o conselho de arquitetos da feira. Convidou-os a escolher um diretor. Elegeram Hunt. “O predomínio natural do mestre mais uma vez se impôs sem pretensão”, escreveu Van

Brunt, “e mais uma vez nos tornamos seus discípulos animados e satisfeitos.”⁵

Como secretário, escolheram Sullivan, que decididamente *não* era um discípulo feliz de Hunt. Para ele, o veterano era devoto seguidor de uma expressão artística já morta. Burnham também. Ambos simbolizavam tudo aquilo que atrapalhava o novo *éthos* do próprio Sullivan, segundo o qual a função de um edifício deveria expressar-se em seu projeto — não se tratava apenas de subordinar a forma à função, mas “de a função *criar* ou organizar a forma”.⁶

Para Sullivan, Hunt era uma relíquia, e Burnham, algo muito mais perigoso. Nele, Sullivan via uma capacidade de obsessão semelhante à sua. Sullivan vira que a arquitetura de Chicago era dominada por apenas dois escritórios: Burnham & Root e Adler & Sullivan. “Em cada firma havia um homem com um objetivo fixo e inalterável na vida, e que por tal paixão seria capaz de alterar e sacrificar todo o resto”, escreveu Sullivan.⁷ “Daniel Burnham era obcecado pela ideia feudal de poder. Louis Sullivan era igualmente obcecado pela ideia beneficente de poder democrático.” Sullivan admirava Root e Adler, mas achava que ambos funcionavam num plano menor. “John Root era tão comodista que corria o risco de jamais utilizar seu poder subjacente; Adler era em essência um técnico, um engenheiro, um administrador cuidadoso... Era inquestionável que faltava a Adler imaginação suficiente; o mesmo também, de certa maneira, faltava a John Root — ou seja, a imaginação de um sonhador. No sonho-imaginação estavam a força de Burnham e a paixão de Louis.”⁸

Pouco antes do meio-dia, Burnham deixou a sala para atender um telefonema de Dora Root. Ela disse que o marido acordara muito gripado e não estava em condições de comparecer à reunião. Horas depois, telefonou de novo: um médico fora até lá e diagnosticara pneumonia.

Root estava de bom ânimo. Gracejava e desenhava. “Não escapei de doenças a vida inteira para me abater facilmente agora”, disse a Harriet Monroe. “Eu sabia que, quando chegasse a minha vez, seria duro na queda.”⁹

Os arquitetos continuaram a reunir-se, mas sem Burnham, que ficou ao lado da cama do sócio, salvo por algumas ausências ocasionais para ajudar a resolver assuntos na biblioteca ou para visitar Hunt, cuja gota se tornara tão dolorosa que ele ficou confinado ao quarto no hotel Wellington. Root fazia graça com as enfermeiras. Em sua reunião de rotina das quartas-feiras, o comitê de terrenos e edificações aprovou uma resolução desejando a Root uma rápida recuperação. Naquele dia Burnham escreveu para um arquiteto de Chicago chamado W. W. Boyington: “O sr. Root está muito fraco e estamos incertos quanto à sua recuperação, mas ainda há chance para ele.”¹⁰

Na quinta-feira Root pareceu recobrar forças. Burnham novamente escreveu para Boyington: “Hoje de manhã posso lhe dar uma notícia um pouco melhor. Ele passou uma noite muito boa e está melhor. Embora o perigo não tenha passado, temos esperanças.”¹¹

O entusiasmo dos arquitetos aumentou. Com Hunt ainda confinado ao quarto, Post o substituiu como diretor. Ele e Van Brunt iam e vinham do hotel de Hunt. Os arquitetos aprovaram a planta original de papel pardo criada por Burnham, Olmsted e Root com poucas mudanças. Decidiram o tamanho dos prédios e onde ficariam situados. Escolheram um estilo uniforme, neoclássico, que significava que os edifícios teriam colunas e frontões e evocariam as glórias de Roma Antiga. Essa escolha foi execrável para Sullivan, que detestava arquitetura imitativa, mas durante o encontro ele não fez objeção. Os arquitetos também tomaram uma decisão que se revelou uma das mais importantes da feira: estabeleceram uma altura uniforme, de 1,83 metro, para a cornija de cada um dos palácios do grande pátio. Cornijas eram apenas projeções decorativas horizontais. Paredes, telhados, cúpulas e arcos podiam ir muito além, porém ao estabelecer esse ponto comum eles asseguraram uma harmonia fundamental entre as construções mais importantes da feira.

Mais ou menos às quatro da tarde de quinta-feira Codman e Burnham foram à casa de Root. Codman ficou esperando na carruagem, enquanto Burnham entrou.

Burnham encontrou Root respirando com dificuldade. Durante todo o dia Root tivera sonhos estranhos, incluindo um, que já se repetira muitas vezes no passado, de sair voando. Ao ver o sócio, Root disse: “Você não vai me deixar de novo, vai?”¹²

Burnham respondeu que não, mas precisou sair para falar com a mulher de Root num quarto ao lado. Enquanto Burnham conversava com ela, um parente também entrou no quarto. Avisou que Root estava morto. Disse que em seus últimos momentos ele tinha corrido os dedos pela cama como se tocasse piano. “Está escutando?”, sussurrou. “Não é uma maravilha? Isto é o que chamo de música.”¹³

A casa mergulhou em um estranho silêncio *post-mortem*, quebrado apenas pelo chiado dos lampiões de gás e pelo fraco tique-taque dos relógios. Burnham andava de um lado para o outro no andar de baixo. Não sabia, mas estava sendo observado. Nettie, tia de

Harriet Monroe, estava sentada num degrau alto na curva escura da escada que levava da sala de estar de Root para o segundo andar. A mulher escutava Burnham para lá e para cá. Um fogo ardia na lareira atrás dele, projetando grandes sombras na parede oposta. “Trabalhei”, disse Burnham, “planejei e sonhei fazer de nós os melhores arquitetos do mundo... Eu o fiz enxergar isso e insistir nisso... E agora ele morre... *Porra! Porra! Porra!*”¹⁴

A morte de Root abalou Burnham e abalou Chicago. Burnham e Root eram sócios e amigos havia dezoito anos. Um sabia o que o outro pensava. Um confiava na capacidade do outro. Então Root se fora. Pessoas de fora se perguntavam se a morte dele significava a morte da exposição. Os jornais estavam repletos de entrevistas nas quais as figuras mais importantes da cidade afirmavam que Root era a força propulsora da feira e que sem ele a cidade não tinha esperanças de realizar seus sonhos. O *Tribune* afirmou que Root era “facilmente” o “mais distinto arquiteto [de Chicago], se é que havia alguém superior no país”.¹⁵ Edward Jefferey, diretor do comitê de terrenos e edificações, declarou: “Não há homem na profissão de arquiteto que tenha o gênio e a capacidade de dar prosseguimento ao trabalho da exposição a partir do ponto em que Root o deixou.”¹⁶

Burnham ficou calado. Pensou em abandonar a feira. Duas forças se debatiam dentro dele: a tristeza e o desejo de gritar que *ele*, Burnham, tinha sido o motor propulsor do projeto da feira, que *ele* era o sócio que impelia a firma Burnham & Root a realizar feitos cada vez maiores.

Os arquitetos do leste partiram no sábado, 17 de janeiro. No domingo, Burnham compareceu a um ato religioso dedicado a Root na casa do sócio em Astor Place e a seu enterro no cemitério de Graceland, um refúgio encantador para os mortos ricos, poucos quilômetros ao norte do Loop.

Na segunda-feira, ele estava de volta à sua mesa de trabalho. Escreveu doze cartas. O escritório de Root, ao lado, estava silencioso, decorado com bandeiras. Flores de estufa perfumavam o ar.

O desafio que tinha pela frente parecia mais assustador que nunca.

Na terça-feira, um grande banco faliu em Kansas City. No sábado seguinte, Lyman Gage anunciou que se afastaria da presidência da feira em 1º de abril para cuidar de seu próprio banco. A princípio, o diretor-geral da feira, George Davis, não quis acreditar. “Que absurdo”, disse. “Gage precisa ficar conosco. Não vamos conseguir nada sem

ele.”¹⁷

Havia agitação trabalhista. Exatamente como Burnham temia, líderes sindicais começaram a usar a futura feira para alcançar metas como a adoção de um salário mínimo e do expediente de oito horas. Havia o risco de incêndios, de tempo ruim e de doenças: editores estrangeiros já perguntavam quem ousaria ir à exposição diante dos notórios problemas de Chicago com seus esgotos. Ninguém esquecia que em 1885 um surto de cólera e de febre tifoide provocado por água contaminada matou 10% da população da cidade.

Forças mais obscuras se uniam por trás da fumaça. Em algum lugar no coração da cidade, um jovem imigrante irlandês mergulhava ainda mais fundo na loucura, preâmbulo de um ato que chocaria o país e destruiria o que Burnham sonhava que seria o melhor momento de sua vida.

Mais perto, uma criatura ainda mais estranha levantou a cabeça num antegozo igualmente atento. “Nasci com o diabo em mim”, escreveu ele. “Eu não conseguiria escapar da sina de ser um assassino, assim como o poeta não poderia escapar da inspiração para cantar.”¹⁸

PARTE II

Uma luta terrível

Chicago, 1891-93



Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais, depois da tempestade de 13 de junho de 1892.

Convocação

NA TERÇA-FEIRA, 24 de fevereiro de 1891, Burnham, Olmsted, Hunt e os outros arquitetos se reuniram na biblioteca do último andar do Rookery para apresentar os desenhos das principais construções da feira para o comitê de terrenos e edificações. Os homens discutiram entre si a manhã toda, com Hunt como diretor. A gota obrigava-o a manter uma perna em cima da mesa.¹ Olmsted parecia cansado e apagado, exceto pelos olhos, que reluziam como bolas de lápis-lazúli sob a cabeça calva. Um novo homem se juntara ao grupo, Augustus Saint-Gaudens, um dos mais conhecidos escultores americanos, que Charles McKim convidara para avaliar os projetos. Os membros do comitê de terrenos e edificações chegaram às duas da tarde e impregnaram a biblioteca de cheiro de charutos e lã congelada.

A luz na sala era fraca, o sol já descambava. O vento batia as janelas. Na lareira da parede do lado norte, um fogo alto crepitava e ciciava, inflamando a sala com um siroco seco que fazia a pele gelada formigar.

Com o encorajamento brusco de Hunt, os arquitetos puseram-se a trabalhar.

Um a um foram até a frente da sala, desenrolaram seus desenhos e os exibiram na parede. Alguma coisa, que se tornou evidente de imediato, acontecera a eles, como se uma nova força tivesse entrado na sala. Falavam, como descreveu Burnham, “quase em sussurros”.²

Cada prédio era mais adorável, mais elaborado do que o outro, e todos eram imensos — coisas fantásticas, numa escala que jamais fora tentada.

Hunt foi até a frente da sala manquejando e mostrou seu Edifício da Administração, que era para ser o mais importante da feira e o portal por onde entraria a maior parte dos visitantes. Tinha no centro um octógono, com uma cúpula de 84 metros da base ao topo, mais alta do que a cúpula do Capitólio dos Estados Unidos.³

A construção apresentada em seguida era ainda maior. Se fosse erguido com êxito, o Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais, de George B. Post, seria o maior prédio já construído e consumiria aço suficiente para duas pontes do Brooklyn. Além disso, todo aquele espaço seria iluminado por dentro e por fora com lâmpadas elétricas. Doze elevadores elétricos levariam os visitantes às partes superiores. Quatro subiriam numa torre central até uma passarela interna a 67 metros do solo, a qual, por sua vez, levaria a um passeio externo com vistas de deixar o pé dormente para a distante orla do Michigan, “um panorama”, como diria mais tarde um guia de viagens, “nunca antes concedido a mortais”.⁴

Post propôs coroar seu edifício com uma cúpula de 137 metros de altura, o que faria dele não só o maior prédio do mundo, como também o mais alto. Ao olhar em volta da sala, Post viu nos olhos dos colegas grande admiração, mas também outra coisa. Um murmúrio correu entre eles. O grupo alcançara tal nível de coesão que Post compreendeu de imediato. A cúpula era exagerada — não alta demais para ser construída, mas suntuosa demais para o contexto. Diminuiria o edifício de Hunt e, ao fazê-lo, diminuiria Hunt, perturbando a harmonia dos outros prédios do grande pátio. Sem que precisassem compeli-lo, Post disse, com calma: “Acho que não vou fazer questão dessa cúpula; talvez eu modifique o projeto.”⁵ A aprovação foi tácita, porém unânime.

Sullivan já tinha alterado o seu próprio edifício, por sugestão de Burnham. Originalmente, Burnham queria que Adler & Sullivan projetassem a Sala de Música da feira, mas em parte ainda por causa da persistente sensação de ter sido injustiçado por Burnham os sócios recusaram o projeto. Depois Burnham lhes ofereceu o Edifício dos Transportes, que eles aceitaram. Duas semanas antes da reunião, Burnham escreveu para Sullivan recomendando-lhe que modificasse o projeto para criar “uma grande entrada a leste e torná-la mais rica do que qualquer outra que os senhores tenham proposto... Estou certo de que seu prédio produzirá melhor efeito do que se usarem o velho método de duas entradas desse lado, nenhuma das quais seria tão bela e eficiente como a central”.⁶ Sullivan aceitou a sugestão, mas jamais confessou sua origem, ainda que a grande entrada viesse a tornar-se o principal assunto da feira.

Todos os arquitetos, incluindo Sullivan, pareciam capturados pelo mesmo feitiço, embora mais tarde ele viesse a repudiar aquele momento. Enquanto os homens desenrolavam seus desenhos, “o sentimento de tensão era quase doloroso”, disse Burnham.⁷ Saint-Gaudens, alto, magro e de cavanhaque, estava sentado num canto, muito quieto, como uma figura esculpida em cera. Em cada rosto Burnham viu uma “calma presteza”.⁸ Estava claro para ele que os arquitetos finalmente compreendiam que Chicago falava sério quanto aos seus elaborados planos para a feira. “Desenhos e mais desenhos foram desenrolados”, contou Burnham, “e, com o passar dos dias, ficava evidente que uma imagem se formara na cabeça dos presentes — uma concepção muito mais bela e grandiosa do que qualquer outra até então apresentada pela imaginação mais fértil.”⁹

Quando a claridade começou a enfraquecer, os arquitetos acenderam os bicos de gás, que sibilavam como gatos um tanto incomodados. Da rua lá embaixo, o último andar do Rookery parecia incendiado pela luz inconstante dos bicos e pelo fogo da grande lareira. “A sala estava silenciosa como a morte”, disse Burnham, “a não ser pela voz baixa do apresentador comentando seu projeto. Era como se um grande ímã prendesse a todos.”¹⁰

O último desenho foi mostrado. Por alguns momentos, o silêncio continuou.

Lyman Gage, ainda presidente da exposição, foi o primeiro a se mexer. Era um banqueiro alto, desempenado, conservador no comportamento e nos trajes, mas se levantou de repente e andou até a janela, trêmulo de emoção. “Os senhores estão sonhando, cavalheiros, sonhando”, sussurrou. “Só espero que pelo menos metade dessa idealização seja realizada.”¹¹

Foi a vez de Saint-Gaudens se levantar. Estivera calado o dia todo. Correu até Burnham e tomou a mão dele entre as suas. “Nunca esperei ver este momento”, confessou. “Escute aqui, meu caro, percebe que esta foi a maior reunião de artistas desde o século XV?”¹²

Olmsted também sentiu que uma coisa extraordinária tinha acontecido, mas ao mesmo tempo a reunião o deixou perturbado. Em primeiro lugar, confirmou seus temores cada vez maiores de que os arquitetos estavam perdendo de vista a natureza da construção que propunham. A visão compartilhada, expressa nos desenhos, parecia-lhe excessivamente sóbria e monumental. Afinal de contas, tratava-se de uma feira mundial, e esperava-se que feiras fossem divertidas. Ciente da ênfase cada vez mais destacada dos arquitetos ao tamanho, Olmsted, pouco antes da reunião, havia escrito para Burnham sugerindo maneiras de dar mais graça ao terreno. Queria as lagoas e os canais cheios de aves aquáticas de todos os tipos e cores e sempre atravessados por pequenos barcos. Não qualquer barco, porém: barcos *atraentes*. O assunto tornou-se obsessão para ele. Sua ampla visão da arquitetura paisagística incluía tudo que crescesse, voasse, flutuasse ou entrasse de alguma forma no cenário por ele criado. Rosas produziam pinceladas de vermelho; barcos acrescentavam complexidade e vida. Entretanto, era crucial escolher o tipo correto de barco. Tinha horror do que poderia acontecer se a decisão fosse delegada a um dos muitos comitês da feira. Queria que Burnham estivesse familiarizado com sua ideia desde o princípio.

“Precisamos tentar deixar esse detalhe dos barcos alegre e cheio de vida”, escreveu.¹³ Desprezava o estrépito e a fumaça das lanchas a vapor — queria barcos elétricos projetados especialmente para o parque, com destaque para linhas graciosas e funcionamento silencioso. Era da maior importância que esses barcos estivessem sempre em movimento, mas sem fazer barulho, que fossem diversão para os olhos e paz para os ouvidos. “O que devemos querer é um serviço regular de barcos, como o de ônibus numa rua da cidade”, escreveu.¹⁴ Visualizava também uma frota de grandes canoas de casca de bétula, remadas por índios com roupas de couro de veado e penas, e recomendou que várias embarcações estrangeiras ficassem atracadas no porto da feira. “Estou falando de paraus malaios, catamarãs, *dhow*s árabes, sampanas chinesas, barcos de pilotos

japoneses, caíques turcos, caiaques esquimós, canoas de guerra alasquianas, os barcos cobertos dos lagos Suíços e assim por diante.”¹⁵

No entanto, um resultado muito mais importante da reunião do Rookery foi fazer Olmsted perceber que os nobres sonhos dos arquitetos ampliaram e complicaram o desafio, já atemorizante, que ele tinha pela frente no Jackson Park. Ao projetar o Central Park, em Nova York, ele e Calvert Vaux haviam buscado efeitos visuais que só seriam alcançados décadas depois, ao passo que ali ele só dispunha de 26 meses para transformar a desolação do parque numa Veneza da pradaria e plantar em suas orlas e ilhas, terraços e calçadas tudo que fosse necessário para produzir uma paisagem rica o bastante para corresponder à sua expectativa. O que os desenhos dos arquitetos deixaram claro, porém, era que, na realidade, ele teria bem menos de 26 meses. A parte da sua obra que causaria mais impacto no julgamento dos visitantes — plantar e adornar os terrenos adjacentes a cada edifício — só poderia ser feita *depois* que os grandes edifícios estivessem terminados e o terreno, livre de equipamentos de construção, estradas e trilhos provisórios e outros impedimentos estéticos. Mas os palácios mostrados no Rookery eram tão grandiosos, tão detalhados, que sua construção provavelmente consumiria quase todo o tempo restante, sobrando muito pouco para ele.

Logo após a reunião, Olmsted formulou uma estratégia para a transformação do Jackson Park. Seu memorando de dez páginas capturou a essência de todas as suas opiniões sobre a arte da arquitetura paisagística e como ela deveria empenhar-se em produzir efeitos maiores do que a simples soma de pétalas e folhas.

Concentrou-se na lagoa central da feira, que as dragas logo começariam a escavar a partir da praia do Jackson Park. As dragas deixariam uma ilha no centro da lagoa, chamada, simplesmente, de Wooded Island. Os principais edifícios da feira seriam erguidos ao longo da margem exterior da lagoa. Olmsted via essa parte como o maior desafio da feira. Assim como o grande pátio seria o coração arquitetônico do evento, a lagoa central e a Wooded Island constituiriam o principal foco de atenção da paisagem.

Acima de tudo, ele queria que a paisagem da exposição criasse uma aura de “misterioso efeito poético”.¹⁶ As flores não seriam usadas do modo como um jardineiro comum as empregaria. Flores, arbustos e árvores seriam dispostos levando em conta o efeito de cada um sobre a imaginação. Isso seria alcançado, segundo Olmsted, “misturando-se, de maneira intrincada, folhagens de formatos variados, com a alternância e o cruzamento complicado de folhas e talos salientes de diversas tonalidades de verde, destacando-se de outras folhas e outros talos, atrás e em cima deles, e portanto menos definidos e mais matizados, apesar de parcialmente iluminados pela luz refletida da água”.¹⁷

Ele esperava oferecer aos visitantes um banquete de relances — a parte de baixo das

folhas iluminada pela luz refletida, flashes de cores brilhantes entre frondes de capim alto balançando ao vento. Em nenhum lugar, escreveu, deveria haver “um espetáculo de flores que chame tanta atenção. Em vez disso, as flores a serem usadas devem ter o efeito de pintas e vislumbres de cores vivas surgindo, imperfeitamente, no verde geral. Qualquer coisa parecida com uma paisagem deslumbrante, vistosa ou espalhafatosa de flores deve ser evitada”.¹⁸

Junças, samambaias e graciosos juncos seriam plantados nas margens da Wooded Island para dar um efeito de densidade e desordem e “para proteger ligeiramente, sem ocultar, flores que de outra forma seriam importunas demais”.¹⁹ Olmsted visualizava grandes áreas de tifas, quebradas por juncos, íris e cálamos e cercadas de plantas florescentes, como lobélias vermelhas e ranúnculos amarelos — plantados, se necessário, em terreno um pouco elevado, para ficarem apenas visíveis entre as pontas verdes oscilantes do primeiro plano.

Na margem distante, abaixo dos terraços formais dos edifícios, ele planejava colocar plantas fragrantas, como madressilvas e cletras, para que o perfume subisse até o olfato dos visitantes que parassem nos terraços para contemplar a ilha e a lagoa.

O efeito geral, escreveu, “portanto, deve ser, em certa medida, do mesmo caráter de uma cena teatral, a ocupar o palco da exposição durante um só verão”.²⁰

Uma coisa era visualizar tudo isso no papel, e outra, bem diferente, executá-la. Olmsted tinha quase setenta anos, a boca queimando, a cabeça zunindo, cada noite um deserto de insônia. Mesmo sem levar em conta a feira, já enfrentava um portfólio intimidador de obras em andamento, a principal nos terrenos de Biltmore, a propriedade dos Vanderbilt na Carolina do Norte. Se tudo corresse perfeitamente bem — *se* sua saúde não se degradasse mais ainda, *se* o tempo continuasse firme, *se* Burnham concluísse os outros edifícios a tempo, *se* as greves não destruíssem a feira, *se* os muitos comitês e diretores, que Olmsted chamava de “exército de nossas centenas de patrões”,²¹ aprendessem a deixar Burnham em paz —, ele *poderia* dar conta de sua tarefa dentro do prazo.

Um escritor da *Engineering Magazine* fez a pergunta que ninguém tinha feito no Rookery: “Como é possível que essa vasta quantidade de construções, que ultrapassa, em muito, a da exposição de Paris de 1889, vá ficar pronta em dois anos?”²²

Para Burnham, também, a reunião no Rookery tinha produzido plena consciência do pouco tempo que restava. Tudo parecia demorar mais do que deveria, e nada transcorria sem percalços. A primeira obra real do Jackson Park começou em 11 de fevereiro, quando cinquenta imigrantes italianos empregados pela McArthur Brothers, uma firma

de Chicago, começaram a cavar uma vala de drenagem. Não era nada de mais, apenas rotina. Mas a notícia da obra se espalhou, e quinhentos sindicalistas invadiram o parque e expulsaram os operários. Dois dias depois, numa sexta-feira 13, seiscentos homens se juntaram no parque para protestar contra o uso, pela McArthur, do que eles chamavam de operários “importados”. No dia seguinte, dois mil homens, muitos armados de varas afiadas, avançaram contra os operários da McArthur, capturaram dois e começaram a surrá-los. A polícia chegou. A multidão recuou. McArthur pediu proteção ao prefeito Cregier, que convocou o procurador municipal, um jovem chamado Clarence Darrow, para examinar o assunto. Após duas noites, os sindicatos trabalhistas da cidade se reuniram com funcionários da feira e exigiram que reduzissem o expediente para oito horas, pagassem salários segundo a tabela dos sindicatos e contratassem operários sindicalizados antes de todos os outros. Depois de duas semanas de deliberações, os diretores da feira aceitaram a carga horária de oito horas, mas disseram que iam pensar sobre o restante.

Houve conflito, também, entre os supervisores da feira. A comissão nacional, formada por políticos e chefiada pelo diretor-geral George Davis, queria o controle financeiro, porém a companhia da exposição, dirigida por importantes homens de negócios de Chicago e encabeçada pelo presidente Lyman Gage, recusou: a companhia tinha levantado os fundos, e ninguém haveria de impedir que ela os gastasse da maneira que quisesse.

Os comitês mandavam em tudo. No exercício da profissão, Burnham estava acostumado a ter controle absoluto sobre as despesas necessárias para construir seus arranha-céus. Naquele momento, precisava pedir aprovação do comitê executivo da companhia da exposição a cada passo que dava, até mesmo para comprar pranchetas. Era imensamente frustrante. “Precisamos tocar isso agora”, disse ele. “Os atrasos parecem intermináveis.”²³

Apesar disso, Burnham fazia progressos. Por exemplo, dirigiu um concurso para escolher uma arquiteta que projetasse o Edifício das Mulheres da feira. Sophia Hayden, de Boston, foi a ganhadora. Tinha 21 anos, e seus honorários eram o dinheiro do prêmio: 1.000 dólares. Os arquitetos homens receberam 10 mil cada um. Houve dúvidas a respeito da capacidade de uma mulher de conceber um prédio tão importante por conta própria. “O exame dos fatos mostra que essa mulher não recebeu ajuda de espécie alguma para fazer os desenhos”, escreveu Burnham. “Foi tudo feito por ela, em casa.”²⁴

Porém em março os arquitetos admitiram que tudo estava indo devagar demais — que se construíssem os prédios como previsto originalmente, com pedra, aço e tijolo, eles não ficariam prontos no Dia da Abertura. Decidiram, portanto, revestir seus edifícios com “estafe”, uma mistura flexível de gesso e juta que podia ser moldada em colunas e

esculturas e espalhada sobre armações de madeira para criar uma aparência de pedra. “Não haverá um tijolo nos terrenos”, disse Burnham.²⁵

No meio de tudo isso, com o aumento da carga de trabalho, Burnham se deu conta de que não poderia mais adiar a contratação de um projetista para substituir seu querido John Root. Precisava de alguém que administrasse as obras da firma, enquanto ele mesmo cuidaria da exposição. Um amigo recomendou Charles B. Atwood, de Nova York. McKim discordou. Havia muitas histórias sobre Atwood, e questões de confiabilidade. Apesar disso, Burnham arranhou um encontro com Atwood em Nova York, no hotel Brunswick.

Atwood não apareceu.²⁶ Burnham esperou uma hora e depois foi embora pegar o trem. Quando atravessava a rua, um homem bonito, de chapéu-coco e manto pretos, com olhos vidrados, se aproximou e perguntou-lhe se era o sr. Burnham.

— Sou eu mesmo.

— Eu sou Charles Atwood. O senhor queria falar comigo?

Burnham lançou-lhe um olhar penetrante.

— Estou voltando para Chicago. Vou pensar melhor e lhe aviso.

Burnham pegou o trem. De volta a Chicago, seguiu diretamente para seu escritório. Poucas horas depois, Atwood entrou. Ele seguira Burnham de Nova York.

Burnham lhe deu o emprego.

Na verdade, Atwood tinha um segredo. Era viciado em ópio.²⁷ Isso explicava aqueles olhos e o comportamento errático. Mas Burnham o considerava um gênio.

Como um lembrete para si próprio e para qualquer pessoa que visitasse seu escritório no barracão, Burnham colocou um cartaz em sua escrivaninha com uma única palavra: **PRESSA.**²⁸

O tempo era muito curto, e o comitê executivo começou a planejar exposições e a designar delegados para garantir a preparação. Em fevereiro, o comitê decidiu despachar um jovem oficial do exército, o tenente Mason A. Schufeldt, ao Zanzibar para uma viagem com o objetivo de localizar os pigmeus, cuja existência acabara de ser revelada pelo explorador Henry Stanley, e levar para a feira “uma família de doze ou catorze desses ferozes anõezinhos”.²⁹

O comitê deu ao tenente Schufeldt o prazo de dois anos e meio para realizar sua missão.

Do lado de fora da nova cerca da feira, a desordem e a tristeza engoliam Chicago. Líderes sindicais ameaçaram organizar sindicatos no mundo inteiro contra o evento. *The Inland Architect*, destacado periódico de Chicago, informou: “Essa instituição contrária aos princípios americanos, o sindicato trabalhista, desenvolveu seu princípio antiamericano de restringir ou abolir a liberdade pessoal do indivíduo num novo sentido, o de procurar, tanto quanto possível, prejudicar a feira mundial.”³⁰ Esse tipo de comportamento, segundo o periódico, “seria chamado de traição em países menos esclarecidos e mais arbitrários do que o nosso”. A condição financeira nacional se agravava. Escritórios nos arranha-céus mais novos de Chicago continuavam vazios. A poucas quadras do Rookery, o Temperance Building, da Burnham & Root, erguia-se imenso e negro — e quase vazio. Vinte e cinco mil desempregados percorriam as ruas da cidade. À noite, dormiam em delegacias e no subsolo da prefeitura. Os sindicatos estavam ficando mais fortes.

O velho mundo desaparecia. P. T. Barnum, famoso empresário do entretenimento, morreu, e ladrões de sepultura tentaram roubar o cadáver.³¹ William Tecumseh Sherman também morreu. Atlanta vibrou. Notícias do exterior afirmavam, erroneamente, que Jack, o Estripador, havia voltado. Mais perto dali, um sangrento assassinato em Nova York fez supor que ele tivesse migrado para os Estados Unidos.

Em Chicago, o ex-diretor da penitenciária estadual de Illinois em Joliet, o major R. W. McClaughry, começou a preparar a cidade para o aumento da criminalidade que todos esperavam que a feira produzisse, estabelecendo um escritório no Auditorium para receber e distribuir identificações Bertillon de criminosos conhecidos. Criado pelo criminologista francês Alphonse Bertillon, o sistema exigia da polícia uma investigação precisa das dimensões e peculiaridades físicas de suspeitos. Bertillon acreditava que as medidas de cada homem eram únicas e, dessa forma, poderiam servir para desmascarar pseudônimos que os criminosos usavam ao mudar de cidade. Em tese, um detetive de Cincinnati poderia telegrafar alguns números distintos para investigadores de Nova York na expectativa de que, se existisse um equivalente, Nova York o encontrasse.

Um repórter perguntou ao major McClaughry se a feira de fato atrairia elementos criminosos. Ele hesitou por um instante e depois respondeu: “Acho absolutamente necessário que as autoridades daqui se preparem para fazer face à maior congregação de criminosos jamais reunida neste país.”³²

Infidelidade

NO PRÉDIO QUE Holmes construiu na esquina da rua 63 com a Wallace, agora conhecido por todos no bairro como “o castelo”, a família Conner vivia momentos de aflição. A adorável e trigueira Gertrude um dia chegou para Ned, seu irmão, aos prantos e lhe disse que não poderia continuar na casa nem por mais um minuto.¹ Prometeu tomar o primeiro trem de volta para Muscatine, Iowa. Ned lhe implorou que contasse o que tinha acontecido, mas ela se recusou.

Ele sabia que a irmã havia começado a namorar um rapaz e achava que as lágrimas se deviam a qualquer coisa que o jovem tinha dito ou feito. Possivelmente, os dois haviam sido “indiscretos”, embora não lhe parecesse que Gertrude fosse capaz de cometer um deslize moral tão drástico. Quanto mais lhe pedia uma explicação, mas perturbada e inflexível ela ficava. Dizia que desejava nunca ter ido para Chicago. Era um lugar degenerado, infernal, cheio de barulho, poeira e fumaça e de torres desumanas que tapavam o sol, e ela o odiava — odiava sobretudo aquele prédio lúgubre e o clamor incessante das obras.

Quando Holmes aparecia, ela não o olhava. Ficava corada. O irmão não percebia.

Ned contratou uma empresa para recolher a bagagem dela e levou-a até a estação. Mesmo assim, ela não deu explicações. Disse adeus em meio às lágrimas. O trem saiu bufando da estação.

Em Iowa — na segura e insípida Muscatine — Gertrude adoeceu, um acidente da natureza. A doença foi fatal. Holmes disse a Ned que a notícia da morte o deixava muito triste, mas em seus olhos azuis havia apenas uma tranquilidade inexpressiva, como o lago numa quieta manhã de agosto.

Na ausência de Gertrude, a tensão entre Ned e Julia aumentou. O casamento nunca fora tranquilo. Em Iowa, quase chegaram a se separar. Agora, novamente, a relação estava desmoronando. A filha, Pearl, tornou-se cada vez mais difícil de lidar, com o comportamento marcado por períodos de emburrado retraimento e explosões de raiva. Ned não entendia nada. Ele era “de natureza tranquila, inocente”, como diria mais tarde um repórter, “não desconfiava de nada”.² Não via o que até os amigos e fregueses assíduos viam. “Amigos me disseram que havia algo entre Holmes e minha mulher”, contaria depois. “A princípio, não acreditei.”³

Apesar das advertências, e de seu próprio desassossego cada vez maior, Ned admirava Holmes. Enquanto ele não passava de um joalheiro na loja de outra pessoa, Holmes controlava um pequeno império — e ainda nem chegara aos trinta anos. A energia e o sucesso do rapaz faziam Ned se sentir ainda menor do que de costume, sobretudo agora que Julia começara a olhá-lo como se ele tivesse acabado de sair de um tonel de processamento de restos de animais nos currais.

Dessa maneira, Ned foi particularmente suscetível a uma proposta de Holmes que, a seu ver, poderia lhe aumentar o status aos olhos de Julia. Holmes propôs lhe vender a farmácia inteira, em termos que pareceram a Ned — o ingênuo Ned — mais generosos do que qualquer um poderia esperar.⁴ Holmes subiria seu salário de 12 para 18 dólares por semana, a fim de que o joalheiro tivesse condições de pagar-lhe 6 dólares semanais pela compra. Não precisava se preocupar em receber e pagar os 6 dólares — Holmes deduziria automaticamente do novo salário a cada semana. O proprietário prontificou-se também a cuidar de todos os detalhes jurídicos e a registrar a transferência com funcionários da municipalidade. Ned continuaria a receber como sempre seus 12 dólares semanais, mas a partir de então seria proprietário de uma bela loja, num bairro próspero, destinado a ficar ainda mais rico quando começasse a feira mundial.

Ned aceitou, sem pensar muito nos motivos que Holmes teria para se livrar de um negócio tão afortunado. A proposta aliviou seus temores sobre Holmes e Julia. Se eles estivessem envolvidos numa relação imprópria, será que Holmes ofereceria a Ned a joia de seu império de Englewood?

Para sua tristeza, Ned logo descobriu que seu novo status não diminuiu em nada a tensão no casamento. A ferocidade das discussões só aumentou, assim como a duração dos frios momentos de silêncio que preenchiam qualquer tempo que passassem juntos. Holmes consolou-o. Pagou um almoço para Ned no restaurante do primeiro andar e disse ter certeza de que o casamento tinha salvação. Julia era uma mulher ambiciosa e evidentemente muito bonita, mas logo compreenderia o erro que estava cometendo.

O apoio de Holmes o tranquilizou. A ideia de que o proprietário fosse a causa do descontentamento de Julia parecia cada vez mais improvável. Holmes quis até que Ned fizesse um seguro de vida, pois com certeza, uma vez superada a crise matrimonial, ele ia querer proteger Julia e Pearl da pobreza em caso de sua morte.⁵ Recomendou que Ned também pensasse num seguro de vida para Pearl, oferecendo-se para pagar os prêmios iniciais. E arranjou um encontro entre Ned e um corretor de seguros, C. W. Arnold.

Arnold explicou que estava construindo uma nova agência e queria vender o máximo possível de apólices para atrair a atenção das maiores seguradoras. Disse também que, para Ned conseguir uma apólice, tudo o que precisava pagar era 1 dólar — apenas 1 dólar para começar a proteger a família para sempre.

Mas Ned não queria uma apólice. Arnold tentou fazê-lo mudar de ideia. Ned resistiu várias vezes e finalmente disse a Arnold que se ele estava mesmo precisando lhe daria 1 dólar de presente.

Arnold e Holmes trocaram olhares, os olhos vazios de expressão.

Logo os credores começaram a aparecer na farmácia exigindo o pagamento de hipotecas asseguradas pela mobília da loja e por seu estoque de pomadas, unguentos e outros produtos. Ned não sabia da existência dessas dívidas e achou que os credores estivessem tentando ludibriá-lo — até que lhe apresentaram documentos assinados pelo antigo proprietário, H. H. Holmes. Convencido então de que as dívidas eram genuínas, Ned prometeu pagar o mais rápido possível.

Nesse caso também Holmes lhe deu apoio, mas não havia nada que pudesse fazer. Todo empreendimento próspero acumulava dívidas. Tinha imaginado que Ned entendesse de comércio o suficiente para saber que era assim. De qualquer forma, era bom que fosse se acostumando. Holmes lembrou a Ned que a venda era definitiva.

Esse último desapontamento reacendeu a preocupação de Ned quanto a Holmes e Julia. Ele começou a suspeitar que os amigos talvez tivessem razão de supor que os dois estivessem mantendo uma relação ilícita. Isso certamente explicaria a mudança de comportamento de Julia, e talvez até a decisão de Holmes de vender a farmácia — uma transação não declarada: a loja em troca da mulher.

Ned, apesar disso, não pediu satisfações a Julia sobre suas suspeitas. Disse-lhe apenas que, se ela não mudasse de atitude, se sua frieza e hostilidade continuassem, teriam de se separar.

Ela respondeu, ríspida: “Por mais rápida que fosse, a separação já viria tarde para mim.”⁶

No entanto, permaneceram juntos por mais algum tempo. As brigas ficaram mais frequentes. Finalmente Ned gritou que não aguentava mais, o casamento tinha acabado. Passou a noite na barbearia do primeiro andar, bem debaixo do apartamento deles, ouvindo os passos da mulher, que andava de um lado para o outro.⁷

De manhã ele informou a Holmes que estava indo embora e desistindo de sua parte na loja. Quando Holmes insistiu para que pensasse melhor, Ned se limitou a rir. Mudou-se e arranjou emprego numa joalheria no centro de Chicago, a H. Purdy & Co. Pearl ficou com Julia e Holmes.

Ned ainda fez uma tentativa de reatar com a mulher. “Eu lhe disse, depois de sair do prédio, que se ela voltasse para mim e parasse de brigar viveríamos juntos de novo, mas ela não quis.”⁸

Ned prometeu voltar um dia para buscar Pearl. Não demorou a se mudar de Chicago para Gilman, Illinois, onde conheceu uma jovem e começou um namoro sério, que o forçou a voltar mais uma vez ao edifício de Holmes para tratar do divórcio. Conseguiu a separação legal, mas não a guarda de Pearl.

Uma vez que Ned foi embora e o divórcio saiu, o interesse de Holmes por Julia começou a diminuir. Ele prometera, reiteradas vezes, casar-se com ela quando a separação fosse confirmada, mas passou a achar a ideia repulsiva. A presença taciturna e acusadora de Pearl tornara-se especialmente desagradável.

À noite, depois que as lojas do primeiro andar fechavam, e Julia, Pearl e os outros inquilinos do prédio iam dormir, ele às vezes ia ao subsolo, tomando o cuidado de trancar a porta ao entrar, e ali acendia seu forno, maravilhado com o extraordinário calor que produzia.⁹

Contrariedades

BURNHAM AGORA RARAMENTE via a família. Na primavera de 1891, ele estava vivendo em tempo integral no barracão do Jackson Park; Margaret ficava em Evanston com alguns empregados que a ajudavam a tomar conta dos cinco filhos. Apenas uma modesta viagem de trem separava os Burnham, mas as crescentes exigências da feira tornavam essa distância tão difícil de atravessar quanto o istmo de Panamá. Burnham poderia mandar telegramas, mas isso o obrigaria a manter um tom forçado de frieza e brevidade, além de proporcionar pouca privacidade. Por isso escrevia cartas com frequência. “Você não deve achar que esta correria em minha vida vai durar para sempre”, disse numa das cartas. “Devo parar depois da feira mundial. Isso já está decidido.” A exposição se tornara um “furacão”, escreveu. “Acabar com essa afobação é o meu maior desejo.”¹

Todos os dias, ao amanhecer, ele deixava seu alojamento e inspecionava a área. Seis dragas a vapor do tamanho de celeiros flutuantes escavavam à beira do lago, enquanto cinco mil homens munidos de pás, carrinhos de mão e niveladoras puxadas a cavalo lentamente roçavam o terreno, muitos usando chapéu-coco e paletó, como se estivessem apenas passando ali por acaso e, num impulso, resolvessem ajudar. Apesar da presença de tantos operários, havia uma enlouquecedora ausência de barulho e de azáfama. O parque era grande demais e os homens ficavam espalhados demais para criar a impressão imediata de trabalho em andamento. Os únicos sinais confiáveis eram as colunas de fumaça negra das dragas e o onipresente cheiro de folhas queimadas vindo dos montes de galhos em que os operários tocavam fogo. As lustrosas estacas brancas que demarcavam o perímetro dos prédios davam ao lugar a aparência de um cemitério de vítimas de guerra. Burnham de fato via beleza naquele cenário cru — “Entre as árvores da Wooded Island as tendas brancas e compridas do acampamento da empreiteira refulgiam ao sol, um toque suave e branco na paisagem pardacenta, e a pura linha azul do horizonte lacustre contrastava, alegremente, com o primeiro plano áspero e estéril”² —, mas também via uma profunda frustração.

A obra avançava devagar, estorvada pelas relações cada vez piores entre as duas entidades responsáveis pela feira — a comissão nacional e a companhia da exposição — e pela incapacidade de os arquitetos entregarem seus croquis em Chicago dentro do prazo. Todos os projetos estavam atrasados. Igualmente agravante era o fato de que ainda não havia ninguém para desafiar Eiffel. Além disso, a exposição entrara na precária primeira fase, comum a todos os grandes projetos de construção, em que obstáculos imprevistos surgem de repente.

Burnham sabia lidar com a notória inconsistência do solo de Chicago, mas até ele ficou surpreso com o Jackson Park.

De início, a capacidade do solo para suportar peso era “quase um valor desconhecido”, como disse um engenheiro.³ Em março de 1891, Burnham mandou realizar testes para aferir até que ponto o solo aguentaria os grandes palácios que se encontravam então nas pranchetas dos arquitetos. Merecia preocupação especial o fato de que os edifícios ficariam situados perto dos canais e dos lagos recém-escavados. Como qualquer engenheiro sabia, o solo sob pressão tendia a deslocar-se para preencher escavações adjacentes. Os engenheiros da feira fizeram o primeiro teste a quatro metros de distância da lagoa, em terreno que deveria suportar o canto nordeste do Edifício da Eletricidade. Puseram uma plataforma de quarenta centímetros quadrados e encheram-na de ferro até alcançar uma pressão de 1.250 quilos por metro quadrado, ao todo 22 toneladas.⁴ Quinze dias depois descobriram que ela só se acomodara seis milímetros. Então cavaram uma profunda vala a 1,20 metro de distância da plataforma. Nos dois dias seguintes, a plataforma afundou mais três milímetros e parou. Era boa notícia. Significava que Burnham poderia usar a estacaria flutuante de Root como alicerce, sem ter de se preocupar com acomodações catastróficas.

Para ter certeza de que essas propriedades eram constantes em todo o parque, Burnham pediu ao engenheiro-chefe, Abraham Gottlieb, que testasse os lugares demarcados para outros edifícios. Os resultados foram parecidos — até que os homens de Gottlieb chegaram à área reservada ao gigantesco Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais, de George Post. O solo destinado a aguentar a metade norte do prédio mostrou uma acomodação total de menos de 2,5 centímetros, consistente com o restante do parque. No lado sul, porém, os homens fizeram uma descoberta desencorajadora. Ainda enquanto os operários carregavam a plataforma, ela afundou cerca de vinte centímetros. Nos quatro dias seguintes, cedeu mais 75 centímetros, e teria continuado a afundar se os engenheiros não suspendessem o teste.

Estava claro que praticamente todo o solo do Jackson Park era capaz de aguentar fundações flutuantes, *exceto* a área destinada ao maior e mais pesado edifício da feira. Ali, como percebeu Burnham, os empreiteiros teriam de enfiar estacas pelo menos até encontrar o subsolo, uma complicação onerosa e fonte de mais atrasos.

Mas os problemas com esse edifício estavam apenas começando.



Em abril de 1891, Chicago soube o resultado da última eleição para prefeito. Nos clubes mais ricos da cidade, industriais se reuniram para brindar ao fato de Carter Henry Harrison, que consideravam ostensivamente solidário à causa trabalhista, ter perdido

para Hempstead Washburne, um republicano. Burnham, também, se permitiu um momento de comemoração. Para ele, Harrison representava a velha Chicago da imundície, da fumaça e do vício, tudo aquilo que a feira deveria repudiar.

Entretanto, as comemorações foram moderadas pelo fato de Harrison ter perdido por margem estreitíssima, menos de quatro mil votos. Mais ainda, quase ganhara sem o apoio de um grande partido. Repudiado pelos democratas, concorrera como independente.

Em outra parte da cidade, Patrick Prendergast estava enlutado. Harrison era seu herói, sua esperança. Porém a margem foi tão estreita que lhe parecia que Harrison poderia ganhar se voltasse a disputar. Prendergast resolveu redobrar seus esforços para ajudar Harrison a vencer.

No Jackson Park, Burnham sofria repetidas interrupções, decorrentes de sua função de embaixador de fato junto ao mundo exterior, encarregado de cultivar boa reputação e assegurar o público no futuro. Na maioria das vezes, os banquetes, as palestras e os passeios eram aborrecimentos que desperdiçavam seu tempo, como ocorreu em junho de 1891, quando, a pedido do diretor-geral Davis, Burnham cuidou da visita ao Jackson Park de um batalhão de dignitários estrangeiros, o que lhe tomou dois dias inteiros. Outros compromissos, no entanto, eram puro prazer. Poucas semanas antes, Thomas Edison, mais conhecido como “o Mago de Menlo Park”, fizera uma visita ao barracão de Burnham. Este mostrou-lhe o lugar, e Edison sugeriu que a exposição usasse lâmpadas incandescentes, em vez das de arco voltaico, pois as incandescentes produziam uma luz mais suave. Onde fosse impossível evitar as de arco voltaico, ele sugeriu cobri-las com globos brancos. E, naturalmente, Edison recomendou que a feira usasse a corrente contínua, o padrão predominante.⁵

A civilidade desse encontro camuflava uma cáustica batalha travada fora do Jackson Park pelos direitos de iluminar a exposição. De um lado estava a General Electric Company, fundada quando J. P. Morgan assumiu a empresa de Edison e fundiu-a a várias outras e que, naquele momento, propunha instalar um sistema de corrente contínua para iluminar a feira. Do outro estava a Westinghouse Electric Company, com a proposta para ligar o Jackson Park com corrente alternada, usando patentes que o fundador, George Westinghouse, adquirira poucos anos antes de Nikola Tesla.

A General Electric ofereceu-se para fazer o serviço por 1,8 milhão de dólares, jurando

que o negócio não lhe daria um centavo de lucro.⁶ Muitos diretores da exposição tinham ações da General Electric e insistiram com William Baker, presidente da feira desde que Lyman Gage se aposentara, em abril, para aceitar a proposta. Baker recusou, qualificando-a de “extorsiva”. A General Electric, de forma um tanto milagrosa, voltou com uma proposta de 554 mil dólares. Mas a Westinghouse, cujo sistema alternado era por natureza mais barato e eficiente, propôs 399 mil dólares. A exposição ficou com a Westinghouse e ajudou a mudar a história da eletricidade.

A maior fonte de desalento para Burnham era a incapacidade dos arquitetos de terminarem os desenhos no prazo.

Se um dia fora servil com Richard Hunt e os homens do leste, não era mais. Numa carta de 2 de junho de 1891 para Hunt, ele escreveu o seguinte: “Estamos totalmente paralisados à espera de seus desenhos em escala. Será que poderíamos recebê-los do jeito que estão e terminá-los aqui?”⁷

Quatro dias depois, voltou a cutucar Hunt: “O atraso que você está causando por não encaminhar os desenhos em escala é muito desagradável.”⁸

Naquele mesmo mês, uma interrupção séria, embora inevitável, prejudicou o departamento de paisagens. Olmsted adoeceu — gravemente. Ele atribuía a doença a envenenamento causado pela presença de um pigmento à base de arsênico chamado vermelho-turco no papel de parede de sua casa em Brookline. Mas pode muito bem ter sido apenas outra crise de depressão profunda, do tipo que o acometia de vez em quando ao longo dos anos.

Durante a recuperação, Olmsted encomendou plantas e bulbos para serem cultivados em dois grandes viveiros instalados no terreno da feira. Encomendou cinerárias, ajugas, heliotrópios President Garfield, verônicas, poejos, heras inglesas e argelinas, verbenas, vincas e uma rica paleta de gerânios, entre eles Black Prince, Christopher Columbus, Mrs. Turner, Crystal Palace, Happy Thought e Jeanne d’Arc.⁹ Despachou um exército de coletores para a beira do lago Calumet, onde colheram íris, junças, juncos e outras plantas e gramíneas semiaquáticas em quantidade suficiente para encher 27 vagões de trem. Além disso, coletaram quatro mil caixotes de raízes de aguapé, que os homens de Olmsted plantaram imediatamente, mas viram a maioria das raízes sucumbir aos níveis inconstantes do lago.

Em contraste com o viço dentro dos viveiros, o terreno do parque tinha sido desnudado de toda a vegetação. Operários enriqueceram o solo com mil carroças de esterco provenientes da Union Stock Yards, além de outras duas mil coletadas dos cavalos que ajudavam nas obras no Jackson Park. A presença de tanta terra exposta e de tanto

esterco tornou-se um problema. “Já era ruim quando fazia calor e um vento sul cegava os olhos de homens e animais”, escreveu Rudolf Ulrich, o superintendente de paisagismo de Olmsted no parque, “mas piorava no tempo úmido, com o chão recém-coberto e ainda não drenado, ensopado de água.”¹⁰

Cavalos afundavam até a barriga.

Era metade do verão de 1891 quando o último desenho dos arquitetos foi concluído. À medida que os conjuntos iam chegando, Burnham os submetia publicamente a propostas. Reconhecendo que a demora dos arquitetos tinha provocado um atraso geral, inseriu cláusulas nos contratos de construção que fizeram dele um “czar”, na definição do *Chicago Tribune*. Cada contrato trazia um prazo apertado para conclusão, com penalidades financeiras por cada dia de atraso. Burnham pusera anúncio sobre o primeiro contrato em 14 de maio, para o Edifício das Minas. Queria vê-lo terminado no fim do ano. Isso deixava, no máximo, sete meses para construção (mais ou menos o mesmo tempo que o proprietário de uma casa no século XXI levaria para construir uma nova garagem). “Ele é o árbitro de todas as disputas e não há dispositivo que preveja recurso contra sua decisão”, informou o *Tribune*. “Se, na opinião do sr. Burnham, o construtor não estiver utilizando mão de obra suficiente para completar a obra dentro do prazo, o sr. Burnham está autorizado a contratar operários pessoalmente e cobrar os custos ao construtor.”¹¹ O Edifício das Minas foi o primeiro dos grandes prédios da exposição a ter sua construção iniciada, mas as obras só começaram de fato em 3 de julho de 1891, faltando menos de dezesseis meses para o Dia da Consagração.

Quando a construção dos prédios enfim começou, as expectativas fora do parque cresceram. O coronel William Cody — Buffalo Bill — tentou obter permissão para apresentar seu espetáculo Wild West, que acabava de voltar de uma turnê imensamente bem-sucedida pela Europa, porém o comitê de assuntos fiscais da feira recusou o pedido, alegando “incongruência”.¹² Apesar do revés, Cody perseverou e obteve os direitos de uso de um grande pedaço de terra adjacente ao parque. Em São Francisco, um jovem empresário de 21 anos chamado Sol Bloom percebeu que a feira de Chicago lhe permitiria finalmente tirar proveito de um bem que adquirira em Paris dois anos antes. Extasiado com a Aldeia Argelina da exposição de Paris, comprara os direitos de expor a aldeia e seus habitantes em eventos futuros. O comitê de assuntos fiscais também o rejeitou. Ele voltou a São Francisco decidido a tentar um jeito diferente, mais indireto, de obter a concessão — que, em última análise, lhe renderia muito mais do que esperava. Enquanto isso, o jovem tenente Schufeldt tinha chegado a Zanzibar. Em 20 de julho, telegrafou para o presidente da exposição, William Baker, informando estar confiante de

que poderia conseguir todos os pigmeus que quisesse no Congo, desde que o rei da Bélgica consentisse. “O presidente Baker quer esses pigmeus”, disse o *Tribune*, “assim como todo mundo na sede.”¹³

Na prancheta, a feira parecia espetacular. O centro de tudo era o grande pátio, que todos passaram a chamar de pátio de honra. Com os imensos palácios de autoria de Hunt, Post, Peabody e dos demais, o pátio seria uma maravilha por si só, mas naquele momento praticamente todos os estados do país planejavam construir um edifício, assim como duzentas empresas e governos estrangeiros. A exposição prometia superar a de Paris em todos os níveis — menos num, e esse persistente déficit incomodava Burnham: a feira ainda não tinha planejado nada que se igualasse à Torre Eiffel, muito menos que viesse a ofuscá-la. Com mais de trezentos metros de altura, a torre era a construção mais alta do mundo e um detestável lembrete do triunfo da exposição parisiense. “Ultrapassar a Torre Eiffel” se tornara um grito de guerra entre os diretores.

Um concurso lançado pelo *Tribune* provocou uma onda de propostas implausíveis. C. F. Ritchel, de Bridgeport, Connecticut, sugeriu uma torre com uma base de trinta metros de altura por 150 metros de largura, dentro da qual Ritchel propôs abrigar outra torre e, nesta, uma terceira.¹⁴ A intervalos, um complicado sistema de bombas e tubos hidráulicos faria as torres se estirarem lentamente para cima, numa jornada de várias horas, e depois afundarem aos poucos para voltar à configuração original. O topo da torre abrigaria um restaurante, embora um bordel talvez fosse mais adequado.

Outro inventor, J. B. McComber, representando a Chicago-Tower Spiral-Spring Ascension and Toboggan Transportation Company, propôs uma torre com 2.727 metros de altura, quase nove vezes mais alta que a Torre Eiffel, com uma base de trezentos metros de diâmetro, enfiada seiscentos metros no chão. A partir do topo, trilhos elevados cobririam toda a distância até Nova York, Boston, Baltimore e outras cidades. Quem estivesse pronto para encerrar a visita à feira e tivesse a coragem de pegar o elevador até o topo poderia voltar para casa de tobogã. “Como o custo da torre e de seus escorregadores é de menos importância”, observou McComber, “não o menciono aqui, mas fornecerei cifras atendendo a solicitação.”¹⁵

Uma terceira proposta exigia ainda mais coragem dos visitantes. Esse inventor, que se identificou com as iniciais R. T. E., concebeu uma torre de 1.220 metros de altura na qual propunha pendurar um cabo “da melhor borracha” com seiscentos metros de comprimento. Preso na ponta inferior do cabo ficaria um carro com capacidade para duzentas pessoas. O carro e seus passageiros seriam empurrados de uma plataforma e cairiam, sem freio, até a ponta do cabo, onde ricocheteariam para cima e continuariam pulando até parar. O engenheiro recomendou, como precaução, que o chão fosse “coberto por um colchão de penas de dois metros e meio de espessura”.¹⁶

Todo mundo pensava em torres, mas Burnham achava que uma torre não era a melhor solução. Eiffel já fizera uma, primeiro e melhor que os outros. Mais do que simplesmente alta, a torre dele era a graciosidade congelada em ferro, uma evocação do espírito da época tão poderosa como Chartres tinha sido na sua. Construir uma torre seria ir atrás de Eiffel num território que ele já conquistara para a França.

Em agosto de 1891, o próprio Eiffel telegrafou para os diretores perguntando se poderia submeter uma proposta de torre.¹⁷ Foi uma surpresa, e de início muito bem-vinda. O presidente da exposição, Baker, respondeu na mesma hora que os diretores teriam o maior prazer em examinar qualquer coisa que ele propusesse. Se a feira tiver uma torre, disse Baker numa entrevista, “M. Eiffel é o homem indicado para construí-la. Não seria bem um experimento se ele ficasse encarregado de sua construção. Poderia até aperfeiçoar seu projeto da Torre Eiffel em Paris, e acho que se pode esperar que ele não construiria uma que fosse inferior àquela famosa estrutura”. Mas, para os engenheiros dos Estados Unidos, essa aceitação de Eiffel foi um tapa na cara. Na semana e meia que se seguiu, telegramas foram disparados de uma cidade a outra, de engenheiro para engenheiro, até que a história sofreu uma distorção. De repente ficou parecendo que uma Torre Eiffel em Chicago já era certeza — que o próprio Eiffel se encarregaria de superar Eiffel. Os engenheiros se ofenderam.¹⁸ Uma longa carta de protesto chegou ao escritório de Burnham, assinada por alguns dos principais engenheiros do país.

Aceitar a “oferta do distinto senhor”, escreveram eles, seria “equivalente a uma declaração de que o grande corpo de engenheiros civis deste país, cujos nobres trabalhos atestam sua aptidão tanto no exterior como em toda a extensão desta terra, não tem capacidade de resolver um problema dessa natureza, e tal decisão talvez lhes viesse roubar uma justa pretensão de excelência profissional”.

Burnham leu e aprovou a carta. Agradava-lhe ver os engenheiros civis dos Estados Unidos enfim demonstrarem paixão pela feira, apesar de os diretores nada terem prometido a Eiffel. Sua proposta formal chegou uma semana depois, sugerindo uma torre que em essência era uma versão mais alta da que construía em Paris. Os diretores mandaram traduzir a proposta, examinaram-na e a recusaram gentilmente. Se era para haver uma torre na feira, que fosse uma torre americana.

Mas as pranchetas dos engenheiros dos Estados Unidos continuaram desanimadoramente estéreis.



Sol Bloom, de volta à Califórnia, levou o pedido de concessão relativo à Aldeia Argelina a um influente cidadão de São Francisco, Mike de Young, editor do *San Francisco Chronicle* e um dos delegados nacionais da exposição. Bloom lhe falou dos

direitos que tinha adquirido em Paris e informou que a exposição recusara sua petição.

De Young conhecia Bloom. Quando adolescente, Bloom trabalhara no Alcazar Theater, que pertencia a De Young, e não demorou para se tornar seu tesoureiro, aos dezenove anos. No tempo livre, Bloom tinha organizado lanterninhas, caixas e vendedores de lanches numa estrutura mais eficiente e coesa, aumentando bastante os lucros do teatro e o seu próprio salário. Depois organizou essas funções em outros teatros e passou a receber comissões regulares de cada um deles. No Alcazar, inseria nos roteiros os nomes de produtos populares, bares e restaurantes, incluindo o Cliff House, e disso lhe vinha outro fluxo de rendimentos. Também organizou um grupo de aplaudidores profissionais, conhecidos como “claques”, para aplaudir com entusiasmo, pedir bis e gritar “Bravo!” para qualquer ator ou atriz que se dispusesse a pagar. A maioria dos artistas pagava, até mesmo a diva mais famosa da época, Adelina Patti. Certo dia Bloom viu o artigo numa publicação teatral sobre uma nova banda mexicana que, na sua opinião, os americanos iam adorar e convenceu o empresário da banda a deixá-lo levar os músicos para uma turnê no norte. Bloom teve um lucro de 40 mil dólares. Na época, tinha apenas dezoito anos.

De Young disse a Bloom que ia investigar a situação. Uma semana depois, pediu que Bloom fosse ao seu escritório.

— Em quanto tempo você se prepararia para uma viagem a Chicago? — perguntou.¹⁹

Surpreso, Bloom respondeu:

— Acho que em uns dois dias.

Entendeu que De Young conseguira uma segunda oportunidade para que ele submetesse o pedido ao comitê de assuntos fiscais da feira. Hesitou um pouco e disse a De Young que achava que a viagem só valeria a pena quando diretores da exposição soubessem melhor que tipos de atrações iam querer.

— A situação progrediu muito desde aquela nossa conversa — contou De Young. — Agora só precisamos de alguém que assuma o controle.

Mostrou a Bloom um telegrama da companhia da exposição que autorizava De Young a contratar alguém com a tarefa de escolher as concessões para o [parque] Midway Plaisance e de orientar sua construção e promoção.

— Você foi escolhido — revelou.

— Não sei fazer isso — disse Bloom. Ele não queria sair de São Francisco. — Mesmo que soubesse, há muita coisa exigindo minha atenção aqui para pensar nisso.

De Young fitou-o:

— Não quero ouvir mais nenhuma palavra sua até amanhã.

Nesse ínterim, De Young queria que Bloom pensasse em quanto dinheiro teriam de lhe pagar para vencer sua relutância.

— Quando voltar, diga quanto quer ganhar. Eu aceitarei ou recusarei. Sem discussão. Está bom assim?

Bloom concordou, mas só porque o pedido de De Young lhe dava um pretexto elegante para recusar o emprego. Ele percebeu que tudo o que precisava fazer era mencionar uma soma tão exorbitante que De Young não pudesse aceitar de forma alguma “e, andando pela rua, decidi que soma seria”.

Burnham tentou prever todas as ameaças à feira imagináveis. Ciente da reputação de Chicago de lugar de vício e violência, Burnham insistiu na criação de uma grande força policial, a guarda colombiana, e colocou-a sob o comando do coronel Edmund Rice, homem de grande coragem, que tinha enfrentado a carga de Pickett na batalha de Gettysburg. Ao contrário dos departamentos de polícia convencionais, o mandato da guarda ressaltava, explicitamente, a ideia inédita de prevenir o crime em vez de apenas prender os transgressores depois do fato consumado.

Doenças também representavam perigo para a feira, como Burnham bem o sabia. Uma epidemia de varíola, cólera ou qualquer infecção letal que acometesse a cidade poderia macular de forma irreparável a exposição, destruindo qualquer esperança que os diretores pudessem ter de alcançar o recorde de público necessário para gerar lucro.

A essa altura, a nova ciência da bacteriologia, da qual Robert Kock e Louis Pasteur foram pioneiros, tinha convencido a maioria das autoridades de saúde pública de que a disseminação do cólera e de outras doenças bacterianas era causada por água potável contaminada. As águas de Chicago fervilhavam de bactérias, graças sobretudo ao rio Chicago. Num espasmo monumental de engenharia urbana, a cidade inverteu a direção do rio em 1871, de modo que ele não mais desaguava no lago Michigan, mas, em vez disso, corria para o rio Des Plaines e, de lá, para o Mississippi, com base na teoria de que o imenso caudal dos dois rios diluiria a descarga de esgoto a níveis inofensivos — conceito que as cidades situadas a jusante, como Joliet, não aceitavam com muito entusiasmo. Para a surpresa dos engenheiros, entretanto, as chuvas prolongadas rotineiramente faziam o rio Chicago retroceder, voltando a despejar gatos mortos e matéria fecal no lago, e em tal volume que espirais de água escura chegavam até as cabines de coleta do sistema de águas da cidade.

A maioria dos moradores de Chicago não tinha escolha senão beber a água. Porém, desde o início, Burnham era da opinião de que os operários e visitantes da feira precisavam de um suprimento melhor e mais seguro. Nisso, também, estava à frente do seu tempo. Por ordem sua, o engenheiro sanitário William S. MacHarg construiu no terreno da feira uma usina de esterilização de água que bombeava água do lago através

de uma série de grandes tanques, nos quais a água era arejada e fervida. Os funcionários de MacHarg instalaram grandes barris dessa água esterilizada em todo o parque, reabastecendo-os todos os dias.

Burnham planejava fechar a usina de purificação no Dia da Abertura e oferecer aos visitantes outras duas opções de suprimentos de água sadia: água do lago purificada com filtros Pasteur e oferecida de graça ou água naturalmente pura, a um centavo o copo, trazida das cobiçadas fontes de Waukesha, em Wisconsin, através de 160 quilômetros de tubulação. Em novembro de 1891, Burnham mandou MacHarg investigar cinco fontes em Waukesha para avaliar sua capacidade e pureza, mas que fizesse isso “em silêncio”, sugerindo que estava bem ciente de que passar uma tubulação pela graciosa paisagem da aldeia poderia ser uma questão delicada. Entretanto, ninguém poderia ter imaginado que dentro de poucos meses os esforços de MacHarg para garantir o fornecimento da melhor água de Waukesha levaria a um confronto armado no meio de uma bela noite em Wisconsin.

A maior preocupação de Burnham era o fogo. A perda do Grannis Block, onde ele e Root tinham sua sede, ainda era uma lembrança viva e humilhante. Um incêndio catastrófico no Jackson Park poderia destruir a feira. Mas, apesar disso, dentro do parque o fogo era essencial para o processo de construção. Estucadores usavam pequenas fornalhas, chamadas salamandras, para acelerar a secagem e a cura. Funileiros e eletricitas utilizavam braseiros para derreter, dobrar e amalgamar. Até o corpo de bombeiros usava fogo: motores a vapor acionavam as bombas nos carros do departamento puxados a cavalo.

Burnham criou defesas que pelos padrões dominantes pareciam complicadas, até mesmo excessivas. Organizou um corpo de bombeiros para a exposição, mandou instalar centenas de hidrantes e caixas de alarme telegráficas. Encomendou a construção de um barco de combate a incêndios, o *Fire Queen*, construído especificamente para navegar nos rasos canais do parque e passar sob suas muitas pontes baixas. Especificações de projeto exigiam que cada prédio fosse cercado por um cano mestre subaquático e dotado de tubulação anti-incêndio no interior. Também proibiu fumar em toda a área, embora nesse caso abrisse ao menos duas exceções: uma para um empreiteiro que alegou que sua equipe de artesãos europeus iria embora se não pudesse fumar seus charutos e a outra para a grande lareira em seu próprio barracão, em volta da qual ele e seus engenheiros, desenhistas e arquitetos visitantes se reuniam à noite para tomar vinho, conversar e fumar charuto.

Com a chegada do inverno, Burnham ordenou que todos os hidrantes fossem cobertos de esterco de cavalo para não congelarem.

Nos dias mais frios, o esterco emanava vapor, como se os próprios hidrantes

estivessem pegando fogo.

Quando voltou ao escritório de Mike de Young, Sol Bloom estava seguro de que De Young não poderia de forma alguma aceitar sua proposta, pois resolvera pedir o mesmo salário do presidente dos Estados Unidos: 50 mil dólares. “Quanto mais eu pensava no assunto”, lembrou-se Bloom, “mais me agradava a perspectiva de dizer a Mike de Young que nenhum valor menor que esse poderia compensar o sacrifício de deixar São Francisco.”²⁰

De Young pediu a Bloom que se sentasse. Tinha uma expressão de sobriedade e expectativa.

— Por mais que eu agradeça a cortesia, acho que meus interesses estão exatamente aqui, nesta cidade. Quando olho para a frente me vejo... — começou Bloom.

De Young o interrompeu e disse, calmo:

— Sol, achei que agora você fosse enfim me dizer quanto quer que lhe paguemos.

— Não quero que pense que não lhe sou grato...

— Isso você disse um minuto atrás — cortou-lhe De Young. — Agora me diga quanto quer.

Não era bem o que Bloom esperava. Com alguma trepidação, mencionou a cifra:

— Mil dólares por semana.

De Young sorriu e disse:

— Bem, é um salário muito bom para um sujeito de 21 anos, mas não tenho dúvida de que você fará por merecê-lo.

Em agosto, o chefe de engenharia estrutural de Burnham, Abraham Gottlieb, fez uma revelação espantosa: esquecera-se de calcular as cargas de vento nos principais prédios da feira. Burnham ordenou que seus principais empreiteiros — entre eles Agnew & Co., que construía o Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais — suspendessem as obras imediatamente. Durante meses, Burnham vinha lutando contra rumores de que obrigava seus homens a trabalharem num ritmo tão rápido que, como resultado, alguns prédios eram inseguros; na imprensa da Europa circularam notícias de que certas construções tinham sido “condenadas”. E ali estava Gottlieb, admitindo um erro potencialmente catastrófico.

Gottlieb afirmou que, mesmo sem um cálculo explícito da força das cargas de vento, os edifícios eram fortes o suficiente.

“Mas eu não poderia aceitar essa opinião”, escreveu Burnham em carta a James Dredge, editor da influente revista britânica *Engineering*.²¹ Burnham mandou reforçar todos os projetos para aguentar os ventos mais fortes registrados nos últimos dez anos. “Talvez seja extremo demais”, disse a Dredge, “mas me parece sensato e prudente, em razão dos grandes interesses envolvidos.”

Gottlieb pediu demissão. Burnham o substituiu por Edward Shankland, engenheiro de sua própria firma que tinha uma reputação nacional de construtor de pontes.

Em 24 de novembro de 1891, Burnham escreveu a James Dredge para informar que voltara a ser atacado na questão da integridade estrutural: “Agora a crítica é que os edifícios são desnecessariamente fortes.”²²

Bloom chegou a Chicago e logo descobriu por que quase nada fora realizado no Midway Plaisance, conhecido oficialmente como Departamento M. Até aquele momento estivera sob o controle de Frederick Putnam, professor de etnologia de Harvard. Putnam era um ilustre antropólogo, mas encarregá-lo do Midway, como diria Bloom anos depois, “foi uma decisão tão inteligente quanto seria hoje fazer de Albert Einstein gerente do Ringling Brothers and Barnum & Bailey Circus”.²³ Putnam não teria discordado. Ele confidenciou a um colega que estava “louco para tirar esse circo indígena de minhas mãos”.²⁴

Bloom transmitiu suas preocupações ao presidente da exposição, Baker, que o encaminhou a Burnham.

“Você é muito jovem, muito jovem mesmo, para cuidar do trabalho que lhe confiaram”, disse Burnham.²⁵

Entretanto o próprio Burnham era jovem quando John B. Sherman entrou em seu escritório e mudou sua vida.

“Quero que saiba que tem minha total confiança”, afirmou. “Você fica encarregado do Midway. Toque em frente a obra. Só preste contas a mim. Vou baixar ordens por escrito nesse sentido. Boa sorte.”

Em dezembro de 1891, os dois prédios mais adiantados eram o Edifício das Minas e o Edifício das Mulheres. A construção do Edifício das Minas transcorreria sem percalços, graças a um inverno que, pelos padrões de Chicago, fora misericordioso. Mas a construção do Edifício das Mulheres transformara-se numa provação, tanto para Burnham como para sua jovem arquiteta, Sophia Hayden, em razão sobretudo das

modificações exigidas por Bertha Honore Palmer, chefe do conselho de administradoras da feira, que coordenava tudo no evento relacionado a mulheres. Como esposa de Potter Palmer e pela riqueza e pela absoluta dominância social, estava acostumada a impor sua vontade, como deixou bem claro no começo do ano ao suprimir uma revolta liderada pela secretária-executiva do conselho que provocara uma guerra aberta entre facções de mulheres elegantemente penteadas e vestidas. No meio da confusão, uma senhora escreveu, horrorizada, para a sra. Palmer: “Espero *mesmo* que o congresso não fique aborrecido com o nosso sexo.”²⁶

Hayden fora a Chicago para produzir desenhos finais e depois voltara para casa, deixando a execução a cargo de Burnham. A construção foi iniciada em 9 de julho; operários começaram a aplicar a camada final de estafe em outubro. Hayden voltou em dezembro para coordenar a decoração do exterior do edifício, acreditando que essa era uma tarefa de sua responsabilidade. Descobriu que Bertha Palmer tinha outras ideias.

Em setembro, sem que Hayden soubesse, Palmer havia pedido a mulheres de todas as partes que doassem enfeites arquitetônicos para o edifício e, em resposta, recebera colunas, painéis, esculturas, grades de janela, portas e outros objetos em quantidade suficiente para encher um museu. Palmer achava que o imóvel poderia assimilar todas as contribuições, sobretudo as de mulheres importantes. Hayden, por sua vez, sabia que uma salada de materiais resultaria numa abominação estética. Quando uma influente mulher de Wisconsin chamada Flora Ginty mandou uma porta de madeira elaboradamente entalhada, Hayden a recusou. Ginty ficou ofendida e furiosa. “Quando penso nos dias que trabalhei e nas milhas que viajei para conseguir essas coisas para o Edifício das Mulheres, minha ira aumenta ainda mais.”²⁷ A sra. Palmer estava na Europa na época, mas sua secretária particular, Laura Hayes, uma virtuose da bisbilhotice, fez questão de que a patroa ficasse sabendo de todos os detalhes. Hayes repassou também para Palmer algumas palavras que tinha dito à arquiteta a título de conselho: “Acho melhor o prédio ficar parecido com uma colcha de retalhos do que recusar essas coisas que as administradoras se deram o trabalho de pedir.”²⁸

Uma colcha de retalhos não era bem o que Hayden tinha em mente. Apesar do ofuscante brilho social da sra. Palmer, Hayden continuou rejeitando doações. Seguiu-se uma batalha, travada à moda da Era Dourada, com friezas indiretas e cortesias venenosas. A sra. Palmer implicou e intimidou, disparou gélidos sorrisos contra o acabrunhamento de Hayden e, por fim, encarregou outra pessoa de fazer a decoração do Edifício das Mulheres, uma designer chamada Candace Wheeler.

Hayden lutou contra isso à sua maneira quieta e teimosa até não aguentar mais. Um dia, entrou no escritório de Burnham, começou a contar sua história e ali mesmo perdeu a razão: com lágrimas, soluços, gritos de angústia, tudo. “Um grave colapso”, descreveu

um conhecido, “com um ataque violento de alta agitação nervosa do cérebro.”²⁹

Burnham, atônito, mandou chamar um dos médicos da exposição. Hayden foi discretamente retirada do parque numa das inovadoras ambulâncias inglesas da feira, dotadas de silenciosos pneus de borracha, e internada num sanatório para um período de descanso compulsório. Mergulhou na “melancolia”, um nome gentil para depressão.

No Jackson Park, os aborrecimentos eram endêmicos. Burnham descobriu que as questões mais simples causavam desentendimento. Até mesmo Olmsted se tornou motivo de irritação. Ele era brilhante e encantador, mas quando cismava com uma coisa era tão inflexível quanto uma placa de calcário de Joliet. No fim de 1891, a questão dos tipos de barco que seriam permitidos nos canais da feira tornara-se para ele uma obsessão, como se os barcos pudessem, sozinhos, determinar o êxito da sua busca pelo “mistério poético”.

Em dezembro de 1891, Burnham recebeu uma proposta de um fabricante de rebocadores defendendo o uso de lanchas a vapor na exposição. Olmsted ficou sabendo disso por meio de Harry Codman, que além de ser seu chefe de operações em Chicago servia como uma espécie de espião, mantendo Olmsted em dia com todas as ameaças à sua visão. Coldman mandou para Olmsted uma cópia da carta, informando numa nota de próprio punho que o fabricante de rebocadores parecia desfrutar da confiança de Burnham.

Em 23 de dezembro, Olmsted escreveu para Burnham: “Suspeito que até Codman deve achar que eu perco muito tempo com a questão dos barcos e dedico a isso preocupações, talvez ideias, que seriam mais bem aproveitadas em outras questões mais relevantes, e imagino que você me julgue excêntrico por causa disso.”³⁰

No entanto, insistiu mais uma vez em sua obsessão. Queixou-se de que a carta do fabricante de rebocadores colocava a questão dos barcos apenas em termos de transportar o maior número possível de passageiros de um ponto da exposição para outro, do modo mais barato e mais rápido. “Você sabe muito bem que o principal objetivo a ser alcançado não tem nada a ver com isso. Não preciso tentar declarar qual é esse objetivo. Você está tão empenhado nele quanto eu. Sabe que é um objetivo poético, e sabe que se é para introduzir barcos nessas águas seria um disparate se fossem de um tipo que antagonize esse objetivo poético.”

O simples transporte nunca foi a meta, afirmou. A única razão para ter barcos era ressaltar a paisagem. “Coloque nas águas barcos pouco elegantes e o efeito será lamentável, destruindo o valor do que, de outra forma, seria a característica original mais valiosa dessa exposição. Digo ‘destrói’ deliberadamente. Mil vezes melhor não ter

barcos.”

Apesar da crescente interferência do comitê e do conflito cada vez mais intenso entre Burnham e o diretor-geral Davis, e com a ameaça de greves trabalhistas sempre no ar, os principais prédios iam sendo erguidos. Operários assentavam fundações de imensas peças de madeira em camadas cruzadas, seguindo o princípio da estacaria de Root, e depois utilizavam guindastes movidos a vapor para levantar os altos postes de ferro e aço que formavam a estrutura de cada edifício. Em seguida, eles enclausuravam as estruturas em andaimes de madeira e colocavam na frente de cada uma delas centenas de milhares de pranchas de madeira para criar paredes capazes de aceitar duas grossas camadas de estafe. Enquanto os operários acumulavam montanhas de madeira recém-cortada ao lado dos prédios, contrafortes pontudos de serragem e de sobras se formavam nas proximidades. O ar cheirava a madeira cortada e a Natal.

Em dezembro, a exposição teve sua primeira morte: um homem chamado Mueller, no Edifício das Minas, morto com fratura no crânio.³¹ Outras três mortes vieram em rápida sucessão:

Jansen, fratura no crânio, Edifício da Eletricidade;

Allard, fratura no crânio, Edifício da Eletricidade;

Algeer, completamente atordoado por um novo fenômeno, o choque elétrico, no Edifício das Minas.

Dezenas de incidentes menores ocorreram também. Publicamente, Burnham adotava uma pose de confiança e otimismo. Numa carta de 28 de dezembro de 1891 ao editor do *Chicago Herald*, escreveu: “Algumas questões de projeto e da planta ainda não foram determinadas, mas não há nada no momento que não esteja indo bem, e não vejo por que não haveríamos de concluir nossa obra a tempo para as cerimônias de outubro de 1892” — Dia da Consagração — “e para a abertura da exposição, em 1º de maio de 1893.”³²

Na realidade, a feira estava bastante atrasada, e o cronograma só não estava pior graças à suavidade do inverno. A consagração de outubro estava programada para o Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais, porém em janeiro apenas os alicerces do prédio tinham sido estabelecidos. Para que a feira estivesse minimamente apresentável no dia da cerimônia, tudo teria de transcorrer com perfeição. Acima de tudo, o clima deveria cooperar.

Enquanto isso, bancos e empresas quebravam em todo o país, havia ameaças de greve em toda parte, e o cólera tinha começado a percorrer uma lenta jornada branca pela Europa, provocando temores de que os primeiros navios com a peste comessem a

chegar ao porto de Nova York.

Como se não bastasse toda a pressão, o *The New York Times* fez uma advertência: “O fracasso da feira, ou qualquer coisa menos do que um êxito claro e marcante, seria um descrédito para todo o país, e não apenas para Chicago.”³³

Vestígios do dia

EM NOVEMBRO DE 1891, Julia Conner anunciou a Holmes que estava grávida. Disse que ele não tinha mais escolha senão se casar com ela.¹ Holmes reagiu à notícia com calma e ternura. Abraçou-a, acariciou-lhe os cabelos e com olhos marejados assegurou-lhe que não precisava se preocupar, ele sem dúvida se casaria com ela, como vinha prometendo havia muito tempo. Tinha, porém, uma condição que se sentia obrigado a impor. Um filho estava fora de questão. Ele se casaria se ela lhe permitisse fazer um simples aborto. Era médico, já fizera isso antes. Usaria clorofórmio, ela não sentiria nada e acordaria pronta para começar vida nova, como a sra. H. H. Holmes. Filhos ficariam para depois. Naquele momento, havia coisas demais para fazer, sobretudo devido à trabalhadeira que viria pela frente, para terminar de construir o hotel e mobiliar cada um de seus quartos antes da feira mundial.

Holmes tinha consciência do grande poder que exercia sobre Julia. Primeiro havia o poder advindo naturalmente da sua capacidade de enfeitiçar homens e mulheres com sua falsa candura e cordialidade. Depois, o poder da aprovação social que ele passara a lhe conceder. Embora os casos sexuais fossem comuns, a sociedade só os tolerava se seus detalhes permanecessem secretos. Príncipes das casas de empacotamento fugiam com empregadas, e presidentes de banco seduziam datilógrafas; quando necessário, seus advogados arranjavam viagens à Europa para irem a centros cirúrgicos de médicos discretos, mas competentes. Uma gravidez pública sem casamento equivalia a desgraça e pobreza. Holmes naquele momento era tão dono de Julia como se ela fosse uma escrava de antes da guerra, e essa posse lhe dava intensa satisfação. A operação, disse ele a Julia, seria realizada na véspera do Natal.

Nevava. Cantores passavam pelas mansões da avenida Prairie, parando de vez em quando para entrar nas belas casas e tomar ponche e chocolate quente. O ar rescendia a lenha queimada e pato assado. No cemitério de Graceland, ao norte, jovens casais deslizavam de trenó sobre as ondulações cobertas de neve, enrolando-se com força em seus mantos quando passavam pelas escuras e sombrias tumbas dos homens mais ricos e poderosos de Chicago. A solidão dos túmulos tornava tudo ainda mais denso pelo contraste com a neve azulada da noite.

No número 701 da rua 63, em Englewood, Julia Conner pôs a filha na cama se

esforçando para sorrir e participar com a criança da doce expectativa do Natal. Sim, Papai Noel viria e traria coisas maravilhosas. Holmes prometera uma generosa quantidade de brinquedos e doces a Pearl, e para Julia algo de verdadeiramente magnífico, muito além de qualquer coisa que pudesse ter recebido do pobre e insípido Ned.

Lá fora a neve amortecia o barulho dos cavalos que passavam. Trens com caninos de gelo irrompiam pelo cruzamento com a Wallace.

Julia desceu do saguão para um apartamento ocupado pelo sr. e pela sra. John Crowe. Julia havia se tornado amiga da sra. Crowe e naquele momento a ajudava a decorar uma árvore de Natal, uma surpresa preparada para a manhã de Natal de Pearl.² Julia falou sobre tudo o que ela e a filha fariam no dia seguinte e contou à sra. Crowe que dentro de pouco tempo iria a Davenport, Iowa, assistir ao casamento de uma irmã mais velha, “uma solteirona”, disse a sra. Crowe, que, para surpresa geral, ia se casar com um ferroviário. Julia aguardava apenas o bilhete que o noivo ficara de colocar no correio.

Julia saiu do apartamento tarde da noite, animada, como se lembraria mais tarde a sra. Crowe: “Nada que tenha dito poderia fazer qualquer um de nós supor que ela pretendia ir embora naquela noite.”

Holmes desejou a Julia um animado “Feliz Natal” e lhe deu um abraço. Depois a pegou pela mão e a levou para um quarto no segundo andar, que ele preparara para a operação. Havia uma mesa coberta com panos brancos. Seus estojos cirúrgicos estavam abertos e resplandecentes, os instrumentos arranjados num girassol de aço polido. Coisas amedrontadoras: serra de osso, retrator abdominal, trocarte e trépano. Com certeza mais instrumentos do que ele realmente precisava, e todos posicionados de tal maneira que Julia não poderia deixar de vê-los e sentir-se mal com seu brilho ávido e severo.

Ele usava avental branco e arregaçara as mangas. Talvez até tivesse a cabeça coberta por um chapéu-coco. Não lavara as mãos, nem pusera máscara. Não havia necessidade.

Ela procurou a mão dele. Ele lhe garantiu que não doeria. Quando a jovem acordasse estaria tão saudável quanto antes, mas sem o estorvo que trazia dentro de si. Ele tirou a tampa de uma garrafa âmbar³ contendo um líquido e sentiu de imediato sua exalação prateada nas próprias narinas. Derramou clorofórmio num pano dobrado. Ela lhe agarrou a mão com mais força — o que ele achou particularmente excitante⁴ e segurou o pano sobre o nariz e a boca da mulher. Os olhos dela se agitaram e rolaram para cima. Então veio a perturbação inevitável e reflexiva de músculos, como quando se corre num sonho. Ela soltou-lhe a mão e a afastou, com os dedos abertos. Os pés tremiam, como se dançassem ao som de um tambor descontrolado. A excitação dele aumentou. Ela tentou

afastar a mão dele, mas Holmes estava preparado para o súbito acesso de estimulação muscular que sempre precedia o estupor e com grande força prendeu-lhe o pano no rosto. Ela lhe bateu nos braços. A energia a abandonou lentamente, e suas mãos começaram a descrever arcos vagarosos, calmos e sensuais, os tambores silenciosos. Tornara-se um balé, uma saída pastoral.

Enquanto segurava o pano com uma das mãos, com a outra ele pingava mais líquido entre os dedos, deliciando-se com a sensação de frialdade onde o clorofórmio lhe cobria os dedos. Um dos pulsos dela pendeu na mesa, seguido logo depois pelo outro. As pálpebras palpitaram, antes de se fecharem. Holmes não achava que ela tivesse inteligência para fingir um coma, porém mesmo assim a segurou com força. Após certo tempo, procurou-lhe o pulso para medir a pulsação e sentiu que já não latejava; o barulho era semelhante ao de um trem se afastando.

Tirou o avental e desdobrou as mangas. O clorofórmio e a intensa excitação fizeram-no sentir-se meio tonto. A sensação, como sempre, era agradável e lhe provocava uma cálida languidez, como ficava depois de muito tempo sentado diante de uma fôrnalha quente. Tampou o clorofórmio, pegou outro pano e seguiu pelo corredor para o quarto de Pearl.

Num instante dobrou o pano limpo e o embebeu de clorofórmio. No corredor, mais tarde, olhou o relógio e viu que já era Natal.



A data nada significava para Holmes. As manhãs de Natal de sua juventude foram sufocadas pelo excesso de piedade, orações e silêncio, como se um gigantesco cobertor de lã se estendesse sobre a casa.



Na manhã de Natal, os Crowe aguardavam Julia e Pearl, na feliz expectativa de verem os olhos da menina brilharem quando encontrassem a árvore graciosa e os presentes arrumados debaixo dos galhos.⁵ O apartamento estava aquecido, e o ar colorido de canela e abeto. Passou-se uma hora. Os Crowe esperaram o máximo que puderam, mas às dez horas saíram a fim de tomar o trem para o centro de Chicago, onde planejavam visitar amigos. Deixaram a porta do apartamento apenas encostada, com um alegre bilhete de boas-vindas.

Os Crowe voltaram às onze horas daquela noite e encontraram tudo exatamente como deixaram, sem qualquer indício de que Julia e a filha tivessem passado por lá. Na manhã seguinte, bateram à porta do apartamento de Julia, mas ninguém respondeu.

Perguntaram a vizinhos dentro e fora do edifício se haviam visto Julia ou Pearl, e ninguém as vira.

Quando Holmes apareceu, a sra. Crowe lhe perguntou onde Julia poderia estar. Ele explicou que ela e Pearl tinham ido para Davenport mais cedo do que esperavam.

A sra. Crowe nunca mais teve notícias de Julia. Ela e os vizinhos acharam tudo muito estranho. Todos concordavam que tinham visto Julia e Pearl na véspera do Natal.

Não foi bem assim. Outros voltaram a ver Julia, embora àquela altura não se esperasse que ninguém, nem mesmo sua própria família em Davenport, Iowa, a reconhecesse.

Logo depois do Natal, Holmes pediu a um de seus assistentes, Charles Chappell, que fosse ao prédio. Holmes ficara sabendo que Chappell era um “articulador”, ou seja, alguém que dominava a arte de tirar a carne de corpos humanos e rearranjar, ou articular, os ossos em esqueletos completos para serem expostos em consultórios médicos e laboratórios. Aprendera as técnicas necessárias quando articulava cadáveres para alunos de medicina no hospital do Condado de Cook.

Quando era estudante de medicina, Holmes tinha constatado, em primeira mão, que as escolas precisavam desesperadamente de cadáveres, frescos ou já arranjados em esqueleto. O estudo sério e sistemático da medicina intensificava-se, e para os cientistas o corpo humano era como a calota polar, algo a ser estudado e explorado. Esqueletos ficavam expostos em consultórios médicos, onde serviam como enciclopédias visuais. Como a procura era maior do que a oferta, os médicos adotaram o costume de gentil e discretamente aceitar qualquer cadáver que lhes fosse doado. Desaprovavam o assassinato como forma de obtenção de material; mas, por outro lado, não perdiam muito tempo e energia explorando a procedência dos corpos. Roubar sepulturas tornou-se uma indústria, embora pequena, por exigir uma dose excepcional de sangue-frio. Em períodos de grande escassez, os próprios médicos se incumbiam de ajudar a garimpar os recém-falecidos.

Era óbvio para Holmes que mesmo então, nos anos 1890, a demanda continuava alta. Os jornais de Chicago traziam relatos macabros de médicos vasculhando cemitérios. Após uma frustrada incursão a um cemitério em New Albany, Indiana, em 24 de fevereiro de 1890, o dr. W. H. Wathen, chefe da Faculdade de Medicina de Kentucky, disse a um repórter do *Tribune*: “Os cavalheiros atuavam não em nome da Faculdade de Medicina de Kentucky nem em nome de seus interesses individuais, mas em nome das faculdades de medicina de Louisville, para as quais o material humano é tão necessário quanto o ar para a vida.”⁶ Apenas três semanas depois, os médicos de Louisville voltaram a agir. Tentaram roubar uma sepultura no Manicômio Estadual para os

Insanos, em Anchorage, Kentucky, dessa vez em nome da Universidade de Louisville. “Sim, o grupo foi mandado por nós”, contou um funcionário antigo da escola.⁷ “Precisamos de corpos, e se o Estado não os fornece só nos resta roubá-los. As turmas de inverno eram grandes e usaram tanto material que não sobrou nada para as da primavera.” Ele não via motivo para pedir desculpas. “O cemitério do manicômio vem sendo roubado há anos”, revelou, “e duvido que haja um só cadáver nele. O que digo é que precisamos de corpos. Não se podem formar médicos sem eles, e o público precisa compreender isso. Se não os conseguirmos de nenhuma outra maneira, armaremos os alunos com fuzis Winchester para protegerem os ladrões de cadáveres em suas excursões.”

Holmes estava sempre pronto para aproveitar oportunidades, e com a demanda por corpos tão robusta a oportunidade lhe acenava.

Levou Charles Chappell a uma sala do segundo andar onde havia uma mesa, instrumentos médicos e garrafas de solventes. Isso não perturbou Chappell, nem o cadáver estendido na mesa, pois Chappell sabia que Holmes era médico. Tratava-se sem a menor dúvida de um corpo de mulher, apesar da estatura inusitada. Não viu nada que lhe indicasse a identidade. “O corpo”, disse ele, “parecia o de uma lebre que tivesse sido esfolada rasgando-se a pele a partir do rosto e tirando-a do corpo todo. Em alguns lugares, consideráveis porções da carne tinham sido arrancadas com ela.”⁸

Holmes explicou que tinha dissecado um pouco o corpo, mas já terminara a pesquisa. Ofereceu a Chappell 36 dólares para limpar os ossos e o crânio e rearranjá-los num esqueleto todo articulado. Chappell aceitou. Ele e Holmes puseram o corpo num baú forrado com lona. Uma empresa de encomendas entregou-o na casa de Chappell.

Chappell não tardou a voltar com o esqueleto. Holmes lhe agradeceu e pagou e imediatamente vendeu o esqueleto para a Faculdade de Medicina Hahnemann — a escola de Chicago, e não a homônima da Filadélfia — por um valor várias vezes maior do que o que pagara a Chappell.

Na segunda semana de janeiro de 1892, a família Doyle, os novos inquilinos, se mudou para o apartamento de Julia no edifício de Holmes. Encontraram pratos na mesa e roupas de Pearl jogadas numa cadeira.⁹ Parecia que os antigos moradores tinham saído pensando em voltar dentro de poucos minutos.

Os Doyle perguntaram a Holmes o que havia acontecido.

Com a voz perfeitamente sóbria, Holmes pediu desculpas pela bagunça e explicou que a irmã de Julia adoecera de repente e que a mulher e a filha tinham saído de imediato para a estação de trem. Não foi preciso arrumar suas coisas, pois as duas possuíam

dinheiro suficiente e não voltariam mais.

Mais tarde, Holmes contou outra história sobre Julia: “A última vez que a vi foi em 1º de janeiro de 1892, quando houve um acordo sobre seu aluguel. Nessa época, ela anunciara não só a mim, mas aos vizinhos e amigos, que estava indo embora.”¹⁰ Apesar de dizer a todos que seu destino era Iowa, na verdade, explicou Holmes, “ela foi para outro lugar, para evitar a possibilidade de que a filha lhe fosse tomada, mencionando Iowa para enganar o marido”. Holmes negou que ele e Julia tivessem algum dia se relacionado fisicamente ou que ela tivesse se submetido a uma “operação criminosa”, eufemismo usado na época para aborto. “Talvez ela seja mesmo uma mulher de temperamento esquentado, nem sempre de bom humor, mas não acho que qualquer de seus amigos ou parentes a julgasse uma mulher amoral, ou capaz de se envolver num ato criminoso.”

Um desafio lançado

O ANO DE 1892 começou frio, com quinze centímetros de neve no chão e temperaturas que passavam de vinte graus abaixo de zero. Com certeza não era o tempo mais frio já vivido por Chicago, mas frio o bastante para congelar as válvulas dos três sistemas de abastecimento de água da cidade e temporariamente impedir o fornecimento de água potável em Chicago. Apesar do clima, as obras no Jackson Park progrediram. Os operários fizeram um abrigo móvel aquecido, que lhes permitia a aplicação de estafe no exterior do Edifício das Minas, a despeito da temperatura. O Edifício das Mulheres estava quase terminado, já sem os andaimes; o gigantesco Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais começara a erguer-se de suas fundações. No total, havia quatro mil operários no parque. Entre as fileiras havia um carpinteiro e marceneiro chamado Elias Disney, que nos anos seguintes contaria muitas histórias sobre a construção do mágico reino à beira do lago.¹ O filho Walt registraria tudo.

Fora da cerca da exposição, com seus dois metros e meio de altura e suas duas camadas de arame farpado, havia tumulto. As reduções de salário e as demissões fomentavam a agitação entre operários no país inteiro. Sindicatos ganhavam força; a agência nacional de detetives Pinkerton obtinha lucro. Um sindicalista em ascensão chamado Samuel Gompers passou pelo escritório de Burnham para discutir alegações de que a exposição estava discriminando operários sindicalizados.² Burnham mandou o superintendente de construção, Dion Geraldine, investigar. Enquanto as disputas trabalhistas aumentavam e a economia vacilava, os números de casos de violência subiam. Ao avaliar o ano de 1891, o *Chicago Tribune* informou que 5.906 pessoas tinham sido assassinadas nos Estados Unidos, quase 40% a mais do que em 1890. O aumento incluía o sr. e a sra. Borden, de Fall River, Massachusetts.

A constante ameaça de greve e a chegada do frio intenso tornaram o novo ano sombrio para Burnham, mas o que o preocupava acima de tudo era a velocidade com que a verba da companhia da exposição encolhia. Adiantando as obras com grande rapidez, e numa escala tão imensa, o departamento de Burnham consumira muito mais dinheiro do que qualquer um teria previsto. Os diretores agora falavam em pedir uma verba de 10 milhões de dólares ao Congresso, mas enquanto isso não acontecia a única solução era reduzir as despesas. Em 6 de janeiro, Burnham ordenou aos chefes do seu departamento que tomassem providências imediatas, em alguns casos draconianas, para cortar gastos. Mandou o desenhista-chefe, encarregado das obra de exposição em andamento no sótão do Rookery, que demitisse no ato qualquer pessoa que fizesse “trabalho impreciso ou

desleixado”³ ou que deixasse de cumprir suas tarefas completas. Escreveu ao superintendente de paisagismo de Olmsted, Rudolf Ulrich, para dizer o seguinte: “Parece-me que você agora pode cortar a sua equipe pela metade, e ao mesmo tempo se livrar de muitos homens que nos custam caro.”⁴ A partir de então, ordenou Burnham, todo trabalho de carpintaria deveria ser feito apenas por homens empregados pelos empreiteiros da feira. Para Dion Geraldine, escreveu: “Por favor, demita todos os carpinteiros da sua equipe...”⁵

Até aquela altura, Burnham tinha demonstrado pelos operários um grau de compaixão extraordinário para a época. Pagava-lhes até mesmo quando doenças ou ferimentos os impediam de trabalhar e criou um hospital na exposição que dava assistência médica gratuita. Construiu alojamentos dentro do parque, onde eles recebiam três fartas refeições diárias e dormiam em camas limpas e em cômodos bem aquecidos. Um professor de economia política de Princeton chamado Walter Wyckoff disfarçou-se de trabalhador não qualificado e passou um ano viajando e trabalhando em meio ao crescente exército de desempregados do país, incluindo um período no Jackson Park. “Protegidos por sentinelas e altas barreiras contra contatos indesejados com tudo lá fora, formávamos grandes grupos de homens saudáveis e robustos vivendo e trabalhando num maravilhoso mundo artificial”, escreveu ele. “Nenhum sinal de miséria nos perturba, nem da desesperadora pobreza causada pela vã procura de emprego... Trabalhamos oito horas por dia, em pacífica segurança e na absoluta confiança de que vamos receber pagamento.”⁶

Contudo, agora até a feira estava dispensando operários, e o momento era péssimo. Com o inverno, a tradicional temporada de construções chegara ao fim. A disputa pelos novos empregos disponíveis intensificara-se, e milhares de desempregados de todo o país — carregando com tristeza o rótulo de “hobo”, possivelmente derivado do grito das ferrovias “ho, boy”⁷ — convergiam em Chicago na esperança de conseguir trabalho na exposição. Os homens dispensados, Burnham bem o sabia, defrontavam-se com a pobreza e a falta de lugar para morar, e suas famílias corriam o risco muito real de morrer de fome.

A feira, porém, vinha em primeiro lugar.

A ausência de um desafiante para Eiffel continuava frustrando Burnham. As propostas ficavam cada vez mais esquisitas. Um visionário propôs uma torre 150 metros mais alta do que a Torre Eiffel, mas construída só de toras de madeira, com uma cabana no topo, oferecendo abrigo e lanches. A cabana seria de toras de madeira.

Se um engenheiro capaz de superar Eiffel não se apresentasse logo, Burnham sabia que

não haveria mais tempo de construir nada que fosse digno da feira. De alguma forma, ele precisava despertar os engenheiros dos Estados Unidos. A oportunidade veio quando o convidaram para uma palestra no Saturday Afternoon Club, um grupo de engenheiros que começara a reunir-se aos sábados num restaurante no centro da cidade para discutir os desafios técnicos da construção da feira.

Serviram a refeição de costume, com vários pratos, vinho, charutos, café e conhaque. A uma mesa estava sentado um engenheiro de 33 anos, natural de Pittsburgh, que dirigia uma empresa de inspeção de aço com filiais em Nova York e Chicago e que já firmara contrato para inspecionar o aço utilizado nos prédios da feira. De rosto anguloso, cabelo e bigode negros e olhos escuros, tinha o tipo de aparência que logo passaria a ser cobiçado pela indústria à qual Thomas Edison começava a dar vida. “Era eminentemente simpático e sociável e tinha um agudo senso de humor”, escreveram seus sócios. “Em qualquer reunião logo se tornava o centro das atenções, tendo um vivo domínio da fala e um constante repertório de anedotas e experiências.”⁸

Como os outros membros do Saturday Afternoon Club, esperava ouvir Burnham falar sobre os desafios de construir uma cidade inteira em tão pouco tempo, mas foi surpreendido. Depois de afirmar que “os arquitetos dos Estados Unidos se cobriram de glória”⁹ com os projetos apresentados para a exposição, Burnham repreendeu os engenheiros civis do país por não terem alcançado o mesmo nível de brilhantismo. Acusou-os de “terem dado pouca ou nenhuma contribuição, não criando novas características, nem mostrando as possibilidades do exercício da engenharia moderna nos Estados Unidos”.

Um tremor de descontentamento percorreu a sala.

“Precisamos de um elemento distinto”, prosseguiu Burnham, “alguma coisa que ocupe na Exposição Colombiana Mundial posição equivalente à ocupada pela Torre Eiffel na exposição de Paris.”

Mas que não fosse uma torre, disse ele. Torres não eram originais. Eiffel já tinha construído uma. “Só tamanho” também não bastaria. “Uma coisa inédita, original, ousada e única precisa ser projetada e construída se os engenheiros dos Estados Unidos quiserem preservar o prestígio e a reputação.”

Alguns profissionais ficaram ofendidos; outros reconheceram que Burnham tinha lá suas razões. O engenheiro de Pittsburgh se sentiu “atingido pela verdade daqueles comentários”.¹⁰

Ali sentado entre colegas, ocorreu-lhe uma ideia, “como uma inspiração”. Veio não como um impulso meio resolvido, disse ele, mas com riqueza de detalhes. Podia vê-la e tocá-la, ouvi-la girando no céu.

Não havia muito tempo sobrando, mas se agisse com rapidez para produzir desenhos

e conseguisse convencer o comitê de assuntos fiscais da feira da viabilidade da ideia, achava que a exposição poderia, de fato, ultrapassar Eiffel. E, se o que aconteceu com Eiffel acontecesse com ele, sua fortuna estaria garantida.

Deve ter sido reanimador para Burnham ficar de pé na frente do Saturday Afternoon Club e repreender abertamente seus membros por incapacidade, pois a maior parte das outras reuniões sobre a exposição acabava se tornando mero exercício de comedimento, sobretudo quando ele se apresentava diante dos numerosos comitês da feira — que não paravam de multiplicar-se. Esse constante minueto vitoriano de fingida elegância consumia tempo. Ele precisava de mais poder — não para satisfazer o ego, mas para o bem da exposição. A menos que o processo de decisões ganhasse velocidade, ele sabia que a feira sofreria atrasos irreparáveis, mas a verdade é que os obstáculos à eficiência aumentavam de tamanho e de número. Os minguantes fundos de reserva da companhia da exposição tinham piorado suas relações com a comissão nacional, e o diretor-geral Davis argumentava que qualquer dinheiro federal a mais deveria ser controlado por sua comissão. Ela parecia criar novos departamentos todos os dias, cada um com um chefe na folha de pagamento — Davis nomeou um superintendente de ovelhas,¹¹ com salário anual equivalente a cerca de 60 mil dólares hoje — e cada qual reclamando uma fatia de jurisdição que Burnham julgava ser de sua propriedade.

Logo a disputa pelo controle degenerou em briga pessoal entre Burnham e Davis, sendo o principal campo de batalha um desentendimento sobre quem deveria controlar o projeto artístico de exposições e interiores. Para Burnham era óbvio que o território lhe pertencia. Já Davis pensava o contrário.

Primeiro Burnham tentou a via indireta. “Estamos agora organizando uma equipe especial de decoração e arquitetura de interiores para cuidar dessa parte”, escreveu ele a Davis, “e tenho a honra de oferecer os serviços do meu departamento para o seu nesses assuntos. Sinto que seria indelicado da parte de meus homens sugerir às suas composições artísticas, formas e decorações para exposições sem contar com a sua total aprovação, que venho por meio desta, respeitosamente, solicitar.”¹²

Mas Davis disse a um repórter: “Acho que está bem entendido a esta altura que ninguém, a não ser o diretor-geral e seus agentes, tem qualquer coisa a ver com exposições.”¹³

O conflito fervia. Em 14 de março, Burnham se juntou a Davis para um jantar com o representante do Japão para a feira, no Chicago Club. Depois Davis e Burnham ficaram no clube discutindo educadamente até as cinco da manhã. “Foi um tempo bem gasto”, escreveu ele a Margaret, que na ocasião estava fora da cidade, “e chegamos a um melhor

entendimento, de modo que o caminho daqui para a frente será mais tranquilo.”¹⁴

Uma fadiga pouco característica manifestou-se nessa carta. Ele disse a Margaret que planejava encerrar o expediente mais cedo naquela noite para ir a Evanston, “dormir em sua querida cama, meu amor, e sonhar com você. Que correria, esta vida! Para onde vão os anos?”.

Havia momentos agradáveis. Burnham esperava sempre com prazer as noites no terreno quando assessores e arquitetos em visita se reuniam para jantar no barracão e conversar até altas horas, diante da sua imensa lareira. Ele dava grande valor à camaradagem e às histórias contadas. Olmsted falava das infundáveis provações de proteger o Central Park contra intervenções mal inspiradas. O coronel Edmund Rice, chefe da guarda colombiana da exposição, descrevia como tinha sido ficar parado numa floresta sombria de Gettysburg enquanto Pickett lançava seus soldados pelo campo.

No fim de março de 1892, Burnham convidou os filhos para lhe fazerem uma de suas periódicas visitas de pernoite.¹⁵ Eles não chegaram na hora prevista. De início, a demora foi atribuída a qualquer atraso ferroviário de rotina, mas com o passar das horas Burnham ficava mais ansioso. Como todo mundo, sabia que desastres de trem em Chicago eram ocorrências quase diárias.

Começou a escurecer, e finalmente os meninos chegaram. O trem fora detido por uma ponte quebrada na linha Milwaukee & St. Paul. Eles apareceram no barracão, escreveu Burnham a Margaret, “a tempo de ouvir o coronel Rice contar algumas histórias da guerra e da vida nas planícies, entre batedores e índios”.

Enquanto Burnham escrevia essa carta, os filhos estavam ali perto. “Parecem muito contentes de estarem aqui e agora olham o grande álbum de fotografias com o sr. Geraldine.” O álbum era uma coleção de fotos de obras tiradas por Charles Dudley Arnold, fotógrafo de Buffalo, Nova York, que Burnham contratara como fotógrafo oficial da feira. Arnold também estava presente, e logo os meninos participavam com ele de uma sessão de esboços.

Burnham concluiu: “Estamos todos bem e satisfeitos com a quantidade e a variedade de trabalho que nossa boa sorte colocou diante de nós.”

Intervalos tranquilos como aquele nunca duravam muito.

O conflito entre Burnham e Davis voltou a pegar fogo. Os diretores da companhia da exposição acabaram resolvendo pedir verba diretamente ao Congresso, porém seu pedido

deflagrou uma investigação parlamentar dos gastos da feira. Burnham e o presidente Baker esperavam que fosse uma inspeção geral, mas em vez disso tiveram de responder a perguntas sobre despesas mais triviais. Por exemplo, quando Baker apresentou o gasto total com aluguel de carruagem, o subcomitê quis saber os nomes das pessoas que tinham viajado nas carruagens. Numa sessão em Chicago, o comitê pediu a Davis que fizesse uma estimativa do custo final da exposição. Sem consultar Burnham, o diretor-geral deu um número 10% abaixo do cálculo que Burnham apresentara ao presidente Baker e que este tinha incluído em sua própria declaração para os investigadores. O depoimento de Davis continha a acusação implícita de que Burnham e Baker haviam inflacionado o montante necessário para concluir a feira.

Burnham se levantou de um salto. O diretor do subcomitê ordenou-lhe que sentasse. O arquiteto continuou de pé. Estava furioso, mal conseguia manter a compostura. “O sr. Davis não foi me ver, nem a ninguém da minha equipe”, contou, “e qualquer cifra que lhes deu foi pura adivinhação. Ele não entende nada do assunto.”¹⁶

Sua explosão ofendeu o diretor do subcomitê. “Rejeito esses comentários dirigidos a uma testemunha deste comitê”, afirmou, “e pediria ao sr. Burnham que retirasse o que disse.”

A princípio, Burnham se recusou. Então, relutantemente, concordou em desdizer a parte relativa a Davis não entender nada do assunto. Mas só essa parte. E não pediu desculpas.

O comitê partiu para Washington a fim de estudar as provas e informar se uma verba seria autorizada. Os congressistas, escreveu Burnham, “estão abismados com o tamanho e o alcance desse empreendimento. Demos a cada um deles uma montanha de dados para digerir, e acho que seu relatório será engraçado, porque sei que meses seriam insuficientes para que eu preparasse um relatório, mesmo com o conhecimento que tenho”.¹⁷



Ao menos no papel, o Midway Plaisance da feira começou a tomar forma. O professor Putnam achava que o Midway deveria antes e acima de tudo oferecer conhecimentos sobre culturas diversas. Sol Bloom não sentia nenhuma obrigação desse tipo. O Midway precisava ser divertido, um grande jardim de delícias estendendo-se por quase dois quilômetros até o Jackson Park, por todo o limite do Washington Park. Comoveria, empolgaria e, se tudo desse certo, provavelmente até chocaria. Ele achava que sua grande força estava em “fazer anúncios espetaculares”.¹⁸ Publicou notas em publicações do mundo inteiro, para que todos soubessem que seria um lugar exótico, de cenas, sons e cheiros inusitados. Haveria autênticas aldeias de terras distantes, habitadas por

autênticos aldeões — até mesmo pigmeus, se o tenente Schufeldt tivesse êxito. Bloom reconhecia também que, como czar do Midway, já não precisava mais se preocupar em pedir uma concessão para sua Aldeia Argelina. Ele mesmo poderia aprová-la. Assim, elaborou um contrato e enviou-o a Paris.

O talento de Bloom para fazer propaganda chamou a atenção de outros funcionários da feira, que lhe pediram ajuda para dar mais destaque ao perfil geral da exposição. A certa altura, solicitaram que ele ajudasse a fazer os repórteres entenderem como seria imenso o Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais. Até então tudo que o departamento de publicidade da exposição dera à imprensa foi uma relação minuciosa de estatísticas monumentais, mas áridas. “Eu sabia que eles não tinham o menor interesse em números de hectares ou toneladas de aço”, escreveu Bloom, “por isso eu lhes disse: ‘Vejam a coisa deste ângulo — vai ser grande o suficiente para abrigar todo o exército regular da Rússia.’”¹⁹

Bloom sequer sabia se a Rússia tinha um exército regular, menos ainda com quantos soldados contava esse exército ou quantos metros quadrados ocupariam. Apesar disso, o fato se tornou verdade bíblica nos Estados Unidos. Leitores do guia Rand McNally da exposição um dia acabariam se emocionando com o espetáculo de milhões de homens de chapéu de pele espremidos no piso de treze hectares do prédio.

Bloom não sentiu nenhum remorso.

O anjo de Dwight

NA PRIMAVERA DE 1892 Benjamin Pitezel, assistente de Holmes, estava na cidade de Dwight, Illinois, cerca de 120 quilômetros a sudoeste de Chicago, submetendo-se à famosa cura de Keeley para alcoolismo.¹ Os pacientes ficavam no hotel Livingston, prédio de tijolo vermelho, de três andares e estilo simples e atraente, com janelas em arco e uma varanda de um lado a outro da fachada, um belo lugar para descansar entre as injeções da “cura de ouro” do dr. Leslie Enraught Keeley. O ouro era o ingrediente mais famoso da solução vermelha, branca e azul apelidada de “vareta de barbeiro”, que os funcionários do Instituto Keeley injetavam nos braços dos pacientes três vezes por dia.² A agulha, um modelo do século XIX de grosso calibre — era como ter uma mangueira de jardim enfiada no bíceps —, invariavelmente deixava uma auréola amarela na pele em volta do lugar da injeção, para alguns uma insígnia, para outros uma mancha pouco apresentável. O resto da fórmula era mantido em segredo, mas, como sabiam médicos e químicos, a solução incluía substâncias que provocavam um agradável estado de euforia e sedação, temperado com uma dose de amnésia — efeito que o correio de Chicago³ achava problemático, pois a cada ano era obrigado a reter centenas de cartas postadas em Dwight que deixavam de trazer informações importantes sobre o endereço do destinatário. Os remetentes simplesmente se esqueciam de que informações como nomes e números eram necessárias para a entrega da correspondência.

Pitezel tinha uma longa história de alcoolismo, mas seu apego à bebida deve ter se tornado debilitante, pois foi Holmes quem o mandou para Keeley e pagou pelo tratamento. Ele explicou a Pitezel que era apenas um gesto de gentileza, em retribuição à lealdade de Pitezel. Como sempre, havia outros motivos. Holmes percebeu que a bebida reduzia a utilidade de Pitezel e ameaçava perturbar planos já em andamento. Ele diria, mais tarde, a respeito de Pitezel: “Era homem valioso demais, mesmo levando em conta seus defeitos, para que eu prescindisse dele.”⁴ É provável que Holmes quisesse também que Pitezel colhesse informações sobre a cura e sua rotulagem, para que pudesse imitar o produto e comercializá-lo em sua empresa de venda de remédios pelo correio. Mais tarde, de fato, Holmes estabeleceria seu próprio spa curativo, no segundo andar do edifício de Englewood, ao qual daria o nome de Instituto Silver Ash. A cura de Keeley era incrivelmente popular. Milhares de pessoas iam a Dwight livrar-se de sua intemperança; outros milhares compravam a versão oral da cura do dr. Keeley, vendida em garrafas tão inconfundíveis que o médico pedia aos usuários que destruíssem as vazias, para impedir que empresas inescrupulosas as reaproveitassem para vender suas próprias misturas.⁵

Todos os dias Pitezel participava, com outros 35 homens, do ritual diário de “passar pela fila”⁶ para receber as injeções. Nas mulheres, as injeções eram aplicadas nas nádegas, e elas ficavam separadas dos homens a fim de proteger-lhes a reputação. Em Chicago, as anfitriãs sempre sabiam quando os convidados tinham tomado a cura, pois, quando lhes ofereciam uma bebida, eles invariavelmente respondiam: “Não, obrigado. Já estive em Dwight.”⁷

Pitezel voltou para Englewood em abril. Os poderes psicotrópicos das injeções de Keeley deviam explicar a história que Pitezel contou a Holmes, sobre uma jovem de grande beleza — pela sua descrição, de beleza sobrenatural — chamada Emeline Cigrand, que ele tinha conhecido no instituto.⁸ Era loura, tinha 24 anos e desde 1891 trabalhava como estenógrafa no escritório do dr. Keeley. A descrição quase alucinatória de Pitezel deve ter atormentado Holmes, pois ele escreveu para Cigrand e lhe ofereceu o emprego de secretária particular pelo dobro do salário que ela ganhava em Keeley. “Uma oferta lisonjeira”, como diria, mais tarde, alguém da família Cigrand.⁹

Emeline aceitou sem hesitar.¹⁰ O instituto tinha certo prestígio, mas a aldeia de Dwight não era nenhuma Chicago. A possibilidade de ganhar o dobro do salário e viver naquela cidade de lendário glamour e agitação, com a feira mundial programada para inaugurar dentro de um ano, tornava irrecusável a proposta. Ela deixou Keeley em maio, levando suas economias de 800 dólares. Em Englewood, instalou-se numa pensão perto do edifício de Holmes.

Pitezel tinha exagerado a beleza de Emeline, segundo constatou Holmes, mas não muito. Ela era, de fato, adorável, com luminosos cabelos louros. Holmes logo lançou mão de seus poderes de sedução, a voz e o toque apaziguadores, o franco olhar azul.

Comprou-lhe flores e levou-a à Timmerman Opera House, na mesma rua. Deu-lhe uma bicicleta. Passavam as primeiras horas da noite andando de bicicleta juntos no liso macadame das ruas Yale e Harvard, a imagem de um feliz casal de jovens abençoados pela beleza física e pelo dinheiro. (“Chapéu branco com laços de fita preta lustrosa e duas penas afiadas de lado são a última moda para mulheres ciclistas”, observou a coluna social do *Tribune*.¹¹) Quando Emeline ficou mais acostumada com sua “roda”, termo ainda usado por todos na época, apesar de as antigas e mortais bicicletas de rodas grandes do passado já se terem tornado obsoletas, ela e Holmes passaram a fazer passeios cada vez mais longos, com frequência passando pelos salgueiros do Midway até o Jackson Park, para ver a construção da feira mundial, onde inevitavelmente se misturavam a milhares de pessoas, muitas delas também ciclistas.

Em alguns domingos, Emeline e Holmes entravam no próprio parque e constataavam que a construção ainda se encontrava em sua fase inicial — uma surpresa, levando em conta que se aproximavam as datas mais importantes da feira, o Dia da Consagração e o

Dia da Abertura. Boa parte do parque ainda era terreno estéril, e o maior prédio, o Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais, mal começara. Algumas raras construções tinham avançado em ritmo bem mais acelerado e já pareciam mais ou menos terminadas, em particular o Edifício das Minas e o Edifício das Mulheres. Havia muito homens de aparência distinta no parque naquela época — estadistas, príncipes, arquitetos, os barões industriais da cidade. As matronas da sociedade também apareciam, para participar de reuniões do conselho das administradoras. A grande carruagem negra da sra. Palmer sempre entrava, estrepitante, pelos portões da feira, assim como a carruagem de sua antípoda social, Carrie Watson, a madame, cujo veículo se distinguia pelo esmalte branco brilhante da cabine, pelas rodas amarelas e pelo cocheiro negro, vestindo seda escarlate.

Emeline descobriu que andar de bicicleta era melhor nos dias seguintes a uma chuva forte. Do contrário, a poeira subia como uma nuvem de areia sobre Cartum e penetrava-lhe até o couro cabeludo, de onde nem mesmo uma boa escovada conseguia desalojá-la.

Certa tarde, quando Emeline estava sentada diante de sua máquina de escrever no escritório, entrou um homem à procura de Holmes. Era alto, com queixo barbeado e um modesto bigode, e usava um terno barato; tinha trinta e poucos anos; bonito, de certa forma, mas ao mesmo tempo humilde e comum — embora, naquele momento, parecesse furioso. Apresentou-se como Ned Conner e disse que já fora responsável por um balcão de joias na farmácia do andar de baixo. Viera tratar de um problema com a hipoteca.

Ela conhecia o nome — escutara-o em algum lugar, ou o vira nos documentos de Holmes. Sorriu e disse a Ned que Holmes não estava. Não saberia dizer quando ele voltaria. Poderia ajudá-lo?

A raiva de Ned esfriou. Ele e Emeline “puseram-se a falar sobre Holmes”, como Ned lembraria mais tarde.¹²

Ned observou-a. Era jovem e bonita — “uma bela loura”, como a descreveria posteriormente.¹³ Com um conjunto de blusa branca e saia preta, que lhe acentuavam a figura vistosa, estava sentada perto de uma janela, o cabelo incandescente com a luz do sol. Trabalhava com uma Remington preta, nova e sem dúvida não paga. Com base em sua própria e difícil experiência e na expressão de adoração nos olhos de Emeline quando ela falava de Holmes, Ned adivinhou que a relação entre os dois envolvia muito mais coisas do que a simples datilografia. Mais tarde, recordaria: “Eu lhe disse que achava que ele não valia nada e que seria melhor para ela não se envolver muito com ele e afastar-se o mais rápido possível.”¹⁴

Ao menos por enquanto, ela ignorou o conselho.

Em 1º de maio de 1892, um médico chamado M. B. Lawrence e sua mulher se mudaram para um apartamento de cinco cômodos no prédio de Holmes, onde sempre se deparavam com Emeline, embora ela própria ainda não morasse no prédio. Continuava instalada numa pensão próxima.

“É uma das jovens mais lindas e agradáveis que já conheci”, disse o dr. Lawrence, “e minha mulher e eu passamos a tê-la em alta conta. Nós a víamos todos os dias, e ela costumava aparecer por alguns minutos para jogar conversa fora com minha esposa.”¹⁵ Os Lawrence viam Emeline em companhia de Holmes com frequência. “Não demorei para perceber”, contou o dr. Lawrence, “que as relações entre a srta. Cigrand e o sr. Holmes não eram estritamente as de patrão e empregada, contudo achávamos que ela era mais digna de pena do que de condenações.”¹⁶

Emeline estava apaixonada por Holmes. Amava-o por sua ternura, suas carícias, sua calma imperturbável e seu glamour. Nunca tinha conhecido um homem assim. Para coroar, era filho de um lorde inglês, fato que ele lhe confiara pedindo o mais rigoroso sigilo. Ela não deveria contar a ninguém, o que estragava um pouco o prazer, mas contribuía para aumentar o mistério.¹⁷ Acabou revelando o segredo para os amigos, é claro, porém só depois de jurarem que em hipótese alguma passariam a história adiante. Para Emeline, a afirmação da ascendência nobre de Holmes tinha credibilidade. Uma ascendência inglesa explicaria seu charme extraordinário, suas maneiras suaves, tão inusitadas na abrutalhada e estridente Chicago.

Emeline era afetuosa e extrovertida. Escrevia sempre para a família em Lafayette, Indiana, e para os amigos que deixara em Dwight. Fazia amizades com facilidade. Ainda jantava regularmente com a mulher à frente da primeira pensão na qual a jovem se instalara ao chegar a Chicago e a considerava amiga íntima.

Em outubro dois primos seus de segundo grau, o dr. B. J. Cigrand e a mulher, fizeram-lhe uma visita. O dr. Cigrand, dentista com consultório na esquina das avenidas North e Milwaukee, na zona norte de Chicago, procurara Emeline porque estava pesquisando a história da família Cigrand. Ainda não se conheciam. “Fiquei encantado com seus modos agradáveis e com seu raciocínio rápido”, disse o dr. Cigrand.¹⁸ “Era uma mulher esplêndida fisicamente, alta, desenvolvida e com bastos cabelos louros.” O dr. Cigrand e a mulher não viram Holmes durante a visita e, a rigor, nunca se encontraram com ele em pessoa, mas ouviram relatos entusiasmados de Emeline sobre seu charme, sua generosidade e seu talento para os negócios. Emeline mostrou o edifício de Holmes aos

primos e lhes falou de sua luta para transformá-lo em hotel e hospedar os visitantes da exposição. Explicou, também, que a ferrovia elevada em construção sobre a rua 63 levaria os visitantes direto para o Jackson Park. Ninguém duvidava que, no verão de 1893, exércitos de turistas chegariam a Englewood. Para Emeline, o sucesso parecia inevitável.

O entusiasmo de Emeline era parte do seu charme. Estava perdidamente apaixonada pelo jovem médico e por tudo o que ele fazia. Entretanto, o dr. Cigrand não concordava com aquela arrebatada avaliação do edifício e de suas possibilidades. Para ele, a construção era lúgubre e imponente, em desarmonia com os prédios vizinhos. Todos os outros edifícios importantes de Englewood pareciam carregados de uma energia de expectativa, não só pela feira mundial, mas por um futuro grandioso que se estendia para muito além do término da exposição. A apenas duas quadras na 63, erguiam-se casas imensas e elaboradas, de variadas cores e texturas, e mais adiante ficava a Timmerman Opera House, com o adjacente hotel New Julien, cujos proprietários gastaram generosamente com material de primeira e artesãos habilidosos. Já a construção de Holmes era um espaço morto, como um canto de quarto onde a luz dos lampiões não alcança. Estava claro que Holmes não tinha consultado um arquiteto, ao menos não um arquiteto competente. Os corredores do imóvel eram escuros e tinham portas demais. A madeira usada era de qualidade inferior, a carpintaria, desleixada. Os corredores descreviam ângulos estranhos.

Apesar disso, Emeline parecia extasiada. O dr. Cigrand seria um homem frio demais se destruísse essa doce e ingênua adoração. Mais tarde, sem dúvida, lamentaria por não ter sido mais direto, não ter dado ouvidos aos sussurros em sua mente sobre o que havia de errado com aquele prédio e sobre a falta de nexos entre sua verdadeira aparência e a opinião que Emeline fazia dele. Mas Emeline estava apaixonada. Não era seu papel magoá-la. Ela era jovem e estava embevecida de uma alegria contagiante, sobretudo para o dr. Cigrand, o dentista, que via tão pouca alegria em sua vida diária, sempre reduzindo às lágrimas homens adultos de coragem comprovada.

Logo depois da visita de Cigrand, Holmes pediu Emeline em casamento, e ela aceitou. Ele lhe prometeu uma lua de mel na Europa, durante a qual, é claro, fariam uma visita a seu pai, o lorde.

Dia da Consagração

OS DENTES DE Olmsted doíam, os ouvidos zuniam, e ele não conseguia dormir, mas durante os primeiros meses de 1892 manteve um ritmo de trabalho que teria sido excessivo até para um homem com um terço da sua idade. Viajou para Chicago, Asheville, Knoxville, Louisville e Rochester, com sua agonia agravada a cada viagem noturna. Em Chicago, apesar dos incansáveis esforços de seu jovem tenente Harry Codman, o trabalho estava muito atrasado, a tarefa que tinha pela frente se avolumava a cada dia. A primeira grande data, a da consagração, marcada para 21 de outubro de 1892, parecia impossivelmente próxima — e pareceria ainda mais próxima se as autoridades da feira não tivessem adiado a data original, 12 de outubro, para que a cidade de Nova York pudesse fazer sua própria comemoração de Colombo. Levando em conta a calúnia que Nova York assacara contra Chicago, foi um gesto de surpreendente elegância.

Os atrasos na construção em outras partes do terreno eram especialmente frustrantes para Olmsted. Quando as empreiteiras se atrasavam, era mais atraso para sua própria obra. Os trabalhos já terminados também sofriam. Operários pisavam em suas plantas e destruíam suas estradas. O Edifício do Governo dos Estados Unidos foi um exemplo disso. “Por todos os lados”, informou Rudolf Ulrich, seu superintendente de paisagismo, “havia material de tudo quanto é tipo amontoado e espalhado, em tamanha quantidade que só com muita e reiterada pressão sobre as autoridades responsáveis era possível dar início ao trabalho; e, mesmo assim, quando a coisa estava melhorando ninguém prestava atenção. O que se fazia num dia era desfeito no outro.”¹

Os estragos e danos enfureciam Olmsted, mas havia outras questões que o afligiam ainda mais. Inacreditavelmente, apesar das intimidações de Olmsted, ao que parecia, Burnham continuava considerando lanchas a vapor uma opção aceitável para o serviço de barcos da exposição. E ninguém compartilhava sua convicção de que a Wooded Island deveria permanecer sem qualquer construção.

A ilha sofrera repetidos ataques, fazendo ressurgir a velha raiva de Olmsted pela compulsão dos clientes a alterarem suas paisagens. Todos queriam espaço na ilha. Primeiro foi Theodore Thomas, maestro da sinfônica de Chicago, que via na ilha o lugar ideal, o *único* lugar, para uma sala de música digna da feira. Olmsted não permitiria isso. Depois veio Theodore Roosevelt, chefe da comissão do serviço público dos Estados Unidos e uma canhoneira humana. A ilha, insistia ele, era perfeita para a exposição sobre o acampamento de caça de seu Boone e Crockett Club. Não é de surpreender, dado o

poder de Roosevelt em Washington, que os políticos da comissão nacional da feira endossassem seu plano com vigor. Burnham, em parte para manter a paz, também insistiu para que Olmsted aceitasse. “Você seria contra situá-la na parte norte da ilha, protegida entre as árvores, apenas como exposição, desde que fique escondida e seja vista casualmente apenas por quem estiver na ilha e de forma alguma por quem estiver na praia?”²

Olmsted era contra. Concordou em deixar Roosevelt colocar seu acampamento numa ilha menor, mas não autorizou qualquer edifício, apenas “poucas tendas, alguns cavalos, fogueiras etc.”.³ Mais tarde permitiu a instalação de uma pequena cabana de caçador.

Em seguida vieram o governo dos Estados Unidos, querendo um lugar para uma exposição indígena na ilha, e depois o professor Putnam, chefe de etnologia da feira, que via a ilha como ponto ideal para várias aldeias exóticas. O governo do Japão também queria a ilha. “Eles propõem uma exposição ao ar livre para seus templos e, como é sempre o caso, querem espaço na ilha arborizada”, escreveu Burnham em fevereiro de 1892.⁴ Para Burnham parecia então inevitável que algo deveria ocupar a ilha. O cenário era atraente demais, só isso. Burnham insistiu com Olmsted para aceitar a proposta do Japão. “Parece fora de dúvida que é a coisa mais apropriada para o local, e não acho possível, de qualquer forma, que isso vá depreciar a essência das características que você preza. Eles propõem fazer as coisas mais refinadas e belas e desejam deixar os prédios de presente à cidade de Chicago depois do encerramento da feira.”

Temendo coisa ainda pior, Olmsted concordou.

Não melhorou em nada o seu humor o fato de, enquanto lutava para proteger a ilha, ter sido informado de outro ataque ao seu amado Central Park. Instigado por um pequeno grupo de nova-iorquinos abastados, o legislativo estadual tinha silenciosamente aprovado uma lei autorizando a construção de uma “via expressa” na parte oeste do parque para que os ricos corressem com suas carruagens. O público respondeu com indignação. Olmsted entrou na briga com uma carta em que descrevia a via proposta como “irracional, injusta e imoral”.⁵ O legislativo recuou.

A insônia e as dores, o esmagador volume de trabalho e a crescente frustração atribularam-lhe o espírito de tal maneira que, no fim de março, ele se sentiu à beira do colapso físico e emocional. A intermitente depressão, que o perseguira por toda a vida adulta, estava prestes a dominá-lo mais uma vez. “Quando Olmsted está deprimido”, escreveu um amigo, “a lógica de seu desalento é esmagadora e terrível.”⁶

Olmsted, porém, acreditava que tudo de que precisava era um bom descanso. Seguindo os costumes terapêuticos da época, decidiu restabelecer-se na Europa, onde o cenário também lhe daria a oportunidade de enriquecer o vocabulário visual. Planejava fazer excursões a jardins e parques públicos e ao terreno da velha exposição de Paris.

Deixou o filho mais velho, John, tomando conta do escritório de Brookline e encarregou Harry Codman, em Chicago, de orientar o trabalho na feira mundial. No último minuto decidiu levar dois filhos, Marion e Rick, e outro jovem, Phil Codman, irmão mais novo de Harry. Para Marion e os meninos, aquela prometia ser uma viagem dos sonhos; para Olmsted, tornou-se coisa muito mais sombria.

Partiram no sábado, 2 de abril de 1892, e chegaram a Liverpool sob uma barragem de granizo e neve.



Em Chicago, Sol Bloom recebeu um telegrama da França que o deixou perplexo. Leu-o algumas vezes para ter certeza de que dizia o que parecia dizer. Seus argelinos, dezenas deles, com todos os seus animais e bens materiais, já estavam no mar, viajando rumo aos Estados Unidos e à feira — um ano antes.

“Escolheram o mês certo”, disse Bloom, “mas o ano errado.”⁷



Olmsted achou o interior da Inglaterra charmoso, o clima gélido e mórbido. Depois de uma breve estada na casa de parentes em Chislehurst, ele e os meninos partiram para Paris. A filha, Marion, ficou.

Em Paris, Olmsted visitou o terreno da antiga feira. Os jardins estavam ralos, sufocados por um longo inverno, e os prédios não tinham resistido bem, mas restava o suficiente para lhe dar “uma ideia tolerável” do que fora a exposição. O lugar ainda era obviamente popular.⁸ Numa visita dominical, Olmsted e os meninos viram cinco bandas tocarem, barracas de comida abertas e alguns milhares de pessoas andando pelos passeios. Uma longa fila se formara à base da Torre Eiffel.

Com a feira de Chicago sempre em mente, Olmsted examinava cada detalhe. Os gramados eram “bem pobres”, os caminhos de cascalho “não eram agradáveis aos olhos nem aos pés”. Achou questionável o uso intenso de canteiros de flores formais. “Parece-me”, escreveu numa carta para John em Brookline, “que deve ter sido no mínimo muito inquietante, cafona e infantil, senão selvagem e danoso para a exposição, por causa de sua perturbação da dignidade e pelos danos à amplitude, unidade e compostura.”⁹ Voltou a afirmar que em Chicago “a simplicidade e a modéstia serão praticadas, e os efeitos mesquinhos e os arrebiques, evitados”.

A visita reavivou-lhe os temores de que, na ânsia de superar a exposição de Paris, Burnham e seus arquitetos tivessem esquecido o que uma feira mundial deveria ser. Os edifícios de Paris, escreveu Olmsted, “têm muito mais cores e ornamentos coloridos, mas

muito menos frisos e esculturas do que eu supunha. Acho que demonstram mais adequação para suas finalidades, parecem mais projetados para a ocasião e menos monumentos arquitetônicos grandiosos e permanentes do que os nossos. Pergunto-me se os nossos não estão equivocados nesse sentido e se não vão parecer que têm excessiva pretensão à magnificência arquitetônica e estão sobrecarregados de efeitos esculturais e de outra natureza, em busca de grandiosidade e de pompa grandiloquente”.¹⁰

Olmsted gostou da viagem com seu jovem *entourage*. Em carta para a esposa em Brookline, escreveu o seguinte: “Estou aproveitando muito e, espero, acumulando um bom estoque de saúde para o futuro.”¹¹ Porém, logo que o grupo retornou a Chislehurst, a saúde de Olmsted se agravou, e a insônia voltou a acabar com suas noites. Escreveu para Harry Codman, também ele acometido de uma estranha moléstia abdominal: “Só posso concluir que estou mais velho e mais gasto do que imaginava.”¹²

Um médico, Henry Rayner, fez uma visita de cortesia a Chislehurst para conhecer Olmsted. Por coincidência, era especialista em doenças nervosas e ficou tão assustado com a aparência de Olmsted que se ofereceu para levá-lo para a própria casa em Hampstead Heath, nos arredores de Londres, e cuidar dele pessoalmente. Olmsted aceitou.¹³

Apesar da vigilante atenção de Rayner, a saúde de Olmsted não melhorou; sua estada em Hampstead Heath tornou-se enfadonha. “Sabe que estou quase preso aqui”, escreveu para Harry Codman em 16 de junho de 1892. “Todos os dias tento ver melhoras definitivas, mas até agora todos os dias fico desapontado.”¹⁴ O dr. Rayner também estava confuso, de acordo com Olmsted. “Diz ele, com a maior confiança, depois de repetidos exames de toda a minha anatomia, que não tenho nenhum problema orgânico e que posso razoavelmente, em circunstâncias favoráveis, continuar trabalhando ainda por muitos anos. Vê meu problema atual como uma variação, na forma, dos que me trouxeram ao exterior.”

Quase todos os dias Olmsted era levado de carruagem pelo interior, “todo dia mais ou menos por uma estrada diferente”,¹⁵ para ver jardins, cemitérios de igreja, parques particulares e a paisagem natural. Quase todos os canteiros de flores ornamentais o ofendiam. Achava-os “infantis, vulgares, exagerados ou impertinentes, deslocados e discordantes”.¹⁶ O interior, em si, o encantava: “Não há nada nos Estados Unidos que se compare à beleza pastoral ou pitoresca que é a propriedade comum na Inglaterra. Não consigo dar uma volta sem me deliciar. A vista que tenho diante de mim enquanto escrevo, velada pela chuva, é simplesmente encantadora.”¹⁷ Descobriu que as cenas mais adoráveis eram compostas pela mais simples e natural justaposição de plantas nativas. “A melhor combinação é a de tojos, roseiras-bravas, amoras-pretas, espinheiros e heras. Mesmo quando não há flores, é graciosa. E essas coisas podem ser adquiridas às centenas

de milhares por preços muito baixos.”¹⁸

Às vezes as cenas que ele via contestavam sua visão para o Jackson Park, outras vezes a confirmavam. “Em toda parte as melhores áreas ornamentais que vemos são aquelas em que trepadeiras e plantas rasteiras levam a melhor sobre os jardineiros. Pequenas trepadeiras e plantas rasteiras nunca parecem demais.”¹⁹ Olmsted sabia que o tempo era muito curto para deixar a natureza produzir esses efeitos. “Precisamos tanto quanto possível posicionar as plantas rasteiras e os ramos das árvores sobre pontes, puxando para baixo e pregando os galhos, a fim de obter sombra e reflexo das folhagens e controlar o obscurecimento da água.”²⁰

Acima de tudo, suas excursões lhe reforçaram a convicção de que a Wooded Island, apesar da presença do templo japonês, deveria ter a aparência mais silvestre possível. “Mais do que nunca penso no valor da ilha”, escreveu para Harry Codman, “e na importância de usar todos os meios originais possíveis para garantir ocultação impenetrável, densas e maciças pilhas de folhagem em suas bordas; com abundante variedade de pequenos detalhes em abjeta subordinação ao efeito geral... Nunca poderá haver excesso de juncos, adlúrias, trepadeiras-da-madeira, salsaparrilhas, clemátides-brancas, amoras-pretas, ervilhas-de-cheiro, estramônios, asclépias, pequenos girassóis ocidentais e campainhas.”²¹

No entanto, Olmsted reconhecia também que o estado silvestre que buscava precisaria ser contrabalançado com uma excelente manutenção do terreno. Temia que Chicago não estivesse à altura dessa tarefa. “O padrão de um trabalhador, de um cocheiro ou de um grosseirão inglês no que diz respeito a asseio, autossuficiência e elegância de jardins e terrenos, trilhas e caminhos é infinitamente mais alto do que o de um príncipe ou virtuose do comércio de Chicago”, escreveu para Codman, “e estaremos perdidos se não atingirmos um nível mais alto do que nossos patrões estariam dispostos a considerar adequado.”²²

No geral, Olmsted continuava confiante no êxito de sua paisagem para a exposição. Porém uma nova preocupação o consumia. “A única nuvem que enxergo neste momento pairando sobre a exposição é o cólera”, escreveu numa carta para seu escritório em Brookline. “As notícias da Rússia e de Paris esta manhã são alarmantes.”²³



Enquanto os argelinos de Sol Bloom se aproximavam do porto de Nova York, operários designados para trabalhar no Midway construíam prédios provisórios a fim de abrigá-los. Bloom foi a Nova York para receber o navio e reservar dois vagões de trem que levariam os aldeões e sua carga até Chicago.

Ao saírem do navio, os argelinos começaram a se espalhar em todas as direções.

“Imaginei-os perdidos, atropelados, na cadeia”, disse Bloom.²⁴ Ninguém parecia estar no comando. Bloom correu atrás deles, gritando ordens em francês e inglês. Um homem gigantesco e de pele negra aproximou-se de Bloom e, num inglês perfeito, digno da câmara dos Lordes, disse: “Sugiro que seja mais educado se não quiser que eu perca a paciência e o jogue dentro da água.”²⁵

O homem se apresentou como Archie e, depois que os dois adotaram um tom de conversa mais amigável, contou a Bloom que tinha passado uma década em Londres, como guarda-costas de um homem rico. “No momento”, explicou ele, “estou encarregado de levar meus companheiros a um lugar chamado Chicago. Entendo que fica lá no interior.”²⁶

Bloom lhe deu um charuto e sugeriu que ele se tornasse seu guarda-costas e assistente.

“Sua proposta”, respondeu Archie, “é bastante satisfatória.”

Ambos acenderam os charutos e soltaram baforadas na fragrante escuridão do porto de Nova York.

Burnham lutava para acelerar o ritmo das obras, especialmente a construção do Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais, que precisava estar pronto para o Dia da Consagração. Em março, faltando apenas meio ano, invocou a cláusula de “czar” dos contratos de construção. Ordenou ao construtor do Edifício da Eletricidade que dobrasse o número de operários e pusesse os homens para trabalhar à noite, com luz elétrica. Ameaçou dar ao empreiteiro do Edifício das Manufaturas o mesmo destino se não aumentasse o ritmo da obra.

Burnham estava quase desistindo de superar a Torre Eiffel. Pouco tempo antes, rejeitara outra ideia estapafúrdia apresentada por um jovem e sério engenheiro de Pittsburgh, que ouvira sua palestra no Saturday Afternoon Club. O homem tinha boas credenciais — sua empresa ficara com o contrato para inspecionar todo o aço usado nas construções da feira —, mas o que ele propunha erguer não parecia viável. “Frágil demais”, disse-lhe Burnham.²⁷ O público ficaria com medo.

Uma primavera hostil atrapalhou mais ainda o avanço dos trabalhos. Na terça-feira, 5 de abril de 1892, às 6h50, um vendaval súbito demoliu a estação de bombeamento recém-terminada da feira e derrubou vinte metros do Edifício do Estado de Illinois. Três semanas depois, outra tempestade destruiu 240 metros da parede sul do Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais. “O vento”, observou o *Tribune*, “parece ter a maior má vontade contra o terreno da feira mundial.”²⁸

Para encontrar um meio de acelerar as obras, Burnham convocou os arquitetos do leste para irem até Chicago. Um problema iminente era colorir a parte externa dos

prédios principais, especialmente as paliçadas cobertas de estafe do Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais. Durante a reunião, surgiu uma ideia que prometia uma drástica aceleração das obras a curto prazo, mas que acabou servindo para fixar a feira na imaginação do mundo como um evento de beleza sobrenatural.

Por direito, o setor de decoração de exteriores pertencia a William Pretyman, o diretor de cores oficial da feira. Burnham admitiu, mais tarde, que tinha contratado Pretyman “em grande parte devido à sua grande amizade com John Root”.²⁹ Pretyman não era a pessoa adequada para a função. Harriet Monroe, que o conhecia e a sua mulher, escreveu: “Seu gênio foi traído por altivos e indomáveis traços de caráter que não lhe permitiam ceder ou fazer acordos. Por isso, sua vida foi uma tragédia de inconsequência.”³⁰

No dia da reunião, Pretyman estava na Costa Leste. Os arquitetos seguiram sem ele. “Eu estava recomendando a todo mundo que andasse depressa, sabendo que eu tinha uma terrível luta contra o tempo”, disse Burnham. “Falamos sobre cores, e por fim veio a ideia, ‘vamos fazer tudo perfeitamente branco’. Não me lembro de quem foi a sugestão. Pode ter sido uma dessas coisas que ocorrem a todo mundo ao mesmo tempo. De qualquer maneira, tomei a decisão.”³¹

O Edifício das Minas, projetado por Solon S. Beman, de Chicago, estava quase terminado. Tornou-se o edifício de teste. Burnham ordenou que fosse pintado de creme. Ao voltar, Pretyman “ficou indignado”, recordou-se Burnham.

Afirmava que qualquer decisão sobre cores era exclusivamente dele.

— Não é o que penso — retrucou Burnham. — A decisão é minha.³²

— Tudo bem — disse Pretyman. — Neste caso, estou fora.

Burnham não sentiu sua falta. “Era um homem muito soturno, muito irritadiço,” afirmou. “Deixei que fosse embora. Depois falei a Charles McKim que precisava de alguém que pudesse de fato tomar conta disso e que eu não ia decidir nada com base na amizade.”

McKim recomendou o pintor de Nova York Francis Millet, que tinha participado da reunião sobre cores. Burnham contratou-o.

Millet logo demonstrou seu valor. Após algumas experiências, decidiu-se pelo “alvaiade comum e óleo”³³ como a melhor tinta para estafe. Depois desenvolveu um meio de aplicá-la usando, em vez de pincel, uma mangueira dotada de esguicho especial feito com tubulação de gás — a primeira tinta spray. Burnham apelidou Millet e sua equipe de pintores de “Bando da Caição”.³⁴

Na primeira semana de maio, uma poderosa tempestade despejou um oceano de chuva em Chicago, e mais uma vez levou o rio Chicago a inverter o fluxo. Novamente os esgotos ameaçaram o suprimento de água da cidade. A carcaça apodrecida de um cavalo foi vista boiando perto de uma das entradas.

Essa nova enchente ressaltou, para Burnham, a urgente necessidade de completar o plano de bombear água das fontes de Waukesha para a feira até o Dia da Abertura. Anteriormente, em julho de 1891, a exposição tinha concedido o contrato da obra para a Hygeia Mineral Springs Company, encabeçada por um empresário chamado J. E. McElroy, mas a empresa não fora muito longe. Em março, Burnham ordenou a Dion Geraldine, o superintendente-chefe de construção, para cuidar do assunto “com o máximo vigor, tomando precaução para que não haja atrasos”.³⁵

A Hygeia conseguiu os direitos para instalar os canos de sua fonte coberta em Waukesha, passando pela própria aldeia, porém foi incapaz de prever a veemência da oposição de cidadãos que temiam que a tubulação desfigurasse a paisagem e drenasse suas famosas fontes. McElroy, sob a crescente pressão de Burnham, recorreu a medidas desesperadas.

No começo da noite de sábado, 7 de maio de 1892, McElroy encheu um trem especial de canos, picaretas, pás e trezentos homens e partiu para Waukesha a fim de instalar sua tubulação na calada da noite.³⁶

A notícia da expedição chegou antes do trem para Waukesha. Quando a composição entrava na estação, alguém acionou o alarme de incêndio, e em pouco tempo um exército de homens armados com bastões, pistolas e espingardas se aproximou do trem. Dois carros de bombeiros chegaram bufando vapor, com equipes prontas para atacar os encanadores com jatos de água. Um líder da aldeia disse a McElroy que se levasse o plano adiante não sairia vivo.

Não demorou para que outros mil moradores, aproximadamente, se juntassem ao pequeno exército na estação. Um grupo arrastou um canhão da prefeitura e o apontou para as instalações de engarrafamento da Hygeia.

Depois de um breve impasse, McElroy e os encanadores voltaram para Chicago.

Burnham continuava querendo aquela água. Os operários já tinham instalado canos no Jackson Park para alimentar duzentas cabines de água de fonte.

McElroy desistiu de tentar passar seus canos direto pela aldeia de Waukesha. Em vez disso, adquiriu uma fonte na cidade de Big Bend, vinte quilômetros ao sul de Waukesha, ainda dentro do condado. Com isso, de uma forma ou de outra, os visitantes da feira beberiam água diretamente da fonte de Waukesha.

O fato de que a água vinha do condado e não da famosa aldeia era um detalhe com o

qual Burnham e McElroy não quiseram perder tempo.

No Jackson Park, todo mundo foi absorvido pelo ritmo de construção cada vez mais acelerado. À medida que os prédios ganhavam forma, os arquitetos iam descobrindo defeitos de projeto, mas a pressão das obras era tão esmagadora que ameaçava soterrar esses defeitos em pedra ou pelo menos em estafe. Extraoficialmente, Frank Millet ficou de olho nos edifícios dos arquitetos do leste durante suas longas ausências do parque, para impedir que alguma decisão causasse danos estéticos irreparáveis. Em 6 de junho de 1892, escreveu para Charles McKim, dono do projeto do Edifício da Agricultura: “Seria melhor que escrevesse uma carta explicando todas as ideias de mudança que tiver, porque, antes que se dê conta, eles deixam você sem saída. Hoje impedi que pusessem um piso de cimento na rotunda e insisti que você queria tijolo... Nem todo o tempo e todas as preocupações do mundo bastam para fazer uma coisa direito, mas um segundo é suficiente para que se mande fazer errado. Estes comentários são feitos na mais estrita confiança, e lhe escrevo nestes termos para recomendar que seja explícito e franco em seus desejos.”³⁷

No Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais, os operários do empreiteiro Francis Agnew iniciaram o perigoso processo de erguer as gigantescas treliças de ferro que sustentariam o teto e criariam o mais largo vão livre de espaço interior já tentado.

Instalaram três conjuntos de trilhos ferroviários paralelos por toda a extensão do edifício. Em cima, em rodas de vagão ou “truques”, ergueram um “viajante” — um gigantesco guindaste com três torres altas ligadas em cima por uma plataforma. Usando o viajante, os operários podiam levantar e posicionar duas treliças de cada vez. O projeto de George Post previa 22, cada uma pesando duzentas toneladas. Só para levar os componentes até o parque foram necessários seiscentos vagões de trem.

Na quarta-feira, 1º de junho, o fotógrafo da exposição, Charles Arnold, tirou uma fotografia do edifício para documentar seu avanço.³⁸ Qualquer um que visse a foto seria obrigado a concluir que ele não ficaria pronto nos quatro meses e meio que faltavam para o Dia da Consagração. As treliças estavam colocadas, mas não o teto. As paredes mal começavam a ser erguidas. Quando Arnold tirou a foto, centenas de homens trabalhavam no prédio, porém a escala da obra era tão grande que nenhum deles era visível de imediato. As escadas que iam de um nível de andaime para o outro tinham a substância de palitos de fósforo e davam à construção um ar de fragilidade. No primeiro plano havia montanhas de entulho.

Duas semanas depois, Arnold voltou e tirou outra foto, capturando uma cena muito diferente — uma cena de devastação.³⁹

Em 13 de junho, pouco depois das nove, outra tempestade abrupta atingira a área da feira, e essa também parecia ter escolhido o Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais para atacar. Um grande pedaço da parte norte do edifício caiu, o que, por sua vez, causou o colapso de uma galeria alta projetada para rodear o interior do edifício. Trinta mil e quinhentos metros de madeira desabaram no chão. A foto que Arnold tirou após a tempestade mostrava um homem liliputiano, possivelmente Burnham, parado diante de um grande morro de madeira quebrada e aço emaranhado.

Logo aquele prédio.

O empreiteiro, Francis Agnew, reconheceu que o muro tinha sido reforçado inadequadamente, mas responsabilizou Burnham pela situação, acusando-o de obrigar os homens a construírem rápido demais.⁴⁰

Burnham passou a cobrar-lhes ainda mais. Cumpriu a ameaça e dobrou o número de operários trabalhando no prédio. Trabalhavam de noite, na chuva, no calor sufocante. Só em agosto houve três mortes. Em outras partes do terreno, mais quatro homens morreram e dezenas sofreram todo tipo de fratura, queimadura e laceração. Segundo uma avaliação posterior, era mais perigoso trabalhar na feira do que numa mina de carvão.

Burnham redobrou seus esforços para adquirir mais poder. A briga constante entre a companhia da exposição e a comissão nacional tornara-se quase intolerável. Os próprios investigadores do congresso tinham reconhecido que a superposição de jurisdições era fonte de discórdia e de despesas inúteis. Seu relatório recomendava que o salário de Davis fosse reduzido à metade, claro sinal de que a balança do poder passara a pender para o outro lado. A empresa e a comissão fizeram uma trégua. Em 24 de agosto, o comitê executivo nomeou Burnham diretor de obras. Chefe de tudo.

Logo depois, Burnham mandou cartas para todos os chefes de departamento, incluindo Olmsted: “Assumi o controle pessoal do trabalho ativo no terreno da Exposição Colombiana Mundial”, escreveu. “De hoje em diante, até segunda ordem, os senhores estão subordinados a mim e recebem ordens minhas, exclusivamente.”⁴¹

Em Pittsburgh, o jovem engenheiro do aço ficou mais convencido do que nunca de que seu desafio à Torre Eiffel poderia dar resultado. Pediu a um sócio da firma de inspeção, W. F. Gronau, que calculasse as forças inusitadas que agiriam sobre os componentes de sua construção. No jargão da engenharia, incluía pouca “carga morta”, o peso estático de massas imóveis de tijolo e aço. Quase tudo era “carga viva”, ou seja, o peso que muda com o tempo, como quando um trem passa por uma ponte. “Não há precedente”, disse Gronau.⁴² Porém após três semanas de trabalho intenso ele apresentou

minuciosas especificações. Os números eram convincentes, mesmo para Burnham. Em junho, o comitê de assuntos fiscais concordou com a construção. Forneceu a concessão.

No dia seguinte, o comitê revogou-a — pensou melhor, depois de uma noite sonhando com ventos esquisitos, muito ranger de aço e duas mil vidas desaparecidas num piscar de olhos. Um membro do comitê passou a chamá-la de “monstruosidade”.⁴³ Um coro de engenheiros dizia, em uníssono, que aquilo não poderia ser construído, pelo menos não com qualquer margem de segurança.

Contudo, o jovem autor do projeto não admitiu a derrota. Gastou 25 mil dólares com desenhos e novas especificações e usou-os para recrutar um grupo de investidores que incluía dois engenheiros renomados, Robert Hunt, chefe de uma grande empresa de Chicago, e Andrew Onderdonk, famoso por ter ajudado a construir a Canadian Pacific Railway.

Logo percebeu uma mudança. O novo encarregado do Midway, Sol Bloom, tinha atacado como um raio e parecia aberto a praticamente qualquer coisa — quanto mais inusitada e fabulosa a ideia, melhor. E Burnham adquirira poderes quase ilimitados sobre a construção e o funcionamento da feira.

O engenheiro se preparou para tentar uma terceira vez.



Na primeira semana de setembro de 1892, Olmsted e seu jovem séquito deixaram a Inglaterra de volta para casa, partindo de Liverpool a bordo do *City of New York*. O mar estava agitado, e a travessia foi difícil. O enjoo derrubou Marion e deixou Rick perpetuamente mareado. A saúde de Olmsted deteriorou-se outra vez. A insônia voltou. Ele escreveu: “Voltei mais inválido do que quando parti.”⁴⁴ Naquele momento, porém, não tinha mais tempo para se recuperar. Faltava apenas um mês para o Dia da Consagração, e Harry Codman ficara doente de novo, incapacitado pelo mesmo problema de estômago que o atacara no verão. Olmsted seguiu para Chicago a fim de assumir a supervisão direta das obras, enquanto Codman se restabelecia. “Ainda estou sendo bastante torturado pela nevralgia e pelas dores de dente”, escreveu Olmsted, “e estou cansado, e cada vez mais apavorado por preocupações e pela ansiedade.”⁴⁵

Em Chicago, encontrou um parque diferente. O Edifício das Minas estava pronto, assim como o Edifício da Pesca. A maior parte dos outros prédios ia bem adiantada, incluindo, incrivelmente, o gigantesco Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais, onde centenas de operários fervilhavam nos andaimes e tetos. Só o piso consumira cinco vagões de pregos.

No entanto, em meio a todo esse trabalho a paisagem tinha sofrido. Trilhos provisórios atravessavam o terreno. Carroças tinham cavado buracos fundos nos

caminhos, estradas e pretensos gramados. Havia lixo por toda parte. Quem estivesse ali numa primeira visita poderia até se perguntar se os operários de Olmsted tinham começado a trabalhar.

Olmsted, é claro, sabia que houvera um grande progresso, mas de um tipo que ninguém perceberia se não prestasse atenção. Naquele momento existiam lagos onde antes era terra árida. As áreas elevadas, sobre as quais se erguiam os prédios, só passaram a existir graças às suas equipes de terraplenagem. Na primavera anterior, seus homens tinham plantado quase tudo que fora cultivado nos canteiros da exposição, além de duzentas mil árvores, plantas aquáticas e samambaias, e trinta mil mudas de salgueiro, tudo sob a direção de seu engenheiro-chefe, que tinha o nome muito apropriado de E. Dehn.

No tempo que restava até o Dia da Consagração, Burnham queria que os homens de Olmsted se concentrassem em limpar o terreno e cobri-lo de flores e relvados provisórios de blocos de grama, medidas que Olmsted compreendia que eram necessárias, mas que iam de encontro à sua ênfase, exercida ao longo de toda a carreira, em projetar efeitos cênicos que só poderiam ser alcançados décadas depois. “É claro que o trabalho principal sofre”, escreveu.⁴⁶

Entretanto, um avanço indiscutivelmente positivo ocorrera em sua ausência. Burnham tinha concedido o serviço de barcos a uma empresa chamada Electric Launch and Navigation Company, que produzira um adorável barco elétrico com as exatas características que Olmsted queria.

No Dia da Consagração até a imprensa demonstrou suficiente educação para ignorar a crua aparência do terreno e a impressão de que o Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais ainda estava inacabado. Agir de outra forma teria sido um ato de deslealdade com Chicago e com os Estados Unidos.

O país inteiro aguardara com expectativa o Dia da Consagração.⁴⁷ Francis J. Bellamy, um editor do *Youth's Companion*, achou que seria ótimo se naquele dia todos os estudantes dos Estados Unidos, em uníssono, oferecessem algo para o país. Compôs um juramento que a agência de educação mandou pelo correio para quase todas as escolas. Em sua redação original, começava assim: “Juro ser leal à minha Bandeira e à República que ela representa...”

Um grande desfile levou Burnham e outros dignitários até o Edifício das Manufaturas

e das Artes Liberais, onde um exército de 140 mil moradores de Chicagolotava, em pé, os treze hectares de piso. Colunas de luz do sol atravessavam a névoa de hálito humano que se adensava. Havia cinco mil cadeiras amarelas no palanque atapetado de vermelho, e nessas cadeiras sentavam-se homens de negócios vestidos de preto, representantes estrangeiros e clérigos de vermelho, roxo, verde e dourado. O ex-prefeito Carter Harrison, concorrendo ao quinto mandato, andava de um lado para o outro apertando mãos, o chapéu preto de abas largas arrancando aplausos de admiradores no meio da multidão. Do outro lado do edifício, um coral de cinco mil vozes cantava o coro de “Aleluia”, de Handel, acompanhado por quinhentos músicos. Um espectador recordou-se de que, a certa altura, “noventa mil pessoas levantaram-se de repente e, de pé, agitaram simultaneamente noventa mil lenços brancos; o ar ficou cravado por espirais de poeira, vibrando em direção ao grande teto de grades de aço... Sentia-se uma espécie de tontura, como se todo o edifício balançasse”.⁴⁸

A câmara era tão imensa que era necessário usar sinais visuais para que o coral soubesse quando o orador tinha parado de falar e quando começar uma nova canção. Ainda não existiam microfones, portanto só uma pequena parte da plateia de fato escutava os discursos. O resto, de rosto contorcido pelo esforço de tentar ouvir, via homens gesticulando desvairadamente ao longe, na pesada atmosfera de sussurros, tosses e ranger de sapatos de couro que sufocava os demais sons. Harriet Monroe, a poeta que tinha sido cunhada de John Root, estava presente e viu dois dos maiores oradores do país, o coronel Henry Watterson, do Kentucky, e Chauncey M. Depew, de Nova York, se revezarem no púlpito, “ambos lançando suas palavras pomposas para a grande, sussurrante e farfalhante plateia, que não conseguia ouvir”.⁴⁹

Foi um grande dia para a srta. Monroe. Ela compusera um longo poema para a ocasião, a “Ode Colombiana”, e importunou seus muitos amigos poderosos para que fosse incluído no programa. Viu, com orgulho, uma atriz ler o texto para alguns milhares de pessoas próximas o bastante para ouvir. Ao contrário da maior parte da plateia, Monroe considerou o poema uma obra brilhante, a ponto de mandar imprimir cinco mil cópias para vender ao público. Vendeu poucas e atribuiu o fracasso ao declínio do gosto dos americanos pela poesia.

Naquele inverno, usou o encalhe para alimentar a lareira.⁵⁰

Prendergast

EM 28 DE NOVEMBRO de 1892, Patrick Eugene Joseph Prendergast, o imigrante irlandês louco e partidário de Harrison, selecionou um dos seus cartões-postais.¹ O jovem tinha 24 anos e, apesar do acelerado declínio mental, ainda trabalhava para o *Inter Ocean* como entregador. O cartão escolhido, como todos os outros, tinha dez centímetros de largura por treze de comprimento, era branco de um lado e trazia uma insígnia postal e um selo de um centavo impresso do outro. Naquela época, quando escrever longas cartas era uma prática diária, homens de sensibilidade normal viam nesses postais o mais confuso dos meios de comunicação, pouco melhor do que um telegrama, mas para Prendergast aquele quadradinho de papel rígido era um veículo que lhe dava voz ativa nos arranha-céus e mansões da cidade.

Endereçou aquele cartão em especial para “A. S. Trude, Advogado”. Rascunhou as letras do nome em grandes letras floridas, como se quisesse desincumbir-se o mais rápido possível da incômoda tarefa de endereçar o cartão, antes de tratar da própria mensagem.

Não era de surpreender que Prendergast escolhesse Trude como um de seus correspondentes. O irlandês lia muito e acompanhava assiduamente os desastres de bonde, assassinatos e maquinações da prefeitura noticiados com tanto fervor pelos jornais da cidade. Sabia que Alfred S. Trude era um dos melhores advogados criminalistas de defesa de Chicago e que, de vez em quando, era contratado pelo Estado como promotor, prática comum em casos particularmente importantes.

Prendergast preencheu o postal de cima a baixo, de uma borda a outra, sem se importar muito se as frases formavam ou não linhas retas. Segurava a caneta com tanta força que ela lhe imprimia sulcos na ponta do polegar e do indicador. “Meu prezado sr. Trude”, começou. “O senhor ficou muito machucado?”² Um acidente, noticiado pelos jornais, provocara ferimentos leves no advogado. “Seu humilde criado por meio deste implora permissão para lhe manifestar sinceras condolências e confia que, mesmo sem comparecer diante do senhor pessoalmente, o senhor não terá dúvidas sobre sua verdadeira solidariedade com seus infortúnios — ele lhe deseja um pronto restabelecimento dos resultados do acidente que o senhor teve o azar de sofrer.”

Adotava um tom familiar, dando a entender que Trude o consideraria um de seus iguais. Enquanto o bilhete crescia, a letra ia encolhendo, até parecer uma coisa mais cuspida do que escrita. “Imagino, sr. Trude, que o senhor compreende que a maior autoridade em questões de lei é Jesus Cristo — e que o senhor também sabe que para cumprir a lei perfeitamente é preciso observar os dois mandamentos, amai a Deus sobre

todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos — são esses os maiores mandamentos, se me permite, senhor.”

O bilhete pulava de um tema para outro como as rodas de um trem num pátio de manobras. “O senhor por acaso já viu a foto do gordo que procurava pelo cachorro enquanto o cachorro está a seus pés e, apesar disso, não tem a presença de espírito de perceber do que se trata — o senhor já observou o gato?”

Não acrescentou um desfecho, nem assinou. Simplesmente não teve mais onde escrever, então pôs o cartão no correio.

Trude leu o bilhete e de início não lhe deu muita importância, achando que fosse coisa de alguém excêntrico. O número de homens e mulheres perturbados parecia aumentar a cada ano. As prisões estavam lotadas de pessoas assim, como mais tarde afirmaria um diretor de presídio. Inevitavelmente, alguns se tornavam perigosos, como Charles Guiteau, o homem que assassinou o presidente Garfield em Washington.

Sem nenhum motivo particular, Trude guardou o cartão.

“Quero você imediatamente”

NO FIM DE novembro, o jovem engenheiro de Pittsburgh apresentou mais uma vez sua proposta para superar Eiffel ao comitê de assuntos fiscais. Dessa vez, além de desenhos e especificações, incluiu uma lista de investidores, nomes de homens importantes que faziam parte de seu conselho e provas de que tinha arrecadado dinheiro suficiente para financiar o projeto até o fim. Em 16 de dezembro de 1892, o comitê lhe deu a concessão para erguer sua construção no Midway Plaisance. A decisão agora era definitiva.

Precisava de um engenheiro disposto a ir a Chicago supervisionar a obra e achava que conhecia alguém: Luther V. Rice, engenheiro-assistente da Union Depot & Tunnel Company, de Saint Louis. Sua carta a Rice começava assim: “Tenho em mãos um grande projeto para a Feira Mundial de Chicago. Vou construir uma roda giratória vertical de 76 metros de diâmetro.”¹

Em nenhuma parte da carta, porém, revelava as verdadeiras dimensões de sua concepção: que essa roda teria 36 cabines, cada uma mais ou menos do tamanho de um Pullman, com capacidade para sessenta pessoas e equipada com sua própria lanchonete, e que, lotada, a roda impulsionaria 2.160 pessoas de cada vez a uma altura de quase cem metros acima do Jackson Park, um pouco mais alta do que a coroa da Estátua da Liberdade, então com seis anos.²

Disse a Rice: “Quero você imediatamente, se puder vir.” E assinou: George Washington Gale Ferris.

Chappell redivivo

UM DIA, NA primeira semana de dezembro de 1892, Emeline Cigrand foi ao edifício de Holmes em Englewood levando um pequeno pacote caprichosamente embalado. De início, estava animada, pois o pacote continha um presente de Natal antecipado, que ela queria dar aos Lawrence, seus amigos, mas já perto da esquina da rua 63 com a Wallace a animação desapareceu. O edifício que antes parecia quase um palácio — não por sua nobreza arquitetônica, e sim pelo que prometia — se tornara sem graça e maltratado. Ela subiu as escadas até o segundo andar e seguiu direto para o apartamento dos Lawrence. O carinho e a acolhida ressuscitaram-lhe o ânimo. Entregou o pacote à sra. Lawrence, que o abriu na mesma hora e tirou de dentro do embrulho um prato no qual Emeline pintara uma linda floresta.

O presente deixou a sra. Lawrence encantada, mas ao mesmo tempo perplexa.¹ Faltavam apenas três semanas para o Natal, lembrou ela, educadamente: por que Emeline não esperara para dar o prato quando a sra. Lawrence pudesse lhe retribuir o presente?

O rosto de Emeline se iluminou, e ela disse que ia passar o Natal com a família em Indiana.

“Parecia maravilhada com a ideia de visitá-los”, contou a sra. Lawrence. “Falava neles de um jeito muito afetuoso e parecia feliz como uma criança.”² Porém a sra. Lawrence também percebeu uma nota de determinação na voz de Emeline, que sugeria que a viagem talvez tivesse outro objetivo.

— Você não está nos deixando, está? — perguntou.

— Bem — respondeu Emeline. — Não sei. Talvez.

A sra. Lawrence riu.

— Mas o sr. Holmes não conseguiria ficar sem você.

A expressão do rosto de Emeline mudou:

— Conseguiria se fosse preciso.

O comentário confirmou o que os Lawrence pensavam. “Já havia algum tempo que eu tinha a impressão de que os sentimentos da srta. Cigrand em relação a Holmes não eram mais os mesmos”, revelou o dr. Lawrence. “Em vista do que aconteceu depois, acho que ela tinha, até certo ponto, descoberto o verdadeiro caráter de Holmes e resolveu deixá-lo.”³

Ela talvez tenha dado crédito às histórias que ouvira no bairro sobre a tendência de Holmes a comprar coisas a crédito e não pagar por elas — histórias que ouvia o tempo

todo, pois eram numerosas, mas que, de início, considerara falatório de gente invejosa. Conjeturou-se, mais tarde, que Emeline entregara a Holmes os 800 dólares que havia economizado e que o dinheiro desapareceu numa nuvem de promessas de pródigos lucros futuros.⁴ A advertência de Ned Conner ecoou em sua mente. Ultimamente, falava em voltar algum dia para Dwight e trabalhar outra vez com o dr. Keeley.

Emeline não se despediu dos Lawrence. Apenas parou de visitá-los. Para a sra. Lawrence, ir embora sem se despedir não combinava com a moça. Não sabia se ficava magoada ou preocupada. Perguntou a Holmes o que ele sabia sobre a ausência de Emeline.

Geralmente, Holmes olhava para a sra. Lawrence com desconcertante franqueza, porém dessa vez ele evitou seu olhar.

— Ah, ela foi embora, para se casar — respondeu, como se não houvesse nada no mundo que lhe interessasse menos.⁵

A sra. Lawrence ficou chocada com a notícia:

— Não entendo por que ela nunca me disse que ia casar.

Holmes explicou que era segredo: ele foi a única pessoa para quem Emeline e o noivo tinham revelado seus planos.

Contudo, para a sra. Lawrence a explicação apenas levantava mais dúvidas. Por que o casal queria tanta privacidade? Por que Emeline não lhe contara nada, se as duas já haviam trocado tantas confidências?

A sra. Lawrence sentia falta de Emeline, de sua efervescência e seu brilho físico, sua beleza e seus cabelos cor de girassol que iluminavam os sombrios corredores do edifício de Holmes. Continuava perplexa e poucos dias depois voltou a fazer a Holmes perguntas sobre Emeline.

Ele tirou um envelope quadrado do bolso. “Isso lhe explicará tudo”, disse.⁶

O envelope continha um anúncio de casamento. Não impresso, como era de costume, apenas datilografado. Isso também foi uma surpresa para a sra. Lawrence. Emeline jamais aceitaria um jeito tão prosaico de comunicar uma notícia dessa magnitude.

O anúncio dizia:

Sr. Robert E. Phelps
Srta. Emeline G. Cigrand
Casaram-se
Quarta-feira, 7 de dezembro
1892
CHICAGO⁷

Holmes contou à sra. Lawrence que tinha recebido aquela cópia das mãos da própria Emeline. “Poucos dias depois de ir embora ela voltou para pegar a correspondência”, explicou ele, em suas memórias, “e dessa vez me deu um dos seus cartões de casamento e mais dois ou três para outros inquilinos do prédio, que na ocasião não se encontravam em seus aposentos. E em resposta às perguntas feitas ultimamente descobri que pelo menos seis pessoas em Lafayette, Indiana, e nos arredores receberam cartões semelhantes, com as marcas de correio e sua letra no envelope no qual foram colocados, indicando que ela deve tê-los despachado pessoalmente, quando já não trabalhava para mim.”⁸

A família e os amigos de Emeline receberam cópias do anúncio pelo correio, e elas de fato pareciam ter sido endereçadas pela própria jovem. Muito provavelmente Holmes forjou os envelopes, ou enganou Emeline, levando-a a acreditar que os preparava para um objetivo legítimo, talvez como cartões de Natal.

Para a sra. Lawrence, o anúncio não explicava nada. Emeline jamais mencionara ninguém chamado Robert Phelps. E, se fosse verdade que ela estivera no edifício com anúncios de casamento, sem dúvida teria entregado o dos Lawrence em mãos.

No dia seguinte, a sra. Lawrence deteve Holmes mais uma vez e lhe perguntou o que sabia a respeito de Phelps. Com o mesmo ar de quem não dava muita importância ao assunto, Holmes respondeu: “Ah, é um sujeito que a srta. Cigrand conheceu em algum lugar. Tudo que sei é que viaja muito.”⁹

A notícia do casamento de Emeline chegou ao jornal de sua cidade natal, que a divulgou em 8 de dezembro de 1892, num pequeno comunicado informal. A notícia chamava Emeline de “mulher refinada”¹⁰ que “tem um caráter forte e puro. Seus numerosos amigos acham que ela demonstrou bom discernimento na escolha do marido e vão cumprimentá-la entusiasticamente”. Entre alguns pormenores biográficos, dizia-se que Emeline certa vez trabalhara como estenógrafa no cartório de registro civil do condado. “De lá”, prosseguia a notícia, “foi para Dwight, e de Dwight para Chicago, onde encontrou seu destino.”

“Destino”, nesse caso, era a recatada referência do repórter a casamento.



Nos dias que se seguiram, a sra. Lawrence fez mais perguntas sobre Emeline, mas Holmes respondeu apenas com monossílabos. Ela passou a considerar a partida de Emeline um desaparecimento e lembrava-se de que, logo depois da última visita da moça, uma curiosa mudança de rotina ocorrera no edifício de Holmes.

“No dia seguinte ao desaparecimento da srta. Cigrand, ou no dia em que a vimos pela última vez, a porta do escritório de Holmes ficou trancada e ninguém entrou além dele mesmo e de Patrick Quinlan”, disse a sra. Lawrence. “Por volta das sete da noite, Holmes

saiu do escritório e pediu a dois homens que moravam no prédio que o ajudassem a descer com um baú.”¹¹ Era um baú novo e grande, com cerca de um metro e vinte de comprimento. O conteúdo era obviamente pesado, o que dificultava o manejo. Holmes insistia com os homens que tivessem cuidado. Logo uma carroça de mudança veio buscá-lo.

A sra. Lawrence alegaria depois que naquele momento se convenceu de que Holmes tinha assassinado Emeline. Mas nem por isso ela e o marido se mudaram do prédio nem procuraram a polícia. Ninguém procurou. Nem a sra. Lawrence, nem o sr. e a sra. Peter Cigrand, nem Ned Conner, nem os pais de Julia, o sr. e a sra. Andrew Smythe. Era como se ninguém acreditasse que a polícia fosse se interessar por mais um desaparecimento ou, caso se interessasse, se teria competência para conduzir uma investigação eficaz.

Logo depois o baú da própria Emeline, contendo seus objetos pessoais e toda a roupa que trouxera ao sair de casa, em 1891, para trabalhar com Keeley, chegou a um depósito perto de sua cidade natal.¹² No início, os pais achavam — esperavam — que ela tivesse mandado o baú porque ia se casar com um homem rico e não precisaria mais daquelas coisas velhas e usadas. Os Cigrand não receberam mais nenhuma carta de Emeline, nem mesmo no Natal. “Isso”, comentou o dr. B. J. Cigrand, primo de Emeline em segundo grau, o dentista da zona norte, “embora ela tivesse o hábito de escrever para os pais duas ou três vezes por semana.”¹³

Apesar disso, eles não cogitaram a possibilidade de assassinato. “Finalmente cheguei à conclusão de que ela devia ter morrido na Europa, e o marido ou não sabia nosso endereço ou não se preocupou em nos avisar”, disse Peter Cigrand.¹⁴

Os Cigrand e os Lawrence teriam sentido a ansiedade se multiplicar dez vezes se soubessem de alguns outros fatos:

Que o nome Phelps era um pseudônimo que Benjamin Pitezel, assistente de Holmes, tinha usado quando conheceu Emeline no Instituto Keeley;¹⁵

Que, em 2 de janeiro de 1893, Holmes mais uma vez pedira a ajuda de Charles Chappell, o articulador, e lhe mandara um baú contendo o corpo de uma mulher, a parte superior quase desprovida de carne;¹⁶

Que poucas semanas depois a Faculdade de Medicina LaSalle, de Chicago, havia recebido a encomenda de um esqueleto caprichosamente montado;¹⁷

E que uma coisa peculiar tinha acontecido na câmara do tamanho de um quarto no edifício de Holmes, um fenômeno que, quando enfim foi descoberto pela polícia, três anos mais tarde, desafiaria uma explicação científica.

De alguma forma, uma pegada ficara impressa no liso acabamento esmaltado do lado

de dentro da porta da câmara, num ponto a mais ou menos sessenta centímetros do chão.¹⁸ Os dedos, o peito do pé e o calcanhar estavam delineados com tanta clareza que não restava dúvida de que a marca fora deixada por uma mulher. A nitidez dos detalhes confundiu a polícia, assim como a resistência da pegada. Tentaram esfregá-la com a mão, depois com pano, água e sabão, mas ela continuava lá, clara como sempre.

Ninguém sabia explicá-la com certeza. O melhor palpite era que Holmes tinha atraído uma mulher para a câmara; que ela estava descalça quando entrou, talvez nua; e que Holmes fechara a porta hermeticamente para trancá-la dentro. Ela deixara a marca numa última e inútil tentativa de abrir a porta. Para explicar a durabilidade da pegada, detetives propuseram a teoria de que Holmes, que sabidamente tinha um ávido interesse por química, primeiro despejara um verniz de ácido no chão para acelerar por reação química o consumo de oxigênio na câmara.¹⁹ A teoria afirmava que Emeline havia pisado no ácido e depois colocado os pés na porta, imprimindo a marca no esmalte.

Contudo, essa revelação, como sempre, veio muito mais tarde. No começo de 1893, ano da feira, ninguém, nem mesmo Holmes, notara uma pegada na porta.

“A verdade nua e crua”

NO COMEÇO DE janeiro de 1893, a temperatura esfriou e permaneceu fria, caindo para quase trinta graus abaixo de zero. Em seus passeios ao amanhecer, Burnham enfrentava um mundo hostil e pálido. Montes de esterco de cavalo congelado entremeavam-se com a paisagem. Ao longo das margens da Wooded Island, uma camada de gelo de sessenta centímetros de espessura cristalizava os juncos e junças de Olmsted em cruéis contorções. Burnham via que o trabalho de Olmsted estava muito atrasado. E àquela altura o homem de Olmsted em Chicago, Harry Codman, de quem todos acabaram dependendo, estava hospitalizado, recuperando-se de uma cirurgia. Descobrira-se, afinal, que sua persistente doença era apendicite. A operação, com uso de éter, transcorreria sem problemas, e Codman se restabelecia, mas levaria um bom tempo. Só faltavam quatro meses para o Dia da Abertura.

O frio extremo acentuava a ameaça de fogo. Só o fogo necessário — as salamandras e as panelas dos funileiros — já tinha causado dezenas de pequenos incêndios, facilmente debelados, mas o frio aumentava a probabilidade de coisa muito pior. Congelava tubulações e hidrantes e fazia os operários fumarem e acenderem fogueiras, violando a proibição de Burnham. Os homens da guarda colombiana redobram a vigilância. Eram eles que mais sofriam com o frio, montando guarda 24 horas por dia nos lugares mais distantes do parque, onde não existiam abrigos. “O inverno entre 1892 e 1893 será sempre lembrado por aqueles que serviram na guarda durante esse período”, escreveu o coronel Rice, seu comandante.¹ O que os guardas mais temiam era serem destacados para um setor especialmente desolado, na extremidade sul do parque, abaixo do Edifício da Agricultura. Chamavam o lugar de Sibéria. O coronel Rice tirava partido desse medo: “Qualquer guarda que for mandado para o posto ao longo da cerca meridional saberá que é culpado de algum deslize de disciplina ou que sua aparência pessoal o tornou pouco apresentável para as partes mais públicas do terreno.”

George Ferris combatia o frio com dinamite, único meio eficiente de penetrar a crosta de quase um metro de solo congelado que agora cobria o Jackson Park.² Mesmo rompido, o chão ainda apresentava dificuldades. Logo abaixo da crosta ficava uma camada de seis metros de areia movediça que os construtores de Chicago sempre tinham de enfrentar, com a diferença de que agora estava gelada e era um tormento para os operários. Os homens usavam jatos de vapor para derreter a terra e impedir que o cimento recém-despejado congelasse. Enfiavam estacas de madeira até o subsolo firme, dez metros abaixo da superfície. Em cima delas colocavam uma estacaria de aço, que

enchiam de cimento. Para manter as câmaras de escavação o mais secas possível, eles usavam bombas 24 horas por dia. Repetiram o processo para cada uma das oito torres de mais de quarenta metros que apoiariam o gigantesco eixo da Roda de Ferris.

De início, a grande preocupação de Ferris era adquirir aço suficiente para construir sua máquina. Porém ele percebeu que levava vantagem sobre qualquer outro que tentasse fazer uma nova encomenda. Graças à sua empresa de inspeção de aço, ele conhecia a maioria dos executivos da indústria do aço e os produtos que fabricavam. Era capaz de obter favores e distribuir suas encomendas entre muitas empresas diferentes. “Nenhuma loja poderia sequer começar a dar conta de todo o trabalho, por isso foram feitos contratos com uma dúzia de firmas diferentes, cada uma delas escolhida em razão de uma vantagem particular para a missão que lhe era confiada”, de acordo com um relato da empresa de Ferris.³ Além disso, ele comandava uma legião de inspetores que avaliavam a qualidade de cada componente que ia saindo das fábricas. Era uma vantagem vital, uma vez que a roda era um conjunto complexo de cem mil peças, que iam de pequenos ferrolhos ao eixo gigantesco — que, na época em que foi feito pela Bethlehem Steel, era a maior peça fundida fabricada até então. “A mais absoluta precisão era necessária, pois poucas peças poderiam ser montadas enquanto não estivessem no terreno, e um erro, por menor que fosse a fração de polegada, poderia ser fatal.”

A roda que Ferris concebeu a rigor consistia em duas rodas, separadas no eixo por uma distância de nove metros. O que assustou Burnham no início foi a aparente insubstancialidade do projeto. Cada roda era, em essência, uma gigantesca roda de bicicleta. Finas varetas de ferro, de apenas seis centímetros e meio de espessura e dois metros e meio de comprimento, ligavam o aro, ou camba, de cada roda a uma “aranha” fixada ao eixo. Esteios e hastes diagonais passavam entre as duas rodas para firmar o conjunto e lhe dar a força de uma ponte ferroviária. Uma corrente de nove toneladas ligava uma roda dentada no eixo a dentes de roda impulsioneados por dois motores de mil cavalos a vapor. Por razões estéticas, as caldeiras seriam instaladas a 215 metros do Midway, com o vapor desviado para os motores através de tubos subterrâneos de 25 centímetros.

Isso, pelo menos, era o que estava no papel. Entretanto, a tarefa de cavar e instalar a fundação havia sido mais difícil do que Ferris e Rice esperavam, e eles sabiam que tinham obstáculos muito maiores pela frente, e o maior deles era o desafio de levantar aquele eixo imenso até sua armação no alto das oito torres. Com os acessórios, o eixo pesava 64.420 quilos.⁴ Nada tão pesado jamais fora levantado antes, menos ainda a toda essa altura.

Em Brookline, Olmsted recebeu a notícia por telegrama: Harry Codman estava morto. Seu protegido, a quem amava como a um filho. Tinha 29 anos. “Você já deve estar sabendo de nossa grande calamidade”, escreveu Olmsted para o amigo Gifford Pinchot. “Agora me sinto como alguém que está no meio de um naufrágio e mal consegue imaginar quando será capaz de navegar novamente.”⁵

Olmsted se deu conta de que ele mesmo teria de assumir a supervisão direta dos trabalhos da exposição a partir de então, porém mais que nunca se sentia incapaz de desempenhar a tarefa. Ele e Phil, irmão de Harry, chegaram a Chicago no começo de fevereiro, encontrando a cidade sob um frio brutal, de 22 graus negativos. Em 4 de fevereiro, ele se sentou pela primeira vez à mesa de Codman, abarrotada de pilhas de faturas e memorandos. A cabeça de Olmsted era um tumulto de ruídos e dores. Tinha dor de garganta. Estava profundamente triste. A tarefa de separar os papéis acumulados de Codman e assumir as obras da exposição lhe parecia impossível. Perguntou a um antigo assistente, Charles Eliot, que se tornara um dos melhores arquitetos paisagistas de Boston, se poderia vir ajudá-lo. Depois de certa hesitação, Eliot concordou. Ao chegar, percebeu que Olmsted estava doente. No começo da noite de 17 de fevereiro de 1893, enquanto uma nevasca fustigava Chicago, Olmsted já estava sob cuidados médicos, confinado ao hotel.

Naquela mesma noite, Olmsted escreveu para John em Brookline. A fadiga e a tristeza sobrecarregavam cada página da carta. “Parece que é chegada a hora de você não contar mais comigo”, dizia.⁶ O trabalho em Chicago começava a parecer sem solução. “Ficou bem claro que, no pé em que as coisas estão, não conseguiremos cumprir nossas obrigações aqui.”



No começo de março, Olmsted e Eliot estavam de volta a Brookline, Eliot já como sócio pleno, e a firma com o novo nome de Olmsted, Olmsted & Eliot. Os trabalhos da exposição continuavam bastante atrasados e eram uma grande fonte de preocupações, porém a saúde de Olmsted e a pressão de outra obra o obrigaram a abandonar Chicago. Muito apreensivo, ele deixou a responsabilidade nas mãos do superintendente Rudolf Ulrich, em quem já perdera a confiança. Em 11 de março, Olmsted mandou uma longa carta para Ulrich repleta de instruções.

“Nunca antes, nas numerosas obras pelas quais fui amplamente responsável, confiei tanto no discernimento de um assistente ou colaborador”, escreveu Olmsted. “E como resultado, na situação difícil em que nos deixaram a morte do sr. Codman e a minha saúde debilitada e a consequente pressão excessiva de outros deveres, estou mais do que nunca disposto a adotar essa política e a levá-la adiante. Mas confesso que não consigo

fazê-lo sem grande ansiedade.”⁷

Deixou claro que sua ansiedade era graças a Ulrich, especificamente à “propensão constitucional” dele para perder de vista o plano geral e mergulhar em tarefas menores, que poderiam ser confiadas a subordinados. Esse era um traço de caráter que, para temor de Olmsted, poderia deixar Ulrich vulnerável às exigências de outras autoridades, sobretudo de Burnham. “Tenha sempre em mente o fato de que nossa responsabilidade especial como artistas de *paisagem* se aplica, basicamente, ao amplo e abrangente *cenário* da exposição”, escreveu Olmsted. (As ênfases são dele.) “Essa tarefa não consiste em fazer um jardim ou em produzir efeitos de jardinagem, mas diz respeito ao cenário da - exposição em sua totalidade; antes de tudo e mais essencialmente o cenário, num sentido amplo e abrangente... Se, por falta de tempo e de recursos ou de boas condições climáticas, não correspondermos às expectativas em questões de detalhes da decoração, nosso fracasso será perdoável. Se deixarmos de corresponder em questões relativas a efeitos paisagísticos gerais, teremos fracassado em nossa função básica e essencial.”

Em seguida, identificou para Ulrich as coisas que mais o deixavam preocupado em relação à feira; entre elas se destacava o esquema de cores escolhido por Burnham e pelos arquitetos. “Vale lembrar que toda a área da exposição já se tornou popularmente conhecida como ‘a cidade branca’... Temo que, em contraste com o céu azul e o lago azul, grandes massas altaneiras de branco, fulgurando na clara e quente luz solar do verão de Chicago, com o brilho da água que teremos dentro e fora do terreno da exposição, venham a ser avassaladoras.” Isso, escreveu ele, tornava mais importante do que nunca oferecer um contrapeso de “densos, vastos e luxuriantes agrupamentos verdes de folhagem”.

Claramente ocorrera a Olmsted a possibilidade de fracassar na exposição, e isso o perturbava. O tempo era curto, e o clima, terrível. O período de plantio na primavera seria breve. Ele começou a pensar em esquemas alternativos. E advertiu Ulrich: “Não se meta a fazer nada em termos de plantios decorativos que não esteja seguro de ter tempo e recursos suficientes para aperfeiçoar. É difícil apontar defeitos na relva simples e esmerada. Não tema superfícies singelas, desadornadas e lisas.”

Seria muito melhor, apontou Olmsted, enfeitar de menos do que demais. “Melhor que nos julguem singelos e simples demais, até mesmo desguarnecidos, do que berrantes, espalhafatosos, reles e excessivamente vistosos. Manifestemos nosso gosto de cavalheiros.”



A neve caía, uma calamidade de neve. Nevava ininterruptamente, até que centenas de toneladas de neve cobriram os telhados do Jackson Park. A exposição deveria ser um

evento de tempo quente, prevista para o período de maio a outubro. Ninguém se preocupara em projetar telhados capazes de resistir a uma sobrecarga tão extrema de neve.

Operários que trabalhavam no Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais ouviram o som agudo de aço cedendo e correram em busca de abrigo. Num grande borrão de neve e vidro prateado, o teto do edifício — aquela maravilha de insolência do século XIX, que cobria o maior volume de espaço livre da história — desabou.

Logo depois, um repórter de São Francisco chegou ao Jackson Park. Viera preparado para admirar a grande façanha do exército de operários de Burnham, mas, em vez disso, o que viu o deixou perplexo diante da hirta paisagem congelada.

“Parece uma coisa impossível”, escreveu. “Na verdade, os encarregados afirmam que tudo estará pronto dentro do prazo. Porém a verdade nua e crua que nos salta à vista é que só o Edifício das Mulheres está mais ou menos concluído, por dentro e por fora.”⁸

Apesar disso, a inauguração da feira estava marcada para dali a pouco menos de dois meses.

Conquistar Minnie

PARA HOLMES, APESAR do persistente frio dos primeiros dois meses de 1893, as coisas iam bem como nunca. Com Emeline fora do caminho e tão destramente descartada, ele enfim podia se concentrar em sua crescente teia de empreendimentos. Holmes saboreava a amplitude dos seus negócios: era dono de parte de uma empresa legítima que produzia uma máquina para duplicar documentos; vendia unguentos e elixires pelo correio e àquela altura tinha estabelecido sua própria firma de tratamento de alcoolismo, o Instituto Silver Ashe,¹ uma resposta à cura de ouro de Keeley; cobrava aluguéis dos Lawrence e de outros inquilinos e era proprietário de duas casas, uma na rua Honoré e a outra era a casa nova em Wilmette, ocupada pela mulher Myrta e pela filha Lucy, que ele projetara pessoalmente e construíra com a ajuda de 75 operários, em sua maioria não pagos.² E não tardaria a receber os primeiros hóspedes que vinham visitar a feira mundial.

Passava a maior parte do tempo equipando seu hotel. Comprou móveis de qualidade na Tobey Furniture Company³ e cristais e cerâmicas na French, Potter Cockery Company,⁴ tudo sem desembolsar um tostão, embora admitisse que logo as empresas tentariam cobrar as notas promissórias que lhes dera. Isso não o preocupava nem um pouco. Aprendera, por experiência própria, que atrasos e remorsos sinceros eram ferramentas poderosas, com as quais poderia evitar credores durante meses e anos, às vezes para sempre. Mas esses prolongados impasses poderiam não ser necessários, pois ele sentia que seus dias em Chicago estavam contados. As perguntas da sra. Lawrence eram cada vez mais contundentes, quase acusatórias. E ultimamente alguns credores tinham começado a demonstrar uma extraordinária determinação. Uma firma, a Merchant & Co.,⁵ que lhe fornecera o ferro para o forno e a câmara, chegara ao ponto de obter um mandado de restituição de bens para tomar o ferro de volta. Numa inspeção do edifício, porém, os agentes da empresa foram incapazes de encontrar qualquer coisa que pudessem identificar, sem margem para dúvidas, como produto da Merchant.

Muito mais importunas eram as cartas dos pais de moças desaparecidas e os detetives particulares que começaram a bater à sua porta. Independentemente uma da outra, as famílias Cigrand e Conner haviam contratado investigadores particulares para procurar as filhas desaparecidas. Apesar de a princípio essas indagações terem incomodado Holmes, ele não tardou a perceber que nenhuma das famílias achava que ele tivesse algo a ver com os desaparecimentos. Os detetives não falaram em suspeitas de crime. Estavam atrás de informações — nomes de amigos, endereços para encaminhamento de

correspondência, sugestões sobre onde continuar procurando.

Ele naturalmente tinha a maior satisfação em colaborar. Holmes disse aos visitantes que ficava triste, muito triste, por não poder contribuir com novas informações que aliviassem a preocupação dos pais. Se tivesse alguma notícia, é claro, informaria os detetives na mesma hora. Despediu-se de cada um deles com amistosos apertos de mão, dizendo-lhes que, por favor, não deixassem de procurá-lo se o trabalho os trouxesse de volta a Englewood a qualquer momento no futuro. Holmes disse adeus aos detetives com animação, como se fossem amigos de infância.

No momento — março de 1893 — o maior inconveniente para Holmes era a falta de ajuda. Precisava de uma nova secretária. Não que houvesse escassez de mulheres à procura de trabalho, pois a feira tinha atraído legiões delas para Chicago. Na Escola Normal ali perto, por exemplo, o número de candidatas a professora multiplicara-se muitas vezes.⁶ O problema era escolher uma mulher com a sensibilidade necessária. As candidatas precisavam ter certo nível de habilidade em estenografia e datilografia, mas o que ele mais procurava, e mais gostava de sentir, era aquele sedutor amálgama de isolamento, fraqueza e carência. Jack, o Estripador, encontrara-o nas prostitutas decadentes de Whitechapel; Holmes o via em mulheres em fase de transição, jovens, limpas, frescas, livres pela primeira vez na história, mas inseguras sobre o significado dessa liberdade e os riscos que ela implicava. O que desejava mais ardentemente era a posse e o poder que ela lhe dava; o que adorava era a prelibação — a lenta conquista do amor, depois da vida e por fim dos segredos íntimos. A disposição final do material era irrelevante, uma distração. Ter descoberto um jeito de tornar esse descarte eficiente e ao mesmo tempo lucrativo era simplesmente uma prova de seu poder.

Em março, a sorte lhe trouxe a conquista perfeita. Seu nome era Minnie R. Williams. Conhecera-a anos antes, durante uma estada em Boston, e já naquela época pensara em conquistá-la, mas a distância era grande demais, e o momento, inadequado. Contudo, ela se mudara para Chicago, e Holmes imaginava que talvez fosse um dos motivos dessa mudança.

Naquele momento a moça deveria ter 25 anos. Ao contrário de suas escolhas de sempre, era uma mulher de aparência comum, baixa e roliça, pesando algo entre 63 e 68 quilos. Tinha um nariz masculino, sobrancelhas espessas e negras e praticamente nenhum pescoço. A expressão era imperturbável, o rosto cheio — “um rosto de bebê”,⁷ como descreveu uma testemunha. “Não parecia saber muita coisa.”

Em Boston, entretanto, Holmes havia descoberto que Minnie tinha outros atributos cativantes.

Nascida no Mississippi, Minnie Williams e a irmã mais nova, Anna, ficaram órfãs muito cedo e foram morar com tios diferentes.⁸ O novo tutor de Anna era o pastor W. C. Black, de Jackson, Mississippi, editor da publicação metodista *Christian Advocate*. Minnie foi para o Texas, onde o tio que recebeu sua guarda tinha um comércio bem-sucedido. Ele a tratava bem e em 1886 matriculou-a na Academia de Elocução de Boston. Morreu quando ela estava na metade do curso de três anos e deixou-lhe uma herança avaliada entre 50 mil e 100 mil dólares (mais ou menos de 1,5 milhão a 3 milhões em dólares do século XXI).

Enquanto isso, Anna tornou-se professora primária. Lecionava em Midlothian, Texas, na Academia de Midlothian.

Holmes conheceu Minnie quando, viajando a negócios sob o pseudônimo de Henry Gordon, foi convidado para uma reunião na casa de uma das famílias mais importantes de Boston. Perguntando aqui e ali, Holmes ficou sabendo da herança de Minnie e do fato de que consistia basicamente na parte de uma propriedade no coração de Fort Worth, Texas.

Holmes esticou sua estada em Boston. Minnie chamava-o de Harry. Ele a levou a peças de teatro e a concertos, comprou-lhe flores, livros e doces. Conquistá-la foi pateticamente fácil. Sempre que ele falava em voltar para Chicago, ela parecia arrasada, deliciosamente arrasada. Durante o ano de 1889 ele viajou a Boston com frequência, sempre envolvendo Minnie num redemoinho de shows e jantares, embora o que mais lhe desse prazer fossem os dias anteriores à sua partida, quando as carências dela se inflamavam como incêndio numa floresta seca.⁹

Depois de um tempo, porém, ele se cansou da brincadeira. A distância era grande demais, e o recato de Minnie, profundo demais. Suas visitas a Boston diminuíram, embora ele ainda respondesse às cartas dela com o ardor de um amante.

A ausência de Holmes deixou Minnie arrasada. Ela estava apaixonada. As visitas dele a faziam vibrar, suas partidas a destruíam. Estava aturdida — ele parecia vir conduzindo um namoro e até insistira para que ela abandonasse os estudos e fugisse com ele para Chicago, mas agora fora embora e suas cartas só chegavam raramente. Ela teria deixado Boston com a maior satisfação se houvesse algum sinal de casamento, mas não nos termos temerários que ele propusera. Teria sido um excelente marido. Era afetuoso, como poucos homens que conhecera, e muito dedicado aos negócios. Ela sentia falta de sua ternura e de suas carícias.

Até que as cartas pararam de chegar.

Depois que se formou na Academia de Elocução, Minnie foi morar em Denver, onde

tentou fundar uma companhia de teatro e, na tentativa, perdeu 15 mil dólares. Ela ainda sonhava com Harry Gordon. Com o fracasso da companhia de teatro, passou a pensar nele cada vez mais. Sonhava também com Chicago, cidade sobre a qual todo mundo falava e para onde todo mundo parecia estar se mudando. Com Harry e a Exposição Colombiana Mundial, a ser inaugurada em breve, a cidade tornou-se irresistível para ela.

Minnie mudou-se para Chicago em fevereiro de 1893 e arranhou emprego como estenógrafa numa empresa de advocacia. Escreveu para Harry informando-o da sua chegada.

Harry Gordon foi vê-la imediatamente e saudou-a com lágrimas nos olhos. Mostrou-se muito terno e afetuoso. Era como se nunca tivesse ido embora. Propôs-lhe que trabalhasse para ele como estenógrafa particular. Assim poderiam se encontrar todos os dias, sem precisarem se preocupar com a senhoria de Minnie, que os observava como se fosse sua mãe.

Essa perspectiva a deixou muito animada. Harry ainda não mencionara a palavra casamento, mas ela sentia que ele a amava. E estava em Chicago. Tudo era diferente, menos rígido, menos formal. Por onde andasse, via mulheres de sua idade, sozinhas, trabalhando, vivendo a própria vida. Aceitou a proposta. Ele ficou felicíssimo.

Contudo, impôs uma condição curiosa. Minnie deveria referir-se a ele em público como Henry Howard Holmes, um pseudônimo, segundo explicou, que tinha adotado por razões comerciais. Jamais deveria chamá-lo de Gordon, nem se surpreender quando as pessoas se referissem a ele como dr. Holmes. Mas sempre que desejasse poderia chamá-lo de “Harry”.

Ela cuidava de sua correspondência e da contabilidade, enquanto ele se concentrava em preparar o edifício para a feira mundial. Jantavam juntos em seu escritório, após comprar comida no restaurante que ficava embaixo. Minnie demonstrou “notável aptidão para o trabalho”, escreveu Holmes em sua autobiografia.¹⁰ “Nas primeiras semanas, ficou hospedada um pouco longe, porém depois, a partir mais ou menos de 1º de março até 15 de maio de 1893, ocupou cômodos no mesmo edifício, contíguos a meu escritório.”

Harry a tocava e acariciava, os olhos marejados de adoração. Até que finalmente a pediu em casamento. Ela se achava uma mulher de sorte. Seu Harry era tão bonito, tão dinâmico, e ela sabia que quando se casassem levariam uma vida maravilhosa, com muitas viagens e belas posses. Escreveu para a irmã, Anna, falando de suas esperanças.

Nos últimos anos, as irmãs tinham se tornado muito próximas, superando o antigo distanciamento. Trocavam cartas com frequência. Minnie enchia as suas com notícias do romance cada vez mais intenso, maravilhada com o fato de um homem tão belo tê-la escolhido para ser sua esposa.

Anna tinha suas dúvidas.¹¹ O romance avançava depressa demais, com um grau de intimidade que violava todas as intrincadas regras de namoro. Minnie uma jovem amável, como Anna bem o sabia, mas certamente não era nenhuma beldade.

Se Harry Gordon era mesmo esse modelo de beleza e iniciativa, por que a escolhera?

Em meados de março, Holmes recebeu uma carta de Peter Cigrand, o pai de Emeline, mais uma vez pedindo ajuda para encontrar a filha. A carta era datada de 16 de março. Holmes respondeu logo, em 18 de março, com uma carta datilografada na qual dizia a Cigrand que Emeline deixara de trabalhar para ele em 1º de dezembro de 1892. É possível que Minnie, na função de secretária particular de Holmes, tenha cuidado da datilografia.

“Recebi seus cartões de casamento mais ou menos em 10 de dezembro”, escreveu ele.¹² Viera vê-lo duas vezes depois do casamento, a última delas em 1º de janeiro de 1893, “quando ficou decepcionada por não encontrar nenhuma carta para ela, e tenho a impressão de que ela mencionou ter escrito para o senhor antes dessa data. Antes de ir embora em dezembro, ela me disse, pessoalmente, que ela e o marido tinham intenção de ir à Inglaterra numa viagem a negócios, na área à qual estava ligado, mas quando estive aqui pela última vez falou como se a viagem tivesse sido cancelada. Por favor, me informe se não receber notícias dela dentro de alguns dias, dando o endereço do tio dela aqui na cidade para que eu vá vê-lo e pergunte se ela esteve com ele, pois sei que tinha o hábito de visitá-lo com certa frequência”.

E acrescentou um pós-escrito à tinta: “O senhor escreveu para os amigos dela em Lafayette perguntando se têm notícias? Se não o fez, pode ser uma boa ideia. Seja como for, mantenha-me informado.”

Holmes prometeu a Minnie uma viagem à Europa, aulas de arte, uma bela casa e, é claro, filhos — ele adorava crianças —, mas antes disso havia questões financeiras que exigiam a atenção dos dois. Garantindo que tinha um plano do qual só se poderia esperar grandes lucros, Holmes convenceu-a a transferir a escritura do terreno em Fort Worth para um homem chamado Alexander Bond. Foi o que ela fez em 18 de abril de 1893, e Holmes cuidou dos registros cartoriais.¹³ Bond, por sua vez, transferiu a escritura para outro homem, Benton T. Lyman. Holmes também registrou essa transferência.

Minnie amava o futuro marido e confiava nele, mas não sabia que Alexander Bond era um pseudônimo do próprio Holmes, nem que Benton Lyman era, na verdade, Benjamin

Pitezal, assistente de seu noivo — e que, com poucas penadas, seu amado Harry tomara posse do grosso da herança deixada pelo tio. Nem sabia que no papel Harry ainda era casado com outras duas mulheres, Clara Lovering e Myrta Belknap, e que em cada casamento ele fizera um filho.

Quando a adoração de Minnie se intensificou, Holmes executou uma segunda manobra financeira. Estabeleceu a Campbell-Yates Manufacturing Company, por ele anunciada como uma firma que comprava e vendia qualquer coisa.¹⁴ Quando preencheu os documentos de constituição como entidade legal, ele listou cinco funcionários: H. H. Holmes, M. R. Williams, A. S. Yates, Hiram S. Campbell e Henry Owens. Este último era um carregador que trabalhava para ele. Hiram S. Campbell era o fictício proprietário do edifício de Holmes em Englewood. Yates era, supostamente, um homem de negócios que morava em Nova York, mas na verdade era tão fictício quanto Campbell. E M. R. Williams era Minnie. A empresa não fazia nada e não vendia nada: existia para adquirir bens e servir de referência a qualquer pessoa que pusesse em dúvida as notas promissórias de Holmes.

Mais tarde, quando surgiram suspeitas sobre a exatidão dos documentos da firma, Holmes convenceu Henry Owens, o carregador, a assinar uma declaração juramentada afirmando que era não apenas secretário da firma, mas que conhecia tanto Yates como Campbell e que Yates pessoalmente lhe entregara os certificados das ações relativas à sua parte na empresa. Mais tarde, Owens disse o seguinte a respeito de Holmes: “Ele me convenceu a fazer essas declarações prometendo pagar salários atrasados e usando de seus meios hipnóticos, e eu sinceramente acredito que ele tinha certa influência sobre mim. Quando na companhia dele, eu estava sempre sob seu controle.”¹⁵

E acrescentou: “Nunca recebi os pagamentos atrasados.”

Holmes — Harry — quis que o casamento fosse rápido e discreto: só ele, Minnie e um pastor. Ele mesmo cuidou de tudo. Para Minnie, a pequena cerimônia pareceu legalmente válida e, à sua maneira discreta, muito romântica, mas na realidade nenhum registro de sua união¹⁶ jamais foi feito no cartório do Condado de Cook, Illinois.

Coisas terríveis que as meninas fizeram

AO LONGO DE toda a primavera de 1893, as ruas de Chicago encheram-se de homens desempregados vindos de outros lugares, mas fora isso a cidade parecia imune aos problemas financeiros do país. Os preparativos para a feira mantinham sua economia robusta, ainda que artificialmente. As obras da extensão da Alley L até o Jackson Park ainda garantiam trabalho para centenas de homens. Na cidade-sede da Pullman, ao sul de Chicago, operários trabalhavam sem parar para atender ao acúmulo de encomendas de vagões para o transporte dos visitantes da feira, embora o ritmo das novas encomendas tivesse despencado drasticamente. A Union Stock Yards contratou a firma de Burnham para construir uma nova estação ferroviária de passageiros em sua entrada, para a esperada multidão de visitantes à procura de uma breve pausa vermelha para fugirem um pouco da Cidade Branca. No centro da cidade, a Montgomery Ward instalou um novo salão de visitas, onde visitantes extraviados pudessem deter-se em sofás macios para consultar o catálogo da empresa — um calhamaço de quinhentas páginas. Novos hotéis surgiam em toda parte, “o dinheiro será tão abundante que virá correndo ladeira acima para chegar aos nossos cofres”.¹

No Jackson Park, um número cada vez maior de exposições chegava diariamente. Havia fumaça, algazarra, lama e confusão, como se um exército estivesse se concentrando para atacar Chicago. Caravanas de carroças da Wells-Fargo e da Adams Express movimentavam-se devagar pelo parque, puxadas por cavalos gigantescos. Durante a noite, trens de carga bufavam dentro do parque. Pela trama de trilhos provisórios, locomotivas empurravam vagões fechados para seu destino. Navios cargueiros regurgitavam no lago pálidos engradados de madeira com frases inscritas em alfabetos estranhos. O aço de George Ferris chegou em cinco trens com trinta vagões cada um. A empresa de navegação Inman entregou uma seção inteira num de seus transatlânticos. A Bethlehem Steel trouxe lingotes gigantescos e grandes placas de blindagem militar, entre elas uma placa curva de 43 centímetros de espessura destinada à torre de artilharia do couraçado *Indiana*. A Grã-Bretanha mandou locomotivas e modelos de navio, incluindo uma refinada réplica de dez metros do mais recente navio de guerra britânico, o *Victoria*, tão ricamente detalhada que até os elos da corrente de seus balaústres obedeciam à escala.

De Baltimore, veio um trem comprido e escuro que congelou o coração dos homens e mulheres que monitoraram sua passagem pela pradaria, mas deliciou os incontáveis meninos que correram, de queixo caído, para perto do leito da ferrovia. O trem

transportava armas fabricadas pela Essen Works, de Fritz Krupp, o barão das armas alemão, entre elas a maior peça de artilharia até então construída, capaz de disparar um projétil de uma tonelada com força suficiente para penetrar um metro numa placa de ferro fundido. O cano precisou ser transportado num vagão construído especialmente, que consistia num berço de aço ocupando dois vagões-plataforma extralongos. Um vagão comum tinha oito rodas; essa combinação tinha 32. Para se certificarem de que as pontes da Ferrovia da Pensilvânia suportaria o peso do canhão, de 113 toneladas, dois engenheiros da Krupp tinham viajado para os Estados Unidos em julho para inspecionar todo o trajeto. O canhão logo ganhou o apelido de “Bebê de Krupp”, embora um escritor preferisse pensar nele como o “monstruoso animal de estimação” de Krupp.

Um trem com uma carga mais alegre também rumou para Chicago, esse alugado por Buffalo Bill, para seu show Wild West. Transportava um pequeno exército: cem antigos soldados da Cavalaria dos Estados Unidos, 97 índios cheyenne, kiowa, pawnee e sioux, cinquenta cossacos e hussardos, 180 cavalos, dezoito búfalos, dez alces, dez mulas e outros doze animais. Também transportava Phoebe Anne Moses, de Tiffin, Ohio, jovem com uma queda por armas e excelente pontaria. Bill chamava-a de Annie, e a imprensa chamava-a de srta. Oakley.

À noite, os índios jogavam cartas com os soldados.

Navios começaram a convergir para os portos americanos, vindos de todas as partes do mundo com as cargas mais exóticas imagináveis destinadas à exposição. Esfinges, múmias, cafeeiros e avestruzes. No entanto, a carga mais exótica, de longe, era a humana. Supostos canibais do Daomé, lapões da Lapônia, cavaleiros sírios. Em 9 de março um navio a vapor chamado *Guildhall* partiu de Alexandria, no Egito, para Nova York carregando 175 genuínos caiotas recrutados por um empresário chamado George Pangalos para morar em sua Rua do Cairo, no Midway Plaisance. Nos porões do *Guildhall*, ele amontoou vinte jumentos, sete camelos e uma coleção de macacos e cobras mortíferas. Sua lista de passageiros incluía uma das mais notáveis praticantes da *danse du ventre* no Egito, a jovem e fartamente feminina Farida Mazhar, que se tornaria legendária nos Estados Unidos. Pangalos tinha conseguido uma área de primeira no meio do Midway, adjacente à Roda de Ferris, numa diáspora muçulmana que incluía uma concessão persa, um palácio mouro e a Aldeia Argelina de Sol Bloom, onde este convertera a chegada prematura dos argelinos numa inesperada oportunidade financeira.

Bloom conseguira abrir sua aldeia já em agosto de 1892, bem antes do Dia da Consagração, e dentro de um mês tinha coberto as despesas e começado a colher generosos lucros. A versão argelina da *danse du ventre* se revelara uma atração particularmente poderosa, uma vez que as pessoas perceberam que a expressão significava “dança do ventre”. Boatos davam conta de mulheres seminuas saracoteando,

quando, na verdade, se tratava de uma dança elegante, estilizada e bastante casta. “As multidões invadiram”, disse Bloom. “Eu tinha uma mina de ouro.”²

Com seu talento costumeiro para o improviso, Bloom deu uma contribuição pessoal que afetaria para sempre a percepção americana do Oriente Médio. O Clube de Imprensa de Chicago convidou-o para apresentar uma pré-estreia da *danse du ventre* para os sócios. Bloom, que jamais recusava publicidade gratuita, aceitou imediatamente e levou ao clube um grupo de dançarinas. Ao chegar, porém, descobriu que tudo que o clube tinha preparado em matéria de música era um solitário pianista, que não fazia ideia de como acompanhar uma dança tão exótica.

Bloom pensou por um momento, cantarolou uma canção e tocou-a no teclado uma nota de cada vez:³



Ao longo do século seguinte, essa toada e suas variações seriam exibidas numa série de filmes quase sempre bregas, tipicamente acompanhando a sinuosa aparição de uma cobra em um cesto. Também inspiraria a letra aprendidas em pátios de colégio: “And they wear no pants in the southern part of France.” [Elas não usam calcinha lá no sul da França].

Bloom lamentaria não ter registrado o copyright dessa cantiga.⁴ Os royalties alcançariam a casa dos milhões.

—

Uma triste notícia chegou do Zanzibar: não haveria pigmeus. O tenente Schufeldt tinha morrido, de causas obscuras.

—

Houve muitos conselhos, na maior parte, é claro, oriundos de Nova York. O que despertou mais ira veio de Ward McAllister, faz-tudo e bajulador-chefe da sra. William Astor, imperatriz da alta sociedade de Nova York. Horrorizado com a cena invocada pelo Dia da Consagração em Chicago, de nata e ralé se misturando em tal volume e em tão indecorosa proximidade, numa coluna do *New York World* McAllister deu o seguinte conselho: “Não é quantidade, mas qualidade, o que as pessoas da sociedade aqui

querem. Hospitalidade que incluía a raça humana inteira não é desejável.”⁵

Ele recomendou às anfitriãs de Chicago que contratassem chefs franceses para melhorar sua dicção culinária. “Nestes dias modernos, a sociedade não pode viver sem chefs franceses”, escreveu. “O homem que se acostumou a delicados filés de carne, a terrapin e pâté de foie gras, a peru trufado e coisas do gênero não vai querer se sentar para um jantar de cozido de perna de carneiro com nabo.” O pior é que McAllister falava sério.

E havia mais. “Eu gostaria também de avisar que o vinho deles não é demasiado frappé. Coloquem-no na garrafa numa tina tendo o cuidado de manter o pescoço da garrafa fora do gelo. Pois, como a quantidade de vinho no pescoço é pequena, ela será afetada pelo gelo primeiro. Em 25 minutos, a contar do momento em que foi deixado na tina, estará em perfeita condição de ser imediatamente servido. O que quero dizer com perfeita condição é que, ao ser despejado da garrafa, o vinho deve conter pequenos flocos de gelo. Este é o verdadeiro frappé.”

A isso, o *Chicago Journal* respondeu: “O prefeito não vai deixar o seu vinho ficar demasiado frappé. Ficarà frappé apenas o suficiente para que os convidados soprem a espuma das taças sem fazer uma demonstração vulgar de força dos pulmões e dos lábios. Seus sanduíches de presunto, suas rosquinhas e suas codornizes irlandesas, mais conhecidas no dialeto de Bridgeport como pés de porco, serão triunfos da arte gastronômica.”⁶ Um jornal de Chicago chamou McAllister de “asno cor de rato”.⁷

Chicago se deliciava com essas tiradas espirituosas — quase sempre. Em certo sentido, porém, os comentários de McAllister doíam. Ele era uma voz particularmente presunçosa, mas era evidente que falava com a sanção dos nova-iorquinos de sangue azul. Entre os cidadãos mais importantes de Chicago havia sempre um profundo temor de ser de segunda classe. Ninguém superava Chicago em iniciativa e sagacidade comercial, contudo nas camadas mais altas havia uma tensão velada, uma sensação de que a cidade, em seu progresso comercial, de fato se esquecera de cultivar os traços mais refinados do homem e da mulher. A exposição deveria ser uma bandeira branca gigantesca sacudida no rosto da sra. Astor. Com deslumbrantes edifícios clássicos repletos de arte, água limpa, iluminação elétrica e um departamento de polícia superlotado de policiais, a exposição era a consciência de Chicago, a cidade que Chicago queria ser.

Burnham, em particular, personificava essa insegurança. Rejeitado em Harvard e Yale e privado da origem “correta”, ele se tornara um conhecedor consciente das boas coisas da vida. Organizava recitais em casa e no escritório, afiliava-se aos melhores clubes, colecionava os melhores vinhos e naquele momento comandava a maior campanha não militar da história do país. Mesmo assim, os colunistas sociais ainda não escreviam a respeito dos vestidos de sua mulher quando o casal ia à ópera como descreviam os trajes

noturnos de *mesdames* Palmer, Pullman e Armour. A feira deveria ser a redenção de Burnham, e de Chicago. “Pessoas de fora já reconhecem nossa grandeza material e que somos quase supremos em manufaturas e comércio”, escreveu ele. “Mas dizem que não somos cultos e refinados na mesma medida. Acabar com essa impressão tem sido o maior empenho do pensamento e das ações deste escritório desde o início.”⁸

Conselhos chegavam também pelos livros. Uma autora chamada Adelaide Hollingsworth preferiu homenagear a feira com mais de setecentas páginas de conselhos, que publicou no começo do ano com o título *The Columbia Cook Book*. Apesar de seu livro trazer irresistíveis receitas de *scrapple*, bochechas de boi, cabeça de bezerro assada e sugestões para o preparo de guaxinim, gambá, narceja, maçarico e melro (para a torta de melro) e “de como preparar esquilo grelhado, num fricassê, cozido ou frito”,⁹ era muito mais do que um livro de receitas. Hollingsworth o vendia como um guia geral para ajudar jovens donas de casa modernas a criarem um lar tranquilo, otimista e higiênico. Cabia à mulher dar o tom do dia. “A mesa do café da manhã não deve ser um quadro de avisos para a cura de sonhos horríveis e sintomas depressivos, mas o lugar onde se toca a nota de otimismo do dia.”¹⁰ Em certos trechos, os conselhos de Hollingsworth revelavam, por refração, certa vivacidade vitoriana. Numa passagem sobre a melhor maneira de lavar roupas íntimas de seda, ela aconselhava: “Se a peça for preta, acrescente um pouco de amônia, em vez de ácido, para enxaguar.”¹¹

Um dos problemas mais persistentes do dia era o dos “pés repulsivos”, causado pelo hábito comum de só lavar os pés uma vez por semana. Para combatê-lo, escreveu Hollingsworth, “use uma medida de ácido muriático para dez de água; esfregue os pés todas as noites com essa mistura antes de dormir”.¹² Para livrar a boca do cheiro de cebola, beba café forte. Ostras são a melhor isca para ratos. Para dar consistência ao creme batido, acrescente uma pitada de sal. Para manter o leite fresco por mais tempo, acrescente raiz-forte.

Hollingsworth dava sábios conselhos médicos — “Não se deve sentar entre um doente febril e uma fogueira”¹³ — e ensinava técnicas para lidar com emergências médicas, como envenenamento accidental. Como medida eficaz para induzir o vômito, ela destacou: “Injeções de tabaco no ânus com uma piteira de cachimbo.”¹⁴

Jacob Riis, o jornalista de Nova York que se dedicara a revelar as esquálidas condições habitacionais dos pobres dos Estados Unidos, chegou a Chicago levando um tipo bem

mais sério de conselho. Em março ele deu uma palestra na Hull House, uma comunidade reformista fundada por Jane Addams, “Santa Jane”. A Hull House tornara-se um bastião do pensamento progressista, habitada por jovens voluntárias, “intercaladas”, como disse um visitante, “por homens de expressão séria, de maneiras suaves e ar subordinado, que se esgueiravam de um quarto a outro, quase pedindo desculpas”.¹⁵ Com frequência, Clarence Darrow fazia a pé o curto trajeto de seu escritório no Rookery para a Hull House, onde era admirado por seu intelecto e por sua empatia social, mas criticado, privadamente, pelas roupas desalinhadas e pela higiene não muito exemplar.¹⁶

Na época da palestra de Riis, ele e Addams eram duas das personalidades mais notáveis dos Estados Unidos. Riis tinha percorrido os distritos mais imundos de Chicago e declarado que eram piores do que qualquer coisa que vira em Nova York. Na palestra mencionou a exposição que se aproximava rapidamente e advertiu a plateia: “É melhor os senhores começarem a limpar a casa, por assim dizer, e deixarem os becos e ruas em condições melhores; nunca, nem na pior estação, tivemos tanta imundície em Nova York.”¹⁷

Na realidade, Chicago vinha tentando se arrumar já havia algum tempo, e se dera conta de que o desafio era monumental. A cidade acelerou os esforços para remover o lixo e começou a repavimentar becos e ruas. Utilizou inspetores de fumaça para reforçar a regulamentação antifumaça. Os jornais lançaram cruzadas contra becos pestilentos e excesso de fumaça, identificando publicamente os violadores mais graves — entre eles o recém-aberto Masonic Temple, de Burnham, que o *Chicago Tribune* comparou ao Monte Vesúvio.

Carrie Watson, a madame mais famosa da cidade, decidiu que seu próprio negócio merecia uma melhoria. Sua casa já era luxuosa, com um salão de boliche onde os pinos eram garrafas de champanhe gelado, mas ela resolveu aumentar o número de quartos e dobrar o quadro de funcionários. Ela e outros donos de bordel esperavam um grande aumento na demanda. Não se decepcionariam. Nem, pelo visto, a clientela. Posteriormente, uma cafetina chamada Chicago May se recordaria daquele ano tumultuoso com certo constrangimento: “Que coisas terríveis algumas meninas fizeram! Só de pensar me dá nojo. A simples menção dos detalhes de alguns dos ‘circos’ é impublicável. Acho que Roma, no que havia de pior, não tinha nada que Chicago não tivesse naqueles tempos de arrepiar.”¹⁸

O homem que ajudou a tornar Chicago tão hospitaleiro para Carrie Watson e Chicago May, assim como para Mickey Finn e Bathhouse John Coughlin e mais uns mil donos de prostíbulos e antros de jogatina, foi Carter Henry Harrison, cujos quatro mandatos de

prefeito contribuíram decididamente para estabelecer a reputação de Chicago como lugar de tolerância com as fraquezas humanas, mesmo quando fomentava grandes ambições. Depois do fracasso de sua candidatura em 1891, Harrison tinha comprado um jornal, o *Chicago Times*, e se firmado no ramo de editor. No fim de 1892, entretanto, ele deixara claro que adoraria ser o “Prefeito da Feira” para liderar a cidade em seu momento mais glorioso, mas insistia em dizer que só um sinal inequívoco de demanda popular poderia fazê-lo entrar, realmente, na campanha. Pois ele o recebeu. Associações Carter H. Harrison brotaram por toda a cidade, e no começo de 1893 Carter era um dos dois pré-candidatos do Partido Democrata; o outro era Washington Hesing, editor do poderoso diário alemão *Staats-Zeitung*.

Todos os jornais da cidade, à exceção do seu próprio *Times*, se opunham a Harrison, assim como Burnham e a maioria dos cidadãos importantes de Chicago. Para Burnham e os demais, a nova Chicago, simbolizada pela Cidade Branca que estava surgindo no Jackson Park, exigia um novo tipo de liderança — que com certeza não era Harrison.

As legiões de operários da cidade discordavam. Sempre viram Harrison como um dos seus, “nosso Carter”, embora ele tivesse sido criado numa plantation em Kentucky e estudado em Yale, falasse francês e alemão fluentemente e fosse capaz de recitar longos trechos de Shakespeare. Tinha governado quatro vezes; que governasse uma quinta, no ano da feira, parecia adequado, e uma onda de nostalgia tomou conta dos distritos da cidade.

Até os adversários reconheciam que Harrison, apesar de suas origens privilegiadas, era um candidato de forte apelo para as camadas inferiores da cidade. Era uma personalidade magnética. Estava sempre disposto a falar com qualquer pessoa sobre qualquer assunto e sabia como se tornar o centro das atenções nas conversas. “Todos os amigos notavam”, disse Joseph Medill, aliado no início e depois ardoroso adversário, “eles riam ou sorriam quando se tocava no assunto e se referiam a isso como ‘Carter Harrisonia’.”¹⁹ Mesmo aos 68 anos, Harrison exalava força e energia, e as mulheres geralmente concordavam que estava mais bonito do que aos cinquenta. Duas vezes viúvo, diziam os boatos que estava envolvido com uma mulher bem mais jovem. Tinha profundos olhos azuis, com grandes pupilas e um rosto sem rugas. Atribuía esse aspecto jovem a uma forte dose matinal de café. Suas manias ajudavam a torná-lo mais querido.²⁰ Adorava melancia; quando era época, comia a fruta nas três refeições. Tinha paixão por sapatos — usava um par diferente em cada dia da semana — e por cuecas de seda. Quase todo mundo tinha visto Harrison cavalgar pelas ruas em sua égua branca de Kentucky, com chapéu militar preto de abas flexíveis, deixando atrás de si uma nuvem de fumaça de charuto. Em seus discursos de campanha, costumava dirigir comentários a uma águia empalhada que carregava como acessório. Medill o acusava de nutrir os

instintos mais baixos da cidade, mas também o descreveu como “o homem mais notável que nossa cidade já produziu”.²¹

Para o espanto da classe dominante, 78% dos 681 delegados da convenção democrata escolheram Harrison na primeira votação. A elite democrata implorou aos republicanos que apresentassem um candidato que eles também pudessem apoiar, qualquer coisa para impedir que Harrison voltasse ao cargo. Os republicanos elegeram Samuel W. Allerton, rico empacotador da avenida Prairie. Os maiores e mais poderosos jornais formaram uma aliança explícita para apoiar Allerton e enfraquecer Harrison.

O ex-prefeito rebatia os ataques com humor. Durante uma conversa com um grande grupo de seguidores no Auditorium, chamou Allerton de “admirabilíssimo caçador e matador de porcos. Admito isso e não o censuro por assassinar o inglês da rainha; é mais forte que ele”.²²

Harrison ganhou terreno rapidamente.

Patrick Prendergast, o jovem imigrante irlandês louco, orgulhava-se da renovada popularidade de Harrison e acreditava que seus esforços pessoais para promover o ex-prefeito a se reeleger haviam contribuído muito para o novo ímpeto que a campanha adquiriu. Ocorreu-lhe uma ideia. Quando foi que meteu isso na cabeça, não saberia dizer, mas estava lá e lhe dava grande satisfação. Ele lera muito sobre direito e política e compreendia que as máquinas políticas operavam com base num primeiro princípio de poder: se você trabalhar no interesse da máquina, a máquina o recompensará. Harrison tinha uma dívida com ele.

De início essa ideia ocorreu a Prendergast como um vislumbre, como o primeiro raio de sol a iluminar a torre maçônica de manhã, mas passara a pensar nela mil vezes por dia. Era o seu tesouro e fazia-o empertigar os ombros e levantar o queixo. Quando Harrison vencesse, as coisas mudariam. E ele *ia* vencer. A grande onda de entusiasmo nos distritos parecia garantir a sua vitória. Uma vez eleito, acreditava Prendergast, Harrison lhe ofereceria um cargo. Não tinha escolha. Era a lei da máquina, tão imutável como as forças que impulsionavam o Chicago Limited pela pradaria. Prendergast queria ser o procurador municipal. Nada de continuar tratando com jornaleiros que não sabiam o lugar deles; nada de continuar andando no caldo amarelo que borbulhava entre os paralelepípedos; nada de ter de respirar o cheiro terrível de cavalos gangrenados largados no meio da rua. Quando Harrison assumisse, Patrick Prendergast estaria salvo.

A ideia causava momentos de exultação. Prendergast comprou mais cartões-postais e enviou recados efusivos para os homens que logo seriam seus colegas e companheiros de clube — juízes, advogados e comerciantes ricos de Chicago. É claro que mandou outro

cartão para seu bom amigo Alfred S. Trude, o advogado de defesa.

“Meu caro sr. Trude”, começou ele.²³ Queria que a próxima palavra fosse “Aleluia!”, mas tinha problemas com certas palavras. Na agitação para escrever, seguiu em frente.

“Alieluia! A tentativa da gangue de Herald para impedir a manifestação da vontade popular foi contida — e Carter H. Harrison, a preferência popular, será o nosso próximo prefeito. O truste jornalístico foi vergonhosamente sufocado. Que sei eu da candidatura de um pobre sujeito Washington Hesing — ele tem a “parte final” da minha cumplicidade. Em seu atual tormento, espero que isso não o derrote — e a nobre truste jornalística. Glória ao Pai, ao Filho & ao Espírito Santo!” Estendeu-se por mais algumas linhas e concluiu: “A amizade é a medida definitiva do caráter, afinal de contas, Sinceramente, P. E. J. Prendergast.”

Mais uma vez qualquer coisa no postal chamou a atenção de Trude. Muitos outros destinatários dos cartões de Prendergast também perceberam, apesar do volume de correspondência que cada um recebia dos seus verdadeiros colegas, sendo aquela uma época em que todo mundo que sabia escrever o fazia extensamente. Naquela massa de gelo de palavras que seguia triturando tudo em direção ao século XX, o cartão de Prendergast era um mero fragmento de mica refulgente de insânia, suplicando para ser apanhado e guardado no bolso.

Mais uma vez Trude guardou a carta.

Em abril de 1893, os cidadãos de Chicago elegeram Carter Henry Harrison para o quinto mandato. Como parte dos preparativos da feira, ele encomendou duzentos barris de uísque, a serem usados por seu gabinete nas recepções dos dignitários.

Não deu a mínima para Patrick Eugene Joseph Prendergast.

O convite

POR ORA HOLMES se conteve um pouco e não tomou mais providência alguma com relação à propriedade de Minnie. Ela contara à irmã sobre a transferência do terreno de Fort Worth, e Holmes sentiu que Anna começava a suspeitar de suas verdadeiras intenções. Porém isso não o preocupou. A solução era, na verdade, muito simples.

Num luminoso e fragrante dia de primavera — como se obedecesse a um desvairado capricho equinocial — Holmes sugeriu que Minnie convidasse a irmã a Chicago para ver a feira, por conta dele.¹

Minnie ficou encantada e deu a boa notícia a Anna, que aceitou de imediato. Holmes tinha certeza de que ela aceitaria, pois como poderia ser de outra forma? A oportunidade de ver a irmã já era, por si só, difícil de resistir. Acrescentando-se a isso Chicago e a feira, a combinação ficava sedutora demais para recusar, apesar das suspeitas de Anna quanto às relações entre Holmes e Minnie.

Minnie mal podia esperar o fim do ano escolar, quando a irmã enfim ficaria livre das obrigações na Academia Midlothian. Ela planejava mostrar a Anna todas as maravilhas de Chicago — os arranha-céus, a loja Marshall Field, o Auditorium e, é claro, a feira mundial —, mas acima de tudo não via a hora de apresentar Anna à sua maravilha particular, o sr. Henry Gordon, seu Harry.²

Finalmente Anna ia entender que poderia pôr de lado suas suspeitas.

Os preparativos finais

NAS DUAS PRIMEIRAS semanas de abril de 1893, fez um tempo maravilhoso, mas não faltaram crueldades. Quatro operários da exposição perderam a vida, dois com o crânio fraturado, os outros eletrocutados. Essas mortes elevaram para sete o número total ao longo do ano. O sindicato de carpinteiros da exposição, ciente do seu grande valor na fase final de construção, aproveitou o momento para cruzar os braços, exigindo um salário mínimo sindical e outras concessões que havia muito tempo buscava. Apenas uma das oito torres da Roda de Ferris fora concluída, e os operários ainda não tinham terminado os reparos do Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais. Todas as manhãs, centenas de homens subiam no teto; todas as noites desciam com cuidado, numa longa e densa fila que, de longe, parecia uma coluna de formigas. O “Bando da Caiação” de Frank Millet trabalhava com afinco na pintura dos edifícios do pátio de honra. Em certos lugares, a camada de estafe já começava a rachar e lascar. Grupos patrulhavam o terreno aplicando remendos. O ar de “ansioso esforço”¹ que tomou conta do parque fazia Candace Wheeler, a projetista contratada para decorar o Edifício das Mulheres, pensar “numa casa insuficientemente equipada preparando-se para receber visitas”.

Apesar da greve dos carpinteiros e de todo o trabalho ainda por fazer, Burnham estava otimista, com o humor fortalecido pelo tempo bom. O inverno fora denso e prolongado, mas agora o ar se perfumava das primeiras florações e da terra descongelada. E ele se sentia amado. No fim de março, fora homenageado com um grande banquete preparado principalmente por Charles McKim e oferecido no Madison Square Garden, em Nova York — o *velho* Garden, a elegante construção mourisca projetada pelo sócio de McKim, Stanford White. McKim incumbiu Frank Millet de garantir o comparecimento dos melhores pintores do país, que ocuparam seus lugares ao lado dos mais importantes escritores e arquitetos e dos patronos que apoiavam todos eles, homens como Marshall Field e Henry Villard, e juntos passaram a noite louvando Burnham — prematuramente — por realizar o impossível. E comeram como os deuses, é claro. Eis o cardápio:

Ostras Blue Point à l’Alaska

Sauternes

POTAGES

Consommé printanier. Crème de celeri

Amontillado

HORS D'OEUVRES

Rissoles Chateaubriand. Amandes salées. Azeitonas etc.

POISSON

Bass rayée, sauce hollandaise. Pommes parisiennes

Miersfeiner. Moet et Chandon. Perrier Jouet, Extra Dry Special

REFEVE

Filé de Boeuf aux champignons. Haricots verts. Pommes duchesse

ENTRÉE

Ris de Veau en cotelette. Petits Pois

SORBET

Romaine fantaisie. Cigarros

ROTI

Canard de Tête Rouge. Salade de Laitue

Pontet Canet.

DESSERT

Petits Moules fantaisies. Gateaux assortis. Bombons. Petits-fours

Fruits assortis

FROMAGES

Roquefort et Camembert

Café



Os jornais informaram que Olmsted também esteve presente, mas na verdade ele se encontrava em Ashville, Carolina do Norte, dando prosseguimento à obra na propriedade dos Vanderbilt. Sua ausência alimentou conjecturas de que estaria ressentido por não ser convidado para dividir o pódio e porque o convite só reconheceria como artes de primeiro plano a pintura, a arquitetura e a escultura, sem fazer referência alguma ao paisagismo. Embora seja verdade que Olmsted lutou durante toda a sua carreira pelo respeito da arquitetura paisagística como ramo distinto das belas artes, não teria sido característico de sua personalidade esnobar o banquete por ressentimento. A explicação mais simples parecia melhor: Olmsted estava doente, com obras atrasadas em toda parte, não gostava de cerimônias e, acima de tudo, detestava longas viagens de trem, sobretudo nos meses de transição, quando fazia muito calor ou muito frio nos vagões, mesmo nos mais refinados Pullman Palaces. Se tivesse comparecido, teria ouvido Burnham dizer aos convidados: “Os senhores todos conhecem o nome e o gênio daquele que ocupa o primeiro lugar no coração e na confiança dos artistas americanos, o criador dos parques desta e de muitas outras cidades. Ele tem sido o nosso melhor conselheiro e nosso constante mentor. No mais alto sentido, é ele o planejador da exposição, Frederick Law Olmsted... Um artista, que pinta com lagos e encostas arborizadas; com relvados, aterros e montes cobertos de florestas; com faces de montanha e vistas oceânicas. Ele deveria estar no lugar que ocupo esta noite...”³

O que não significa que Burnham quisesse se sentar. Ele adorou as atenções, assim como a “amorosa taça” de prata burilada, cheia de vinho, que cada homem presente à mesa levava aos lábios — apesar do predomínio, na cidade lá fora, do tifo, da difteria, da tuberculose e da pneumonia. Tinha consciência de que os elogios eram prematuros, porém o banquete já dava ideia da glória maior que lhe caberia no fim da feira, desde que, é claro, a exposição correspondesse às complexas expectativas do mundo inteiro.

Sem dúvida tinha havido imenso progresso. Os seis prédios mais magníficos da exposição se elevavam sobre o pátio central, com um efeito mais dramático e imponente do que ele mesmo imaginara. A “Estátua da República,” de Daniel Chester French — apelidada de “Big Mary” —, erguia-se completa e refulgente, com sua superfície toda em dourado. Com o pedestal, a República tinha 34 metros de altura. Além disso, mais de duzentos prédios construídos por estados, corporações e governos estrangeiros pontilhavam a área ao redor. A White Star Line tinha erguido um templo pequeno e

gracioso na margem noroeste da lagoa, em frente à Wooded Island, com degraus até dentro da água. Os monstruosos canhões da Krupp estavam instalados em seu pavilhão no lago ao sul do pátio de honra.

“A escala de tudo fica cada vez mais imensa à medida que as obras avançam”, escreveu McKim para Richard Hunt.⁴ Um pouco desproporcional demais, acrescentou, maldosamente, ao menos no caso do Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais. Seu próprio Edifício da Agricultura, como escreveu, “deve sofrer na comparação com o imenso vizinho da frente, cujo volume — 65 metros de altura — no eixo principal está destinado a nos submergir, assim como a tudo mais à sua volta”. Contou a Hunt que acabara de passar dois dias com Burnham, incluindo duas noites no barracão. “Ele segue em frente com suas responsabilidades e parece bem, e todos nós temos uma grande dívida com ele por sua constante vigilância e atenção a nossos mínimos desejos.”

Nem mesmo a greve dos carpinteiros perturbou Burnham. Parecia haver um grande número de profissionais não sindicalizados à procura de emprego e prontos para tomar o lugar dos grevistas. “Não temo nada desse lado”, escreveu ele em 6 de abril em carta para Margaret.⁵ O dia estava frio, “mas claro, brilhante e lindo, um dia esplêndido para se viver e trabalhar”. Operários aplicavam os “ornamentos”, escreveu. “Muitos patos foram postos ontem nas lagunas e agora flutuam satisfeitos, tal como a vida esta manhã.” Olmsted encomendara mais de oitocentos patos e gansos, sete mil pombos e, como diferencial, numerosos pássaros exóticos, entre eles quatro garças-brancas-pequenas, quatro cegonhas, dois pelicanos-pardos e dois flamingos. Até aquele momento, apenas os patos brancos comuns tinham sido introduzidos na água. “Em dois ou três dias”, escreveu Burnham, “todos os pássaros estarão dentro da água, que já começa a ficar ainda mais bonita do que no ano passado.” O tempo continuava adorável: fresco, claro e seco. Na segunda-feira, 10 de abril, ele disse a Margaret: “Estou muito feliz.”⁶

Poucos dias depois seu humor era outro. Havia boatos de que outros sindicatos talvez aderissem à greve dos carpinteiros, paralisando por completo as obras no Jackson Park. De repente, a exposição parecia estar perigosamente longe do fim. A construção dos galpões para guardar as exposições na parte sul do terreno ainda nem tinha começado. Para onde olhasse, Burnham via trilhos ferroviários e estradas provisórias, vagões de carga e engradados vazios. Bolas de feno rolavam pela área. Ficou desapontado com a aparência inacabada do parque e estava aborrecido com a esposa.

“Por que você não me escreve todos os dias?”, perguntou na quinta-feira. “Espero em vão por suas cartas.”⁷

Ele tinha uma foto de Margaret no escritório. Toda vez que passava por ela, segurava-a e olhava-a com saudade. Só naquele dia, como disse à mulher, já a contemplara umas dez

vezes. Esperava descansar depois de 1º de maio, mas então se deu conta de que aquele ritmo intenso persistiria por muito mais tempo. “O público vai achar que a obra já está terminada, e eu gostaria que estivesse, na parte que me diz respeito. Imagino que qualquer pessoa que participe de uma corrida tenha momentos de certo desespero até o fim; contudo nunca devemos nos entregar.”⁸

Margaret mandou-lhe um trevo de quatro folhas.⁹

Havia confusão na área da feira, mas não no terreno vizinho, de seis hectares, alugado a Buffalo Bill para seu espetáculo, que ganhara o título oficial de “Buffalo Bill’s Wild West and Congress of Rough Riders of the World”. Ele conseguiu estrear o show em 3 de abril e imediatamente lotou sua arena de dezoito mil lugares. Os visitantes entravam por um portão que tinha Colombo de um lado, sob a insígnia “PILOTO DO OCEANO, O PRIMEIRO PIONEIRO”,¹⁰ e Buffalo Bill do outro, identificado como “PILOTO DA PRADARIA, O ÚLTIMO PIONEIRO”.

O show e o acampamento cobriam seis hectares. Centenas de índios, soldados e operários dormiam em tendas. Annie Oakley sempre tornava a sua mais aconchegante, com um jardim de primaveras, gerânios e álceas. Do lado de dentro ela instalava seu sofá, peles de puma, um tapete de Axminster, cadeiras de balanço e vários outros tipos de artefatos da vida doméstica. E também, é claro, uma diversificada coleção de armas.

Buffalo Bill sempre começava o show com a Cowboy Band tocando “A bandeira estrelada”. Em seguida vinha a “grande revista”, durante a qual soldados dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França, da Alemanha e da Rússia desfilavam montados pela arena. Annie Oakley era a próxima atração, disparando contra um conjunto de alvos impossíveis. Acertava todos. Outro elemento fundamental do show era um ataque indígena a uma velha diligência, a Deadwood Mail Coach, em que Buffalo Bill e seus homens apareciam para socorrer. (Durante as primeiras apresentações em Londres, os índios atacavam a diligência que corria pelo terreno do Castelo de Windsor transportando quatro reis e o príncipe de Gales. Buffalo Bill era o cocheiro.) Mais adiante, no programa, o próprio Cody demonstrava alguns floreios de pontaria, cavalgando em disparada pela arena enquanto atirava com sua Winchester contra bolas de vidro que seus assistentes jogavam para cima. O clímax do show era o “ataque a uma cabana de colono”, durante o qual índios que antes tinham dizimado soldados e civis simulavam um ataque a uma cabana repleta de colonos brancos e mais uma vez eram vencidos por Buffalo Bill e uma companhia de vaqueiros disparando contra alvos. À medida que a temporada avançava, Cody substituíu o ataque pela ainda mais dramática

“Batalha de Little Bighorn... mostrando, com exatidão histórica, a cena da Última Carga de Custer”.

A feira fez mal ao casamento do coronel Cody. O show mantinha-o sempre longe de sua casa, em North Platte, Nebraska, mas sua ausência não era o maior problema. Bill gostava de mulheres, e as mulheres gostavam de Bill. Um dia sua esposa, Louisa — “Lulu” —, foi a Chicago para uma visita conjugal de surpresa. Descobriu que a esposa de Bill já tinha chegado. Na recepção do hotel, um funcionário lhe disse que ela seria conduzida à “suíte do sr. e da sra. Cody”.¹¹

Temendo que uma greve mais ampla estorvasse a feira, ou mesmo a destruísse, Burnham iniciou negociações com os carpinteiros e ferreiros e por fim concordou em estabelecer um salário mínimo e pagar mais 50% por hora extra e pelo trabalho aos domingos e principais feriados, incluindo, significativamente, o Dia do Trabalho. Os sindicalizados, por sua vez, assinaram um contrato para trabalhar até o fim da feira. O claro alívio de Burnham sugere que suas bravatas anteriores tinham sido só exibicionismo. “Você pode imaginar que, embora cansado, eu vou para a cama feliz”, escreveu para a mulher.¹² Um indício do seu cansaço era o fato de que a sintaxe contorcida, que ele tanto se empenhava em suprimir, ressurgira. “Sentamo-nos do começo da tarde até as nove da noite. Enquanto a feira não estiver terminada esta provação não voltará a ocorrer, por isso sua foto diante de mim é inusitadamente adorável quando me olha da escrivania.”

Burnham dizia que o acordo tinha sido uma vitória para a exposição, mas a rigor as concessões da feira foram um avanço para o trabalho organizado, e os contratos resultantes serviram de modelo para outros sindicatos. A capitulação da feira deu gás ao já agitado movimento trabalhista dos Estados Unidos — e de Chicago.

Olmsted voltou para Chicago acompanhado de sua costumeira troica de aflições e encontrou o lugar agiadíssimo, com Burnham parecendo estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Na quinta-feira, 13 de abril, Olmsted escreveu para o filho John: “Todo mundo aqui na maior correria, a maior confusão que se possa imaginar.”¹³ Os ventos corriam pelos trechos desérticos do parque levantando tempestades de poeira. Trens chegavam um depois do outro, trazendo exposições que deveriam ter sido montadas muito antes. As instalações atrasadas significavam que trilhos e estradas provisórios teriam de continuar onde estavam. Dois dias depois, Olmsted escreveu: “Vamos acabar

sendo responsabilizados pelo atraso dos outros, pois suas operações agora atravancam o nosso caminho. Na melhor das hipóteses a parte mais importante do nosso trabalho precisará ser feita à noite, depois da abertura da exposição. Não consigo ver uma maneira de trabalhar nessa confusão, mas há milhares de operários trabalhando e vários chefes, e imagino que em breve o grande trabalho coletivo começará a aparecer.”¹⁴

Atribuía parte da culpa pela paisagem incompleta a ele mesmo, que não instalou um supervisor confiável em Chicago depois da morte de Harry Codman. Em 15 de abril de 1893, escreveu para John: “Começo a achar que foi erro nosso entregar tanta coisa a Ulrich & Phil. Espero que Ulrich não seja desonesto de propósito, mas é perverso a ponto de nos enganar e induzir a erro e não é confiável. Sua energia é usada basicamente em questões em que não deveria se meter.. Não posso confiar nele no dia a dia.”¹⁵

Sua frustração com Ulrich crescia, sua desconfiança se aprofundava. Mais tarde, em outro bilhete para John, disse o seguinte: “Ulrich é inadvertidamente desleal conosco. A dificuldade é que ele é ambicioso das honras de sua atividade; dá mais importância a ser extraordinariamente ativo, trabalhador, zeloso e útil em geral do que em obter bons resultados em A. P. [arquitetura paisagística].”¹⁶ Olmsted ficava cada vez mais desconfiado sobretudo das atenções servis de Ulrich a Burnham. “Ele está em toda parte, fazendo todo tipo de serviço, e o sr. Burnham e todos os chefes de departamento chamam ‘Ulrich!’ o tempo todo. Quando repasso os trabalhos com Burnham vejo-o sempre repetir a seu secretário: ‘Diga a Ulrich para’ — fazer isso e aquilo. Protesto, mas pouco adianta. Nunca o encontro trabalhando, a não ser com hora marcada, e nesses casos fica impaciente para se ver livre.”

No fundo, o que Olmsted temia era que Burnham transferisse sua lealdade para Ulrich. “Imagino que nosso tempo acabou — nosso compromisso chegou ao fim, e temo que Burnham esteja disposto a nos deixar ir embora e ficar com Ulrich —, pois Burnham não é competente o bastante para perceber a incompetência de Ulrich e a necessidade de pensamento deliberado. Preciso ter cuidado para não aborrecer Burnham, que está, é claro, assoberbado de trabalho.”¹⁷

Outros obstáculos logo apareceram. Uma importante remessa de plantas da Califórnia não chegou, agravando a já crítica escassez de plantas em geral. Até o tempo bom que predominara nas duas primeiras semanas de abril provocou atrasos. Por causa da falta de chuvas e do fato de que as obras hidráulicas do parque não estavam terminadas, Olmsted não poderia plantar trechos expostos de terreno. A poeira trazida pelo vento — “poeira medonha”, disse ele, “tempestades de areia comuns do deserto”¹⁸ — continuava a arder-lhe nos olhos e a jogar grãos de areia na boca inflamada. “Estou tentando sugerir por que parece que não consigo fazer muita coisa...”, escreveu. “Acho que o público, por algum tempo, ficará terrivelmente desapontado com nosso trabalho — insatisfeito. E

vamos precisar de uma mão forte aqui nas próximas semanas para impedir que as energias de Ulrich sejam canalizadas na direção errada.”

Em 21 de abril, Olmsted já estava de novo confinado na cama, “com a garganta inflamada, um dente supurando e muita dor me tirando o sono”.¹⁹

Apesar de tudo, seu ânimo começou a melhorar ao poucos. Quando olhava para além dos atrasos do momento e para a falsidade de Ulrich, via avanços. A praia da Wooded Island começava a prorromper numa densa profusão de novas folhas e flores, e o templo japonês, o Hoo-den, fabricado no Japão e montado por artesãos japoneses, prejudicava pouco o efeito silvestre. Os barcos elétricos tinham chegado e eram lindos, exatamente como Olmsted esperava, e as aves aquáticas nas lagoas proporcionavam encantadores lampejos de energia, como contraponto para a branca e estática imensidão do pátio de honra. Olmsted reconhecia que seria impossível para as forças de Burnham acabar de remendar e pintar antes de 1º de maio e que sua própria obra estaria longe de terminar. Contudo, o progresso era inquestionável. “Emprega-se uma força maior”, escreveu, “e isso se reflete no trabalho de cada dia.”²⁰

No entanto, até essa centelha de otimismo estava prestes a desaparecer, pois uma poderosa frente climática movia-se pela pradaria, rumo a Chicago.



Durante esse período, a data exata ninguém sabe, um vendedor de leite chamado Joseph McCarthy parou sua carroça perto do Humboldt Park, em Chicago. Era de manhã, por volta de onze horas. Um homem chamara sua atenção no parque. Ele percebeu que o conhecia: era Patrick Prendergast, entregador de jornais que trabalhava para o *Inter Ocean*.

O curioso era que Prendergast andava em círculos.²¹ Mais estranho ainda, andava com a cabeça para trás, e o chapéu tão enterrado que lhe cobria os olhos.

Enquanto McCarthy observava, Prendergast deu de cara com uma árvore.



Começou a chover. De início, não incomodou Burnham. A chuva eliminava a poeira que subia das partes não plantadas do terreno — que, para sua decepção, eram bastante numerosas —, e àquela altura todos os telhados estavam prontos, até o do Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais.

“Está chovendo”, escreveu Burnham para Margaret, na terça-feira, 18 de abril, “e, pela primeira vez o digo, que chova. Meus telhados estão finalmente em bom estado, e as goteiras não me preocupam muito.”²²

Porém a chuva continuou, cada vez mais forte. À noite caía na frente das lâmpadas elétricas como lençóis quase opacos de tão espessos. Transformou a poeira em lama, fazendo os cavalos cambalearem e as carroças atolarem. E encontrou goteiras. Na quarta-feira à noite, houve uma pancada de chuva particularmente forte no Jackson Park, e logo cascatas de sessenta metros de altura começaram a cair dos telhados de vidro do Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais nas exposições lá embaixo. Burnham e um exército de operários e guardas correram para o prédio e passaram a noite lutando contra as goteiras.

“A da noite passada foi a tempestade mais terrível que já tivemos no Jackson Park”, escreveu Burnham para Margaret na quinta-feira. “Não houve danos aos prédios na área, exceto os telhados do Edifício das Manufaturas, que vazaram no lado leste, e ficamos lá até meia-noite cobrindo objetos. Um dos jornais diz que o general Davis estava à mão cuidando de tudo e que só saiu do edifício quando não havia mais perigo. É claro que o sr. D. não teve absolutamente nada a ver com isso.”²³

A chuva parecia ter ajudado a compreender quanto trabalho faltava. Naquela mesma quinta-feira, Burnham escreveu outra carta para Margaret. “O tempo está muito ruim aqui e tem sido assim desde a última terça-feira, porém continuo insistindo, apesar de ainda termos pela frente a parte mais gigantesca... A intensidade deste último mês é muito grande, sem dúvida. Você nem imagina. Estou surpreso com minha própria calma no meio disto tudo.”²⁴ Mas o desafio, segundo ele, tinha servido de teste para seus assessores. “A pressão sobre eles mostra quem é feito de bom material e quem não é. Posso lhe dizer que são poucos os que correspondem às expectativas nestas condições, porém há alguns em quem se pode confiar. O resto precisa ser empurrado o tempo todo, e são esses que me deixam cansado.”

Como sempre, ele sentia falta de Margaret. Ela estava fora da cidade, mas deveria voltar para a abertura. “Estarei procurando por você, minha querida”, escreveu ele. “Esteja preparada para se entregar quando vier.”

Para aquela época conservadora, para Burnham, era uma carta tão quente que seria capaz de se abrir sozinha.

Dia após dia, a mesma coisa: janelas embaçadas, papéis ondulados por causa da umidade, o diabólico aplauso da chuva nos telhados e, em toda parte, o cheiro forte de suor e lã molhada, sobretudo no refeitório dos operários na hora do almoço. A chuva enchia conduítes elétricos provocando curtos-circuitos. Na Roda de Ferris, as bombas destinadas a drenar as escavações das torres funcionavam 24 horas, mas não davam conta do volume de água. A chuva se infiltrou no teto do Edifício das Mulheres e

interrompeu a instalação de exposições. No Midway, os egípcios, os argelinos e os daomeanos seminus sofriam. Só os irlandeses, na aldeia irlandesa da sra. Hart, pareciam achar tudo normal.

Para Olmsted a chuva foi particularmente desanimadora. Caiu no solo já saturado e encheu todos os declives e depressões de cada caminho. Poças se transformaram em lagos. As rodas de carroças muito carregadas afundavam demais na lama e deixavam lacerações escancaradas, aumentando a lista das feridas a serem recheadas, alisadas e cobertas com grama.

Apesar da chuva, o ritmo dos trabalhos intensificou-se. Olmsted ficou espantado com o número de operários envolvidos. Em 27 de abril, três dias antes da abertura, ele informou à sua firma: “Escrevo-lhe para dizer que existem dois mil homens empregados — *insensatamente*. Havia dois mil homens empregados *diretamente* pelo sr. Burnham. Esta semana, o número mais que dobrou, *excluindo-se* a mão de obra dos empreiteiros. Incluindo mão de obra de concessionários e empreiteiros, existem agora dez mil homens trabalhando nas obras, e haveria mais se fosse possível conseguir mais operários de certas categorias. Nosso trabalho está muito atrasado, porque não se consegue contratar equipes em número suficiente.”²⁵ (Estimou por baixo: nas semanas finais, o número total de operários no parque chegava a quase vinte mil.) Queixou-se de que continuava precisando desesperadamente de plantas: “Todas as providências nesse sentido parecem não ter dado certo e a falta delas será grave em seus resultados.”

Seu dente supurado enfim melhorara, e ele já não estava preso a uma cama. “Minha inflamação retraiu”, escreveu. “Ainda tenho que viver a pão e leite, mas estou andando pela chuva hoje e me sinto melhor.”²⁶

Naquele mesmo dia, porém, ele escreveu para John uma carta particular e muito mais triste. “Estamos com azar. Chuva forte hoje de novo.”²⁷ Burnham insistia para que ele tomasse todos os atalhos possíveis, a fim de chegar ao pátio de honra de forma apresentável, como, por exemplo, mandar seus operários encherem vasos com rododendros e palmeiras para decorar terraços, exatamente o tipo de medida provisória e vistosa que Olmsted desprezava. “Não estou gostando nem um pouco disso”, escreveu.²⁸ Ressentia-se de precisar “recorrer a expedientes temporários só para fazer um espetáculo medíocre na abertura”. Sabia que logo depois da inauguração todo esse trabalho teria de ser refeito. Suas indisposições, sua frustração e a crescente intensidade do trabalho lhe abatiam o ânimo e o faziam sentir-se mais velho. “A comida servida na mesa provisória do refeitório, o barulho e a correria, as poças de água e a chuva não trazem muito conforto para um velho dilapidado como eu, e minha garganta e minha boca ainda estão

em tais condições que preciso me restringir a alimentos líquidos.”²⁹

No entanto, ele não desistiu. Apesar da chuva, percorria o terreno aos solavancos para comandar o plantio e a aplicação de cobertura para gramado, e todas as manhãs ao alvorecer comparecia à reunião compulsória de Burnham com os líderes. O esforço e o clima prejudicaram a recuperação de sua saúde. “Peguei frio e fiquei acordado a noite toda, com problemas nos ossos, e estou vivendo à base de torrada e chá”, escreveu na sexta-feira, 28 de abril. “Chuva forte quase constante o dia inteiro, inspecionando nosso trabalho com tristeza.”³⁰ Apesar de tudo, o frenesi dos preparativos para a abertura na segunda-feira não diminuía. “É estranho ver os pintores trabalharem em escadas e andaimes nesta chuva forte”, escreveu Olmsted. “Muitos estão completamente encharcados, e imagino que a pintura que fazem deve ser de qualidade irregular.”³¹ Notou que a grande Fonte Colombiana na parte oeste da bacia central ainda não estava terminada, embora fosse um elemento fundamental da cerimônia de abertura. Um teste estava marcado para o dia seguinte, sábado. “Não parece, de forma alguma, pronta”, escreveu Olmsted, “e espera-se, porém, que funcione diante do presidente na próxima segunda-feira.”³²

Quanto ao trabalho de seu próprio departamento, Olmsted estava muito desapontado. Esperava já ter realizado bem mais àquela altura. Além disso, tinha consciência de que outros também estavam desapontados. “Fiquei sabendo de críticas impróprias, feitas por homens sagazes como Burnham, devido à impressão causada por obras incompletas e por composições pouco desenvolvidas”, escreveu.³³ Sabia que em vários lugares o terreno de fato parecia esparso e maltratado e que ainda faltava muito trabalho — qualquer um era capaz de ver as lacunas —, mas ouvir isso dito por outras pessoas, sobretudo por um homem que ele admirava e respeitava, era profundamente desanimador.



O prazo era inalterável. Coisas demais tinham sido desencadeadas para que sequer se pensasse na possibilidade de adiamento. A cerimônia de abertura estava marcada para começar, e *começaria*, na manhã da segunda-feira, com um desfile do Loop até o Jackson Park, encabeçado pelo novo presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland. Trens já entravam em Chicago um atrás do outro trazendo estadistas, príncipes e magnatas de todas as partes do mundo. O presidente Cleveland chegou com o vice-presidente e uma comitiva de ministros, senadores e chefes militares acompanhados de esposas, filhos e amigos. A chuva levantava vapor de locomotivas negras. Carregadores tiravam grandes baús de vagões de bagagem. Caravanas de carruagens negras brilhando debaixo da chuva enfileiravam-se nas ruas perto das estações de trem, com halos formados pela chuva ao redor de suas luzes de espera vermelhas. As horas corriam.

No começo da noite de 30 de abril, véspera do Dia da Abertura, um repórter britânico chamado F. Herbert Stead visitou o local da feira. O sobrenome Stead era muito conhecido nos Estados Unidos, por causa do seu famoso irmão, William, que fora editor do *Pall Mall Gazette* de Londres e acabara de fundar a *The Review of Reviews*. Destacado para cobrir a cerimônia de abertura, Herbert decidiu dar uma espiada no terreno antes da hora para ter uma ideia mais detalhada da topografia da feira.

Chovia forte quando ele saiu da carruagem e entrou no Jackson Park. Luzes refulgiam por todos os lados, cortinas de chuva desenrolavam-se ao redor. As poças que tinham substituído os elegantes passeios de Olmsted estremeciam sob o impacto de um bilhão de gotículas. Centenas de vagões de carga vazios destacavam-se, negros, contra a luz. Madeira, engradados vazios e restos de comida dos operários jaziam por toda parte.

A cena era desconsoladora, mas também desconcertante. A comemoração do Dia da Abertura da feira estava marcada para a manhã seguinte, porém o chão ainda estava coberto de lixo e dejetos — num estado, como escreveu Stead, de “bruta incompletude”.³⁴

A chuva persistiu a noite toda.

Mais tarde, ainda naquela noite de domingo, enquanto a chuva fustigava as janelas, editores dos jornais matutinos de Chicago compuseram audaciosas e elaboradas manchetes para as históricas edições da segunda-feira. Nunca mais, desde o incêndio de Chicago em 1871, os jornais da cidade tinham ficado tão eletrizados com um único acontecimento. Mas também havia mais trabalho cotidiano a fazer. Os tipógrafos mais jovens entrelinhavam e calçavam os classificados e os anúncios pessoais, assim como toda a publicidade que ocupava as páginas internas. Naquela noite, alguns se ocuparam de uma pequena nota anunciando a inauguração de um novo hotel, claramente outro negócio construído às pressas para tirar proveito da esperada multidão de visitantes da exposição. Esse hotel pelo menos parecia bem localizado — na esquina da rua 63 com a Wallace, em Englewood, à distância de uma pequena corrida do portão da feira na rua 63 pela nova Alley L.

O proprietário dera-lhe o nome de Hotel da Feira Mundial.³⁵

PARTE III

Na Cidade Branca

Maio-outubro de 1893



O pátio de honra.

Dia da Abertura

VINTE E TRÊS carruagens negras e cintilantes estavam paradas na lama amarelada da avenida Michigan diante do hotel Lexington.¹ O presidente Cleveland ocupava a sétima delas, um landau. Burnham e Davis compartilharam a sexta.² Os dois comportaram-se bem, embora ainda não tivessem se livrado da desconfiança recíproca, nem resolvido sua disputa pelo controle supremo da feira. O duque de Veragua, descendente direto de Colombo, sentou-se na décima quarta carruagem; a duquesa ocupou a décima quinta, com Bertha Palmer, cujos diamantes irradiavam um calor quase palpável. O prefeito Harrison tomou a última carruagem, arrancando os aplausos mais ruidosos. Outros dignitários se dividiram nas demais carruagens. Enquanto a procissão seguia para o sul, pela avenida Michigan, rumo ao Jackson Park, atrás a rua se tornou um oceano de mais de duzentos mil habitantes de Chicago a pé ou a cavalo, em faetontes, vitórias e cabriolés, ou apinhados em ônibus e bondes. Outros milhares pegaram trens, superlotando os vagões amarelos, apelidados de “vagões de gado”, construídos pela Illinois Central para levar o maior número possível de pessoas para a feira. Quem tinha lenço branco agitava-o, e bandeiras brancas pendiam dos postes de iluminação pública. Bandeirolas úmidas inflavam na fachada dos prédios. Mil e quinhentos membros da guarda colombiana, em seus novos uniformes de anagem azul-clara, de luvas brancas e capas pretas com contornos amarelos, partiram ao encontro da multidão e, cordialmente, puseram-se a encaminhar todos para o Edifício da Administração, fácil de identificar por sua imponente cúpula dourada.

A procissão chegou à feira pelo lado oeste, através do Midway Plaisance. Quando a carruagem do presidente entrou na avenida das Nações, que se estendia ao longo das treze quadras de comprimento do Midway, o sol apareceu,³ arrancando um rugido de aprovação dos espectadores ao iluminar as quarenta concessões ao longo da avenida, algumas do tamanho de cidades pequenas. As carruagens passaram pela Cabana de Touro Sentado, pela Aldeia Lapônia, pelo conjunto de supostos canibais daomeanos e, do outro lado, pela Fazenda de Avestruzes da Califórnia, com o agradável cheiro de manteiga e ovo fervendo. A fazenda oferecia omeletes de ovos de avestruz, embora na verdade os ovos fossem de galinhas domésticas.⁴ A procissão passou pela Aldeia Austríaca e pelo Parque do Balão Cativo, onde um balão de hidrogênio preso ao chão conduzia visitantes num passeio aéreo. No centro do Midway, a procissão contornou a infortunadamente incompleta Roda de Ferris, que Burnham olhou com desagrado. Era uma meia-lua de aço encaixada num arranha-céu de andaimes de madeira.

Quando a carruagem do presidente Cleveland chegou à Aldeia Argelina de Sol Bloom, no coração muçulmano do Midway, Bloom balançou a cabeça,⁵ e as mulheres da aldeia tiraram seus véus. Bloom jurava que era um gesto comum de respeito, mas é claro que com ele nunca se tinha certeza de nada. As carruagens beiraram a Rua do Cairo — ainda fechada, outra decepção — e passaram pela Aldeia Turca e pelo Refeitório Java. Diante do Espetáculo de Animais de Hagenback, o mais famoso zoológico itinerante da época, domadores fizeram quatro leões treinados rugirem. À direita, na distância enfumaçada, o presidente viu as bandeiras do Buffalo Bill's Wild West tremularem sobre a arena que o coronel Cody construía na rua 62.

Finalmente as carruagens entraram no Jackson Park.

Haveria milagres na feira — a Vênus de Milo de chocolate não derreteria, o queijo de dez mil quilos no pavilhão de Wisconsin não mofaria —, mas o maior milagre de todos foi a transformação do terreno durante a longa e encharcada noite que precedeu a chegada de Cleveland. Quando Herbert Stead voltou na manhã seguinte, uma planície de água agitada pelo vento ainda cobria partes do parque, porém os vagões de carga vazios e os restos de embalagens tinham desaparecido. Dez mil operários trabalhando a noite toda haviam retocado a pintura e o estafe, plantado amores-perfeitos e aplicado a cobertura de gramado, enquanto milhares de faxineiras lavaram, enceraram e poliram os assoalhos dos grandes edifícios. À medida que a manhã avançava, o sol emergia com mais força. No ar brilhante lavado pela chuva, os trechos ainda não submersos da paisagem pareciam alegres, arrumados e limpos. “Quando a Feira abriu”, contou Paul Starrett, um dos homens de Burnham, “os relvados de Olmsted foram a primeira maravilha.”⁶

Às onze horas o presidente Cleveland subiu as escadas do palanque, construído diante da extremidade leste do Edifício da Administração, e sentou-se, sinal para que a cerimônia começasse. A multidão chegou mais perto. Vinte mulheres desmaiaram.⁷ Repórteres que tiveram a sorte de estar nas primeiras filas socorreram uma mulher de idade passando-a por cima de uma balaustrada e deitando-a nas mesas da imprensa.⁸ Membros da guarda avançaram lentamente de espada desembainhada. Houve muita confusão até que o diretor-geral Davis fez sinal para que a orquestra começasse a tocar a “Marcha Colombiana” introdutória.

Disciplinados pelas críticas à entorpecedora duração da cerimônia do Dia da Consagração em outubro, os funcionários da feira encurtaram a programação do Dia da Abertura, jurando respeitar o horário a qualquer custo. Primeiro veio a bênção, dada por um capelão cego para uma plateia ensurdecida devido ao tamanho e à distância. Em

seguida veio uma ode poética a Colombo, tão longa e difícil de aturar quanto a própria viagem do almirante: “Então da gávea do traquete da *Pinta* veio um grito, um som de trompete, ‘Light ho! Light ho! Light ho!’”⁹

Coisas desse tipo.

O diretor-geral Davis falou em seguida e ofereceu uma dose generosa de realidade distorcida, elogiando o fato de a comissão nacional, a companhia da exposição e o conselho de administradoras terem trabalhado juntos, sem brigas, para produzir tão esplêndida exposição.¹⁰ Os que estavam a par da guerra interna entre essas agências observaram Burnham de perto, mas não notaram qualquer mudança de expressão. Davis ofereceu o púlpito ao presidente.

Cleveland, imenso num terno preto, fez uma pausa para examinar sobriamente a multidão à sua frente. Ali perto havia uma mesa coberta com a bandeira americana, sobre a qual estava uma almofada de veludo azul e vermelho apoiando um manipulador de telégrafo feito de ouro.¹¹

Cada pedaço de sacada, gramado e balaustrada no pátio de honra estava ocupado, os homens de preto e cinza, muitas mulheres com vestidos de tons extravagantes — violeta, escarlate, esmeralda — e usando chapéus com fitas, ramos e penas. Um sujeito alto, trajando um imenso chapéu branco e sobretudo branco de camurça cheio de detalhes em prata, destacava-se entre os homens à sua volta: Buffalo Bill.¹² As mulheres o observavam. A luz do sol caía por entre moitas de nuvens que se rasgavam e iluminavam os chapéus-panamá brancos salpicados na plateia. Da visão privilegiada do presidente, a cena era festiva e clara, mas do chão via-se água e lama, e a escorregadia sucção que acompanhava qualquer mudança de posição. A única forma humana com pés enxutos era a Estátua da República — Big Mary —, de Daniel Chester French, escondida debaixo de um silo de lona.

O discurso de Cleveland foi o mais curto de todos. Ao encerrar, o presidente se dirigiu à mesa coberta com a bandeira. “Como se por um toque, a máquina que dá luz a esta vasta Exposição é acionada”, disse ele, “assim no mesmo instante deixemos que nossas esperanças e aspirações despertem forças que, em todo o tempo que há de vir, influenciem o bem-estar, a dignidade e a liberdade da raça humana.”¹³

Exatamente às 12h08 ele pressionou o manipulador de ouro.¹⁴ Um urro se espalhou pelo parque à medida que camadas e mais camadas da multidão iam sendo informadas de que o manipulador fora pressionado. Operários nos telhados logo sinalizaram para colegas estacionados em todo o parque e para marinheiros a bordo do *Michigan*, o navio de guerra ancorado no lago. O manipulador fechou um circuito elétrico ativando o sistema eletroautomático de arranque e interrupção conectado ao gigantesco motor a vapor Allis de três mil cavalos no Edifício das Máquinas. O gongo folheado a prata da

chave de partida soou, uma roda dentada girou, uma válvula se abriu, e a máquina despertou, com seus eixos e rolamentos sofisticadamente mecanizados. Na mesma hora, outras trinta máquinas do prédio começaram a rugir. Nos sistemas hidráulicos da feira, três imensas bombas Worthington começaram a movimentar eixos e pistons, como inúmeros louva-a-deus espantando o frio. Milhões de litros de água puseram-se a correr pelos canos mestres. Em toda parte máquinas ganharam fôlego até que o chão estremeceu. Uma bandeira americana do tamanho de uma vela mestra desenrolou-se no mastro mais alto no pátio da corte, e na mesma hora outras duas bandeiras de mesmo tamanho rolaram dos mastros laterais, uma representando a Espanha e a outra, Colombo. Água pressurizada pelas bombas Worthington explodiu na Fonte de MacMonnies e se lançou a trinta metros de altura, produzindo um arco-íris nas gotículas dispersas e forçando os visitantes a abrirem seus guarda-chuvas para se protegerem. Bandeirolas, bandeiras e estandartes incharam-se em todos os cantos, um imenso pendão vermelho se abriu em toda a extensão do Edifício das Máquinas, e a lona escorregou dos ombros banhados a ouro de Big Mary. A luz solar, refulgindo em sua pele, obrigava homens e mulheres a protegerem os olhos. Duzentas pombas brancas saíram voando. Os canhões do *Michigan* dispararam. Apitos a vapor emitiam sons agudos. Espontaneamente, a multidão começou a cantar “My Country ’Tis of Thee”, que muitos achavam que fosse o hino nacional, embora àquela altura nenhum hino tivesse ainda recebido essa designação. Enquanto a multidão trovejava, um homem abriu espaço perto de uma mulher magra e pálida de pescoço curvo. No instante seguinte, Jane Addams percebeu que sua bolsa tinha desaparecido.¹⁵

A grande feira começara.

Embora Burnham reconhecesse que ainda havia muito trabalho pela frente — que Olmsted precisava redobrar esforços e Ferris tinha de terminar aquela maldita roda —, o êxito da exposição já lhe parecia garantido. Cumprimentos chegavam por telegrama e pelo correio. Um amigo disse a Burnham: “A cena explodiu na minha frente com a beleza de uma rosa plenamente desabrochada.”¹⁶ A história oficial da feira calculou que 250 mil pessoas tinham lotado o Jackson Park no Dia da Abertura.¹⁷ Duas outras estimativas elevavam esse número para 500 mil e 620 mil. No fim do dia, já eram claros os indícios de que a feira de Chicago seria o espetáculo de diversão mais concorrido da história mundial.

O otimismo durou cada uma das 24 horas.

Na terça-feira, 2 de maio, apenas dez mil pessoas tinham ido ao Jackson Park, uma média de público que, se continuasse assim, garantiria para a feira um lugar na história

como um dos maiores fracassos de todos os tempos.¹⁸ Os vagões de gado amarelos estavam quase sempre vazios, assim como os da Alley L, que corria ao longo da rua 63. Toda a esperança de que se tratasse apenas de uma anomalia desapareceu no dia seguinte, quando as forças que vinham castigando a economia do país irromperam bruscamente, provocando em Wall Street um pânico que fez os preços das ações despencarem. Nas semanas seguintes, as notícias eram cada vez mais perturbadoras.

Na noite de quinta-feira, 5 de maio, funcionários da National Cordage Company, truste que controlava 80% da produção de cordas dos Estados Unidos, entraram em processo de liquidação judicial.¹⁹ Em seguida, o Chemical National Bank de Chicago interrompeu suas operações, um fechamento particularmente agourento para os funcionários da feira, pois o Chemical fora o único banco a obter aprovação do Congresso para abrir uma agência na feira mundial, nada menos do que no centralíssimo Edifício da Administração.²⁰ Três dias depois, outro grande banco de Chicago faliu, seguido por um terceiro, o Evanston National Bank, na cidade de Burnham.²¹ Dezenas de outras falências foram decretadas pelo país. Em Brunswick, Geórgia, os presidentes de dois bancos nacionais convocaram reunião.²² Um dos presidentes pediu licença, com calma, entrou em seu escritório e deu um tiro na cabeça. Os dois bancos faliram. Em Lincoln, Nebraska, o Nebraska Savings Bank havia se tornado o banco favorito dos estudantes.²³ Os professores da cidade serviam como agentes do banco e toda semana arrecadavam dinheiro das crianças para depositar em suas cadernetas. O boato de que o banco estava prestes a falir fez a rua se encher de crianças suplicando pelo dinheiro. Outros bancos vieram em socorro do Nebraska Savings, e a então chamada “corrida das crianças” foi contida.

Pessoas que, em outras circunstâncias, teriam ido a Chicago ver a feira na época preferiam ficar em casa. A terrível situação da economia era desencorajadora o bastante, mas da mesma forma eram as notícias do caráter inacabado do evento. Quem tivesse apenas uma chance de ir deixaria para fazê-lo quando todas as exposições estivessem montadas, e todas as atrações, funcionando, sobretudo a Roda de Ferris, que segundo se dizia era uma verdadeira maravilha da engenharia, capaz de fazer a Torre Eiffel parecer uma escultura infantil — desde que viesse mesmo a funcionar e não desabasse ao primeiro vento mais forte.

Burnham reconhecia que ainda havia muito por terminar. Ele e sua brigada de arquitetos, desenhistas, engenheiros e empreiteiros tinham realizado tanta coisa num prazo impossivelmente curto, mas o que haviam feito ao que parece não fora suficiente para neutralizar o efeito amortecedor da rápida degradação da economia. Os elevadores do Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais, anunciados como uma das maravilhas da feira, ainda não estavam funcionando. A Roda de Ferris ainda parecia uma obra

inacabada. Olmsted não concluíra o nivelamento e o plantio das áreas em torno do Pavilhão Krupp, do Edifício do Couro e do Edifício da Conservação a Frio; ainda não calçara o pavimento de tijolos da estação ferroviária da feira, nem aplicara cobertura de gramado na exposição do Centro de Nova York, na exposição da Ferrovia da Pensilvânia, no Choral Hall e no Edifício do Estado de Illinois, que, para muita gente em Chicago, era o prédio mais importante.²⁴ A instalação das exposições e dos pavilhões empresariais dentro do Edifício da Eletricidade estava angustiantemente atrasada. A Westinghouse só começara a construir seu pavilhão na terça-feira, 2 de maio.

Burnham traçou sérias diretrizes para Olmsted, Ferris e todos os empreiteiros com obras ainda em andamento. Olmsted, em particular, sentia a pressão, mas também se julgava prejudicado pelos persistentes atrasos na instalação de exposições e pelos danos provenientes das incessantes chegadas e saídas de carretões e vagões de carga. Só a General Electric tinha quinze vagões de material de exposição estocados na área.²⁵ Os preparativos para a cerimônia do Dia da Abertura haviam custado ao departamento de Olmsted um tempo valioso, bem como as obras de plantio e nivelamento necessárias para reparar os danos que a multidão causara ao parque. Boa parte dos 92 quilômetros de estradas da feira continuava submersa ou coberta de lama, e outros trechos tinham sido sulcados e arruinados por veículos que trafegaram pelas estradas ainda encharcadas. O construtor de estradas de Olmsted empregou uma força de trabalho de oitocentos homens e cem parelhas de cavalos para recuperar e piçarrar as estradas. “Continuo mais ou menos bem”, escreveu Olmsted para o filho em 15 de maio, “porém fico terrivelmente cansado todos os dias. É difícil tocar as obras; meu corpo está muito sobrecarregado, e quase nunca consigo fazer o que espero.”²⁶

Antes e acima de tudo, como Burnham bem o sabia, a feira tinha de ser *terminada*, mas até lá era preciso lançar atrações para incentivar as pessoas a deixarem de lado seus temores de problemas financeiros e irem a Chicago. Ele criou o novo cargo de diretor de eventos e nomeou Frank Millet para ocupá-lo, dando-lhe ampla liberdade de ação para aumentar, por todos os meios ao seu alcance, o número de visitantes. Millet orquestrou espetáculos de fogos de artifício e desfiles. Reservou dias especiais para honrar estados e países individualmente e para homenagear grupos de operários, como sapateiros, moleiros, confeitheiros e estenógrafos. Os Cavaleiros de Pítias receberam um dia próprio, assim como os Cavaleiros Católicos da América. Millet designou 25 de agosto como Dia de Festa das Pessoas de Cor e 9 de outubro como Dia de Chicago. A frequência começou a aumentar, mas não muito. No fim de maio, a média diária de pagantes era de apenas 33 mil, ainda bem abaixo do que Burnham e os outros esperavam — e, mais importante, bem abaixo do nível exigido para tornar a feira rentável. Pior ainda, o Congresso e a comissão nacional, cedendo a pressões do movimento sabatariano, tinham mandado

fechar a feira aos domingos, pondo assim suas maravilhas fora do alcance de alguns milhões de assalariados, para os quais o domingo era o único dia de folga.

Burnham esperava uma cura rápida para o mal-estar financeiro do país, mas a economia não ajudava. Mais bancos faliram, as demissões aumentaram, a produção industrial declinou e as greves ficaram mais violentas. Em 5 de junho, correntistas preocupados correram para sacar dinheiro de oito bancos de Chicago.²⁷ A própria firma de Burnham viu o fluxo de novas encomendas estancar.

O Hotel da Feira Mundial

OS PRIMEIROS HÓSPEDES começaram a chegar ao Hotel da Feira Mundial de Holmes, mas não na quantidade que ele e os demais hoteleiros da zona sul esperavam.¹ Os hóspedes eram atraídos acima de tudo pela localização do hotel, a uma pequena distância do Jackson Park pelo trecho da Alley L na rua 63. Mesmo com os quartos no segundo e no terceiro andares quase todos vazios, quando homens indagavam sobre acomodações, Holmes lhes dizia, com ar sincero de quem lamentava muito, que não havia quartos disponíveis e gentilmente lhes recomendava outros hotéis das proximidades. Seus quartos começaram a encher-se de mulheres, na maioria muito jovens e ao que tudo indicava pouco habituadas a morar só. Holmes achava-as inebriantes.

A contínua presença de Minnie Williams tornava-se cada vez mais desconfortável. Com a chegada de cada refrescante hóspede nova, ela ficava mais e mais ciumenta, mais inclinada a ficar perto dele. Seu ciúme não chegava a irritá-lo. Era apenas inconveniente. Minnie era um patrimônio, uma aquisição a ser armazenada para quando fosse preciso, como uma presa no casulo.

Holmes consultava anúncios de jornal em busca de um apartamento para alugar, longe o suficiente de seu prédio para dificultar as visitas inesperadas. Descobriu um lugar na zona norte, na avenida Wrightwood, número 1.220, mais ou menos doze quadras a oeste do Lincoln Park, perto da rua Halsted.² Era uma parte bonita e arborizada da cidade, embora sua beleza fosse apenas um elemento a mais nos cálculos de Holmes. O apartamento ficava no último andar de uma grande residência particular que pertencia a um homem chamado John Oker, e suas filhas cuidavam do aluguel. Elas anunciaram o apartamento pela primeira vez em abril de 1893.³

Holmes foi sozinho examinar o apartamento e conversar com John Oker.⁴ Apresentou-se como Henry Gordon e disse a Oker que trabalhava no ramo imobiliário.

Oker ficou bem impressionado com o candidato a inquilino. Era asseado — talvez meticoloso fosse o termo apropriado —, e suas roupas e seu comportamento sugeriam boa situação financeira. Oker ficou feliz quando Henry Gordon disse que alugaria o apartamento; e mais feliz ainda quando recebeu 40 dólares adiantados, em espécie. Gordon disse a Oker que ele e a esposa se mudariam em algumas semanas.

Holmes explicou a mudança para Minnie como uma necessidade que não poderia mais ser adiada.⁵ Nesse momento, casados, precisavam de um lugar maior e melhor do que o que ocupavam no castelo. Logo o edifício estaria atulhado de visitantes da feira. Mesmo sem os hóspedes, no entanto, não era lugar para se construir uma família.

A ideia de um apartamento grande e ensolarado de fato atraiu Minnie. A verdade é que o castelo às vezes era lúgubre. Era sempre lúgubre. E Minnie queria tudo o mais perfeito possível para a visita de Anna. Porém achou esquisito Harry ter escolhido um lugar tão distante, na zona norte, quando havia tantas residências adoráveis em Englewood. Deve ter concluído que talvez ele não quisesse pagar os aluguéis exorbitantes que todo mundo estava cobrando por causa da feira.

Holmes e Minnie se mudaram para o novo apartamento em 1º de junho de 1893.⁶ Lora Oker, filha do proprietário, disse que Gordon “parecia muito atencioso com a esposa”.⁷ O casal saía para andar de bicicleta e durante um tempo mantiveram uma empregada. “Só posso dizer que o comportamento dele era tudo que se poderia desejar durante sua estada conosco”, contou a srta. Oker. “Apresentava Minnie Williams como sua mulher, e nós sempre a tratávamos por ‘sra. Gordon’. Ela o chamava de ‘Henry’.”

Com Minnie estabelecida na avenida Wrightwood, Holmes se sentiu livre para desfrutar do Hotel da Feira Mundial.

Os hóspedes passavam a maior parte do tempo no Jackson Park, ou no Midway, e geralmente só voltavam depois da meia-noite. Quando estavam no hotel, preferiam ficar nos quartos, uma vez que Holmes não contava com nenhuma das áreas comuns — bibliotecas, salões de jogos e escritórios — que os grandes hotéis, como o Richelieu e o Metropole, e o vizinho New Julien costumavam oferecer. Nem oferecia os quartos escuros que os hotéis mais próximos do Jackson Park tinham começado a instalar para servir ao crescente número de fotógrafos amadores, os chamados “viciados em Kodak”, que dispunham das mais recentes novidades em câmeras portáteis.

As mulheres achavam o hotel muito monótono, sobretudo à noite, mas a presença do proprietário, bem-apessoado e obviamente rico, ajudava a espantar um pouco a desolação. Ao contrário dos homens que conheciam em Minneapolis, Des Moines ou Sioux Falls, Holmes era afetuoso e encantador, falava muito e tocava-as com uma familiaridade que, embora talvez fosse ofensiva nos lugares de onde vinham, de alguma forma parecia correta naquele novo mundo de Chicago — apenas mais um lado da grande aventura na qual aquelas mulheres haviam embarcado. E que graça teria uma aventura que não fosse um pouco perigosa?

Até onde qualquer um poderia dizer, o proprietário também era uma alma clemente. Não parecia nem um pouco preocupado quando um hóspede de vez em quando saía sem avisar ou sem pagar a conta. O fato de ele exalar sempre um leve cheiro de produtos químicos — na verdade, o prédio inteiro tinha um odor de remédio — não incomodava ninguém.⁸ Afinal de contas, ele era médico, e havia uma farmácia no térreo do imóvel.

Prendergast

PATRICK PRENDERGAST ACHAVA que não tardaria a ser nomeado procurador municipal. Queria estar pronto e começou a fazer planos sobre seu quadro de pessoal para quando o dia chegasse. Em 9 de maio de 1893, despachou outro cartão-postal endereçado a um homem chamado W. F. Cooling, no edifício do *Staats-Zeitung*. Prendergast deu uma aula a Cooling sobre como Jesus era a suprema autoridade legal e depois lhe contou a boa notícia:

“Sou candidato a procurador municipal”, escreveu. “Se eu for procurador municipal, você será meu assistente.”¹

A noite é o mágico

APESAR DAS EXPOSIÇÕES incompletas, das trilhas esburacadas e dos trechos de terra sem plantas, a exposição revelava para os primeiros visitantes uma imagem do que uma cidade poderia e deveria ser. A Cidade Negra ao norte estendia-se saturada de fumaça e lixo, mas ali, na Cidade Branca da feira, os visitantes encontravam banheiros públicos limpos, água pura e serviço de ambulância, postes com luz elétrica e um sistema de processamento de esgoto que rendia muitos hectares de esterco para os agricultores. Havia creche para os filhos dos visitantes, e muito se brincava a respeito do fato de que, quando se deixava o filho no Edifício das Crianças, ganhava-se em troca um recibo para tirá-lo de volta. Os poucos porém estridentes censores de Chicago temiam que pais necessitados transformassem o edifício num depósito de filhos indesejados. Só um menino, o pobre Charlie Johnson, foi abandonado dessa forma, e nem uma única criança se perdeu, apesar da ansiedade que se instalava todos os dias perto da hora do fechamento.¹

Dentro dos prédios da feira, os visitantes encontravam dispositivos e conceitos novos tanto para eles como para o resto do mundo.² Ouviam música ao vivo, tocada por uma orquestra em Nova York e transmitida para a feira por telefone interurbano. Viam as primeiras imagens em movimento do cinetoscópio de Edison e observavam, assombrados, o corpo de Nikola Tesla emitir descargas elétricas. Viam coisas ainda mais ímpias — o primeiro zíper; a primeira cozinha totalmente elétrica, que incluía uma lavadora de louças automática; e uma caixa que continha, segundo a propaganda, tudo de que um cozinheiro precisava para fazer panquecas, sob a marca Aunt Jemima's. Experimentavam uma goma de mascar nova, de sabor esquisito, chamada Juicy Fruit, e uma pipoca caramelizada chamada Cracker Jack. Um novo cereal, Shredded Wheat [trigo desfiado], parecia difícil de emplacar — alguns o chamavam de “capacho desfiado” —, mas uma nova cerveja foi bem aceita, ganhando o principal prêmio da exposição para cervejas. A partir de então, seu criador passou a comercializá-la com o nome de Pabst Blue Ribbon. Visitantes encontravam também a última, e possivelmente mais importante, invenção organizacional do século, o arquivo vertical, criado por Melvil Dewey, inventor do sistema decimal de Dewey. Espalhadas entre as exposições, havia novidades de todos os tipos. Uma locomotiva feita de carretéis de seda. Uma ponte suspensa construída com sabonetes Kirk's. Um mapa gigante dos Estados Unidos feito de pickles. Produtores de ameixa seca mandaram um cavaleiro montado, em tamanho natural, esculpido com ameixas secas, e a Avery Salt Mines, de Louisiana, expôs uma

réplica da Estátua da Liberdade esculpida num bloco de sal. Os visitantes a apelidaram de “Mulher de Ló”.

Uma das exposições mais atraentes, e assustadoras, era a do Pavilhão Krupp, onde o “monstro de estimação” de Fritz Krupp ocupava o centro de um conjunto de armas pesadas. Um popular guia da feira, chamado de Poupa-Tempo, atribuía notas a todas as exposições numa escala de um a três, sendo um apenas “interessante” e três, “extraordinariamente interessante”, e deu três ao Pavilhão Krupp.³ Para muitos visitantes, porém, as armas eram uma presença perturbadora. A sra. D. C. Taylor, assídua visitante, chamava o maior canhão Krupp de “coisa assustadora e medonha, que respira sangue e carnificina, um triunfo da barbárie agachado entre os triunfos da civilização do mundo”.⁴

A sra. Taylor adorava o pátio de honra e ficava maravilhada com a atitude curiosamente sóbria que as pessoas adotavam ao percorrer seus palácios. “Todos à nossa volta andavam e falavam com delicadeza. Ninguém parecia apressado ou impaciente, todos estavam enfeitiçados — por um feitiço que nos segurava do momento em que a feira abria até quando fechava.”⁵

No Midway, a atmosfera lhe pareceu bem diferente. Ali, a sra. Taylor se aventurou pela Rua do Cairo, enfim aberta, e assistiu pela primeira vez a uma apresentação de dança do ventre. Observou a dançarina com grande atenção. “Ela dá alguns passinhos leves para o lado, para, toca as castanholas e depois faz a mesma coisa para o outro lado; avança alguns passos, pausa e faz o abdômen levantar e descer várias vezes, bem no ritmo da música, sem mexer um músculo em qualquer outra parte do corpo, com incrível rapidez, ao mesmo tempo que mantém a cabeça e os pés perfeitamente rígidos.”⁶

Enquanto a sra. Taylor e seus companheiros deixavam a rua, ela cantava baixinho para si “My Country ’Tis of Thee”, como uma criança assustada espanta o medo ao passar por um cemitério.⁷

A feira era tão grande, tão difícil de apreender, que os guardas colombianos se viam às voltas com uma saraivada de perguntas. Era uma doença, uma varíola retórica, e cada visitante apresentava algum sintoma. Os guardas respondiam às mesmas perguntas sem parar, e as perguntas eram rápidas, às vezes em tom de acusação. Algumas eram simplesmente absurdas.

— Em que edifício está o Papa? — quis saber uma mulher.⁸ Foi entreouvida por Teresa Dean, que escrevia uma coluna diária sobre a feira.

— O Papa não está aqui, senhora — respondeu o guarda.

— E onde está ele?

— Na Itália, na Europa, senhora.

A mulher franziu a testa.

— Em que direção fica isso?

Convencido de que a mulher só podia estar brincando, o guarda fez um gracejo.

— Três quadras abaixo da lagoa.

— E como se chega lá? — perguntou ela.

Outro visitante, à procura de uma exposição de estátuas de cera, perguntou a um guarda:

— Sabe me dizer onde é o prédio que tem os seres humanos artificiais?

Ele começara a explicar que não sabia, quando outro visitante entrou na conversa:

— Ouvi falar sobre eles. Estão no Edifício das Mulheres. É só perguntar pelas administradoras.

Um visitante, que tinha perdido as pernas e andava pela feira usando membros artificiais e muletas, devia parecer especialmente bem informado, pois outro visitante encheu-o de perguntas, até que por fim o deficiente se queixou de que o esforço para responder a tantas perguntas o estava deixando fatigado.⁹

— Eu só gostaria de saber mais uma coisa — disse o indagador — e não o perturbo mais.

— O quê?

— Gostaria de saber como o senhor perdeu as pernas.

O deficiente disse que só responderia se aquela fosse mesmo a última pergunta. Não aceitaria mais nenhuma. Estava claro?

Seu perseguidor concordou.

O mutilado, certo de que sua resposta provocaria imediatamente uma pergunta adicional, disse:

— Foram mordidas.

— *Mordidas!* Como assim?

Mas acordo era acordo. O deficiente abafou o riso e saiu manquejando.

Enquanto a feira lutava para ter público, o Buffalo Bill's Wild West atraía multidões, às dezenas de milhares. Se Cody tivesse obtido a concessão que pediu, essas multidões precisariam primeiro pagar ingresso para entrar no Jackson Park, aumentando a frequência e a renda da feira num grau muito bem-vindo. Cody também ficou livre para apresentar espetáculos aos domingos e, por estar fora dos limites da feira, não precisava repassar metade da renda para a companhia da exposição. Durante os seis meses da feira, uma média de doze mil pessoas assistiria a cada uma das 318 apresentações de Cody, num total de público de quase quatro milhões.¹⁰

Cody costumava ofuscar a feira.¹¹ Sua entrada principal ficava tão perto de um dos

portões mais movimentados da exposição que alguns visitantes achavam que seu show *era* a feira mundial e, segundo consta, voltavam para casa felizes da vida. Em junho, um grupo de cowboys organizou uma corrida de mil milhas, saindo de Chadron, Nebraska, até Chicago em homenagem à feira, e a intenção era encerrá-la no Jackson Park. O prêmio era polpudo, 1.000 dólares. Cody contribuiu com mais 500 dólares e uma luxuosa sela, com a condição de que a corrida terminasse em sua arena. Os organizadores aceitaram.

Dez cavaleiros, entre eles “Rattlesnake” Pete e um bandido supostamente regenerado de Nebraska chamado Doc Middleton, partiram do hotel Baline, em Chadron, na manhã de 14 de junho de 1893. As regras da corrida permitiam que cada cavaleiro comesse com dois cavalos e exigiam que eles parassem em postos de fiscalização ao longo do trajeto. A regra mais importante estabelecia que, quando cruzasse a linha de chegada, o participante deveria estar montado num dos cavalos originais.

A corrida foi feroz, repleta de violações às regras e animais feridos. Middleton desistiu logo depois de chegar a Illinois. Houve outros quatro que também não terminaram. O primeiro cavaleiro a cruzar a linha foi um ferroviário de nome John Berry, cavalgando Poison, que entrou galopando na arena do Wild West em 27 de junho, às 9h30 da manhã. Buffalo Bill, resplandecente de camurça branca e detalhes em prata, estava lá para cumprimentá-lo, junto com o resto da companhia Wild West e mais ou menos dez mil moradores de Chicago. No entanto, John Berry teve de se contentar só com a sela, porque uma investigação posterior revelou que, logo depois de iniciar a corrida, ele embarcara seus cavalos num trem que viajava para o leste e também subira a bordo, para percorrer os primeiros 150 quilômetros confortavelmente instalado.

Cody ofuscou a feira outra vez em julho, quando funcionários da exposição negaram um pedido do prefeito Carter Harrison para que a feira dedicasse um dia às crianças pobres de Chicago e lhes permitisse entrar de graça. Os diretores acharam que era pedir demais, em meio aos esforços para incrementar o índice de entradas pagas. Cada bilhete, mesmo as meias-entradas de crianças, era importante. Buffalo Bill imediatamente decretou o Dia da Criança Abandonada no Wild West e ofereceu a todos os meninos e meninas de Chicago passagem de trem, entrada gratuita para o show e livre acesso a todo o acampamento do Wild West, além de todos os doces e sorvetes que pudessem comer.

Quinze mil apareceram.

O Buffalo Bill’s Wild West talvez tivesse sido mesmo uma “incongruência”, como os diretores declararam ao rejeitar seu pedido de concessão dentro do Jackson Park, mas os cidadãos de Chicago ficaram apaixonados.

As nuvens sumiram, e o céu ficou limpo. As estradas secaram, e flores recém-desabrochadas perfumaram o ar. Expositores aos poucos concluíram suas instalações, e eletricitas removeram as últimas ligações erradas dos complexos circuitos que interligavam as quase duzentas mil lâmpadas incandescentes da feira. Em todo o terreno, por ordem de Burnham, intensificaram-se os trabalhos de limpeza. Em 1º de junho de 1893, operários removeram os trilhos ferroviários provisórios que tinham lacerado a grama perto da lagoa e ao sul do Edifício da Eletricidade e do Edifício das Minas. “Uma mudança bem visível nas condições gerais é a ausência de grandes pilhas de caixas nos pátios externos, em volta dos Edifícios das Manufaturas, da Agricultura, das Máquinas e de outros grandes prédios”, informou o *Tribune* em 2 de junho.¹² Os engradados fechados e o lixo que apenas uma semana antes atulhavam o interior do Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais, sobretudo nos pavilhões construídos pela Rússia, Noruega, Dinamarca e Canadá, também foram retirados, e esses espaços apresentavam “uma aparência inteiramente diferente e muito melhorada”.

Apesar de essas exposições internas serem atraentes, os primeiros visitantes do Jackson Park logo viram que a maior força da feira estava na estranha gravidade dos próprios edifícios. O pátio de honra produzia um efeito de majestade e beleza muito maior até mesmo do que o sonho evocado na biblioteca do Rookery. Alguns visitantes ficavam tão emocionados com ele que começavam a chorar logo que entravam.

Nenhum elemento isolado explicava esse fenômeno. Para começar, todos os edifícios eram imensos, mas a impressão de volume era reforçada pelo fato de que todos tinham estilo neoclássico, todos ostentavam cornijas na mesma altura, todos haviam sido pintados do mesmo branco suave, e todos eram surpreendentemente belos e diferentes de tudo o que a maioria dos visitantes tinha visto em suas poeirentas cidades de origem. “Nenhuma cena criada pelo homem me pareceu tão perfeita quanto o pátio de honra”, escreveu James Fullerton Muirhead, autor e editor de guias de viagem.¹³ O pátio, escreveu ele, “era quase irrepreensível; o senso estético do espectador era satisfeito de forma plena e irrestrita diante dessa obra-prima de pintura e escultura, e ao mesmo tempo acalmado e elevado por uma sensação de tamanha amplitude e magnificência que nenhuma outra obra de arte isolada seria capaz de produzir”. Edgar Lee Masters, advogado e poeta emergente de Chicago, chamou o pátio de “sonho inexaurível de beleza”.¹⁴

A cor — ou melhor dizendo, a ausência de cor — comum a todos produzia uma série de efeitos especialmente fascinantes à medida que o sol percorria o céu. No começo da manhã, quando Burnham fazia suas inspeções, os edifícios eram azul-claros e pareciam flutuar numa fantasmática almofada de névoa terrestre. Todo começo de noite o sol coloria os prédios de ocre, iluminando as partículas de pó levantadas pela brisa, até que

o próprio ar se tornava um véu alaranjado.

Numa dessas noites, Burnham conduziu um passeio de lancha elétrica para um grupo que incluía a viúva de John Root, Dora, e numerosos emissários estrangeiros. Burnham adorava escoltar amigos e dignitários pelo terreno da exposição, mas procurava sempre orquestrar os passeios de tal maneira que os convidados vissem a feira como ele achava que ela deveria ser vista, com os prédios apresentados a partir de certa perspectiva, numa ordem particular, como se ele ainda estivesse na biblioteca mostrando os desenhos, em vez de construções reais. Tentara impor sua vontade estética a todos os visitantes insistindo, durante o primeiro ano de planejamento, em limitar o número de entradas do Jackson Park e em situar essas poucas entradas de forma que as pessoas fossem obrigadas a passar primeiro pelo pátio de honra, ou através de um grande portão na estação ferroviária do lado oeste do parque, ou por uma entrada no leste, a partir do desembarcadouro. Esse esforço para criar uma primeira impressão poderosa revelava não apenas sua habilidade de produtor, mas também o déspota estético que carregava dentro de si. Não conseguiu o que queria. Os diretores fizeram questão de ter muitas entradas, e as ferrovias se recusaram a canalizar o tráfego da exposição por uma única estação. Burnham nunca se rendeu totalmente. Durante toda a existência da feira, disse ele, “insistimos em fazer os *nossos* visitantes, aqueles cuja opinião prezávamos de maneira especial, passarem primeiro pelo grande pátio”.¹⁵

A lancha elétrica com Burnham, Dora Root e os dignitários estrangeiros atravessou silenciosamente a lagoa, dispersando a Cidade Branca refletida em sua superfície. O sol poente dourava os terraços na margem leste, mergulhando, porém, a margem oeste numa sombra azul-escura. Mulheres de vestidos carmesins e azul-claros andavam lentamente ao longo dos aterros. Vozes espargiam-se por sobre a água, entremeadas, de vez em quando, por risadas que tiniam como taças de cristal se entrechocando num brinde.

No dia seguinte, depois de uma noite sem dúvida difícil, Dora Root escreveu a Burnham para lhe agradecer o passeio e tentar exprimir a complexidade de seus sentimentos.

“A hora que passamos na lagoa na noite passada foi o coroamento de um dia encantador”, escreveu. “Na verdade, acho que teríamos ficado por ali indefinidamente se os nossos amigos estrangeiros não tivessem preparado uma diversão mais apimentada. Acho também que eu nunca pararia, por vontade própria, de flutuar naquele reino de sonhos.”¹⁶ As cenas lhe despertaram emoções conflitantes. “Para mim é tudo infinitamente triste, mas ao mesmo tempo tão cativante que às vezes sinto que seria melhor fugir logo para o mato ou para as montanhas, onde sempre encontro paz. Há tanta coisa que eu queria lhe dizer sobre o seu trabalho dos últimos dois anos — que resultou nessa magnífica materialização da concepção de beleza de John —, porém não

confio em mim. Isso é tão importante para mim, e acredito, espero, que você compreenda. Durante anos, essas esperanças e ambições foram minhas, e apesar de minhas tentativas os velhos interesses ainda persistem. É um alívio escrever isto. Espero que não se incomode.”

Se o anoitecer na feira era sedutor, a noite, propriamente, era arrebatadora. As lâmpadas que guarneciam cada edifício e cada caminho produziam a mais complexa demonstração de iluminação elétrica já experimentada e o primeiro teste, em larga escala, da corrente alternada. Só a feira consumia três vezes mais eletricidade do que toda a cidade de Chicago.¹⁷ Esses foram importantes marcos de engenharia, mas o que os visitantes adoravam acima de tudo era a pura beleza de tantas lâmpadas acesas num só lugar, ao mesmo tempo. Todos os prédios, incluindo o Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais, eram delineados por lâmpadas brancas. Gigantescos holofotes — os maiores já fabricados até então, visíveis, segundo se dizia, a cem quilômetros de distância — foram instalados no telhado do Edifício das Manufaturas e dali varriam o terreno da feira e os bairros vizinhos. Grandes lâmpadas coloridas iluminavam os penachos de água de trinta metros de altura que irrompiam da Fonte MacMonnies.

Para muitos visitantes, a iluminação noturna foi o primeiro encontro com a eletricidade. Hilda Satt, moça recém-chegada da Polônia, foi à feira com o pai. “Quando a luz esmaecia no céu, milhões de lâmpadas de repente se acendiam, todas ao mesmo tempo”, lembrou-se ela, anos depois. “Sem ter visto nada além de lâmpadas de querosene como iluminação, aquilo era como uma visão súbita do Céu.”¹⁸

O pai lhe disse que as lâmpadas eram acesas por chaves elétricas.

“Sem palitos de fósforo?”, perguntou ela.

Entre as lâmpadas e os fantasmas azuis da guarda colombiana presentes em toda parte, a feira atingiu outro marco: pela primeira vez os moradores de Chicago puderam passear à noite em perfeita segurança. Isso já era suficiente para atrair um número muito maior de visitantes, especialmente casais jovens, presos ao rito do namoro vitoriano, e em busca de lugares sossegados e escuros.

À noite, as luzes e a escuridão dominante serviam para mascarar os muitos defeitos da exposição — entre eles, como escreveu John Ingalls, na *Cosmopolitan*, os “indescritíveis detritos de inúmeros almoços”¹⁹ — e para criar durante algumas horas a perfeita cidade dos sonhos de Daniel Burnham.

“A noite”, escreveu Ingalls, “é o mágico da feira.”²⁰

Os primeiros visitantes voltaram para casa e contaram aos amigos e parentes que a feira, apesar de incompleta, era muito mais magnífica e poderosa do que haviam sido levados a esperar. Montgomery Schuyler, o maior crítico de arquitetura da época de Burnham, escreveu: “Um comentário comum entre os visitantes que viam a feira pela primeira vez era que nada que tinham lido ou visto em fotografias lhes dera uma ideia do que era ou os preparara para o que viram.”²¹ Repórteres de cidades remotas telegrafavam observações parecidas para seus editores, e histórias de encantamento e admiração começaram a permear as mais distantes cidades. Em campos, vales e depressões, famílias aterrorizadas pelo que liam diariamente nos jornais sobre o colapso da economia nacional começavam a pensar em Chicago. A viagem seria cara, porém cada vez mais parecia valer a pena. Mais que isso, parecia até necessária.

Só faltava mesmo o sr. Ferris pôr mãos à obra e concluir aquela roda gigantesca.

Modus operandi

E ENTÃO COMEÇOU.¹ Uma garçonete desapareceu do restaurante de Holmes, onde seus hóspedes faziam as refeições. Um dia ela estava trabalhando, no dia seguinte não estava mais, sem que houvesse uma explicação clara para sua partida súbita. Holmes parecia tão perplexo quanto os demais. Uma estenógrafa chamada Jennie Thompson desapareceu, e também uma mulher de nome Evelyn Stewart, que ou trabalhava para Holmes ou simplesmente esteve hospedada em seu hotel. Um médico que por algum tempo alugou um escritório no castelo e ficou amigo de Holmes — eram vistos juntos com frequência — também sumiu, sem dizer nada a ninguém.

Dentro do hotel, odores químicos² iam e vinham, fluíam como uma maré atmosférica. Em certos dias, os corredores ficavam impregnados de um aroma cáustico, como se tivesse sido aplicada uma dose excessiva de adstringente; em outros, havia um cheiro de prata de remédio, como se um dentista, trabalhando em algum lugar do prédio, induzisse um sono profundo a um paciente. Parecia haver um problema com a tubulação de gás que alimentava o edifício, pois periodicamente o cheiro de gás não queimado permeava os corredores.

Havia indagações de parentes e amigos.³ Como sempre, Holmes era solidário e solícito. A polícia ainda não estava envolvida. Ao que parecia, estava ocupada demais, pois visitantes ricos e dignitários estrangeiros começavam a chegar em números cada vez maiores, seguidos por um enxame de batedores de carteira, criminosos violentos e pequenos caloteiros.



Holmes não matava cara a cara, como Jack, o Estripador, costumava fazer, fartando-se de calor e vísceras, mas gostava de proximidade.⁴ Gostava de estar perto o bastante para sentir a chegada da morte no crescente pânico das vítimas. Era quando seu desejo de posse atingia a fase mais satisfatória. A câmara amortecia os gritos e socos, mas não totalmente. Quando o hotel estava lotado, ele utilizava meios mais silenciosos. Enchia o quarto de gás e deixava a hóspede expirar dormindo ou esgueirava-se até o aposento com sua chave mestra para pressionar um pano embebido de clorofórmio em seu rosto. A escolha era dele, uma demonstração de poder.

Fosse qual fosse a abordagem, o ato sempre lhe dava a posse de um novo suprimento de material, que ele então explorava à vontade.

A articulação seguinte, feita pelo talentoso amigo Chappell, constituía a fase final de aquisição, a fase triunfal, embora ele recorresse comedidamente aos serviços de Chappell.⁵ Descartava outros materiais usados em seu forno ou em buracos cheios de cal.⁶ Não ousava manter os esqueletos de Chappell por muito tempo. Já no início estabelecera como regra não guardar troféus. A posse que buscava era uma coisa passageira, como o cheiro de jacinto recém-cortado. Quando acabava, só outra aquisição poderia restaurá-la.

Um bom giro

NA PRIMEIRA SEMANA de junho de 1893, os operários de Ferris começaram a tirar as últimas varas e tábuas dos andaimes que envolveram e apoiaram a grande roda durante sua montagem. O aro descrevia no céu um arco de oitenta metros de altura, tão elevado quanto o mais alto andar ocupado do Masonic Temple de Burnham, o maior arranha-céu da cidade.¹ Nenhuma das 36 cabines tinha sido colocada — estavam todas no chão, como os vagões de um trem descarrilado —, mas a roda já estava pronta para o primeiro giro. Em pé sem a ajuda de esteios, a Roda de Ferris parecia perigosamente frágil. “É impossível para a mente não mecânica compreender como um Brobdingnag daqueles continuava ereto”, escreveu Julian Hawthorne, filho de Nathaniel; “não tem nenhum meio visível de apoio — nada parece adequado. Os raios lembram teias de aranha; são no estilo daqueles das últimas marcas de bicicleta.”²

Na quinta-feira, 8 de junho, Luther Rice ordenou aos bombeiros das grandes caldeiras a vapor a 215 metros de distância na avenida Lexington, fora do Midway, que produzissem vapor e enchessem os canos subterrâneos de 25 centímetros. Quando as caldeiras atingiram a pressão adequada, Rice fez sinal para um técnico num buraco debaixo da roda, e o vapor assobiou nos pistões dos motores gêmeos de mil cavalos. As rodas dentadas motrizes giraram suave e silenciosamente. Rice mandou parar o motor. Em seguida, operários prenderam a corrente de dez toneladas nas rodas dentadas e numa outra roda dentada na roda. Rice enviou um telegrama para Ferris, em seu escritório no Hamilton Building, em Pittsburgh: “Motores têm vapor e estão funcionando satisfatoriamente. Corrente de roda dentada presa e pronta para girar a roda.”³

Ferris não pôde ir pessoalmente a Chicago, mas incumbiu o sócio W. F. Gronau de supervisionar o primeiro giro. No começo da manhã de sexta-feira, 9 de junho, quando o trem passava pela zona sul, Gronau viu a grande roda que sobrepujava tudo na vizinhança, exatamente como a criação de Eiffel o fizera em Paris. As exclamações dos outros passageiros diante do tamanho da roda e de sua aparente fragilidade encheram-no de um misto de orgulho e ansiedade. Ferris, farto dos atrasos na construção e das importunações de Burnham, tinha dito a Gronau que girasse a roda ou a arrancasse da torre.

Ajustes e inspeções de última hora estenderam-se por quase toda a sexta-feira, porém pouco antes de escurecer Rice disse a Gronau que tudo parecia pronto.

“Não tive confiança suficiente para falar”, contou Gronau, “por isso me limitei a fazer um aceno para que comesçassem.” Estava ansioso para ver se a roda funcionava, mas ao

mesmo tempo “teria, com o maior prazer, adiado o teste”.⁴

Nada restava senão soltar vapor e ver o que acontecia. Nunca ninguém construíra roda tão gigantesca. Que girasse sem esmagar os rolamentos e o fizesse de verdade e suavemente eram suposições de engenharia baseadas apenas em cálculos que refletiam as qualidades conhecidas do ferro e do aço. Nenhuma construção jamais fora submetida às pressões que seriam exercidas em cima e dentro da roda quando ela começasse a se movimentar.

A bela esposa de Ferris, Margaret, assistia a tudo de perto, corada de ansiedade. Gronau imaginava que ela sentia uma magnitude de pressão mental igual à sua.

“De repente, fui despertado desses pensamentos pelo mais terrível dos barulhos”, disse ele.⁵ Um rugido rasgou o céu e fez todo mundo nos arredores — os argelinos da aldeia de Bloom, os egípcios, os persas e todos os visitantes num raio de cem metros — parar e olhar para a roda.

“Olhando para cima”, contou Gronau, “vi a roda se mover lentamente. Que merda era aquela? Que barulho terrível era aquele?”

Gronau correu para junto de Rice, que estava no poço das máquinas monitorando pressões e o jogo de eixos e circuitos. Gronau esperava ver Rice tentando desligar às pressas o motor, mas Rice lhe pareceu muito despreocupado.

Ele explicou que tinha apenas testado o sistema de freios da roda, que consistia numa cinta de aço em torno do eixo. O teste fizera a roda girar um oitavo de sua circunferência. O barulho, disse Rice, era apenas o som de ferrugem sendo raspada da cinta.

O técnico dentro do poço soltou o freio e engatou as marchas. As engrenagens começaram a rodar, a corrente avançava.

A essa altura, muitos argelinos, egípcios e persas — talvez até mesmo algumas dançarinas de dança do ventre — se amontoavam nas plataformas de embarque da roda, que eram divididas em degraus para que, quando a roda se abrisse, fosse possível embarcar em seis cabines de cada vez. Todos estavam em silêncio.

Quando a roda começou a girar, porcas e parafusos soltos e algumas chaves inglesas despencaram da calota e dos raios.⁶ A roda tinha consumido 12.900 quilos de parafusos em sua montagem; era inevitável que alguém esquecesse alguma coisa.

Indiferentes a essa chuva de aço, os aldeões aplaudiram e começaram a dançar nas plataformas. Houve quem tocasse instrumentos. Os operários que haviam arriscado a vida construindo a roda voltaram a arriscá-la subindo na estrutura em movimento. “Nenhuma cabine tinha sido colocada no lugar”, contou Gronau, “mas isso não impediu os homens, pois eles escalaram pelos raios e se sentaram na roda, com a mesma facilidade com que estou sentado nesta cadeira.”⁷

A roda precisou de vinte minutos para completar uma rotação. Só quando ela concluiu a primeira volta, Gronau sentiu que o teste tinha sido bem-sucedido e nesse momento disse: “Eu poderia ter soltado um grito de alegria.”⁸

A sra. Ferris acenou com a mão. A multidão aplaudiu. Rice telegrafou para Ferris, que passara o dia inteiro aguardando notícias do teste, ficando mais ansioso a cada hora que passava. O escritório da Western Union em Pittsburgh recebeu o telegrama às 21h10, e o mensageiro de uniforme azul correu pela noite fria de primavera para entregá-lo a Ferris. Rice tinha escrito: “O último engate e ajuste final foram feitos, e o vapor, ligado às seis horas desta tarde uma rotação completa da grande roda foi realizada tudo funcionando satisfatoriamente vinte minutos levou a rotação — cumprimento-o pelo êxito total midway delirando de entusiasmo.”⁹

No dia seguinte, sábado, 10 de junho, Ferris telegrafou para Rice. “Seu telegrama declarando que a primeira rotação da roda foi feita noite passada às seis e que a mesma foi bem-sucedida em todos os sentidos provocou grande alegria em todo este grupo. Quero parabenizá-lo de todas as maneiras nessa questão e pedir que acelere a colocação das cabines trabalhando dia e noite — se não puder colocar as cabines à noite, ‘babbitt’ os rolamentos das cabines à noite para adiantar.”¹⁰ Nesse caso, “babbitt” sem dúvida significava que Rice deveria instalar as estruturas de metal que suportariam os rolamentos.

A roda tinha funcionado, mas Ferris, Gronau e Rice sabiam que testes muito mais importantes ainda estavam por vir. Naquele sábado, operários começariam a pendurar as cabines, com isso submetendo a roda à sua primeira pressão séria. Cada uma das 36 cabines pesava treze toneladas, perfazendo um total de quase 454 mil quilos. E isso não incluía os noventa mil quilos de carga viva adicional que seriam acrescentados quando os passageiros ocupassem as cabines.

No sábado, logo depois de receber o telegrama com os cumprimentos de Ferris, Rice respondeu dizendo que, na realidade, a primeira cabine já estava instalada.

Surpreendentemente, fora do Jackson Park o primeiro giro da roda de Ferris despertou pouquíssima atenção. A cidade, sobretudo seu *frappé set*, concentrara os interesses em outro acontecimento que se desenrolava no Jackson Park — a primeira visita da enviada especial da Espanha à feira, a infanta Eulalia, irmã mais nova do falecido rei Alfonso XII e filha da exilada rainha Isabel II.

A visita não estava indo bem.

A infanta tinha 29 anos e, nas palavras de um funcionário do Departamento de Estado, era “muito bonita, graciosa e inteligente”.¹¹ Chegara de trem de Nova York dois

dias antes e fora transportada de imediato para Palmer House e instalada na suíte mais luxuosa. Os entusiastas de Chicago viam sua visita como a primeira oportunidade verdadeira para demonstrar o novo refinamento da cidade e provar ao mundo, ou ao menos a Nova York, que Chicago sabia receber membros da realeza tão bem quanto sabia transformar cerdas de porco em pincéis de pintura. O primeiro sinal de que as coisas talvez não saíssem como planejado já deveria ter ficado evidente numa notícia telegrafada de Nova York por uma agência de notícias alertando o país para a escandalosa notícia de que a jovem fumava cigarros.

Na tarde do seu primeiro dia em Chicago, terça-feira, 6 de junho, a infanta tinha saído do hotel, anônima, acompanhada de sua leal dama de companhia e de uma assessora designada pelo presidente Cleveland. Adorou percorrer a cidade sem ser reconhecida pelos moradores. “Nada poderia ser mais divertido, na verdade, do que andar no meio de multidões de pessoas em movimento à minha volta, que estavam ocupadas lendo sobre mim nos jornais e olhando para um retrato mais ou menos parecido comigo”, escreveu ela.¹²

Visitou o Jackson Park pela primeira vez na quinta-feira, 8 de junho, o dia em que a roda de Ferris girou. O prefeito Harrison foi seu acompanhante. Multidões de estrangeiros aplaudiram-na enquanto ela passava pelo simples fato de ser uma herdeira real. Jornais a chamavam de Rainha da Feira, destacando sua visita na primeira página. Para ela, porém, era tudo muito cansativo. Invejava a liberdade que viu as mulheres de Chicago ostentarem. “Percebo, com certa amargura”, escreveu para a mãe, “que se este progresso algum dia chegar à Espanha será tarde demais para que eu possa aproveitá-lo.”¹³

Na manhã seguinte, sexta-feira, ela achou que tinha acabado de cumprir suas obrigações oficiais e que estava pronta para se divertir. Por exemplo, recusou um convite do comitê de cerimônias e, em vez disso, por capricho, foi almoçar na Aldeia Alemã.

A sociedade de Chicago, porém, estava apenas começando a se animar. A infanta pertencia à realeza e, que não houvesse dúvidas, ia receber tratamento real. Naquela noite, estava previsto que compareceria a uma recepção oferecida por Bertha Palmer na mansão Palmer, em Lake Shore Drive. Como parte dos preparativos, a sra. Palmer tinha mandado construir um trono num palanque.¹⁴

Intrigada com a semelhança entre o nome da anfitriã e o do hotel onde estava hospedada, a infanta fez algumas perguntas. Ao descobrir que Bertha Palmer era a esposa do dono do hotel, ela infligiu uma dilaceração social que Chicago jamais esqueceria, ou perdoaria. Declarou que em circunstância alguma seria recebida pela “mulher de um estalajadeiro”.¹⁵

Contudo, a diplomacia prevaleceu e ela concordou em ir à recepção. Seu humor, no

entanto, só piorava. Ao anoitecer, o calor do dia dera lugar a uma chuva forte. Quando Eulalia chegou à porta da sra. Palmer, seus chinelos brancos de cetim estavam empapados, e sua paciência com a cerimônia acabara. Só ficou uma hora e saiu às pressas.

No dia seguinte, faltou a um almoço oficial no Edifício da Administração e mais uma vez jantou, sem avisar, na Aldeia Alemã. Naquela noite, chegou com uma hora de atraso num concerto no Festival Hall da feira, oferecido exclusivamente em sua homenagem. O salão estava lotado, com pessoas das principais famílias de Chicago. Ela permaneceu cinco minutos.

O ressentimento começou a macular a cobertura jornalística da visita da infanta. No sábado, 10 de junho, o *Tribune* comentou, com desdém: “Sua Alteza... tem um jeito de descartar programas e seguir, independentemente, suas próprias inclinações.”¹⁶ Os jornais da cidade fizeram referência à sua propensão para agir de acordo com “sua própria e graciosa vontade”.

Na verdade, a infanta estava começando a gostar de Chicago. Tinha adorado o tempo que passara na feira e parecia gostar sobretudo de Carter Harrison. Presenteou-o com uma cigarreira de ouro incrustada de diamantes. Pouco antes de sua partida, marcada para quarta-feira, 14 de junho, escreveu para a mãe: “Vou deixar Chicago sentindo genuíno pesar.”¹⁷

Chicago não sentiu nenhum pesar por vê-la ir embora. Se tivesse apanhado um exemplar do *Chicago Tribune* naquela manhã de quarta-feira, teria lido um amargo editorial que começava assim: “Membros da realeza são, para republicanos, pessoas difíceis de lidar, na pior das hipóteses, e membros da realeza da modalidade espanhola os mais difíceis de todos... Têm o costume de chegar tarde e sair cedo, deixando por onde passam um sentimento geral de pesar por não terem chegado ainda mais tarde e saído ainda mais cedo, ou, talvez melhor ainda, por terem se dado ao trabalho de comparecer.”¹⁸

Entretanto, esse tipo de prosa emanava um inegável orgulho ferido. Chicago tinha preparado a mesa com suas melhores toalhas e seus cristais — não por grande respeito à realeza, mas para mostrar ao mundo como era fina a mesa que poderia montar —, tudo isso simplesmente para ver a convidada de honra trocar o banquete por um almoço de salsicha, chucrute e cerveja.

Nannie

ANNA WILLIAMS — “NANNIE” — chegou de Midlothian, Texas, em meados de junho de 1893. Enquanto o Texas era quente e poeirento, Chicago era fria e fumacenta, cheia de trens e de barulho. As irmãs se abraçaram entre lágrimas, uma elogiando a boa aparência da outra, e Minnie apresentou o marido, Henry Gordon. Harry. Era mais baixo do que as cartas tinham levado Anna a supor, e não tão bonito, mas havia algo que nem mesmo as cartas elogiosas de Minnie tinham capturado. Ele transpirava cordialidade e charme. Falava macio. Tocava-a de um jeito que a fazia olhar para Minnie como se pedisse desculpas. Harry ouviu o relato de sua viagem do Texas com tal atenção que ela se sentiu como se estivesse sozinha com ele no vagão. Anna não tirava os olhos dos dele.

A cordialidade, o sorriso e a óbvia afeição por Minnie afugentaram de imediato as suspeitas de Anna. Ele parecia mesmo apaixonado. Era cordial e incansável em seus esforços para agradar a mulher e, na realidade, para agradar Anna também. Comprou joias para presenteá-la. Deu a Minnie um relógio e uma corrente de ouro feitos especialmente pelo joalheiro da farmácia do térreo. Sem se dar conta, Anna começou a chamá-lo de “irmão Harry”.¹

Primeiro, Minnie e Harry levaram-na para conhecer Chicago.² Os grandes edifícios e as suntuosas mansões da cidade deslumbraram-na, mas a fumaça, a escuridão e o cheiro onipresente de lixo em decomposição lhe causaram repulsa. Holmes levou as irmãs à Union Stock Yards, onde um passeio guiado os conduziu ao coração do matadouro. O guia aconselhou-os a pisar com cuidado para não escorregarem no sangue. Eles observaram os porcos, numa procissão infundável, sendo suspensos pelos pés e logo levados, aos berros, pelo cabo para as câmeras de abate; lá, homens com facas encrostadas de sangue habilmente lhes cortavam a garganta. Os porcos, alguns ainda vivos, eram mergulhados num tanque de água fervendo, e submetidos a uma raspagem dos pelos — pelos esses que eram guardados em recipientes debaixo das mesas de raspagem. Ainda exalando vapor, cada porco ia passando de uma posição para outra, onde homens empapados de sangue executavam com uma faca as mesmas incisões, vezes sem conta, até que, à medida que o porco avançava, postas de carne úmida começavam a desabar com uma pancada surda nas mesas. Holmes não se comoveu nem um pouco; Minnie e Anna ficaram horrorizadas, mas ao mesmo tempo estranhamente fascinadas com a eficiência da carnificina. Os currais representavam tudo o que Anna ouvira falar sobre Chicago e seu impulso irresistível, até selvagem, em favor da riqueza e do poder.

A grande feira veio em seguida.³ Tomaram o trem no sentido Alley L ao longo da rua

63. Pouco antes de entrar na feira, a composição passava pela arena do Buffalo Bill's Wild West. De cima da elevada armação, viram o piso de terra batida da arena e a arquibancada em torno. Viram os cavalos, os búfalos e uma autêntica diligência. O trem passava por cima da cerca da feira e depois descia para o terminal nos fundos do Edifício dos Transportes. O irmão Harry comprou os ingressos, que custavam cinquenta centavos cada um. Nas catracas da feira, nem mesmo Holmes conseguiria passar sem pagar em dinheiro vivo.

Naturalmente, começaram a visita pelo Edifício dos Transportes. Viram a exposição “Ideal de Indústria”, da Pullman Company, com uma minuciosa maquete da cidade-sede da Pullman, que a empresa anunciava como um paraíso dos operários. No anexo do edifício, atulhado de trens e locomotivas, andaram ao longo de uma réplica fiel das composições da New York & Chicago Limited, com vagões Pullman dotados de cadeiras e carpetes de luxo, copos de cristal e paredes de madeira polida. No pavilhão da linha de navegação Inman destacava-se uma alta seção, em escala natural, de um transatlântico. Saíram do prédio pela grande Porta Dourada, que descrevia no vermelho-claro da fachada um arco-íris de ouro.

Naquele instante, pela primeira vez, Anna teve ideia da real e ampla escala da feira. À sua frente estendia-se uma larga avenida que contornava a lagoa e a Wooded Island pela esquerda, e as altas fachadas dos Edifícios das Minas e da Eletricidade pela direita. Ao longe, viu um trem passar depressa pelo elevado da ferrovia da exposição, totalmente eletrificada, ao longo do perímetro do parque. Mais perto, silenciosas lanchas elétricas deslizavam pela lagoa. Do outro lado da avenida, assomando como um penhasco nas montanhas Rochosas, ficava o Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais. Gaivotas brancas resvalavam por sua fachada. O prédio era irresistivelmente imenso. Holmes e Minnie levaram-na para lá em seguida. Do lado de dentro, ela viu que era ainda maior do que parecia visto de fora.

Uma névoa azulada de bafo humano e de poeira borrava a visão do intrincado aparato estrutural do teto, 75 metros acima. Na metade da altura, aparentemente soltos no ar, pendiam cinco gigantescos candelabros elétricos, os maiores já fabricados, cada um com 23 metros de diâmetro, gerando 828 mil velas de luminosidade. Embaixo dos candelabros espalhava-se uma cidade interior de “cúpulas douradas e resplandecentes minaretes, mesquitas, palácios, quiosques e pavilhões brilhantes”, de acordo com o popular *Guia da Exposição Colombiana Mundial*, da Rand, McNally & Co.⁴ No centro ficava uma torre de relógio, a mais alta das estruturas interiores, elevando-se 37 metros. O relógio, que dava corda automaticamente, informava o tempo em dias, horas, minutos e segundos, numa face que media dois metros de diâmetro. Apesar da altura da torre, o teto ainda ficava 38 metros acima.

Minnie ficou parada, radiante e orgulhosa, enquanto o olhar de Anna percorria a cidade interior e subia até o céu de aço. Haveria milhares de exposições. A perspectiva de ver ainda que fosse uma parte delas era desanimadora. Viram as tapeçarias Gobelin no pavilhão francês e a máscara moldada do rosto de Abraham Lincoln entre as exposições da American Bronze Company. Outras empresas americanas mostravam brinquedos, armas, bengalas, baús, todos os produtos manufaturados imagináveis — e uma grande variedade de petrechos para sepultamento, incluindo monumentos de mármore e pedra, mausoléus, cornijas, esquifes, caixões e demais ferramentas e acessórios para agente funerário.

Minnie e Anna logo se cansaram.⁵ Saíram, com alívio, para a sacada do lado do canal norte e foram andando até o pátio de honra. Ali, mais uma vez, Anna se sentiu quase esmagada. Já era meio-dia, o sol a pino. A forma dourada da Estátua da República, Big Mary, parecia uma tocha acesa. A bacia onde se assentava o pedestal da estátua emitia faíscas de diamante. Na extremidade oposta se erguiam treze colunas altas e brancas, o Peristilo, entremostrando pedaços do lago azul. A luz que se derramava sobre o pátio era tão abundante e intensa que machucava os olhos. Muitas pessoas ao redor usavam óculos de lente azul.

Retiraram-se para o almoço. As opções eram incontáveis. Havia lanchonetes na maioria dos edifícios principais. O Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais tinha dez, mais dois grandes restaurantes, um alemão, outro francês. O café no Edifício dos Transportes, numa varanda sobre a Porta Dourada, era sempre concorrido e oferecia uma vista espetacular do distrito da lagoa. Mais tarde Holmes comprou para elas chocolate, limonada e refrigerante num dos Hires Root Beer Oases espalhados pela área.

Iam à feira quase todos os dias, pois era voz corrente que se precisava de pelo menos duas semanas para conhecer tudo de maneira adequada. Um dos prédios mais atraentes, em razão da natureza da época, era o Edifício da Eletricidade. Em seu “teatrório” eles ouviam uma orquestra que tocava naquele exato momento em Nova York. Assistiam a imagens em movimento no cinetoscópio de Edison. Edison também mostrava um estranho cilindro de metal capaz de arquivar vozes. “Um homem na Europa conversa com a mulher nos Estados Unidos embalando numa caixa um cilindro repleto de falas e despachando-o pelo serviço de encomendas”, dizia o guia Rand, McNally. “Um amante fala durante uma hora num cilindro e sua namorada escuta como se as mil léguas que os separam fossem apenas um metro.”⁶

E viram a primeira cadeira elétrica.

Reservaram um dia só para o Midway. Nada no Mississippi ou no Texas tinha preparado Anna para o que via ali. Dançarinas executando a dança do ventre. Camelos. Um balão cheio de hidrogênio que carregava visitantes a mais de trezentos metros do

chão. “Persuasores” falavam com ela do alto de palanques para convencê-la a entrar no Palácio Mourisco,⁷ que contava com sala de espelhos, ilusões de ótica e um eclético museu de cera, onde visitantes encontravam figuras variadas como Chapeuzinho Vermelho e Maria Antonieta prestes a ser guilhotinada. Havia cores por toda parte. A Rua do Cairo refulgia de amarelo suave, rosa e roxo. Até os bilhetes de concessão acrescentavam pinceladas de cores — azul brilhante para o teatro turco, rosa para a aldeia lapônia, e lilás para as gôndolas venezianas.⁸

Lamentavelmente, a Roda de Ferris ainda não estava toda concluída.

Saíram do Midway e andaram devagar em direção ao sul, de volta para a rua 63 e a Alley L. Estavam cansados, felizes e saciados, mas Harry prometeu levá-las mais uma vez à feira — no Quatro de Julho, para ver os fogos de artifício, que todos esperavam que fossem os melhores que a cidade já tinha visto.

O irmão Harry parecia muito feliz com Anna e convidou-a para ficar durante o verão. Lisonjeada, ela escreveu para casa pedindo que seu grande baú fosse despachado para o endereço de Wrightwood.

Obviamente ela já esperava que isso fosse acontecer, pois tinha deixado o baú preparado.

Benjamin Pitezal, assistente de Holmes, também foi à feira. Comprou uma lembrancinha para o filho Howard — um homem de lata montado num pião. Logo esse se tornou o objeto favorito do menino.⁹

Medo de altura

À MEDIDA QUE os operários de Ferris se habituavam a lidar com as grandes cabines, o processo de prendê-las à roda se acelerava. Na noite de domingo, 11 de junho, seis já estavam penduradas — uma média de duas por dia desde o primeiro giro da roda.¹ Era hora de fazer o primeiro teste com passageiros, e o clima não poderia ser mais favorável. O sol estava dourado, o céu azul a leste.

A sra. Ferris insistiu em estar a bordo para o primeiro passeio, apesar das tentativas de Gronau de dissuadi-la. Gronau inspecionou a roda para ter certeza de que as cabines iam oscilar sem obstrução. O técnico no poço ligou o motor e girou a roda para trazer a cabine de teste até uma das plataformas. “Não entrei na cabine com a maior tranquilidade do mundo”, disse Gronau. “Fiquei meio enjoado, mas não podia recusar o passeio. Por isso fiz cara de valente e entrei.”²

Luther Rice foi com eles, assim como dois desenhistas e o ex-engenheiro de pontes da cidade de Chicago W. C. Hughes. Sua mulher e a filha também subiram a bordo.

A cabine oscilou suavemente quando os passageiros ocuparam suas posições. Ainda faltava instalar vidro nas janelas avantajadas — bem como as grades de ferro que cobririam o vidro. Logo que o último passageiro entrou, Rice fez um sinal para o técnico, e a roda começou a movimentar-se. Instintivamente, todos tentaram se agarrar a canos e peitoris para manter o equilíbrio.

Enquanto a roda girava, a cabine revolia em torno dos pinos que a conectavam à estrutura e a mantinham nivelada. “Como a nossa cabine nunca tinha dado uma volta”, disse Gronau, “os pinos se prendiam ligeiramente aos rolamentos, provocando um barulho de trituração que, na condição em que estavam nossos nervos, não era muito agradável de ouvir.”³

A cabine subiu um pouco, parou inesperadamente, e todos se perguntaram como desembarcariam se a roda não pudesse mais girar.⁴ Rice e Gronau foram até a janela sem vidro para investigar. Olhando para baixo por cima do peitoril identificaram o problema: ao ver os passageiros na primeira cabine, a crescente multidão de espectadores tinha tomado coragem pulado para a seguinte, ignorando os gritos de advertência. Temeroso de que alguém se machucasse ou morresse, o técnico parara a roda e deixara os passageiros embarcarem.

Gronau calculou que devia haver umas cem pessoas na cabine inferior. Ninguém tentou expulsá-los. A roda voltou a movimentar-se.

Ferris criara mais do que uma simples novidade de engenharia. Como os inventores do elevador, havia provocado uma sensação física inteiramente nova. A primeira reação de Gronau — que logo mudaria — foi de decepção.⁵ Esperava sentir alguma coisa parecida com o que sentia quando andava num elevador rápido, mas descobriu que, se olhasse direto para a frente, não sentiria quase nada.

Gronau ficou parado numa extremidade da cabine para ver melhor como ela se comportava e observar o movimento da roda. Quando olhou pela lateral para a trama de raios passando, a rápida ascensão da cabine tornou-se perceptível: “...Era como se tudo estivesse caindo e a cabine estivesse parada. Ficar em pé num dos lados e olhar para a trama de raios multiplicava essa sensação peculiar...”⁶ Aconselhou aos fracos de estômago que não o imitassem.

Quando a cabine atingiu o ponto mais alto, oitenta metros acima do chão, a sra. Ferris subiu na cadeira e aplaudiu, provocando um urro em resposta na outra cabine e no chão.

Logo, porém, os passageiros se calaram. A novidade da sensação desapareceu, e a verdadeira força da experiência ficou evidente.

“Era uma vista linda que tínhamos na descida da cabine, pois naquele momento toda a feira se estendia diante de nós”, contou Gronau. “A vista é tão grandiosa que meu temor sumiu e deixei de prestar atenção no movimento da cabine.”⁷ O sol começara sua própria descida e agora lançava uma luz alaranjada na paisagem da orla. “O porto estava pontilhado de navios de todos os tipos, que da nossa posição elevada eram pouco mais do que pequenas manchas, e o reflexo dos raios do belo pôr do sol irradiava brilho no cenário ao redor, compondo um quadro adorável.” Todo o parque surgiu como uma intrincada paisagem de cor, textura e movimento. Lagoas da cor de lápis-lazúli. Lanchas elétricas arrastando véus de diamante. Florações carmesins cintilando em juncos e íris. “A vista era tão inspiradora que todas as conversas cessaram, e todo mundo se perdeu na admiração da cena magnífica. Eu nunca tinha visto nada igual, e duvido muito que volte a ver.”

O devaneio foi quebrado quando mais parafusos e porcas caíram da superestrutura no teto da cabine.

Espectadores ainda conseguiram driblar os guardas e entrar nas outras cabines, porém Gronau e Rice não se importavam mais. O técnico do poço manteve a roda girando até que a luz minguante tornou perigosa a operação, mas mesmo assim aqueles que

buscavam emoções fortes suplicaram uma chance. Finalmente, Rice informou a todos os que tinham entrado à força nas cabines que se não saíssem ele giraria a roda e os deixaria lá no alto até de manhã. “Isso funcionou”, disse Gronau.⁸

Assim que saiu, a sra. Ferris telegrafou para o marido com pormenores do êxito. Ele telegrafou em resposta: “Deus a abençoe, minha querida.”⁹

No dia seguinte, segunda-feira, 12 de junho, Rice passou um telegrama para Ferris: “Mais seis cabines penduradas hoje. As pessoas estão loucas para andar na roda e uma força extra de guardas é necessária para controlá-las.”¹⁰ Na terça-feira, o total de cabines penduradas chegou a 21, faltando apenas quinze.

Burnham, sempre obcecado com detalhes, tentou determinar por decreto qual seria o estilo da cerca da roda e por onde deveria passar. Queria uma cerca aberta, perfurada. Já Ferris queria que fosse fechada.

O engenheiro estava farto das pressões e da interferência estética de Burnham. Telegrafou para Luther Rice: “...Nem Burnham nem ninguém mais tem o direito de ditar se faremos uma cerca fechada ou aberta, não mais do que do ponto de vista artístico.”¹¹

Ferris venceu. Acabaram construindo uma cerca fechada.

Todas as cabines foram enfim penduradas, e a roda estava pronta para receber os primeiros passageiros pagantes. Rice queria começar a operá-la já no domingo, 18 de junho, dois dias antes do planejado, mas diante das circunstâncias, com a roda prestes a ser submetida ao maior teste — uma carga total de passageiros pagantes, incluindo famílias inteiras —, o conselho administrativo de Ferris recomendou-lhe que esperasse mais um dia. Passaram o seguinte telegrama para ele: “Insensato abrir a roda ao público antes do dia da abertura, por estar incompleta e pelo risco de acidentes.”¹²

Ferris aceitou o argumento, mas com relutância. Pouco antes de partir para Chicago, telegrafou para Rice: “Se o conselho administrativo decidiu não operar até quarta-feira você deve seguir a recomendação deles.”¹³

É provável que o conselho tivesse sido influenciado por um acidente ocorrido na quarta-feira anterior, 14 de junho, na Ferrovia do Gelo do Midway, um trilho elíptico de gelo pelo qual dois trenós acoplados, cheios de passageiros, poderiam atingir 65 quilômetros por hora na descida. Os proprietários haviam acabado de montar a atração e começado a realizar os primeiros testes com passageiros, todos funcionários, quando um grupo de espectadores ocupou à força os trenós, oito no primeiro, seis no segundo. Três

dos intrometidos eram do grupo de argelinos de Bloom, que tinham ido à ferrovia, segundo um deles, porque “nenhum de nós nunca tinha visto gelo”, o que era difícil de acreditar, uma vez que os argelinos haviam acabado de passar por um dos invernos mais frios de Chicago.

Por volta das 18h45, o operador soltou os trenós, que não tardaram a disparar no gelo como foguetes à velocidade máxima. “Foi mais ou menos no pôr do sol que ouvi os trenós se aproximarem da curva”, contou um guarda colombiano que assistiu à descida. “Pareciam voar. O primeiro fez a curva. Atingiu o ângulo perto da extremidade oeste da pista, mas seguiu em frente. O segundo atingiu o mesmo ponto, mas saltou do trilho. O topo do trenó, com pessoas agarradas com força às cadeiras, quebrou a grade e caiu no chão. Ao cair, o trenó virou e as pessoas caíram embaixo dele.”¹⁴

O trenó despencou de uma altura de quatro metros e meio. Um passageiro morreu; uma mulher fraturou o maxilar e os dois punhos. Outros quatro homens, incluindo dois argelinos, sofreram contusões.

O acidente fora trágico, uma mancha na reputação da feira, mas todos compreendiam que a Roda de Ferris, com 36 cabines transportando mais de dois mil passageiros, tinha potencial para uma catástrofe em escala quase inimaginável.

Procuram-se pagãos

APESAR DE SUAS dúvidas e apreensões, Olmsted deixou nas mãos de Ulrich a tarefa de concluir a obra paisagística da exposição e adotou um penoso cronograma de viagens e trabalho que o levou a dezesseis estados. Em meados de junho, estava de volta à propriedade dos Vanderbilts na Carolina do Norte. Pelo caminho, em vagões, estações e hotéis, pedia a opinião de estranhos sobre a feira, escondendo a própria identidade. O pouco público deixava-o perturbado e perplexo. Perguntava às pessoas se já tinham visitado a feira e, se tinham, o que acharam, mas interessava-se especialmente pela opinião daqueles que ainda não haviam ido — o que ouviam dizer, se planejavam ir, o que os impedia de ir.¹

“Em toda parte há um interesse crescente pela exposição”, disse ele a Burnham numa carta enviada de Biltmore em 20 de junho.² “Em toda parte vi indícios de que as pessoas planejam ir.” Relatos em primeira mão sobre a feira começavam a despertar um vivo interesse. Clérigos que a tinham visto falavam da feira em sermões e palestras. Ele ficou muito feliz de saber que o que mais agradava os visitantes não eram as exposições, mas os edifícios, os canais e o cenário, e que a feira havia sido uma agradável surpresa. “Os que estiveram lá, de modo geral, encontraram mais do que esperavam... com base na leitura dos jornais.” E concluiu: “Há uma maré montante de entusiasmo no país.”

Contudo, ele percebeu que outros fatores exerciam uma força contrária. Embora os relatos pessoais sobre a feira fossem entusiásticos, escreveu Olmsted, “quase sempre há referências ao fato de que nem tudo está pronto, alimentando a ideia de que ainda falta fazer muita coisa e que o show ficará melhor mais tarde”. Agricultores planejavam aguardar até depois da época da colheita. Muita gente tinha adiado a visita na expectativa de que a grave crise econômica do país e as pressões do Congresso acabassem obrigando as ferrovias a baixarem o preço das tarifas para Chicago. O clima também era um problema. Convencidas de que Chicago era quente demais em julho e agosto, as pessoas estavam deixando para ir no outono.

Um dos fatores mais desfavoráveis, segundo Olmsted, era o medo generalizado de que qualquer um que se aventurasse a ir a Chicago seria “impiedosamente depenado”, sobretudo nos diversos restaurantes da feira, com seus preços “extorsivos”. “Essa queixa é universal, e mais forte do que vocês em Chicago imaginam, tenho certeza”, disse ele a Burnham. “Vem tanto dos ricos como dos pobres... Acho que eu mesmo paguei dez vezes mais caro por um almoço na exposição do que poucos dias atrás, por um almoço da mesma qualidade, em Knoxville, Tennessee. A frugal classe agrícola que ainda não foi à

feira sentirá muito isso.”

Olmsted tinha outro motivo para se preocupar com os altos preços das refeições. “O efeito”, escreveu ele, “será induzir as pessoas a levarem cada vez mais sua própria comida e, com isso, jogarem cada vez mais papéis e restos de comida no chão.”

Era fundamental agora, afirmou Olmsted, concentrar-se em providências que ressaltassem o lado positivo das histórias que as pessoas levavam de volta para suas cidades de origem. “É esta a propaganda que mais precisa ser desenvolvida neste momento, a do nervoso e contagiante entusiasmo provocado pela excelência: sendo que o problema não é saber se as pessoas ficarão satisfeitas, mas até que ponto serão tomadas de admiração e infectarão as outras por seu inesperado contentamento com aquilo que encontraram.”

Escreveu ainda que certos defeitos óbvios exigiam atenção imediata. Os caminhos de cascalho da exposição, por exemplo: “Não há praticamente um metro quadrado de cascalho que seja admirável, ou transitável, em todo o terreno da exposição”, escreveu ele. “Parece-me provável que nem o empreiteiro nem o inspetor, cuja função é fazer o empreiteiro cumprir suas obrigações, jamais tenham visto um caminho de cascalho decente ou que tenham a menor ideia do que seja um bom caminho de cascalho. E quais são os defeitos dos seus caminhos?” — *Seus* caminhos, diz ele aqui, não *meus* ou *nossos*, embora os caminhos fossem de responsabilidade do seu próprio departamento paisagístico — “Em alguns lugares, há paralelepípedos ou pequenos pedregulhos protuberantes na superfície, onde nenhuma senhora, com calçados de verão, pode andar sem sentir dor. Em outros lugares, o material de superfície é tão ruim que, quando está úmido o suficiente para aderir fica limoso e conseqüentemente desagradável para caminhar; além disso, sem o devido cuidado, o limo acaba sujando sapatos e vestidos, o que compromete bastante o conforto das senhoras.” Sua viagem à Europa lhe mostrara que um caminho de cascalho bom de verdade “deve ser nivelado e limpo como o piso de uma sala de visitas”.

A limpeza do chão também estava muito aquém dos padrões europeus, como ele temia. Havia lixo por toda parte, e muito poucos homens encarregados de fazer a coleta. A feira precisava do dobro, explicou ele, e de maior fiscalização desse trabalho. “Vi papéis aparentemente varridos de terraços e jogados nas moitas de arbusto entre os edifícios e as lagoas”, escreveu Olmsted. “Esse tipo de embuste num funcionário contratado para cuidar da limpeza dos terraços deveria ser considerado infração penal.”

Incomodava-o também o barulho de alguns barcos a vapor que Burnham, a despeito de suas reiteradas objeções, autorizara a percorrer as águas da exposição, ao lado das lanchas elétricas. “Os barcos são ruins, nada graciosos, desajeitados, tão deslocados no local que as pessoas passaram a chamar de ‘pátio de honra’ quanto uma vaca num

jardim.”

A maior preocupação de Olmsted, porém, era que o principal trecho da exposição no Jackson Park simplesmente não tivesse graça nenhuma. “Parece muito um passeio impaciente e cansado feito só por obrigação. Uma tarefa a cumprir antes de chegar a hora de ir para casa. A multidão tem um ar melancólico nesse sentido, e árduas medidas deveriam ser tomadas para corrigir o problema.”

Assim como Olmsted procurava criar uma aura de mistério em sua paisagem, aqui ele recomendou a preparação de momentos encantadores que parecessem acidentais. Os concertos e desfiles ajudavam, mas eram de natureza demasiado “declarada ou programada”. O que Olmsted queria eram “incidentes menores... de um caráter menos evidentemente preparado; menos formais, mais aparentemente espontâneos e casuais”. Imaginava trompistas franceses na Wooded Island, sua música flutuando pelas águas. Queria lanternas chinesas penduradas em barcos e pontes. “Por que não mascarados pulando e dançando com pandeiros, como os que se veem na Itália? Até mesmo vendedores ambulantes de limonada poderiam ser úteis se ficassem andando de um lado para o outro em trajes pitorescos; ou vendedores de bolo, aparecendo como cozinheiros, de boina, vestindo branco imaculado da cabeça aos pés?” Nas noites em que grandes eventos atraíssem visitantes do Midway para o Jackson Park, “muitos indivíduos das muitas variedades de ‘pagãos’, negros, brancos e amarelos, não poderiam ser contratados sem grandes custos para se misturarem, discretamente, mas em trajes nativos completos, com a multidão no pátio principal?”.

Quando Burnham leu a carta, deve ter pensado que Olmsted perdera o juízo. Burnham tinha dedicado os últimos dois anos de sua vida a criar uma impressão de beleza monumental, e agora vinha Olmsted com essa ideia de fazer os visitantes rirem. O que Burnham queria era que ficassem mudos de admiração. Não haveria nem saltos nem danças. Nada de pagãos.

A exposição era uma cidade de sonho, mas era o sonho de Burnham. Em toda parte ela refletia os traços autoritários da sua personalidade, da fartura de policiais à proibição de apanhar flores. Em nenhum outro lugar isso ficava mais evidente do que nas restrições da feira às fotografias não autorizadas.

Burnham tinha dado a um único fotógrafo, Charles Dudley Arnold, o monopólio da venda de fotografias oficiais da feira, acordo que também teve como efeito assegurar a Burnham o controle das imagens que foram distribuídas pelo país e que explica por que pessoas asseadas, bem-vestidas, de classe alta tendem a ocupar as cenas. Um segundo empreiteiro recebeu o direito exclusivo de alugar Kodaks para os visitantes — a Kodak

era a nova câmera portátil que eliminava a necessidade de ajustes de lente e obturador. Em honra da feira, a Kodak deu à versão dobrável de sua popular câmera modelo N° 4, em forma de caixa, o nome de Columbus. As fotografias tiradas por essas novas câmeras ficaram logo conhecidas como “snap-shots” [instantâneos], termo usado originalmente por caçadores ingleses para descrever um tiro rápido de espingarda. Quem quisesse entrar na feira com sua própria câmera tinha de pagar 2 dólares pela autorização, valor fora do alcance da maioria dos visitantes; a Rua do Cairo no Midway impôs uma taxa adicional de 1 dólar. Um fotógrafo amador que trouxesse uma câmera grande convencional e o indispensável tripé pagava 10 dólares, mais ou menos o que muitos visitantes de fora gastavam num dia inteiro na feira, incluindo hospedagem, refeições e ingressos.

Apesar da obsessão de Burnham por detalhes e controle, um evento lhe passou despercebido. Em 17 de junho, um pequeno incêndio ocorreu no Edifício de Conservação a Frio, construção parecida com um castelo no canto sudoeste do terreno, erguida pela Hercules Iron Works.³ Sua função era produzir gelo, guardar os produtos perecíveis dos expositores e dos restaurantes e operar uma pista de gelo para visitantes desejosos de experimentar a novidade de patinar em julho. O edifício era de iniciativa privada: Burnham nada teve a ver com sua construção além de aprovar o projeto. Curiosamente, o nome do arquiteto responsável era Frank P. Burnham, que não era parente seu.

O incêndio começou na cúpula, no topo da torre central, mas logo foi controlado e causou um prejuízo de apenas 100 dólares. Apesar disso, fez com que as seguradoras examinassem melhor o edifício, e o que viram as assustou. Um elemento-chave do projeto não tinha sido instalado. Sete seguradoras cancelaram suas apólices. O encarregado do serviço de prevenção de incêndios Edward W. Murphy, chefe interino do corpo de bombeiros da feira, disse a um comitê de seguradoras: “Aquele prédio nos dá mais problemas do que qualquer construção na área. É uma maldita armadilha e não vai demorar a virar fumaça.”⁴

Ninguém contou nada a Burnham sobre o incêndio, ninguém lhe falou dos cancelamentos, e ninguém lhe contou da previsão de Murphy.

Até que enfim

ÀS TRÊS E meia da tarde de quarta-feira, 21 de junho de 1893, com 51 dias de atraso, George Washington Gale Ferris ocupou um lugar no palanque construído na base de sua roda.¹ A banda estadual de Iowa, com seus quarenta instrumentos, já tinha embarcado numa das cabines e começou a tocar “My Country ’Tis of Thee”. O prefeito Harrison juntou-se a Ferris no palanque, assim como Bertha Palmer, e toda a câmara municipal de Chicago, além de numerosos funcionários da feira. Burnham aparentemente não participou.

As cabines estavam todas envidraçadas, e grades de arame tinham sido colocadas nas janelas, de modo que, como disse um repórter, “nenhum maluco terá oportunidade de cometer suicídio na roda, nenhuma mulher histérica saltará da janela”.² Condutores treinados para tranquilizar passageiros com medo de altura postavam-se, impecavelmente uniformizados, junto à porta de cada cabine.

A banda ficou em silêncio, a roda parou. Seguiram-se discursos. Ferris foi o último a ocupar o púlpito e alegremente assegurou à plateia que o homem condenado por ter “rodas na cabeça”³ conseguira tirá-las de lá para instalar no coração do Midway Plaisance. Atribuiu o êxito da iniciativa à mulher, Margaret, em pé ao seu lado no palanque. E dedicou a roda aos engenheiros dos Estados Unidos.

A sra. Ferris deu-lhe um apito de ouro e então, juntamente com o marido e outros dignitários, subiu na primeira cabine. Harrison usava seu chapéu de feltro prego.

Quando Ferris soprou o apito, a banda estadual de Iowa atacou “América”, e a roda começou outra vez a girar. O grupo deu várias voltas tomando champanhe e fumando charutos, depois saiu da roda sob os aplausos da multidão que se reunira junto à base. E os primeiros passageiros pagantes embarcaram.

A roda continuou girando, parando apenas para embarcar e desembarcar, até as onze da noite. Mesmo com todas as cabines lotadas, ela jamais vacilou e seus rolamentos não rangeram.

A Ferris Company não hesitou em promover o sucesso do fundador. Num panfleto ilustrado sob o título de “Lembrança da Roda de Ferris”, a empresa escreveu o seguinte: “Construída a despeito de cada obstáculo, essa realização confere tanta credibilidade ao inventor que, se o sr. Ferris fosse súdito de uma Monarquia, e não cidadão de uma grande República, seu honesto coração pulsaria sob um peito pejado de condecorações reais.”⁴ Ferris não resistiu à tentação de cutucar a companhia da exposição por não lhe ter dado a concessão antes. “A incapacidade de reconhecer sua importância”, dizia o

suvenir, “custou à companhia da exposição milhares de dólares.”

Ainda era dizer pouco. Tivesse a companhia da exposição honrado a concessão original de junho de 1892, em vez de esperar quase seis meses mais, a roda teria ficado pronta para a abertura da feira, em 1º de maio. A exposição não perdeu só sua parte de 50% na renda da roda durante esses 51 dias — perdeu também o impulso na frequência geral que a roda provavelmente teria dado e que Burnham desejava com tanto desespero. Em vez disso, ela ficou um mês e meio parada, como anúncio vivo do estado incompleto da feira.

Os temores sobre a segurança persistiram, e Ferris fez o possível para dissipá-los. O panfleto dizia que a lotação completa de passageiros “influenciaria tanto o movimento ou a velocidade quanto se os passageiros fossem moscas” — comparação estranhamente indelicada. E acrescentava: “Na construção dessa grande roda, todos os perigos concebíveis foram calculados e todas as medidas, tomadas para preveni-los.”

O problema é que Ferris e Gronau tinham trabalhado bem demais. O design era tão elegante, tão hábil em explorar a força de finos fios de aço, que a roda parecia incapaz de suportar as pressões exercidas sobre ela. Talvez fosse segura, mas não parecia.

“Na verdade, parece leve demais”, observou um repórter. “Fica-se com medo de que as delgadas hastes que apoiam o enorme peso da roda sejam muito frágeis para essa tarefa. É impossível não pensar no que aconteceria se um vento forte varresse a pradaria e atingisse a construção de lado. Aquelas finas hastes seriam suficientes para aguentar não só o enorme peso da estrutura e dos dois mil passageiros que estivessem nas cabines, mas também a pressão do vento?”⁵

Em três semanas, essa pergunta seria respondida.

Maré montante

E DE REPENTE eles começaram a chegar. O entusiasmo que Olmsted identificara durante suas viagens, embora longe de constituir um maremoto, finalmente parecia estar impulsionando visitantes para o Jackson Park. No fim de junho, embora as ferrovias ainda não tivessem baixado as tarifas, o número de pagantes que visitavam a exposição tinha mais que dobrado, elevando a média mensal dos desanimados 37.501 de maio para 89.170.¹ Ainda era bem abaixo dos duzentos mil visitantes diários com que os organizadores da feira sonhavam, mas a tendência era encorajadora. De Englewood até o Loop, os hotéis enfim começaram a lotar. O Roof Garden Café, no Edifício das Mulheres, passara a atender duas mil pessoas por dia, dez vezes mais do que no Dia da Abertura.² O volume de lixo resultante sobrecarregou seu sistema de descarte, que consistia em zeladores rolando grandes barris de detritos fétidos pelos mesmos três lances de escadas usados pelos frequentadores. Os zeladores não podiam usar elevadores, pois Burnham mandara desligá-los ao anoitecer a fim de conservar energia para a iluminação da feira. Com o acúmulo de manchas e mau cheiro, o gerente do restaurante construiu uma rampa no telhado e ameaçou jogar o lixo direto nos preciosos gramados de Olmsted.

Burnham revogou a ordem.

A feira se tornara tão intensamente atraente que uma mulher, a sra. Lucille Rodney, de Galveston, Texas, percorreu a pé dois mil quilômetros, andando ao longo de trilhos ferroviários, para visitá-la.³ “Não vamos mais chamá-la de Cidade Branca à Beira do Lago”, escreveu sir Walter Besant, o historiador e romancista inglês, na *Cosmopolitan*, “mas de Terra dos Sonhos.”⁴

Até Olmsted parecia satisfeito, ainda que tivesse suas críticas, é claro. Ele também quisera gerenciar as primeiras impressões dos visitantes num ponto central de entrada. O fracasso dessa ideia, escreveu numa crítica formal para *The Inland Architect*, “tirou muito” do valor da feira, embora ele tenha se apressado a acrescentar que fazia suas críticas “nem um pouco como quem reclama”, mas como um profissional que oferece conselhos a outros que porventura se vejam diante de problema semelhante.⁵ Ainda queria que a Wooded Island tivesse sido deixada de lado e condenou a proliferação não planejada de prédios de concessões que “interceptavam vistas e perturbavam espaços destinados a servir de alívio aos olhares diante da quase constante demanda de atenção para os edifícios da exposição”. O efeito, escreveu ele, “foi ruim”.

No geral, porém, estava satisfeito, sobretudo com o processo de construção. Escreveu: “Realmente acho muito satisfatório e estimulante que tenha sido possível recrutar e

organizar com tamanha rapidez tantos homens com instrução técnica e habilidade e que eles tenham trabalhado tão bem juntos e num curto prazo. Acho notável ter havido tão poucos atritos, tão poucas manifestações de ciúme, inveja e combatividade, como foi o caso durante o curso dessa iniciativa.”

Atribuía essa circunstância a Burnham: “Impossível exagerar o valor da diligência, da habilidade e do tato com que esse resultado foi alcançado pelo mestre de nós todos.”

Os visitantes usavam suas melhores roupas, como para ir à igreja, e se comportavam surpreendentemente bem. Nos seis meses da feira a guarda colombiana fez apenas 2.929 prisões, cerca de dezesseis por dia, em geral por desordem, pequenos furtos e roubos de carteira — nesses casos, os batedores de carteira davam preferência ao sempre concorrido aquário da feira.⁶ A guarda identificou 135 ex-condenados, alijando-os da feira. Emitiu trinta multas por portarem câmeras Kodak sem permissão, 37 por tirarem fotos sem autorização. Também investigou o caso de três fetos encontrados no terreno; um detetive da Pinkerton “atacando frequentadores” no Pavilhão da Tiffany; e um “zulu agindo de modo impróprio”. Em seu relatório oficial a Burnham, o coronel Rice, comandante da guarda, escreveu: “Com dezenas de milhares de empregados e milhões de visitantes, é preciso reconhecer que nosso sucesso foi fenomenal.”⁷

Com tanta gente espremida entre máquinas a vapor, rodas gigantescas, veículos de bombeiro puxados a cavalo e trenós em disparada, as ambulâncias supervisionadas por um médico chamado Gentles estavam constantemente levando visitantes machucados, ensanguentados e muito agitados ao hospital da exposição. Durante a existência da feira, o hospital tratou 11.602 pacientes, 64 por dia, por ferimentos e doenças que sugeriam que os sofrimentos mundanos das pessoas não tinham mudado muito no decorrer das eras.⁸ A lista incluía:

- 820 casos de diarreia;
- 154 de gripe;
- 21 de hemorroidas;
- 434 de indigestão;
- 365 corpos estranhos nos olhos;
- 364 com fortes dores de cabeça;
- 594 episódios de desmaio, síncope e exaustão;
- 1 caso de flatulência extrema;
- e 169 envolvendo dentes que doíam como diabo.

Uma das delícias da feira era não saber nunca quem poderia de repente estar ao nosso lado na Vênus de Milo de chocolate, numa exposição de carros funerários ou debaixo do cano do monstro de Krupp; ou quem poderia sentar-se à mesa ao lado no Restaurante Big Tree, no Filadélfia Café ou do White Horse Inn, réplica do pub descrito por Dickens em *As aventuras do sr. Pickwick*; ou quem poderia, de repente, agarrar nosso braço a bordo da Roda de Ferris quando a cabine comesse a subir. O arquiduque Francisco Ferdinando, descrito por um acompanhante como “meio grosseiro, meio sovina”,⁹ percorria a área incógnito — mas preferia de longe as zonas boêmias de Chicago. Índios que já tinham usado machadinhas para desnudar o crânio de homens brancos saíam do complexo de Buffalo Bill, assim como Annie Oakley e grupos de cossacos, hussardos, lanceiros e membros da Sexta Cavalaria dos Estados Unidos, de licença temporária para atuarem no espetáculo do coronel Cody. O chefe Urso em Pé andou na Roda de Ferris com seu cocar cerimonial, as duzentas penas imaculadamente em ordem. Outros índios montavam os cavalos de madeira envernizados do carrossel do Midway.

Havia Ignacy Jan Paderewski, Harry Houdini, Nikola Tesla, Thomas Edison, Scott Joplin, Clarence Darrow, um professor de Princeton chamado Woodrow Wilson e uma senhora gentil, num vestido de seda negra estampado com não-me-esqueças azuis, chamada Susan B. Anthony. Burnham encontrou-se com Teddy Roosevelt para almoçar. Durante anos depois da feira, Burnham ainda usava a exclamação “Bully!” [Bravo!]. Diamond Jim Brady jantou com Lillian Russell e se entregou à sua paixão por milho verde.

Ninguém viu Mark Twain. Ele foi a Chicago ver a feira, mas adoeceu e ficou onze dias trancado em seu quarto de hotel, depois foi embora sem jamais ter visto a Cidade Branca.

Logo ele.

Encontros inesperados produziam mágica.

Frank Haven Hall, superintendente da Instituto para a Educação dos Cegos de Illinois, apresentou um novo dispositivo que fazia placas para imprimir livros em braille.¹⁰ Anteriormente, Hall tinha inventado uma máquina capaz de datilografar em braille, que nunca patenteou por achar que o lucro não deveria macular a causa da defesa dos cegos. Ele estava ao lado de sua mais nova máquina quando uma menina cega e sua acompanhante se aproximaram. Ao saber que Hall era o inventor da máquina de escrever que ela usava com tanta frequência, a menina passou os braços em volta do pescoço dele e lhe deu um grande abraço e um beijo.

A partir daquele momento, sempre que Hall contava como conhecera Helen Keller,

seus olhos se enchiam de água.

Certo dia, quando o conselho de administradoras discutia se deveria apoiar ou se opor à abertura da feira aos domingos, um zangado sabatariano enfrentou Susan B. Anthony no saguão do Edifício das Mulheres, contestando seu argumento de que a feira deveria permanecer aberta. (Anthony não era administradora e portanto, apesar de sua importância nacional, não poderia participar das reuniões do conselho.) Utilizando-se da analogia mais chocante que foi capaz de imaginar, o religioso perguntou a Anthony se ela preferia que um filho dela comparecesse num domingo ao espetáculo de Buffalo Bill em vez de ir à igreja.

Sim, respondeu ela. “Ele aprenderia muito mais.”¹¹

Para os devotos, essa permuta confirmou a maldade fundamental do movimento sufragista de Anthony. Quando Cody soube disso, achou tão divertido que imediatamente mandou a Anthony um bilhete de agradecimento e um convite para assistir ao espetáculo.¹² Ofereceu-lhe um camarote em qualquer apresentação que quisesse.

No começo do show, Cody entrou na arena montado, os longos cabelos grisalhos flutuando debaixo do chapéu branco, o enfeite prateado do paletó branco refulgindo ao sol. Fez o cavalo galopar e se dirigiu ao camarote de Anthony. A plateia perdeu o fôlego.

Ele parou o cavalo, espirrando terra e poeira, tirou o chapéu e com um gesto impetuoso curvou-se até quase encostar a cabeça na lua da sela.

Anthony se levantou, respondeu à medida e — “entusiasmada como uma menina”, segundo palavras de um amigo — acenou com o lenço para Cody.¹³

O significado do momento não escapou a ninguém. Ali estava um dos maiores heróis do passado americano saudando uma das principais heroínas do futuro. O encontro fez a audiência levantar-se numa trovoadas de aplausos e aclamações.

Talvez a fronteira tivesse finalmente cerrado suas portas, como proclamou Frederick Jackson Turner em seu histórico discurso na feira, mas naquele momento, estava ali, faiscando ao sol, como o rastro de uma lágrima vertida.

Houve tragédias.¹⁴ Os britânicos enrolaram sua elaborada maquete do navio H.M.S. *Victoria* em bandeira negra. Em 22 de junho de 1893, durante manobras na costa de Trípoli, essa maravilha da tecnologia naval fora abalroada pelo H.M.S. *Camperdown*. O comandante do *Victoria* ordenou que o navio seguisse à velocidade máxima para terra,

numa tentativa de encalhá-la em cumprimento das ordens dadas à frota para facilitar o içamento de navios afundados. Dez minutos depois, com as máquinas ainda a todo vapor, o cruzador adernou e foi a pique, ainda com boa parte da tripulação presa abaixo do convés. Outros tripulantes, que tiveram a sorte de pular, acabaram golpeados pelas hélices ou mortalmente queimados na explosão das caldeiras. “Ouviram-se guinchos e berros, e na espuma branca apareceram braços e pernas vermelhos e corpos torcidos e despedaçados”, segundo a descrição de um repórter. “Troncos sem cabeça foram lançados para fora do torvelinho, flutuaram por um tempo na superfície e sumiram de vista.”

O acidente custou quatrocentas vidas.

A Roda de Ferris logo se tornou a atração mais popular da exposição. Milhares de pessoas andavam nela todos os dias. Na semana que começou no dia 3 de julho, Ferris vendeu 61.395 bilhetes, no valor bruto de 30.697,50 dólares.¹⁵ A companhia da exposição ficava com mais ou menos metade, deixando para Ferris um lucro operacional para aquela semana de 13.948 dólares (equivalente a cerca de 400 mil dólares hoje).

Ainda havia dúvidas sobre a segurança da roda, e corriam histórias infundadas sobre suicídios e acidentes, incluindo uma que alegava que um cãozinho pug assustado tinha morrido ao pular da janela de uma cabine. Mentira, informou a Ferris Company; a história fora inventada por um repórter, “parco de notícias e rico de invenção”.¹⁶ Mas, se não fosse pelas janelas e grades da roda, sua crônica poderia ter sido diferente. Durante um passeio, um latente terror de altura de repente tomou conta de um homem chamado Wherritt, que normalmente era calmo. Ele ia muito bem até que a cabine começou a se movimentar. Quando ela subiu, o homem se sentiu mal e quase desmaiou. Não havia como pedir ao técnico lá embaixo que parasse a roda.

Wherritt cambaleou, apavorado, de um lado para o outro da cabine, empurrando os passageiros à sua frente como se fossem “ovelhas assustadas”, segundo um relato.¹⁷ Ele começou a se jogar contra as paredes com tamanha força que entortou um pedaço do ferro de proteção. O condutor e outros homens tentaram detê-lo, porém ele os afastou com um empurrão e correu para a porta. Seguindo os procedimentos operacionais da roda, o condutor tinha trancado a porta no início da viagem. Wherritt sacudiu-a e quebrou o vidro, mas não conseguiu abri-la.

Quando a cabine começou a descer, Wherritt ficou mais calmo e ria e soluçava de alívio — até perceber que a roda não ia parar. Ela sempre fazia duas voltas completas. Ele mais uma vez se descontrolou, e mais uma vez o condutor e seus aliados o subjugaram, contudo estavam ficando cansados. Tinham medo do que poderia acontecer

se Wherritt lhes escapasse. Estruturalmente, a cabine era sólida, mas suas paredes, janelas e portas tinham sido projetadas apenas para desencorajar tentativas de autodestruição, e não para resistir a um bate-estacas humano. Wherritt já havia quebrado o vidro e entortado o ferro.

Uma mulher adiantou-se e desabotoou a saia. Para o espanto de todos a bordo, ela tirou a saia, jogou-a na cabeça de Wherritt e segurou-a com firmeza enquanto murmurava promessas gentis. O efeito foi imediato. Ele ficou “tão sossegado quanto um avestruz”.

Uma mulher tirando a roupa em público, um homem com uma saia na cabeça — as maravilhas da feira pareciam não ter fim.

A exposição era o grande orgulho de Chicago. Graças principalmente a Daniel Burnham, a cidade tinha demonstrado que era capaz de realizar algo maravilhoso, enfrentando obstáculos que, por qualquer critério, deveriam ter amedrontado os construtores. O senso de posse estava em toda parte, e não só entre os milhares de cidadãos que tinham comprado ações da exposição. Hilda Satt notou-o na mudança que se operava em seu pai enquanto ele lhe mostrava o terreno. “Ele parecia orgulhar-se pessoalmente da feira, como se tivesse ajudado a planejá-la”, disse ela. “Quando relembro aqueles dias, percebo que a maioria das pessoas em Chicago sentia a mesma coisa. Chicago recepcionava o mundo naquela época, e éramos parte disso.”¹⁸

Entretanto, a feira fez mais do que apenas estocar orgulho. Ela deu a Chicago uma luz para segurar contra a escuridão crescente da calamidade econômica. A Erie Railroad vacilou e em seguida entrou em colapso. Depois veio a Northern Pacific. Em Denver, três bancos nacionais faliram num único dia, arrastando com eles uma série de outros negócios. Temendo protestos contra a fome, as autoridades municipais convocaram a milícia. Em Chicago, os editores do *The Inland Architect* tentaram tranquilizar todos: “As condições existentes são apenas um acidente. O capital está apenas escondido. A iniciativa privada está apenas assustada, não vencida.”¹⁹ Os editores estavam enganados.

Em junho, dois homens de negócios cometeram suicídio no mesmo dia no mesmo hotel de Chicago, o Metropole.²⁰ Um cortou a garganta com uma navalha às dez e meia da manhã. O outro soube do suicídio por intermédio do barbeiro do hotel. Naquela noite, em seu próprio quarto, amarrou em volta do pescoço uma ponta da faixa de seda do roupão de fumar, estirou-se na cama e amarrou a outra ponta na cabeceira. E rolou o corpo.

“Todo mundo está num horrível acesso de terror”, escreveu Henry Adams, “e cada indivíduo acha que está mais arruinado do que o outro.”²¹

Bem antes de a feira terminar, as pessoas começaram a lamentar seu inevitável fim. Mary Hartwell Catherwood escreveu: “O que vamos fazer quando o Reino das Maravilhas fechar? Quando desaparecer.. Quando o encantamento chegar ao fim?”²² Uma administradora, Sallie Cotton, da Carolina do Norte, mãe de seis filhos que passava o verão em Chicago, registrou em seu diário uma preocupação comum: a de que, depois de ver a feira, “tudo vai parecer pequeno e insignificante”.²³

A feira era tão perfeita, e sua graça e beleza eram como uma garantia de que, enquanto ela durasse, nada ruim de verdade poderia acontecer a ninguém, em parte alguma.

Dia da Independência

A MANHÃ DE 4 de julho de 1893 começou cinzenta e tempestuosa. O tempo ameaçava embaçar o elaborado espetáculo pirotécnico planejado por Frank Millet para aumentar ainda mais o público da feira, que, apesar da constante melhora a cada semana, ainda estava aquém das expectativas. O sol emergiu no fim da manhã, embora rajadas de vento continuassem a varrer o Jackson Park pela maior parte do dia. No fim da tarde, uma suave luz dourada banhou o pátio de honra e nuvens de tempestade acumularam-se no lado norte do céu. As tempestades não chegaram mais perto. Multidões se formaram rapidamente. Holmes, Minnie e Anna se viram cercados por um imenso aglomerado de homens e mulheres úmidos. Muitas pessoas carregavam cobertores e grandes cestos de comida, mas logo descobriram que não sobrava espaço para piquenique. Havia poucas crianças. Toda a guarda colombiana parecia estar presente, seu pálido uniforme azul destacando-se como flores de açafrão em argila negra. Aos poucos, a luz dourada adquiriu um tom de alfazema. Todos começaram a andar em direção ao lago. “Por uns oitocentos metros ao longo da esplêndida extensão do Lake-Front, homens se amontoaram”, informou o *Tribune*.¹ Esse “mar negro” de gente estava inquieto. “Durante horas, as pessoas se sentaram e aguardaram, enchendo o ar de um alvoroço estranho e desassossegado.” Um homem pôs-se a cantar “Nearer My God to Thee”, e imediatamente milhares de vozes se juntaram à dele.²

Quando escureceu, todos procuravam ver no céu os primeiros foguetes do espetáculo da noite. Milhares de lanternas chinesas pendiam de árvores e parapeitos. Luzes vermelhas brilhavam em cada cabine da Roda de Ferris.³ No lago, cem ou mais navios, iates e lanchas estavam ancorados, com luzes coloridas nas proas e retrancas e cordas enfileirados nos cordames.

A multidão estava pronta para aplaudir qualquer coisa. Aplaudiu quando a orquestra tocou “Home Sweet Home”,⁴ canção que infalivelmente levava homens e mulheres às lágrimas, sobretudo os recém-chegados à cidade. Aplaudiu quando as luzes acenderam no pátio de honra e todos os palácios ficaram delineados em ouro. Aplaudiu também quando os grandes holofotes em cima do Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais começaram a vasculhar a multidão e quando coloridos penachos de água — “penas de pavão”, como dizia o *Tribune* — começaram a irromper da Fonte MacMonnies.

Às nove da noite, porém, a multidão fez silêncio.⁵ Uma pequenina luz brilhante surgira no céu, ao norte, e parecia flutuar ao longo da beira do lago em direção ao cais. Um dos holofotes a localizou, mostrando que era um balão tripulado. Uma luz chamejou

logo abaixo da cesta. No instante seguinte, eclosões de faíscas vermelhas, brancas e azuis formaram uma imensa bandeira estadunidense no céu escuro. O balão e a bandeira flutuaram sobre as pessoas. O holofote seguiu-os, seu fecho de luz claramente delineado na nuvem cor de enxofre atrás do balão. Segundos depois, foguetes formaram arcos na margem do lago. Homens com fogachos percorriam a areia acendendo morteiros, enquanto outros, a bordo de barcas, acionavam grandes chamas rotativas e atiravam bombas no lago, fazendo a água explodir em extravagantes gêiseres vermelhos, brancos e azuis. Bombas e foguetes vieram em seguida, em quantidades cada vez maiores, até o clímax do show, quando uma complexa rede de fios erguida no Festival Hall, à beira do lago, se iluminou abruptamente, compondo um gigantesco e explosivo retrato de George Washington.

A multidão aplaudiu.

Todos começaram a se mexer ao mesmo tempo, e logo uma grande maré negra se deslocava para as saídas e as estações da Alley L e Illinois Central. Holmes e as irmãs Williams esperaram por horas sua vez de embarcar num dos trens que seguiam para o norte, mas a espera não lhes abateu o humor. Naquela noite a família Oker ouviu piadas e risadas no apartamento de cima, em Wrightwood, 1.220.⁶

Havia bons motivos para aquela ruidosa alegria. Holmes tinha tornado a noite ainda mais agradável ao fazer uma oferta surpreendentemente generosa para Minnie e Anna.

Antes de deitar, Anna escreveu à tia no Texas para dar a excelente notícia.

“Minha irmã, o irmão Harry e eu iremos amanhã para Milwaukee, e para Old Orchard Beach, no Maine, pelo rio Saint Lawrence.⁷ Ficaremos duas semanas no Maine, depois seguiremos para Nova York. O irmão Harry acha que tenho talento; quer que eu considere a possibilidade de estudar arte. Mais tarde tomaremos o navio para a Alemanha, passando por Londres e Paris. Se eu gostar, fico para estudar arte. O irmão Harry acha que você nunca mais vai precisar se preocupar comigo, seja financeiramente ou em qualquer outro sentido; ele e minha irmã cuidarão de mim.”

“Escreva-me imediatamente”, acrescentou, “e enderece a Chicago e a carta será encaminhada para mim.”

Não disse nada a respeito de seu baú, que ainda estava em Midlothian aguardando ser enviado para Chicago. Teria de se arranjar sem ele por enquanto. Quando chegasse, ela poderia providenciar sua remessa também, por telegrama, talvez para o Maine ou Nova York, a fim de que tudo estivesse em mãos para a viagem à Europa.

Anna foi para a cama naquela noite com o coração ainda acelerado pelas emoções da feira e pela surpresa de Holmes. Mais tarde, William Capp, advogado da firma texana

Capp & Cauty, diria: “Anna não tinha nenhuma propriedade em seu nome, e a mudança que descreveu na carta significava tudo para ela.”⁸

A manhã seguinte prometia ser agradável também, pois Holmes anunciara⁹ que ia levar Anna — só ela — a Englewood para lhe mostrar rapidamente o Hotel da Feira Mundial. Precisava cuidar de uns assuntos de última hora, antes de partirem para Milwaukee. Nesse meio-tempo, Minnie deixaria o apartamento de Wrightwood pronto para receber o próximo inquilino, fosse quem fosse.

Holmes era um encanto. E, agora que o conhecia melhor, Anna percebia que era bem bonito. Quando seus maravilhosos olhos azuis se encontravam com os dela pareciam aquecer-lhe o corpo todo. Minnie de fato tivera sorte.

Preocupação

NA FEIRA, NO fim daquela noite, os responsáveis pela venda de ingressos fizeram a contabilidade e descobriram que naquele único dia, 4 de julho, o público pagante tinha sido de 283.273 — muito maior do que na primeira semana inteira.¹

Foi a primeira prova de que Chicago talvez tivesse mesmo criado uma coisa extraordinária. Aquilo renovou as esperanças de Burnham de que a feira finalmente alcançaria o desejado número de visitantes.

Contudo, no dia seguinte apenas 79.034 pagantes visitaram a feira.² Três dias depois o número caiu para 44.537. Os banqueiros que arcavam com a dívida da feira ficaram ansiosos. O auditor da feira já tinha descoberto que o departamento de Burnham gastara mais de 22 milhões de dólares para construir a feira (cerca de 660 milhões em dólares do século XXI), mais do que o dobro do orçamento planejado inicialmente.³ Os banqueiros começaram a pressionar os diretores da exposição para que nomeassem um comitê de redução de despesas, com poderes não apenas para encontrar formas de diminuir os gastos da feira, mas também para adotar quaisquer medidas econômicas que julgasse necessárias, incluindo demissões e eliminação de departamentos e comitês.⁴

Burnham sabia que colocar o futuro da feira nas mãos de banqueiros seria fracasso certo. A única maneira de aliviar a pressão era elevar a níveis bem mais altos o total de ingressos vendidos. As estimativas diziam que para evitar o fracasso financeiro — uma humilhação para os orgulhosos líderes de Chicago, que se consideravam senhores do dólar — a feira teria de vender pelo menos cem mil entradas por dia até o encerramento.⁵

Para ter ao menos a simples esperança de atingir essa marca, as ferrovias precisariam reduzir suas tarifas, e Frank Millet teria de intensificar esforços para atrair gente de todos os cantos do país.

Com a depressão econômica do país se tornando cada vez mais profunda — bancos falindo, suicídios se multiplicando —, isso parecia impossível.

Claustrofobia

HOLMES SABIA QUE quase todos os hóspedes do hotel, senão todos, estariam na feira. Mostrou a Anna a farmácia, o restaurante e a barbearia e levou-a ao telhado para lhe oferecer uma vista mais ampla de Englewood e da bela e arborizada vizinhança ao redor da sua esquina. Terminou o passeio em seu escritório, onde convidou a cunhada a se sentar e pediu licença para tratar de uns assuntos. Pegou uma pilha de papéis e começou a ler.

Distraidamente, perguntou se Anna se importaria de ir à sala adjacente, a câmara, buscar um documento que ele deixara lá dentro.

Ela concordou, animada.

Holmes foi atrás, com discrição.

De início, ela teve a impressão de que a porta tivesse se fechado por acidente. O quarto estava completamente escuro. Anna bateu na porta e chamou Harry. Parou para escutar e bateu outra vez. Não estava com medo, apenas constrangida. Não gostava da escuridão, que naquele caso era a mais absoluta que já havia vivenciado — muito mais intensa, com certeza, do que a de qualquer noite sem lua do Texas. Bateu com os nós dos dedos e parou outra vez para escutar.

O ar começou a ficar viciado.

Holmes ficou ouvindo. Sentou-se, sossegado, numa cadeira perto da parede que separava o escritório da câmara. O tempo passava. Estava de fato tudo muito tranquilo. Uma brisa suave atravessava a sala — a ventilação cruzada era uma das vantagens de um escritório na esquina. A brisa, ainda fresca, trazia o cheiro matinal de capim da pradaria e de terra molhada.

Anna tirou o sapato e bateu com o salto na porta. O quarto começou a esquentar. O suor lhe cobria o rosto e os braços como uma película. Ela imaginou que Harry, alheio à sua aflição, tinha ido para outra parte do prédio. Isso explicava por que ainda não viera, apesar dos murros que ela dera. Talvez tivesse ido checar qualquer coisa nas lojas

embaixo. Pensar nisso deixou-a um tanto assustada. O quarto estava consideravelmente mais quente. Respirar direito se tornou uma tarefa difícil. E ela precisava ir ao banheiro.

Ele pediria tantas desculpas. Ela jamais conseguiria lhe mostrar o quanto ficara com medo. Tentou pensar em outra coisa, na viagem que começaria naquela tarde. O fato de que ela, uma professora do Texas, em breve estaria andando pelas ruas de Londres e Paris ainda lhe parecia uma impossibilidade, mas Harry tinha prometido e tomado todas as providências. Em poucas horas, embarcaria num trem para a curta viagem até Milwaukee, e logo mais ela, Minnie e Harry estariam a caminho do fresco e adorável vale do rio Saint Lawrence, entre Nova York e o Canadá. Ela já se via sentada na espaçosa varanda de algum fino hotel à beira do rio, tomando chá e vendo o sol se pôr.

Esmurrou a porta novamente e, dessa vez, também a parede entre a câmara e o escritório de Harry que a brisa refrescava.

O pânico veio, como sempre vinha. Holmes imaginou Anna encolhida num canto. Se ele quisesse, poderia correr e abrir a porta, segurar Anna nos braços e chorar com ela pela tragédia evitada por um triz. Poderia fazê-lo no último minuto, nos últimos segundos. Poderia fazer.

Ou poderia abrir a porta, olhar para Anna e abrir um largo sorriso — só para que ela soubesse que não tinha sido acidente —, então fechar a porta de novo, batê-la com força e voltar à sua cadeira para ver o que aconteceria em seguida. Ou poderia inundar a câmara com gás naquele instante. O chiado e o cheiro repulsivo diriam a ela, tão claramente quanto um sorriso, que alguma coisa extraordinária estava acontecendo.

Poderia fazer qualquer uma dessas coisas.

Precisava concentrar-se para escutar os soluços lá dentro. As instalações hermeticamente fechadas, as paredes de ferro e o isolamento de lã mineral amorteciam a maioria dos ruídos, mas ele descobrira, por experiência, que se encostasse o ouvido na tubulação do gás ouviria tudo com muito mais clareza.

Era o momento que desejava com mais ardor. Provocava-lhe um período de alívio sexual que parecia durar horas, muito embora os gritos e as súplicas se extinguissem bem rápido.

Encheu a câmara de gás, só para ter certeza.

Holmes voltou para o apartamento da Wrightwood e disse a Minnie que se aprontasse — Anna estava esperando no castelo. Abraçou Minnie, beijou-a e disse-lhe que era um

homem de sorte e que adorava sua irmã.

Durante a viagem de trem para Englewood, ele parecia descansado e em paz, como se tivesse acabado de andar quilômetros e mais quilômetros de bicicleta.

Dois dias depois, em 7 de julho, a família Oker recebeu uma carta de Henry Gordon declarando que não precisava mais do apartamento.¹ A carta foi uma surpresa. Os Oker achavam que Gordon e as duas irmãs ainda estivessem no apartamento. Lora Oker foi até lá em cima verificar. Bateu, não ouviu nada e entrou.

“Não sei como fizeram para sair da casa”, contou, “mas havia sinais de que se prepararam às pressas, deixando alguns livros e bugigangas espalhados. Se houve alguma coisa escrita nos livros todos os traços foram removidos, pois as páginas em branco tinham sido arrancadas.”²

Também em 7 de julho, o agente da Wells-Fargo em Midlothian, no Texas, embarcou um grande baú no vagão de bagagens de um trem que seguia para o norte.³ O baú — que pertencia a Anna — estava endereçado para “Srta. Nannie Williams, a/c H. Gordon, avenida Wrightwood, 1.220, Chicago”.⁴

Chegou dias depois. Um carregador da Wells-Fargo tentou entregá-lo no endereço da Wrightwood, mas não conseguiu localizar ninguém que se chamasse Williams ou Gordon.⁵ Devolveu o baú para o escritório da Wells-Fargo. Ninguém apareceu para pegar.

Holmes procurou um morador de Englewood chamado Cephas Humphrey, que tinha sua própria parelha e sua carroça e ganhava a vida transportando móveis, engradados e outros objetos graúdos de um lugar para outro. Holmes pediu-lhe que pegasse uma caixa e um baú. “Quero que vá buscar esse negócio quando escurecer”, disse Holmes, “pois não desejo que os vizinhos vejam que está sendo levado.”⁶

Humphrey apareceu na hora combinada. Holmes conduziu-o ao castelo e, subindo a escada, levou-o até um quarto sem janelas e com uma porta pesada.

“O lugar tinha um aspecto horrível”, disse Humphrey. “Não havia nenhuma janela no quarto inteiro, só uma porta pesada. Fiquei arrepiado só de entrar. Senti que havia alguma coisa errada, mas o sr. Holmes não me deu muito tempo para pensar nisso.”⁷

A caixa era um longo retângulo de madeira, mais ou menos com as dimensões de um caixão. Primeiro Humphrey levou-a para baixo. Na calçada, colocou-a em pé. Holmes, olhando de cima, deu fortes pancadas na janela e ordenou: “Assim, não. Coloque-a

deitada.”⁸

Humphrey obedeceu. Depois subiu de novo para buscar o baú. Era pesado, porém o peso não era problema para ele.

Holmes instruiu-o a levar a caixa comprida para a estação Union Depot e lhe disse exatamente onde deixá-la na plataforma. Ao que tudo indicava, Holmes tinha providenciado para que um agente de serviço de encomendas apanhasse a caixa e a despachasse num trem. Não revelou qual era o destino.

Quanto ao baú, Humphrey não conseguia lembrar para onde o levara, mas indícios posteriores sugerem que ele o deixou na casa de Charles Chappell, perto do hospital do Condado de Cook.



Logo depois, Holmes levou um presente inesperado, mas bem-vindo, à família de seu assistente Benjamin Pitezel. Deu à esposa de Pitezel, Carrie, uma coleção de vestidos, vários pares de sapato e alguns chapéus que tinham pertencido à sua prima, a srta. Minnie Williams, que se casara e fora morar no leste e não precisava mais daquelas coisas.⁹ Recomendou que Carrie cortasse os vestidos e usasse o material para fazer roupas para as três filhas. Ela ficou muito agradecida.

Holmes também surpreendeu o zelador, Pat Quinlan, com um presente: dois robustos baús, cada um deles com as iniciais MRW.¹⁰

Tempestade e fogo

O TRABALHO DE Burnham não acabava, o ritmo em seu escritório não diminuía. Os edifícios da feira estavam terminados, e todas as exposições montadas, mas, tão certo como a prata deslustra, a feira se tornou alvo das inevitáveis forças de degradação e declínio — e tragédia.

No domingo, 9 de julho, dia de calor e calmaria, a Roda de Ferris se tornou um dos lugares mais disputados, assim como a cesta do balão cativo do Midway. O balão, de nome *Chicago*, continha 2.800 metros cúbicos de hidrogênio e era controlado por uma corrente conectada a uma manivela.¹ Por volta das três da tarde tinha subido 35 vezes, levando passageiros a uma altura de trezentos metros. No que dizia respeito ao acrobata alemão da concessão, o dia tinha sido perfeito para ascensões, tão calmo, segundo sua estimativa, que um fio de prumo pendurado na cesta tocara a manivela diretamente embaixo.

Entretanto, às três da tarde o administrador da concessão, G. F. Morgan, checou seus instrumentos e percebeu uma queda súbita de pressão atmosférica, indício de que uma tempestade se formava. Suspendeu a venda de ingressos e ordenou a seus funcionários que puxassem o balão. Ele notou que os operadores da Roda de Ferris não tomaram as mesmas precauções. A roda continuava girando.

Nuvens se acumularam, o céu ruborizou-se, e uma brisa veio de noroeste. O céu arqueou-se para o chão e uma pequena nuvem funil apareceu, pondo-se a cambalear para o sul ao longo da beira do lago, em direção à feira.

A Roda de Ferris estava lotada de passageiros, que observaram, cada vez mais preocupados, enquanto o funil executava sua própria dança do ventre pelo Jackson Park, rumando diretamente para o Midway.

Na base do balão cativo, Morgan ordenou a seus homens que agarrassem as cordas de amarração com força.



Dentro do Jackson Park, a súbita mudança de claridade para escuridão fez Burnham ir lá fora. Um vento poderoso erguia-se de todas as direções. Embalagens de comida levantavam voo, como gaivotas. O céu parecia encostar na exposição, e em algum lugar um vidro quebrou, não com o tinido suave de uma janela destruída por uma pedra, mas com o ganido de um cão ferido de grandes lâminas caindo no chão.²

No Edifício da Agricultura, uma gigantesca lâmina de vidro caiu do teto e se espatifou na mesa perto da qual, poucos segundos antes, uma jovem vendia doces.³ Seis vidros caíram do teto do Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais. Expositores correram para cobrir suas exposições com lonas.

O vento destruiu uma seção de quatro metros quadrados da cúpula do Edifício das Máquinas e arrancou o teto do Café Húngaro. Os tripulantes de uma das lanchas elétricas de Olmsted aportaram às pressas para desembarcar todos os passageiros e tinham acabado de sair à procura de abrigo quando uma rajada de vento atingiu o toldo, virando a embarcação de cinco toneladas. O piloto e o condutor salvaram-se a nado.

Penas gigantescas oscilavam no ar. Os 28 avestruzes da fazenda do Midway aguentaram a perda com a compostura de sempre.

Na roda, os passageiros se prepararam. Uma mulher desmaiou. Um passageiro escreveria depois para o *Engineering News*: “Foram necessários dois homens para fechar bem as portas. O vento era tão forte que as gotas de chuva pareciam cair quase no sentido horizontal, em vez de vertical.”⁴ Mas a roda continuou girando, como se não houvesse vento. As pessoas lá dentro sentiam apenas uma leve vibração. O autor do texto, ao que tudo indicava um engenheiro, estimou que o vento fez a roda inclinar-se apenas quatro centímetros.

Os passageiros viram quando o vento pegou o balão cativo e o arrancou dos homens que o seguravam embaixo, e por um instante levantou Morgan. O vento esmurrou o balão como se fosse um saco de pancadas invertido, depois o estraçalhou, espalhando pedaços de seus oito mil metros de seda num raio de mais de um quilômetro.

Morgan enfrentou o desastre com calma. “Foi divertido ver a tempestade chegar”, disse, “e um espetáculo único na vida ver o balão ser estraçalhado, mesmo sabendo que era uma atração bem cara para as pessoas que têm ações da empresa.”⁵

Impossível saber se a tempestade teve alguma coisa a ver com os acontecimentos do dia seguinte, segunda-feira, 10 de julho, mas a coincidência levantou suspeitas.

Na segunda-feira, logo depois da uma da tarde, quando Burnham supervisionava os reparos e equipes removiam os detritos da tempestade do terreno, começou a sair fumaça na cúpula da torre do Edifício da Conservação a Frio, onde o incêndio de 17 de junho também tinha irrompido.

A torre era feita de madeira e abrigava uma grande chaminé de ferro, que desafogava

em três caldeiras localizadas no edifício principal abaixo.⁶ Paradoxalmente, era preciso calor para produzir frio. A chaminé erguia-se até um ponto 75 centímetros abaixo do topo da torre, onde outro dispositivo chamado ponteira deveria ter sido colocado para estender a chaminé e fazê-la ultrapassar completamente do topo. A ponteira era parte crucial do projeto do arquiteto Frank Burnham e destinava-se a proteger as paredes de madeira ao redor contra os gases superaquecidos que saíam da chaminé. No entanto, por alguma razão o empreiteiro não a instalara. O edifício era como uma casa cuja chaminé terminasse antes do telhado, dentro do sótão.

O primeiro alarme chegou ao corpo de bombeiros às 13h32.⁷ Veículos motorizados saíram trovejando rumo ao prédio. Vinte bombeiros comandados pelo capitão James Fitzpatrick entraram no prédio principal e escalaram o telhado. De lá seguiram para a torre e subiram mais vinte metros de escadas até a sacada externa da torre. Usando cordas puxaram uma mangueira e uma escada de oito metros. Prenderam a mangueira firmemente na torre.

Fitzpatrick e seus homens não perceberam, mas o incêndio no topo da torre tinha preparado uma armadilha mortal. Fragmentos de detritos em chamas tinham caído no espaço entre a chaminé de ferro e as paredes internas da torre, feitas de pinho liso e branco. Esses pedaços de madeira em chamas produziram um incêndio que, naquele espaço estreito, logo consumiu todo o ar disponível e extinguiu suas próprias chamas, deixando no lugar um plasma superaquecido que só precisava de uma nova carga de oxigênio para se tornar completamente explosivo.

Enquanto os bombeiros na sacada da torre se concentravam no incêndio acima deles, uma pequena coluna de fumaça branca apareceu a seus pés.

O corpo de bombeiros fez soar um segundo alarme às 13h41 e acionou uma grande sirene no Edifício das Máquinas da exposição. Milhares de visitantes saíram em direção à fumaça e lotaram os gramados e caminhos em volta do prédio. Alguns levavam almoço. Burnham foi para lá, assim como Davis. A guarda colombiana chegou com força total abrindo caminho para outras máquinas e carroças com escadas. Passageiros da Roda de Ferris puderam ver com horrível clareza o que aconteceu em seguida.

“Nunca”, informou o corpo de bombeiros, “uma tragédia tão terrível foi testemunhada por um mar tão vasto de rostos em agonia.”⁸

Subitamente chamas irromperam da torre cerca de quinze metros *abaixo* de

Fitzpatrick e seus homens. Entrou na torre. Seguiu-se uma explosão. Para os bombeiros, de acordo com o relato oficial do departamento, parecia “que os conteúdos gasosos do respiradouro em volta da chaminé tinham pegado fogo, e todo o interior da torre se tornou de imediato uma fornalha furiosa”.⁹

O bombeiro John Davis estava em pé na sacada com o capitão Fitzpatrick e os outros homens. “Vi que só havia uma possibilidade e decidi aproveitá-la,” disse Davis. “Pulei para a mangueira e tive a sorte de agarrá-la. Os demais rapazes pareciam atônitos de horror e incapazes de se mexer.”¹⁰

Davis e outro homem desceram pela mangueira. Os bombeiros que ainda estavam na sacada sabiam que a situação era fatal e começaram a se despedir uns dos outros. Testemunhas viram quando se abraçaram e trocaram apertos de mão. O capitão Fitzpatrick agarrou uma corda e se jogou através do fogo para o telhado abaixo, onde ficou caído, com uma perna quebrada e ferimentos internos, metade do imenso bigode chamuscado. Outros homens pularam para a morte, em alguns casos atravessando o telhado.

O encarregado do serviço de prevenção de incêndios Murphy e dois outros bombeiros galgaram a escada para resgatar Fitzpatrick. Baixaram-no por cordas até os colegas que aguardavam no chão. Estava vivo, mas desacordado.

No total, o incêndio matou doze bombeiros e três operários. Fitzpatrick morreu às nove horas daquela noite.

O número de visitantes no dia seguinte passou dos cem mil. O entulho ainda fumegante do Edifício da Conservação a Frio mostrou-se irresistível.



O investigador imediatamente ordenou uma sindicância, durante a qual um júri ouviu depoimentos de Daniel Burnham, de Frank Burnham, de funcionários da Hercules Iron Works e de vários bombeiros. Daniel Burnham declarou que não tomara conhecimento do incêndio anterior nem da ponteira que faltava e alegou que como o edifício era concessão privada ele não tinha autoridade sobre sua construção, além de aprovar o projeto.¹¹ Na terça-feira, 18 de julho, o júri acusou a ele, ao encarregado de prevenção de incêndios Murphy e a dois funcionários da Hercules de negligência criminosa e entregou o caso para um grande júri.¹²

Burnham ficou atônito, mas permaneceu em silêncio. “A tentativa de considerá-lo de alguma forma responsável, ou censurável, pela perda de vidas é uma afronta”, escreveu Dion Geraldine, superintendente de construção da feira.¹³ “Os homens que deram o veredicto devem ser muito estúpidos, ou estão lamentavelmente desinformados.”

De acordo com os procedimentos normais, Burnham e os outros deveriam ser presos e

sujeitos a pagamento de fiança, porém nesse caso até mesmo o investigador parecia confuso. O delegado não tomou qualquer providência para prender o diretor de obras. Burnham obteve fiança na manhã seguinte.

Com o cheiro de madeira chamuscada ainda forte no ar, Burnham fechou as passarelas do telhado do Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais e as sacadas das galerias superiores do Edifício da Administração, temendo que um incêndio nos prédios ou nas exposições pudesse provocar pânico e resultar numa tragédia de magnitude ainda maior.¹⁴ Centenas de pessoas tinham lotado a passarela do telhado do Edifício das Manufaturas todos os dias, mas a única descida possível era pelo elevador. Burnham pintou na imaginação homens, mulheres e crianças aterrorizados, tentando escorregar pelos flancos de vidro do telhado, atravessando e caindo de uma altura de sessenta metros no piso das exposições.

Como se ainda fosse possível piorar a situação, no mesmo dia em que o investigador ordenou a prisão de Burnham, 18 de julho, os diretores da exposição cederam a pressões bancárias e votaram a favor de um comitê de redução de despesas, com poderes quase ilimitados para cortar custos enquanto durasse a feira, e nomearam responsáveis três figuras pouco amistosas.¹⁵ Uma resolução posterior aprovada pelos diretores da companhia da exposição declarava que a partir de 1º de agosto “nenhuma despesa relacionada à construção, à manutenção ou à condução da feira deverá ser realizada sem autorização do referido comitê”.¹⁶ Estava claro desde o início que o alvo principal do comitê era o departamento de obras de Burnham.

Estava igualmente claro, pelo menos para Burnham, que a última coisa de que a exposição precisava no momento em que ele e Millet continuavam sua luta para aumentar o índice de pagantes — uma campanha com seus próprios custos inevitáveis — era uma troica de avarentos avaliando cada nova despesa. Millet tinha algumas ideias extraordinárias para eventos em agosto, como um elaborado baile no Midway no qual funcionários da feira, incluindo Burnham, dançariam com mulheres daomeanas e as argelinas da dança do ventre. Com certeza o comitê consideraria supérfluas as despesas desse baile e de outros eventos de Millet. Apesar disso, Burnham sabia que despesas assim, além dos gastos contínuos com a polícia, a coleta de lixo e a manutenção de estradas e gramados, eram vitais.

Ele temia que o comitê de redução de despesas prejudicasse a feira de uma vez por todas.

Amor

O RESCALDO DO incêndio do Edifício da Conservação a Frio ainda era visível quando um grupo de professoras primárias chegou de Saint Louis, em companhia de um jovem repórter. As 24 professoras tinham vencido um torneio patrocinado pelo *St. Louis Republic* que lhes dava direito a estada na feira à custa do jornal.¹ Juntamente com amigos e parentes — num total de quarenta viajantes — elas se amontoaram num luxuoso vagão-leito, chamado *Benares*, fornecido pela Chicago & Alton Railroad. Chegaram à estação Union Depot de Chicago na segunda-feira, 17 de julho, às oito da manhã e foram de carruagem imediatamente para o hotel, o Varsity, localizado tão perto da feira que da sacada do segundo andar as professoras avistavam a Roda de Ferris, o topo do Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais e a cabeça dourada de Big Mary.

O repórter — Theodore Dreiser — era jovem e imbuído de uma espalhafatosa autoconfiança que chamou a atenção das jovens. Ele flertou com todas, mas, é claro, se sentiu mais atraído pela que parecia menos interessada, uma juvenzinha bonita e reservada chamada Sara Osborne White, que um pretendente anterior apelidara de “Jug”, por sua tendência a usar roupas marrons. Não era bem o tipo que chamava a atenção de Dreiser: àquela altura ele já era sexualmente experiente e mantinha um caso apenas físico com sua senhoria. Para ele, Sara White transpirava “certa intensidade, dissimulada por um ar de suprema inocência e de virginal recato”.²

Dreiser se encontrou com as professoras na Roda de Ferris, acompanhando-as numa visita ao show de Buffalo Bill, onde o coronel Cody saudou as mulheres e apertou a mão de cada uma. Dreiser foi com as jovens ao Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais, onde, segundo ele, “se poderia andar lentamente de um lugar para outro durante um ano sem ficar cansado”.³ No Midway, Dreiser convenceu James J. Corbett a conhecer as mulheres. Corbett era o pugilista que tinha derrubado John L. Sullivan na grande luta de setembro de 1892, uma batalha que consumira toda a primeira página da edição da manhã seguinte do *Chicago Tribune*. Corbett apertou as mãos das mulheres, embora uma professora tenha recusado a oportunidade. Seu nome era Sullivan.

Sempre que tinha oportunidade, Dreiser tentava separar Sara White do entourage do *Republic*, que ele chamava de os “Quarenta e tantos”, mas Sara trouxera a irmã, Rose, o que complicava tudo. Em pelo menos uma ocasião Dreiser tentou beijar Sara. Ela lhe disse para deixar de ser “sentimental”.⁴

Ele não conseguiu seduzir, mas foi seduzido — pela feira. Ela o fizera mergulhar, segundo ele, “num sonho do qual levei meses para me recuperar”.⁵ O mais cativante de

tudo eram as noites, “quando as longas sombras se fundem numa só, e as estrelas começam a brilhar sobre o lago e as cúpulas dos palácios da Cidade Branca”.

Sara White permaneceu em sua mente por muito tempo depois que ele e os Quarenta e tantos deixaram a feira. Em Saint Louis, ele lhe escreveu e cortejou-a e durante o processo resolveu investir mais na carreira de escritor. Saiu de Saint Louis para trabalhar como editor de um jornal rural de Michigan, mas descobriu que a realidade da vida de editor de cidade pequena não correspondia às suas fantasias. Após outras escalas, chegou a Pittsburgh. Escrevia para Sara e visitava-a sempre que ia a Saint Louis. Pedia-lhe que se sentasse em seu colo. Ela recusava.

Contudo, ela aceitou sua proposta de casamento. Dreiser mostrou a um amigo, John Maxwell, do *St. Louis Globe-Democrat*, a fotografia de Sara. Onde Dreiser via uma mulher atraente e misteriosa, Maxwell viu uma professora severa de aparência insípida. Tentou advertir Dreiser: “Se você se casar agora — e com uma mulher convencional e limitada, mais velha do que você, estará perdido.”⁶

Era um bom conselho para um homem como Dreiser. Mas ele não deu ouvidos.

A Roda de Ferris tornou-se um vetor de amor. Casais pediam permissão para casar no ponto mais alto da roda.⁷ Luther Rice nunca permitiu, mas em dois casos em que os casais já tinham distribuído convites pelo correio ele autorizou casamentos em seu escritório.

No entanto, apesar do inerente potencial romântico da roda, passeios à noite nunca se tornaram populares. A hora predileta era o momento dourado entre cinco e seis da tarde.

Holmes, que acabara de se tornar um homem livre e um rico proprietário de terras, trouxe uma nova mulher para a feira, Georgiana Yoke,⁸ a quem conhecera no começo do ano numa loja de departamentos, Schlesinger & Meyer, onde ela trabalhava como vendedora. Georgiana fora criada em Franklin, Indiana, e ali morou com os pais até 1891, quando partiu em busca de uma vida melhor e mais glamourosa em Chicago. Tinha apenas 23 anos quando conheceu Holmes, mas a pequena estatura e os cabelos louros de sol a faziam parecer muito mais jovem, quase uma criança — salvo pelos traços pronunciados do rosto e pela inteligência que habitava os olhos muito azuis.

Georgiana nunca tinha conhecido ninguém como ele. Era bonito, eloquente e obviamente próspero. Tinha até propriedades na Europa. Mas ela sentia certa tristeza por ele. Era tão só — toda a família tinha morrido, à exceção de uma tia que morava na

África.⁹ O último tio acabara de morrer, deixando-lhe uma grande fortuna, que consistia em propriedades no sul e em Fort Worth, Texas.

Holmes lhe dava muitos presentes, entre eles uma Bíblia, brincos de brilhantes e um medalhão — “um coraçãozinho”, disse ela, “com pérolas”.¹⁰

Na feira, ele a levou à Roda de Ferris, alugou uma gôndola e andou com ela pelos fragrantos caminhos da Wooded Island, à luz suave de lanternas chinesas.

Ele a pediu em casamento. Ela aceitou.

Advertiu-a, porém, de que para o casamento teria de usar um nome diferente, Henry Mansfield Howard.¹¹ Era o do tio morto, explicou. O tio tinha orgulho do sangue que lhe corria nas veias e legara a Holmes sua propriedade com a condição de que adotasse o nome completo do tio. Holmes obedecera, por respeito à memória dele.

O prefeito Harrison também se julgava apaixonado, por uma mulher de Nova Orleans chamada Annie Howard.¹² Ele tinha 68 anos e enviuvara duas vezes; ela tinha vinte e tantos — ninguém sabia exatamente, mas devia ser algo entre 21 e 27. Era “muito rechonchuda”, segundo uma versão, e “cheia de vida”. Viera a Chicago para ficar enquanto durasse a feira e alugava uma mansão perto da do prefeito. Passava os dias na feira comprando objetos de arte.

Harrison e a srta. Howard tinham uma notícia para dar à cidade, contudo o prefeito não tinha intenção de anunciá-la antes de 28 de outubro, quando a exposição ofereceria o Dia das Cidades Americanas. O dia *dele*, na verdade — dois dias antes do encerramento oficial, mas o dia em que ele compareceria perante milhares de prefeitos de todo o país e se deleitaria com a posição de prefeito de Chicago, a cidade que construía a maior feira de todos os tempos.

Aberrações

EM 31 DE JULHO de 1893, após duas audiências investigativas, o comitê de redução de despesas submeteu seu relatório ao conselho administrativo da exposição. O relatório declarava que o gerenciamento financeiro da feira “só poderia ser caracterizado como escandalosamente extravagante”.¹ Cortes drásticos em gastos e pessoal eram necessários de imediato. “Quanto ao departamento de construção, não saberíamos bem o que dizer”, prosseguia o relatório. “Não tivemos tempo para entrar em detalhes, mas ficamos com a decidida impressão de que é dirigido agora, como no passado, segundo a teoria de que não importa quanto custa.”

O comitê deixou claro que, pelo menos para seus três membros, o êxito financeiro da feira era tão importante quanto seu óbvio sucesso estético. A honra dos homens mais importantes de Chicago, que se orgulhavam da sua maneira não sentimental — alguns diriam desumana — de buscar o máximo lucro, estava em perigo. O relatório terminava dizendo: “Se não quisermos cair em desgraça perante o público como homens de negócios, essa questão deve ser observada categórica e decisivamente.”

Em declarações separadas, o comitê de redução de despesas recomendou aos diretores que o transformassem num órgão permanente e lhe conferissem o poder de aprovar ou rejeitar todas as despesas da exposição, por menores que fossem.

Isso foi demais, até mesmo para os igualmente calejados homens de negócios do conselho administrativo da exposição. O presidente Higinbotham disse que preferia renunciar a ceder esses poderes a quem quer que fosse. Outros diretores pensavam da mesma maneira. Ofendidos com essa rejeição, os três homens do comitê de redução de despesas renunciaram. Um deles disse a um repórter: “Se a diretoria decidisse deixar que o comitê continuasse com os poderes originalmente planejados, o número de cabeças roladas teria enchido a bacia do grande pátio.”²

O relatório dos cortadores de despesas tinha sido severo demais, uma espécie de reprimenda, num momento em que o estado de espírito em Chicago era de júbilo pelo simples fato de a feira ter sido construída e de que acabara sendo mais bonita do que qualquer um pudesse imaginar. Até Nova York havia se desculpado — bem, pelo menos um editor de Nova York o fizera. Charles T. Root, do *New York Dry Goods Reporter*, que por sinal não tinha parentesco algum com o falecido sócio de Burnham, publicou um editorial na quinta-feira, 10 de agosto de 1893, no qual citava o escárnio e a hostilidade manifestados pelos editores de Nova York desde que Chicago conquistara o direito de preparar a exposição. “Centenas de jornais, entre eles dezenas dos mais sólidos diários do

leste, riram descontroladamente ante o fino humor da ideia de que essa cidade rude, arrogante, empacotadora de porcos se compromettesse a conceber e realizar uma autêntica feira mundial...”³ As censuras tinham cessado, escreveu ele, mas poucos detratores tinham feito a *amende honorable* a que Chicago passara a ter, claramente, direito. Ele agravou sua heresia acrescentando que se Nova York tivesse ficado com a feira não teria feito um trabalho tão decente. “Pelo que fui capaz de observar, Nova York jamais apoia uma iniciativa como essa que Chicago apoiou, e sem esse esplêndido somatório de forças, o prestígio, a supremacia financeira, essas coisas todas, não conseguiria igualar a Cidade Branca.” Era hora, disse ele, de reconhecer a verdade: “Chicago tinha desapontado os inimigos e surpreendido o mundo.”

Entretanto, nenhum dos diretores ou funcionários da exposição alimentava ilusões. O número de ingressos pagos, apesar de vir aumentando consistentemente, precisava subir mais ainda, e logo. Faltavam só três meses para a cerimônia de encerramento, em 30 de outubro. (O encerramento deveria ocorrer no fim de outubro, ou seja, no dia 31, mas um artesão não identificado da legislação federal errou ao pensar que outubro tinha apenas trinta dias.)

Os diretores pressionaram as ferrovias a baixarem as tarifas. O *Chicago Tribune* fez da redução de tarifas uma cruzada e atacou abertamente as ferrovias. “São impatrióticas, pois essa feira é nacional, não local”, acusou um editorial em 11 de agosto de 1893. “Também são desesperadas, totalmente egoístas.” No dia seguinte o jornal selecionou Chauncey Depew, presidente da New York Central, para uma avaliação particularmente cáustica: “O sr. Depew tem posado o tempo todo como amigo especial da feira mundial e tem sido pródigo em declarações no sentido de que suas linhas agirão com decência e permitirão que milhares de pessoas venham para cá depois de passarem pelas Cataratas do Niágara...” Mas Depew não cumprira a promessa, disse o *Tribune*. “É o caso de Chauncey M. Depew apresentar sua renúncia como filho adotivo de Chicago. A cidade não quer mais saber dele.”

Enquanto isso, Frank Millet, diretor de funções, intensificava seus próprios esforços para promover a feira, preparando uma série cada vez mais exótica de eventos. Organizou corridas de barco na bacia do pátio de honra, jogando moradores das aldeias do Midway uns contra os outros. Eles encenavam batalhas todas as terças-feiras no fim da tarde em embarcações típicas de sua terra. “Queremos fazer alguma coisa para dar vida às lagoas e à bacia”, disse Millet a um entrevistador.⁴ “As pessoas estão cansadas de olhar para as lanchas elétricas. Se pudermos fazer os turcos, os ilhéus dos Mares do Sul, os cingaleses, os esquimós e os índios americanos navegarem na grande bacia em seus barcos nativos, isso certamente dará mais novidade e interesse à cena.”

Millet organizou também competições de nado entre os “tipos” do Midway, como a

imprensa os chamava.⁵ Para isso reservou as sextas-feiras. A primeira disputa foi em 11 de agosto, na lagoa, onde nadadores zulus enfrentaram índios sul-americanos. Os daomeanos também participaram, assim como os turcos, “alguns peludos como gorilas”, disse o *Tribune*, com a despreocupação antropológica própria da época. “As competições foram notáveis pela ausência de roupas dos competidores e pela seriedade com que se entregaram à tarefa de ganhar moedas de ouro de 5 dólares.”

A maior aposta de Millet foi o grande baile do Midway, realizado na noite de quarta-feira, 16 de agosto. O *Tribune* chamou-o de “O Baile das Aberrações do Midway” e procurou despertar o apetite do país com um editorial que registrava pela primeira vez o crescente furor dentro do conselho de administradoras contra as praticantes da dança do ventre do Midway. “Não está claro se as apreensões das boas senhoras... se devem a violações da moralidade ou ao pressentimento de que as dançarinas podem provocar um ataque de peritonite se persistirem em suas contorções, porém seja como for elas adotaram a posição de que o que não é considerado muito fora do normal nas margens do Nilo ou nos mercados da Síria é totalmente impróprio no Midway [Metade do caminho] entre o Jackson Park e o Washington Park.”⁶

Mas agora, prosseguiu o *Tribune*, as dançarinas e todas as demais mulheres depravadas, reboativas e seminuas do Midway tinham sido convidadas para o grande baile, onde se esperava que dançassem com os funcionários mais graduados da feira, incluindo Burnham e Davis. “A situação, portanto, como veremos, está repleta de terríveis possibilidades”, disse o *Tribune*. “O peito conjunto do conselho de administradoras deve estremecer quando pensam no que poderia acontecer se o diretor-geral Davis conduzisse uma fascinante Fatima à frente da grande procissão e ela fosse atacada de peritonite no meio da dança; ou se [Potter] Palmer escoltasse uma devota do Templo de Luxor e descobrisse que ela padecia do mesmo achaque; ou se o prefeito Harrison, que pertence a todo o país, dançasse com o grupo inteiro. Será que eles reprimiriam as contorções de suas parceiras pelo protesto ou pela força, ou, seguindo o costume do país, tentariam também executar algumas contorções orientais? Suponhamos que o presidente Higinbotham se visse, frente a frente, com uma beldade de Fiji untada e despida ou com uma amazona daomeana entregue às extraordinárias travessuras da dança canibal — deveria ele aderir e imitá-la ou arriscar a cabeça num esforço para contê-la?”

Enriquecendo ainda mais a situação, havia a presença no Jackson Park de George Francis Train — conhecido universalmente como “Cidadão Train” — com seu terno branco, cinto vermelho e fez turco vermelho, convidado por Millet para apresentar o baile e as competições de barco e de nado e qualquer outra coisa que Millet pudesse inventar.⁷ Train era um dos homens mais famosos da época, embora ninguém soubesse

exatamente por quê. Dizia-se que servira de modelo para Phileas Fogg, o globe-trotter de *A volta ao mundo em oitenta dias*. Train afirmava que o verdadeiro motivo de o terem convidado era para salvar a exposição utilizando seus poderes psíquicos para aumentar a venda de ingressos. Esses poderes residiam em seu corpo na forma de energia elétrica. Ele andava pela feira esfregando as mãos para poupar essa energia e recusava-se a apertar a mão de quem quer que fosse, para que o ato não descarregasse sua potência. “Chicago construiu a feira”, dizia ele. “Todo mundo tentou acabar com ela. Chicago a construiu. Estou aqui para salvá-la e quero que o diabo me carregue se não o fizer.”⁸

O baile foi realizado no Natatorium da feira, um grande edifício no Midway destinado a natação e banho, equipado com um salão de baile e salas de banquete. Bandeirinhas amarelas e vermelhas estavam penduradas no teto. Nas galerias sobre o salão de baile havia camarotes para funcionários da feira e famílias importantes. Burnham tinha um camarote, assim como Davis, Higinbotham e, é claro, os Palmer. As galerias também dispunham de assentos e lugares em pé para convidados pagantes. Das balaustradas na parte dianteira dos camarotes pendiam triângulos de seda, bordados com arabescos de ouro, que resplandeciam à luz das lâmpadas incandescentes. O efeito era de indescritível opulência. O comitê de redução de despesas nunca teria aprovado.

Às 21h15 daquela noite, Cidadão Train — vestido de branco, como era seu costume, mas por alguma razão carregando uma braçada de ervilha-de-cheiro — encabeçou a procissão de exóticos, muitos deles descalços, que desceu as escadas do Natatorium para o salão de baile.⁹ Segurava a mão de uma bailarina mexicana de dez anos de idade e era seguido por dezenas de homens e mulheres com as roupas tradicionais de suas culturas nativas. Sol Bloom mantinha a ordem do salão.

O programa oficial dedicava as danças a determinados funcionários e convidados. O diretor-geral Davis deveria comandar a quadrilha, Burnham, uma “Berlin”, e o prefeito Harrison, uma polca. Quando as danças terminassem, a multidão cantaria “Home Sweet Home”.

Fazia calor.¹⁰ O chefe Chuva-no-Rosto, o sioux que tinha matado o irmão de Custer e passara a ocupar a cabana de Touro Sentado no Midway, usava uma tinta verde que lhe escorria pelo rosto. Um lapão trajava uma camisa de peles; mulheres esquimós vestiam blusas de pele de morsa. O marajá de Kapurthala, que viera da Índia aquela semana, sentara-se num trono improvisado no palco do salão de baile e era abanado por três criados.

O salão rebentava de calor e energia: japoneses de seda vermelha, beduínos de vermelho e preto, romenos de vermelho, azul e amarelo. Mulheres que normalmente teriam vindo sem usar quase nada — como Aheze, uma amazona, e Zahtoobe, uma daomeana — receberam saias curtas feitas de pequenas bandeiras americanas. O *Tribune*,

numa paródia involuntária de sua própria propensão a descrever os trajes dos ricos, registrou que Lola, uma ilhoa dos Mares do Sul, usava sua “roupa nativa, de tecido de casca de árvore, cobrindo-lhe metade do corpo, com decote profundo e corpete sem mangas”.¹¹ Enquanto a noite avançava e o vinho fluía, a fila para dançar com Lola crescia. Infelizmente, as mulheres da dança do ventre vieram de penhoar e turbante. Homens de trajes formais pretos circulavam pelo salão, “rodopiando com amazonas negras de cabelos volumosos e colares de dentes”. Chicago — e talvez o mundo — nunca tinha visto nada parecido. O *Tribune* descreveu o baile como “o ajuntamento mais estranho desde a destruição da Torre de Babel”.

Havia comida, é claro. Eis o cardápio oficial:¹²

PETISCOS

Batatas cozidas, à la Aldeia Irlandesa

Picadinho internacional, à la Midway Plaisance

PRATOS FRIOS

Missionário Assado, à la Daomé, costa oeste da África

Charque de búfalo, à la Aldeia Indígena

Avestruz recheado, à la Fazenda de Avestruzes

Corcovas de camelo fervidas, à la Rua do Cairo

Guisado de macaco, à la Hagenbeck

ENTRADAS

Fricassê de rena, à la Lapônia

Bolas de neve fritas, à la Ferrovia de Gelo

Frappé cristalizado, da exposição de vidros Libby

PÂTISSERIE

Doughnuts de vento, à la Balão Cativo

Sanduíches (diversos), especialmente preparados
para a Exposição de Couros

E, de sobremesa, dizia o programa, “25% de receitas brutas”.

O baile terminou às quatro e meia da manhã. Os exóticos voltaram a pé, lentamente, para o Midway. Os convidados embarcaram em suas carruagens, onde caíam no sono ou cantavam suavemente “After the Ball” — a canção mais popular da época —, enquanto os cavaleiros os conduziam para casa por ruas vazias que ecoavam o ritmo de cascos no granito.

O baile e outras invenções de Frank Millet davam um ar mais impetuoso e feliz à exposição. Durante o dia, a feira usava um traje casto de estafe branco, mas à noite dançava descalça e entornava champanhe.

O público aumentou.¹³ A média diária de entradas pagas em agosto foi de 113.403 — ultrapassando, finalmente, o percentual mínimo vital de cem mil. Porém a margem era estreita. E a depressão econômica agravava-se inexoravelmente, com a situação trabalhista no país cada dia mais instável.

Em 3 de agosto, um grande banco de Chicago, o Lazarus Silverman, faliu. A firma de Burnham era cliente antiga. Na noite de 10 de agosto, Charles J. Eddy, antigo alto funcionário da falida Reading Railroad, uma das primeiras baixas do pânico, foi andando até o Washington Park, ao norte do Midway, e se matou com um tiro. É claro que ele estava hospedado no Metropole. Foi o terceiro suicídio no hotel naquele verão. O prefeito Harrison advertiu que as filas de desempregados cresciam, atingindo níveis alarmantes. “Se o Congresso não nos der dinheiro teremos tumultos sacudindo todo o país.”¹⁴ Duas semanas depois, operários enfrentaram a polícia em frente à prefeitura. Foi um confronto de pequenas dimensões, mas o *Tribune* o chamou de distúrbio. Poucos dias depois 25 mil desempregados reuniram-se à beira do lago no centro da cidade e ouviram Samuel Gompers, em pé no alto da carroça de oradores nº 5, perguntar: “Por que a riqueza do país deveria ficar guardada em bancos e elevadores enquanto operários ociosos vagam, sem-teto, pelas ruas e vadios inúteis que amealham o ouro gastando-o numa vida agitada circulam por aí em finas carruagens, de cima das quais contemplam reuniões pacíficas e as chamam de distúrbios?”¹⁵

Para os industriais e grandes comerciantes da cidade, que souberam do discurso de

Gompers pelos jornais no domingo de manhã, a pergunta era particularmente inquietante, pois parecia refletir a demanda por alguma coisa que ia muito além de um simples emprego. Gompers estava pedindo uma mudança fundamental nas relações entre operários e supervisores.

Era um discurso perigoso, que precisava ser eliminado a qualquer custo.

Prendergast

ERA EXCITANTE ESSA perspectiva de tornar-se uma das mais importantes autoridades locais. Enfim Prendergast poderia deixar para trás as manhãs frias, as ruas sujas e os raivosos jornaleiros que desobedeciam as suas ordens e zombavam dele. Mas já estava ficando impaciente. Sua nomeação como procurador municipal era para ter saído.

Certa tarde, na primeira semana de outubro, Prendergast tomou um bonde para a prefeitura a fim de conhecer seu futuro escritório.¹ Apresentou-se a um recepcionista.

Incrivelmente, o recepcionista não reconheceu seu nome. Quando Prendergast explicou que o prefeito Harrison planejava nomeá-lo o novo procurador municipal, o recepcionista reagiu com uma risada.

Prendergast insistiu em ver o atual procurador, um homem chamado Kraus. Certamente Kraus reconheceria seu nome.

O recepcionista foi buscá-lo.

Kraus saiu do escritório e lhe estendeu a mão. Apresentou Prendergast a outras pessoas de sua equipe como seu “sucessor”. De repente todo mundo lhe sorria.

De início Prendergast achou que os sorrisos eram um reconhecimento de que logo mais ele viria assumir o cargo, mas depois passou a enxergar de outra forma.

Kraus perguntou se ele queria assumir imediatamente.

“Não”, respondeu Prendergast. “Não tenho pressa.”²

O que não era verdade, porém a pergunta surpreendera Prendergast. Ele não gostou de como Kraus a fizera. De jeito nenhum.

Rumo ao triunfo

ÀS DEZ DA manhã da segunda-feira, 9 de outubro de 1893, o dia que Frank Millet designara Dia de Chicago, os vendedores de ingressos no portão da rua 63 fizeram uma contagem informal das vendas até o momento e descobriram que só aquele portão tinha registrado sessenta mil pagantes.¹ Os homens sabiam, por experiência, que num dia comum as vendas naquele portão correspondiam a cerca de um quinto do público da feira em qualquer momento e a partir disso calcularam que cerca de trezentos mil visitantes já tinham entrado no Jackson Park — mais do que o total de qualquer outro dia e perto do recorde mundial de 397 mil alcançado pela exposição de Paris. E a manhã mal tinha começado. Os bilheteiros perceberam que alguma coisa extraordinária estava acontecendo. O ritmo de admissões parecia multiplicar-se a cada hora. Em algumas bilheterias, o volume cresceu tanto e tão rapidamente que moedas de prata começaram a acumular-se no chão e cobrir os sapatos dos vendedores.

Millet e outros funcionários da feira esperavam um grande público. Chicago orgulhava-se da feira, e todos sabiam que só faltavam três semanas para que ela fechasse de vez. Para garantir o maior público possível, o prefeito Harrison tinha assinado um decreto recomendando ao comércio que não funcionasse naquele dia. Os tribunais fecharam, assim como a Junta Comercial. O clima também ajudou. A segunda-feira foi um dia cristalino, com temperaturas nunca acima de dezessete graus, debaixo de um céu brilhantemente azul. Todos os hotéis estavam lotados, alguns até superlotados, e gerentes se viam obrigados a providenciar a instalação de beliches em saguões e corredores. A Wellington Catering Company, que operava oito restaurantes e quarenta lanchonetes no Jackson Park, tinha se preparado mandando buscar dois vagões de trem cheios de batatas, quatro mil barris de cerveja, quinze mil galões de sorvete e dezoito mil quilos de carne. Os cozinheiros prepararam duzentos mil sanduíches de presunto e quatrocentas mil xícaras de café.

Ninguém, entretanto, esperava a imensa multidão de visitantes que apareceu. Ao meio-dia, o supervisor de ingressos, Horace Tucker, telegrafou uma mensagem para a sede: “O recorde parisiense foi reduzido a pedaços, e as pessoas não param de chegar.”² Um único vendedor de bilhetes, L. E. Decker, sobrinho de Buffalo Bill que tinha vendido bilhetes para o Buffalo Bill’s Wild West durante oito anos, vendeu 17.843 durante o seu turno, o máximo que qualquer um conseguiu, e ganhou o prêmio Horace Tucker de uma caixa de charutos. Crianças perdidas lotavam todas as cadeiras do quartel-general da guarda colombiana; dezenove passaram a noite lá e foram buscados pelos pais no dia

seguinte. Cinco pessoas morreram dentro ou perto da feira, incluindo um operário mutilado quando ajudava a preparar o espetáculo de fogos de artifício e um visitante que tinha saltado de um bonde nos trilhos de outro. Uma mulher perdeu o pé quando uma multidão a derrubou de uma plataforma ferroviária. George Ferris, dando uma volta em sua roda naquele dia, olhou para baixo e comentou, a respiração entrecortada: “Deve ter um milhão de pessoas lá embaixo.”³

Os fogos começaram às oito em ponto.⁴ Millet planejava uma elaborada série de “cenas preparadas” com fogos de artifício presos a grandes estruturas de metal representando retratos e quadros vivos. O primeiro representava o Grande Incêndio de 1871, sem faltar uma imagem da vaca da sra. O’Leary derrubando uma lanterna com um coice. A noite retumbava e sibilava. Para o encerramento, os pirotécnicos lançaram cinco mil foguetes ao mesmo tempo no céu escuro sobre o lago.

Contudo, o verdadeiro clímax ocorreu depois que a área foi fechada. No silêncio, com o ar ainda impregnado do cheiro de pólvora, coletores escoltados por guardas armados passaram de bilheteria em bilheteria recolhendo a prata acumulada, num total de três toneladas. Contaram o dinheiro, sob estrita vigilância. À 1h45 da manhã, tinham o total exato.

Ferris quase acertara. Naquele único dia, 713.646 pessoas tinham pago para entrar no Jackson Park.⁵ (Apenas 31.059 — 4% — eram crianças.) Outros 37.380 visitantes entraram com passes, o que elevava o público total para 751.026, mais do que o de qualquer outro evento pacífico da história num único dia. O *Tribune* sugeriu que a única aglomeração maior tinha sido a concentração do exército de Xerxes, de mais de cinco milhões de almas, no século V a. C.⁶ O recorde parisiense, de 397 mil, de fato fora quebrado.

Quando a notícia chegou ao barracão de Burnham, houve gritos de viva e champanhe e histórias contadas durante a noite inteira. Mas a melhor notícia chegou no dia seguinte, quando funcionários da companhia da Exposição Colombiana Mundial, cujos alardes tinham sido ridicularizados em toda parte, entregaram um cheque de 1,5 milhão de dólares à Illinois Trust and Savings Company, liquidando a última dívida da exposição.⁷

A Cidade Ventosa levava a melhor.

Burnham e Millet dedicaram-se aos últimos preparativos para o dia de glória do próprio Burnham, a grandiosa cerimônia de encerramento, em 30 de outubro, que reconheceria, de uma vez por todas, que ele de fato conseguira e sua obra estava completa — dessa vez não faltava fazer mais nada. Àquela altura, acreditava Burnham, nada poderia macular o triunfo da feira ou seu próprio lugar na história da arquitetura.

Partidas

FRANK MILLET ESPERAVA que a cerimônia de encerramento atraísse ainda mais gente do que o Dia de Chicago. Enquanto Millet fazia seus planos, muitos outros homens que tinham ajudado Burnham a construir a feira começaram a voltar para a vida comum.

Charles McKim relutou em ir embora. Para ele a exposição fora uma luz brilhante que por um momento dissipou as sombras acumuladas em sua vida. Deixou o Jackson Park abruptamente, na manhã de 23 de outubro, e horas depois escreveu para Burnham: “Sabe que não gosto de dizer adeus e estava preparado para descobrir que eu tinha faltado hoje de manhã. Dizer que sinto muito deixar vocês é expressar apenas a metade do que sinto.”

“Você me proporcionou um belo momento e os últimos dias da feira vão ficar na minha memória, assim como os primeiros, em especial identificados com você. Será muito agradável, pelo resto da vida, olhar para trás e tocar no assunto de novo, interminavelmente, e é desnecessário dizer que você pode contar comigo para qualquer coisa, daqui por diante, sempre que precisar de mim.”¹

No dia seguinte, McKim escreveu para um amigo em Paris a respeito do consenso cada vez mais firme entre ele mesmo, Burnham e a maior parte de Chicago de que a feira tinha sido maravilhosa demais para permitir que fosse dilapidada depois do encerramento oficial em 30 de outubro, dali a apenas seis dias: “Na verdade, é desejo de todos os interessados que ela seja eliminada da mesma maneira mágica como apareceu, e com a mais absoluta presteza. Por economia, assim como por razões óbvias, já se propôs que a maneira mais gloriosa seria explodir os prédios com dinamite. Outro plano é destruí-los com fogo. Essa última solução seria o espetáculo mais fácil e mais grandioso, se não fosse o perigo dos borralhos no caso de o vento mudar de direção e soprar a partir do lago.”²

Nem McKim nem Burnham acreditavam, de fato, que a feira devesse ser incendiada. A bem da verdade, os edifícios tinham sido projetados para maximizar o valor residual de seus componentes. Essa conversa sobre incêndio era, na verdade, uma forma de aliviar o desespero de ver o sonho chegar ao fim. Ninguém aguentava imaginar a Cidade Branca deserta e desolada. Um jornalista da *Cosmopolitan* escreveu: “Melhor que desapareça de repente, num fulgor de glória, do que mergulhar aos poucos num estado de ruína e dilapidação. Não há espetáculo mais melancólico do que um salão de festas na manhã seguinte ao banquete, quando os convidados já se foram e as luzes estão apagadas.”³

Mais tarde essas reflexões iam parecer profecias.

Olmsted também rompeu suas conexões. Perto do fim do verão, os muitos compromissos e o calor sufocante fizeram sua saúde piorar outra vez, reativando a insônia. Ele tinha muitos projetos em andamento, entre os quais se destacava Biltmore, contudo já sentia em fim de carreira. Estava com 71 anos. Em 6 de setembro de 1893, escreveu para um amigo, Fred Kingsbury: “Não posso visitá-lo e com frequência sonho com um passeio por nossos velhos lugares e um encontro com você e os outros, mas já me rendi ao destino. Devo percorrer aos tropeços o resto do caminho.”⁴ Olmsted se permitiu, porém, uma rara demonstração de satisfação. “Adoro meus filhos”, disse a Kingsbury. “São um dos centros da minha vida, e o outro é melhorar o cenário e contribuir para a sua apreciação. Apesar das doenças, que me maltratam com crueldade, não devo ser visto como um velho infeliz.”

Louis Sullivan, empanturrado de elogios e prêmios por seu Edifício dos Transportes — especialmente seu Portão Dourado —, voltou a trabalhar com Dankmar Adler, mas em diferentes circunstâncias. A depressão que se aprofundava e os passos em falso dados pelos dois sócios deixaram a firma com poucos projetos. Durante todo o ano de 1893, só completariam dois prédios.⁵ Sullivan, nunca muito tolerante com os colegas, ficou furioso com um dos arquitetos mais jovens da firma quando descobriu que em seu tempo livre o homem vinha projetando casas para seus próprios clientes. Sullivan o demitiu.

O jovem era Frank Lloyd Wright.

Dez mil operários da construção civil também deixaram de trabalhar para a feira e voltaram para um mundo sem empregos e já atulhado de homens desempregados. Quando a exposição acabou, outros milhares se juntariam a eles nas ruas de Chicago. A ameaça de violência era palpável como o esfriamento da temperatura de outono. O prefeito Harrison foi solidário e fez o que pôde. Contratou milhares de homens para limpar as ruas e ordenou às delegacias que abrissem à noite, para que eles tivessem onde dormir. O *Commercial and Financial Chronicle* de Chicago informou: “Nunca tinha havido uma interrupção tão súbita e impressionante de atividade industrial.”⁶ A produção de lingotes caiu pela metade, e a construção de trilhos foi quase reduzida a zero. A demanda por vagões para transportar os visitantes da exposição tinha poupado a Pullman Works, mas no fim da feira George Pullman também começou a cortar salários e dispensar operários. No entanto, não reduziu os aluguéis na cidade-sede de sua empresa.

A Cidade Branca tinha atraído e protegido operários; a Cidade Negra agora os recebia

de volta, às vésperas do inverno, com poluição, fome e violência.

Holmes também percebeu que era hora de deixar Chicago. A pressão dos credores e das famílias tornara-se forte demais.⁷

Primeiro ele ateou fogo ao último andar do castelo.⁸ O incêndio quase não fez estrago, mas ele cobrou 6 mil dólares de indenização nos termos de uma apólice adquirida por seu alter ego fictício Hiram S. Campbell. Um investigador de uma das seguradoras, F. G. Cowie, ficou desconfiado e deu início a uma investigação minuciosa. Embora não tenha encontrado provas concretas de que o incêndio fora criminoso, Cowie achava que Holmes ou um cúmplice ateara fogo. Recomendou aos seguradores que pagassem, desde que fosse a Hiram S. Campbell e que este aparecesse pessoalmente.⁹

Holmes não poderia buscar o dinheiro por conta própria, pois Cowie já o conhecia. Em circunstâncias normais, ele se limitaria a pedir a alguém que fingisse ser Campbell e recebesse o dinheiro, porém andava mais cauteloso. Os tutores de Minnie Williams tinham mandado um advogado, William Capp, procurar Minnie e proteger os bens de seu patrimônio.¹⁰ O tutor de Anna, o reverendo dr. Black, contratara um detetive particular que estivera no prédio de Holmes. E cartas continuavam chegando dos Cigrand, dos Smythe e de outras famílias. Ninguém até então acusara Holmes de crime algum, porém a intensidade da nova onda de indagações era maior, mais indiretamente acusatória, do que qualquer coisa que pela qual já passara. Hiram S. Campbell nunca foi reclamar o dinheiro.

Entretanto, Holmes descobriu que a investigação de Cowie teve um efeito secundário muito mais danoso. Enquanto cavava informações sobre ele, Cowie conseguira mobilizar e unir os credores de Holmes, os vendedores de móveis, os fornecedores de ferro, os fabricantes de bicicletas e os empreiteiros que ele enganara nos últimos cinco anos. Os credores contrataram um advogado chamado George B. Chamberlin, da agência de cobranças Lafayette, de Chicago, que vinha infernizando Holmes desde que ele deixara de pagar à empresa que reformou seu forno. Mais tarde, Chamberlin diria que foi o primeiro homem em Chicago a desconfiar que Holmes era criminoso.

No outono de 1893, Chamberlin entrou em contato com Holmes e pediu-lhe para ir ao seu escritório.¹¹ Holmes achou que ele e Chamberlin fossem se encontrar sozinhos, frente a frente, mas ao aparecer no escritório deparou-se com duas dezenas de credores, seus respectivos advogados e um detetive da polícia.

Isso surpreendeu Holmes, porém não o perturbou nem intimidou. Ele apertou mãos e encarou os olhares furiosos dos credores. Os ânimos imediatamente arrefeceram. Holmes produzia esse efeito.

Chamberlin planejara o encontro como uma armadilha para abalar a fachada imperturbável de Holmes e ficou impressionado com a habilidade com que o homem manteve a despreocupação apesar da atmosfera impregnada de rancor. Chamberlin disse que no total ele devia a seus credores pelo menos 50 mil dólares.

Holmes adotou a mais sóbria das expressões. Entendia as preocupações de todos. Explicou seus lapsos. Sua ambição fora maior do que sua capacidade de pagar as dívidas. Tudo estaria bem, todas as dívidas teriam sido pagas, se não fosse o Pânico de 1893, que o arruinara e destruíra suas esperanças, assim como as de outras incontáveis vítimas em Chicago e no país todo.

Incrivelmente, para Chamberlin, alguns credores assentiram em sinal de compaixão.

Os olhos de Holmes se encheram de lágrimas. Pediu as mais profundas e sentidas desculpas. E sugeriu uma solução. Propôs aos credores saldar suas dívidas com o grupo hipotecando suas várias propriedades.

Isso quase arrancou uma gargalhada de Chamberlin, mas um dos advogados presentes aconselhou o grupo a aceitar a oferta de Holmes. Chamberlin ficou espantado de ver que a falsa cordialidade de Holmes parecia apaziguar os credores. Poucos instantes antes, o grupo queria que o detetive prendesse Holmes assim que ele entrasse na sala. Agora queriam era discutir os próximos passos.

Chamberlin pediu a Holmes que esperasse na sala ao lado.

Holmes concordou. Esperou tranquilamente.

Enquanto a reunião prosseguia — cada vez mais acalorada —, o advogado que aconselhara o grupo a aceitar a hipoteca de Holmes saiu do escritório de Chamberlin e entrou na sala onde Holmes aguardava, supostamente para tomar um copo de água. Os dois conversaram. Não se sabe com exatidão o que aconteceu em seguida. Chamberlin diria depois que esse advogado, irritado porque sua recomendação fora rejeitada, avisou a Holmes que os credores estavam outra vez inclinados a pedir sua prisão. É possível, também, que Holmes apenas tenha pago ao advogado pela informação, ou lançado mão de sua falsa cordialidade e de seu lacrimoso arrependimento para levar o homem a revelar o que o grupo estava combinando.

O advogado voltou para a reunião.

Holmes fugiu.¹²

Logo depois, partiu para Fort Worth, no Texas, a fim de aproveitar melhor o terreno de Minnie Williams.¹³ Tinha planos para a propriedade. Venderia uma parte e, no que sobrasse, construiria um prédio de três andares exatamente igual ao de Englewood. Enquanto isso, usaria a terra para conseguir empréstimos e passar promissórias. Esperava levar uma vida próspera e satisfatória, pelo menos até chegar a hora de mudar-se para outra cidade. Levou o assistente Benjamin Pitezel e sua noiva atual, a bela e

pequena srta. Georgiana Yoke. Pouco antes de deixar Chicago, Holmes comprou uma apólice de seguro de vida da Fidelity Mutual Life Association of Philadelphia, para segurar a vida de Pitezel por 10 mil dólares.¹⁴

Anoitecer

DURANTE TODO O mês de outubro o número de visitantes disparou, conforme mais e mais pessoas se davam conta de que restava pouco tempo para ver a Cidade Branca.¹ Em 22 de outubro, o total de pagantes foi de 138.011. Dois dias depois, chegou a 244.127. Vinte mil pessoas por dia passeavam na Roda de Ferris, 80% a mais do que no começo do mês.² Todo mundo esperava que o público continuasse subindo e que o número de pessoas atraídas para a cerimônia de encerramento de 30 de outubro quebrasse o recorde estabelecido pelo Dia de Chicago.

Para atrair visitantes ao encerramento, Frank Millet planejou um dia inteiro de comemorações com música, discursos, fogos de artifício e o desembarque do próprio “Colombo” de uma das réplicas em tamanho natural da *Niña*, da *Pinta* e da *Santa Maria*, construídas na Espanha especialmente para a feira. Millet contratou atores para interpretarem Colombo e seus capitães; a tripulação seria formada por homens que tinham conduzido os veleiros para Chicago. Millet conseguiu tomar de empréstimo plantas e árvores tropicais do Edifício da Horticultura e levá-las para a beira do lago. Planejava também cobrir a praia com folhas caídas de carvalho e bordo para ressaltar que Colombo tinha desembarcado no outono, ainda que palmeiras vivas e folhas decíduas mortas não fossem exatamente compatíveis. Ao desembarcar, Colombo deveria enfiar a espada no chão e reivindicar a posse do Novo Mundo para a Espanha, enquanto seus homens assumiriam posições imitando as representadas num selo postal de dois centavos lançado em comemoração à descoberta de Colombo. Em paralelo, de acordo com o *Tribune*, índios recrutados do show de Buffalo Bill e de várias exposições da feira “perscrutariam com cautela”³ o grupo desembarcado, ao mesmo tempo que gritariam incoerentemente e correriam “para lá e para cá”. Com essa encenação, Millet esperava transportar os visitantes para “quatrocentos anos atrás” — apesar dos rebocadores a vapor que empurrariam gentilmente os navios espanhóis para a praia.

Mas antes disso veio o grande dia do prefeito Harrison, o Dia das Cidades Americanas, no sábado, 28 de outubro. Cinco mil prefeitos e vereadores tinham aceitado o convite de Harrison para irem à feira, entre eles os prefeitos de São Francisco, Nova Orleans e Filadélfia. Os registros não dizem se o prefeito de Nova York compareceu ou não.

Naquela manhã, Harrison deleitou os repórteres ao anunciar que, sim, os boatos sobre ele e a muito jovem srta. Annie Howard eram verdadeiros, e não só isso, os dois planejavam se casar em 16 de novembro.

O momento de glória veio à tarde, quando ele se levantou para falar aos prefeitos

reunidos. Amigos disseram que ele nunca parecera tão bonito, tão cheio de vida.

Fez elogios à notável transformação do Jackson Park. “Olhem para ele agora!” disse. “Esses edifícios, este salão, este sonho secular de poetas é a aspiração indômita e exclusiva de arquitetos malucos.”⁴ Dirigiu-se à sua plateia: “Eu mesmo ganhei uma injeção de energia” — alusão, talvez, à srta. Howard — “e acredito que vá ver o dia em que Chicago será a maior cidade dos Estados Unidos, e a terceira cidade da face da Terra.” Tinha 68 anos, mas anunciou: “Pretendo viver mais meio século, e no fim desse meio século Londres estará tremendo de medo de que Chicago a ultrapasse...”

Lançando uma olhadela para o prefeito de Omaha, ele gentilmente propôs aceitá-la como subúrbio.

Depois mudou de direção: “Olhar para esta grande Exposição e pensar que está condenada a virar pó me deixa doente”, disse. Esperava que a demolição fosse rápida e citou um comentário recente de Burnham: “‘Que vá; tem que ir, então vá. Vamos encostar a tocha e queimá-la.’ Concordo com ele. Se não podemos preservá-la por mais um ano, eu seria a favor de encostar-lhe uma tocha e incendiá-la e deixá-la subir pelo céu brilhante para o firmamento eterno.”

Prendergast não aguentava mais. Sua visita ao gabinete do procurador municipal — por direito o *seu* gabinete — tinha sido humilhante. Fizeram pouco dele, com risos maldosos. Porém Harrison lhe prometera o emprego. O que precisava fazer para conseguir a atenção do prefeito? Todos aqueles postais não tinham dado resultado. Ninguém lhe escreveu em resposta, ninguém o levou a sério.

Às duas horas do Dia das Cidades Americanas, Prendergast saiu da casa da mãe e foi até uma sapataria da avenida Milwaukee.⁵ Pagou ao comerciante 4 dólares por um revólver usado, de seis tiros. Sabia que armas daquele modelo em particular tinham tendência a disparar por acidente quando batiam em alguma coisa ou caíam, por isso carregou o seu com apenas cinco cartuchos e deixou uma câmara vazia debaixo do cão.

Mais tarde, essa precaução daria muito que falar.

Às três da tarde, mais ou menos quando Harrison proferia o seu discurso, Prendergast entrou no Unity Building, no centro de Chicago, onde o governador John P. Altgeld mantinha o seu gabinete.⁶

Prendergast estava pálido e estranhamente agitado. Um funcionário do prédio achou sua conduta preocupante e lhe disse que não podia entrar.

Ele voltou para a rua.

Era quase noite quando Harrison deixou o Jackson Park e seguiu para o norte no frio e enfumaçado fim de tarde, para sua mansão na avenida Ashland. A temperatura caía muito ao longo da semana, para quase zero à noite, e o céu parecia perpetuamente encoberto. Harrison chegou em casa por volta das sete da noite. Tentou dar um jeito numa janela do primeiro andar e sentou-se para comer com dois filhos, Sophie e Preston. Tinha outros filhos, mas já eram adultos e não moravam com ele. Melancia, é claro, fazia parte da refeição.

No meio do jantar, mais ou menos às sete e meia, alguém tocou a campainha da porta da frente.⁷ Mary Hanson, a empregada, foi atender e se deparou com um jovem esquelético de rosto bem barbeado e cabelos escuros cortados rente. Parecia doente. Perguntou se podia falar com o prefeito.

Não havia nada de peculiar naquela solicitação. Visitas noturnas de pessoas estranhas eram comuns na casa de Ashland, pois Harrison se orgulhava de estar sempre acessível a qualquer cidadão de Chicago, a despeito de posição social. O visitante daquela noite parecia menos respeitável do que a maioria, porém, e comportava-se de um jeito esquisito. Apesar disso, Mary Hanson lhe disse para voltar em meia hora.

O dia tinha sido excitante para o prefeito, ainda que cansativo. Ele cochilou à mesa. Pouco depois das oito, o filho saiu da sala de jantar e subiu ao quarto a fim de se vestir para um compromisso na cidade mais tarde. Sophie também subiu, para escrever uma carta. A casa era aconchegante e bem iluminada. Mary Hanson e os outros empregados se reuniram na cozinha para jantar.

Exatamente às oito, a campainha da porta da frente tocou de novo, e de novo Hanson foi atender.

O mesmo jovem estava na soleira. Hanson pediu-lhe que esperasse no saguão e foi atrás do prefeito.

“Deviam ser umas oito horas quando escutei o barulho”, contou Preston, filho de Harrison. “Fiquei atônito; parecia que um quadro tinha caído.”⁸ Sophie também ouviu, e escutou o pai gritar. “Não dei muita importância”, disse ela, “achei que fosse uma tela caindo no chão perto do corredor dos fundos. Achei que a voz de meu pai fosse um bocejo. Ele costumava bocejar muito alto.”

Preston saiu do quarto e viu fumaça subindo do saguão de entrada. Ao descer as

escadas, ouviu mais dois estampidos. “O último tiro foi claro e penetrante”, disse ele. “Eu sabia que era tiro de revólver.” Soou “como uma explosão de bueiro”.

Correu para o saguão e se deparou com Harrison caído de costas, os empregados em volta, o ar prateado de fumaça de revólver. Havia pouquíssimo sangue. Preston gritou: “Pai, não está ferido, está?”

O próprio prefeito respondeu. “Estou. Fui baleado. Vou morrer.”

Ouviram mais três tiros na rua. O cocheiro tinha feito um disparo para cima, a fim de alertar a polícia, e outro contra Prendergast, e Prendergast revidara.

A comoção atraiu um vizinho, William J. Chalmers, que dobrou o sobretudo para apoiar a cabeça de Harrison. O prefeito lhe disse que tinha sido baleado no coração, mas Chalmers não acreditou. Era muito pouco sangue.

Eles discutiram.⁹

Chalmers disse a Harrison que ele *não* tinha levado um tiro no coração.

Harrison retrucou: “Pois eu lhe digo que levei. Isto é a morte.”

Pouco depois o coração parou.

“Ele morreu com raiva”, disse Chalmers, “porque não acreditei nele. Mesmo na morte ele foi enfático e imperioso.”

Prendergast foi até a delegacia de polícia da rua Desplaines, perto dali, e calmamente contou ao sargento O. Z. Barber: “Prenda-me; sou o homem que matou o prefeito.”¹⁰ De início o sargento duvidou, até que Prendergast lhe deu o revólver, que exalava um forte cheiro de pólvora queimada. Barber verificou que o tambor continha quatro cartuchos gastos e um ainda intacto. A sexta câmara estava vazia.

Barber perguntou a Prendergast por que ele tinha atirado no prefeito.

“Porque ele traiu minha confiança. Eu o apoiei durante a campanha, e ele prometeu me nomear procurador municipal. Não cumpriu sua palavra.”

A companhia da exposição cancelou a cerimônia de encerramento. Não haveria Marcha de Comemoração, nem desembarque de Colombo, nem discursos de Harlow Higinbotham, George Davis ou Bertha Palmer; nenhuma entrega de prêmios, nenhum elogio a Burnham e Olmsted; nenhum “Hail Columbia”; nenhuma interpretação em massa de “Auld Lang Syne”. Em vez disso, o encerramento converteu-se numa cerimônia fúnebre no Festival Hall da feira. Enquanto o público entrava, um organista tocou a “Marcha fúnebre” de Chopin no gigantesco órgão de tubos. O salão estava tão gelado

que o presidente da sessão anunciou que os homens tinham permissão para permanecer de chapéu.

O reverendo dr. J. H. Barrows leu uma bênção e, a pedido dos funcionários da exposição, um discurso que Higinbotham tinha preparado para a cerimônia de encerramento planejada originalmente. Os comentários ainda pareciam apropriados, em especial um trecho: “Estamos dando as costas ao mais belo sonho de civilização, prestes a condená-lo a pó”, leu Barrows. “É como a morte de um amigo querido.”¹¹

O público saiu lentamente para a tarde fria e cinzenta.

Exatamente às 16h45, quando o sol se punha, o navio de guerra *Michigan* disparou um de seus canhões e continuou disparando mais vinte vezes, enquanto mil soldados tomavam posição em cada uma das bandeiras da exposição.¹² Ao último tiro de canhão do *Michigan*, a grande bandeira do Edifício da Administração caiu por terra. As outras mil bandeiras caíram também, ao mesmo tempo, enquanto trompetistas e fagotistas concentrados no pátio de honra tocavam “A bandeira estrelada” e “América”. Duzentos mil visitantes, muitos deles em lágrimas, cantaram junto.

A feira estava encerrada.



As seiscentas carruagens do cortejo fúnebre de Carter Harrison enfileiravam-se por quilômetros e mais quilômetros.¹³ A procissão movia-se lenta e silenciosamente por um escuro mar de homens e mulheres em trajes de luto. Um estrado alto carregando o caixão negro de Harrison conduzia o cortejo, imediatamente seguido pela amada égua Kentucky do prefeito, estribos cruzados sobre a sela vazia. Por toda parte, bandeiras brancas simbolizando a Cidade Branca estavam hasteadas a meio mastro. Milhares de homens e mulheres usavam broches que diziam “Nosso Carter” e observavam em silêncio enquanto, carruagem após carruagem, os homens mais importantes da cidade passavam. Armour, Pullman, Schwab, Field, McCormick, Ward.

E Burnham.

Foi uma viagem difícil para ele. Já tinha feito esse caminho antes, para sepultar John Root. A feira começara com morte e agora terminava com morte.

A procissão era tão grandiosa que precisava de duas horas para passar. Quando chegou ao cemitério de Graceland, no norte da cidade, já era noite e uma névoa suave cobria o chão. Longas filas de policiais ladeavam o trajeto para a capela de pedra do cemitério. Um pouco mais afastados, cinquenta membros das Sociedades de Canto Alemães Unidas aguardavam.

Harrison os ouvira cantar num piquenique e, brincando, lhes pedira que cantassem em seu funeral.¹⁴

O assassinato do prefeito desabou sobre a cidade como uma cortina pesada. Houve o antes e houve o depois desse crime. Onde os jornais da cidade teriam publicado uma série infindável de histórias sobre os efeitos secundários da feira, agora reinava o silêncio. A feira continuou aberta, informalmente, em 31 de outubro, e muitos homens e mulheres estiveram no local para uma última visita, como se prestassem homenagem a um parente que se foi. Uma mulher, em lágrimas, disse à colunista Teresa Dean: “O adeus é tão triste como qualquer um que já dei em todos os meus anos de vida.”¹⁵ William Stead, o editor britânico cujo irmão Herbert cobrira a abertura da feira, chegou a Chicago, vindo de Nova York, na noite do encerramento oficial, mas fez sua primeira visita no dia seguinte. Afirmou que nada que tinha visto em Paris, Roma ou Londres era tão perfeito quando o pátio de honra.

Naquela noite, a exposição iluminou o terreno da feira pela última vez. “Sob as estrelas estendia-se o lago, escuro e sombrio”, escreveu Stead, “porém as margens cintilavam e fulguravam em esplendor dourado a cidade de marfim, bela como um sonho de poeta, silenciosa como a cidade dos mortos.”¹⁶

A Cidade Negra

A EXPOSIÇÃO SE mostrou incapaz de manter a Cidade Negra à distância por muito tempo. Com o encerramento formal, outros milhares de operários juntaram-se ao crescente exército de desempregados, e homens sem-teto fixaram residência entre os grandes palácios abandonados da feira. “Os pobres emergiram magros e famintos do terrível inverno que se seguiu à Feira Mundial,” escreveu o romancista Robert Herrick em *The Web of Life*.¹ “Naquela bela iniciativa, a pródiga cidade tinha utilizado a força máxima e, depois de exibir ao mundo a flor suprema de sua energia, desabou... A imensa peça de roupa da cidade era grande demais para ela; milhares de lojas, hotéis, edifícios residenciais vazios demonstravam sua condição de encolhimento. Dezenas de milhares de seres humanos, atraídos para a cidade em festa por salários anormais, foram abandonadas, sem alimento e sem direito a abrigo em seus edifícios desocupados.” O contraste era triste. “Que espetáculo!”, escreveu Ray Stannard Baker em sua *American Chronicle*.² “Que degradação humana depois da magnificência e prodigalidade da Feira Mundial, que tão recentemente fechara suas portas! Picos de esplendor, orgulho, exaltação num mês; abismos de desgraça, sofrimento, fome, frio no mês seguinte.”

Naquele primeiro e brutal inverno, o fotógrafo de Burnham, Charles Arnold, tirou uma série de fotografias bem diferentes. Uma delas mostra o Edifício das Máquinas sujo de fumaça e lixo.³ Um líquido escuro tinha sido jogado numa parede. Na base da coluna havia uma caixa grande, aparentemente a casa de um desempregado. “É uma desolação”, escreveu Teresa Dean, a colunista, sobre uma visita que fez ao Jackson Park em 2 de janeiro de 1894. “Seria melhor não ter ido. Se não houvesse tanta gente em volta, a gente estenderia os braços, com uma prece nos lábios para que tudo voltasse. Parece cruel, cruel, dar-nos essa visão; deixar-nos sonhar e flutuar no paraíso durante seis meses e depois tirá-lo da nossa vida.”⁴

Seis dias após a visita de Teresa, os primeiros incêndios ocorreram, destruindo várias construções, entre as quais o famoso Peristilo. Na manhã seguinte, Big Mary, lascada e suja, erguia-se num cenário de aço retorcido e chamuscado.

O inverno foi uma provação severa para a classe trabalhadora americana. Dois operários, Eugene Debs e Samuel Gompers, pareciam cada vez mais ser os salvadores, e os grandes comerciantes de Chicago, cada vez mais os demônios. George Pullman continuou a cortar empregos e salários sem reduzir os aluguéis, embora a tesouraria de sua empresa estivesse bem suprida de dinheiro, com 60 milhões de dólares em espécie.⁵ Os amigos de Pullman advertiram-no de que estava sendo teimoso e subestimando a

raiva dos operários. Ele tirou a família de Chicago e escondeu sua melhor porcelana. Em 11 de maio de 1894, dois mil operários da Pullman entraram em greve, com o apoio do sindicato dos ferroviários americanos de Debs. Outras greves estouraram em todo o país, e Debs começou a planejar uma greve geral nacional para julho. O presidente Cleveland despachou tropas federais para Chicago e as colocou sob o comando do general Nelson A. Miles, anteriormente o *grand marshal* da exposição. Miles estava apreensivo com seu novo comando. Sentia algo inédito na agitação que se espalhava, “mais ameaçadora e de maior alcance do que qualquer coisa que já tinha acontecido”.⁶ Mas obedecia a ordens, e o antigo *grand marshal* da feira acabou lutando contra os operários que a haviam construído.

Grevistas bloquearam trens e incendiaram vagões. Em 5 de julho de 1894, incendiários atearam fogo aos maiores palácios da exposição — o imenso Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais, de Post, a cúpula de Hunt, o Portão Dourado de Sullivan, todos.⁷ No Loop, homens e mulheres subiram aos telhados dos escritórios mais altos do Rookery, do Masonic Temple, do Temperance Building e de quase todos os outros lugares altos das redondezas para ver a conflagração distante. As chamas elevavam-se a trinta metros de altura no céu noturno, projetando seu brilho lago adentro.

Tardamente, Burnham viu seu desejo realizado. “Não houve remorso”, observou o *Chicago Tribune*, “mas um sentimento de prazer por terem sido os elementos, e não os destruidores de prédios, que eliminaram o espetáculo da temporada colombiana.”⁸



Mais tarde, no ano seguinte, veio o espanto:

“Há centenas de pessoas que foram a Chicago ver a feira e nunca mais deram notícia”, disse o *New York World*. “A lista de ‘desaparecidos’ quando a feira terminou era longa, e na maior parte dos casos há suspeita de crime. Será que esses visitantes da feira, estranhos em Chicago, encontraram o caminho do Castelo de Holmes respondendo a anúncios enganadores divulgados por ele e nunca mais voltaram? Terá ele erguido seu Castelo perto da feira para reunir vítimas por atacado...?”⁹

De início, a polícia de Chicago não tinha respostas, além da mais óbvia: que em Chicago, na época da feira, era muito fácil desaparecer.

Os segredos do castelo de Holmes acabaram vindo à tona, mas só por causa da persistência de um detetive solitário, vindo de uma cidade distante, enlutado por sua própria e terrível perda.

PARTE IV

Crueldade revelada

1895



Dr. H. H. Holmes.

“Propriedade de H. H. Holmes”

O DETETIVE FRANK GEYER era um homem grande, de rosto agradável e sincero, um imenso bigode de pontas caídas e uma nova seriedade no olhar e no comportamento. Um dos melhores detetives da Filadélfia, tinha pertencido à força policial por vinte anos, durante os quais investigara cerca de duzentos assassinatos.¹ Entendia bem de homicídios e de seus moldes imutáveis. Maridos matavam mulheres, mulheres matavam maridos, e pobres matavam pobres, sempre pelas mesmas razões: dinheiro, ciúme, paixão e amor. Raramente um assassinato envolvia os elementos misteriosos dos romances baratos ou das histórias de suspense. No entanto, desde o início, o trabalho atual de Geyer — em junho de 1895 — se desviara do padrão. Uma grande novidade era que o suspeito já estava sob custódia, preso sete meses antes, por fraude contra seguro, e no momento trancafiado na Prisão de Moyamensing, na Filadélfia.

O suspeito era um médico chamado Mudgett, mais conhecido, porém, pelo pseudônimo de H. H. Holmes. Tinha morado em Chicago, onde ele e um cúmplice, Benjamin Pitezel, administraram um hotel durante a Exposição Colombiana Mundial de 1893. De Chicago, os dois se mudaram para Fort Worth, no Texas, depois para Saint Louis e de lá para a Filadélfia, cometendo fraudes pelo caminho. Na Filadélfia, Holmes tinha dado um golpe de quase 10 mil dólares na Fidelity Mutual Life Association, ao que tudo indicava simulando a morte do segurado, Ben Pitezel. Holmes comprara a apólice em 1893, no escritório da Fidelity em Chicago, pouco antes do encerramento da exposição. Enquanto as provas de fraude se acumulavam, a Fidelity contratara a agência de detetives nacional Pinkerton — “O olho que nunca dorme” — para procurar Holmes. Os agentes pegaram sua pista em Burlington, Vermont, e o seguiram até Boston, onde conseguiram que a polícia o prendesse. Holmes confessou a fraude e concordou em ser extraditado para a Filadélfia para julgamento. Àquela altura, o caso parecia encerrado. Mas agora, em junho de 1895, tornava-se cada vez mais evidente que Holmes não tinha *simulado* a morte de Ben Pitezel; na verdade, ele o matara, adulterando a cena mais tarde para que a morte parecesse acidental. Três dos cinco filhos de Pitezel — Alice, Nellie e Howard — estavam desaparecidos, vistos pela última vez em companhia de Holmes.

A missão de Geyer era encontrar as crianças.² Foi convidado para entrar no caso pelo procurador público da Filadélfia George S. Graham, que, ao longo dos anos, aprendera a recorrer a Geyer nas investigações mais delicadas da cidade. Dessa vez, porém, Graham tinha pensado duas vezes, pois sabia que poucos meses antes Geyer tinha perdido a mulher, Martha, e a filha de doze anos, Esther, num incêndio.³

Geyer entrevistou Holmes em sua cela, mas não descobriu mais nada. Holmes insistiu em dizer que quando viu os filhos de Pitezel pela última vez eles estavam vivos e viajavam com uma mulher chamada Minnie Williams, a caminho do lugar onde o pai estava escondido.

O detetive achou Holmes afável e loquaz, um camaleão social. “Holmes é dado a mentir com uma espécie de flórida ornamentação”, escreveu Geyer, “e suas histórias são todas adornadas com muitos ornamentos extravagantes, com a intenção de dar mais plausibilidade a suas declarações. Falando, ele transmite a impressão de candura, às vezes tornando-se patético, quando ser patético lhe convém, pronunciando as palavras com um tremor de voz, geralmente acompanhado de olhos úmidos, e de repente volta a adotar um jeito determinado e vigoroso de falar, como se indignação ou resolução tivessem brotado de ternas lembranças que lhe tocaram o coração.”⁴

Holmes disse ter adquirido um cadáver parecido com o de Ben Pitezel e colocado no segundo andar de uma casa alugada especialmente para cometer a fraude.⁵ Por coincidência ou por uma maligna manifestação de humor, a casa ficava bem atrás do necrotério da cidade, poucas quadras ao norte da prefeitura. Holmes admitiu que arranjara o cadáver para sugerir que Pitezel tinha morrido numa explosão acidental. Derramou solvente no tronco do corpo e ateou fogo, então o posicionou no chão, expondo-o diretamente à luz solar. Quando foi descoberto, tinha os traços tão deformados que era impossível reconhecê-lo. Holmes se ofereceu para ajudar o médico-legista a fazer a identificação. No necrotério, não só ajudou a localizar uma verruga inconfundível no pescoço do homem, como também tirou sua própria lanceta e a removeu, entregando-a, em seguida, prosaicamente, ao legista.

O legista quis que alguém da família Pitezel também estivesse presente para fazer a identificação.⁶ A esposa de Pitezel, Carrie, estava adoentada e não pôde ir. Mandou em seu lugar a segunda filha mais velha, Alice, de quinze anos. Os ajudantes do legista cobriram o corpo para que Alice só pudesse ver os dentes. Ela parecia segura de que era o pai. A Fidelity pagou o seguro. Depois disso, Holmes viajou para Saint Louis, onde a família Pitezel vivia na época. Ainda de posse de Alice, ele convenceu Carrie a deixá-lo levar a menina e mais dois filhos, explicando que o pai, em seu esconderijo, estava desesperado para vê-los. Pegou Nellie, de onze anos, e Howard, de oito, e embarcou com as três crianças numa estranha e triste viagem.

Geyer sabia, pelas cartas de Alice, que inicialmente ela achara a viagem uma aventura. Numa carta para a mãe, datada de 20 de setembro de 1894, Alice escreveu: “Eu gostaria que você visse o que vi.”⁷ Na mesma carta, manifestou aversão aos modos pegajosos de Holmes. “Não gosto que ele me chame de benzinho, criança, querida, nada dessas

bobagens.” No dia seguinte, escreveu novamente: “Mamãe, você já viu ou provou banana vermelha? Comi três. São tão grandes que quando seguro uma delas meu polegar e o próximo dedo mal se tocam.”⁸ Desde que saíra de Saint Louis, Alice não teve mais notícias de casa e temia que a doença da mãe tivesse piorado. “Você recebeu quatro cartas minhas além desta?” escreveu Alice. “Você ainda está doente na cama ou se levanta? Eu gostaria de ter notícias.”

Uma das poucas coisas de que o detetive Geyer tinha certeza era que nenhuma dessas cartas jamais chegou a Carrie Pitezel. Alice e Nellie tinham escrito para a mãe inúmeras vezes enquanto estavam sob os cuidados de Holmes e davam as cartas a ele na expectativa de que as pusesse no correio. Ele jamais o fez. Pouco depois de sua prisão, a polícia descobriu uma latinha, com os dizeres “Propriedade de H. H. Holmes”,⁹ contendo vários documentos e uma dúzia de cartas das meninas. Ele as guardava na vasilha como se fossem conchas catadas na praia.

Agora a sra. Pitezel estava quase despedaçada de ansiedade e dor, apesar das garantias posteriores de Holmes de que Alice, Nellie e Howard estavam em Londres sob os competentes cuidados de Minnie Williams. A Scotland Yard fez uma busca e não encontrou vestígios algum das crianças. Geyer tinha pouca esperança de que sua própria busca desse melhor resultado. Depois de mais de meio ano sem que ninguém tivesse ouvido notícia das crianças, escreveu Geyer, “a tarefa não era muito encorajadora, e a crença geral de todos os interessados era que as crianças jamais seriam encontradas. A procuradoria pública achava, porém, que uma tentativa final de encontrar as crianças deveria ser feita, ao menos pelo bem da mãe aflita. Eu não estava submetido a quaisquer restrições, mas fui orientado a confiar em meu próprio julgamento nessa questão e a seguir para onde quer que as pistas me levassem”.¹⁰

Geyer iniciou sua busca na noite de 26 de junho de 1895, uma noite quente de um verão quente. No começo de junho, uma zona de alta pressão, a “elevação permanente”, se estabeleceu sobre os estados do médio atlântico e empurrara as temperaturas na Filadélfia para bem acima dos trinta. Uma estagnação úmida tomava conta da zona rural. Mesmo à noite, o ar dentro do trem em que Geyer viajava era estagnado e úmido. Restos de fumaça de cigarro desgarravam-se dos ternos dos homens, e em cada parada o ruído de sapos e grilos enchia o vagão. Geyer dormia a intervalos irregulares.

No dia seguinte, enquanto o trem avançava para o oeste pelos vales vaporosos da Pensilvânia e de Ohio, Geyer releu cópias das cartas das crianças à procura de qualquer pista que talvez lhe tivesse escapado e que pudesse orientar sua investigação. As cartas não só ofereciam provas irrefutáveis de que as crianças estiveram com Holmes, como

continham referências geográficas que permitiam a Geyer traçar os vagos contornos do trajeto que Holmes e as crianças tinham feito. A primeira parada parecia ter sido Cincinnati.

O detetive Geyer chegou a Cincinnati às sete e meia da noite da quinta-feira, 27 de junho.¹¹ Hospedou-se no hotel Palace. De manhã dirigiu-se à sede da polícia para informar o superintendente de polícia da cidade sobre sua missão. O superintendente destacou um detetive para ajudá-lo, John Schnooks, um velho amigo de Geyer.

Geyer esperava reconstruir as viagens das crianças de Cincinnati em diante. Não havia um jeito fácil de alcançar esse objetivo. Dispunha de poucas ferramentas, além de cérebro, seu caderno, um punhado de fotografias e as cartas das crianças. Ele e o detetive Schnooks fizeram uma lista de todos os hotéis de Cincinnati próximos de estações ferroviárias e depois saíram a pé para visitar cada um e examinar seus registros à procura de algum sinal das crianças e de Holmes. Parecia fora de dúvida que Holmes usaria um pseudônimo, por isso Geyer levou também as fotos, até mesmo um desenho do baú “de tampa chata” das crianças. Porém muitos meses haviam transcorrido desde que as crianças haviam escrito as cartas. Geyer tinha pouca esperança de que alguém se lembrasse de um homem com três crianças.

Nisso, como se verá, estava errado.

Os detetives se arrastavam de um hotel para outro. O dia não parava de esquentar. Eles eram gentis e nunca demonstravam impaciência, apesar de terem de fazer as mesmas apresentações e contar a mesma história inúmeras vezes.

Na avenida Central, entraram num hotel pequeno e barato, o Atlantic House. Como nos outros hotéis, pediram na recepção para ver o livro de registros. Procuraram primeiro na sexta-feira, 28 de setembro de 1894, o dia em que Holmes, já de posse de Alice, fora buscar Nellie e Howard em sua casa em Saint Louis. Geyer calculou que Holmes e as crianças tinham chegado a Cincinnati no fim daquele mesmo dia. Geyer correu o dedo pela página e parou numa anotação sobre “Alex E. Cook”, hóspede que, de acordo com o registro, viajava com três crianças.

Aquela anotação cutucou a memória de Geyer. Holmes tinha usado esse nome antes, para alugar uma casa em Burlington, Vermont. Além disso, Geyer a essa altura já conhecia bem a letra de Holmes. A escrita no livro pareceu-lhe familiar.

O grupo de “Cook” ficou apenas uma noite, segundo o registro. Mas Geyer sabia, pelas cartas das meninas, que eles tinham permanecido mais uma noite em Cincinnati. Parecia estranho que Holmes se desse ao trabalho de mudar-se para outro hotel, contudo a experiência ensinara a Geyer que fazer suposições a respeito do comportamento de

criminosos era sempre perigoso. Ele e Schnooks agradeceram ao funcionário da recepção por sua gentileza e saíram para investigar outros hotéis.

O sol ia alto, das ruas subia um vapor. Cigarras arranhavam mensagens de todas as árvores. Na esquina da rua Seis com a rua Vine, os detetives se depararam com um hotel chamado Bristol e descobriram que no sábado, 29 de setembro de 1894, um homem identificado como “A. E. Cook” ali se hospedara com três crianças. Ao ver as fotos de Geyer, o funcionário confirmou que os hóspedes eram Holmes, Alice, Nellie e Howard. Eles partiram de manhã, no domingo, 30 de setembro. A data era compatível com a cronologia dos acontecimentos: Geyer sabia pelas cartas das crianças que naquela manhã de domingo eles tinham deixado Cincinnati e chegado à noite em Indianápolis.

No entanto, o detetive ainda não estava pronto para deixar Cincinnati. Nesse momento começou a seguir uma intuição. Os Pinkerton tinham descoberto que Holmes às vezes alugava casas nas cidades por onde viajava, como o fizera em Burlington. Geyer e Schnooks voltaram suas atenções para os agentes imobiliários de Cincinnati.

A busca acabou levando-os à imobiliária de J. C. Thomas, na rua Três Leste.

Alguma coisa em Holmes devia chamar a atenção das pessoas, porque tanto Thomas como seu funcionário se lembravam dele. Holmes alugara uma casa na rua Poplar, 305, em nome de “A. C. Hayes”, e pagara uma quantia substancial como adiantamento.

A data do contrato, segundo Thomas, era 28 de setembro de 1894, a sexta-feira em que Holmes e as crianças chegaram a Cincinnati. Holmes ficou com a casa por apenas dois dias.

Thomas não soube dar mais detalhes, mas encaminhou os detetives a uma mulher chamada Henrietta Hill, que morava na casa ao lado.

Geyer e Schnooks partiram imediatamente para a residência da srta. Hill e descobriram que era uma arguta observadora e uma bisbilhoteira. “Não há muito o que contar”, disse e em seguida contou-lhes muita coisa.¹²

A primeira vez que ela notou o novo inquilino foi no sábado, 29 de setembro, quando uma carroça de móveis parou na frente da casa alugada. Um homem e um menino desceram. O que mais chamou a atenção da srta. Hill foi o fato de que a carroça estava vazia, salvo por um fogão de ferro que parecia grande demais para uma residência particular.

A srta. Hill achou o fogão tão estranho que chegou a comentar com os vizinhos. Na manhã seguinte, Holmes bateu à sua porta e disse que acabara decidindo não ficar na casa. Se ela quisesse o fogão, podia ficar com ele.

O detetive calculou que Holmes talvez tivesse percebido um excesso de curiosidade dos

vizinhos e mudado de planos. Mas que planos eram esses? Na época, Geyer escreveu: “Fui incapaz de perceber o grande significado do aluguel da casa da rua Poplar e da entrega de um fogão tão imenso.”¹³ Mas estava certo de que tinha “agarrado firmemente a ponta do fio” que o levaria às crianças.

Com base nas cartas das meninas, a próxima parada de Geyer era óbvia. Agradeceu ao detetive Schnooks pelo companheirismo e tomou um trem para Indianápolis.

Fazia ainda mais calor em Indianápolis. Folhas pendiam paradas, como as mãos de alguém que acabou de morrer.

Domingo de manhã bem cedo, Geyer foi à delegacia de polícia e conseguiu um novo parceiro local, o detetive David Richards.

Uma parte da pista foi fácil de encontrar. Na carta que escreveu em Indianápolis, Nellie Pitezel tinha dito: “Estamos no H. English.” O detetive Richards conhecia o lugar: o Hotel English.

Nos registros do hotel, Geyer descobriu uma anotação referente a 30 de setembro sobre “as três crianças Canning”. Ele sabia que Canning era o nome de solteira de Carrie Pitezel.

Mas nada era simples. De acordo com os registros, as crianças Canning partiram no dia seguinte, segunda-feira, 1º de outubro. Apesar disso, Geyer sabia, também graças às cartas, que as crianças tinham ficado pelo menos mais uma semana em Indianápolis. Parecia que Holmes tinha repetido o padrão estabelecido em Cincinnati.

Geyer iniciou o mesmo exame minucioso que fizera em Cincinnati. Ele e o detetive Richards estiveram em todos os hotéis, mas não encontraram nenhuma outra referência às crianças.

Entretanto, descobriram uma outra coisa.

Num hotel chamado Circle Park, encontraram uma anotação sobre uma “srta. Georgia Howard”. Howard era um dos pseudônimos mais usados por Holmes, como Geyer a essa altura já sabia. Achava que essa mulher talvez fosse a última esposa de Holmes, Georgiana Yoke. Os registros mostravam que a “srta. Howard” tinha chegado no domingo, 30 de setembro de 1894, e ficado quatro noites.

Geyer mostrou as fotografias à proprietária do hotel, a sra. Rodius, que reconheceu Holmes e Yoke, mas não as crianças. A sra. Rodius explicou que ela e Yoke ficaram amigas. Numa conversa, Yoke lhe dissera que o marido era “um homem muito rico e que possuía propriedades e ranchos de criação de gado no Texas; também tinha uma quantidade considerável de imóveis em Berlim, para onde pretendiam ir logo que o marido pusesse os negócios em ordem para partir”.¹⁴

A cronometragem dessas estadas em hotéis era espantosa. Tanto quanto Geyer percebia, naquele domingo, 30 de setembro, Holmes de alguma forma conseguira levar as três crianças e sua própria mulher para três hotéis diferentes na mesma cidade, sem que as crianças soubessem da existência da mulher e a mulher da existência das crianças.

Mas para onde foram as crianças em seguida?

Geyer e Richards examinaram os registros de todos os hotéis e pensões de Indianápolis, porém não descobriram nenhum outro traço delas.

A etapa da busca de Geyer em Indianápolis parecia ter chegado ao fim, quando Richards se lembrou de que um hotel chamado Circle House tinha funcionado no outono de 1894, mas depois fechara. Ele e Geyer indagaram em outros hotéis para descobrir quem tinha administrado o Circle House e foram informados pelo antigo recepcionista de que os registros estavam de posse de um advogado do centro da cidade.

Os registros estavam malconservados, mas entre os hóspedes que chegaram na segunda-feira, 1º de outubro, Geyer descobriu uma anotação familiar: “Três crianças Canning.” Mostravam que as crianças eram de Galva, Illinois — a cidade onde a sra. Pitezel crescera. Geyer sentiu uma necessidade urgente de conversar com o antigo gerente do hotel e descobriu que ele administrava um bar na parte oeste de Indianápolis. Seu nome era Herman Ackelow.

Geyer explicou sua missão e imediatamente mostrou a Ackelow as fotos de Holmes e das crianças Pitezel. Ackelow ficou calado por um instante. Depois disse que sim, que tinha certeza: o homem da foto estivera no hotel.

Mas era das crianças que ele se lembrava com mais clareza e contou ao detetive por quê.

Até aquele momento tudo o que Geyer sabia sobre a estada das crianças em Indianápolis era o que tinha lido nas cartas guardadas na latinha. Entre 6 e 8 de outubro, Alice e Nellie tinham escrito pelo menos três cartas, que Holmes interceptara. As cartas eram curtas e mal escritas, mas ofereciam pequenos e vívidos vislumbres da rotina das crianças e do estado de quase cativo em que Holmes as mantinha. “Estamos todos bem”, escreveu Nellie no sábado, 6 de outubro. “Está um pouquinho mais quente hoje. Há tantos cabriolés passando que a gente não consegue pensar. Primeiro eu lhe escrevi uma carta com uma caneta de cristal... É toda de vidro e precisei ter cuidado para não quebrar, custou só cinco centavos.”¹⁵

Alice escreveu uma carta no mesmo dia. Era a que estava havia mais tempo longe da mãe, e para ela a viagem se tornou aborrecida e triste. Era sábado, chovia muito. Ela pegou um resfriado e estava lendo *A cabana do Pai Tomás* sem parar até os olhos

começarem a doer. “E espero que este domingo passe mais devagar do que sei lá o quê... Por que você não me escreve? Não recebi nenhuma carta sua desde que saí e depois de amanhã vai fazer três semanas.”¹⁶

Na segunda-feira, Holmes permitiu que uma carta da sra. Pitezel fosse lida pelas crianças, o que levou Alice a responder imediatamente, observando: “É como se você estivesse com uma terrível saudade de casa.”¹⁷ Nessa carta, que Holmes nunca pôs no correio, Alice informava que o pequeno Howard estava sendo um pouco difícil. “Certa manhã o sr. H me disse para dizer a ele para ficar em casa na manhã seguinte, que ele queria assim e viria apanhá-lo e levá-lo.” Mas Howard não obedecera, e quando Holmes foi buscá-lo o menino tinha desaparecido. Holmes ficou furioso.

Apesar da tristeza e do tédio, Alice descobriu alguns motivos para comemorar. “Ontem comemos purê de batata, uva, frango, um copo de leite cada um, um sorvete cada um, um grande prato de molho cheio, muito bom, também torta de limão, você não acha que é muito bom?”

O fato de as crianças estarem tão bem alimentadas teria consolado a sra. Pitezel se ela tivesse recebido a carta. Mas não a história que o antigo gerente do hotel contou a Geyer.

Todos os dias Ackelow mandava o filho mais velho subir ao quarto das crianças e chamá-las para as refeições. Com frequência o menino voltava dizendo que as crianças estavam chorando, “evidentemente desconsoladas e loucas para rever a mãe, ou ter notícias dela”, escreveu Geyer.¹⁸ Uma camareira alemã chamada Caroline Klausmann tinha arrumado o quarto das crianças e assistido às mesmas cenas tristes. Ela se mudara para Chicago, informou Ackelow. Geyer anotou o nome no caderno.

“Holmes disse que Howard era um menino muito mau”, lembrou-se Ackelow, “e que estava tentando interná-lo em alguma instituição ou colocá-lo como aprendiz de algum fazendeiro, pois queria se livrar da responsabilidade de cuidar dele.”¹⁹

Geyer ainda alimentava uma pequena esperança de que as crianças estivessem vivas, como Holmes continuava afirmando. Apesar de seus vinte anos na polícia, Geyer tinha dificuldade para acreditar que qualquer pessoa fosse capaz de matar três crianças absolutamente sem motivo algum. Por que Holmes se daria ao trabalho e incorreria nas despesas de levar as crianças de cidade em cidade, de hotel em hotel, se só queria matá-las? Por que comprara uma caneta de cristal para cada uma, e as levava ao zoológico de Cincinnati, e fizera questão de que comessem torta de limão e sorvete?

Geyer partiu para Chicago, mas sentindo uma profunda relutância em deixar Indianápolis — “alguma coisa parecia me dizer que Howard não saíra de lá vivo”.²⁰ Em Chicago, para sua surpresa, descobriu que o departamento de polícia da cidade não sabia

coisa alguma sobre Holmes. Procurou Caroline Klausmann, que no momento trabalhava no Swiss Hotel, na rua Clark. Quando lhe mostrou as fotos das crianças, os olhos dela se encheram de lágrimas.

Geyer tomou o trem para Detroit, a cidade onde Alice tinha escrito a última das cartas guardadas na latinha.

Geyer começou a ter noção de quem era sua presa. Não havia nada de racional em Holmes, mas seu comportamento parecia seguir um padrão. Geyer sabia o que procurar em Detroit e, com a ajuda de outro detetive de polícia, mais uma vez iniciou uma paciente investigação por hotéis e pensões. Embora tenha contado sua história e mostrado as fotografias uma centena de vezes, nunca se cansava e era sempre paciente e educado. Eram suas virtudes. Sua fraqueza era a crença de que o mal tinha limites.

Mais uma vez retomou a pista das crianças e os registros paralelos de Holmes e Yoke, mas então descobriu uma coisa ainda mais estranha — que durante o mesmo período Carrie Pitezal e os outros dois filhos, Dessie e o bebê Wharton, também tinham se hospedado em Detroit no hotel Geis's. Geyer se deu conta, para seu assombro, de que Holmes naquele momento estava conduzindo *três* diferentes grupos de viajantes, de um lugar para outro, empurrando-os pela paisagem como se fossem brinquedos.²¹

E descobriu outra coisa.

Andando de hospedagem em hospedagem, ele viu que Holmes não só tinha mantido Carrie longe de Alice, Nellie e Howard: ele os pusera em estabelecimentos a apenas três quadras de distância um do outro. De repente, as implicações do que Holmes tinha feito ficaram claras para ele.

Releu a última carta de Alice. Ela a escrevera para os avós no domingo, 14 de outubro, o mesmo dia em que a mãe, juntamente com Dessie e o bebê, tinham se hospedado no hotel Geis's. Era a carta mais triste de todas. Alice e Nellie estavam ambas resfriadas, e o tempo se tornara invernososo. “Diga a Mamãe que preciso de um casaco”, escreveu Alice. “Estou quase congelando nesta jaqueta fina.”²² A falta de roupa quente obrigava as crianças a ficarem no quarto, dia após dia. “Tudo o que Nell e eu podemos fazer é desenhar, e me canso tanto de ficar sentada que poderia me levantar e quase voar. Gostaria de ver vocês todos. Estou ficando com tanta saudade de casa que não sei mais o que fazer. Acho que a esta altura Wharton já anda, não anda? Eu gostaria que ele estivesse aqui, ele ajudaria bem a passar o tempo.”

Geyer ficou estupefato: “Então, enquanto essa pobre criança Alice estava escrevendo para os avós em Galva, Illinois, queixando-se do frio, mandando uma mensagem para a mãe, pedindo roupas mais grossas e confortáveis, desejando o pequeno Wharton, o bebê

que os ajudaria a passar o tempo — enquanto essa criança cansada, solitária e saudosa escrevia esta carta, a mãe e a irmã, e o muito desejado Wharton, estavam a dez minutos de distância dali e lá continuaram por mais cinco dias.”²³

Geyer percebeu que para Holmes aquilo era um jogo. Ele os possuía a todos e deleitava-se com a posse.

Uma frase adicional da carta de Alice ficou girando na cabeça de Geyer.

“Howard”, escrevera ela, “não está conosco agora.”²⁴

Prisão de Moyamensing

HOLMES ESTAVA SENTADO em sua cela na Prisão de Moyamensing, um grande edifício com torres e ameias na rua Dez e com a rua Reed, no sul da Filadélfia. Não parecia terrivelmente preocupado com seu encarceramento, embora se queixasse de injustiça. “A grande humilhação do sentimento de ser um prisioneiro está me matando mais do que qualquer outro desconforto que já sofri”, escreveu ele — embora, na verdade, não sentisse humilhação nenhuma.¹ Se sentia algo, era uma presunçosa satisfação por ninguém, até aquela altura, ter encontrado qualquer prova concreta de que ele matara Ben Pitezel ou as crianças desaparecidas.

Ocupava uma cela que media mais ou menos três por quatro metros, com uma estreita janela gradeada no alto da parede exterior e uma única lâmpada elétrica, que os guardas apagavam sempre às nove da noite. As paredes eram caiadas. A construção de pedra da prisão ajudava a abrandar o extremo calor que se instalara na cidade e na maior parte do país, mas nada era capaz de evitar a notória umidade da Filadélfia. Ela se agarrava a Holmes e seus colegas de prisão como um casaco de lã molhada, embora nem para isso ele parecesse ligar. Holmes tornou-se um prisioneiro modelo — na verdade, ele se tornou o *modelo* do prisioneiro exemplar. Divertia-se utilizando seu charme para obter concessões dos carcereiros. Tinha permissão para vestir suas próprias roupas “e trazer meu relógio e outros pequenos objetos pessoais”.² Descobriu também que podia pagar para obter alimento, jornais e revistas vindos de fora. Leu a respeito de sua crescente notoriedade nacional. Leu também que Frank Geyer, detetive da Filadélfia que o entrevistara em junho, estava no Meio-Oeste à procura dos filhos de Pitezel. A busca era uma fonte de prazer para Holmes. Satisfazia sua profunda necessidade de chamar a atenção e lhe dava uma sensação de poder sobre o detetive. Sabia que a investigação de Geyer seria inútil.

Na cela de Holmes havia uma cama, um banquinho e uma mesa para escrever, sobre a qual compôs suas memórias. Disse que começara a escrevê-las no inverno anterior — para ser exato, em 3 de dezembro de 1894.

Iniciou suas memórias como se fosse uma fábula: “Venha comigo, se preferir, até uma minúscula e sossegada aldeia da Nova Inglaterra, aninhada entre os pitorescamente escarpados morros de New Hampshire... Ali, no ano de 1861, eu, Herman W. Mudgett, autor destas páginas, nasci. Não tenho por que pensar que meus primeiros anos de vida foram diferentes dos de qualquer outro menino comum criado no campo.”³ As datas e os lugares estavam corretos; a descrição de sua meninice como um típico idílio campestre

era, quase certamente, falsa. Uma das características definidoras do psicopata é que, quando criança, mentem à vontade, demonstrando uma crueldade inusitada com animais e outras crianças, e que quase sempre praticam atos de vandalismo, com preferência especial pelo incêndio.⁴

Holmes inseriu em suas memórias um “diário da prisão”⁵ que, segundo dizia, manteve desde o dia de sua chegada a Moyamensing. É mais provável que tenha inventado o diário especialmente para incluí-lo nas memórias, como um veículo que servia para reforçar suas alegações de inocência ao ressaltar a impressão de que era homem de afeto e piedade. No diário, afirmava ter estabelecido uma rotina diária visando o aperfeiçoamento pessoal. Acordava às seis e meia da manhã, tomava seu “costumeiro banho de esponja” e em seguida limpava a cela. Tomava o café às sete. “Não comerei mais carne de espécie alguma enquanto estiver tão rigorosamente confinado.” Planejava exercitar-se e ler os jornais da manhã até às dez. “Das dez ao meio-dia e das duas às quatro da tarde, seis dias por semana, devo me restringir a minhas velhas obras de medicina e outros estudos da faculdade, incluindo estenografia, francês e alemão.” O resto do dia era dedicado a ler periódicos e livros da biblioteca.

A certa altura do diário ele comenta que está lendo o best-seller de 1894 *Trilby*, de autoria de George Du Maurier, sobre uma jovem cantora, Trilby O’Farrell, e de sua posse pelo mesmerista Svengali. “Gostei muito de algumas partes”, escreveu Holmes.

Em outra parte do diário, Holmes apelava para o coração.

Uma anotação, de 16 de maio de 1895: “Meu aniversário. Tenho 34 anos. Fico imaginando se, como em anos anteriores, minha mãe me escreverá...”

Em outra anotação, ele descreve uma visita de sua última mulher, Georgiana Yoke: “Ela tem sofrido e, apesar de tentar heroicamente esconder de mim, não adiantou; e, nos poucos minutos que levei para lhe dizer adeus novamente, saber que ela ia para o mundo levando um fardo tão pesado me causou mais sofrimento do que qualquer luta mortal jamais causaria. Todos os dias, enquanto não souber que ela está segura e protegida contra danos e aborrecimentos, será a morte em vida para mim.”

Da cela, Holmes escreveu também uma longa carta para Carrie Pitezl, produzida de maneira que mostra que ele tinha consciência de que a polícia lia sua correspondência. Insistia na versão de que Alice, Nellie e Howard estavam com “a srta. W.” em Londres, e que se a polícia apurasse direito o mistério das crianças seria resolvido. “Fui cuidadoso com as crianças como se fossem meus próprios filhos, e você me conhece o suficiente para me julgar melhor do que um estranho. Ben não faria nada contra mim, nem eu contra ele, mais do que se fôssemos irmãos. Nós *nunca* discutimos. Repito, ele era valioso

demais para mim para que eu o matasse, tivesse ou não outro motivo. Quanto às crianças, jamais acreditarei, até que você mesma me diga, que você acha que elas estão mortas ou que eu tenha feito qualquer coisa para matá-las. Conhecendo-me como você me conhece, dá para me imaginar matando crianças pequenas e inocentes, especialmente sem qualquer motivo?”⁶

Explicou a ausência de cartas dos meninos. “Eles sem dúvida escreveram cartas, que a srta. W., para sua própria segurança, reteve.”

Holmes lia os jornais diários com atenção. Estava claro que a diligência do detetive tinha dado pouco resultado. Holmes não tinha dúvida de que Geyer logo seria forçado a encerrar sua busca e voltar para a Filadélfia.

Essa possibilidade era extremamente agradável.

O inquilino

NO DOMINGO, 7 DE julho de 1895, o detetive Geyer continuou sua busca em Toronto, onde o departamento de polícia designou o detetive Alf Cuddy para ajudá-lo.¹ Juntos, Geyer e Cuddy vasculharam os hotéis e pensões de Toronto e, depois de dias de investigação, descobriram que ali também Holmes tinha movimentado três grupos de viajantes simultaneamente.

Holmes e Yoke tinham ficado no Walker House: “G. Howe e esposa, Columbus.”

A sra. Pitezell, no Union House: “Sra. C. A. Adams e filha, Columbus.”

As meninas, no Albion: “Alice e Nellie Canning, Detroit.”

Ninguém se lembrava de ter visto Howard.

Agora Geyer e Cuddy começaram a examinar os registros de agências imobiliárias e a contatar os donos de casas para aluguel, mas Toronto era muito maior do que as outras cidades que Geyer tinha investigado. A tarefa parecia impossível. Na manhã de segunda-feira, 15 de julho, ele acordou diante da possibilidade de outro dia de rotina extremamente tediosa, mas ao chegar à sede da polícia encontrou o detetive Cuddy inusitadamente de bom humor. Eles haviam recebido uma informação que Cuddy achava promissora. Um morador, Thomas Ryves, lera a descrição de Holmes num dos jornais da cidade e achara parecida com a de um homem que em outubro de 1894 alugara a casa ao lado da sua, na rua Saint Vincent, 16.

Geyer ficou desconfiado. A intensa cobertura jornalística de sua missão e de sua chegada a Toronto tinha produzido milhares de pistas, todas inúteis.

Cuddy admitiu que a última pista provavelmente seria outra caçada inútil, mas pelo menos oferecia uma mudança de ritmo.

A essa altura Geyer se tornara um fascínio nacional, o Sherlock Holmes dos Estados Unidos. Relatos de suas viagens apareciam em jornais de todo o país. Naqueles tempos, a possibilidade de que um homem tivesse matado três crianças pequenas ainda era vista como um horror fora de qualquer norma. Havia qualquer coisa na solitária investigação do detetive Geyer, pelo calor sufocante do verão, que capturava a imaginação de todos. Ele se tornara a representação viva daquilo que os homens gostavam de pensar a seu próprio respeito: um sujeito capaz de cumprir um dever terrível, e cumpri-lo bem, contra todos os obstáculos. Milhões de pessoas acordavam de manhã esperando ler nos jornais

que esse abnegado detetive tinha encontrado as crianças desaparecidas.

Geyer dava pouca atenção à sua nova fama. Quase um mês se passara desde o início da investigação, mas o que conseguira? Cada nova fase levantava novas perguntas: por que Holmes pegara as crianças? Por que concebera aquela tortuosa viagem de cidade em cidade? Que poder tinha ele que lhe dava esse controle?

Havia alguma coisa em Holmes que Geyer simplesmente não compreendia. Todo crime tinha um motivo. Mas a força que impulsionava Holmes parecia estar situada fora do mundo da experiência de Geyer.

Ele continuava voltando à mesma conclusão: Holmes estava se divertindo. Tinha preparado a fraude contra o seguro para ficar com o dinheiro, mas o restante foi só por diversão. Holmes testava seu poder de dirigir a vida alheia.

O que mais incomodava Geyer era que a principal pergunta ainda não fora respondida: onde estavam as crianças?

Os detetives descobriram que Thomas Ryves era um escocês encantador, já de considerável idade, que os recebeu com entusiasmo. Ele explicou por que o inquilino do lado lhe chamara a atenção. Para começar, tinha chegado com poucos móveis — um colchão, uma cama velha e um baú inusitadamente grande. Certa tarde, o vizinho bateu à porta de Ryves para pedir uma pá emprestada, explicando que ia cavar um buraco no porão para guardar batatas. Devolveu a pá de manhã e, no dia seguinte, retirou o baú da casa. Ryves nunca mais o viu.

O detetive Geyer, reanimado, pediu a Ryves que se encontrasse com ele em frente à casa vizinha dentro de exatamente uma hora; enquanto isso, ele e Cuddy correram à casa da corretora de imóveis que cuidara do aluguel. Sem preâmbulo, Geyer lhe mostrou uma foto de Holmes. Ela o reconheceu de imediato. Era muito bonito, com incríveis olhos azuis.

“Aquilo parecia bom demais para ser verdade”, escreveu Geyer.² Ele e Cuddy agradeceram e voltaram às pressas para a rua Saint Vincent. Ryves esperava do lado de fora.

Dessa vez foi Geyer que pediu uma pá emprestada, e Ryves trouxe-lhe a mesma que tinha emprestado ao inquilino.

A casa era graciosa, com uma gablete central muito pontuda e enfeites recortados como uma casinha de biscoitos de conto de fadas, salvo pelo fato de que ficava num

lugar isolado, no meio de um bosque, mas no coração de Toronto, numa bela rua estreitamente ladeada por moradas elegantes e quintais cercados com cercas de flor de lis. Uma clematite em plena floração subia num dos postes da varanda.

A inquilina de então, a sra. J. Armbrust, atendeu à porta. Ryves apresentou os detetives. A sra. Armbrust os levou para dentro. Os três entraram num corredor central que dividia a casa em duas partes com três quartos de cada lado. Havia uma escada que conduzia ao segundo andar. Geyer pediu para ver o porão.

A sra. Armbrust levou os detetives até a cozinha, onde levantou um pedaço de linóleo do assoalho. Debaixo dele havia um alçapão quadrado. Quando os detetives abriram, um cheiro de terra úmida impregnou a cozinha. O porão era raso, mas muito escuro. A sra. Armbrust levou lâmpadas.

Geyer e Cuddy desceram uma série de degraus muito inclinados, mais escada de mão do que escadaria, para um pequeno aposento de cerca de três metros de comprimento por três de largura, e apenas 1,20 metro de altura. As lâmpadas emitiam uma luz oscilante alaranjada, que exagerava as sombras dos detetives. Curvados, com cuidado para não baterem a cabeça numa viga, Geyer e Cuddy sentiram o chão com a pá. No canto sudoeste, Geyer encontrou um ponto mais macio. A pá entrou com desconcertante facilidade.

Geyer contou: “Só um buraquinho tinha sido cavado quando os gases escaparam, e o cheiro era medonho.”³

A noventa centímetros, encontraram osso humano.

Convocaram um agente funerário chamado B. D. Humphrey para ajudar a recuperar os restos. Geyer e Cuddy desceram com cuidado de volta para o porão. Humphrey pulou para baixo.

O cheiro impregnava a casa inteira. A sra. Armbrust estava arrasada.

Os caixões chegaram.

Os homens do agente funerário os puseram na cozinha.

As crianças tinham sido sepultadas nuas. Alice jazia de lado, a cabeça no extremo oeste da sepultura. Nellie, de bruços, cobrindo parcialmente Alice. Seus fartos cabelos negros, numa linda trança, estiravam-se nas costas, arrumados como se ela tivesse acabado de penteá-los. Os homens estenderam um lençol no piso do porão.

Começaram por Nellie.

“Nós a levantamos com todo o cuidado possível”, disse Geyer, “mas devido ao estado de decomposição do corpo, o peso das tranças penduradas às costas arrancou o couro cabeludo.”⁴

Descobriram outra coisa: os pés de Nellie tinham sido amputados.⁵ Durante a busca que fez em seguida na residência, a polícia não encontrou vestígios deles. De início, parecia um mistério, até Geyer lembrar que Nellie tinha os pés deformados. Holmes livrara-se deles para eliminar um indício revelador de sua identidade.

A sra. Pitezel soube da descoberta dos corpos ao ler o jornal. Estava visitando amigos em Chicago, e Geyer não conseguira lhe dar a notícia diretamente por telegrama. Ela tomou um trem para Toronto. Geyer foi recebê-la na estação e levou-a para o seu hotel, o Rossin House. Estava exausta e triste e parecia o tempo todo prestes a desmaiar. Geyer animou-a com sais para cheirar.

Geyer e Cuddy foram buscá-la na tarde seguinte, para levá-la ao necrotério. Levavam conhaque e sais para cheirar. Geyer escreveu: “Eu lhe disse que seria absolutamente impossível ver qualquer coisa além dos dentes e cabelos de Alice, e dos cabelos pertencentes a Nellie. Isso teve um efeito paralisante nela, que quase desmaiou.”⁶

Os homens do médico-legista fizeram o que estava ao alcance deles para tornar a inspeção o mais suportável possível. Removeram a carne do crânio de Alice e poliram os dentes com cuidado, depois cobriram o corpo com uma lona. Puseram-lhe papel no rosto e abriram um buraco para expor apenas os dentes, exatamente como o legista da Filadélfia tinha feito com o pai dela.

Lavaram os cabelos de Nellie e os puseram cuidadosamente sobre a lona que cobria o corpo de Alice.

Cuddy e Geyer se posicionaram um de cada lado da sra. Pitezel e levaram-na até o necrotério. Ela reconheceu de imediato os dentes de Alice. Virou-se para Geyer e perguntou: “Cadê Nellie?”⁷ Só então percebeu os longos cabelos negros da filha.

O legista, incapaz de encontrar marcas de violência, sugeriu que Holmes tinha trancado as meninas no grande baú, enchendo-o em seguida de gás com uma válvula. De fato, quando a polícia encontrou o baú, descobriu um furo num dos lados, coberto com um remendo.

“Nada poderia ser mais surpreendente”, escreveu Geyer, “do que a aparente facilidade com que Holmes assassinou as duas menininhas no centro da cidade de Toronto, sem

despertar em ninguém a mínima suspeita.”⁸ Não fosse a decisão de Graham de despachá-lo naquela missão, acreditava ele, “esses homicídios jamais teriam sido descobertos, e a sra. Pitezel teria ido para o túmulo sem saber se as crianças estavam vivas ou mortas”.

Para Geyer, encontrar as meninas foi “um dos acontecimentos mais satisfatórios da minha vida”, contudo a satisfação era atenuada pelo fato de que Howard continuava desaparecido.⁹ A sra. Pitezel recusava-se a acreditar que ele estivesse morto; ela “se agarrou credulamente à esperança de que acabaria sendo encontrado com vida”.

Até o próprio Geyer se viu esperançoso de que nesse caso Holmes não tivesse mentido, mas feito exatamente o que disse ao gerente do hotel em Indianápolis. “Teria [Howard] sido colocado numa instituição, como Holmes anunciou que tinha intenção de fazer ou estaria escondido em algum lugar obscuro, impossível de ser descoberto? Estaria vivo ou morto? Sentia-me perplexo, inseguro e tateando no escuro.”¹⁰

Um cadáver vivo

NA FILADÉLFIA, NA manhã de terça-feira, 16 de julho de 1895 — o dia em que as descobertas de Geyer em Toronto foram noticiadas pelos jornais do país — a procuradoria pública telefonou com uma mensagem urgente para o diretor da Prisão de Moyamensing, instruindo-o a manter todos os jornais da manhã longe de Holmes.¹ A ordem era do procurador público assistente Thomas W. Barlow. Ele queria surpreender Holmes com a notícia, esperando que ela o deixasse tão aturdido que o fizesse confessar.

A ordem de Barlow chegou tarde demais. O guarda enviado para interceptar os jornais da manhã encontrou Holmes sentado à mesa, lendo a notícia tão calmamente como se estivesse lendo sobre o tempo.

Em suas memórias, Holmes disse que a notícia o abalou, sim. Seu jornal chegou aquela manhã às oito e meia, como sempre, e escreveu ele: “Mal o abri e vi em títulos graúdos o anúncio da descoberta das crianças em Toronto. No momento, aquilo me pareceu tão impossível que cheguei a pensar numa dessas grandes exaltações jornalísticas que acompanharam o início do caso...”² Mas de repente se deu conta, acrescentou ele, do que devia ter acontecido. Minnie Williams as matara ou mandara matar. Holmes sabia que ela tinha um repulsivo sócio chamado “Hatch”. Imaginou que Williams sugerira as mortes e Hatch as executara. Era horrível demais para que se pudesse compreender: “Desisti de tentar ler a reportagem, e em vez disso via diante de mim os dois pequeninos rostos, a cara que fizeram quando os deixei às pressas — senti o beijo inocente de criança tão tímido e ouvi outra vez suas sinceras palavras de despedida, e percebi que tinha recebido outro fardo para carregar comigo até a hora da morte... Acho que nesse momento eu teria perdido os sentidos se não tivesse recebido ordem de me preparar depressa para ser levado à procuradoria pública.”

A manhã estava quente. Holmes foi conduzido pela rua Broad até a prefeitura, num ar pegajoso como caramelo. No escritório da procuradoria foi interrogado por Barlow. O *Philadelphia Public Ledger* informou que o “gênio [de Holmes] para dar explicações o abandonara. Durante duas horas ele sentou-se sob uma chuva de perguntas e se recusou a falar. Não estava intimidado, de forma alguma, mas não deu absolutamente nenhuma satisfação”.³

Holmes escreveu: “Eu não estava em condições de tolerar suas acusações, nem disposto a responder a muitas de suas perguntas.”⁴ Disse a Barlow que a srta. Williams e Hatch ao que parecia tinham matado Howard também.

Holmes foi levado de volta para Moyamensing. Começou a procurar a sério um editor

para suas memórias, esperando publicá-las logo para colocar a opinião pública a seu favor. Se não lhe era permitido exercer diretamente seus grandes poderes de persuasão, poderia pelo menos tentar exercê-la indiretamente. Fez um acordo com um jornalista chamado John King para que ele tratasse da publicação e comercializasse o livro.

Escreveu para King: “Minha ideia é que você obtenha do *Herald*, de Nova York, e do *Press*, da Filadélfia, todos os clichês que têm e dar os que nos interessam ao tipógrafo, para que sejam galvanizados às suas custas.”⁵ Em especial, queria uma foto sua do *Herald*, de barba grande. Também desejava ter “os autógrafos de meus dois nomes (Holmes e Mudgett) gravados e galvanizados ao mesmo tempo para aparecerem sob a foto”. Queria tudo isso feito rapidamente, para que, quando o manuscrito fosse para a composição, todos os componentes do livro estivessem à mão, prontos para o prelo.

Ofereceu a King alguns conselhos mercadológicos: “Logo que o livro for publicado, leve-o para as bancas da Filadélfia e de Nova York. Depois consiga alguns propagandistas confiáveis para trabalhar *à tarde* aqui na Filadélfia. Pegue uma rua de cada vez, deixe o livro e volte meia hora depois para buscar o dinheiro. Não adianta fazer isso antes do meio-dia, quando as pessoas estão ocupadas. Fiz propaganda quando era estudante desse jeito e descobri que o método funcionava.”

“Então, se gostar da estrada, percorra a área coberta pelo livro, passando alguns dias em Chicago, Detroit e Indianápolis. Distribua exemplares aos jornais dessas cidades, para que o comentem, isso ajudará as vendas...”

Ciente de que esta carta também seria lida pelas autoridades, Holmes usou-a para reforçar, obliquamente, seus protestos de inocência. Recomendou a King que, quando os esforços de venda o levassem a Chicago fosse a um determinado hotel, procurasse provas nos registros e obtivesse declarações dos gerentes, demonstrando que Minnie Williams estivera lá com Holmes muito tempo depois de supostamente ter sido assassinada.

“Se ela era um cadáver naquela época”, escreveu Holmes para King, “era mesmo um cadáver muito vivo.”

“Todos aqueles dias extenuantes”

FOI UM MOMENTO estranho para Geyer. Tinha examinado todas as pistas, verificado todos os hotéis, visitado todas as pensões e imobiliárias, e então precisava recomeçar a investigação. Onde? Que trilha fora deixada de fora? O tempo continuava sufocante, como se escarnecesse dele.

Seus instintos continuavam dizendo que Holmes matara Howard em Indianápolis. Voltou à cidade em 24 de julho e novamente recebeu a ajuda do detetive David Richards, mas dessa vez Geyer convocou também a imprensa. No dia seguinte, todos os jornais da cidade noticiaram sua chegada. Dezenas de pessoas o visitaram no hotel para sugerir onde procurar Howard. “O número de pessoas misteriosas que tinham alugado casas em Indianápolis e nos arredores multiplicava-se de um dia para o outro”, escreveu Geyer.¹ Ele e Richards arrastavam-se penosamente pelo calor intenso, de escritório em escritório, de casa em casa, e não encontravam nada. “Os dias se sucediam, porém eu continuava tão no escuro quanto antes e começava a parecer que o audacioso mas esperto criminoso tinha vencido os detetives pela astúcia... e que o desaparecimento de Howard Pitezel entraria para a história como um mistério não resolvido.”²

Enquanto isso, o mistério do próprio Holmes ia ficando mais profundo e mais sombrio.

A descoberta das meninas por Geyer motivou a polícia de Chicago a entrar no edifício de Holmes em Englewood. A cada dia os policiais sondavam mais profundamente os segredos do “castelo”, e cada dia trazia mais provas de que Holmes era muito pior do que até mesmo as macabras descobertas de Geyer indicavam. Havia conjecturas de que durante a feira mundial ele talvez tivesse matado dezenas de pessoas, na maioria moças. Uma estimativa, certamente exagerada, sugeria um total de duzentas.³ Para a maioria, parecia impossível que Holmes pudesse cometer tantos assassinatos sem ser descoberto. Geyer teria concordado se sua própria investigação não tivesse revelado, repetidas vezes, o talento de Holmes para escapar da observação alheia.

Os detetives de Chicago começaram a exploração do castelo na noite de sexta-feira, 19 de julho.⁴ Primeiro fizeram uma inspeção geral do prédio. O terceiro andar continha pequenos quartos de hotel. O segundo tinha 35 quartos, esses mais difíceis de classificar. Alguns eram dormitórios comuns; outros não tinham janelas e eram equipados com

portas que os tornavam herméticos. Num quarto havia ainda uma câmara com paredes de ferro. A polícia descobriu um bico de gás, sem nenhuma função aparente que não a de permitir a entrada de gás na câmara. A válvula de interrupção ficava no apartamento pessoal do criminoso. No escritório de Holmes, os detetives encontraram um livro de extratos bancários de uma mulher chamada Lucy Burbank. Mostrava um saldo de 23 mil dólares. A mulher não foi localizada.

A fase mais sinistra da investigação começou quando os policiais, segurando no alto lanternas bruxuleantes, entraram no porão do hotel, uma caverna de tijolo e madeira medindo quinze metros por cinquenta. As descobertas vieram rapidamente: um tonel de ácido com oito costelas e um pedaço de crânio no fundo; montes de cal viva; um grande forno; uma mesa de dissecação com manchas que pareciam sangue. Encontraram ferramentas cirúrgicas e sapatos de salto alto chamuscados.

E mais ossos:

Dezoito costelas do torso de uma criança.

Várias vértebras.

Um osso de pé.

Uma omoplata.

Uma cabeça de fêmur.

Peças de roupa emergiam de paredes e de covas de cinza e cal, incluindo um vestido de menina e jalecos manchados de sangue. Cabelos humanos entupiam uma chaminé. Os investigadores desenterraram duas câmaras cheias de cal viva e restos humanos. Especularam que os restos talvez fossem os últimos vestígios de duas mulheres texanas, Minnie e Anna Williams, que só recentemente a polícia de Chicago fora informada de que estavam desaparecidas. Nas cinzas de um grande fogão encontraram um pedaço de corrente que o joalheiro da farmácia de Holmes identificou como parte de uma corrente de relógio que ele tinha dado de presente a Minnie. Encontraram também uma carta que ele havia escrito para o farmacêutico da sua drogaria: “Você consegue ver os fantasmas das irmãs Williams e elas o perturbam muito agora?”⁵

No dia seguinte, a polícia descobriu outro aposento oculto, no canto sudoeste do porão. Foram levados até lá por um homem chamado Charles Chappell, que dizia ter ajudado Holmes a reduzir cadáveres a ossos. O homem foi muito prestativo, e logo a polícia recuperou três esqueletos totalmente articulados de seus proprietários. Esperava-se um quarto esqueleto, da Faculdade de Medicina Hahneman, de Chicago.

Uma das descobertas mais surpreendentes ocorreu no segundo andar, na câmara. Na parte de dentro da porta havia a marca inequívoca de um pé feminino descalço. A polícia especulou que a marca fora deixada por uma mulher que morria sufocada lá dentro. Achavam que seu nome era Emeline Cigrand.

A polícia de Chicago telegrafou para o procurador público Graham informando que a busca realizada no edifício de Holmes revelara o esqueleto de uma criança. Graham mandou Geyer a Chicago para ver se os restos poderiam ser os de Howard Pitezel.

Geyer encontrou a cidade horrorizada com as revelações que emergiam do castelo. A cobertura jornalística fora exaustiva, ocupando quase toda a primeira página dos jornais diários. Uma manchete do *Tribune* berrara VÍTIMAS DE UM DEMÔNIO, informando que os restos de Howard Pitezel tinham sido encontrados no edifício.⁶ A reportagem tomou seis das sete colunas da primeira página.

Geyer teve um encontro com o principal inspetor de polícia e soube que um médico que acabara de examinar o esqueleto infantil concluía que se tratava de uma menininha. O inspetor julgava saber a identidade da menina e mencionou um nome, Pearl Conner. O nome não significava nada para Geyer.

Geyer telegrafou para Graham, manifestando seu desapontamento, e Graham lhe ordenou que ele voltasse à Filadélfia para trocar ideias e descansar.

Na noite de quarta-feira, 7 de agosto, com temperaturas na casa dos trinta e vagões quentes como fornos, Geyer partiu novamente, dessa vez acompanhado do principal investigador de fraudes de seguros da Fidelity Mutual, o inspetor W. E. Gary. Geyer gostou muito da companhia.

Foram para Chicago e depois para Indiana, onde pararam em Logansport e Peru e seguiram para Montpelier Junction, em Ohio, e Adrian, em Michigan. Passaram dias examinando os registros de todos os hotéis, pensões e agências imobiliárias que encontraram, “tudo”, disse Geyer, “para nada”.⁷

Embora o breve descanso na Filadélfia tivesse recarregado as esperanças de Geyer, ele agora achava que elas estavam “definindo depressa”. Ainda acreditava em sua intuição original, que lhe dizia que Howard estava em Indianápolis, ou em algum lugar próximo. E para lá se dirigiu em seguida, sua terceira visita do verão.

“Devo confessar que voltei a Indianápolis num estado de espírito não muito animado”, escreveu Geyer.⁸ Ele e o inspetor Gary se hospedaram no velho hotel de Geyer, o Spencer House. A incapacidade de encontrar Howard depois de tanto esforço era frustrante e incompreensível. “O mistério”, escreveu Geyer, “parecia impenetrável.”⁹

Na quinta-feira, 19 de agosto, Geyer soube que, na noite anterior, o castelo de Holmes

em Englewood, sua própria sombria terra de sonhos, fora totalmente destruído num incêndio. Manchetes da primeira página do *Chicago Tribune* berravam: “Covil de Holmes incendiado; Fogo demole o lugar de assassinato e de mistério.”¹⁰ O corpo de bombeiros suspeitou de incêndio criminoso; a polícia especulou que quem pôs fogo quis destruir os segredos ainda incrustados lá dentro. Ninguém foi preso.

Juntos, o detetive Geyer e o inspetor Gary investigaram novecentas pistas. Ampliaram a diligência para incluir cidades pequenas nos arredores de Indianápolis. “Até segunda-feira”, escreveu Geyer num relatório para a sede, “já teremos investigado todas as cidades das redondezas, exceto Irvington, e em mais um dia a concluiremos. Depois de Irvington, não sei bem para onde devemos ir.”¹¹

Foram para Irvington na manhã de terça-feira, 27 de agosto de 1895, a bordo de um bonde elétrico, um novo tipo de veículo que se alimentava de energia através de uma roldana de contato no teto. Pouco antes de chegarem à última parada do bonde, Geyer viu a placa de uma agência imobiliária. Ele e Gary resolveram começar a investigação por ali.

O proprietário era o sr. Brown. Ofereceu uma cadeira para cada detetive, mas ficou em pé. Eles não acharam que a visita fosse durar muito, e havia muitos outros escritórios para investigarem antes de anoitecer. Geyer abriu seu já sujo pacote de fotografias.

Brown ajustou os óculos e examinou a foto de Holmes. Depois de uma longa pausa, disse: “Eu não tinha o aluguel da casa, mas estava com as chaves, e um dia, no outono passado, este homem veio ao meu escritório e, de um jeito muito brusco, disse que queria as chaves dessa casa.”¹² Geyer e Garry ficaram paralisados. Brown prosseguiu: “Eu me lembro muito bem desse sujeito porque não gostei do jeito dele e achei que deveria ter mais respeito por meus cabelos brancos.”

Os detetives se entreolharam. E sentaram-se ao mesmo tempo. “Toda a trabalhadeira”, disse Geyer, “todos aqueles dias e semanas extenuantes de viagens — trabalhadeira e viagens nos meses mais quentes do ano, oscilando entre a fé e a esperança, o desânimo e o desespero, tudo foi recompensado naquele momento, quando vi que o véu ia ser levantado.”¹³

Na sindicância que se seguiu, um jovem chamado Elvet Moorman declarou como testemunha que tinha ajudado Holmes a instalar um grande fogão à lenha na casa. Lembrava-se de ter perguntado por que não instalava um fogão a gás. Holmes respondeu

“que não achava que gás fosse saudável para crianças”.¹⁴

O dono de uma oficina de conserto de Indianápolis disse em depoimento que Holmes tinha ido ao seu estabelecimento em 3 de outubro de 1894, com duas caixas de instrumentos cirúrgicos, e pediu que os afiasse. Holmes foi buscá-los três dias depois.

O detetive Geyer disse em seu depoimento que durante a busca realizada na casa tinha aberto a base de um cano de chaminé que ia do teto ao porão. Peneirando as cinzas com uma tela anti-insetos, encontrou dentes humanos e um fragmento de mandíbula. Também recuperou “uma grande massa chamuscada, que, quando cortada, expôs um pedaço do estômago, do fígado e do baço, endurecidos pelo calor do fogo”.¹⁵ Os órgãos tinham sido comprimidos com muita força dentro da chaminé e nunca queimaram.

E é claro que a sra. Pitezel foi chamada. Ela identificou o sobretudo de Howard e o broche do cachecol, assim como uma agulha de crochê que pertencera a Alice.

Finalmente o legista lhe mostrou um brinquedo que o próprio Geyer tinha encontrado na casa. Era um homem de lata montado num pião. Ela o reconheceu. Como não reconheceria? Era o bem mais importante de Howard.¹⁶ A própria sra. Pitezel o colocara no baú das crianças pouco antes de despachá-las com Holmes. O pai o comprara para ele na feira mundial de Chicago.

Premeditado com intenção criminosa

EM 12 DE SETEMBRO de 1895, um júri de acusação da Filadélfia decidiu processar Holmes pelo assassinato de Benjamin Pitezel.¹ Só duas testemunhas apresentaram provas, L. G. Fouse, presidente da Fidelity Mutual Life, e o detetive Frank Geyer. Holmes continuava alegando que Minnie Williams e o misterioso Hatch tinham matado as crianças. Júris de acusação em Indianápolis e Toronto não se convenceram. Indianápolis denunciou Holmes pelo assassinato de Howard Pitezel, e Toronto, pela morte de Alice e de Nellie. Se a Filadélfia não o condenasse, haveria outras duas oportunidades; se a cidade conseguisse, as outras denúncias teriam pouca ou nenhuma relevância, pois, dada a natureza do assassinato de Pitezel, uma condenação na Filadélfia implicaria pena de morte.

As memórias de Holmes chegaram às bancas de jornal. Nas páginas finais, ele declarava: “Para concluir, quero dizer que sou apenas um sujeito comum, mesmo abaixo da média em força física e em capacidade mental, e planejar e executar a estupenda quantidade de crimes que me são atribuídos estaria totalmente além das minhas forças...”²

Pedia ao público que deixasse de julgar, enquanto ele trabalhava para refutar as acusações, “tarefa que me sinto capaz de realizar satisfatória e rapidamente. E não posso dizer que acaba aí — não é o fim —, pois, além disso, há também o trabalho de levar à justiça aqueles por cujos crimes estou sofrendo neste momento, e não para prolongar ou salvar minha vida, pois desde o dia em que fiquei sabendo dos horrores de Toronto não me importa mais viver; mas para que àqueles que me respeitaram e honraram no passado não se diga no futuro que padecei a morte ignominiosa de um assassino”.

O que os editores não entendiam era como Holmes tinha conseguido escapar de uma séria investigação da polícia de Chicago. O *Chicago Inter Ocean* disse: “É humilhante pensar que, se não fosse o empenho das companhias de seguro que Holmes fraudou, ou tentou fraudar, ele poderia continuar solto, cometendo crimes contra a sociedade, tal era a sua habilidade para eliminar os vestígios.”³ O “sentimento de humilhação” de Chicago não era de surpreender, afirmou o *New York Times*; qualquer um familiarizado com a saga “deve estar perplexo diante da incapacidade do departamento de polícia municipal e das autoridades jurídicas locais não apenas de impedir esses crimes medonhos, mas mesmo de adquirirem qualquer informação sobre eles”.⁴

Uma das revelações mais surpreendentes, e talvez mais assustadoras, foi a de que o chefe de polícia de Chicago, em sua carreira anterior como advogado, defendera Holmes

numa dúzia de litígios comerciais de rotina.⁵

O *Chicago Times-Herald* adotou uma perspectiva mais ampla e disse o seguinte a respeito de Holmes: “Ele é um prodígio de perversidade, um demônio humano, um ser tão inconcebível que nenhum romancista ousaria inventar semelhante personagem. A história, também, tende a ilustrar o fim do século.”⁶

EPÍLOGO

A última travessia



Estátua da República, depois do incêndio do Peristilo, 1894.

A feira

A FEIRA TEVE forte e duradouro impacto na psique nacional, em questões grandes e pequenas. O pai de Walt Disney, Elias, ajudou a construir a Cidade Branca; o Magic Kingdom, de Walt, pode muito bem ser um descendente.¹ Sem dúvida a feira causou poderosa impressão na família Disney. Foi um incentivo financeiro tão grande que, quando o terceiro filho nasceu naquele ano, Elias queria chamá-lo de Colombo em sinal de gratidão. A mulher, Flora, interveio; o bebê chamou-se Roy. Walt veio em seguida, em 5 de dezembro de 1901. O escritor L. Frank Baum e seu sócio-artista William Wallace Denslow visitaram a feira; sua grandiosidade influenciou a criação de Oz pela dupla.² O templo japonês da Wooded Island encantou Frank Lloyd Wright e pode ter influenciado a evolução dos projetos residenciais “Prairie”, de sua autoria.³ A feira induziu o presidente Harrison a designar 12 de outubro feriado nacional, Dia de Colombo, que hoje serve para ancorar alguns milhares de desfiles e um fim de semana de três dias.⁴ Todo festival, desde 1893, inclui uma avenida central como o Midway e uma roda-gigante como a de Ferris, e toda mercearia americana contém produtos nascidos na exposição. O cereal Shredded Wheat sobreviveu. Toda casa tem dezenas de lâmpadas incandescentes alimentadas por corrente alternada, duas coisas que se revelaram dignas de utilização em larga escala na feira; e quase toda cidade de qualquer tamanho tem seus pedacinhos de Roma Antiga, algum querido banco, biblioteca ou agência postal com colunas. Cobertas de grafite, talvez, ou até de uma mal inspirada camada de tinta, mas debaixo de tudo persiste o fulgor da Cidade Branca. Até mesmo o Lincoln Memorial em Washington pode remontar suas origens à feira.⁵

O maior impacto da feira foi a mudança na forma como os americanos viam suas cidades e seus arquitetos. Ela deixou os Estados Unidos inteiros — não apenas alguns patronos da arquitetura — preparados para pensar nas cidades de uma forma que nunca tinham pensado. Elihu Root disse que a feira conduziu “nossa gente do ermo do lugar-comum para novas ideias de beleza e nobreza arquitetônicas”.⁶ Henry Demarest Lloyd viu-a como uma revelação, para a grande massa de americanos, “de beleza, utilidade e harmonia social com as quais sequer tinham sido capazes de sonhar. Nenhuma visão dessas poderia, de outra forma, penetrar na prosaica monotonia de sua vida, e ela será sentida em seu desenvolvimento até a terceira ou quarta geração”.⁷ A feira ensinou homens e mulheres cercados e impregnados apenas do necessário a verem que as cidades não precisavam ser sombrios, sujos e inseguros bastiões do estritamente pragmático. Podiam também ser bonitas.

William Stead reconheceu o poder da feira de imediato.⁸ A visão da Cidade Branca e seu profundo contraste com a Cidade Negra levou-o a escrever *If Christ Came to Chicago*, livro ao qual geralmente se atribui o lançamento do movimento Cidade Bonita, que procurava elevar as cidades americanas ao nível das grandes cidades da Europa. Como Stead, autoridades públicas em todas as partes do mundo viram a feira como modelo daquilo pelo qual se deveria lutar. Pediram a Burnham que aplicasse o mesmo pensamento urbanista usado na construção da Cidade Branca em suas cidades.⁹ Ele se tornou um pioneiro do planejamento urbano moderno. Criou planos diretores para Cleveland, São Francisco e Manila e liderou o esforço da virada do século para ressuscitar e ampliar a visão de L'Enfant em Washington, D. C. Em todos esses casos, trabalhou sem cobrar nada.

Enquanto ajudava a desenhar um novo plano para Washington, Burnham convenceu o chefe da Pennsylvania Railroad, Alexander Cassatt, a retirar seus trilhos e armazém de carga do centro do National Mall, criando, com isso, o espaço verde desobstruído que se estende hoje do Capitólio ao Lincoln Memorial.¹⁰ Outras cidades procuraram Daniel Burnham para elaborar planos diretores, entre elas Fort Worth, Atlantic City e Saint Louis, mas ele recusou, para se concentrar em seu último plano, para a cidade de Chicago.¹¹ Ao longo dos anos, muitos aspectos de seu plano para Chicago foram adotados, entre eles a criação do adorável cinturão de parques à beira do lago e a “Magnificent Mile” da avenida Michigan. Um trecho da beira do lago, chamado Burnham Park em sua homenagem, contém o Soldier Field e o Field Museum, por ele projetados. O parque corre para o sul numa estreita margem verde pela beira do lago até o Jackson Park, onde o Palácio de Belas-Artes da feira, transformado em um edifício permanente, agora abriga o Museu de Ciência e Indústria. Tem vista para as lagoas e a Wooded Island, hoje um lugar ermo e intrincado que talvez fizesse Olmsted sorrir — muito embora certamente achasse pontos para criticar.

No começo do século XX, a feira se tornou fonte de acalorado debate entre arquitetos. Detratores sustentavam que ela havia extinguido a Escola de Arquitetura de Chicago, uma linguagem nativa, e a substituíra por uma renovada devoção a obsoletos estilos clássicos. Repetida de tese em tese, essa opinião de início ganhou destaque através de uma dinâmica curiosamente pessoal, que a tornava difícil e — como em geral acontece nas apertadas e asfixiantes salas do debate acadêmico — até perigosa de resistir.

Foi Louis Sullivan quem primeiro, e estridentemente, condenou a influência da feira sobre a arquitetura, mas bem tarde da vida e muito depois da morte de Burnham.

As coisas não correram bem para Sullivan após a exposição. No primeiro ano de depressão pós-feira, a firma de Adler & Sullivan recebeu apenas duas encomendas; em 1895, nenhuma. Em julho de 1895, Adler deixou a firma. Sullivan tinha 38 anos e era

incapaz de cultivar as relações que pudessem ter gerado encomendas suficientes para mantê-lo solvente. Era um homem solitário e intelectualmente intolerante. Quando um colega arquiteto pediu sugestões a Sullivan sobre como melhorar um de seus projetos, este respondeu: “Se eu lhe dissesse você não saberia de que eu estava falando.”¹²

Quando sua clientela rareou, Sullivan se viu obrigado a deixar o escritório no Auditorium e vender seus objetos pessoais. Bebia muito e usava medicamentos chamadas brometos, que alteravam o humor. De 1895 a 1922, Sullivan ergueu apenas 25 construções, mais ou menos uma por ano. De vez em quando, recorria a Burnham em busca de dinheiro, embora não se saiba ao certo se pedia empréstimos abertamente ou se lhe vendia objetos de arte de sua coleção pessoal. Uma anotação do diário de Burnham em 1911 declara: “Louis Sullivan recorreu a DHB para conseguir mais dinheiro.”¹³ Naquele mesmo ano, Sullivan escreveu numa coleção de desenhos: “Para Daniel H. Burnham, com os melhores votos de seu amigo Louis H. Sullivan.”¹⁴

Entretanto, Sullivan temperou a autobiografia, de 1924, com hiperbólicos ataques a Burnham e ao impacto da feira nas massas que passaram por seus portões. A arquitetura clássica da Cidade Branca causou impressão tão profunda que, segundo Sullivan, condenou os Estados Unidos a outro meio século de imitação. A feira foi uma “doença contagiosa”,¹⁵ um “vírus”,¹⁶ uma forma de “meningite cerebral progressiva”.¹⁷ Em sua opinião, teve consequências fatais. “Assim a Arquitetura morreu na terra dos livres e no lar dos bravos — numa terra que declara sua férvida democracia, sua inventividade, sua desenvoltura, sua ousadia, sua iniciativa e seu progresso únicos.”¹⁸

A opinião pouco positiva de Sullivan sobre Burnham e a feira só era contrabalançada por sua própria visão exaltada de si mesmo e do que julgava ser seu papel na tentativa de trazer para a arquitetura algo novo e distintamente americano. Frank Lloyd Wright pegou a bandeira de Sullivan. Este o demitira em 1893, mas posteriormente Wright e Sullivan ficaram amigos. Quando a estrela de Wright subiu, a de Sullivan também. Burnham despencou do céu. Tornou-se obrigatório entre críticos e historiadores de arquitetura afirmar que ele, com sua insegurança e sua abjeta devoção às aspirações clássicas dos arquitetos do Leste, tinha, na verdade, matado a arquitetura americana.

Entretanto, essa opinião pecava pelo simplismo, como mais recentemente o reconheceram historiadores e críticos de arquitetura. A feira despertou os Estados Unidos para a beleza e, nesse sentido, foi uma passagem necessária, que preparou o terreno para homens como Frank Lloyd Wright e Ludwig Mies van der Rohe.

Para Burnham, pessoalmente, a feira tinha sido um triunfo incondicional. Ela lhe permitiu cumprir a promessa feita aos pais de tornar-se o maior arquiteto dos Estados Unidos, pois sem dúvida é isso que ele foi em sua época. Durante a feira, aconteceu algo cujo significado para Burnham só foi percebido pelos amigos mais íntimos: tanto

Harvard como Yale lhe concederam diplomas honorários de mestrado em reconhecimento de sua heroica façanha na construção da feira.¹⁹ As duas cerimônias ocorreram no mesmo dia. Ele compareceu à de Harvard. Para ele, as honrarias eram uma forma de reparação. Não ter conseguido ingressar nas duas universidades — a recusa a lhe permitirem o “começo justo” — foi um insucesso cuja má lembrança o perseguiria durante toda a vida. E anos depois de ter recebido as distinções, quando tentava convencer Harvard a aceitar o filho Daniel, cujo desempenho nos exames de admissão não fora nem um pouco excepcional, Burnham escreveu: “Ele precisa saber que é um vitorioso, e, tão logo o faça, mostrará seu verdadeiro valor, da mesma maneira como eu fiz. O maior desgosto da minha vida é ninguém ter ido comigo a Cambridge... para convencer as autoridades do que eu era capaz.”²⁰

Burnham lhes mostrara pessoalmente do que era capaz em Chicago, com o tipo de trabalho mais difícil de todos. Reagia com raiva e indignação à persistente crença de que John Root merecia mais crédito do que ele pela beleza da feira. “O que se fez até a época da sua morte foi apenas a mais vaga sugestão de um plano”, disse. “A impressão relativa à sua contribuição tem sido construída aos poucos por algumas pessoas, seus amigos íntimos e, na maioria, mulheres, que naturalmente, depois que a feira ficou bonita, quiseram que sua memória ficasse mais amplamente identificada com ela.”²¹

A morte de Root arrasara Burnham, porém também o deixara livre para ser um arquiteto melhor e mais distinto. “Muitos se indagaram se a morte do sr. Root não teria sido irreparável”, escreveu James Ellsworth em carta a Charles Moore, biógrafo de Burnham.²² Ellsworth concluiu que a morte de Root “trouxe à tona qualidades do sr. Burnham que talvez não se desenvolveriam, pelo menos não tão cedo, se o sr. Root continuasse vivo”. A opinião geral sempre fora a de que Burnham cuidava dos negócios da firma, enquanto Root fazia todos os projetos. Burnham dava a impressão de “apoiar-se mais ou menos” nas aptidões artísticas do sócio, contou Ellsworth, acrescentando, porém, que depois da morte de Root “ninguém jamais teria imaginado qualquer coisa desse tipo... ou jamais teria sabido, por seus atos, que ele algum dia teve um sócio, ou que nem sempre comandara nos *dois* sentidos”.

Em 1901, Burnham construiu o Fuller Building, na interseção triangular entre a rua 23 e a Broadway em Nova York, mas moradores das redondezas descobriram nele uma estranha semelhança com um aparelho doméstico de uso comum, e o rebatizaram de Flatiron [Ferro de Passar] Building.²³ Burnham e sua firma ergueram ainda dezenas de construções, entre elas a loja de departamentos Gimbel, em Nova York, a Filene’s, em Boston, e o Observatório de Monte Wilson, em Pasadena, Califórnia. Dos 27 edifícios que ele e John Root construíram no Loop de Chicago, só restam três, entre eles o Rookery, com a biblioteca do último andar, mais ou menos do jeito que era naquela

mágica reunião de fevereiro de 1891, e o Reliance, lindamente transformado no hotel Burnham.²⁴ Seu restaurante se chama Atwood, em homenagem a Charles Atwood, que substituiu Root como o principal projetista de Burnham.

Burnham foi um dos primeiros ambientalistas. “Até a nossa época”, disse ele, “a economia estrita no uso de recursos naturais não foi praticada, mas precisa ser de agora em diante, a menos que sejamos suficientemente imorais para prejudicar as condições em que hão de viver nossos filhos.”²⁵ Tinha uma grande, apesar de inapropriada, fé no automóvel. O desaparecimento do cavalo colocaria “fim a uma epidemia de barbárie”, disse ele. “Quando essa mudança vier, um passo real de civilização terá sido dado. Sem fumaça, sem gases, sem sujeira de cavalos, nosso ar e nossas ruas serão limpos e puros. Isso não quer dizer que a saúde e o ânimo dos homens serão melhores?”

Nas noites de inverno em Evanston, ele e a mulher iam andar de trenó com o sr. e a sra. Frank Lloyd Wright. Burnham tornou-se ávido jogador de bridge, embora tivesse fama de ser totalmente inepto. Tinha prometido à mulher que depois da exposição seu ritmo de trabalho seria mais relaxado. Porém isso não aconteceu. Contou a Margaret: “Achei que a feira fosse uma vida intensa, mas descobri que levar adiante todas essas importantes atividades também me ocupa completamente os dias, as semanas e os anos.”²⁶

A saúde de Burnham começou a se deteriorar no começo do século XX, quando passou dos cinquenta. Desenvolveu uma colite e, em 1909, descobriu que tinha diabetes. Os dois males o obrigaram a adotar uma dieta mais saudável. O diabetes danificou seu sistema circulatório, favorecendo uma infecção no pé que o atenazou pelo resto da vida. Com o passar dos anos, revelou um interesse pelo sobrenatural. Certa noite em São Francisco, num bangalô que tinha construído no topo coberto de neblina de Twin Peaks, a choupana onde fazia seus projetos, disse a um amigo: “Se eu tivesse tempo disponível, acho que seria capaz de demonstrar a continuação da vida além-túmulo, usando como argumento a necessidade, filosoficamente falando, da crença num poder absoluto e universal.”²⁷

Ele sabia que seu tempo estava chegando ao fim. Em 4 de julho de 1909, contemplando, com um grupo de amigos no telhado do Reliance, a cidade que adorava, disse o seguinte: “Um dia vocês hão de vê-la linda. Eu nunca a verei. Mas ela *será* linda.”²⁸

Recessional

O RUGIDO NOS ouvidos de Olmsted, as dores de dente e a insônia jamais cessaram, e não tardou para que um vazio lhe aparecesse no olhar. Ele começou a esquecer as coisas. Em 10 de maio de 1895, duas semanas depois de completar 73 anos, escreveu para o filho John: “Hoje, pela primeira vez, ficou claro para mim que minha memória de ocorrências recentes já não é confiável.”¹ Naquele verão, em seu último dia no escritório de Brookline, escreveu três cartas para George Vanderbilt, todas dizendo mais ou menos a mesma coisa.²

Durante um período de setembro de 1895, por ele descrito como “a mais penosa semana da minha vida”,³ Olmsted confessou ao amigo Charles Eliot o terror que sentia de que sua situação não demorasse a exigir confinamento num asilo. “Não imagina como tenho sentido medo de que se julgue conveniente que eu seja mandado para uma ‘instituição’”, escreveu ele em 26 de setembro. “Tudo, menos isso. Meu pai foi diretor de um asilo de dementes, e, em última análise, tendo sido empregado profissionalmente, e estado nos bastidores de vários deles, o horror que tenho desses lugares é imenso.”⁴

A perda da memória acelerou-se. Ele ficou deprimido e paranoico, acusando o filho John de orquestrar um “golpe” para tirá-lo da firma. A mulher de Olmsted, Mary, levou-o para a casa da família numa ilha do Maine, onde a depressão piorou e ele, por vezes, ficava violento. Espancava o cavalo da família.⁵

Mary e os filhos perceberam que não havia muita coisa que pudessem fazer por Olmsted. Ele se tornara intratável, e sua demência, profunda. Com grande tristeza, e talvez uma boa dose de alívio, Rick instalou o pai no Asilo McLean, em Waverly, Massachusetts. A memória de Olmsted não foi tão destruída a ponto de ele não lembrar que projetara o tratamento paisagístico do terreno de McLean. Isso não lhe serviu de consolo, pois viu de imediato que o mesmo fenômeno que degradara quase todas as suas obras — o Central Park, Biltmore, a feira mundial e tantas outras — voltara a ocorrer. “Não executaram meu plano”, escreveu ele, “destruíram-no!”⁶

Olmsted morreu às duas da manhã de 28 de agosto de 1903. Seu funeral foi modesto, só para a família. A mulher, que vira esse grande homem desaparecer diante de seus olhos, não compareceu.⁷



A Roda de Ferris deu o lucro líquido de 200 mil dólares durante a feira e continuou

funcionando até a primavera de 1894, quando George Ferris a desmontou para remontar na zona norte de Chicago. Mas àquela altura já tinha deixado de ser novidade, perdendo o volume de passageiros que o Midway lhe garantira. A roda começou a dar prejuízo. As perdas, acrescidas dos 150 mil dólares dos custos da mudança, e o dano financeiro causado à companhia de inspeção de aço de Ferris pela depressão contínua o levaram a vender a maior parte da propriedade da roda.

No outono de 1896, Ferris e a mulher se separaram.⁸ Ela voltou para a casa dos pais; ele se mudou para o hotel Duquesne, no centro de Pittsburgh. Em 17 de novembro de 1896, foi levado para o Hospital Mercy, onde morreu cinco dias depois, aparentemente de febre tifoide.⁹ Tinha 37 anos. Um ano depois, suas cinzas ainda estavam em poder do agente funerário que recebera o corpo. “O pedido da sra. Ferris pelas cinzas foi recusado”, contou o agente, “porque o morto deixou parentes mais próximos.”¹⁰ Num elogio fúnebre, dois amigos disseram que Ferris tinha “calculado mal seus poderes de resistência e morreu mártir da ambição de ser famoso e importante”.¹¹

Em 1903, a Chicago House Wrecking Company comprou a roda num leilão por 8.150 dólares e a remontou na exposição da compra da Louisiana, em 1904.¹² Ali, a roda voltou a dar lucro, rendendo a seus novos proprietários 215 mil dólares. Em 11 de maio de 1906, a empresa de demolição dinamitou a roda para fazer sucata. A primeira carga de 45 quilos deveria soltar a roda de seus suportes e tombá-la para um dos lados. Mas, em vez disso, a roda começou a girar lentamente, como se quisesse dar uma última volta pelo céu. Caiu sob o próprio peso, numa montanha de aço retorcido.

Sol Bloom, chefe do Midway, saiu rico da feira. Investiu pesado numa empresa que comprava alimentos perecíveis e os enviava nos mais modernos vagões refrigerados para cidades distantes. Era um belo negócio, voltado para o futuro. Mas a greve da Pullman paralisou todo o tráfego ferroviário para Chicago, e os alimentos apodreceram nos vagões. Ele ficou arruinado. Porém ainda era jovem, ainda era Bloom. Usou os fundos que sobraram para comprar dois ternos caros, acreditando que, o que quer que resolvesse fazer, deveria parecer convincente. “Uma coisa era bem clara...”, escreveu ele. “Estar quebrado não me perturbava nem um pouco. Eu tinha começado do nada e, se agora não tinha nada, ao menos estava quite. Na verdade, melhor do que quite: eu tinha me divertido muito.”¹³

Bloom viria a ser congressista e um dos elaboradores da carta que fundou as Nações Unidas.

A feira rendeu a Buffalo Bill 1 milhão de dólares (30 milhões de dólares atuais), que ele usou para fundar a cidade de Cody, no Wyoming, construir um cemitério e um terreno para feiras para North Platte, Nebraska, pagar as dívidas de cinco igrejas de North Platte, comprar um jornal em Wisconsin e ajudar a carreira teatral de uma jovem e adorável atriz chamada Katherine Clemmons, acentuando com isso o já profundo distanciamento da esposa.¹⁴ A certa altura, ele a acusou de tentar envenená-lo.

O Pânico de 1907 destruiu seu Wild West e o obrigou a trabalhar para circos. Tinha mais de setenta anos, mas ainda cavalgava no ringue sob o grande chapéu branco com enfeites de prata. Morreu em Denver, na casa da irmã, em 10 de janeiro de 1917, sem dinheiro sequer para as despesas do enterro.¹⁵

Theodore Dreiser casou-se com Sara Osborne White. Em 1898, dois anos antes de publicar *Sister Carrie*, escreveu para Sara: “Estive no Jackson Park e vi o que restou da velha e querida Feira Mundial, onde aprendi a amar você.”¹⁶

Ele a traía constantemente.

Para Dora Root, a vida com John tinha sido como estar em um cometa. O casamento a conduziu a um mundo de arte e dinheiro, onde tudo parecia impregnado de energia e de vida. O fino humor do marido, seu talento musical, aqueles dedos delicados e longos, tão evidentes em qualquer fotografia, deram um brilho aos seus dias que ela jamais conseguiu recuperar depois que ele morreu. Já no fim da primeira década do século XX, ela escreveu uma longa carta para Burnham. “É tão importante para mim você achar que me saí bem todos esses anos” dizia na carta. “Tenho dúvidas tão sérias a meu respeito sempre que paro para pensar no assunto, que uma palavra de incentivo de alguém que tão maravilhosamente sondou a vida dele, me dá novo ímpeto. Se absorver-se diante da geração vindoura, e humildemente passar a tocha, é o dever das mulheres, acredito que mereço uma palavra de elogio.”¹⁷

No entanto, ela sabia que com a morte de John as portas de um reino mais brilhante haviam se fechado, suave porém firmemente. “Se John não tivesse morrido”, disse ela a Burnham, “tudo teria sido diferente. Sob o estímulo de sua vida excitante, eu teria sido sua mulher além de mãe de seus filhos. E teria sido interessante!”

Patrick Eugene Joseph Prendergast foi a julgamento em dezembro de 1893. O

promotor era um advogado criminalista contratado pelo estado especialmente para o caso.

Seu nome era Alfred S. Trude.

Os advogados de defesa tentaram provar que Prendergast era louco, mas um júri de furiosos e enlutados moradores de Chicago não acreditou. Uma importante prova que tendia a apoiar a tese de sanidade apresentada pela promotoria foi o cuidado com que Prendergast mantivera uma câmara vazia sob o cão do revólver que carregava no bolso. Às 14h28 de 29 de dezembro, depois de deliberarem por uma hora e três minutos, os jurados o consideraram culpado. O juiz o condenou à morte. Durante o julgamento e a subsequente fase de recursos, ele continuou a mandar postais para Trude. Em 21 de fevereiro de 1894, escreveu o seguinte: “Ninguém deveria ser executado, seja quem for, se isso puder ser evitado, pois é desmoralizante para a sociedade por ser bárbaro.”¹⁸

Clarence Darrow entrou no caso e numa manobra singular conseguiu para Prendergast uma investigação de sanidade mental. Mas isso também acabou não dando em nada, e Prendergast foi executado. Darrow o chamava de “pobre e demente imbecil”.¹⁹ A execução intensificou o ódio já profundo de Darrow pela pena de morte. “Lamento muito por todos os pais e por todas as mães”, disse ele, anos depois, na defesa de Nathan Leopold e Richard Loeb, acusados de matar um menino de Chicago só pela adrenalina. “A mãe que olha dentro dos olhos azuis de seu pequeno bebê não pode deixar de pensar no fim dessa criança, se será coroada das melhores promessas que ela, em sua cabeça, é capaz de imaginar ou se encontrará a morte no cadafalso.”²⁰

Leopold e Loeb, como ficaram mundialmente conhecidos, despiram a vítima para dificultar sua identificação. Jogaram algumas peças nas lagoas de Olmsted, no Jackson Park.²¹



Em Nova York, no Waldorf-Astoria, poucos anos depois da virada do século, dezenas de jovens em trajes formais se reuniram em volta de uma gigantesca torta.²² O topo de chantili começou a se mexer. Uma mulher surgiu de dentro dela. Era deslumbrante, com pele morena-clara e longos cabelos negros. Chamava-se Farida Mazhar. Os homens eram jovens demais para lembrar, mas certa vez, muito tempo antes, ela apresentara a dança do ventre na maior feira da história.

O que os homens notavam agora é que ela não usava absolutamente nada.

Holmes

NO OUTONO DE 1895, Holmes foi a julgamento na Filadélfia pelo assassinato de Benjamin F. Pitezel. O promotor público George Graham levou para a Filadélfia 35 testemunhas de Cincinnati, Indianápolis, Irvington, Detroit, Toronto, Boston, Burlington e Fort Worth, mas elas nunca foram chamadas. O juiz decidiu que Graham só poderia apresentar provas diretamente relacionadas ao assassinato de Pitezel e com isso eliminou dos registros históricos um rico filão de pormenores sobre os assassinatos cometidos pelo dr. Herman W. Mudgett, mais conhecido como Holmes.

Graham também levou para a sala do tribunal a verruga que Holmes tinha removido do cadáver de Benjamin Pitezel e uma caixa de madeira contendo o crânio dele. Houve muitos depoimentos macabros sobre decomposição, fluidos corporais e os efeitos do clorofórmio. “Havia um fluido vermelho escorrendo da sua boca”, disse o dr. William Scott, farmacêutico que tinha acompanhado a polícia à casa onde o corpo de Pitezel foi descoberto, “e qualquer pressãozinha no estômago, ou no tórax aqui, fazia esse fluido escorrer mais rápido.”¹

Depois de um trecho particularmente aterrador do testemunho do dr. Scott, Holmes se levantou e disse: “Eu pediria que a sessão fosse suspensa pelo tempo suficiente para o almoço.”²

Houve momentos de pesar, sobretudo quando a sra. Pitezel depôs. Usava vestido preto, chapéu preto e manto preto e tinha um ar pálido e triste. Com frequência parava no meio da frase e apoiava a cabeça nas mãos. Graham lhe mostrou as cartas de Alice e Nellie e pediu que identificasse a letra. As cartas foram uma surpresa para ela, que nesse ponto perdeu o controle emocional. Já Holmes não demonstrou nenhuma emoção. “Foi uma expressão da mais suprema indiferença”, contou um repórter do *Philadelphia Public Ledger*. “Ele tomava notas de forma tão despreocupada como se estivesse sentado em seu escritório escrevendo uma carta de negócios.”³

Graham perguntou à sra. Pitezel se ela vira as crianças depois que Holmes as levara em 1894. Ela respondeu com uma voz quase baixa demais para que se pudesse ouvir: “Eu as vi em Toronto, no necrotério, lado a lado.”⁴

Foram tantos os lenços que apareceram entre os homens e mulheres na galeria que era como se de repente tivesse nevado na sala do tribunal.

Graham chamou Holmes de “o homem mais perigoso do mundo”.⁵ O júri o considerou culpado; o juiz o condenou à morte na forca. Os advogados de Holmes apelaram e perderam.

Enquanto aguardava a execução, Holmes preparou uma longa confissão, a terceira, na qual admitia ter matado 27 pessoas. Como as anteriores, essa era uma mistura de verdades e mentiras. Algumas pessoas que ele dizia ter matado estavam vivas. Nunca se saberá exatamente quantas matou. No mínimo, nove: Julia e Pearl Conner, Emeline Cigrand, as irmãs Williams e Pitezel e os filhos. Ninguém duvidava que tivesse matado muitas outras. As estimativas chegam a duzentas, embora esse número extravagante pareça implausível até mesmo para um homem com o seu apetite. O detetive Geyer achava que, se os homens da Pinkerton não tivessem alcançado Holmes e conseguido sua prisão em Boston, ele teria matado o que restava da família Pitezel. “É evidente demais para ser posta em dúvida a sua intenção de matar a sra. Pitezel, Dessie e o bebê, Wharton.”⁶

Holmes, em sua confissão, também mentiu claramente, ou pelo menos se enganava muito, quando escreveu: “Estou convencido de que desde que fui preso mudei miserável e horivelmente em relação ao que era antes em feições e figura... Minha cabeça e meu rosto estão assumindo aos poucos uma forma alongada. Acredito mesmo que estou ficando parecido com o diabo... e que a semelhança é quase completa.”⁷

Entretanto, sua descrição de como matou Alice e Nellie parece verdadeira. Ele disse que colocou as meninas num baú e fez uma abertura no topo. “Ali as deixei até poder voltar e matá-las quando bem entendesse. Às cinco da tarde pedi uma pá emprestada a um vizinho e fui ver a sra. Pitezel em seu hotel. Depois voltei para o meu hotel, jantei e às sete da noite voltei à casa onde as crianças estavam presas e pus fim à vida delas conectando o gás ao baú, depois veio a hora de abrir o baú e ver seus rostinhos enegrecidos e distorcidos, e de cavar as rasas sepulturas no porão da casa.”⁸

A respeito de Pitezel, eis o que disse: “Compreenda-se que desde o primeiro momento em que nos conhecemos, mesmo antes de saber que ele tinha uma família que posteriormente me proporcionaria vítimas adicionais para a gratificação de minha sede de sangue, eu já tinha intenção de matá-lo.”⁹

Temendo que alguém roubasse seu corpo depois da execução, Holmes deixou instruções para os advogados sobre como deveria ser sepultado. Negou-se a autorizar uma autópsia. Os advogados recusaram uma oferta de 5 mil dólares por seu corpo.¹⁰ O Instituto Winstar, da Filadélfia, queria ficar com seu cérebro.¹¹ Esse pedido também foi rejeitado pelos advogados, para tristeza de Milton Greeman, curador da renomada coleção de espécimes médicos do Winstar. “O homem era mais do que um simples criminoso que agia por impulso”, afirmou Greeman. “Foi um homem que se aprofundou no estudo do crime e planejou uma carreira. Seu cérebro teria dado à ciência uma ajuda valiosa.”¹²

Pouco antes das dez da manhã de 7 de maio de 1896, depois de um café da manhã

composto de ovos cozidos, torradas e café, Holmes foi conduzido à força na Prisão de Moyamensing. Foi um momento difícil para os guardas. Eles gostavam de Holmes. Sabiam que era um assassino, mas era um assassino sedutor. O superintendente adjunto, um homem chamado Richardson, parecia nervoso ao preparar o nó corrediço. Holmes virou-se para ele, sorriu e disse: “Não tenha pressa, meu caro.”¹³ Às 10h13, Richardson soltou o alçapão e o enforcou.

Seguindo instruções de Holmes, os coveiros do agente funerário John J. O'Rourke encheram o caixão de cimento, puseram o corpo de Holmes dentro e cobriram-no com mais cimento. Levaram-no para o sul pelo interior para o Cemitério Holy Cross, pertencente à Igreja Católica, no Condado de Delaware, logo ao sul da Filadélfia. Com grande esforço transferiram o pesado caixão para a cripta central do cemitério, onde dois detetives da Pinkerton vigiaram o corpo durante a noite. Cada um dormia um pouco num caixão de pinho branco. No dia seguinte, os coveiros abriram uma sepultura dupla e encheram-na também de cimento, depois inseriram o caixão de Holmes. Puseram mais cimento e fecharam. “A ideia de Holmes era evidentemente proteger seus restos contra qualquer tipo de iniciativa científica, fosse o tanque de conserva ou a faca”, informou o *Public Ledger*.¹⁴

Coisas estranhas começaram a acontecer, fazendo a alegação de Holmes, de que era o demônio, parecer quase plausível.¹⁵ O detetive Geyer adoeceu gravemente. O diretor da prisão de Moyamensing cometeu suicídio. O primeiro jurado morreu eletrocutado num estranho acidente. O padre que concedeu a Holmes os últimos ritos foi encontrado morto nas dependências da igreja, de causas misteriosas. O pai de Emeline Cigrand ficou grotescamente queimado na explosão de uma caldeira. E um incêndio destruiu o escritório do promotor público George Graham, deixando apenas uma fotografia de Holmes intacta.

Nenhuma laje ou tumba assinala a sepultura de Herman Webster Mudgett, mais conhecido como H. H. Holmes.¹⁶ Sua presença no cemitério Holy Cross é uma espécie de segredo, registrado apenas num velho volume que o localiza na seção 15, fila 10, lote 41, no centro das sepulturas 3 e 4, quase à beira da alameda que o cemitério chama de avenida Lazarus, em homenagem ao personagem bíblico que morreu e foi trazido de volta à vida. Do registro constam ainda “dez pés [três metros] de cimento”. Tudo que existe no lugar do túmulo é um espaço gramado no meio de outros velhos túmulos. Há crianças e um piloto da Primeira Guerra Mundial.

Ninguém nunca deixou flores ali para Holmes, mas, na realidade, ele não foi totalmente esquecido.

Em 1997, a polícia de Chicago prendeu um médico chamado Michael Swango no aeroporto O'Hare.¹⁷ A acusação inicial era fraude, mas havia a suspeita de que Swango

fosse um serial killer que matava pacientes do hospital administrando doses letais de medicamentos. O dr. Swango acabou confessando a culpa por quatro homicídios, mas os investigadores achavam que ele tinha cometido muitos outros. Quando foi preso no aeroporto, a polícia encontrou em poder de Swango um caderno com trechos de certos livros que ele copiara, ou para servir de inspiração ou devido a certa ressonância afirmativa. Um dos trechos era tirado de um livro sobre H. H. Holmes chamado *The Torture Doctor*, de David Franke. No trecho o autor tentava colocar o leitor dentro da mente de Holmes.

“‘Ele podia se olhar no espelho e dizer a si mesmo que era um dos homens mais poderosos e perigosos do mundo’” dizia o caderno de Swango. “‘Ele podia se sentir um deus disfarçado.’”

A bordo do *Olympic*

A BORDO DO *Olympic*, Burnham aguardava mais notícias de Frank Millet e seu navio. Pouco antes de partir escrevera, à mão, uma carta de dezenove páginas para Millet recomendando-lhe que assistisse na manhã seguinte à reunião da comissão Lincoln, àquela altura prestes a escolher um projetista para o Lincoln Memorial. Burnham e Millet tinham feito intenso lobby em favor de Henry Bacon, de Nova York, e Burnham achava que sua conversa inicial com a Comissão Lincoln tinha sido convincente. “Mas... eu sei e você sabe, meu caro Frank, que... os ratos voltam a se amontoar e começam a roer no mesmo lugar, no momento que o cão lhes dá as costas.”¹ Insistiu na importância da presença de Millet. “Esteja lá e reitere o argumento real, que é o de que devem escolher um homem no qual temos confiança. Deixo o assunto, confiantemente, em suas mãos.” Ele mesmo endereçou o envelope, certo de que o Serviço Postal dos Estados Unidos saberia exatamente o que fazer:

Ilmo. Sr. F. D. Millet

Para ser entregue no

Navio a Vapor Titanic

Nova York²

—

Burnham esperava que quando o *Olympic* chegasse ao lugar do naufrágio do *Titanic* encontraria Millet vivo e o ouviria contar alguma horrenda história sobre a viagem, porém durante a noite o *Olympic* retornou a seu curso original rumo à Inglaterra. Outro navio já alcançara o *Titanic*.

No entanto, houve um segundo motivo para o *Olympic* retomar seu curso. O construtor de ambos os navios, J. Bruce Ismay, também passageiro do *Titanic*, mas um dos poucos do sexo masculino a sobreviver, foi inflexível em sua determinação de impedir que outros sobreviventes vissem aquela duplicata do transatlântico perdido chegar para socorrê-los.³ Temia que o choque fosse grande e humilhante demais para a White Star Line.

A magnitude do desastre do *Titanic* logo ficou clara. Burnham perdeu o amigo. O

comissário de bordo perdeu o filho. William Stead também estava a bordo e se afogou. Em 1886, no *Pall Mall Gazette*, ele tinha advertido sobre a probabilidade de um desastre se as companhias marítimas continuassem a operar transatlânticos com poucos botes salva-vidas. Um sobrevivente do *Titanic* disse que o ouviu dizer: “Acho que não é nada sério, vou voltar lá para dentro.”⁴

Naquela noite, no silêncio do camarote de Burnham, enquanto em algum ponto ao norte o corpo de seu último grande amigo vagava congelado nos mares estranhamente pacíficos no Atlântico Norte, Burnham abriu o diário e começou a escrever. Sentia uma profunda solidão. “Frank Millet, que eu amava, estava a bordo dele... interrompendo assim minha ligação com um dos melhores sujeitos da Feira.”⁵

Burnham viveu mais 47 dias. Quando ele e a família passeavam por Heidelberg, ele mergulhou num coma, aparentemente resultante de um ataque combinado de diabetes, colite e da infecção no pé, tudo isso agravado por um acometimento de intoxicação alimentar.⁶ Morreu em 1º de junho de 1912. Margaret depois se mudaria para Pasadena, Califórnia, onde vivenciou tempos de guerra e epidemia, uma esmagadora depressão financeira, e, novamente, guerra. Morreu em 23 de dezembro de 1945. Ambos estão sepultados em Chicago, em Graceland, numa minúscula ilha da única lagoa do cemitério.⁷ John Root jaz ali perto, assim como os Palmer, Louis Sullivan, o prefeito Harrison, Marshall Field, Philip Armour e tantos outros, em criptas e tumbas que vão do simples ao grandioso. Potter e Bertha ainda dominam, como se a reputação social fosse importante mesmo na morte. Ocupam uma imensa acrópole, com quinze gigantescas colunas no alto da única elevação de terreno sobranceira à lagoa. Os outros se aglomeram em volta. Num cristalino dia de outono, é quase possível ouvir-se o tinir de finos cristais, o sussurro de sedas e lã, e sentir o cheiro de charutos caros.



Exposição Colombiana Mundial, 1893

1. Midway Plaisance
2. Buffalo Bill's Wild West
3. Rua 63 e ferrovia elevada
4. Edifício da Conservação a Frio
5. Edifício das Mulheres
6. Edifício do Estado de Illinois
7. Edifício dos Transportes
8. Wooded Island
9. Edifício da Administração
10. Edifício da Eletricidade
11. Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais
12. Estátua da República ("Big Mary")
13. Peristilo
14. Exposição de Armas Krupp

*Rand, McNally. Instituto de Arte de Chicago.
Cortesia do Instituto de Arte de Chicago.*



A Cidade Branca vista do lago Michigan.

O QUE MAIS me empolgou na Chicago da Era Dourada foi sua disposição de comprometer-se a realizar o impossível em nome da honra cívica, conceito tão distante da psique moderna que dois sábios leitores de versões anteriores deste livro se perguntaram por que Chicago fez tanta questão de sediar a feira mundial. A justaposição de orgulho e mal insondável me impressionou por oferecer poderosas lições sobre a natureza dos homens e suas ambições. Quanto mais eu lia sobre a feira, mais arrebatado ficava. O fato de George Ferris ter tentado construir uma coisa tão grandiosa e inédita — e ter conseguido fazê-lo já na primeira tentativa — parece, nestes tempos de ações de responsabilidade civil, quase impossível de compreender.

Existe um rico veio de informações sobre a feira e sobre Daniel Burnham nos arquivos muito bem cuidados da Chicago Historical Society e nas Bibliotecas Ryerson e Burnham do Instituto de Arte de Chicago. Adquirit uma boa base de informações na Biblioteca Suzallo da Universidade de Washington, uma das melhores e mais eficientes que já conheci. Também visitei a Biblioteca do Congresso em Washington, onde passei muitas horas agradáveis mergulhado nos documentos pessoais de Frederick Law Olmsted, embora minha felicidade por vezes fosse comprometida pelo esforço para decifrar a execrável caligrafia de Olmsted.

Li — e garimpei — dezenas de livros sobre Burnham, Chicago, a exposição e o fim da era vitoriana. Vários deles foram consistentemente valiosos: *Burnham of Chicago*, de Thomas Hines (1974); *FLO: A Biography of Frederick Law Olmsted*, de Laura Wood Roper (1973); e *A Clearing in the Distance*, de Witold Rybczynski (1999). Um livro em particular, *City of the Century*, de Donald L. Miller (1996), tornou-se um inestimável companheiro em minhas viagens pela velha Chicago. Quatro guias turísticos me foram especialmente úteis: *AIA Guide to Chicago*, de Alice Sinkevitch (1993); *Graveyards of - Chicago*, de Matt Hucke e Ursula Bielski (1999); *Official Guide to the World's Columbian Exposition*, de John Flinn (1893); e *Rand, McNally & Co.'s Handbook to the World's Columbian Exposition* (1893). O guia de Hucke e Bielski me levou a visitar o Cemitério Graceland, um refúgio de extraordinário encanto onde, paradoxalmente, a história ganha vida.

Holmes revelou-se uma figura esquiva, em grande parte beneficiado pela infeliz decisão do juiz da Filadélfia de impedir que mais de trinta testemunhas do promotor público Graham fossem ouvidas no julgamento. Vários livros foram escritos sobre Holmes, mas nenhum conta exatamente a mesma história. Dois deles, *Depraved*, de Harold Schechter, e *The Torture Doctor*, de David Franke (a obra citada pelo dr. Swango, serial killer dos tempos atuais), parecem os mais confiáveis. Duas outras obras me deram um sólido alicerce sobre os fatos. Uma delas é o livro do detetive Frank Geyer, *The Holmes-Pitezal Case*, relato minucioso dos acontecimentos a partir do momento em que

Holmes foi preso, no qual Geyer apresenta trechos de documentos fundamentais que já não existem. Tive sorte o bastante de adquiri-lo numa loja on-line de livros antigos. A segunda é *The Trial of Herman W. Mudgett, Alias, H. H. Holmes*, transcrição completa do julgamento, publicada em 1897. Encontrei um exemplar na biblioteca jurídica da Universidade de Washington.

Holmes deixou um livro de memórias, *Holmes' Own Story*, que encontrei na coleção de obras raras da Biblioteca do Congresso. Também fez pelo menos três confissões. As duas primeiras aparecem no livro de Geyer. A terceira, e mais impressionante, saiu no *Philadelphia Inquirer*, que lhe pagou uma rica soma para que a escrevesse. Embora falsas em sua maioria, suas memórias e confissões estão cravejadas de detalhes valiosos, compatíveis com fatos estabelecidos no tribunal ou desenterrados por Geyer e por legiões de repórteres que cobriram a história de Holmes depois de sua prisão em Boston. Baseei-me principalmente em artigos publicados no *Chicago Tribune* e nos dois jornais da Filadélfia, o *Inquirer* e o *Public Ledger*. Muitos desses artigos estão repletos de informações imprecisas e, suspeito eu, de floreios. Explorei-os em busca de fatos autênticos e reproduções de documentos, como cartas, telegramas, entrevistas e outros materiais importantes descobertos pela polícia ou produzidos por testemunhas que se apresentaram voluntariamente depois que a natureza do “Castelo dos Horrores” de Holmes se tornou notícia de primeira página. Um dos mais notáveis, e até encantadores, aspectos das investigações criminais nos anos de 1890 é o acesso direto à cena do crime que a polícia concedia a repórteres, mesmo durante as investigações. A certa altura, quando Holmes estava sendo investigado, o chefe de polícia de Chicago disse a um repórter do *Tribune* que preferiria ter um pelotão de repórteres sob seu comando como detetives.

O que, exatamente, motivava Holmes talvez nunca venha a ser descoberto. Ao me concentrar em seu desejo de posse e dominação, apresento apenas uma possibilidade, porém reconheço que é perfeitamente possível pressupor inúmeros outros motivos. Baseio meu relato em detalhes conhecidos de sua história e de sua conduta e no que os psiquiatras hoje sabem sobre assassinos em série psicopatas e as forças que os impulsionam. O dr. James O. Raney, psiquiatra de Seattle que de vez em quando faz avaliações forenses, leu os originais e me ofereceu algumas observações sobre a natureza dos psicopatas, conhecidos, mais tediosamente, nos livros de psiquiatria atuais como pessoas afligidas por “transtorno de personalidade antissocial”. Foi bom que Alfred Hitchcock tenha morrido antes dessa mudança.

Está claro que só Holmes, e ninguém mais, estava presente quando ele cometia seus assassinatos — ninguém mais que tenha sobrevivido —, mas, apesar disso, em meu livro eu recrio dois assassinatos. Passei por uma grande angústia mental para chegar à

conclusão de como, exatamente, fazer isso e gastei um bom tempo relendo *A sangue frio*, de Truman Capote, na tentativa de entender como Capote conseguiu compor seu relato sombrio e ainda assim muito perturbador. Lamentavelmente, Capote não deixou notas de rodapé. Para construir minhas cenas de assassinato, utilizei fios de detalhes conhecidos para tecer um relato plausível, como um promotor na conclusão de seus argumentos perante um corpo de jurados. Minha descrição da morte de Julia Conner por clorofórmio é baseada nos testemunhos apresentados por especialistas durante o julgamento de Holmes sobre o caráter do clorofórmio e o que se sabia na época sobre seus efeitos no corpo humano.

Não recorro a pesquisadores, nem faço qualquer pesquisa primária usando a internet. Necessito do contato físico com minhas fontes, e só há uma maneira de consegui-lo. Para mim, toda viagem a uma biblioteca ou a um arquivo é como uma pequena história de detetive. Há sempre breves momentos nessas viagens em que o passado se acende e ganha vida, como um fósforo na escuridão. Numa visita à Chicago Historical Society, encontrei os bilhetes que Prendergast enviou para Alfred Trude. Vi a força com que o lápis afundava no papel.

Tentei manter minhas citações o mais concisas possível. Identifico todo material citado ou controvertido, mas omito citações sobre fatos que sejam amplamente conhecidos ou aceitos. Para as duas cenas de assassinato, documento meu raciocínio e minha abordagem e cito os fatos nos quais me baseei. As citações que se seguem constituem um mapa. Qualquer um que siga os meus passos deve chegar às mesmas conclusões a que cheguei.

PRÓLOGO

A bordo do *Olympic*

1. Burnham identificou o número da suíte num registro datado de 3 abril de 1912; arquivos de Burnham, diário, rolo 2. Para informações sobre o *Olympic* e o *Titanic*, veja Brinnin; Lynch; Eaton e Haas; e *White Star*. Este último, que reproduz artigos publicados em 1911 do *Shipping World and Shipbuilder*, inclui especificações detalhadas dos dois navios, além de mapas e plantas do convés e das acomodações do *Olympic*.
2. Moore, *Burnham, Architect*, 2, 172.
3. Miller, 488.

PARTE I: MÚSICA CONGELADA

A Cidade Negra

1. Miller, 511.

2. Ibid., 516.

3. Ibid., 193.

“O problema está apenas começando”

1. Dedmon, 221.

2. *Chicago Tribune*, 24 de julho de 1889.

3. *Chicago Tribune*, 2 de agosto de 1889.

4. *Chicago Tribune*, 24 de fevereiro de 1890.

5. Ibid.

6. Hines, 402.

7. Ibid., 11.

8. Ibid., 12.

9. Miller, 315.

10. Sullivan, Louis, 285.

11. Carta, Daniel Hudson Burnham, Jr., para Charles Moore, 21 de fevereiro de 1918, arquivos de Burnham, correspondência de Charles Moore, caixa 27, pasta 3.

12. Monroe, *Poet's Life*, 59.

13. Ibid., 60.

14. Miller, 321.

15. Moore, *Burnham, Architect*, 1, 24.

16. Ibid., 1, 321.

17. Ibid.

18. Hines, 53.

19. Miller, 326.

20. Starrett, 29.

21. Ibid., 311.

22. Miller, 319.

23. Ibid., 316.

24. Ibid., 317.

25. Starrett, 32.

26. Miller, 318.
27. Lewis, 19.
28. Ibid., 136.
29. Burnham para a mãe, sem data, arquivos de Burnham, correspondência familiar de Burnham, caixa 25, arquivo 2.
30. Burnham para Margaret, 29 de fevereiro de 1888, arquivos de Burnham, correspondência familiar de Burnham, caixa 25, arquivo 3.
31. Burnham para Margaret, 3 de março de 1888, *ibid.*
32. Sullivan, Louis, 294.
33. Morrison, 64.
34. Sullivan, Louis, 291.
35. Ibid., 288.
36. *Chicago Tribune*, 25 de fevereiro de 1890.
37. Ibid.
38. *Chicago Tribune*, 27 de fevereiro de 1890.

O suprimento necessário

1. Franke, 24. Franke reproduz uma imagem de um cartão da “Rogue’s Gallery” com detalhes do peso, altura etc. de Holmes, conforme consta no registro feito pela polícia de Boston por ocasião de sua prisão.
2. Schechter, 282.
3. Englewood Directory, 37.
4. Sullivan, Gerald, 49.
5. Mudgett, 22-23; Schechter, 13-17; Boswell e Thompson, 81. Ver também *Town of Lake Directory*, 217.
6. Sinclair, 25.
7. Ibid., 34.
8. Mudgett, 6.
9. Ibid., 6.
10. Ibid., 199.
11. Ibid., 200.
12. Schechter, 12.
13. Mudgett, 7.
14. Ibid., 8.

15. Ibid., 8.
16. Ibid., 14.
17. Ibid., 15.
18. Ibid., 16.
19. Ibid., 16; *Chicago Tribune*, 31 de julho de 1895; *New York Times*, 31 de julho de 1895.
20. Franke, 118.
21. Mudgett, 17.
22. Ibid., 19.
23. Ibid.
24. Ibid., 20.
25. Ibid.
26. *Chicago Tribune*, 31 de julho de 1895.
27. Mudgett, 21.
28. Dreiser, *Sister Carrie*, 16.
29. Sullivan, Gerald, 14.
30. Ibid.
31. *Catalogue*, 3.
32. Mudgett, 23.
33. Franke, 210.

“Atratividade”

1. Ellsworth para Olmsted, 26 de julho de 1890, arquivos de Burnham, caixa 58, pasta 13.
2. Rybczynski, *Clearing*, 385-86.
3. Olmsted, “Landscape Architecture”, 18.
4. Rybczynski, *Clearing*, 396.
5. Olmsted para Van Brunt, 22 de janeiro de 1891, documentos de Olmsted, rolo 22.
6. Roper, 421.
7. *Clearing*, 247-48, 341.
8. Ellsworth para Olmsted, 26 de julho de 1890.
9. *Articles of Agreement*, 1890, documentos de Olmsted, rolo 41; Rybczynski, *Clearing*, 387.

10. Telegrama citado em Olmsted para Butterworth, 6 de agosto de 1890, arquivos de Burnham, caixa 58, pasta 13.

11. *Chicago Tribune*, 7 de julho de 1890.

12. Codman para Olmsted, 25 de outubro de 1890, documentos de Olmsted, rolo 57.

13. Olmsted, *Report*, 51.

14. Sullivan, Louis, 287.

15. *Chicago Tribune*, 2 de novembro de 1890.

16. Miller, 316.

17. *Chicago Record*, 16 de dezembro de 1893, documentos de McGoorty.

18. *Chicago Record*, 15 de dezembro de 1893, *ibid.*

19. *Chicago Tribune*, 6 de novembro de 1890.

“Não tenha medo”

1. Schechter, 238.

2. Franke, 112.

3. *Ibid.*, 112.

4. *Philadelphia Public Ledger*, 22, 25, 26, 27, 29, 30 de julho de 1895; *Chicago Tribune*, 17, 21, 23, 25, 27, 28, 29 de julho, 18 de agosto de 1895; *New York Times*, 25, 26, 29, 31 de 1895.

5. *Chicago Tribune*, 25 de julho de 1895.

6. *Ibid.*; Schechter, 28-29.

7. Franke, 95-96.

8. *Ibid.*, 43.

9. Geyer, 26-27.

10. *Trial*, 145.

11. Schechter, 25.

12. *Trial*, 449.

13. *Englewood Directory*, 36.

14. Schechter, 36.

15. *Englewood Directory*, 179, 399; Franke, 40.

16. Franke, 42-43.

17. *Ibid.*, 111.

18. *Chicago Tribune*, 31 de julho de 1895; *New York Times*, 31 de julho de 1895; Franke, 110.

19. *Chicago Tribune*, 26 de julho de 1895.

20. Hoyt, 177.

Peregrinação

1. Burnham e Millet, 14-17; Burnham, *Design*, 7-9; Monroe, *Root*, 222-23.
2. Burnham para o comitê de terrenos e edificações, 1º dezembro de 1890, arquivos de Burnham, caixa 58, pasta 3.
3. Burnham para Davis, 8 de dezembro de 1890, arquivos de Burnham, correspondência de negócios, vol. 1.
4. Monroe, *Root*, 235.
5. Moore, entrevista de Burnham, 3.
6. Moore, *Mckim*, 113.
7. Monroe, *Poet's Life*, 115.
8. Burnham para Olmsted, 23 de dezembro de 1890, documentos de Olmsted, rolo 57.
9. Moore, entrevista de Burnham, 3.
10. Sullivan, Louis, 319.
11. Moore, entrevista de Burnham, 4.
12. *Inland Architect and News Record*, vol. 16, n. 8 (janeiro de 1891), 88.
13. Monroe, *Root*, 249.
14. Ibid., 249.

Um hotel para a feira

1. Boswell e Thompson, 81.
2. Ibid., 80; Schechter, 235; *Chicago Tribune*, 27 de julho de 1895; *New York Times*, 29 de julho de 1895; *Philadelphia Public Ledger*, 29 de julho de 1895.
3. Boswell e Thompson, 80.
4. Veja *Oxford English Dictionary*, 2ª ed.
5. Cleckley, 369.
6. Millon et al., 124.
7. Schechter, 235.
8. Ibid.
9. Ibid.

10. Boswell e Thompson, 80.

11. *Chicago Tribune*, 30 de julho de 1895.

12. Franke, 94-95.

13. Ibid., 94.

14. Ibid.

15. *Philadelphia Public Ledger*, 27 de julho de 1895.

A paisagem de desgosto

1. Hunt para Olmsted, 6 de janeiro de 1891, documentos de Olmsted, rolo 58.

2. Moore, *McKim*, 113; *Chicago Tribune*, 11 de janeiro de 1891.

3. Moore, entrevista de Burnham, 3.

4. Burnham, *Design*, 24.

5. Ingalls, 142.

6. Bancroft, 46.

7. “A Report Upon the Landscape”, 8, documentos de Olmsted, rolo 41.

8. Burnham e Millet, 45.

9. “A Report Upon the Landscape”, 7, documentos de Olmsted, rolo 41.

10. Burnham e Millet, 5.

11. Hines, 82; Moore, entrevista de Burnham, 4.

12. Monroe, *Root*, 259.

13. Starrett, 47.

14. Monroe, *Poet’s Life*, 113.

15. Ibid., 260.

16. *Chicago Tribune*, 11 de janeiro de 1891.

17. Poole, 184. Moore, *Burnham, Architect*, 43.

18. Burnham, *Design*, 26.

19. Monroe, *Root*, 249; Monroe, *Poet’s Life*, 113.

Ponto de fuga

1. *Chicago Tribune*, 21, 23, 24, 26, 28, 29, 1895; *Philadelphia Public Ledger*, 22, 23, 27 de julho de 1895; Boswell e Thompson, 83-84; Franke, 98-101; Schechter, 39-44.

2. *Chicago Tribune*, 28 de julho de 1895.
3. *Chicago Tribune*, 1º de novembro de 1892.
4. Ibid.
5. Ibid.
6. Ibid.

Sozinho

1. Sullivan, Louis, 288.
2. Ibid., 320.
3. Ibid.
4. Ibid.
5. Baker, *Hunt*, 398.
6. Sullivan, Louis, 290.
7. Ibid., 288.
8. Ibid.
9. Monroe, *Root*, 261.
10. Burnham para Boyington, 14 de janeiro de 1891, arquivos de Burnham, correspondência de negócios, vol. 1.
11. Burnham para Boyington, 15 de janeiro de 1891, *ibid.*
12. Moore, entrevista de Burnham, 5.
13. Ibid.
14. Monroe, *Poet's Life*, 114.
15. *Chicago Tribune*, 16 de janeiro de 1891.
16. *Chicago Tribune*, 17 de janeiro de 1891.
17. *Chicago Tribune*, 25 de janeiro de 1891.
18. *Philadelphia Inquirer*, 2 de abril de 1896.

PARTE II: UMA LUTA TERRÍVEL

Convocação

1. Moore, entrevista de Burnham, 6.
2. “The Organization, Design and Construction of the Fair”, 7 de janeiro de 1895, 56, documentos de Moore.

3. *Rand, McNally*, 49-57.
4. *Ibid.*, 126.
5. Moore, *Burnham, Architect*, 47 (Em Moore, entrevista de Burnham, 4, a frase está ligeiramente diferente: “Acho que não vou fazer questão dessa doma, provavelmente modificarei o edifício.”)
6. Burnham para Sullivan, 11 de fevereiro de 1891, arquivos de Burnham, correspondência de negócios, vol. 1.
7. Burnham e Millet, 29.
8. “The Organization, Design and Construction of the Fair”, 7 de janeiro de 1895, 56, documentos de Moore.
9. Burnham e Millet, 29.
10. Moore, *Burnham, Architect*, 47.
11. “The Organization, Design and Construction of the Fair”, 7 de janeiro de 1895, 58, documentos de Moore.
12. Diferentes versões da observação de Saint-Gauden aparecem na literatura. Misturei elementos de duas delas. Veja Burnham, *Design*, 39, e Hines, 90.
13. Olmsted para Burnham, 26 de janeiro de 1891, documentos de Olmsted, rolo 41.
14. *Ibid.*
15. *Ibid.*
16. “Memorandum as to What is to be Aimed at in the Planting of the Lagoon District of the Chicago Exposition”, documentos de Olmsted, rolo 59.
17. *Ibid.*
18. *Ibid.*
19. *Ibid.*
20. *Ibid.*
21. Olmsted para “Fred” (muito provavelmente Frederick J. Kingsbury, um amigo), 20 de janeiro de 1891, documentos de Olmsted, rolo 22.
22. Lewis, 172.
23. *Chicago Tribune*, 20 de fevereiro de 1891.
24. Relatório do diretor de obras, 24 de outubro de 1892, arquivos de Burnham, caixa 58, pasta 12.
25. *Chicago Tribune*, 20 de março de 1891.
26. Moore, entrevista de Burnham, 7.
27. *Ibid.*
28. *Chicago Tribune*, 16 de maio de 1891.
29. *Chicago Tribune*, 20 de fevereiro de 1891.

30. *Inland Architect and News Record*, vol. 17, n. 5 (junho de 1891), 54.

31. *Chicago Tribune*, 30 de maio de 1891.

32. *Chicago Tribune*, 14 de fevereiro de 1891.

Infidelidade

1. *Chigaco Tribune*, 26 de julho de 1895.

2. *Chicago Tribune*, 21 de julho de 1895.

3. *Chicago Tribune*, 26 de julho de 1895.

4. *Chicago Tribune*, 21 de julho de 1895.

5. *Chicago Tribune*, 26, 28 de julho de 1895.

6. *Chicago Tribune*, 26 de julho de 1895.

7. Ibid.

8. Ibid.

9. Isso é especulação, mas me baseei no seguinte: em Mooers, Holmes era conhecido por caminhar à meia-noite, o que sugere que não tinha um sono tranquilo. Psicopatas precisam de estímulo. O forno teria sido uma atração irresistível. Admirá-lo e acender suas chamas teria reforçado a sensação de poder e controle sobre os inquilinos.

Contrariedades

1. Burnham para Margaret, 15 de março de 1892, arquivos de Burnham, correspondência familiar, pasta 4.

2. Burnham e Millet, 36.

3. *Inland Architect and News Record*, vol. 22, n. 1 (agosto de 1893), 8.

4. Ibid.

5. *Chicago Tribune*, 12, 13 de maio de 1891.

6. Baker, *Life*, 158-59.

7. Burnham para Hunt, 2 de junho de 1891, arquivos de Burnham, correspondência de negócios, vol. 2.

8. Burnham para Hunt, 6 de junho de 1891, *ibid.*

9. “Lista de plantas a serem encomendadas tanto neste país como na Europa”, 13 de julho de 1891, documentos de Olmsted, rolo 59.

10. Ulrich, 11.

11. *Chicago Tribune*, 14 de maio de 1891.

12. *World Fair*, 851.

13. *Chicago Tribune*, 21 de julho de 1891.

14. *Chicago Tribune*, 12 de outubro de 1889.

15. *Chicago Tribune*, 2 de novembro de 1889.

16. *Chicago Tribune*, 9 de novembro de 1889.

17. *Chicago Tribune*, 5 de agosto de 1891.

18. *Chicago Tribune*, 16 de agosto de 1891.

19. Bloom, 117.

20. Ibid.

21. Burnham para Dredge, 18 de novembro, arquivos de Burnham, correspondência de negócios, vol. 4.

22. Burnham para Dredge, 24 de novembro, 1891, *ibid*.

23. Bloom, 119.

24. Sandweiss, 14.

25. Bloom, 120.

26. Allen para Palmer, 21 de outubro de 1891, Chicago Historical Society, Exposição Colombiana Mundial — arquivo do conselho de administradoras da feira, pasta 3.

27. Weimann, 176.

28. Ibid.

29. Ibid., 177.

30. Olmsted para Burnham, 23 de dezembro de 1891, documentos de Olmsted, rolo 22.

31. Burnham, *Final Official Report*, 78.

32. Relatório provisório da construção, “Para o Editor do *Chicago Herald*”, 28 de dezembro de 1891, arquivos de Burnham, caixa 58, pasta 9.

33. Lewis, 175.

Vestígios do dia

Holmes não deixou nenhum registro de primeira mão dos métodos que usou para matar Julia e Pearl Conner, nem descreveu como conseguiu subjugar as duas vítimas, embora tenha, em determinado momento, declarado que Julia morrera de “operação criminosa”, referindo-se ao aborto. Neste capítulo, construí as cenas do assassinato usando uma combinação de fontes: fragmentos de evidências conhecidas (por exemplo, o fato de que ele possuía duas malas com instrumentos cirúrgicos, equipou seu prédio com mesas de dissecação e fazia uso de clorofórmio como arma, comprando-o em grandes quantidades); o trabalho do detetive de outras investigações da saga de Holmes (Schechter, Franke, e Boswell e Thompson); declarações de Holmes após os assassinatos; pesquisas psiquiátricas sobre o caráter, as motivações e as necessidades de psicopatas criminosos; e depoimentos do julgamento de Holmes sobre a reação das pessoas a uma superdosagem de clorofórmio. O caso Conner e a atividade extra de Charles Chappell receberam uma extensa cobertura da imprensa. Além das fontes específicas citadas abaixo, ver também *Chicago Tribune*, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30 de julho de 1895; *New York Times*, 29 de julho de 1895; *Philadelphia Public Ledger*, 23, 27, 29, 30 de julho de 1895; Boswell e Thompson, 81-86; Franke, 98-101;

Schechter 39-44.

1. Schechter, 39-44.
2. *Chicago Tribune*, 29 de julho de 1895.
3. *Merck's Manual*, 28.
4. *Trial*, 166, 420-422.
5. *Chicago Tribune*, 29 de julho de 1895.
6. *Chicago Tribune*, 27 de fevereiro de 1890. Ver também 2 de março de 1890, relato sobre a tentadora, embora apócrifa, história de um homem de Saint Louis enterrado vivo — sob a alegação de estar em coma profundo — que teve o corpo roubado por estudantes de medicina. Os alunos descobriram sua verdadeira condição na hora em que fizeram a primeira incisão e rapidamente o largaram nos degraus do tribunal de Saint Louis, onde o homem acordou com um corte doloroso e inexplicável na barriga. Ou assim conta a história.
7. *Chicago Tribune*. 24 de março de 1890.
8. *Philadelphia Public Ledger*, 29 de julho de 1895. O artigo também cita o preço de 36 dólares.
9. Franke, 101.
10. Mudgett, 33.

Um desafio lançado

1. Hines, 74-75.
2. Burnham para Geraldine, 24 de fevereiro de 1892, arquivos de Burnham, correspondência de negócios, vol. 6.
3. Burnham para Cloyes, 6 de janeiro de 1892, *ibid.*, vol. 5.
4. Burnham para Ulrich, 6 de janeiro de 1892, *ibid.*
5. Burnham para Geraldine, 6 de janeiro de 1892, *ibid.*
6. Wyckoff, 248.
7. *Oxford English Dictionary*, 2ª ed., 278; Wyckoff, 11.
8. Anderson, 53.
9. Datilografia sem título, documentos de Ferris, 1.
10. *Ibid.*
11. *Chicago Tribune*: 14 de julho de 1892.
12. Burnham para Davis, 12 de novembro de 1891, arquivos de Burnham, correspondência de negócios, vol. 4.
13. *Chicago Tribune*, 5 de janeiro de 1892.
14. Burnham para Margaret, 15 de março de 1892, arquivos de Burnham, correspondência familiar, caixa 25, pasta 4.
15. Burnham para Margaret, 31 de março de 1892, *ibid.*

16. *Chicago Tribune*, 9 de abril de 1892.

17. Burnham para Margaret, 31 de março de 1892.

18. Bloom, 120.

19. Ibid.

O anjo de Dwight

Além das citações específicas abaixo, para este capítulo baseei-me nas coberturas detalhadas do caso Cigrand feitas pelo *Chicago Tribune* e pelo *Philadelphia Public Ledger*, assim como em considerações mais extensas de Boswell e Thompson, Franke e Schechter.

O detalhado ensaio histórico de H. Wayne Morgan sobre o tratamento de alcoolismo de Leslie Enraught Keeley, “Não, obrigada, estive em Dwight”, no *Illinois Historical Journal*, proporciona um olhar fascinante sobre uma fúria antiga.

Veja *Chicago Tribune*, 26, 27, 29, 30, 31 de julho de 1895; *Philadelphia Public Ledger*, 27, 29, 31 de 1895; Boswell e Thompson, 86-87; Franke, 102-105, Schechter, 48-51.

1. Schechter, 48.

2. Morgan, 149.

3. Ibid., 159-160.

4. Mudgett, 122.

5. Morgan, 157.

6. Ibid., 154.

7. Ibid., 158.

8. Schechter, 48, 49.

9. *Chicago Tribune*, 30 de julho de 1895.

10. Ibid.

11. *Chicago Tribune*, 7 de agosto de 1895.

12. *Chicago Tribune*, 28 de julho de 1895.

13. Ibid.

14. Ibid.

15. Franke, 102.

16. Ibid.

17. Schechter, 49.

18. *Chicago Tribune*, 30 de julho de 1895.

Dia da Consagração

1. Ulrich, 19.
2. Burnham para Olmsted, 20 de novembro de 1891, arquivos de Burnham, correspondência de negócios, vol. 4.
3. Burnham para Buchanan, 19 de dezembro de 1891, *ibid.*
4. Burnham para Olmsted, 5 de fevereiro de 1892, *ibid.*
5. Roper, 434.
6. Rybczynski, *Clearing*, 247-48.
7. Bloom, 122.
8. Olmsted, “Report by F.L.O.”, abril de 1892, documentos de Olmsted, rolo 41.
9. Olmsted para John, 15 de maio de 1892, documentos de Olmsted, rolo 22.
10. Olmsted, “Report by F.L.O.”
11. Rybczynski, *Clearing*, 391.
12. Olmsted para Codman, 25 de maio de 1892, documentos de Olmsted, rolo 22.
13. Roper, 439.
14. Olmsted para Codman, 16 de junho de 1892, documentos de Olmsted, rolo 22.
15. Olmsted para “Partners”, 21 de julho de 1892, *ibid.*
16. *Ibid.*
17. Olmsted para Codman, 30 de julho de 1892, *ibid.*
18. Olmsted para John, 15 de maio de 1892, *ibid.*
19. Olmsted para John Olmsted, 19 de maio, 1892, *ibid.*, rolo 41.
20. Olmsted para “Partners”, 17 de julho de 1892, *ibid.*
21. Olmsted para Codman, 20 de abril de 1892, *ibid.*
22. Olmsted para Codman, 21 de abril de 1892, *ibid.*, rolo 22.
23. Olmsted para “Partners”, 21 de julho de 1892, *ibid.*
24. Bloom, 122.
25. *Ibid.*
26. *Ibid.*
27. Barnes, 177.
28. *Chicago Tribune*, 28 de abril de 1892.
29. Moore, entrevista de Burnham, 8.

30. Monroe, *Poet's Life*, 103.
31. Hines, 101.
32. Moore, entrevista de Burnham, 8.
33. Millet, 708.
34. Hall, 213.
35. Burnham para Geraldine, março (ilegível) de 1892, arquivos de Burnham, correspondência de negócios, vol. 6.
36. McCarthy, "Should We Drink", 8-12, *Chicago Tribune*, 1º de março, 8, 9, 13, 20 de maio de 1892; Burnham, *Final Official Report*, 69-70.
37. Moore, *McKim*, 120.
38. Fotografia, Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais, 1º de junho de 1892, arquivos de Burnham, caixa 64, pasta 34.
39. Fotografia, Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais, 13 de junho de 1892, arquivos de Burnham, Portfólio 13.
40. *Chicago Tribune*, 15 de junho de 1892.
41. Burnham para Olmsted, 14 de setembro de 1892, documentos de Olmsted, rolo 59.
42. Anderson, 53.
43. Barnes, 177.
44. Rybczynski, *Clearing*, 391.
45. Olmsted para John, 11 de outubro de 1892, documentos de Olmsted, rolo 22.
46. Olmsted para John, sem data, mas recebido em Brookline, Mass., 10 de outubro de 1892, *ibid.*
47. Schlereth, 174.
48. Wheeler, 846.
49. Monroe, *Poet's Life*, 130.
50. *Ibid.*, 131.

Prendergast

1. Prendergast para Alfred Trude, documentos de Trude, *Chicago Record*, 15, 16 de dezembro de 1893, em documentos de McGoorty; *Chicago Tribune*, 15, 16, 17, 21, 22 de dezembro de 1893.
2. Prendergast para Alfred Trude, documentos de Trude.

"Quero você imediatamente"

1. Ferris para Rice, 12 de dezembro de 1892, correspondência de Ferris, diversos, documentos de Ferris.
2. Anderson, 55; Miller, 497.

Chappell redivivo

1. Franke, 102.
2. Ibid.
3. Ibid., 103.
4. *Chicago Tribune*, 30 de julho, 1895.
5. Franke, 104.
6. Ibid.
7. Ibid., 105.
8. Mudgett, 247; ver também Mudgett, 246-249.
9. Franke, 105.
10. *Chicago Tribune*, 28 de julho de 1895.
11. Franke, 104.
12. *Chicago Tribune*, 31 de julho de 1895; *Philadelphia Public Ledger*, 31 de julho de 1895.
13. *Philadelphia Public Ledger*, 27 de julho de 1895.
14. *Chicago Tribune*, 31 de julho de 1895.
15. *Chicago Tribune*, 7 de agosto de 1895.
16. *Chicago Tribune*, 28 de julho de 1895.
17. Schechter, 51.
18. *Chicago Tribune*, 28 de julho, 1º de agosto de 1895.
19. *Chicago Tribune*, 1º de agosto de 1895.

“A verdade nua e crua”

1. Rice, 10, 12.
2. Anderson, 58; datilografia sem título, documentos de Ferris, 4; sobre o uso de dinamite, ver Ulrich, 24.
3. Datilografia sem título, documentos de Ferris, 3; Anderson, 55, 57; Meehan, 30.
4. “Report of Classified and Comparative Weights of Material Furnished by Detroit Bridge & Iron Works for the ‘Ferris Wheel’”, documentos de Ferris.
5. Stevenson, 416.
6. Olmsted para John, 17 de fevereiro de 1893, documentos de Olmsted, rolo 22.
7. Olmsted para Ulrich, 3 de março de 1893, *ibid.*, rolo 41.

Conquistar Minnie

Baseei minhas conclusões sobre as motivações de Holmes em estudos de psicopatas realizados ao longo do século XX. O comportamento de Holmes — os embustes, os diversos casamentos, o charme extraordinário, a falta de preocupação com a diferença entre o certo e o errado e a habilidade quase sinistra de detectar fraqueza e vulnerabilidade nos outros — se encaixa com uma precisão misteriosa nas descrições dos tipos mais extremos de psicopatas. (No final do século XX, os psiquiatras oficialmente abandonaram o termo *psicopata* e seu sucessor imediato, *sociopata*, em favor da expressão *distúrbio de personalidade antissocial*, embora o termo original continue sendo o favorito nas descrições cotidianas.)

Para uma discussão especialmente lúcida sobre psicopatas, ver o pioneiro *The Mask of Sanity*, do dr. Hervey Cleckley, publicado em 1976. Na página 198, ele cita “o poder supreendente que quase todo psicopata e semipsicopata tem de ganhar e conquistar para sempre a devoção da mulher”. Ver também *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*, 5ª ed.; Wolman, 362-68; Millon et al., inteiro mas sobretudo a página 155, que cita a avaliação de Philippe Pinel sobre serial killers psicopatas: “Embora seus crimes possam ser repugnantes, eles não são doentes em termos médicos ou legais. Na verdade, o serial killer tem tipicamente uma personalidade sociopata com carência de autocontrole — culpa ou consciência — para guiar seu próprio comportamento, mas apresenta uma necessidade excessiva de controlar e dominar os outros. Ele sem dúvida sabe distinguir o certo do errado, sem dúvida tem noção de que cometeu um ato pecaminoso, porém simplesmente não se importa com sua presa humana. O sociopata nunca toma para si o código moral que proíbe o assassinato. Divertir-se é a única coisa que importa.”

Também em Millon et al., na página 353, um autor contribui com a descrição de um paciente em particular chamado Paul, dizendo que ele tem “uma habilidade incomum de identificar mulheres ingênuas, passivas e vulneráveis — com o perfil ideal para serem manipuladas e exploradas”.

Para detalhes do caso Williams, baseei-me, mais uma vez, em uma coletânea de artigos de jornais e em Boswell e Thompson, Franke e Schechter. Ver *Chicago Tribune*, 20, 21, 27, 31 de julho, 4, 7 de agosto de 1895; *New York Times*, 31 de julho de 1895; *Philadelphia Public Ledger*, 21, 23, 26 de novembro de 1894, 22 de dezembro de 1894, 22, 24, 27, 29 de julho de 1895; Boswell e Thompson, 86-90; Franke, 106-109; Schechter, 58-63.

1. *Chicago Tribune*, 27 de julho de 1895.
2. *Chicago Tribune*, 25 de julho de 1895.
3. *Chicago Tribune*, 27 de julho de 1895.
4. Ibid.
5. *Chicago Tribune*, 30 de julho de 1895.
6. *Chicago Tribune*, 26 de junho de 1892.
7. Boswell e Thompson, 87.
8. Para detalhes variados sobre o passado de Minnie e Anna Williams, baseei-me bastante no *Chicago Tribune* de 31 de julho de 1895.
9. As circunstâncias exatas em que Holmes cortejou Minnie não são muito claras, mas é certo que ele viajou para Boston para vê-la e que o fez com frequência suficiente para conquistá-la. O *Chicago Tribune* de 29 de julho de 1895 relata o primeiro encontro dos dois. Veja o *Tribune* de 20 de julho para mais detalhes, como a data em que Minnie foi para Boston a fim de estudar elocução e um rascunho sobre suas viagens subsequentes, incluindo a perda dos 15 mil dólares na infeliz tentativa de montar um grupo de teatro. Ver também *Philadelphia Ledger*, 22 de novembro de 1894, 27, 29 de

julho de 1895.

10. Mudgett, 45.
11. Schechter, 61.
12. *Chicago Tribune*, 28 de julho de 1895.
13. *Chicago Tribune*, 27, 31 de julho de 1895.
14. *Philadelphia Public Ledger*, 21, 23 de novembro de 1894.
15. *Philadelphia Public Ledger*, 25 de julho de 1894.
16. *Philadelphia Public Ledger*, 26 de novembro de 1894.

Coisas terríveis que as meninas fizeram

1. Kiler, 61.
2. Bloom, 135.
3. Ibid., 135-36.
4. Ibid., 135.
5. Dedmon, 223-24.
6. Ibid., 224.
7. Ibid.
8. Hines, 108.
9. Hollingsworth, 155.
10. Ibid., 12.
11. Ibid., 581.
12. Ibid., 612.
13. Ibid., 701.
14. Ibid., 749.
15. Miller, 420.
16. Tierney, 140.
17. Lewis, 36.
18. Tierney, 84.
19. Miller, 440.
20. Johnson, 81-88, Poole, 158, 160, 163, 169.

21. Miller, 438.

22. Abbot, 212.

23. Prendergast para Trude, documentos de Daniel P. Trude.

O convite

1. Schechter, 61.

2. Aqui acrescentei algumas atrações que os visitantes da Era Dourada de Chicago achavam muito interessantes. Era provável que Minnie planejasse levar a irmã em tais passeios, embora não tenha sido comprovado, já que infelizmente ela não deixou nenhum registro detalhando seus dias.

Os preparativos finais

1. Wheeler, 832.

2. Programa, “Banquet to Daniel Hudson Burnham”, arquivos de Burnham, caixa 59.

3. Moore, *Burnham, Architect*, 74.

4. Moore, *McKim*, 122.

5. Burnham para Margaret, 6 de abril de 1893, arquivos de Burnham, correspondência familiar, caixa 25.

6. Burnham para Margaret, 10 de abril de 1893, *ibid.*

7. Burnham para Margaret, 13 de abril de 1893, *ibid.*

8. *Ibid.*

9. Burnham para Margaret, 18 de abril de 1893, *ibid.*

10. Carter, 368.

11. *Ibid.*, 374.

12. Burnham para Margaret, 10 de abril de 1893, documentos de Burnham, correspondência familiar, caixa 25.

13. Olmsted para John, 13 de abril de 1893, documentos de Olmsted, rolo 22.

14. Olmsted para John, 15 de abril de 1893, *ibid.*

15. *Ibid.*

16. Olmsted para John, 3 de maio de 1893, *ibid.*

17. *Ibid.*

18. Olmsted para John, 13 de abril de 1893, documentos de Olmsted, rolo 22.

19. Olmsted para John, 23 de abril de 1893, *ibid.*

20. *Ibid.*

21. *Chicago Record*, 16 de dezembro de 1893, em documentos de McGoorty.

22. Burnham para Margaret, 18 de abril de 1893, arquivos de Burnham, correspondência familiar, caixa 25.

23. Burnham para Margaret, 20 de abril de 1893, *ibid.*

24. *Ibid.*

25. Olmsted para destinatário não identificado (selado como recebido e lido por sua firma), 27 de abril de 1893, documentos de Olmsted, rolo 22.

26. *Ibid.*

27. Olmsted para John, 27 de abril de 1893, *ibid.*

28. *Ibid.*

29. *Ibid.*

30. Olmsted para destinatário não identificado, 28 de abril de 1893, *ibid.*

31. *Ibid.*

32. *Ibid.*

33. *Ibid.*

34. Miller, 489.

35. Schechter, 56.

PARTE III: NA CIDADE BRANCA

Dia da Abertura

1. Para detalhes do Dia da Abertura: Badger, xi, xii; Burg, 111; *Chicago Tribune*, 2 de maio de 1893; Miller, 490; Muccigrosso, 78-80, Weimann, 141-46; *The World's Fair*, 13-16, 253-63.

2. *The World's Fair*, 254.

3. *Ibid.*

4. Bloom, 137.

5. *The World's Fair*, 255.

6. Starrett, 50.

7. Burg, 111.

8. *Ibid.*, 23.

9. *The World's Fair*, 257-58.

10. *Ibid.*, 259.

11. Weimann, 241.

12. Miller, 490.
13. Badger, xii.
14. *Chicago Tribune*, 2 de maio de 1893.
15. Badger, xi; Miller, 490.
16. Frank Collier para Burnham, 1º de maio de 1893, arquivos de Burnham, caixa 1, pasta 13.
17. Para a estimativa do número de pessoas, ver Badger, xii; Dedmon, 226; Weimann, 242.
18. Weimann, 556.
19. *Chicago Tribune*, 5 de maio de 1893.
20. *Chicago Tribune*, 9 de maio de 1893.
21. *Chicago Tribune*, 19 de maio de 1893.
22. Ibid.
23. Ibid.
24. Ulrich, 46-48.
25. *Chicago Tribune*, 3 de maio de 1893.
26. Olmsted para John, 15 de maio de 1893, documentos de Olmsted, rolo 22.
27. Bogart and Mathews, 395.

O Hotel da Feira Mundial

1. Boswell e Thompson escreveram: “Toda noite os quartos dos dois últimos andares do castelo estavam lotados. Holmes acomodou, relutantemente, alguns homens como hóspedes pagantes, mas acomodou primeiro as mulheres — de preferência jovens e bonitas que parecessem ter recursos, que viessem de locais distantes de Chicago e não tivessem nenhum parente próximo que pudesse investigar caso elas demorassem a voltar para casa. Muitas nunca voltaram. De fato, muitas, uma vez que entraram no castelo, jamais saíram.” (87) Franke escreveu: “Sabemos que Holmes fazia propaganda de seu ‘hotel’ como uma hospedagem perfeita para visitantes da feira mundial; ao menos cinquenta pessoas dadas como desaparecidas pela polícia foram rastreadas até o castelo; e o rastro acabava lá.” (109) Schechter diz: “Ninguém sabe ao certo quantos visitantes da feira Holmes atraiu para seu castelo entre maio e outubro de 1893, embora tudo indique que ele tenha lotado o lugar na maioria das noites.” (56)
2. *Chicago Tribune*, 21 de julho de 1895.
3. Ibid.
4. Ibid.
5. Parece certo que Holmes queria Minnie o mais longe do hotel quanto razoavelmente possível, uma vez que escolheu um apartamento na zona norte, embora não possamos saber com precisão o que ele lhe falou sobre a mudança. Proponho aqui uma possibilidade bem provável.
6. *Chicago Tribune*, 21 de julho de 1895.

7. Ibid.
8. Um barbeiro que trabalhava no edifício de Holmes relatou os diversos cheiros “esquisitos” que vinham lá de dentro. *Chicago Tribune*, 30 de julho de 1895. No *Tribune*, 28 de julho de 1895, um detetive da polícia atestou: “Sempre ouvimos que o castelo de Holmes era conhecido como a casa dos odores ruins.”

Prendergast

1. *Chicago Record*, 16 de dezembro de 1893, documentos de McGoorty.

A noite é o mágico

1. Weimann, 352. Para maiores discussões sobre a creche da feira, ver Weimann, 254-333, 349-52.
2. Burg, 206; Gladwell, 95; Miller, 494; Muccigrosso, 93, 163; Schlereth, 174, 220; Shaw, 28, 42, 49.
3. Burg, 199.
4. Taylor, 9.
5. Ibid., 7.
6. Ibid., 22-23.
7. Ibid., 23.
8. Dean, 335.
9. Ibid., 378.
10. Muccigrosso, 150; *The World's Fair*, 851.
11. Carter, 372-73; Downey, 168-69.
12. *Chicago Tribune*, 2 de junho de 1893.
13. Pierce, *As Others See Chicago*, 352.
14. Masters, 7.
15. Manuscrito sem título começando com: “Para ele que tinha participado”, arquivos de Burnham, caixa 59, pasta 37.
16. Dora Root para Burnham, sem data, arquivos de Burnham, caixa 3, pasta 63.
17. Hines, 117.
18. Polacheck, 40.
19. Ingalls, 141.
20. Ibid.
21. Schuyler, 574.

Modus operandi

1. *Chicago Tribune*, 30 de julho de 1895, 1º de agosto de 1895. No *Tribune*, 26 de julho de 1895, o chefe da polícia de

Chicago declarou: “Não há como dizer com quantas pessoas esse Holmes desapareceu.” Ver também *Philadelphia Inquirer*, 12 de abril de 1896.

2. *Chicago Tribune*, 30 de julho de 1895.
3. *Philadelphia Public Ledger*, 21 de novembro de 1894, 22 de julho de 1895; Franke, 106; Schechter, 233. Ver também Eckert, 209-10: Eckert cita uma carta da mãe de Julia Conner, datada de 22 de dezembro de 1892. O livro de Eckert, *The Scarlet Mansion*, é um romance, mas, segundo ele próprio me contou por e-mail, a carta é real.
4. *Chicago Tribune*, 28 de julho de 1895, no qual um inspetor da polícia de Chicago afirma: “Ao mesmo tempo que acredito que Holmes não executaria uma vítima com um machado ou outra arma letal, acredito piamente que ele fosse capaz de entrar escondido em um quarto escuro onde a vítima estivesse dormindo e ligar o gás.”
5. Sobre o trabalho do “articulador”, Charles Chappell, ver *Chicago Tribune*, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30 de julho de 1895; *New York Times*, 29 de julho de 1895; *Philadelphia Public Ledger*, 23, 27, 29, 30 de julho de 1895; Boswell e Thompson, 81-86; Franke, 98-101; e Schechter 39-44.
6. *Chicago Tribune*, 20, 23, 24, 25, 26 de julho de 1895, 18 de agosto de 1895; *Philadelphia Public Ledger*, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 30 de julho de 1895.

Um bom giro

1. A Roda de Ferris tinha 76 metros de diâmetro, mas uma altura máxima de aproximadamente oitenta metros por causa do espaço obrigatório entre a base da roda e o chão. O Masonic Temple media 92 metros de altura, porém isso incluía um telhado cavernoso que ultrapassava muito o último andar disponível para aluguel.
2. Hawthorne, 569.
3. Rice para Ferris, 8 de junho de 1893, documentos de Ferris, correspondência de Ferris: diversos.
4. Anderson, 58.
5. Ibid.
6. Ibid., 60.
7. Ibid.
8. Ibid.
9. Rice para Ferris, 9 de junho de 1893, documentos de Ferris, correspondência de Ferris: diversos.
10. Ferris para Rice, 10 de junho de 1893, documentos de Ferris, correspondência de Ferris: diversos.
11. Weimann, 560.
12. Ibid.
13. Ibid., 262.
14. Weimann, 560.
15. Ibid.
16. Citado em Wilson, 264.

17. Ibid., 267.

18. Ibid., 269.

Nannie

1. *Chicago Tribune*, 20 de julho de 1895.
2. Apesar do cheiro fétido e das poças de sangue, a Union Stock Yards era a atração mais interessante para os visitantes de Chicago, e guias turísticos de fato levavam homens e mulheres ao centro da operação. Parece provável que Holmes tenha levado Minnie e Nannie até lá, em parte por causa do status do lugar, mas também porque sentiria certa satisfação em submeter as mulheres àquele horror. Em *The Jungle*, Upton Sinclair escreveu: “Para alguns visitantes aquilo era demais — os homens trocavam olhares, rindo de nervoso, e as mulheres ficavam com os punhos cerrados, o sangue fugia de seus rostos e os olhos se enchiam de lágrimas.” (35) Para detalhes sobre os currais e a operação de abate em série dos porcos suspensos, ver Sinclair, especialmente 34-38; tudo de Jablonsky; e tudo de Wade. Wade observou que no ano da feira mais de um milhão de pessoas visitaram os currais (xiv). Rudyard Kipling, em seu artigo “Chicago”, escreveu: “Dobrei uma esquina e não notei no alto uma estrutura suspensa de roldanas lubrificadas, trilhos e polia, esbarrei em quatro carcaças evisceradas, todas pálidas e com um aspecto humano, empurradas por um homem com a roupa vigorosamente vermelha.” (341-44, em especial 342.)
3. Apresentei um caminho provável, baseado em guias da época, mapas da feira e reportagens que descreviam as atrações que os visitantes da exposição achavam mais atraentes. Para detalhes da exibição da feira, ver Flinn, 96-99, 104, 113-14; *Rand, McNally*, 34-36, 71, 119-20, 126.
4. *Rand, McNally*, 119-20.
5. Diziam que a visita ao Edifício das Manufaturas e das Artes Liberais era cansativa. Uma máxima da época era que o menino que entrasse no prédio por uma ponta sairia adulto na outra. O *Rand, McNally & Co’s. Handbook to the World’s Columbian Exposition* observa: “O exército regular da Rússia poderia ser mobilizado sob o teto daquele prédio.” (116).
6. Flinn, 71.
7. Flinn, 25, Gilbert, 114.
8. Para uma coleção dos bilhetes verdadeiros, ver arquivos de Burnham, portfólio grande 4, folhas 16 e 17.
9. Geyer, 300.

Medo de altura

1. Anderson, 60.
2. Ibid.
3. Ibid.
4. Ibid.
5. Ibid.
6. Ibid., 62.
7. Ibid.

8. Ibid.
9. Datilografia sem título, documentos de Ferris, 6.
10. Rice para Ferris, 12 de junho de 1893, documentos de Ferris, correspondência de Ferris: diversos.
11. Ferris para Rice, 14 de junho de 1893, *ibid.*
12. Robert W. Hunt para Ferris, 17 de junho de 1893, *ibid.*
13. Ferris para Rice, 17 de junho de 1893, *ibid.*
14. *Chicago Tribune*, 15 de junho de 1893.

Procuram-se pagãos

1. Olmsted para Burnham, 20 de junho de 1893, documentos de Olmsted, rolo 41.
2. Ibid.
3. *Chicago Tribune*, 11, 19 de julho de 1893.
4. *Chicago Tribune*, 11 de julho de 1893.

Até que enfim

1. Anderson, 62; Barnes, 180.
2. *Alleghenian*, 1º de julho de 1893.
3. Datilografia sem título, documentos de Ferris, 6.
4. “The Ferris Wheel Souvenir”, documentos de Ferris, 1.
5. *Alleghenian*, 1º de julho de 1893.

Maré montante

1. *Chicago Tribune*, 1º de agosto de 1893.
2. Weimann, 267.
3. Badger, 162.
4. Besant, 533.
5. Olmsted, “Landscape Architecture”.
6. Rice, 85.
7. Ibid., Apêndice I, 2.
8. Burnham, *Final Official Report*, 77-80.
9. Dedmon, 232; May, 334-35, 340-41.
10. Hendrickson, 282.

- 11. Weimann, 566.
- 12. Badger, 163-64; Weimann, 565-66.
- 13. Weimann, 566.
- 14. *Chicago Tribune*, 27 de junho de 1893.
- 15. “Ferris Wheel, Statement of Business by the Week”, documentos de Ferris.
- 16. Datilografia sem título, documentos de Ferris, 7.
- 17. Anderson, 66.
- 18. Polacheck, 40.
- 19. *Inland Architect and News Record*, vol. 22, n. 2 (setembro de 1893), 24.
- 20. *Chicago Tribune*, 4 de junho de 1893.
- 21. Steeples e Whitten, 1.
- 22. Muccigrosso, 183.
- 23. Weimann, 577.

Dia da Independência

- 1. *Chicago Tribune*, 5 de julho de 1895.
- 2. Ibid.
- 3. Ibid.
- 4. Ibid.
- 5. Para detalhes sobre os espetáculos de fogos de artifício à noite, ver *Chicago Tribune*, 5 de julho de 1895; Burg, 43; Gilbert, 40.
- 6. Franke, 108.
- 7. Boswell e Thompson, 88. Essa carta também é citada em Franke, 106, e Schechter, 62.
- 8. *Chicago Tribune*, 30 de julho de 1895.
- 9. Schechter propôs um cenário no qual Holmes convida Anna, sozinha, para acompanhá-lo numa visita pelo hotel. Parece provável. Outra possibilidade seria Holmes ter pedido a ajuda dela com algum serviço burocrático de última hora em seu escritório e recomendado que Minnie ficasse no apartamento para cuidar dos preparativos finais para a viagem deles. Com certeza Holmes queria separar as mulheres, pois ele não era forte fisicamente. Seu poder era persuasão e astúcia. Schechter, 62.

Preocupação

- 1. Ver estatísticas de visitas diárias no *Chicago Tribune*, 1º de agosto de 1893.
- 2. Ibid.

- 3. *Chicago Tribune*, 16 de agosto de 1893.
- 4. *Chicago Tribune*, 2, 3 de agosto de 1893.
- 5. *Chicago Tribune*, 1º de agosto de 1893.

Claustrofobia

A polícia especulou que Holmes matou Nannie e Minnie Williams em sua câmara. Schechter propôs o seguinte cenário: “Enquanto eles se aprontavam para partir, Holmes parou abruptamente, como se, de súbito, tivesse se dado conta de algo. Precisava buscar algo em sua câmara, explicou ele — um documento de negócios importante que guardava em um cofre. Só levaria um instante.

“Puxando Nannie pela mão, ele a conduziu para a câmara.” (62)

Algo semelhante deve ter acontecido, embora eu acredite que minha sugestão, de que Holmes a tenha enviado para a câmara com uma falsa incumbência e depois a tenha seguido e fechado a porta, teria se encaixado melhor com seu temperamento. Ele era um assassino, mas um assassino covarde. Ver nota 9 acima.

O fato de que Holmes matou as mulheres em 5 de julho é confirmado por uma carta, datada de 14 de março de 1895, de um advogado, E. T. Johnson, que fora enviado atrás das duas desaparecidas. Ele afirmou que os três deixaram a casa Wrightwood “por volta do dia 5 de julho de 1893, e nenhum de nós jamais ouviu falar deles novamente” (*Chicago Tribune*, 21 de julho de 1895). Juntas, essa carta e a animada carta de Anna para a tia escrita na noite de 4 de julho, citada na nota 7 acima, fornecem evidências de que o assassinato de fato ocorreu em 5 de julho.

- 1. Franke, 108.
- 2. *Chicago Tribune*, 21 de julho de 1895.
- 3. O *Chicago Tribune* de 20 de julho de 1895 identifica a companhia de entregas expressas como Wells-Fargo. O *Philadelphia Public Ledger* de 23 de novembro de 1894 afirma que o baú foi enviado de Midlothian, Texas, em 7 de julho de 1893.
- 4. *Chicago Tribune*, 20 de julho de 1895; *Philadelphia Public Ledger*, 23 de novembro de 1894.
- 5. Ibid.
- 6. *Chicago Tribune*, 28 de julho de 1895; *Philadelphia Public Ledger*, 29 de julho de 1895.
- 7. *Chicago Tribune*, 28 de julho de 1895; *Philadelphia Public Ledger*, 29 de julho de 1895.
- 8. *Chicago Tribune*, 28 de julho de 1895; *Philadelphia Public Ledger*, 29 de julho de 1895.
- 9. *Chicago Tribune*, 1º de agosto de 1895.
- 10. Ibid.

Tempestade e fogo

- 1. *Chicago Tribune*, 10 de julho de 1893.
- 2. Ibid.
- 3. Ibid.
- 4. Anderson, 66.

5. *Chicago Tribune*, 10 de julho de 1893.
6. *Chicago Tribune*, 11, 12 de julho de 1893.
7. Burnham, *Final Official Report*, 61, 74; *Chicago Tribune*, 11 de julho de 1893; *Graphic*, 15 de julho de 1893, Chicago Historical Society; *Synoptical History*, 74-77.
8. *Synoptical History*, 75.
9. Burnham, *Final Official Report*, 61.
10. *Chicago Tribune*, 11 de julho de 1893.
11. *Chicago Tribune*, 12 de julho de 1893.
12. *Chicago Tribune*, 19 de julho de 1893.
13. Geraldine para Burnham, 19 de julho de 1893, arquivos de Burnham, correspondência de negócios, caixa 1, pasta 32.
14. *Chicago Tribune*, 14 de julho de 1893.
15. *Chicago Tribune*, 3 de agosto de 1893.
16. Ibid.

Amor

1. Dreiser, *Journalism*, 121.
2. Lingeman, 118.
3. Para detalhes sobre a visita das professoras à feira, ver Dreiser, *Journalism*, 121-38.
4. Lingeman, 121.
5. Ibid., 119.
6. Ibid., 122.
7. Datilografia sem título, documentos de Ferris, 9.
8. *Trial*, 364.
9. Ibid., 436.
10. Ibid., 364.
11. Ibid., 436.
12. Abbot, 233; *Chicago Tribune*, 24 de agosto de 1893; Muccigrosso, 181.

Aberrações

1. *Chicago Tribune*, 3 de agosto de 1893.
2. *Chicago Tribune*, 2 de agosto de 1893.

3. *Chicago Tribune*, 13 de agosto de 1893.
4. *Chicago Tribune*, 9 de agosto de 1893.
5. *Chicago Tribune*, 12 de agosto de 1893.
6. *Chicago Tribune*, 11 de agosto de 1893.
7. *Chicago Tribune*, 17 de agosto de 1893; Downey, 168.
8. *Chicago Tribune*, 16 de agosto de 1893.
9. *Chicago Tribune*, 17 de agosto de 1893.
10. Ibid.
11. Ibid.
12. Ibid.
13. *Chicago Tribune*, 10 de outubro de 1893.
14. *Chicago Tribune*, 9 de agosto de 1893.
15. *Chicago Tribune*, 31 de agosto de 1893.

Prendergast

1. *Chicago Record*, 16 de dezembro de 1893, documentos de McGoorty.
2. Ibid.

Rumo ao triunfo

1. Dybwad e Bliss, 38-40.
2. Ibid., 38.
3. Ibid., 39.
4. Ibid., 64-68.
5. *Chicago Tribune*, 10 de outubro de 1893.
6. Ibid.
7. Badger, 109.

Partidas

1. Moore, *McKim*, 127.
2. Ibid., 126.
3. Boyesen, 186.
4. Stevenson, 415.

5. Crook, 102.
6. Bogart e Mathews, 398.
7. *Philadelphia Public Ledger*, 21 de novembro de 1894.
8. *Philadelphia Public Ledger*, 23 de novembro de 1894; Boswell e Thompson, 89; Franke, 41; Schechter, 64-65.
9. Ibid.
10. *Philadelphia Public Ledger*, 21 de novembro de 1894; 27 de julho de 1895; Franke, 106.
11. *Philadelphia Inquirer*, 8 de maio de 1896.
12. Ibid.
13. Geyer, 346; *Trial*, 302, 608; Franke, 213.
14. Geyer, 346; *Trial*, 210.

Anoitecer

1. *Chicago Tribune*, 29 de outubro de 1893.
2. “Ferris Wheel, Statement of Business by the Week”, documentos de Ferris.
3. *Chicago Tribune*, 25 de outubro de 1893.
4. Abbot, 228.
5. *Chicago Tribune*, 29 de outubro de 1893.
6. *Chicago Tribute*, 20 de dezembro de 1893.
7. *Chicago Times*, 14 de dezembro de 1893, documentos de McGoorty.
8. Ibid.
9. *Chicago Record*, 15 de dezembro de 1893, e *Chicago Daily News*, 23 de outubro de 1943, documentos de McGoorty.
10. *Chicago Record*, 15 de dezembro de 1893, documentos de McGoorty.
11. *Chicago Tribune*, 31 de outubro de 1893.
12. Ibid.
13. *Chicago Tribune*, 2 de novembro de 1893; Miller, 101.
14. *Chicago Tribune*, 2 de novembro de 1893.
15. Dean, 418.
16. Pierce, *As Others See Chicago*, 357.

A Cidade Negra

1. Herrick, 135.

2. Gilbert, 211.
3. Hales, 47.
4. Dean, 424.
5. Wish, 290.
6. Papke, 29.
7. Gilbert, 210; Miller, 550.
8. Miller, 550.
9. Citado no *Chicago Tribune*, 18 de agosto de 1895.

PARTE IV: CRUELDADE REVELADA

“Propriedade de H. H. Holmes”

1. Para detalhes sobre Geyer, baseei-me bastante neste livro: *The Holmes-Pitezel Case*, um relato minucioso, imparcial e, acima de tudo, preciso do assassinato de Benjamin Pitezel e da busca de Geyer pelos filhos dele. Ao longo do livro há cópias das cartas das crianças e excertos de outros documentos valiosos, como interrogatórios e confissões. Encontrei mais material sobre Geyer na Biblioteca Gratuita da Filadélfia em relatórios anuais do superintendente da polícia da cidade, incluído no “Annual Message” do prefeito da cidade (ver City of Philadelphia, a seguir). Esses relatórios continham informações muito valiosas, por exemplo, o fato de que Geyer fazia os trabalhos de rotina em dupla com outro importante detetive, Thomas G. Crawford, o homem que acompanhou Holmes da Filadélfia para Boston, viagem na qual Holmes pediu permissão para hipnotizar Crawford. O detetive negou. Holmes pediu novamente, dessa vez oferecendo 500 dólares pelo privilégio — um suborno descarado. Geyer e Crawford com frequência eram considerados a melhor ou a segunda melhor dupla de detetives da cidade pelo valor em dólares dos bens que recuperavam.

Também encontrei detalhes em *The Trial of Herman W. Mudgett, Alias, H.H. Holmes*, uma transcrição palavra por palavra do julgamento, com as argumentações finais e a opinião do tribunal de apelação. Ver também Franke, 61-81, e Schechter, 195-205.

2. Geyer, 158-61, 171-74.
3. Schechter declarou: “Em março de 1895 um incêndio tomou conta da casa de Geyer, matando sua amada esposa, Martha, e sua única filha, uma garota de doze anos chamada Esther.” (202)
4. Geyer, 54.
5. Ibid., 53-57. A primeira metade do livro de Geyer (13-172) fornece um retrato rico em detalhes da fraude do seguro e do assassinato de Benjamin Pitezel. Para ainda mais detalhes, ver *The Trial*.
6. Geyer, 33-40.
7. Ibid., 353-54.
8. Ibid., 355.
9. Ibid., 158.
10. Ibid., 173.

11. Ibid., 174. Geyer dedica as páginas 173-298 para um relato quase diário de sua busca.

12. Ibid., 174.

13. Ibid., 180.

14. Ibid., 188.

15. Ibid., 269-70.

16. Ibid., 271.

17. Ibid., 272.

18. Ibid., 190.

19. Ibid., 189.

20. Ibid., 190.

21. Ibid., 213-14.

22. Reimpresso em Franke, 223-24.

23. Geyer, 258.

24. Franke, 224.

Prisão de Moyamensing

1. Mudgett, 215.

2. Ibid., 216.

3. Ibid., 5.

4. *Manual diagnóstico*, 646; Karpman, 499; Silverman, 21, 28, 32-33.

5. Mudgett, 210. Seu suposto diário aparece em 211-21.

6. Carta reimpressa em Geyer, 163-71.

O inquilino

1. Geyer, 214.

2. Ibid., 230.

3. *Philadelphia Public Ledger*, 5 de agosto de 1895.

4. Geyer, 233.

5. Schechter, 224.

6. Geyer, 244.

7. Ibid., 245.

8. Ibid., 250.

9. *Philadelphia Public Ledger*, 5 de agosto de 1895.

10. Geyer, 251-52.

Um cadáver vivo

1. A tentativa de Barlow de pegar Holmes de surpresa é detalhada no *Philadelphia Public Ledger*, 17 de julho de 1895.

2. Mudgett, 226.

3. *Philadelphia Public Ledger*, 17 de julho de 1895.

4. Mudgett, 227.

5. Boswell e Thompson, 112-13.

“Todos aqueles dias extenuantes”

1. Geyer, 268.

2. Ibid., 269.

3. Boswell e Thompson, 87; Franke, 109.

4. A busca no castelo de Holmes conduzida pela polícia de Chicago teve uma cobertura intensa dos jornais americanos. Ver *Philadelphia Public Ledger*, 22, 25, 26, 27, 29, 30 de julho de 1895; *Chicago Tribune*, 17, 21, 23, 25, 27, 28, 29 de julho, 18 de agosto de 1895; e *New York Times*, 25, 26, 29, 31 de julho de 1895.

5. *Chicago Tribune*, 26 de julho de 1895.

6. *Chicago Tribune*, 20 de julho de 1895.

7. Geyer, 283.

8. Ibid., 283-84.

9. Ibid., 284.

10. *Chicago Tribune*, 19 de agosto de 1895.

11. Geyer, 285.

12. Ibid., 286.

13. Ibid., 287.

14. Ibid., 301.

15. Ibid., 297.

16. Ibid., 300.

Premeditado com intenção criminos a

1. Para notícias das acusações de Filadélfia, Indianápolis e Toronto, ver *Philadelphia Public Ledger*, 13 de setembro de

1895.

2. Mudgett, 255-56.
3. Citado na *Literary Digest*, vol. 11, n. 15 (1896), 429.
4. Ibid.
5. *Chicago Tribune*, 30 de julho de 1895.
6. Schechter, 228.

EPÍLOGO: A ÚLTIMA TRAVESSIA

A feira

1. Mosley, 25-26; Schickel, 46.
2. Adams, 115; Updike, 84-85.
3. Miller, 549.
4. Jahn, 22.
5. O sucesso da feira impulsionou o prestígio de Burnham e o ajudou a ser nomeado para a comissão federal encarregada da construção do monumento. Sua própria admiração dos estilos clássicos também ajudou muito. Ver página 396 e a nota correspondente a seguir. Ver também Hines, 154-57.
6. Moore, *McKim*, 245.
7. Hines, 120.
8. Whyte, 53.
9. Hines, 140, 180-83, 188-89, 190-91. Ver também Burnham e Bennett, *Plan*; Burnham e Bennett, *Report*; McCarthy, “Chicago Businessmen”.
10. Hines, 148-49.
11. Hines, 347.
12. Crook, 112. Ver Crook inteiro para um excelente, embora áspero, relato sobre a decadência de Sullivan após a feira mundial — áspero porque se trata de uma tese de doutorado.
13. Hines, 232.
14. Ibid.
15. Sullivan, Louis, 321, 324.
16. Ibid., 324.
17. Ibid.
18. Ibid., 325.

19. Hines, 125.

20. Ibid., 254, 263.

21. Daniel Burnham, “Biography of Daniel Hudson Burnham of Chicago”, documentos de Moore, discurso, artigo e arquivo de livro, Burnham 1921, provas e rascunhos biográficos.

22. Ellsworth para Moore, 8 de fevereiro de 1918, documentos de Moore, discurso, artigo e arquivo de livro, correspondência de Burnham, 1848-1927, caixa 13, pasta 2.

23. Hines, 288.

24. Lowe, 122.

25. Hines, 351.

26. Burnham para Margaret, 7 de abril de 1894, arquivos de Burnham, correspondência familiar, caixa 25, pasta 5.

27. Edward H. Bennett, “Opening of New Room for the Burnham Library of Architecture”, 8 de outubro de 1929, arquivos de Burnham, caixa 76.

28. Biografia sem data, arquivos de Burnham, caixa 28, pasta 2.

Recessional

1. Olmsted, 10 de maio de 1895, memórias que já não são mais confiáveis.

2. Stevenson, 424.

3. Rybczynski, *Clearing*, 407.

4. Ibid.

5. Roper, 474.

6. Ibid.

7. Rybczynski, *Clearing*, 411.

8. Anderson, 75.

9. Ibid., 75.

10. Ibid., 77.

11. Ibid., 75.

12. Para detalhes sobre o destino da Roda de Ferris, ver Anderson, 77-81.

13. Bloom, 143.

14. Carter, 376; Monaghan, 422.

15. Monaghan, 423.

16. Lingeman, 114.

17. Hines, 266-67.
18. Prendergast para Alfred Trude (a carta é datada de 21 fevereiro de 1893, mas essa data está claramente incorreta, uma vez que a carta foi escrita depois de sua condenação; o endereço do remetente é a Prisão de Cook County), documentos de Trude.
19. Darrow, 425.
20. Weinberg, 38.
21. Darrow, 228.
22. Dizem que uma famosa dançarina do ventre chamada Little Egypt fez sua estreia na feira mundial. Sol Bloom afirma que ela nunca esteve lá (Bloom, 137). Donna Carlton, em *Looking for Little Egypt*, diz que é possível que uma dançarina com esse nome tenha de fato participado da feira, mas que muitas dançarinas o adotaram. Algumas fontes também defendem que o nome de Little Egypt era Farida Mazhar (existem meia dúzia de grafias para ele; escolhi essa). A esse respeito, pode-se afirmar com certeza que é provável que uma dançarina chamada Farida Mazhar tenha estado no evento. Carlton diz que “provavelmente se apresentou” (74) no Midway e cita uma fonte que afirma que Farida acreditava que “o título de Little Egypt pertencia a ela”. George Pangalos, o empresário que trouxe a Rua do Cairo para o Midway, declarou publicamente que contratou Mazhar para dançar em sua concessão no Midway e que ela era considerada uma das melhores dançarinas do Cairo. A colunista Teresa Dean descreve sua visita ao teatro nessa rua, onde viu “Farida, a bela garota que aguenta se contorcer” (157). De qualquer forma, uma jovem usando o nome Little Egypt aparentemente surgiu de uma torta de creme em Nova York, muitos anos depois da feira, em uma despedida de solteiro que se tornou tão famosa que foi chamada de “terrível jantar de Seeley”. O anfitrião foi Herbert Barnum Seeley, sobrinho de P. T. Barnum, que deu a festa para o irmão, Clinton Barnun Seeley, prestes a se casar (Carlton, 65).

Holmes

1. *Trial*, 117.
2. Ibid., 124.
3. *Philadelphia Public Ledger*, 31 de outubro de 1895.
4. *Trial*, 297.
5. Schechter, 315.
6. Geyer, 317.
7. *Philadelphia Inquirer*, 12 de abril de 1896.
8. Ibid.
9. Ibid.
10. Franke, 189.
11. *Philadelphia Inquirer*, 10 maio de 1896.
12. Ibid.
13. *Philadelphia Inquirer*, 8 de maio de 1896. O *Philadelphia Public Ledger* da mesma data propõe uma versão um pouco diferente: “Não seja afobado, Aleck. Não tenha pressa.”

- 14. *Philadelphia Inquirer*, 8 de maio de 1896.
- 15. Encontrei esse relato principalmente em notícias coletadas e reunidas em um apêndice nas memórias de Holmes. Ver Mudgett, a partir da página 256. Schechter oferece uma interessante decupagem desses estranhos eventos em 333-37.
- 16. Observações minhas.
- 17. Stewart, 70.

A bordo do *Olympic*

- 1. Burnham para Millet, 12 de abril de 1912, documentos de Moore, discurso, artigo e arquivo de livro, correspondência de Burnham, 1848-1927, caixa 13, pasta 1.
- 2. Envelope, 11 de abril de 1912, *ibid*.
- 3. Lynch, 159.
- 4. Whyte, 314.
- 5. Hines, 359.
- 6. Hines, 360, 433.
- 7. Observações minhas. Ver também Hucke e Bielski, 13-30.

BIBLIOGRAFIA

- ABBOT, Willis John. *Carter Henry Harrison: A Memoir*. Dodd, Mead, 1895.
- ADAMS, Henry. *The Education of Henry Adams*. Modern Library, 1999 (1918).
- ADAMS, Rosemary. *What George Wore and Sally Didn't*. Chicago Historical Society, 1998.
- ANDERSON, Norman. *D. Ferris Wheels: An Illustrated History*. Bowling Green State University Popular Press, 1992. Chicago Historical Society.
- BADGER, Reid. *The Great American Fair*. Nelson Hall, 1979.
- BAKER, Charles. *Life and Character of William Taylor Baker, President of the World's Columbian Exposition and of the Chicago Board of Trade*. Premier Press, 1908.
- BAKER, Paul R. *Richard Morris Hunt*. MIT Press, 1980.
- BANCROFT, Hubert Howe. *The Book of the Fair*. Bancroft Co., 1893.
- BARNES, Sisley. "George Ferris' Wheel, The Great Attraction of the Midway Plaisance". *Chicago History*, vol. 6, n. 3 (outono de 1977). Chicago Historical Society.
- BESANT, Walter. "A First Impression". *Cosmopolitan*, vol. 15, n. 5 (setembro de 1893).
- BLOOM, Sol. *The Autobiography of Sol Bloom*. G. P. Putnam's Sons, 1948.
- BOGART, Ernest Ludlow e John Mabry Mathews. *The Modern Commonwealth, 1893-1918*. Illinois Centennial Commission, 1920.
- BOSWELL, Charles e Lewis Thompson. *The Girls in Nightmare House*. Fawcett, 1955.
- BOYESEN, Hjalmar Hjorth. "A New World Fable". *Cosmopolitan*, vol. 16, n. 2 (dezembro de 1893).
- BRINNIN, John Malcolm. *The Sway of the Grand Saloon*. Delacorte Press, 1971.
- BURG, David F. *Chicago's White City of 1893*. University of Kentucky Press, 1976.
- BURNHAM, Arquivos de Daniel H., 1943.1, Séries I-IX, Instituto de Arte de Chicago.
- . *The Design of the Fair*. Report. Arquivos de Burnham, caixa 58.
- . *The Final Official Report of the Director of Works of the World's Columbian Exposition*. Garland, 1989.
- BURNHAM, Daniel H. e Edward H. Bennett. *Plan of Chicago*. Da Capo Press, 1970 (1909).
- . *Report on a Plan for San Francisco*. Urban Books, 1971 (1906).
- BURNHAM, Daniel H. e Francis Davis Millet. *The Book of the Builders*. Columbian Memorial Publication Society, 1894.
- CARLTON, Donna. *Looking for Little Egypt*. IDD Books, sem data.

- CARTER, Robert A. *Buffalo Bill Cody: The Man Behind the Legend*. John Wiley & Sons, 2000.
- Catalogue of 200 Residence Lots*. Chicago Real Estate Exchange, 1881. Chicago Historical Society.
- City of Philadelphia. “Report of the Superintendent of Police”, in *First Annual Message of Charles F. Warwick, Mayor of the City of Philadelphia*. (Relativo ao ano terminado em 31 de dezembro de 1895.) Biblioteca Gratuita da Filadélfia.
- . “Report of the Superintendent of Police”, in *Fourth Annual Message of Edwin S. Stuart, Mayor of the City of Philadelphia*. (Relativo ao ano terminado em 31 de dezembro de 1894.) Biblioteca Gratuita da Filadélfia.
- CLECKLEY, Hervey. *The Mask of Sanity*. C. V. Mosby, 1976.
- COMMAGER, Henry Steele. *The American Mind*. Yale University Press, 1950.
- CROOK, David Heathcote. *Louis Sullivan, The World’s Columbian Exposition and American Life*. Tese não publicada, Universidade de Harvard, 1963.
- DARROW, Clarence. *The Story of My Life*. Charles Scribner’s Sons, 1934.
- DEAN, Teresa. *White City Chips*. Warren Publishing Co., 1895. Chicago Historical Society.
- DEDMON, Emmett. *Fabulous Chicago*. Atheneum, 1981.
- DOUGLAS, John e Mark Olshaker. *The Anatomy of Motive*. Pocket Books, 1999.
- . *The Cases That Haunt Us*. Scribner, 2000.
- DOWNEY, Dennis B. *A Season of Renewal: The Columbian Exposition and Victorian America*. Praeger, 2002.
- DREISER, Theodore. *Journalism*. Organizado por T. D. Nostwich. Vol. 1. University of Pennsylvania Press, 1988.
- . *Sister Carrie*. Penguin, 1994 (1900).
- DYBWAD, G. L. e Joy V. Bliss. *Chicago Day at the World’s Columbian Exposition*. The Book Stops Here (Albuquerque), 1997.
- EATON, John P. e Charles A. Haas. *Falling Star*. W. W. Norton, 1990.
- ECKERT, Alan W. *The Scarlet Mansion*. Little, Brown, 1985.
- The Englewood Directory*. George Amberg & Co, 1890. Chicago Historical Society.
- FERRIS, George Washington Gale. Documentos. Chicago Historical Society.
- FLINN, John. *Official Guide to the World’s Columbian Exposition*. Columbian Guide Co., 1893.
- FRANKE, David. *The Torture Doctor*. Hawthorn Books, 1975.
- GEYER, Frank P. *The Holmes-Pitezal Case*. Frank P. Geyer, 1896.
- GILBERT, James. *Perfect Cities: Chicago’s Utopias of 1893*. University of Chicago Press, 1991.
- GLADWELL, Malcolm. “The Social Life of Paper”. *New Yorker*, 25 de março de 2002.
- HALES, Peter. *Constructing the Fair. Platinum Photographs by C. D. Arnold*. Instituto de Arte de Chicago, 1993.
- HALL, Lee. *Olmsted’s America*. Little, Brown, 1995.

- HAWTHORNE, Julian. “Foreign Folk at the Fair”. *Cosmopolitan*, vol. 15, n. 5 (setembro de 1893).
- HENDRICKSON, Walter B. “The Three Lives of Frank H. Hall”. *Journal of the Illinois State Historical Society*, vol. 49, n. 3 (outono de 1956).
- HERRICK, Robert. *The Web of Life*. Grosset & Dunlap, 1900.
- HINES, Thomas S. *Burnham of Chicago*. Oxford University Press, 1974.
- HOLLINGSWORTH, Adelaide. *The Columbia Cook Book*. Columbia Publishing Co., c. 1893.
- HOYT, Homer. *One Hundred Years of Land Values in Chicago*. University of Chicago Press, 1933.
- HUCKE, Matt e Ursula Bielski. *Graveyards of Chicago*. Lake Claremont Press, 1999.
- INGALLS, John J. “Lessons of the Fair”. *Cosmopolitan*, vol. 16, n. 2 (dezembro de 1893).
- JABLONSKY, Thomas J. *Pride in the Jungle: Community and Everyday Life in Back of the Yards Chicago*. Johns Hopkins University Press, 1993.
- JAHN, Raymond. *Concise Dictionary of Holidays*. Philosophical Library, 1958.
- JOHNSON, Claudius O. *Carter Henry Harrison I: Political Leader*. University of Chicago Press, 1928.
- KARPMAN, Ben. “The Problem of Psychopathies”. *Psychiatric Quarterly*, vol. 3 (1929).
- KILER, Charles Albert. *On the Banks of the Boneyard*. Illinois Industrial University, 1942.
- KIPLING, Rudyard. “Chicago”. *Kipling’s Works*. “Sahib Edition”. Vol. 6 (sem data). Coleção do autor.
- LEWIS, Arnold. *An Early Encounter with Tomorrow*. Universidade de Illinois, 1997.
- LINGEMAN, Richard. *Theodore Dreiser*. G. P. Putnam’s Sons, 1986.
- LOWE, David. *Lost Chicago*. Houghton Mifflin, 1975.
- LYNCH, Don. *Titanic: An Illustrated History*. Hyperion, 1992.
- Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*, 5a ed. American Psychiatric Association. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- MASTERS, Edgar Lee. *The Tale of Chicago*. G. P. Putnam’s Sons, 1933.
- MAY, Arthur J. “The Archduke Francis Ferdinand in the United States”. *Journal of the Illinois State Historical Society*, vol. 39, n. 3 (setembro de 1946).
- MCCARTHY, Michael P. “Chicago Businessmen and the Burnham Plan”. *Journal of the Illinois State Historical Society*, vol. 63, n. 3 (outono de 1970).
- . “Should We Drink the Water? Typhoid Fever Worries at the Columbian Exposition”. *Illinois Historical Journal*, vol. 86, n. 1 (primavera de 1993).
- MCGOORTY, John P. Documentos. Chicago Historical Society.
- MEEHAN, Pat. “The Big Wheel”. *University of British Columbia Engineer*, vol. 5 (1965).

- Merck's Manual of the Materia Medica*. Merck & Co., 1899.
- MILLER, Donald L. *City of the Century*. Simon & Schuster, 1996.
- MILLET, F. D. "The Decoration of the Exposition". *Harper's*, vol. 12, n. 6 (dezembro de 1892).
- MILLON, Theodore et al. *Psychopathy: Antisocial, Criminal, and Violent Behavior*. Guilford Press, 1998.
- MONAGHAN, James. "The Stage Career of Buffalo Bill". *Journal of the Illinois State Historical Society*, vol. 31, n. 4 (dezembro de 1938).
- MONROE, Harriet. *A Poet's Life*. Macmillan, 1938.
- . *John Wellborn Root: A Study of His Life and Work*. Prairie School Press, 1896.
- MOORE, Charles. Entrevista de Burnham, Arquivos de Burnham, 1943.1, Exposição Colombiana Mundial, caixa 59.
- . *Daniel H. Burnham, Architect, Planner of Cities*. Vols. 1 e 2. Houghton Mifflin, 1921.
- . *The Life and Times of Charles Follen McKim*. Da Capo, 1970 (1929).
- . Documentos. Biblioteca do Congresso.
- MORGAN, H. Wayne. "“No, Thank You, I’ve Been to Dwight’: Reflections on the Keeley Cure for Alcoholism”. *Illinois Historical Journal*, vol. 82, n. 3 (outono de 1989).
- MORRISON, Hugh. *Louis Sullivan: Prophet of Modern Architecture*. W. W. Norton, 1998.
- MOSLEY, Leonard. *Disney's World*. Scarborough House, 1990.
- MUCCIGROSSO, Robert. *Celebrating the New World: Chicago's Columbian Exposition of 1893*. Ivan R. Dee, 1993.
- MUDGETT, Herman W. *Holmes' Own Story*. Burk & McFetridge, 1895. Biblioteca do Congresso.
- OLMSTED, Frederick Law. "The Landscape Architecture of the World's Columbian Exposition". *Inland Architect and News Record*, vol. 22, n. 2 (setembro de 1893).
- . Documentos. Biblioteca do Congresso.
- . *Report on Choice of Site of the World's Columbian Exposition*. Reimpresso em Jack Tager e Park Dixon Goist, *The Urban Vision*. Dorsey Press, 1970.
- PAPKE, David Ray. *The Pullman Case*. University Press of Kansas, 1999.
- PIERCE, Bessie Louise. *A History of Chicago*, vol. 3. Alfred A. Knopf, 1957.
- PIERCE, Bessie Louise (org.). *As Others See Chicago: Impressions of Visitors, 1673-1933*. University of Chicago Press, 1933.
- POLACHECK, Hilda Satt. *I Came a Stranger: The Story of a Hull-House Girl*. Organizado por Dena J. Polacheck Epstein. University of Illinois Press, 1991.
- POOLE, Ernest. *Giants Gone: Men Who Made Chicago*. Whittlesey/McGraw-Hill, 1943.
- Rand, McNally & Co.'s Handbook to the World's Columbian Exposition*. Rand, McNally, 1893.

- RICE, Edmund. *Report of the Columbian Guard*. Exposição Colombiana Mundial, Chicago, 1894. Chicago Historical Society.
- ROPER, Laura Wood. *FLO: A Biography of Frederick Law Olmsted*. Johns Hopkins, 1973.
- RYBCZYNSKI, Witold. *A Clearing in the Distance: Frederick Law Olmsted and America in the 19th Century*. Touchstone/Simon & Schuster, 1999.
- . *The Look of Architecture*. New York Public Library/Oxford University Press, 2001.
- SANDWEISS, Eric. “Around the World in a Day”. *Illinois Historical Journal*, vol. 84, n. 1 (primavera de 1991).
- SCHECHTER, Harold. *Depraved*. Pocket Books, 1994.
- SCHICKEL, Richard. *The Disney Version*. Simon & Schuster, 1968.
- SCHLERETH, Thomas J. *Victorian America: Transformations in Everyday Life, 1876-1915*. HarperCollins, 1991.
- SCHUYLER, Montgomery. *American Architecture and Other Writings*, vol. 2. Belknap Press/Harvard University Press, 1961.
- SHAW, Marian. *World's Fair Notes: A Woman Journalist Views Chicago's 1893 Columbian Exposition*. Pogo Press, 1992. Chicago Historical Society.
- SILVERMAN, Daniel. “Clinical and Electroencephalographic Studies on Criminal Psychopaths”. *Archives of Neurology and Psychiatry*, vol. 30, n. 1 (julho de 1943).
- SINCLAIR, Upton. *The Jungle*. Universidade de Illinois, 1988 (1906).
- SINKEVITCH, Alice (org.). *AIA Guide to Chicago*. Harvest/Harcourt Brace, 1993.
- SMITH, F. Hopkinson. “A White Umbrella at the Fair”. *Cosmopolitan*, vol. 16, n. 2 (dezembro de 1893).
- STARRETT, Paul. *Changing the Skyline*. Whittlesey House, 1938.
- STEEPLES, Douglas e David O. Whitten. *Democracy in Desperation: The Depression of 1893*. Greenwood Press, 1998.
- STEVENSON, Elizabeth. *Park Maker: A Life of Frederick Law Olmsted*. Macmillan, 1977.
- STEWART, James. “The Bench: A Murderer's Plea”. *New Yorker*, 18 de setembro de 2000.
- SULLIVAN, Gerald E. (org.). *The Story of Englewood, 1835-1923*. Englewood Business Men's Association, 1924.
- SULLIVAN, Louis H. *The Autobiography of an Idea*. Dover Publications, 1956 (1924).
- A Synoptical History of the Chicago Fire Department*. Benevolent Association of the Paid Fire Department, Chicago, 1908. Chicago Historical Society.
- TAYLOR, D. C. *Halcyon Days in the Dream City*, 1894. Chicago Historical Society.
- TIERNEY, Kevin. *Darrow: A Biography*. Thomas Y. Crowell, 1979.
- Town of Lake Directory*. George Amberg and Co., 1886. Chicago Historical Society.
- The Trial of Herman W. Mudgett, Alias, H. H. Holmes*. George T. Bisel, 1897.

TRUDE, Daniel P. Documentos. Chicago Historical Society.

ULRICH, Rudolf. *Report of Superintendent. Landscape, Road and Miscellaneous Departments*. Arquivos de Burnham, 1943.1, caixa 58.

UPDIKE, John. “Oz Is Us”. *New Yorker*, 25 de setembro de 2000.

WADE, Louise Carroll. *Chicago's Pride: The Stockyards, Packingtown, and the Environs in the Nineteenth Century*. University of Illinois Press, 1987.

WEIMANN, Jeanne Madeline. *The Fair Women*. Academy Chicago, 1981.

WEINBERG, Arthur (org.). *Attorney for the Damned*. Simon & Schuster, 1957.

WHEELER, Candace. “A Dream City”. *Harper's*, vol. 86, n. 516 (maio de 1893).

The White Star Triple Screw Atlantic Liners, Olympic and Titanic. Ocean Liners of the Past. Patrick Stephens, Cambridge, 1983.

WHYTE, Frederic. *The Life of W. T. Stead*, vol. 2. Houghton Mifflin, 1925.

WILSON, Robert E. “The Infanta at the Fair”. *Journal of the Illinois State Historical Society*, vol. 59, n. 3 (outono de 1966).

WISH, Harvey. “The Pullman Strike: A Study in Industrial Warfare”. *Journal of the Illinois State Historical Society*, vol. 32, n. 3 (setembro de 1939).

WOLMAN, Benjamin B. (org.). *International Encyclopedia of Psychiatry, Psychology, Psychoanalysis, and Neurology*, vol. 10. Aesculapius Publishers/Van Nostrand, 1977.

The World's Fair, Being a Pictorial History of the Columbian Exposition. Chicago Publication and Lithograph, 1893. Chicago Historical Society.

WYCKOFF, Walter A. *The Workers: An Experiment in Reality*. Charles Scribner's Sons, 1899.

AGRADECIMENTOS

ESTE É O meu terceiro livro para a Crown Publishers e para minha editora, Betty Prashker, que mais uma vez mostrou estar entre os supremos editores de Nova York — confiante, obliquamente rigorosa, sempre tranquilizadora. Todo escritor precisa de apoio, e apoio foi o que ela me deu irrestritamente. Todo livro também precisa de apoio, e mais uma vez a Crown organizou uma equipe de homens e mulheres dedicados para ajudar o livro a achar o caminho até o maior número possível de leitores. Agradeço a Steve Ross, publisher; Andrew Martin, Joan DeMayo e Tina Constable, bruxos do marketing; e Penny Simon, publicitário do tipo que a maioria dos escritores deseja e raramente consegue.

Fui abençoado com um ótimo agente, David Black, cujo instinto para o dinamismo narrativo — e para excelentes vinhos — não tem igual. E por acaso é também um excelente ser humano.

No front doméstico, minha família me ajudou a preservar a sanidade. Eu não teria escrito este livro sem a ajuda de minha mulher, Christine Gleason, médica por profissão, mas também uma das melhores editoras natas que conheço. Sua confiança foi um farol. Minhas três filhas me mostraram o que realmente importa. Meu cachorro me mostrou que a única coisa que importa é o jantar.

Dois amigos, ambos escritores, concordaram generosamente em ler os originais do começo ao fim e fizeram críticas valiosas. Robin Marantz Henig me mandou mais de dez páginas com sugestões absolutamente precisas, a maioria das quais aproveitei. Carrie Dolan, uma das melhores e mais engraçadas escritoras que conheço, me ofereceu críticas de um jeito que as fazia parecer elogios. É uma habilidade que poucos editores têm.

Agradeço também ao dr. James Raney, psiquiatra e consultor forense de Seattle, que leu os originais e ofereceu seu diagnóstico do transtorno psíquico que provavelmente influenciava o comportamento de Holmes. Gunny Harboe, o arquiteto de Chicago que comandou a restauração de duas das obras que ainda restam da Burnham & Root — o Reliance e o Rookery —, me levou numa turnê pelos dois edifícios e me mostrou a biblioteca de Burnham, com seu conforto original recuperado.

Finalmente, uma palavra sobre Chicago: eu conhecia muito pouco a cidade antes de começar a trabalhar neste livro. Lugares sempre foram importantes para mim, e uma coisa que a Chicago de hoje transpira, assim como em 1893, é uma sensação de identidade geográfica. Apaixonei-me pela cidade, pelas pessoas que conheci e acima de tudo pelo lago e seus humores, que mudam rapidamente de uma estação para outra, de

um dia para o outro, até mesmo de hora em hora.

E devo confessar um vergonhoso segredo: prefiro Chicago no frio.

CRÉDITOS DE IMAGENS

Mapa: Rascher Publishing Company. Chicago Historical Society. ICHi-31608.

Prólogo: Fotos da Exposição Colombiana Mundial feitas por C. D. Arnold, arquivos Ryerson e Burnham, do Instituto de Arte de Chicago. Cortesia do Instituto de Arte de Chicago.

Parte I: Chicago Historical Society. ICHi-21795.

Parte II: Fotos da Exposição Colombiana Mundial feitas por C. D. Arnold, arquivos de Ryerson e Burnham, do Instituto de Arte de Chicago. Cortesia do Instituto de Arte de Chicago.

Parte III: Fotografia de William Henry Jackson. Chicago Historical Society. ICHi-17132.

Parte IV: © Bettman/CORBIS.

Epílogo: Chicago Historical Society. ICHi-25106.

Exposição Colombiana Mundial, 1893: Rand, McNally e Instituto de Arte de Chicago; cortesia do Instituto de Arte de Chicago.

Notas e fontes: Chicago Historical Society. ICHi-17124.

SOBRE O AUTOR



ERIK LARSON é autor de cinco best-sellers, entre eles *No jardim das feras* e *A última viagem do Lusitania*, publicados no Brasil pela Intrínseca, e tem livros lançados em outros dezessete países. *O demônio na Cidade Branca* foi finalista do National Book Award e vencedor do Edgar Award na categoria Melhor Livro de Crime Factual.

Para mais informações sobre *O demônio na Cidade Branca* e sobre a Feira Mundial de Chicago de 1893 visite o site: www.DevilintheWhiteCity.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



No jardim das feras



A última viagem do Lusitania

LEIA TAMBÉM



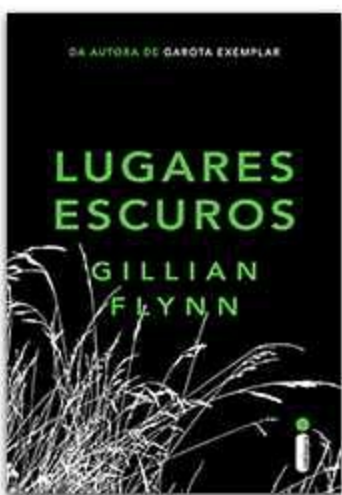
Inferno
Max Hastings



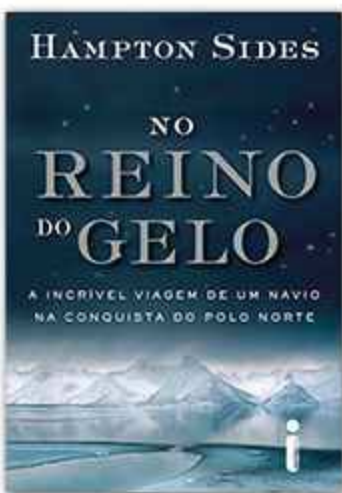
Catástrofe
Max Hastings



Filme noturno
Marisha Pessl



Lugares escuros
Gillian Flynn



No reino do gelo
Hampton Sides